



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

### **Usage guidelines**

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

### **About Google Book Search**

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

### **Diretrizes de uso**

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.  
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.  
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.  
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.  
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

### **Sobre a Pesquisa de Livros do Google**

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

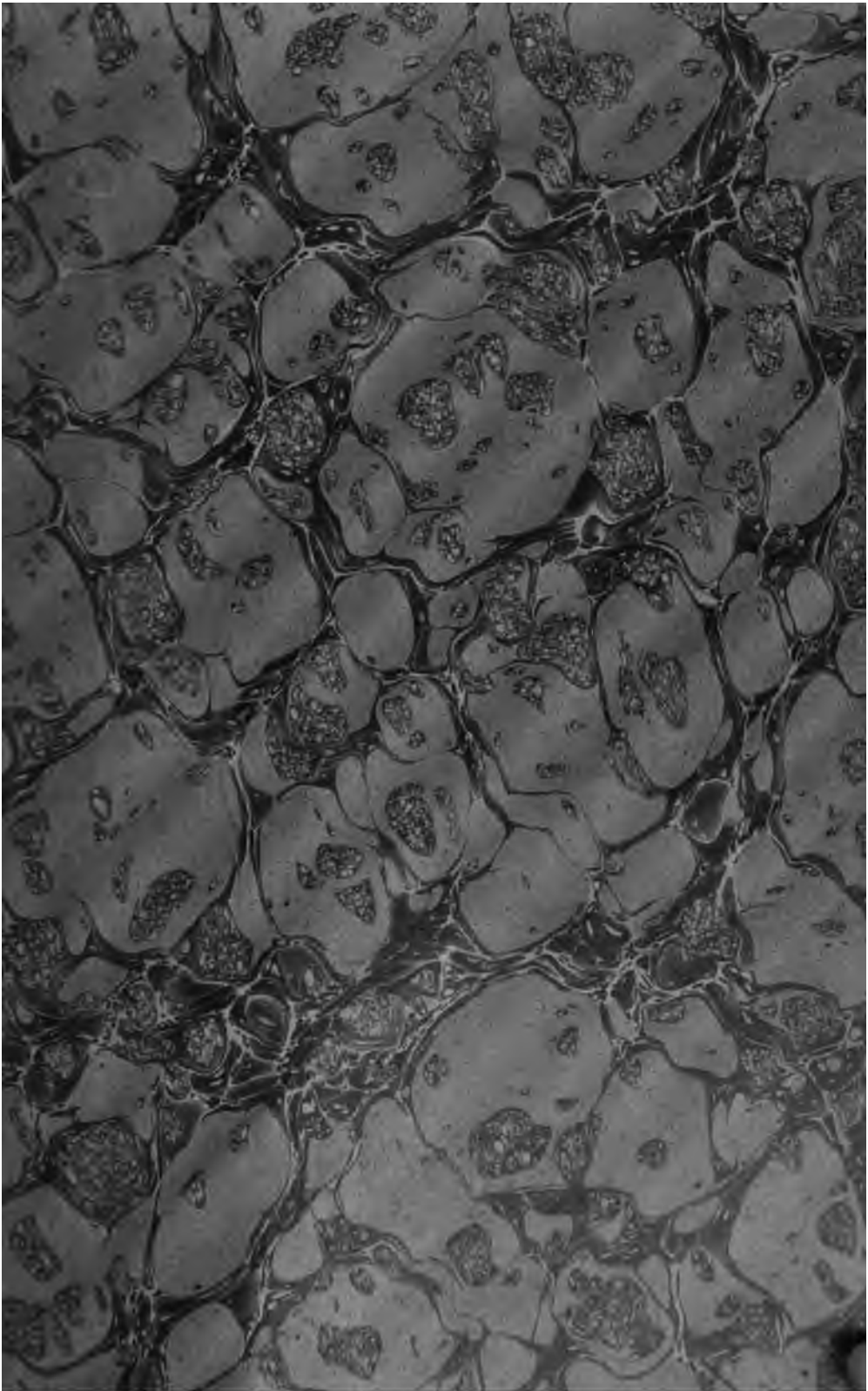
**B** 856,869





ARTES VERITAS SCIENTIA  
LIBRARY OF THE  
UNIVERSITY OF MICHIGAN





1



869.3  
G635ap  
v. 1









A. R. GONÇÁLVES VIANA

---

# APOSTILAS

AOS

## DICIONÁRIOS PORTUGUESES

---

TÔMO I

**A — H**



LISBOA

LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA — A. M. TEIXEIRA & C.<sup>TA</sup>  
20, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 20

---

1906

1

do seu amigo H. Foulché Delbosc

Gracia

A. R. Gonçalves Viana.

# APOSTILAS AOS DICIONÁRIOS PORTUGUESES

POR

A. R. GONÇÁLVEZ VIANA

1000

1000

1000

1000

1000

1000

A. R. GONÇÁLVES VIANA

---

*Gonçalves Viana, Aniceto dos Reis*

# APOSTILAS

AOS

DICIONÁRIOS PORTUGUESES

---

TÔMO I



LISBOA

LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA — A. M. TEIXEIRA & C.<sup>TA</sup>  
20, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 20

---

1906



PÓRTO — IMPRENSA PORTUGUESA — RUA FORMOSA, 112



À EXCELENTÍSSIMA SENHORA

DONA CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS,

▲ QUEM AS LETRAS PORTUGUESAS TANTO DEVEM,

*como tributo e homenagem da sua admiração  
e do seu respeito*

DEDICA ESTA OBRA

*O AUTOR.*

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

Spanish  
Dreyfus  
3-12-48  
61822  
2v.

## PREFÁCIO

---

Não há para nenhum idioma vivo dicionário que se possa dizer completo, mesmo até a data da sua ultimação. Uma parte não pequena do léxico, já no que respeita a vocábulos, já no que se refere a acepções, fica sempre omissa, e êsses tesouros da língua teem de ser completados por trabalhos avulsos, que ao depois se encorporam em novas edições dos dicionários já existentes ou em obras novas da mesma espécie.

Com a publicação destas APOSTILAS venho também contribuir para a futura compilação de outro dicionário, em que se tenha em vista aumentar o copioso cabedal de termos portuguezes, mais ainda do que se fêz no NÓVO DICCIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, de Cândido de Figueiredo, o mais abundante de quantos se teem publicado em Portugal, mesmo descontando muitas dições que figuram nele sem que sejam ou tenham sido portuguezas.

o Todavia, assim como tive em mira acrescentar mais dições e acepções, fruto de longos anos de estudo e de leitura, procurei igualmente criticar, mormente com relação a etimolojia, muito do que na nossa língua se tem escrito. Não me occuparei todavia dos devaneios insensatos que tanto avultam em certas obras lexicológicas, mas apenas do que mereça discussão séria e proficua, porque os autores criticados foram escrupulosos na redac-


ção das suas monografias, ou dos seus dicionários ou glossários.

A ordenação das palavras e locuções aqui tratadas é rigorosamente alfabética: mas, como na discussão ou exposição de doutrina acérra de cada vocábulo figuram, para termos de comparação principalmente, outros vocábulos em número considerável, que são explicados simultaneamente com os de cada epigrafe, o leitor encontrará no fim da obra um índice, também alfabético, de todos êles, com a designação daqueles a que ficaram subordinados, ou em cuja discussão se introduziram.

No decurso da obra tive muitas vezes de citar palavras e formas pertencentes a idiomas cujos sistemas gráficos diferem muito do romano, de que usamos: e fui consequentemente obrigado a transliterar os caracteres desses sistemas em letras romanas. Para êste fim escolhi os versaletes, emtanto que as palavras latinas as cito em romano espacejado, e as do latim popular, hipotéticas ou reais, e do latim bárbaro as figuro em caracteres itálicos, igualmente espacejados para sobressaírem no texto.

Na transliteração do alfabeto grego substituí pelo sinal de aspiração (´) o Η que, em harmonia com a transcrição romana, se costuma empregar na figuração das letras gregas θ, φ, χ, transliterando-as eu portanto com os símbolos monogramáticos τ, ρ, κ, em vez de TH, PH, CH: do mesmo sinal me sirvo para a representação do espirito áspero, que, à maneira dos romanos, é uso designar pelo Η latino. Dissolvi também o ζ grego nos seus elementos, ks, à semelhança do que sempre se fez com o ζ, ps.

No alfabeto devanágrico, ou indico, represento semelhantemente as aspiradas por (´), g´, por exemplo, e em tudo mais sigo muito de perto a transliteração do indianista português Gui-



lherme de Vasconcelos Abreu; com a diferença de figurar por minúsculas, promiscuamente com os versaletes designativos das letras, os sinais das vogais, quando estas não são iniciais de sílaba, mas acompanham a letra consoante, formando parte integrante dela: assim transcrevo, por exemplo, *kaŋgi*, e não, *KAŊGI*.

No alfabeto arábico represento por versaletes as letras, e por minúsculas intercaladas as três vogais, ou moções escritas, quando o são, *a i u*. Como êste alfabeto é mais numeroso que o romano e contém letras representativas de sons que são estranhos ao português, e alguns mesmo a qualquer idioma não semítico, tomei por base para a sua transliteração o alfabeto hebreu, menos numeroso e já perpetuado tradicionalmente no grego e no romano, transliterando os caracteres hebraicos, quanto possível, pelas letras que lhes correspondem historicamente no abecedário latino; e ampliei com artificios, sempre os mesmos, o número de caracteres necessários para a transliteração do alfabeto arábico, quer na sua aplicação ao árabe, quer na sua acomodação a idiomas de outras famílias que o usam, todas as vezes que me foi indispensável citar vocábulos de qualquer desses idiomas. Para o malaio, contudo, seguindo autorizados exemplos, preferi dar transcrição europeia, caracterizadamente portuguesa, dos sons, e não das letras.

Devo advertir que a transliteração dos alfabetos semíticos muitas vezes não representa a pronúncia; é mera convenção com base histórica, já o disse. É por isso que, desatendendo na transliteração do hebreu muitas das minuciosas convenções e particularidades da notação massorética, figuro sempre por *K, P, T* tanto as consoantes momentâneas iniciais de sílaba, como as contínuas correspondentes, finais de sílaba, à semelhança do que já se pratica a respeito de *B, G, D*.

Dêste modo, o alfabeto hebraico é transliterado da seguinte maneira, conforme a ordem dos seus caracteres:

A B G D E U Z H T I K L M N S O P S Q R X T

O acento circunflexo subscripto diferencia da última letra a nona, e da décima quinta a décima oitava. Em fim de sílaba K, P, T, G, D valem respectivamente pelas letras arábicas que transcrevo por Ч, F, S, Y, S, e que vou descrever já em seguimento. O B em tal situação vale por *b* intervocálico português.

O alfabeto arábico é assim transliterado:

A B T S G H Ч D S R Z S X S D T Z O Y F Q K L M N E U I <sup>q</sup>

O <sup>q</sup> elevado denota o chamado *emza*, ou consoante explosiva faucal. O circunflexo já ficou explicado no alfabeto hebraico, como designando as letras, denominadas enfáticas, S, T, e aqui mais P, Z. O símbolo Ч (*ч*) representa o valor do *j* castelhano actual; o S o *th* inglês surdo de *think*, z castelhano com pequena diferença, S o *th* sonoro inglês de *they*, aproximadamente o nosso *d* intervocálico. O H é uma aspiração surda, mais funda e mais perceptível do que a aspiração expressa por *h* em inglês ou em alemão; E, essa mesma aspiração, porém acompanhada de voz; em fim de palavra é, conforme os dialectos, proferida como *à*, ou como *é*. O H, o Ч e o E inicial de sílaba aparecem representados por *f* na Península. O G vale por *dj*, e no árabe do Egipto por *g*, qualquer que seja a vogal que se lhe siga. O Y é um *g* fricativo, proferido no véu do paladar, e nos vocábulos arábicos que passaram à Península Hispânica foi substituído quasi constantemente por *g*, *gu*. O Q é um K pronunciado também no véu do paladar, com grande ênfase; às vezes equivale a *g*, ou ao *emza* (<sup>q</sup>). O X

tem o mesmo valor que o *x* português de *xadrez*. O *o* expressa aqui uma articulação formada mais abaixo da farinje, sem representante nas línguas europeias, e que se eliminou na passagem dos vocábulos arábicos para os idiomas da Península Hispânica.

Quem mais amplas informações desejar obter acêrca da representação peninsular dos sons arábicos lerá com muito proveito as seguintes obras, exemplares a todos os respeito: Dozy & Engelmann, GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869, Introduction, II; Eguilaz y Yanguas, ESTUDIO SOBRE EL VALOR DE LAS LETRAS ARÁBIGAS EN EL ALFABETO CASTELLANO, Madrid, 1874; David López, TEXTOS EM ALJAMIA portuguesa, Lisboa, 1897, principalmente esta última, por ser portuguesa e digna de todo o encarecimento.

O alfabeto arábico aplicado ao persa tem mais quatro letras, que são aqui transliteradas por *p*, *ç*, *j*, *ğ*, e em que *ç* figura o valor do *ch* português do norte, castelhano e inglês, quasi *tx*, e o *ğ* o *gui* do português *guiar*. O *j* tem o seu valor normal na nossa língua. Em turco há mais o *u* com valor de *v*.

Para os idiomas da Índia que se escrevem com caracteres arábicos, como o indostano, temos ainda a acrescentar as chamadas letras cacuminais, que, do mesmo modo que no silabário devanágrico, são representadas pelas bases *T D N L (R)*, com um ponto subscripto, *ṭ ḍ ṇ ḷ Ṛ*, e se proferem no ponto em que pronunciamos o *r* de *caro*.

Outros sinais convencionais são *h* para *h* aspirado (*h'*) sonoro, e *ṃ* (*m*) para denotar o *ng* final de sílaba nas línguas germánicas, como o inglês ou o alemão, isto é a consoante nasal pósteropalatal, um *n* proferido com a raiz da língua no ponto em que articulamos o *k*, e que em português se ouve, associado a *k* ou *g*, em *franco*, *frango*.

Na maioria dos casos, quando qualquer destas letras de valor

desusado ou convencional aparece na citação de vocábulos peregrinos, o valor dela é apontado em nota, para comodidade dos leitores.

É sabido que o *z* e o *j* no castelhano actual valem por consoantes fricativas surdas: a primeira genjival, como o *th* inglês de *think*; a segunda velar, como o *ch* alemão de *bach*, ou ainda mais funda, pelo menos no castelhano como é rigorosamente pronunciado na Castela-Velha. Na Andaluzia o *z* equivale ao nosso *ç*, que como som e como letra desapareceu do castelhano normal moderno.

Na antiga ortografia e pronúncia castelhana o *z*, o *j*, o *ç* e o *x* tinham os valores que lhes damos em português.

Advertirei ainda que a curva fechada subscripta às letras *ç* e *ç* representa o valor que elas teem nas palavras portuguesas *da de*; e que este mesmo sinal sobrescrito a *i*, *u* denota que estas duas vogais não formam sílaba por si, mas com a vogal que as precede ou segue, constituindo a parte fraca dos ditongos decrescentes, como em *paî, paũ* (*pái, páu*), ou dos ditongos crescentes, como em *fîar, sũar* (*fiár, suár*). Os ápices sobre *ö ü* significam *ö, ü* alemães, *eu* (aberto), *u* franceses; *ø* o *ö* fechado alemão de *schön*, *eu* francês de *feu*. Os ápices sobre o *i* designam o *i* guturalizado de *navio*, como esta palavra se pronuncia em vários dialectos açorianos, o *y* polaco.

Para os vocábulos pertencentes a idiomas cujas letras não representam nem fonemas nem sílabas uso de transcrições, quanto possível, portuguesas, e o mesmo faço com outros idiomas que são analfabéticos, como por exemplo o tupi, os carriais, etc.

O sinal (') quer dizer «derivado de», e este mesmo invertido ('), «que é origem de».

A ortografia seguida no texto desta obra é a que expus,



discuti e defendi na ORTOGRAFIA NACIONAL, dada à estampa em Lisboa no ano de 1904, e já adoptada pelo Dr. Júlio Cornu na 2.<sup>a</sup> edição da sua preciosa Gramática histórica portuguesa publicada no GRUNDRISS DER ROMANISCHEN PHILOLOGIE, bem como últimamente pela snr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, o que a consagrou, e ainda pelo snr. Alberto da Cunha Sampaio, na revista Portugalia.

Ficou pois sancionada por aquelas duas maiores autoridades actuais em filolojia portuguesa, e com isto me contento.

Na reprodução de documentos antigos, principalmente anónimos, busquei uniformizar a escrita por padrão artificial, sim, mas a meu ver correcto, evitando quanto pude escritas diversas do mesmo vocábulo, ou de formas análogas, no mesmo documento.

Nas inúmeras citações, com que me abono, segui rigorosamente o modo de escrever que encontrei impresso, e rarissimas vezes o assinalo ou critico, por mais incongruente que êle seja, ou me pareça.

É do meu dever tributar aqui a minha gratidão ao senhor G. de Vasconcelos Abreu, meu antigo mestre na especialidade de estudos orientais que abalisadamente cultivava, por muitas ponderações e observações judiciosas que me subministrou, e bem assim pelo escrúpulo inteligentíssimo com que me auxiliou na revisão de uma grande parte das provas. Agradecimento e louvor devo igualmente ao benemérito editor desta obra e ao estabelecimento onde é impressa, pelo esmero e solícitude com que para a sua laboriosa composição tipográfica teem diligentemente contribuído.

Das erratas sómente faço menção especial, quando são essenciais à intelligência do texto.

*A. R. Gonçalves Viana.*



APOSTILAS AOS DICIONÁRIOS PORTUGUESES



## APOSTILAS AOS DICIONÁRIOS PORTUGUESES

---

### aba

Este vocábulo, tam português, que nas suas várias acepções não tem correspondente exacto nas outras línguas románicas, é de origem muito problemática. Os nossos dicionaristas tem-lhe atribuído étimos diferentes. Pondo-se de parte fantasias diversas que fôra inútil citar, aquelle que maiores probabilidades oferece em seu abôno é o apontado por F. Adolfo Coelho <sup>1</sup> do seguinte modo: — «(Hespanhol] *álabea*, rumo [*aliás*, ramo], curvo na madeira [*aliás*, encurvamento], goteira; do basco *alabea*, o que pende ou goteja) » —.

Haveria muito que ponderar sôbre o enunciado desta etimologia, mesmo sem insistir em rumo, em vez de ramo, por ser evidente êrro tipográfico.

Limito-me ao seguinte: nem *alabea*(*se*) significou jamais «gotejar» ou «goteira» em espanhol ou em vasconço, nem *álabea* é palavra espanhola, mas sim *alabeo* (= *alabéo*), que o Dicionário da Academia define assim: — «vicio que toma una tabla ú otra pieza de madera, torciéndose de modo que su superficie no esté toda en un plan» —.

O mesmo Dicionário dá como origem do verbo *alabearse* («empenar-se a madeira»), de que *alabeo* é substantivo verbal expressando acto, a palavra *úlabe*, com vários significados, e cujo

---

<sup>1</sup> DICCIONARIO MANUAL ETIMOLOGICO DA LINGUA PORTUGUEZA.

étimo seria o árabe *ALAUA*, «curvo», que Eguílaz y Yanguas <sup>1</sup> refere ao verbo *LAUI*, *flexit*, preferindo-lhe outro étimo igualmente arábico, que não cito por ser fonéticamente inadmissível.

Diez <sup>2</sup>, citando Larramendi, aponta o vasconço *alabe(a)*, «(o) que pende», preferindo-lhe o étimo proposto por Mahn, e do mesmo modo vasconço, *adar(ra)* «ramo», e *be*, «para baixo», e com êste explica a palavra portuguesa *aba*, contraída de *alaba*, como *paço*, de *palaço*.

Efectivamente, nos derivados em que o primeiro *a* perde o acento tónico, conserva êle o seu valor alfabético, o que é prova de resultar de dois *aa*; ex.: *desábar*, *ábada*, etc.

A não ser esta circunstância importantíssima, talvez fosse também admissível como étimo o latim *ala* ; *aûa* ; *ava* ; *aba*, visto ser êste o proposto por Zanardelli para o sardo *aba*, «asa», comparável a *candeba*, que na mesma língua corresponde ao latim *candela*.

Temos, porém, de o rejeitar para o português, não só por ser neste a permutação de *l* em *b* talvez factó isolado, mas também em razão de o *a* átono permanecer aberto, *à*, como resultante da contracção de *a + a*.

Como curiosidade direi ainda que na provincia de Leão se usa um verbo de identificação difficil, *abar(se)*, significando o que dizemos *alar(-se)*, «fujir», como no provérbio — *Aba! que va grande el rio, aunque me dé al tobillo* — «Ala! que vai grande o rio, apesar de (só) me chegar ao tornozelo» —, rifão que se emprega quando se quere dizer — «que el hombre prevenido debe huir de la apariencia del peligro» <sup>3</sup>. — *Abaos* (= *abad-os*) significa «arreda!».

Informa-me também um amigo meu, da Estremadura Espa-

<sup>1</sup> GLOSARIO ETIMOLÓGICO DE LAS PALABRAS ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL. Granada, 1886, *sub v.* **alabes**.

<sup>2</sup> ETYMOLOGISCHES WÖRTERBUCH DER ROMANISCHEN SPRACHEN. Bonn, 1870, 2.<sup>a</sup> parte, *sub v.* **Alabe**.

<sup>3</sup> DICCIONARIO ENCICLOPÉDICO HISPANO-AMERICANO.

nhola <sup>1</sup>, que ali se emprega *ábate* interjectivamente, em frases como as seguintes. « *Ábate que me caigo, ábate que lo cojo,* « cautela que eu caio », « cautela, que o apanho », tudo formas do mesmo verbo *abarse*.

Curioso rifão é um em que *abas* está por « abrigo, sombra »: *às abas dos ciganos roubam os aldeanos* <sup>2</sup>; como interessante é também a forma *aldeanos*, por *aldeãos, aldeões*, mantida pela rima.

Devemos todavia conjecturar que não é *aldeanos* castelhanismo, pois ainda é usada na Índia portuguesa a forma *aldeano*, abonada por Monsenhor Rodolfo Dalgado no seu interessante estudo sôbre O DIALECTO INDO-PORTUGUÊS DE GOA <sup>3</sup>. — « Com ajuntamento dos Aldeanos da Camara », « Comunidades Aldeanas » —.

(a) bada

Qualquer que seja o sentido em que os nossos escritores antigos empregaram êste vocábulo, ou designando a fêmea do rinoceronte, como é a opinião geral, ou referindo-se a outro paquiderma análogo, como declara Rafael Bluteau no VOCABULÁRIO PORTUGUEZ-LATINO, tem-se-lhe atribuído duas orijens diversas, uma arábica e a outra malaia, e no « Glossário de palavras e frases anglo-indias » de Yule e Burnell <sup>4</sup>, dá-se em certo modo preferência à primeira. A aceitar-se a orijem arábica, teríamos de acentuar *ábada*, e assim o indica o DICCIONARIO CONTEMPORANEO, conquanto declare ser termo indiano êste, o que é quanto ser pode vago, pois as línguas da Índia são muitas, pertencentes, pelo menos, a três ou quatro famílias absolutamente distintas.

<sup>1</sup> O snr. A. Baselga, natural da província de Badajoz.

<sup>2</sup> REVISTA LUSITANA, vol. VII, p. 148.

<sup>3</sup> *Ib.* vol. VI, p. 76.

<sup>4</sup> « The usual form *abula* is certainly somewhat in favour of such an origin »: *Hobson-Jobson*, being a GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN COLLOQUIAL TERMS AND PHRASES; Londres, 1886.

Se considerarmos que outra forma portuguesa dêste vocábulo é *bada*, somos levados a concluir que o acento é na sílaba *ba*, e neste caso teremos de optar pelo malaio *bádaq* «rinoceronte», como étimo. Um parónimo dêste vocábulo, *ábada* derivado de *aba*, deve ser marcado com a inicial *à* para se diferenciar do que faz o objecto dêste artigo e se pronuncia *abáda*, com *a* surdo inicial.

Além do passo com que Bluteau abona o vocábulo, e da indicação que faz da ETIÓPIA ORIENTAL de Frei João dos Santos, para justificar a outra forma *bada*, pode ainda autorizar-se o seu emprêgo com as BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS NA SUA GLOBIOSA PROVINCIA DO JAPÃO, do Padre António Francisco Cardim <sup>1</sup>:—

«O benjoim amendoado desce pelo rio abaixo do reino dos Laos, com as pontas de abada» —.

F. Méndez Pinto usa da forma *bada* no seguinte passo da PEREGRINAÇÃO, referindo-se à Ásia insular:— «outros muitos animaes muito piores inda que as aves, como são alifantes, badas, liões, porcos, búfaros e gado vacum em tanta quantidade, que cousa nenhũa que os homens cultivem para remedio de sua vida lhe deixaõ em pé» —<sup>2</sup>.

A letra final, *q*, da palavra malaia *bádaq* é quasi imperceptível e é proferida na farinje.

abafador, afogador; abafar, afogar

Guilherme de Vasconcelos Abreu, num erudito artigo, publicado no CORREIO DA NOITE, de 25 de outubro de 1886, referiu-se à *seita dos abafadores*, e descreveu em que consistia *abafar o moribundo*, o que reputava prática religiosa da antiga seita dos herejes Cátaros («puros»), afim de impedirem o que

<sup>1</sup> Lisboa, Imprensa Nacional, 1894, p. 251.

<sup>2</sup> Capítulo xli.



está a morrer de cometer pecado, depois de receber pela imposição das mãos do sacerdote o *consolamento*, correspondente à extrema unção da Igreja Católica. No mesmo artigo se vê que esse homicídio religioso foi, e ainda é atribuído a seitas judaicas, tanto em Portugal, como fora dêle, mas especialmente em Bragança e na Covilhã, onde abundam os cristãos novos. Aí vemos também a razão pela qual tam nefanda prática foi assacada aos judeus, com fundamento em outra prática judaica, inofensiva, de meter debaixo da cabeça do moribundo uma almofadinha de penas de galinha, para o *ajudar a bem morrer*.

O individuo que no norte é chamado *abafador*, denomina-se na Beira-Baixa *afogador*, com o mesmo significado infamante, que, se é real, entende o douto professor não poder com justiça atribuir-se a seita nenhuma propriamente judaica. É sabido que os verbos *abafar* e *afogar* se encontram em uma acepção comum, a de «sufocar», conquanto tenham outras em que não são sinónimos.

O termo *afogador*, como correspondente a *abafador*, vem assim definido na REVISTA LUSITANA <sup>1</sup>:— «Christão novo encarregado de estrangular ou abafar com as roupas da cama os moribundos da mesma communhão religiosa; pois, segundo é corrente, passa como preceito de certa seita judaica que os proselytos não devem morrer, mas serem mortos. O afogador cumpre a triste e repugnante missão com a serenidade com que o sacerdote pratica os actos mais santos do seu ministerio. Nos concelhos de Penamacôr e Covilhã, onde abundam os chamados christãos novos, são apontados pelo povo os afogadores. Conta-se que muitas pessoas teem sido instadas pelos moribundos para que os não abandonem enquanto não expirarem, horrorizados com a idéa do estrangulamento »—.

---

<sup>1</sup> Vol. II, 1890-1892, p. 244: NOTAS SOBRE A LINGUAGEM VULGAR DA ALDEIA DE SANTA MARGARIDA (Beira-Baixa), por A. Alfredo Alves.

ção recente, formado de *absentéisme*, que é derivado do inglês *absenteism*, conforme E. Littré <sup>1</sup>.

Melhor forma fôra sem dúvida *absentista*, com absorção do *e* de *absente*, « ausente », à semelhança, por exemplo de *dentista*, que se não profere, nem escreve *denteista*.

A GAZETA DAS ALDEIAS usou *absenteismo* — « cesse o absentismo, que o proprietário . . . explore directamente » — <sup>2</sup>.

O NÔVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUÊSA admitiu no Suplemento o termo *absenteismo*, dando-o como brasileiro.

Melhor seria com certeza *absentismo*, sem aquele *e* a dificultar a pronunção, visto que de *protestante* dizemos *protestantismo*, e não *protestanteismo*.

#### abside, ábside

Na REVISTA LUSITANA [VI, p. 95] mostrou J. Leite de Vasconcelos que a acentuação usual desta palavra, *ábside*, é errada. Teóricamente tem razão: em latim o *i* de *absis*, *absidis* deve ser longo, como o era em grego o de *apsis*, *apsidos*, « ligação », do qual os romanos o tomarain. O facto, porém, é que quasi todos, se não todos, os lexicógrafos portugueses acentuam *ábside*, naturalmente para se conformarem com o uso dos architectos, e esta acentuação é common ao castelhano e ao toscano. No último livro, que trate de architectura, escrito em português acentua-se gráficamente *ábside*, contra o sistema ortográfico do autor, que raras vezes marca acentuação <sup>3</sup>, do que se depreende insistir êle em que deva ser assim acentuado. Conquanto em questões de linguagem não tenhamos por dever seguir caprichos ou particularismos de quem não tenha a competência especial nessas questões, não devemos, contudo, dispensar absolutamente o seu voto.

<sup>1</sup> Dictionnaire de la Langue Française.

<sup>2</sup> de 9 de julho de 1905.

<sup>3</sup> Augusto Fuschini, A ARCHITECTURA RELIGIOSA DA EDADE MEDIA, Lisboa, 1904, *passim*.

## acabador

O NÓVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA inclui êste vocábulo, dando-lhe como definição — « o que acaba ».

É insuficiente esta definição (que aliás era bem escusada por ser intuitiva) para o sentido em que êste substantivo é tomado, e que parece trivial, conquanto técnico, no anúncio n.º 321 B, publicado no jornal O SÉCULO, de 19 de abril de 1901 — « Acabador. Com as melhores referências [aliás, abonações, informações] de trabalho... admite-se na fabrica de lanifícios » —.

Pelo teor do anúncio vê-se que é um « operário a quem se incumbem o acabamento, ou última mão em uma peça de tecido de lã ».

## acarrear

Em Caminha tem o sentido especial de « fazer fretes ». Vem já consignado em dicionários como equivalendo a *cárrejar*.

## acarretador (Algarve)

O emprêgo particular que na província mais meridional do continente português adquiriu esta palavra deduz-se claramente da seguinte definição, dada por J. Núñez no seu estudo *COSTUMES ALGARVIOS*<sup>1</sup>: — « Tem o nome de *acarretador* o indivíduo que anda recolhendo o trigo para o moinho, para cuja conducção se serve d'uma muar ou d'um carro onde transporta os saccos » —.

## Acém

Êste termo de carnicaria, ou açougue, é usualmente escrito *assem*, escrita com certeza incorrecta, conquanto seja a adoptada por Bluteau no VOCABULARIO PORTUGUEZ-LATINO, e repetida

---

<sup>1</sup> in Portugalia, I, p. 388.

ainda no Suplemento, acompanhada porém da que tenho por preferível.

O termo, como quasi todos os que pertencem aos officios de magarefe, esfolador, etc., deve ser de orijem arábica, e aos *ss* arábicos correspondeu sempre *ç* em portuguezs.

O arabista José Benoliel sujere-me como étimo, entre outros menos prováveis, OSN, «gordura», que na realidade vem incluído por Belot no Vocabulário árabe-francês <sup>1</sup>, com a significação de «graisse», e no Dicionário árabe-francês de Cherbonneau <sup>2</sup>, com as de «graisse, embonpoint».

A definição do termo portuguezs é, conforme o DICCIONARIO CONTEMPORANEO: — «parte do lombo da vacca, ou do boi, entre a pá e a extremidade do cachaço» —.

Veja-se **febra**.

#### acenha, azenha

Os dicionários consignam em geral ambas as formas, dando quasi sempre a preferéncia à segunda, que é, a bem dizer, a única literária modernamente. O povo emprega communmente a primeira, e em escrito recente, J. Núñez <sup>3</sup>, referindo-se ao Algarve cita as duas: — «mas ha também os (moinhos) chamados de rodizio e as azenhas ou *acanhas*» —. Vê-se que a forma com *c* é a local, e está mais conforme com o seu étimo arábico.

Os lexicógrafos que teem tratado dos termos árabes que passaram às línguas hispánicas, a começar em João de Sousa <sup>4</sup>, deram há muito a etimolojia dêste vocábulo, AL-SANIE, e êste arabista aponta como mais correcta a forma *assania*, no foral dado por D. Afonso Henriques à cidade de Coimbra, mas escreve

<sup>1</sup> VOCABULAIRE ARABE-FRANÇAIS, Beirute, 1893, p. 692, col. I.

<sup>2</sup> DICTIONNAIRE ARABE-FRANÇAIS, Paris, 1876, II, p. 716, col. II.

<sup>3</sup> COSTUMES ALGARVIOS. in «Portugalia», I, p. 388.

<sup>4</sup> VESTIGIOS DA LINGOA ARABICA EM PORTUGAL, Lisboa, 1830.

*azenha*. No Glossário de Engelmann e Dozy <sup>1</sup>, citam-se, a par da castelhana *aceña*, as formas portuguesas *azena*, *azenia*, *asenha*, todas duvidosas, e o *assania* citado, dando-se como étimo *AL-SANIE*, com *a* longo, e acusando-se a pronúncia dêste como *e*, que é peculiar da Península Hispânica. Eguílaz y Yanguas, no seu Glossário, <sup>2</sup> precioso nomeadamente pelas muitas abonações fidedignas que o ilustram, aponta mais a forma castelhana *açenna*, que confirma a preferência que se deve dar ao *c*, com prejuízo do *z*, e as catalãs *cénia*, *sinia*, malhorquina *cinia*, valencianas *senia*, *sinia*, galega *acéa*, confirmando, porque a adopta, a forma arábica com *a* longo, valendo na Península por *e*.

No Riba-Tejo é também *acenha*, pronunciado *acênha*, com *e* fechado, e não com *a* surdo como em Lisboa, a forma popular, que devera ser preferida por mais correcta; sendo presumível que a errónea ortografia com *s*, *asenha*, concorresse para a falsa pronúncia e escrita *azenha*, que literariamente se difundiu, considerando-se hoje, em geral, como defeituosa a pronúncia e escrita com *c*, única popular e fiel ao étimo.

#### Achada, chada

Esta palavra, que nada tem que ver com o verbo *achar*, de problemática orijem, pois é simplesmente derivada do radical *planum*, } *applanata*, já recentemente entrou nos nossos dicionários, com o significado de «chã, chapada, planície elevada, pequena». O dr. Gonçalvez Guimarães <sup>3</sup> adoptou-a, para substituir o termo moderno e de duvidosa propriedade *planalto*, com que se procurou arremedar o francês *plateau*, que João

---

<sup>1</sup> GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869.

<sup>2</sup> GLOSARIO DE LAS PALABRAS ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL, Granada, 1836, *sub v.* ACEÑA.

<sup>3</sup> ELEMENTOS DE GEOLOGIA, Coimbra, 1897.

Félix Pereira diligenciou acomodar a português com a forma *platô*, a qual vingou por algum tempo, mas hoje, e ainda bem, está quasi desterrada. Almeida d'Eça usa também o termo *achada* na sua CHOROGRAPHIA.

O passo em que o erudito professor, a quem acima me referi, emprega os dois termos reza assim: — « e finalmente as achadas ou planaltos de Moncorvo » —.

É precioso aquele livro pela propriedade de linguagem, toda portuguesa de lei, e muito bem explicada, no que se refere a terminologia.

O vocábulo *achada* figura na toponímia, como se pode ver no DICIONARIO CHOROGRAPHICO de João Maria Baptista <sup>1</sup>, e é a denominação de um largo, e de uma rua de Lisboa, que, respectivamente, veem apontadas, com os números 1 e 2, no quadro 63 da PLANTA DE LISBOA, publicada em 1880 em português, francês e inglês. São essas denominações largo da Achada, rua da Achada, e ficam para os lados do Castelo de S. Jorje.

Conquanto, que eu saiba, o verbo *achar* não seja empregado actualmente em parte alguma do território português no sentido correspondente ao castelhano *allanar* { *applanare*, no copioso Glossário do dr. A. A. Cortesão <sup>2</sup> encontramos o particípio passivo *achãado*, de um verbo *achãar*, da mesma origem, abonado com o seguinte exemplo: — « De guisa que em breve foi todo achãado [Azurara, CRÓNICA DO CONDE DOM PEDRO] » —.

Em Mértola diz-se *chada* { *planata*, e é possível que seja esta a forma primitiva, a que se soldasse o artigo femenino, como em *arrã*, *arraia*.

Sobre *achada* com outra significação, veja-se **achar**.

<sup>1</sup> VI volume da CHOROGRAPHIA MODERNA DO REINO DE PORTUGAL, p. 3, col. I. Lisboa, 1878.

<sup>2</sup> SUBSÍDIOS PARA UM DICIONÁRIO COMPLETO (HISTÓRICO-ETYMO-LÓGICO) DA LÍNGUA PORTUGUESA, Coimbra, 1900.

## achaque

Ao exemplo de *achaque* na acepção de «pretexto», aduzido no DICIONARIO CONTEMPORÁNEO, pode acrescentar-se o seguinte passo das BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS NA PROVINCIA DO JAPÃO <sup>1</sup>, do Padre António Francisco Cardim:— «foi intimada nova sentença de destêrro, tomando por achaque um incêndio que na sua côrte... sucedera» —.

Sôbre a etimolojia dêste vocábulo, que desde Marina e João de Sousa <sup>2</sup> se afirma ser árabe, com o que concordaram Dozy e Engelmann <sup>3</sup>, e Eguilaz y Yanguas <sup>4</sup>, veja-se o que diz Kôrting <sup>5</sup>, citando Canello, que lhe atribui orijem germânica.

Com efeito, o *ch* com que sempre se escreveu esta palavra, tanto em portugûes como em castelhano, é incompatível com o étimo arábico a que o subordinam e que tem por primeira consoante *x* (ش).

achar; achar (substantivo)

A etimolojia dêste verbo, que maiores probabilidades oferece, é, sem dúvida, o latim *afflare*, que entre outras acepções incompatíveis, tem a de «bafear», que também pouco se coaduna com as muitas que êle apresenta na nossa língua. Pelo sentido, pois, deveríamos repelir êste étimo, e é isso o que F. Adolfo Coelho e Cândido de Figueiredo fizeram nos seus dicionários, não obstante a coincidência de se encontrarem em outros dialectos românicos

<sup>1</sup> Lisboa, 1894, p. 181.

<sup>2</sup> VESTIGIOS DA LINGOA ARABICA EM PORTUGAL, Lisboa, 1830.

<sup>3</sup> GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869.

<sup>4</sup> GLOSARIO DE LAS PALABRAS ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL, Granada, 1886.

<sup>5</sup> LATENISCH-ROMANISCHES WÖRTERBUCH, Paderborn, 1891, p. 71, col. II.

várias formas a esta correspondentes, por exemplo o romeno *aflá*<sup>1</sup>, e com o mesmo significado.

Todos, porém, teem confessado que o étimo é tentador, e que pela sua constituição formal lhe corresponde perfeitamente: cf. *chama* { *flamma*, *cheirar* { *flagrare*.

Vejamos, porém, se, mesmo foneticamente, o vocábulo pode subordinar-se a êsse étimo. O correspondente verbo em castelhano moderno é *hallar*, pronunciado *alhar* (cf. *llama* { *flamma*), e portanto poderíamos supor que aquele *h* seja etimológicamente erróneo, como o é o de *henchir* { *implere*, «encher». Todavia, em muitos vocábulos o *h* é ainda proferido em vários dialectos, tais os andaluzes e os estremehos, e era-o dantes quando tinha sido precedido de formas em que anteriormente figurava o *f*.

Ora êste verbo *hallar* tinha antigamente a forma *jallar*, o que torna inadmissível que procedesse de *afflare*; pois, ainda que admitíssemos a pouco provável inserção de uma vogal anapítica a desunir o grupo de consoantes *ffl*, do que resultaria uma forma hipotética *affalare*, necessária para explicar o *a* da primeira sílaba, deixaria de existir o dito grupo, a que em castelhano corresponde *ll* (*l* palatino) e em português *ch* (*flamma* { *llama*, *chama*).

Vê-se, portanto, que o étimo proposto carece de explicação satisfatória, mesmo foneticamente, e que o verdadeiro está ainda tam lonje de ser averiguado, como o do verbo correspondente em outras línguas románicas, *trovare* italiano, *trouver* francês, acêrca do qual tanto se tem escrito.

De *achar* provém o particípio *achado* e *achada*. Êstes particípios substantivados diverjem de significado: o masculino *achado* quiere dizer «aquillo que se acha»; o femenino *achada* significava dantes— «Coimas ou penas, que se levão aos que fazem algum furto, roubo, ou detrimento nos lugares, frutos e

---

<sup>1</sup> Hunfalvy derivou *aflá* do grego ΑΛΦ'ΑΝΘΉ: DU PEUPLE ROUMAIN OU VALÁQUE, 46<sup>o</sup> Congrès de la Société d'archéologie française (1879), «Compte-rendu».



terras que estão coutadas, ou são alheias; quando os Authores são achados, ou descubertos na execução deste crime » —<sup>1</sup>.

Isto diz Santa Rosa de Viterbo, abonando-se com as ORDENAÇÕES. O vocábulo porém ainda é usado em Trás-os-Montes no sentido de « multas », como sou informado por individuo de Mirandela, e este facto não está acusado em nenhum dicionário, que eu saiba.

*Pôr uma achada* corresponde lá actualmente ao que em Lisboa se diz vulgarmente *pregar uma condenação*, isto é, « impôr uma multa ».

*Achar*, substantivo, como nome de uma conserva de frutos, hortaliças em azeite e vinagre com outros adubos, é o persiano AČAR (= *achar*), que pelo malaio passou às línguas europeias<sup>2</sup>. Garcia da Orta descreve-o<sup>3</sup>.

#### acinzeirado (encinzeirado)

Este vocábulo é um neolojismo que não está incluído em nenhum dicionário da língua, mesmo no mais copioso dêles, o NÓVO DICIONÁRIO de Cândido de Figueiredo. Digo ser neolojismo, individual talvez, porque outro da mesma significação e constituição apossimada *encinzeirado*, suposto não figure também nos dicionários, é todavia muito usado pelo povo, pelo menos de Lisboa. Eis aqui a abonação: — « Havia desaparecido o nevoeiro e o dia apresentava-se esplendido, cheio de sol, vendo-se apenas no horisonte [*sic*], sobre as aguas, o *acinzeirado* que produz o norte forte » —<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> ELUCIDARIO DE TERMOS, FRASES, ETC., QUE ANTIGAMENTE SE USÁRIO, Lisboa.

<sup>2</sup> Marcel Devic, DICTIONNAIRE ÉTYMOLOGIQUE DES MOTS D'ORIGINE ORIENTALE, Paris, 1876.

<sup>3</sup> COLOQUIOS DOS SIMPLES E DROGAS DA INDIA, I. Lisboa, 1891, p. 185.

<sup>4</sup> O SECULO, de 6 de dezembro de 1900.

### Açougue

Quando a anarquia e a guerra civil começaram a desencadear-se no império de Marrocos, nos periódicos e revistas estrangeiras apareceram frequentes descrições dos domínios do xarife, que eram ávidamente traduzidas nos jornais portugueses, com maior ou menor vernaculidade.

Liam-se então, reproduzidas com todas as letras com que os estrangeiros as figuravam, muitas palavras e denominações arábicas, e entre elas me lembro de ter visto *sokk*, como designação de « mercado ».

A nenhum dos indivíduos que para português vertiam essas interessantes notícias ocorreu que este vocábulo já existia cá há um milénio, com forma portuguesa, *açougue*, a qual, se no uso corrente de hoje apenas significa a loja onde se vende a carne, principalmente a de reses bovinas e ovinas, em tempos anteriores servia para denominar um mercado qualquer. Ao sentido especial e restrito que a palavra adquiriu se refere sem dúvida um articulista, que, pela maneira por que se expressa, parecia não ignorar que tivera outros sentidos: — « A acceção que vulgarmente se dá á palavra açougue logo nos evoca, com arrepios e nauseas, os logares de venda de carnes » —<sup>1</sup>.

O Glossário de Engelmann e Dozy<sup>2</sup>, a páginas 228, subordinado à inscrição *azogue*, castelhano, *azougue*, português, e portanto fora do seu lugar, porque o étimo desta é diferente [AL-ZAUQE], diz-nos: — « Dans la signification de marché (diminutif *azoguejo*), c'est un autre mot arabe, à savoir *as-soue*, ou *as-sôc* [AL-SUQ] qui a le même sens » —.

E em seguida mais este trecho, que é de Dozy: — « Dans le Fuero de Madrid... *azoche*. En portugais *açougue* (ancienne-

<sup>1</sup> O SECVLO, de 20 de março de 1902.

<sup>2</sup> GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869.

ment *açougui*), qui signifiait autrefois *marché* en général, mais qui plus tard désignait spécialement: le marché où l'on vendait de la viande, la boucherie. De ce mot vient le terme *açougagem* sur lequel on peut consulter S.<sup>a</sup> Rosa » —.

Como não é o vocábulo *açougagem*, o qual, conforme o abalido autor do Elucidário <sup>1</sup>, significava um tributo imposto aos vendedores, mas sim a palavra *açougue* o que por agora nos interessa, se recorrermos ao precioso repositório, que Dozy tanto encarece, (*éminent savant portugais*, lhe chama), o que, seja dito, não era seu costume, achamos lá esta informação: — «AÇOUGUI. Assim se chamarão os lugares, onde antigamente se vendião, e compravão todas, e quaesquer mercadorias» —.

O Suplemento ao Nôvo DICCIONÁRIO de Cândido de Figueiredo consigna esta acepção lata do vocábulo por um modo mais genérico, pois o define, com a cota de *antigo*: — «arruamento de mercadores», o que me parece temerário, pois lhe falta abonação.

Em todo o caso, é de aplaudir a inserção do sentido mais lato do vocábulo, visto como nem ainda no primeiro, e até agora único, volume do Dicionário da Academia <sup>2</sup>, para o seu tempo monumental, se faz menção dêste significado.

Dispensome de citar, ainda que interessantes, as considerações apresentadas por Eguilaz y Yanguas sôbre esta palavra, por se basearem em que desconheceu as acepções que ela tinha antigamente em Portugal, muito mais latas, que as que lhe atribui de — «carnicería, que es la que tiene la voz portuguesa» —<sup>3</sup>.

A conclusão, pois, é que *açougue* designou mercado, principalmente de comestíveis, e que, portanto, é escusado empregar-

<sup>1</sup> Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, ELUCIDIÁRIO DAS PALAVRAS, TERMOS E FRASES, QUE EM PORTUGAL ANTIGAMENTE SE USÁRÃO, etc., Lisboa, 1798.

<sup>2</sup> DICCIONARIO DA LINGOA PORTUGUEZA, Lisboa, 1793.

<sup>3</sup> GLOSARIO DE LAS PALABRAS ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL, Granada, 1836.

mos, com letras grifas, o termo *sokk*, malíssimamente ortografado, quando quisermos designar tais mercados nos países barbarescos; e isto com tanto mais razão, quanto é sabido que, no sentido restrito de mercado, loja, onde se vendem carnes, a denominação mais usual hoje é *talho*. Já o mesmo jornal, O SÉCULO <sup>1</sup>, disse: — « Mas a realidade é que não temos senão açougues, e precisamos de ter talhos ».

Assim seja!

#### acúdia, acudia

No NÓVO DICIONÁRIO admitiu-se êste vocábulo, precedido do asterisco a indicar que a sua inserção em dicionários portugueses é feita pela primeira vez. Não é exacta a afirmação, porque já J. Inácio Roquete no Dictionnaire Portugais-Français <sup>2</sup> infelizmente o incluíra com a seguinte definição: — « † ACÚDIA, acudie, insecte lumineux de l'Amérique méridionale » —. O sinal que precede o vocábulo indica também a sua primeira inserção. Que ânsia de novidade!

A definição dada pelo lexicógrafo português suprimiu o meridional, pois nos diz tam sómente. — « ACÚDIA, insecto luminoso, da America » —. Deu-lhe pois muito mais dilatada venda. Feliz bicho!

Rufino José Cuervo na Romania <sup>3</sup> deu-nos a história dêste curioso termo, que até época muito recente figurava em todos os dicionários franceses, onde os dois lexicógrafos portugueses o foram buscar, em má hora, sem indagarem se algum escritor nacional o havia empregado, sem o quê, fosse êle francês, que não é, nenhum direito havia de o rejistar.

Eis o resumo do interessante artigo de Cuervo.

No primeiro e único volume do Dicionário da Academia Es-

<sup>1</sup> de 20 de março de 1902, citado antes.

<sup>2</sup> Paris, 1855.

<sup>3</sup> Vol. XXIX (1900), p. 574 e ss.

panhola, reimpresso em 1770, vem uma advertência, em que se ponderou o êrro cometido por Trévoux, no seu dicionário e na Enciclopedia, ao incluir o vocábulo *acudia*, que foi tomado como nome por De la Coste, na sua infeliz versão <sup>1</sup> da História das Índias de António de Herrera. O texto rezava assim, referindo-se a certo pirilampo de Cuba: — «tomábaule de noche con tizonas, porque acudia á la lumbré, y llamándole por su nombre, acudia, y es tan torpe que en cayendo no se podia levantar» —.

O texto é claríssimo, pelo menos para qualquer espanhol ou português. De la Coste traduziu-o para francês, do estupendo modo que se vai ver: — «L'on prenait ces animaux de nuit avec des tisons ardans, parce qu'ils venoient voltiger autour de la lumière; leur propre nom est *açudia*» —.

Este *açudia*, com esta forma, ou com a de *acudia*, e também *acudie*, ora masculino, ora femenino, foi passando de uns para outros dicionários, e no Universal de Boiste <sup>2</sup>, com a forma *acudia*, era assim definido: — «insecte volant et lumineux des Indes Occidentales» —.

Littre teve o bom juízo de o não admitir, cautela que, por fortuna, já tivera o dicionário da nossa Academia, cujo primeiro volume, único publicado em 1793, é um bom livro, para o seu tempo.

É pois necessário proscrever semelhante vocábulo, falsíssimo, de todos os dicionários portugueses que venham a publicar-se.

Citarei, a título de curiosidade, outro disparate de versão, de proveniência igualmente francesa. M. A. Marrast traduziu em 1866 o notabilíssimo estudo de Guilherme de Humboldt PRÜFUNG DER UNTERSUCHUNG ÜBER DIE URBEWOHNER SPANIENS, «Investigações acêrca dos primitivos habitantes da Espanha», com o título RECHERCHES SUR LES HABITANTS PRIMITIFS DE L'ESPAGNE, À L'AIDE DE LA LANGUE BASQUE <sup>3</sup>, tradução

---

<sup>1</sup> 1659-1671.

<sup>2</sup> 1803.

<sup>3</sup> Paris, 1866.

bastante correcta, e acompanhada de algumas valiosas notas. A pájinas 45 lêmos o seguinte extraordinário trecho:— « *Lissa* des Jaccétans (Ptol II, 6, p. 48), de *lizarra*, en dialecte de Labourd *leizarra* cendre. Cette étymologie pourrait être taxée d'arbitraire si l'Ibérie n'eût renfermé deux localités du nom de *Fraxinus*, l'une en Lusitanie et l'autre chez les Bastetans »—.

Eran las dos y sin embargo llovía!

O leitor preguntará espantado e perplexo em quê o haver nas Espanhas duas povoações com o nome de FREIXO (*Fraxinus*) concorre para se admitir como provável que *Lissa*, nome de outra povoação, se possa identificar com um vocábulo, *lizarra*, cujo significado se declara ser « cinza »!

A explicação é esta. Em alemão *Esche* quiere dizer « freixo », e *Asche*, « cinza ». O tradutor tomou *Esche* por *Asche*, e cometeu esta inadvertência, pouco desculpável, visto que o disparate lhe devia ter dado nos olhos, e porque tinha todos os meios de averiguar o significado próprio do vasconço *lizar*, (= *liçar*), declarando-se, como se declara, « Procureur impérial à Oboron-Sainte-Marie (Basses Pyrénées) », isto é, em terras vascongadas. Ora, *lizar*, em vasconço corresponde ao *fraxinus* latino, *frêne*, e não, *cedre*, em francês, *freixo* em português.

adega, bodega, botica; botiqueiro, botiquim

Em última análise, existe como étimo extremo destes três vocábulos diferentes o grego τ'ÉΚĒ, substantivo derivado da base do verbo τίτ'ΕΜΙ <sup>1</sup>, cujo aoristo, ou pretérito indeterminado, é ÉΤ'ΕΚΑ, e a significação « pôr no seu lugar ». O substantivo τ'ÉΚĒ quiere pois dizer « arrecadação ». Palavras portuguesas, de orijem artificial, em que o étimo grego figura menos alterado são *hipoteca*, e o muito moderno *pinacoteca*, que para nós veio

<sup>1</sup> W. Pape, GRIECHISCH-DEUTSCHES HANDWÖRTERBUCH, Brunsvique, 1880.

do francês *pinacothèque*, o qual, pela sua parte, é provavelmente mera acomodação do alemão *pinakothek*.

Os romanos receberam dos gregos o vocábulo *apotheca* (ΑΠΟΤΗΚΗ), com o significado de «armazem de arrecadação, principalmente de mantimentos»<sup>1</sup>; e d'êste se derivaram na Península Hispânica, *adega* e *bodega*, ambos os quais querem dizer «casa de arrecadação de vinhos em cubas», desaparecendo no primeiro a sílaba átona *po*, e no segundo o *a* inicial. O último passou depois do castelhano ao português num sentido pejorativo, muito bem explicado por Bluteau, pelas seguintes palavras: — «He palavra castelhana, que val o mesmo, que *Adega*; e de *Bodega* fizerão os Castelhanos *Bodegon*, que val o mesmo, que lugar subterraneo na Adegã, aonde quem não tem quem lhe faça o comer, o acha as mais das vezes mal guisado. Por isso chamamos vulgarmente à Bodega: *O mal cozinhado*. Por Bodega entendem: s huma taverna a modo de barraca, ou cabana, que se arma commummente no campo com paos, e pannos, em ocasião de feira, ou festa popular, ou outro concurso, aonde se cozinha, e vende o comer ao povo» —<sup>2</sup>.

*Botica* deriva Bluteau, com razão, do francês *boutique* — «que é o nome geral de todas as lojas, em que estão mercancias em venda» —<sup>3</sup>, e na realidade assim é, e era, tanto em francês, como em português, pois ainda hoje chamamos *botica do chèche*, a uma loja de miudezas diversas, expressão que provavelmente nos proveio de Macau, e aí quererá dizer o mesmo, e na qual o epíteto deve corresponder ao chinês *chau-chau*<sup>4</sup>, «conservas», ou a outro vocábulo análogo.

Em italiano, também a palavra *bottega* quiere dizer «loja de venda, em geral», e o próprio deminutivo *botequim*, provavelmente antes, *botiquim*, indica que o termo *botica* se não limitava a designar «farmácia».

<sup>1</sup> M. Theil, DICTIONNAIRE LATIN-FRANÇAIS, Paris, 1889.

<sup>2</sup> e <sup>3</sup> VOCABULARIO PORTUGUEZ-LATINO, Coimbra, 1712.

<sup>4</sup> REVISTA LUSITANA, IV, p. 97.

A forma *boutique* francesa não tem aspecto de ser imediatamente derivada do latim *apotheca*, visto que tem *i* por *ē*, e *que* excepcionalmente por *ca*, em vez de *che*: cf. *cheval* { *caballum*, *vache* } *vacca*.

E. Littré <sup>1</sup> é de parecer que o vocábulo tivesse vindo de Itália, atenta a queda do *a* inicial, o que nos leva a crer que o castelhano *bodega* provenha igualmente de *bottega* toscano, onde tal supressão é frequente (Cf. *badessa*, por *abbatessa*). Esta solução, porém, ainda não explica o *i*, a que não encontro outra explicação senão esta:

O vocábulo passou de Itália a França por intermédio de uma forma dialectal que fosse *botica*. ou *bottica*, em vez da toscana *bottega*, e assim se explicaria igualmente o português *botequim*, visto como em veneziano se diz *boteghin*, por «lojinha»; e presumivelmente os primeiros *botequins* pertenceram a italianos, assim como as primeiras perfumarias e as primeiras pastelarias. Essa forma *bottica*, ou *botica*, cuja existência resta averiguar em qualquer dialecto italiano em contacto com a população grega, receber-se-ia desta, quando já certissimamente o *ē* havia adquirido o valor de *i*, que tem no grego moderno, e já tinha no medieval, de modo que a palavra *ΑΠΟΤΕΚΕ*, fosse pronunciada, como hoje em dia o é pelos romaios, *apošiki* <sup>2</sup>.

Bluteau, no Suplemento, rejistando o substantivo *Butiqueiro* diz: — «Em Goa e outras cidades da India Oriental, Butiqueiro é tendeiro, porque os portuguezes da India chamam Butica á loge, ou tenda. Em Goa, Butiqueiros vendem toda a casta de comestiveis, e tambem mezinhas [remédios], tabaco, etc. (Querendo comprar de hum China Butiqueiro). Fr. Jacintho, Vergel de plantas 143 » —.

O próprio vocábulo *tenda*, que a princípio significava «barraca», ao depois «loja», veio por fim a especializar-se no sen-

<sup>1</sup> Dictionnaire de la Langue Française, Paris, 1881.

<sup>2</sup> O sinal § indica a pronúncia do *th* inglês de *thing*, pouco mais ou menos o *c* castelhano antes de *e*, *i*.



tido, já hoje quasi obsoleto, de «loja onde se vendem comestíveis», o que no Porto se dizia *loja de peso*, e em Lisboa mais modernamente se denominou *mercearia*, palavra que do mesmo modo variou muito de sentido com o tempo, pois antes queria dizer «loja de capela»<sup>1</sup>, como o *mercería* espanhol.

#### Adema, adémia

No Elucidário de Santa Rosa de Viterbo figura este vocábulo, com remissão a *admenas*, com o qual o douto frade o identifica, um tanto hesitante.

Pela definição que dá do último, isto é, — «alemedas, passeio, rua de quaesquer arvores frondosas e copadas» —, confrontada com a que atribui a *ademas*, é impossível a identificação, pois estas são definidas por êle próprio nos seguintes termos — «Em muitos documentos que fallão no Campo da Gollegã, e nas ribeiras de Torres, Brescos, e outras no termo de Santiago do Cacem no Seculo xv, e xvi se chamão *Ademas*: as terras planas, e de veiga, ou seara, e mesmo quaesquer outras reduzidas a cultura» —.

Ora *adema*, ou *adémia* já eu o defini, como sendo usado em Coimbra, por informação de Guilherme de Vasconcelos Abreu, que o empregou na CHAND-BIBI<sup>2</sup>: — «O campo... é adémea situada entre montanhas» —.

Veja-se em *adil*.

#### adiça, adiceiro

O NÓVO DICCIONÁRIO<sup>3</sup> de Cândido de Figueiredo traz o termo *adiça* «com o significado» «mina de ouro», capitulado de antigo; não incluiu porém *adiceiro*, que o próprio autor empregou depois no DIARIO DE NOTICIAS de 11 de junho de 1904.

<sup>1</sup> V. Bluteau, *ib.*

<sup>2</sup> Lisboa, 1898, p. 15.

<sup>3</sup> NÓVO DICCIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUÊSA, Lisboa, 1898-1900.

## adil

Esta palavra, já apontada no Suplemento ao NÓVO DICIONÁRIO, é assim definida ali, como transmontana:— «o mesmo que *poisio*. Diz-se «*um adil*»; mas, especialmente: «*estar ou ficar a terra de adil* (Termo de Miranda)» —.

Logo após êste, consignam-se também o verbo *adilar* e o seu participio passivo *adilado*. Nenhum dos três está, porém, abonado, por não entrarem tais abonações no plano do dicionário, o que é de sentir, mormente em vocábulos de novo colijidos.

Para o primeiro tenho eu notada abonação, de escritor transmontano <sup>1</sup>, e é a seguinte:— «*vê a luz, vagando inquieta e soluçante, da alma penada de Santa Cruz, que percorre... milhões de vezes aquelle urzedo, esteval e adil, da fralda á cumiada*» —.

Se bem que o termo é referido ás terras de Miranda no NÓVO DICIONÁRIO, não se encontra êle no Vocabulário etimológico, que forma de páj. 145 a 225 a Parte v do volume II dos ESTUDOS DE PHILOGIA MIRANDESA de J. Leite de Vasconcelos; e, atento ô escrupulo e minuciosidade com que o seu autor compôs esta notabilíssima obra, é de supôr que o termo não seja propriamente mirandês, mas geral transmontano, e como tal o incluí eu no vocabulário de Rio-Frio que publiquei no primeiro volume da REVISTA LUSITANA <sup>2</sup>, (p. 203), onde o defini, «*terra de poisio*», acrescentando:— Cf. *adémia*, *adema*, «*terra no sopé de monte*», ou, «*entre monte e rio, susceptível de qualquer lavoura*» —.

Êste último, com a forma única *adema*, vem apontado no NÓVO DICIONÁRIO, mas capitulado de antigo.

Veja-se êste vocábulo.

<sup>1</sup> M. Ferreira Deusdado, O RECOLHIMENTO DA MÓFREITA, in «Revista de educação e ensino», 1891, e também tirado em separado, simultaneamente.

<sup>2</sup> MATERIAIS PARA O ESTUDO DOS DIALECTOS PORTUGUESES, *Falar de Rio-Frio*.

## adua

Êste vocábulo, que se pronuncia *adúa*, é dado como antigo, pelo DICIONARIO CONTEMPORANEO com a significação de «rebanho», e pelo NÓVO DICIONÁRIO, como alentejano, querendo dizer «matilha de cães». Ambos lhe atribuem como étimo um *ad-dulla*, arábico; o segundo, porém, com um ponto de interrogação, e com razão, visto que, a estar bem escrito o vocábulo arábico, o *l* não haveria desaparecido, por estar duplicado.

Nos meus apontamentos tenho esta palavra como usada em Castelo-Branco com a seguinte significação: «chão público onde pastam porcos, cujo porqueiro é pago em comum». Infelizmente não está abonada esta definição, que provávelmente foi dada de viva voz não sei já por quem.

Ainda no NÓVO DICC., e em seguida a *adua*, lêmos *aduada*, como termo beirão, definido desta maneira — «manada (de porcos)» —. É evidente derivado da *adua*, que é diferente de outro *adua*, *anúduva*, *anúdiva*, incluído em ambos os dicionários indicados, com a significação de uma espécie de imposto, e sôbre o qual se podem consultar com muito proveito, além de Bluteau, no Suplemento, o Elucidário de Santa Rosa de Viterbo, e principalmente o Glossário de Dozy e Engelmann, bem como o de Egúilaz y Yanguas, anteriormente citados, e cujo étimo, também arábico, é diferente (NUDBE), e difícil de se acomodar com a forma *adua*.

No Suplemento ao NÓVO DICC. dão-se mais os seguintes subsídios para o entendimento do significado de *adua*, «rebanho»: — «local onde os porcos, pertencentes a diversos habitantes da mesma povoação, permanecem durante o dia. Colhido no Fundão» —. Êste esclarecimento apossima-se bastante da minha informação acima referida.

Disse que *addulla* não pode ser a escrita certa do vocábulo arábico que se dá como étimo; na realidade, João de Sousa <sup>1</sup>,

---

<sup>1</sup> VESTÍGIOS DA LINGOA ARÁBICA EM PORTUGAL, Lisboa, 1830.

ou antes Frei José de Santo António Moura, que reviu e aumentou a 2.<sup>a</sup> edição, que cito sempre por já não ter a primeira, transcreve o vocábulo com um só *l*. *Addula* (AL-DULE), e dá uma excelente definição, que tudo congraça, e é pena não haver sido aproveitada:— «Rebanho de bois e bestas de qualquer Villa ou Cidade, que sahe a pastar, pastoreado por hum ou mais individuos aos quaes hum dos donos paga mensalmente um tanto por cabeça.—».

Bluteau <sup>1</sup> diz ser palavra alentejana, significando «matilha», como termo de caçador.

O termo *adua* está empregado no seguinte documento official:— «Art. 1. Associações de proprietarios ou hereos das levadas da Ilha da Madeira, ou de qualquer outra região onde haja o mesmo regimen de aguas, ou das *adúas* são reconhecidas como associações legaes para todos os actos juridicos, especialmente para por meio dos seus juizes, direcções ou commissões directoras, quando devidamente auctorizadas pela assembléa dos consortes, ou como proprietarios adquirir, por qualquer titulo legitimo, os bens immobiliarios precisos, com destino á conservação, accrescentamento ou melhor aproveitamento dos mananciaes de agua dessas levadas» —<sup>2</sup>.

Tanto as águas, como as aduas, são bens comuns.

#### adufe

Vem incluído no Dicc. CONTEMPORANEO e muito bem definido, sem abonação porém antiga, ou moderna, visto que o instrumento ainda é usado, em Évora, por exemplo, onde o ouvi tocar na noute de Santo António, há uns cinco anos.

Como abonação pode servir a seguinte:— «Ouviam-se já des-

<sup>1</sup> VOCABULARIO PORTUGUEZ-LATINO, Lisboa, 1712.

<sup>2</sup> CARTA DE LEI DE 26 DE JULHO DE 1838.

cantes pelas ruas [de Lisboa], pandeiretas e adufes para as bandas do Rocío» —<sup>1</sup>.

Abonações clássicas podem ver-se no volume único do Dicionário da Academia, no qual é dado erradamente o étimo arábico, que os mais lexicógrafos teem copiado, quando podiam vê-lo certo em João de Sousa <sup>2</sup>, *adlofe* (ou *addufe*), isto é, AL-DUF, e não *addafo*, que no Dic. da Academia é êrro tipográfico, ou lapso.

### afagar, fagueiro

Vários étimos teem sido propostos para êste vocábulo, partindo todos os nossos lexicógrafos da acepção «acariciar», que desde Bluteau lhe é dada, ou exclusivamente, ou como a primária, e nenhum dêles se deu ao incómodo de averiguar se tais étimos se compadeciam com as correspondentes formas em outras linguas románicas, *halagar*, castelhana, antiga *falagar*, catalã *afalegar*.

O CONTEMPORANEO absteve-se de aventar um despropósito qualquer, como houvera sido prudente que o fizesse com tantos outros vocábulos. F. Adolfo Coelho <sup>3</sup> fez avisadamente apenas a comparação com as formas castelhanas, antiga e moderna. Cândido de Figueiredo <sup>4</sup> deu mais um passo identificando o vocábulo *afugar* com uma forma sem *a* inicial, abonada com Filinto Elisio, *fagar*, que é mais compatível com a castelhana *falagar* (cf. *calabaza* e *cabaça*); e no Suplemento aduziu outra acepção que por mim lhe foi indicada — «desfazer as asperezas, aplanar» —, com a etimolojia proposta em tempo, e depois rejeitada, pelo Dr. Júlio Cornu <sup>5</sup>, (ad)faciem *lagare*, para lhe substituir outra

<sup>1</sup> António de Campos, LUIZ DE CAMÕES, 2.ª Parte, XIV.

<sup>2</sup> VESTÍGIOS DA LINGUA ARABICA EM PORTUGAL, Lisboa, 1830.

<sup>3</sup> DICCIONARIO ETYMOLOGICO DA LINGUA PORTUGUEZA.

<sup>4</sup> NÓVO DICCIONÁRIO DA LINGUA PORTUGUEZA.

<sup>5</sup> Romania IX, p. 131, (1880).

inadmissível fonética, e mesmo ideolójicamente, fallax <sup>1</sup>, porque o *l* geminado não haveria desaparecido em português, e em castelhano teria produzido *l* palatal (*ll*), visto que o vocábulo é em ambas as línguas de origem evolutiva, popular; e ainda porque é sempre de bom aviso em palavras desta espécie averiguar se há um sentido material por elas expresso, e que em regra é a sua primeira acepção, da qual as outras são desenvolvimento.

Outras etimolojias teem sido propostas por diferentes romanistas abalisados, como Frederico Diez, João Storm, Gastão Paris, e outros citados por Körtling <sup>2</sup>, nenhuma das quais porém satisfaz completamente, nem resolve as dificuldades fonolójicas, que o vocábulo apresenta, comparadas que sejam as formas portuguesas *afajo*, (*a*)*fajar*, *fagueiro* (*jã:jueiro*, ou *fagueiro*), as castelhanas *falayar*, *halayar*, *halajo*, *halajueño*, a catalã *afalegar*, e a asturiana *afalagar*. Até agora, portanto, a mais plausível é ainda a primeira proposta por Cornu, apesar das suas pequenas dificuldades fonéticas, principalmente se tivermos em atenção que o sentido em que o vocábulo é usualmente tomado de «acariciar», não pode ser o primitivo, o qual sem dúvida foi o que ainda perdura como termo de marcenaria, isto é, «pôr à face, alisar»: ou mais rigorosamente, como terminolojia técnica, já restrita esta acepção lata, «chegar ao (mesmo) nível a madeira ensamblada, alisando-a, ou, como dizem «afagando-a».

Já em tempo, na revista belga *Muséon*, porém menos circunstanciadamente, me referi a esta etimolojia, ao dar ali conta dos estudos de gramática portuguesa, publicados, como já disse, em 1880, na Romania, pelo actual professor de línguas e literaturas románicas na universidade de Graz, para a qual foi transferido da de Praga, onde rejia cadeira análoga. Mencionei então apenas a mais os vocábulos castelhanos *lagotear*, *lagotero*, «bajular, bajulador», cuja relação com o de que trato aqui me parece agora incerta.

<sup>1</sup> GRUNDRISS DER ROMANISCHEN PHILOLOGIE, I, p. 756, n.º 131.

<sup>2</sup> LATEINISCH-ROMANISCHES WÖRTERBUCH, Paderborn 1890: 300.

Assim, todas as investigações que no futuro se fizerem sôbre a etimologia dêstes vocábulos devem, a meu ver, basear-se numa forma peninsular *fulagar*, significando « alisar ».

#### afreimar

O NÓVO DICIONÁRIO traz esta forma, remetendo o leitor para *afteimar*, e desta para *afteumar*, aparentemente mais próxima de *fleuma* { *phlegma*, e à qual dá como definição « tornar fleumático, pachorrento ».

Não me parece que as remissões estejam bem feitas, pois nos Açóres êste verbo quere dizer « inflamar-se, piorar », e parece extraordinário que o étimo dêle seja o que se lhe atribui; seria mais corrente dar-lhe como étimo imediato o substantivo *freima*, que o mesmo dicionário inclui no respectivo lugar, e em dúvida deriva de *flegma*.

Em todo o caso ficará consignada aqui a acepção em que é tomado, pelo menos em S. Miguel, o verbo *afreimar*, derivado de *freima*, que vem já em Bluteau, no sentido em que hoje empregamos *fleimão*, de *phlegmone*, vocábulo grego, adoptado em latim <sup>1</sup>.

#### agostadouro

Êste vocábulo não está incluído nos nossos dicionários, nem mesmo como provincialismo, apesar de muito bem formado e muito expressivo. Merece bem que aí se lhe dê cabida.

Abonação excelente é a seguinte, que encontramos na primorosa publicação intitulada *Portugalia*, vastíssimo repositório de dições, usos e indústrias do nosso povo, e cujo segundo volume está já sendo publicado:— « Entretanto o rendeiro antigo tem ainda o direito de aproveitar o agostadouro da seara última . . .

<sup>1</sup> Vide O SÉCULO, de 5 de julho de 1901.

comendo-lhe a espiga e sementes com o gado suino que entender, e bem assim com o numero de bois ou bestas estrictamente necessarias ao acarreto respectivo » —<sup>1</sup>.

Êste substantivo pressupõe a existência de um adjectivo *agostado*, particípio passivo de *agostar*, derivado de *agosto*, e que não sei se existe em português, mas vem apontado no Dicionário da Academia espanhola, com a seguinte definição, que aclara o sentido da palavra portuguesa — « pastar el ganado durante el verano en rastrojeras ó en dehesas » —.

A forma *agostudouro* portuguesa corresponde à castelhana *agostadero*, que o Dicionário da Academia não incluiu, mas que é usada, pelo menos, na provincia de Badajoz, onde, como estou informado por pessoa daquella provincia, a meúdo é confundida com *abrebaulero*. « bebedouro ».

agra, agro: campo; agrela, agrelo

Palavras muito corriqueiras no norte de Portugal, não só como nomes comuns, mas também na toponímia, com alguns derivados, dos quais proveem apelidos, por demais conhecidos. Lêmos no primeiro volume de publicação a que já nos referimos, Portugalia, o seguinte, em uma monografia a todos os respeitos digna do maior encarecimento:— « *ayer* . . . na última [acepção] e também da sub-unidade, apparece repetidas . . . vezes em *agro*, *agra* . . . *agrelou* ou *agrela* » —<sup>2</sup>.

Água:

Certos derivados dêste vocábulo e várias acepções dêles ainda não entraram nos dicionários, e por isso apontarei aqui alguns.

<sup>1</sup> J. Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, p. 280.

<sup>2</sup> Alberto Sampaio, AS « VILLAS » DO NORTE DE PORTUGAL, p. 123 e 581.



## aguado

Êste participio passivo do verbo aguar (*àjuár*) tem em Caminha a significação de «guloso».

## aguardente.

Esta palavra, que em Lisboa é pronunciada *âguardente*, em vários pontos do país revela ainda a consciência da sua formação por parte de quem a emprega, pois é pronunciada *âquãrdente*, devendo os que assim a proferem conservar os dois elementos separados na escrita por hífen: *âgua-ardente*. Na COLLECÇÃO DE LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA, referente aos anos de 1753-1762. Suplemento, ainda se imprimiu *agoa ardente*.

A lei de 14 de junho de 1901, publicada no DIÁRIO DO GOVERNO de 15 do dito mês e ano, traz uma interessante nomenclatura das várias espécies de aguardentes (ou *âguas-ardentes*), que tem por bases a gradação centesimal, a matéria prima de que são distiladas, a procedência, e as denominações por que são conhecidas geralmente, quer no comércio, quer no público. Inútil fôra reproduzir aqui essa nomenclatura, mas não o é recomendar que na feitura de novo dicionário da língua, ou na reedição de algum dos já publicados, ela seja tida em atenção com as rigorosas definições que ali são dadas.

## agüista

Êste vocábulo para ser bem figurado, no que respeita à sua pronúncia, deveria ser escrito com três acentos *âgüista*: o primeiro, grave, para indicar que o *a* se profere aberto; o segundo, também grave, para avisar que se profere o *u*; e o terceiro, agudo, como sinal de que o *i* não forma ditongo com aquele *u*, isto é que êle se não lê *aguista*, nem *agüista*. Basta porém o que marquei na epígrafe.

É de introdução recente e significa « o individuo que está em sítio de águas medicinais, para fazer uso delas:— « Vi um telegramma do gerente da empresa de Mondariz, dizendo que os hospedes se oppõem á ida de aguistas do Porto » —<sup>1</sup>.

É provável que seja castelhanismo. Também se diz *aguista*.

agude, agúdia, agúida

O CONTEMPORANEO define *agúdea*, como « formiga de asas » e dá como variante *agude*. O NÓVO DICCIONÁRIO dá a mesma definição da forma *ajúdia*, e atribui-lhe, em dúvida, o étimo *agudo*.

José Joaquim Núñez no seu escrito DIALECTOS ALGARVIOS, publicado na « Revista Lusitana »<sup>2</sup> apresenta-nos as seguintes formas do mesmo vocábulo, e de um seu derivado:—« *aguidão*, » espécie de formiga. Embora o sufixo *ão* seja próprio de aumentativos *ajudião* designa uma formiga de grandeza inferior á de agudia, que o povo diz *aguida*, como tambem *aguidão* » —.

Faltam aqui acentos indispensáveis para se lerem bem os dois vocábulos. *agúida*, *agúidão*, pois de outro modo o *u* deixará de ser proferido, errando-se a pronúncia dos dois vocábulos. A forma *agúida*, por *agúdia*, é análoga à verba seguinte *aipto*, por *hábito*. É fenómeno conhecido êste, em portugûês, de *o i* átono penúltimo de um esdrúxulo passar à sílaba acentuada, formando ditongo, resultando muitas vezes dessa passagem vocábulos parocsítonos; ex.: *Antoino*, forma popular de *António*. *desvaír* por *desvaír*. *chuiva*, no norte, por *chuvia*, de pluvia, *eira*, de area, etc.

alagar, alago

Êste verbo, além das várias acepções apontadas nos dicionários modernos, tem mais a de « deitar ao chão », como palavra

<sup>1</sup> O SÉCULO, de 17 de agosto de 1899.

<sup>2</sup> VII, p. 101.

alentejana, mas que eu ouvi também em Vizela e foi consignada no CONTEMPORANEO.

No volume único do Dicionário da Academia <sup>1</sup> vem indicada já esta significação, pelas seguintes palavras: — « *alluir, subverter* » —. Dá três abonações, uma das quais, colhida nas DÉCADAS de João de Barros, é apropiadíssima: — « Dizia que com punhadas de terra sem mais armas, os seus *alagarião* a Fortaleza » —.

É difícil saber o sentido exacto em que o Padre Cardim emprega o que parece um substantivo rizotónico derivado d'êste verbo, no seguinte passo — « mandou publicar [o rei de Cochinchina] uma chapa ou provisão contra a lei de Deus e contra os padres [da Companhia de Jesus], a qual foi a primeira que naquelle reino se pôs em público e se fixou á porta da igreja que os padres tinham em Taifó. Cahi a porta com os alagos, accusou a aldeia ao padre, que na casa estava, deante de um mandarim, culpando-o de tirar a chapa » —<sup>2</sup>. Confrontado o vocábulo *alago* com *alagar* no passo de João de Barros, citado, deduz-se que é um substantivo verbal, significando talvez « ruína ».

Em Leiria *alagar* é usado no sentido de « deitar a baixo », por exemplo, *parede alagada*, « derribada ».

#### alavão, alabão

D. Rafael de Bluteau, no VOCABULARIO PORTUGUEZ LATINO, dá à primeira destas formas, que escreve ALAVAM, o significado — « manada das ovelhas que dão leite » —, considerando o termo alentejano.

J. Inácio Roquete rejistou êste vocábulo no seu dicionário português-francês <sup>3</sup>, como adjectivo: — « (gado) brebis qui donne

<sup>1</sup> Lisboa, 1793.

<sup>2</sup> BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS NA PROVINCIA DO JAPÃO, p. 182, Lisboa 1894.

<sup>3</sup> DICTIONNAIRE PORTUGAIS-FRANÇAIS, Paris, 1855.

du lait (pour faire le fromage)»—. Cândido de Figueiredo no NÓVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA inclui-o como provincialismo, definindo-o assim:— «gado que ainda mama»—. Não sei com que fundamento lhe é dada aí esta acepção, que todavia não contesto.

O Conde de Ficalho, numa série de artigos publicados na interessantíssima revista de Serpa «A Tradição», intitulados O ELEMENTO ÁRABE NA LINGUAGEM DOS PASTORES ALENTEJANOS <sup>1</sup>, consagrou duas colunas ao termo, examinando a sua significação em todos os aspectos, e diz-nos que a pronúncia constante dos pastores é *alavão*. É natural que no norte do reino, se a palavra lá é usada, ela se pronuncie com *b*. Critica o doutíssimo escritor as definições dadas por vários lexicógrafos, portugueses ou estrangeiros, estes últimos principalmente arabistas, e define o termo do seguinte modo:— «*alavão* no Alentejo significa unicamente o rebanho que dá leite pela ordenha, nunca aquelle em que os borregos ainda mammam. O nome do rebanho anda ligado sempre ao facto de dar leite para os queijos: começa a chamar-se *alavão* no dia em que os borregos se apartam; deixa de se chamar *alavão* no dia em que a ordenha cessa. Esta é a significação da palavra no Alentejo; seria interessante saber o sentido que lhe dão na Serra da Estrella, onde as coisas se passam de modo um pouco diferente»—.

Creio inútil acrescentar uma palavra que seja a tam lúcida e decisiva descrição, feita por quem tinha toda a autoridade e todas as competências para a fazer certíssima.

Diz-se ali, citando João Sousa <sup>2</sup>, que o vocábulo é arábico, *al-laban*, «o leite»—. Pois, apesar d'este étimo tam claro, Eguílaz y Yanguas <sup>3</sup> atribui-lhe como origem *ar-raf*, conforme diz— «mediante el conubio de *r* por la *l*, y de la *f* por la *v*»—. Já é!

<sup>1</sup> I, p. 93-103 (1899).

<sup>2</sup> VESTIGIOS DA LINGUA ARABICA EM PORTUGAL.

<sup>3</sup> GLOSARIO DE VOCES ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL, Granada, 1836.

Com o mesmo acêrto poderia derivá-lo do latim *ovis*, com mudança de *o* em *al* e de *vis* em *avão*: *Alfana vient d'equus, sans doute!*

Para que se não suponha que os nossos dicionaristas foram insensatos em atribuírem ao termo *alavão*, ou *alabão*, o significado de «rês que ainda mama», devo acrescentar que no Dicionário árabe francês de Belot <sup>1</sup> se dá *ALTABAN* com a significação de «mamar» (sucrer le lait), como derivado de *LAVAN*, «dar a beber leite»; o que talvez os levasse à conjectura criticada pelo Conde de Ficalho; é possível também que em alguma parte do reino a palavra tenha aquela acepção.

alberto

Êste nome próprio, conforme informação pessoal que me deram, significa no Alentejo «cântaro pequeno». Não me souberam dizer, porém, o motivo por que lhe foi imposto. Temos mais substantivos comuns, derivados de nomes de pessoas, como *guilherme* «espécie de plaina», já apontado em vários dicionários portugueses; e muito modernamente, *tancredo*, como designando um candeeiro pintado de branco, que serve para indicar os pontos da via pública, onde há parajens dos carros eléctricos, em Lisboa, e que lhe foi dado por comparação popular com um saltimbanco estrangeiro, que apareceu nas praças de touros, muito recentemente, todo vestido de branco, tal qual uma estátua de gesso ou pedra. Confronte-se ainda *josézinho*, que no princípio do século passado designava uma espécie de capote:

Inda que por moda querem  
Que lhes repitam versinhos,  
Tem por modas de mais gôsto  
Convulsões e josézinhos <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> VOCABULAIRE ARABE-FRANÇAIS, Beirute, 1893, p. 717, col. II, 718, col. I.

<sup>2</sup> Nicolau Tolentino, CARTA A UM CABELLEIREIRO: Obras, II, Lisboa, 1801, p. 103.

## alcouce

Este termo, ainda hoje não de todo desusado, vem definido no ELUCIDARIO de Viterbo <sup>1</sup> como — « casa em que se dão cómodos para lascivos commercios » —. Dá-lhe o douto lexicógrafo como étimo um arábico *Alcoued*, « alcoviteiro » —, o que não explica o *ce*.

A etimologia proposta por Dozy <sup>2</sup> *alcoceifa*, dá razão do *c*, mas é inadmissível por ter a mais a sílaba . . . *fa*, que levaria caminho, sem se saber porquê. Eguilaz y Yanguas <sup>3</sup> propõe para substituir a de Dozy, que não admite, a que escreve *aljoçç*, « domus ex arúndine » —, casa de canas —, que tampouco se pode aceitar, porque sendo a palavra antiga na língua, como o prova a inclusão dela no ELUCIDARIO, a 7.<sup>a</sup> letra do abecedário árabe, equivalente ao *j* castelhano actual, estaria representada por *f* em português, e não por *c* <sup>4</sup>, e ao *ou* corresponderia *au* em árabe.

O único vocábulo que pode satisfazer às leis fonéticas que regularam a admissão de vocábulos arábicos em português, recebidos por audição, é, que eu saiba, *qaṣṣ* « arco », e é possível que a situação de algum prostíbulo perto, ou dentro de um arco, ou de uma arcada, tivesse dado origem a ser denominado assim qualquer bordel.

Em Coimbra houve uma porta de Belcouce <sup>5</sup>, no tempo de

<sup>1</sup> ELUCIDARIO DAS PALAVRAS, TERMOS E FRASES QUE EM PORTUGAL ANTIGAMENTE SE USÁRÃO, Lisboa, 1798.

<sup>2</sup> GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869.

<sup>3</sup> GLOSARIO DE VOCES ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL, Granada, 1886.

<sup>4</sup> A. R. Gonçalves Viana, DEUX FAITS DE PHONOLOGIE HISTORIQUE PORTUGAISE, Lisboa, 1892, p. 10.

<sup>5</sup> A. de Campos, LUÍS DE CAMÕES, in « O Seculo », de 10 de junho de 1900.

Camões, e esse nome deveria significar em árabe «no arco» (BAL-  
qaus).

### alcunha

Este vocábulo é hoje por nós empregado no sentido em que os castelhanos usam *apodo*, os franceses *sobriquet*, os ingleses *nick-name*; porém antes estava mais em harmonia com a sua aplicação na língua de onde o tirámos, o árabe, e a que moderadamente se dá ao termo *cognome*. O Dicionário da Academia, volume único, assim o declara, e autoriza-se com um trecho de João de Barros; errou-lhe, porém a etimologia arábica, a qual diz ser *alquenna* (*sic*). Não é isso.

Garcin de Tassy, na sua interessante memória sobre os nomes e títulos moçelmanos <sup>1</sup>, diz a páj. 6-7, que cada árabe tem em geral, pelo menos, três nomes: 1.º o *ólame*, o nome próprio, de baptismo, como dizemos, (prénom); 2.º *kúnia*, o sobrenome (surnom), mas que designa paternidade, ou filiação, e é composto quasi sempre com a palavra *abu*, «pai», ou *abu* «filho», seguida do nome daquele, ou deste; 3.º o *lâqab*, ou verdadeira alcunha, no sentido desta palavra, hoje em dia.

Este étimo já tinha sido indicado nos VESTÍGIOS DA LINGUA ARABICA EM PORTUGAL <sup>2</sup>, transcrito *alconia*. É a mesma cousa.

Com o significado de cognome encontra-se a palavra *alcunha* em português em Damião de Góis <sup>3</sup>: — «e ha Infanta dõna Isabel, que casou com o Duque Philippe de Borgonha, dalcunha ho bom» —.

Covarrubias, contemporâneo de Mariana [séculos XVI e XVII], dá como antiquada *alcuña* — «vale lineage, casta, descendencia; latine, genus, stemma. Es muy usado término en la lengua

<sup>1</sup> MÉMOIRE SUR LES NOMS PROPRES ET LES TITRES MUSULMANS, Paris, 1878.

<sup>2</sup> 2.ª Edição, 1830.

<sup>3</sup> CRONICA DE EL-REI DOM EMMANUEL, cap. III.

castellana antigua, así en las crónicas como en las leys y contractas » —<sup>1</sup>.

### aldeagante

Palavra trasmontana ainda não colijida nos dicionários portugueses, no significado de « viandante », « caminhante ». — « Se seguir o caminho em direcção á Cova da Lua vê o aldeagante (individuo errante) outro milagroso castigo — é um lameiro (prado) convertido n'um profundo lago » —<sup>2</sup>.

No Suplemento do NÓVO DICIONÁRIO de Cândido de Figueiredo vem esta palavra, bem como o verbo de que deriva, *aldeagar*, mas noutra acepção: — « pessoa alegre, desinvolta ». Colhido em Lagoaça — « falar á tôa; alanzoar; tagarelar; falar com animação; gracejar ruidosamente » —.

Antecede-os nesse copioso dicionário o substantivo *aldeaga*, como termo beirão, assim definido: — « tarelo, tagarela, palradôr » —.

Difícil será decidir qual é a acepção primária, se a que é dada nesse dicionário, se a que acima apontámos, autorizada. Desconhecido é igualmente o seu étimo.

### aleixar

Êste verbo, afim do castelhano antigo *alexar*, moderno *alejarse* (pron. *aleyarse*), derivado de *lexos*, *lejos*, cuja origem parece ser, conforme F. Diez<sup>3</sup>, o latim *laxus*, e a significação « afastar ».

<sup>1</sup> apud Ramón Menéndez Pidal, ANTOLOGÍA DE PROSISTAS CASTELLANOS, Madrid, 1899, p. 105.

<sup>2</sup> Ferreira Deusdado, O RECOLHIMENTO DE MÓFREITA. in REVISTA DE EDUCAÇÃO E ENSINO, 1891.

<sup>3</sup> ETYMOLOGISCHES WÖRTERBUCH DER ROMANISCHEN SPRACHEN. Bonn, 1870, p. 143.





«deitar a lonje», segundo a expressão camoniana <sup>1</sup>, vem abonado por F. Adolfo Coelho no seu estudo intitulado *A PEDAGOGIA DO POVO PORTUGUÊS*, publicado na revista *Portugalia* (I, p. 485):—«Quem dos seus se aleixa a Deus leixa»—. É interessante o conceito do adájo, como o é a existência d'este verbo em português, que assim ficou documentada.

### alfa

Este vocábulo, não colijido em nenhum dicionário da língua, vemo-lo abonado e definido num estudo de Albino dos Santos Pereira Lopo, intitulado *BRAGANÇA E BEMQUERENÇA*, publicado no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* <sup>2</sup>, e reza assim o texto:—«era costume nas vespersas de Entrudo, quando se iam revistar as «alfas», ou os marcos divisorios das propriedades particulares, ir o homem mais velho de Donae abrir no «Sagrado» uma pequena cova como signal de que o povo estava de posse d'elle»—.

Com respeito ao que o autor chama *O Sagrado* lê-se algumas linhas antes:—E como tradição dos «Loca Sacra» dos povos desta epocha [pre-romana] tem sido considerado o local a que os habitantes de Donae chamam «o Sagrado», que é um pequeno castro de forma elliptica, coberto de frondosos carvalhos... a norte da povoação... Denominam-no tambem... «Igreja Velha»... a igreja desapareceu, mas o sitio onde ficou lá se conhece ainda hoje, formando uma pequena depressão e é a ella que mais particularmente chamam o «Sagrado»—.

---

<sup>1</sup> Deixas criar às portas o inimigo  
Por ires buscar outro de tão longe,  
Por quem se despovee o reino antigo,  
Se enfraqueça e se vá deitando a longe. —

LUSÍADAS, IV, 101.

<sup>2</sup> 17.<sup>a</sup> Série, 1898-1899, p. 198.

No vocabulário que faz parte do estudo que publiquei no vol. 1 da «Revista Lusitana»<sup>1</sup>, já eu incluíra, como sendo usado em Moimenta, o vocábulo *alfa*, o qual, segundo a informação que dali me fôra prestada, como declarei, significa, marco entre bens comuns e particulares.

No Suplemento ao Nôvo DICCIONÁRIO foi incluído, como termo antigo, o plural *alfas*, no sentido de «fronteiras».

#### alfacinha; tripeiro

São conhecidas as significações dêstes dois vocábulos, que por derisão se aplicam, respectivamente, aos naturais de Lisboa e Porto, naturalmente porque em cada uma destas cidades se dá preferência a certos manjares, na primeira à salada de alface, na segunda a um guisado feito de dobrada de vaca. É também provável que tais alcunhas lhes fossem por escárnio postas por indivíduos nascidos em povoações convizinhas.

Abonação de ambos os termos é a seguinte:— Vemos que a Exposição de Paris é também o que mais preoccupa a attenção tanto do «alfacinha» como do «tripeiro»<sup>2</sup>.

É de notar que *lechupino*, em castelhano, derivado de *lechuga* { lactuca, «alface», se aplica a um «peralvilho» em Espanha.

A palavra *alface*, é de orijem arábica, como se sabe desde João de Sousa<sup>3</sup> (AL-ÇAS), e também é usada em várias partes de Espanha, conforme Eguílaz y Yanguas<sup>4</sup>. Por outra parte, *leituga* em português equivale a *alface brava*.

<sup>1</sup> 1887-1889—FALAR DE RIO-FRIO (Trás-os-Montes), p. 203.

<sup>2</sup> O SÉCULO, de 30 de abril de 1900.

<sup>3</sup> VESTÍGIOS DA LÍNGUA ARÁBICA EM PORTUGAL, Lisboa, 1830.

<sup>4</sup> GLOSARIO DE VOCES ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL, Granada, 1856.

## alfândega

Esta palavra é há muito tempo empregada em Portugal e seus domínios com a significação dada geralmente na Europa latina ao vocábulo *aduana*, assim mesmo em castelhano, *dogana* em italiano, *douane* em francês, isto é, «repartição em que se arrecadam direitos das mercadorias, para que se considerem francas para o seu consumo». Antes, porém, *alfândega* queria dizer «albergaria»<sup>1</sup>, sendo a mesma dição que a castelhana moderna *fonda*, «hospedaria», isto é a palavra arábica (AL)-FAN-DAQ, FUNDAQ, derivada do grego medieval PANDOKEION<sup>2</sup>.

## alfavaca, alfabega, alfadega

Êste termo usual de botânica, o qual procede, conforme o volume único do Dicionário da Academia, citando Pedro de Alcalá, do árabe *habaca*, «manjerição», é aplicado a duas plantas inteiramente distintas; só, serve para designar uma planta aromática, e com um epíteto, *alfavaca de cobra*, é o nome popular de uma parietária.

Conforme informação fidedigna, designa no Riba-Tejo, quer com esta forma, quer sem o prefixo *al*. «a flor da oliveira», *favaca*, e neste sentido não figura em nenhum dicionário, que eu saiba.

Em árabe, segundo o Vocabulário árabe-francês de Belot<sup>3</sup>, a forma é, transcrita, HABAQ, e portanto, o vocábulo dado por Pedro de Alcalá tem a mais o sufixo de unidade.

---

<sup>1</sup> Santa Rosa de Viterbo, ELUCIDARIO DAS PALAVRAS QUE ANTIGUAMENTE SE USARÃO, Lisboa, 1798.

<sup>2</sup> Henrique Yule, THE BOOK OF SER MARCO POLO, THE VENETIAN, Londres, 1875, I, p. 401.

<sup>3</sup> VOCABULAIRE ARABE-FRANÇAIS, Beirute, 1893, p. 101, col. II.

O étimo arábico dado no NÓVO DICIONÁRIO, *alcabaque*, é errado evidentemente no *c* por *h*, e não sei de onde foi copiado.

Em castelhano, conforme o Dicionário da Academia, existem duas formas *alfabega* e *albahaca*, numa das acepções da palavra portuguesa *alfavaca*. Na primeira dessas formas o *q* foi reproduzido por *g*, que parece ter sido em vários vocábulos a sua pronúncia no dialecto arábico das Espanhas (Cf. *açougue*, *q. v.*); na segunda, que pressupõe uma forma mais antiga *alhafaca*, houve metátese entre as duas sílabas internas.

Relacionemos estes vocábulos todos.

No NÓVO DICIONÁRIO vem inscrita esta palavra, com a significação de «manjerona» e sem acento marcado, o que indica ser preceituada a pronúncia *alfadega*, e cita-se um dicionário manuscrito arquivado na Torre do Tombo; Cândido de Figueiredo acrescenta:— «supponho que é alter[ação] de *alfabega*, uma das formas castelhanas, correspondentes á nossa *alfavaca*» —.

No Suplemento, porém, o vocábulo é outra vez inserido, e marcada a pronúncia *alfädega*, com a seguinte explicação:— «ainda hoje se usa, designando o mangericão de fôlhas largas, ou a mangerona» —.

Segundo as informações que tenho, designa sómente, pelo menos em Coimbra, «manjericão de fôlha larga», e não, «manjerona».

No mesmo Suplemento declara-se que *alfabega* por *alfavaca* é também português, usado em Vizela.

O Dic. da Ac. Esp. acentua *alfábega*.

O povo diz *majaricão*, e não *manjericão*, e dêle deriva uma forma deduzida, *majarico*.

alfeça, alfece; alferça, alferce

Bluteau, no Suplemento ao seu VOCABULARIO PORTUGUEZ LATINO, dá ao vocábulo *alfeça* a significação de «safradeira, ferramenta de ferreiro», e descreve-a pelas seguintes palavras:— «Tem figura redonda, com altura de uma mão travessa. Serve

para abrir os olhos das enxadas, alvioens, machados, e martellos, pondo-se em cima quando estão em braza » —.

Francisco Adolfo Coelho, no seu artigo, a todos os respeitos excelente, intitulado ALFAIA AGRICOLA PORTUGUESA <sup>1</sup>, dá-nos *alfece* como sinónimo de *picareta*, estribando-se nos — « nossos lexicologos » —, mas infelizmente não nos oferece gravura dessa alfaia.

J. I. Roquete, no DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA, que é um simples vocabulário, define *alfeça* como ferramenta de ferreiro, tal qual Bluteau, e *alferce* como « enxadão, alvião, picareta ».

O CONTEMPORANEO e o NÓVO DICCIONÁRIO repetem isto mesmo, mas êste último dá a forma subsidiária *alfece*, a par de *alfeça*, e chama a atenção para *alferce*.

Efectivamente, a palavra *alicerce*, actualmente usada, tinha como forma antiga, considerada mais correcta, *alicece*, hoje desusada; e na realidade o *r* não existe no seu étimo arábico, ALASAS, plural de (AL)ASS como declara o Glossário de Eugelmann e Dozy <sup>2</sup>, e no plural é o vocábulo mais freqüentemente usado em português. onde a forma com *r* não é facilmente explicável.

A ser exacta a etimologia apresentada por Coelho e colhida em E. e Dozy, ALFA'S (onde o sinal ' está pelo *emze*, ou indicação de que o *A* vale por consoante, formando a segunda letra radical do trilitero, e que bem se ouve na pronunciação) seria êsse *r* a imitação de tal consoante, e conseguintemente lejitima a sua inserção, tendo pois as palavras *alfece* e *alferce* a mesma origem.

Como, porém, tal motivo se não pode alegar para que se explique o *r* de *alicerce*, e como, por outra parte o Glossário citado dá para *alfece*, como possível étimo, o berbere AFASSEN, plural de AFUS, « cabo de ferramenta » <sup>3</sup>, é temerário, sem investigação ulterior, identificar os dois vocábulos, *alfece* e *alferce*.

<sup>1</sup> in Portugalia, I, p. 400.

<sup>2</sup> GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869, sub v. ALIZACE, castelhana.

<sup>3</sup> ib, sub v. ALFEIZAR.

## alfóstico, alfóstigo, fóstico

Esta palavra, bem acentuada em Roquete <sup>1</sup>, aparece deformada no CONTEMPORANEO com a pronúncia *alfostigo*, que também inconsideradamente foi copiada para o NÓVO DICC. Em castelhano as formas são *alfóstico*, *alfóstigo*, *alfócigo*, todas esdrúxulas. Outra forma portuguesa é *fístico* (Roquete), omissa nos outros dois dicionários, mas que no Vocabulário de Bluteau está incluída, marcada a pronúncia como esdrúxula igualmente (*fístico*).

Para português, como para castelhano, procede imediatamente do árabe (AL)FUSTAQ, correspondente ao grego ΠΙΣΤΑΚΙΟΝ, latim pistacium, do qual proveio o francês *pistache*. e que em última análise é vocábulo semítico. Os árabes trousseram-no talvez da Pérsia. Os franceses receberam-no da forma italiana *pistaccio*, que concorre com *pistachio* para designação do mesmo fruto, ou da árvore que o produz.

## alfresses, alfrezes

No Elucidário de Viterbo vem êste vocábulo (*alfrezes*) assim definido:— «Alfaias e moveis de uma casa»—, abonado com o seguinte trecho:— *Calças. Alfrezes. especias, bacias, agumys*, e outras cousas que tragem pera si —, documento de 1352»—.

O NÓVO DICCIONÁRIO incluiu-o no Suplemento como antigo, e ampliou-lhe o significado com — «variedade de panos ricos, própria para armações; certos enfeites do vestuário»—.

Num curioso artigo de Sousa Viterbo, intitulado AS CANDEIAS NA INDUSTRIA E NAS TRADIÇÕES POPULARES PORTUGUEZAS <sup>2</sup>, e onde, seja dito de passagem, as gravuras representando candeias não vem a propósito, pois êste vocábulo nos textos aduzidos tem

<sup>1</sup> Dictionnaire Portugais-Français, Paris, 1855.

<sup>2</sup> in Portugalia, I, p. 365-368.

o seu significado antigo de « vela »; nesse artigo, dizemos, ao citar um documento, extrata dêle vários vocábulos, entre os quais, porém, não figura o que nos interessa aqui e no mesmo documento vem citado por estas palavras:— « folha douro e de prata e dalfrezes trenas, retros... »—o que seria ininteligível se *alfrezes* ali estivesse por *alfaias*, *móveis*.

Parece pois ter razão o Nôvo Dicc. em lhe atribuir a acepção citada, ou a de « guarnições » para vestiduras, ou tapeçarias.

Eguílaz y Yanguas <sup>1</sup> traz êste vocábulo, e dá-lhe o étimo arábico *ALFARXE*, « tapetum »; e deve ser no sentido de « tapete » que ali está empregada a palavra, ou noutra muito perto dêste.

Vê-se por aqui também que a escrita com *z* é errônea, pois no documento o *s* está por *ss*, visto proceder do *x* arábico: cf. *alvissaras* (e não, *alviçaras*), de *ALBIXARE*, sôbre o qual veja o leitor ORTOGRAFIA NACIONAL, páj. 113, em que se provou que a ortografia dos antigos escritores é com *ss* e não com *ç*, e na sua correspondência a *x* arábico se fundamentou a excepção aparente de *s* português em palavras dessa origem.

No Dicionário árabe-francês de Belot <sup>2</sup> dão-se como correspondentes franceses de *FARXE* « lit, natte; matelas ».

Assim *alfrezes*, no artigo a que me referi, é êrro de transcrição e não será o único do texto aduzido.

### algar(a)via

Esta palavra, que no uso actual quere dizer « modo confuso de falar, linguagem estrangeirada, ou estrangeira », é defeituosamente definida no CONTEMPORANEO:—modo de falar próprio dos habitantes do Algarve —, acepção que ninguem lhe dá, e que seria dispartada, pois não é tam indistinta e especial a pronúncia

<sup>1</sup> GLOSARIO DE VOCES ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL, Granada, 1880.

<sup>2</sup> Beirute, p. 581, col. I.

dos naturais daquela formosa província, que justificasse tal denominação.

O NÓVO DICIONÁRIO define bem:— «linguagem árabe; confusão de vozes; cousa [melhor fôra linguagem] difficil de entender» —.

O *a* depois do *r* é uma vogal, como técnicamente se diz, anaptictica, ou intercalar, desunindo o *r* do *v* (cf. o popular *carapinteiro*, por *carpinteiro*).

*Algarvia*, ou *algaravia*, é o arabe ALOBBIE, e quere dizer «o árabe». A primeira fôrma sem a vogal intercalar figura em um adájo citado por F. Adolfo Coelho, no seu estudo sôbre A PEDAGOGIA DO POVO PORTUGUÊS <sup>1</sup>:— «Em casa de mouro não falles algarvia» —.

No ROTEIRO DA VIAGEM DE VASCO DA GAMA <sup>2</sup> a palavra *aravia* tem o mesmo significado:— «e alguns delles [índios] sabem alguma pouca d'aravia» —.

O *g* está ali como figurando a pronúncia da 18.<sup>a</sup> letra do abecê arábico, o  $\xi$ , que acima transcrevi por *o*; ao passo que em *Aljarve* a mesma letra está pela 19.<sup>a</sup>, que transcrevo por *y*, e que é um *g* fricativo proferido no palato mole: AL-YARB «o poente», vocábulo diferente e que só remotamente é afim de OARAB, «arabe».

Outra fôrma do vocábulo *algar(a)via* é *algravia*, com o *a* de *-gar-* elidido, citada por Bluteau <sup>3</sup>, e abonada com Bernárdez — «Não imaginemos que ha aqui mais *Algravias*, nem cousas escondidas, e secretas». (LUZ E CALOR, p. 249) —.

A definição dada pelo doutíssimo lexicólogo é perfeita:— Termo Arabico, que significa a lingua que os Arabios fallam.— Onde o CONTEMPORANEO foi desencantar a significação que lhe dá, é que ninguém poderá descobrir.

O derivado *alg(a)raviada* é mais usado popularmente do que o primitivo. Cf. *alarve*, que significou «o árabe».

<sup>1</sup> in Portugalia, I, p. 488.

<sup>2</sup> Lisboa, 1861, p. 46.

<sup>3</sup> VOCABULARIO PORTUGUEZ-LATINO, sub v. Algaravia.



ahora!

Esta interjeição, contraída provavelmente de *olhe ora!*, é dada por Henrique Lang <sup>1</sup> como usada nos Açôres.

aliás

Fêmea do elefante: Frei Gaspar de Santo Agostinho, ITINERÁRIO DA ÍNDIA, cap. xv. Esta nota foi-me subministrada pelo sr. Guilherme de Vasconcelos Abreu.

aljamia, aljemia; aljám(i)a?

A primeira forma é a preferida pelo arabista David López <sup>2</sup>, e na escrita a que se emprega em castelhano; mas nos nossos antigos escritores parece que era mais usada a segunda. Duarte Núñez de Leão, por exemplo, diz: — « e ainda entre Mouros, que a tem por sua algemia [a língua castelhana] » — .

Denominava-se assim o castelhano, o português, qualquer das línguas románicas da Península Hispánica, por opposição a *algarvia*, (*q. v.*) que era o árabe. A *aljumia*, ou *aljemia*, conforme vemos em Eguílaz y Yanguas <sup>3</sup>, designava também o árabe corrufo falado pelos mouros de Espanha. *ΛOGAMIE* é o femenino de *ΛOGAMI*, que significa « o que fala língua [románica], de Espanha », e neste sentido o vemos empregado no trecho citado pelo douto arabista espanhol — « Ordenamos i mandamos que pasados tres años, el qual dicho tiempo damos para que puedan

<sup>1</sup> REVISTA LUSITANA, II, p. 52.

<sup>2</sup> TEXTOS EM ALJAMIA PORTUGUEZA, Lisboa, p. 189.

<sup>3</sup> GLOSARIO DE VOCES ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL, Granada, 1886.

los Moriscos aprender á hablar i escribir nuestra lengua castellana, que dicen ellos *aljania* etc.» Ley 13, tít. 2.º, lib. VIII, *Nueva Recopilación* —.

A palavra significa também «assemblea», mas esta talvez tenha de acentuar-se *aljámia*, visto que a forma dada por Viterbo no ELUCIDARIO é *aljamias*, «congregações».

#### aljibe, aljibé (?); aljube

O NÓVO DICIONÁRIO inclui as duas formas, abonando sómente a primeira, que parece ser a verdadeira. Outra abonação dela é a seguinte, em que se contém a sua definição, como termo de marinhas de sal:— «D'ahi [a água salgada] passa para outros [tanques] menores, chamados algibes» —<sup>1</sup>.

A palavra já existia colijida em outros dicionários, com a significação de «cisterna onde se recolhe a água da chuva», como se lê no CONTEMPORANEO.

Existe também em castelhano *aljibe*, hoje pronunciado *aljibe* <sup>2</sup>, e parece ser uma forma paralela de *aljube*, o qual em árabe quere dizer «calabouço», e própriomente «furna» (ALGUBB). No sentido de prisão é bem conhecido em Lisboa êste nome, por ser o de uma cadeia quási fronteira à do Limoeiro; mas o vocabulo continua a ter o significado geral de «prisão pública».

#### aljofaina

Esta palavra, ou sem o prefixo *al*, simplesmente *jofaina*, que significa no castelhano hodierno «bacia de lavar as mãos, a cara» (pronunciada *yofaina*), é, conforme todos os etimólogos, a forma deminutiva arábica GUFÁINE, deminutivo de GAFNE, «alguidar», com, ou sem o artigo AL.

<sup>1</sup> O SECVLO, de 10 de junho de 1901.

<sup>2</sup> *y* representa o valor do *j* castelhano actual.

Não incluiria aqui este vocábulo, se o não visse escrito no artigo AS OLARIAS DO PRADO, de Rocha Peixoto <sup>1</sup>, no seguinte passo, em que parece indicar ser português:— «Atribuiu-se o moringue a uma importação da India e americana, aos arabes o alguidar, a aljofaina e a almotolia»—.

### alma

Esta palavra, além do sentido geral que expressa, tem muitos outros, quer só por si, quer acompanhada de epítetos, e quasi todos, se não todos, teem sido apontados nos dicionários.

Um de que ainda não vi menção e que é difficil perceber qual seja, encontrei-o no seguinte passo de uma fôlha diária, que há muito tempo se converteu em mensal, mudando a sua antiga índole para outra mais conforme com o título <sup>2</sup>:— «O *Jornal de Estarreja* conta o seguinte caso: «Um d'estes dias foi encontrado junto ás *almas* de Cristello. . . um pobre homem quasi nu, preso a um pinheiro»—. ¿Será *painel das almas*?

No PORTUGAL ANTIGO E MODERNO <sup>3</sup>, de Pinho Leal, obra que, a par de muitos desacertos, contém muita matéria utilissima, procurei debalde no artigo *Estarreja* e naqueles para que faz chamadas, *Antuã*, *Beduído*, *Laranjo*, qualquer referência às *almas*, de que fêz menção o dito jornal. Cf. *alminhas*, q. v.

### almandra, almandrilha

Num anúncio, publicado no periódico O ECONOMISTA, de 4 de novembro de 1882, encontra-se o segundo vocábulo, não colijido, significando uma espécie de «contaria», ou «avelório».

---

<sup>1</sup> in *Portugalia*, I, p. 241.

<sup>2</sup> O ECONOMISTA, de 12 de agosto de 1885.

<sup>3</sup> Lisboa, 1873-1886.

*Almandra* é definido no Nôvo Dicc. como vocábulo antigo, com as significações de «colcha, alcatifa», que não estão abonadas, mas sem dúvida foram adoptadas do ELUCIDARIO de Viterbo, onde se conclui com estas palavras a inscrição:— «Parece que Almandra é colcha ou alcatifa de linho e lãa. V[ide] Ducangz v. Tiretanus»—.

Eguilaz y Yanguas <sup>1</sup> admite o vocábulo, citando o ELUCIDARIO, e deriva-o de um arábico AL-MANTA, que seria o mantum a que se refere Isidoro Hispalense <sup>2</sup>, o que não tem visos de probabilidade, pois não explica nem o *d*, nem o *r*. Parece ter relação com *alma(n)trixa*, cujo étimo está ainda por averiguar, apesar do seu aspecto arábico.

*Almandrilha* vem já no Suplemento ao Nôvo Dicc. definida como «conta alongada», e abonada com Capêlo e Ivens <sup>3</sup>, mas a citação foi omitida e é assim:— «O explorador pôde levar consigo missanga grossa, missanga miuda, Maria segunda <sup>(1)</sup>, que é indispensavel, cassungo <sup>(1)</sup> de variadas côres, almandrilha <sup>(2)</sup> apipada e riscada»—.

As notas dizem:— «<sup>(1)</sup> conta encarnada pequena, interiormente branca, de 0,003 de diametro»—. «<sup>(1)</sup> conta de bordado»—. «<sup>(2)</sup> conta alongada de 0,01 de comprido»—.

O adjectivo *apipado* «em forma de *pipo*» vêmo-lo também applicado a contaria, junto ao substantivo *coral*, em um anúncio publicado no jornal O ECONOMISTA, de 4 de novembro de 1882.

*Almandrilha* parece não ter relação com *almandra*.

alma-negra, ou anjinho

É nas ilhas da Madeira e de Porto-Santo o nome de uma ave, como vemos na valiosa monografia do P. Ernesto Schmitz,

<sup>1</sup> GLOSARIO DE VOCES ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL, Granada, 1886.

<sup>2</sup> ETYMOLOGIARUM SEU ORIGINUM LIBRI XX.

<sup>3</sup> DE BENGUELLA ÀS TERRAS DE IÁCCA, Lisboa, 1881, I, cap. I, p. 6-7.

intitulada DIE VÖGEL MADEIRAS. O nome desta ave na nomenclatura zoológica é, conforme o dito autor, *Bulweria Bulveri* <sup>1</sup>.

almanxar; almeixar, almeixiar, almixar, almexar, almeixiar

O NÓVO DICIONÁRIO inclui a segunda destas formas, com chamada à primeira, que ortografa *almanchar*, mas que se deve escrever *almanxar*, se na realidade a forma é lejitima, e define-a do modo seguinte:— «(prov[incialismo]) logar onde se seccam os figos»—. A escrita errónea com *ch* foi copiada da citação que já vou fazer.

Nos meus apontamentos tenho a forma *almeixiar*, que encontrei no ECONOMISTA de 5 de novembro de 1885, em citação do JORNAL DA MANHÃ, a qual é assim:— «Roda depois para o almeixiar onde é lançado em esteiras [o figo]»—.

O vocábulo vem já entre os aditados por Moura aos VESTÍGIOS DA LINGOA ARABICA EM PORTUGAL, de João de Sousa <sup>2</sup>, e dá-se-lhe como étimo o árabe ALMANXAR, e como definição a seguinte:— «O estendedouro. Assim se chama no Algarve á eira, aonde se põem os figos, e outras fructas a seccar»—.

O Glossário de Engelmann e Dozy <sup>3</sup> traz a forma *almanchar*, de Moura, remetendo porém para *almixar* castelhana (hoje escrita *almijar* e pronunciada *almiçar*), usada na Andaluzia, derivando-a do árabe AL-MIXAR, deduzido do radical XARR— «exposer quelque chose au soleil afin de le sécher»—, «expor ao sol para secar».

Dozy anota Engelmann, declarando lejitima a forma portuguesa *almanxar*, procedente de outro verbo NAXARA «estender», e acrescenta:— «mais comme on étend les choses qu'on veut sé-

<sup>1</sup> in «Ornithologisches Jahrbuch», 1899, I fascículo.

<sup>2</sup> Lisboa, 1830.

<sup>3</sup> GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869.

cher (Ibn-al-'Anwan, I, 669 emploie le participe *manchour* en décrivant la manière dont il faut sécher les figues), *almanchour* a reçu le sens de séchoir, lieu où l'on fait sécher les toiles, etc. (Boethor) » —.

O douto arabista diz mais que *almixar* deve ser corrutela de *almanxar*, porque o verbo *xarra* no sentido de «secar» não era popular, e porque a forma de vera ser *almaxar* «sequeiro», e não *almixar*, que significaria «aquilo com que se seca».

Seja como fôr, vê-se que as duas formas existem, e que a segunda se deverá escrever *almixar*, *almexar*, *almaxar*, ou mesmo *almexiar*, mas não, *almeix(i)ar*.

#### almeidina

Esta palavra, que parece derivada artificialmente do nome próprio *Almeida*, veio no ECONOMISTA de 7 de agosto de 1885 explicada como querendo dizer — «borracha branca de Mossamedes» —.

#### almeixar, almixar

#### V. em almanchar.

#### alminha, alminhas

No singular, significa no Minho o «mealheiro das almas»<sup>1</sup>; no plural «painel das almas». V. *almas*.

#### almuadem, almuédano, muezzin

No Suplemento ao Nôvo Dicionário declara-se, com razão, ser afrancesada a forma *muezzin*, que para aí usam escritores pouco lidos em livros portugueses de boa nota. A forma, porém,

<sup>1</sup> Arnaldo da Gama, O SEGREDO DO ABBADE, p. 56.

que no mesmo dicionário se propõe para a substituir nenhuma vantagem traria, pois equivalia a trocar um galicismo por um castelhanismo, sendo ambos inúteis porque existe a forma portuguesa *almuadem*, pronunciada *almuádem*, ou *muádem*, sem o artigo, a qual perfeitamente corresponde à arábica *AL-MUAŠIN*, «pregoeiro». É o indivíduo incumbido de chamar, do alto do alcorão da *mezquita*, os fiéis às rezas diárias. O próprio autor havia rejistado no corpo do dicionário este vocábulo, escrevendo-o *almuhádem*, com um *h* a mais.

Alberto de Oliveira emprega a forma *mueddin*, que é legitima, porém, inútil, visto que a palavra já de há muito existe aportuguesada, como disse:— «E de repente surgiram em todos os minaretes... os vultos direitos e phantasmaticos dos *mueddins*» —<sup>1</sup>.

Cumpre notar que também emprega no mesmo escrito, aliás de grande interêsse, as formas *minarete* e *soco*, errónea esta em vez de *açougue* (*q. v.*)

A forma francesa *muezzin*, que tem de ser pronunciada *muezine*, e não *muezê*, explica-se porque a nona letra do alfabeto arábico é proferida por muitos barbarescos defeituosamente como *z*, em vez de lhe darem o seu verdadeiro valor, o do nosso *d* entre vogais, diferente do *d* inicial, a que corresponde a oitava. Por todas estas razões, e ainda porque o acento tónico é em francês deslocado para a última sílaba, se vê que a mais perfeita representação do árabe *ALMUAŠIN* é o português *almuádem*. A figura *S* representa aquela nona letra. V. *muezzin*.

#### almoçadeira

Em Caminha este vocábulo significa o que em Lisboa se chama *chícara de almôço*.

A propósito de *chícara* veja-se *chávena*.

---

<sup>1</sup> O SÉCULO, de 23 de outubro de 1905.

## almofada, almofadinha

No sul do reino chama-se *almofada da cama*, ou *almofadinha*, ao que no centro e norte se denomina *travesseira*, isto é, «a almofada que na cama se põe sôbre o travesseiro», que em francês se chama *oreiller*.

Esta acepção é já antiga, pois o Padre António Francisco Cardim no XVII século emprega o vocábulo neste mesmo sentido — «o dormir era sôbre uma esteira velha, um pau ou pedra por travesseiro e almofada» —<sup>1</sup>.

## aloés

Hoje é moda acentuar-se êste vocábulo, como se fosse latino, *áloès*, pronúncia inadmissível em português. A acentuação antiga era *aloés*, e nenhuma razão plausível existe, que justifique o pedantismo da pronúncia moderna. Frei Gaspar de Santa Cruz escreveu: — «babosa, ou erva aloés» —<sup>2</sup>. Sôbre êste vocábulo veja-se a erudita nota do Conde de Ficalho aos COLÓQUIOS DOS SIMPLES E DROGAS DA INDIA, de Garcia da Orta<sup>3</sup>.

## alôjo

Esta dição, talvez usada no sul com o significado de «alojamento», e muito bem formada, é um substantivo verbal rizo-tónico, isto é, com o acento tónico sôbre a última sílaba do radical, e vem exemplificado no seguinte passo da ETHNOGRAPHIA

<sup>1</sup> BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS NA PROVINCIA DO JAPÃO, Lisboa, 1894, p. 206.

<sup>2</sup> ITINERÁRIO DA ÍNDIA, cap. IX.

<sup>3</sup> Lisboa, 1892, vol. II, p. 60 e seguintes.



DO ALTO ALEMTEJO, de J. da Silva Picão <sup>1</sup>:— «com pateo, ou sem elle, ao rez do chão, outros com sobrados, reúnem em geral alojó sufficiente para uma lavoira mediana»—. Refere-se o autor aos montes, ou «casais», e a citação contém abonação também para a palavra *sobrado*.

Todo o estudo, que é de muito interêsse, abunda em termos e locuções locais, o que lhe dá grande valor como documento lexicográfico dialectal.

#### aloquete

É uma forma derivada com *a* prostético, variante da palavra *loquete*, já rejistada em vários dicionários, com o significado de «cadeado de argola». A. A. Cortesão abona a forma *aloquete*, com um passo de Camilo Castelo-Branco <sup>2</sup>.

#### alquilar, alquilé

Tanto o primeiro destes vocábulos como o segundo são castelhanismos, significando o primeiro «alugar», e o segundo (*alquiler*), «aluguer», ou com assimilação do *r* ao *l*, «aluguel»; mas em português tomaram o sentido restrito de «alugar» e «aluguer», com relação a cavalgaduras. Modernamente, *alquilé* significa especialmente a pessoa que se ocupa em compras, vendas e trocas de jumentos, cavalos, ou gado muar; os espanhóis chamam-lhe *chalán*, os franceses *maquignon*.

O vocábulo *alquilé(r)* é indubitavelmente arábico, entanto que o português *aluguel*, *alugar* provém do latim *ad-locare*, com uma mudança, de *o* em *u*, anormal e inexplicada.

<sup>1</sup> *in* Portugalia, I, p. 356.

<sup>2</sup> SUBSÍDIOS PARA UM DICIONÁRIO COMPLETO... DA LÍNGUA PORTUGUESA, Coimbra, 1900.

## alquitete

Êste aporluguêsamento popular da palavra culta *arquitecto* tomou já uma acepção especial, que lhe dá direitos a figurar nos dicionários, como palavra independente e expressiva. Eis aqui um exemplo:— «O imperio dos mestres d'obras, vulgarmente conhecidos por *alquitetes*, foi sem duvida a causa primaria d'essa variedade de gaiolas que por ahi se vêem, e a que se dá o pomposo nome de *predios e palacetes*» —<sup>1</sup>.

## altamado

Tenho, sem abonação, êste vocábulo nos meus apontamentos, como termo çaloio, com a significação «de tudo, de todos, uns por outros»; exemplo, *panos altamados*, «de todas as qualidades». Parece ser uma contracção de *alta e mala*, de que se formasse um verbo *altamar*, do qual se deduzisse êste participio passivo, empregado como adjectivo.

Numa das Sátiras do portuguesíssimo Nicolau Tolentino lê-se <sup>2</sup>:

Feita a geral cortesia,  
Pé atrás, segundo a moda,  
Daremos á mãe e á tia,  
E depois a toda a roda  
Alto e malo a senhoria.

O NÓVO DICCIONARIO rejista a expressão *altamala*, no sentido de «à pressa», «sem escolha» e aventura-lhe como étimo, mas em dúvida, *ata + mala*, o que é inadmissível. Declarando o seu autor que a locução é antiga, sem aboná-la, é manifesto que não

<sup>1</sup> O DIA, de 18 de julho de 1905.

<sup>2</sup> Obras, I, p. 173.

podia ter por étimo uma palavra que é de introdução moderna, *mala*, e pouco empregada pelo povo.

### alude

Este vocábulo, usado por Gonçálvez Guimarães para traduzir o francês *avalanche*, é assim definido pelo douto professor:— « Os crýstaes ou frocos de neve, accumulando-se uns sobre os outros no mesmo local, comprimem-se reciprocamente em virtude do seu pêso, e agglutinam-se... para se formarem esses perigosos *aludes* (= fr. *avalanches*), que se precipitam pela encosta da montanha, arrastando com a sua massa grandes pedregulhos, lascas de rochedo e tudo quanto se lhes depara na passagem; até que a final, quando a temperatura excede o limite de 0°, a fusão da neve torna-se inevitavel, e a agua passa a incorporar-se em qualquer torrente ou ribeira vizinha, ao mesmo tempo que os materiaes sólidos se depositam pela maior parte » —.

À palavra *aludes* lê-se no pé da pájina a nota seguinte:— « Nas regiões montanhosas da Hespanha este phenómeno é designado pela palavra *alud*, de emprêgo hoje corrente na litteratura scientifica, donde a transcrevemos, por nos parecer mais conforme com a índole da nossa língua do que o fr. *avalanche*. A palavra é de origem árabe, e decompõe-se no artigo *al* e na raiz *ad* que significa precipitar-se ou cair pesadamente. Em italiano diz-se *valanga* e em all. *Lawine* » —<sup>1</sup>.

Na SELECTA DE AUTORES FRANCESES que, editada pela casa Aillaud & C.<sup>a</sup> em 1897, foi presente ao concurso de livros escolares e aprovada, pusera eu uma nota ao trecho n.º 20<sup>2</sup>, extraído de Eliseu Reclus, com o nome de « Une tourmente dans les Alpes ».

Não sabia eu então que o autor dos ELEMENTOS DE GEOLO-

---

<sup>1</sup> ELEMENTOS DE GEOLOGIA, 2.<sup>a</sup> ed., Coimbra, 1897, p. 167.

<sup>2</sup> p. 146.

GIA tivesse tido a mesma lembrança, sem um saber do outro. A minha nota é assim concebida — «*déblayé par les avalanches*» varrida pelas *avalanches*. «Não há, ao que parece, vocábulo português que traduza êste; em castelhano chama-se-lhes «*aludes*, palavra que poderia passar para português. *Avalanche* «significa mole de neve e gêlo, que vae, lentamente ao principio, precipitadamente depois, deslizando pela serra abaixo e «despedaçando tudo que encontra no caminho» —.

No singular; a adoptarmos o vocábulo espanhol, teremos de escrever um *e* final, *alude*; cf. *saúde* com o castelhano *salud*, *cidade* com *ciudad*.

Quanto à etimologia árabe, parece-me duvidosa. A Academia espanhola, no seu Dicionário dá como étimo o latim *alūta*, «pele curtida», o que é absurdo como sentido, sendo já por si a forma incompatível com a espanhola.

Como abonação de *alude* em português, já em sentido figurado, temos a seguinte: — «era um dilúvio, um alude de perguntas» — <sup>1</sup>.

Outro étimo, alluuium, que já foi aduzido, conquanto satisfatório no significado, é formalmente inaceitável, visto como o *u* latino não poderia dar o *d* final castelhano, o qual, a ser latino o étimo, pressupõe uma terminação -utem; cf. *salud* {salutem.

#### alustre

Em Bragança usa-se êste vocábulo no sentido de «relâmpago» <sup>2</sup>.

#### alvela, alvéola, arvéola, *alverôa*

Esta galantíssima ave, que tantos nomes tem, conforme as rejiões da nossa terra, é em Lisboa conhecida pelo de *arvéola*.

<sup>1</sup> MISS TEMPÊTE, tradução portuguesa, II parte, XI, in «O Seculo», de 13 de abril de 1901.

<sup>2</sup> REVISTA LUSITANA, III, p. 67.

Em Gil Vicente, a forma é, porém, *avela*, como vemos no AUTO DAS FADAS:

*Avela* — Esta avezinha formosa  
Faz que aguarda,  
Mas, pardeos, muy bem se guarda;

o que perfeitamente condiz com o adágio citado por Bluteau no VOCABULARIO PORTUGUEZ-LATINO: — «Diz o adagio portuguez, Quem mata *Alveloa*, sabe mais que ella. . . » — No Voc. vem o vocábulo acentuado como *Alvèola*, isto é *alvéola*, que é a acentuação comum; mas o NÔVO DICIONÁRIO consigna uma forma *alve-rôa* como provincial, abonando-a <sup>1</sup>.

O radical desta palavra é, sem dúvida, *alvo* { lat. *albus*; o modo de derivação, todavia, é difficil de explicar. F. Adolfo Coelho <sup>2</sup>, parte da forma *avela* como mais correcta, de *alva* + sufixo *ela*. Todavia, se confrontarmos as formas *baga bago* (ant. *bágo*) com *mágoa* { *macula*, teremos de concluir que *alvéola* é a forma inicial portuguesa, e que dêste modo o seu étimo é obscuro.

#### ama

Esta palavra, cuja identificação e orijem são problemáticas, pois se encontra, com significações muito apossimadas, em idiomas de famílias diferentes e irreduzíveis a um só tipo, como são o vasconço *ama*, «mãe», o hebraico (א)עַמ, «mãe», a par de (א)אַמָּה, «serva, môça», e o alemão *amme*, «ama de leite», sem que se possa supor proveniência directa de uma delas a respeito de qualquer das outras; esta palavra, digo, além de outras acepções que tem recebido em portugûês, e das quais as mais comuns são «ama de leite», e «patroa», adquiriu no Brasil significado inteiramente oposto ao segundo, e naturalmente deduzido

<sup>1</sup> Suplemento.

<sup>2</sup> DICIONARIO ETYMOLOGICO DA LINGUA PORTUGUEZA, Lisboa.

do primeiro, como se vê do passo que vou transcrever:— «Cheguei de regresso a casa, quando a nossa *ama* (criada), veio chamar-me para o jantar» —<sup>1</sup>.

Análoga a esta especialização, e talvez orijem imediata dela, é a palavra *ama*, quando se emprega na locução *ama de clérigo*, ou na castelhana *ama de llaves*, «governante»; funda-se em que, se tal *ama* é serviçal do patrão ou patroa, é por outra parte quem governa a mais criadagem.

Aparentada com esta locução é ainda *ama da roupa*, que na ilha de Sam Miguel se usa para designar «lavadeira»<sup>2</sup>.

#### ámago, amago

Júlio Cornu dá como étimo a êste obscuro vocábulo, cujas formas antigas cita, *meiagoo*, *maiagoo*, *maagoo*, *meoogo*, *meogoo*, *meogo*, o latim *medius locus*, «lugar do meio»<sup>3</sup>. A ser certo o étimo, que na forma actual está bastante desfigurado, temos de supor que a acentuação actual é errónea, e que a verdadeira seria *amágo*. Não era de estranhar que, tendo saído do uso vulgar a palavra, os doutos a revivessem com êrro de acentuação, como aconteceu a *pantáno* (*q. v.*), hoje acentuado *pántano*, não obstante a forma feminina *pantána*, e o castelhano *pantáno*, que mostram qual era a verdadeira acentuação.

#### amassaria

Esta dição já foi no NÓVO DICIONÁRIO apontada, com o seu significado de— «casa, logar onde se amassa farinha» —mas sem

<sup>1</sup> «Bosquejo de uma viagem no interior da Parahyba e de Pernambuco», in O SECULO, de 8 de julho de 1901.

<sup>2</sup> O SECULO, de 5 de julho de 1901.

<sup>3</sup> V. também REVISTA LUSITANA, III, p. 150.

abonação. Está autorizada com o seguinte passo de J. Inácio Ferreira Lapa <sup>1</sup>, escritor douto e escrupulosíssimo na pureza e propriedade da linguagem:— «A amassadura a braço é geralmente praticada na mesma casa em que se acha estabelecido o *forno de cozer*; algumas vezes êste trabalho verifica-se em casa contigua que tem o nome de *casa da amassaria*»—.

Não é pois neolojismo o emprêgo dêste vocábulo no seguinte trecho, que transcrevo do curioso estudo de J. da Silva Picão, *ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO* <sup>2</sup>:—«*AMASSARIA*.—É a casa do fabrico do pão de todas as qualidades, que se consome no monte [casal]. Tomando-se por base a importancia do consumo, temos em primeiro lugar o pão de centeio, denominado *marrocate*, que se dá aos creados e «maltezes»; em segundo o pão de trigo, —*branco* e *ralo*, que é respectivamente para amos e creados de portas a dentro; em terceiro e ultimo, as *perrumas*, pão de farelos de centeio com que alimentam os cães de gado»—.

Se *perrumas* não é aqui êrro tipográfico por *perrunas* e portanto castelhanismo, como outros da linguagem dessa província, pois em castelhano *perruna* é também— «especie de pan muy moreno y grosero, que ordinariamente se dá á los perros <sup>3</sup> [cães],—; se não é êrro tipográfico, repito, e parece que não, pois o vocábulo já está rejistado no *CONTEMPORANEO*, é êle uma forma curiosa do adjectivo femenino *perrûa*, de *perrum*, substantivado, no qual se deu a consonantização do nasalamento da vogal *û*, como em *uma* de *ûa* { lat. una, em vez de se dar a apócope do *a* final, como em *commum*, fem. pelo antigo *comûa*, ou a desnasalização do *û*, como em *cômua* substantivo, *lua*, antigo *lûa* { luna, e ainda camoniano.

Apesar da definição genérica, dada no *Nôvo Dicc.* parece que o vocábulo *amassaria* se não applica ao local em que se tra-

<sup>1</sup> *TECNOLOGIA RURAL*, Lisboa, 1868, p. 233.

<sup>2</sup> *in Portugalia*, I, p. 538.

<sup>3</sup> *DICCIONARIO DE LA LENGUA CASTELLANA*, de la Real Acad., Madrid, 1899.

balha nas *massas* alimentícias, visto que a *TECNOLOGIA RURAL* não faz menção dêle na Secção Aletriaria, com que dá quasi fim ao livro.

J. Leite de Vasconcelos define a *perruma* do seguinte modo: — « pão feito de farelo, sem fintar, de bagaço, etc., para os cães de gado »—<sup>1</sup>.

#### ámbrria

Este termo de gíria, relativamente moderno, não é mais que o castelhano *hambre*, « fome », mal pronunciado, e tem a mesma significação.

#### amigo-fechado

Termo da África Oriental Portuguesa, *chamar* (*q. v.*).

#### amoroso

No Minho e nos Açores, quiere dizer « liso », « macio ».

#### amuado

É palavra muito conhecida, e muito usada, como significando — « o que desgostado se afasta, e persiste no enfado, sem manifestar a causa. He proprio dos rapazes »—<sup>2</sup>.

Acrescentarei que tal hábito ainda é mais próprio das meninas, pequenas, ou já crescidinhas.

É esta palavra o particípio passivo do verbo *amuar(-se)*, e também se emprega como adjectivo, com o mesmo significado virtual do verbo de que deriva.

<sup>1</sup> REVISTA LUSITANA, II, p. 36.

<sup>2</sup> R. Bluteau, VOCABUL. PORT.-LATINO.



Bluteau dá-lhe como étimo o substantivo *mu* — « animal duro de domar » —, isto é, *mulo*, *macho*; e parece que é certo, por pouco lisonjeira e delicada que seja a expressão, com tal orijem, aplicada a alguma das gentilíssimas damas que teem a graciosa astúcia de se enfadarem com aqueles a quem bem querem, e da qual diz o épico amador:

Que se aqueixa e se ri num mesmo instante,  
E se torna entre alegre magoada. <sup>1</sup>

Outro menos épico, mas não menos amavioso e conhecedor de tam suaves astúcias, o terno e apaixonado Torquato Tasso, falando da maga Armida e do seu Reinaldo, na Jerusalém Libertada, diz:

Teneri sdegni, placide e tranquille  
Repulse, e cari vezzi e liete paci,  
Sospiri, parolette, e dolci stille  
Di pianto, e sospir tronchi, e molli baci.

Para se consolarem, as damas podem subordinar o verbo *amuar* ao francês *moue* (*faire la moue*), que, para ser mais bonito, basta que seja francês, conquanto o étimo que para esta língua se lhe atribui pareça ser também comparação com irracional, o holandês *mouwe*, parente de *meeuwe* « gaiivota ».

Tornando aos nossos *amuado* e *amuar*, já o mesmo Bluteau nos dá outro significado, ainda na língua comum usadíssimo, o que bem se vê na citação que faz: — « Se o tumor *Amuar*, e não madurar » —; hoje dizemos « amadurecer », isto é « atrasar-se em resolver », e neste sentido, ou análogo, o vemos empregado no COMMERCIO DO PORTO de 18 de julho de 1885, referindo-se ao atraso produzido pelas trovoadas no amanho do sal: — « É provavel que as marinhas fiquem amuadas por mais quinze dias » —.

<sup>1</sup> LUSIADAS, II, est. 38.

## amuso

Neologismo que vemos indicado na REVISTA LUSITANA [II, p. 161], com a significação «contrário ás musas».

## aná mica (adj. fem.)

Êste adjectivo vêmo-lo empregado na Obra do Padre António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS NA PROVINCIA DO JAPÃO <sup>1</sup>:— «o padre Gaspar do Amaral. . . que neste anno se applicou á lingua anamica»—, isto é, à lingua do *Annam*, ou *Aname*.

É duvidoso se a terminação *am* se há de ler ali como *ã*, *ame*, ou *ão*. Conveniente seria que assentássemos em pronunciar e escrever *Aname*, para se não confundir êste nome próprio com o comum *anão*, *anã*, e com tanto mais razão, quanto é certo que de *Siam* (= *sião*, *siã*, ou *siame*) fizeram os nossos escritores *Siames* <sup>2</sup>, os povos de *Siame*, diferenciando nós deste modo o reino de *Siame*, do monte e castro de Sião em Jerusalém.

Teríamos pois: *aná mico* { *aname* { *Aname*; *siamês*, *siá mico* { *siame* { *Siame*; formas bem portuguezas e perfeitamente deduzidas.

Disse que deveríamos differenciar *Siame* da *Sião* bíblica, e assim o creio necessário; não porém, como já incautamente se fez, adoptando para a última a forma *Sion*, conquanto a latina seja *Sion*, copiada do grego *σιόν*, transcrição da forma hebraica *SIUM*, porque a forma *Sião* já há muito é portuguesa, e foi em-

<sup>1</sup> Lisboa, 1894, p. 78.

<sup>2</sup> *ibid.*, p. 288, *mãe siame*; PEREGRINAÇÕES, de Fernám Méndez Pinto, cap. LVII, e *passim*.

pregada em rima por Luís de Camões, na formosíssima redondilha que principia assim:

Sobolos rios, que vão  
 Por Babilónia, me achei,  
 Onde sentado chorei  
 As lembranças de Sião.

*ancestral*: avito

Este barbarismo tem a pouco e pouco penetrado na linguagem pretensiosa ou afrancesada dos jornais, e por, incúria de certos escritores, ainda mal até em obras didácticas. Foi tomado directamente do francês *ancestral*, onde é neolojismo, que Littré ainda não rejista. A palavra é inglesa *ances'tral*, derivada de *ances tor*, o qual provém do francês antigo *ancestres*, hoje *ance'tres* (latim antecessor). O adjectivo inglês *ancestral* é assim definido por Webster:— «relating or belonging to ancestors or descending from ancestors»—que se refere a antepassados ou lhes pertence, ou dêles descende—: faz parte de uma família de vocábulos composta de *ances tor*, *ancesto'rial*, *ances'tral*, *ances'tress* e *an'cestry*. Em inglês, pois, está muito bem, e em francês ainda se tolera. Em português, porém, é tam absurda a sua adopção, como a do ridículo *feérico*, também muito do gosto dos literatos estrangeirados, pois nenhum radical português lhe serve de encôsto ou explicação. O termo português que lhe corresponde, conquanto latinismo, é *avito* { *auītus*, -a, -um { *auus*, «avô», tanto no sentido de «pai do pai», como no de «avoengo», «ascendente», «antepassado», já rejistado como termo poético por J. I. Roquete <sup>1</sup>, e no CONTEMPORANEO, que o abona com Alexandre Herculano.— «Por medo ou conveniencia haviam renegado da religião avita» —.

<sup>1</sup> Dictionnaire Portugais-Français, Paris, 1855.

Martinho Brederode usa duas vezes o vocábulo *avito* nos seus formosos poemetos, intitutados SUL <sup>1</sup>:

O Fado, o mysterioso, a vito encanto.  
Das guitarras, á noite, por ahi;  
Vozes de treva, tremulas de pranto,  
Fontes gementes, onde o Sol não ri!

Que choras tu, ó Mar, que heroica historia  
Evoca a imprecação da tua voz?  
És tu chorando a nossa a vita gloria,  
És tu, ó Mar, és tu ou somos nós?

O NÔVO DICIONÁRIO deu-lhe também cabida, assim como ao extravagante *ancestral*, o que é de sentir, pois o devera ter repudiado, ou pelo menos criticado no Suplemento, como fez a outros vocábulos estrangeirados.

anchão

Em Goa esta palavra significa « boião » <sup>2</sup>.

ancinho, ancinhar

Além da sua acepção usual de um instrumento rústico, de que no Riba-Tejo derivaram o verbo *encinhar*, equivalente a *esgravinhar*, e que aí significa « limpar com ancinho », designa êste vocábulo na região do Mondego uma rede, como vemos na revista *Portugalia* <sup>3</sup>:— « Rede de suspensão que se emprega principalmente para a captura do berbigão » —.

<sup>1</sup> p. 86 e 137, Lisboa, 1905.

<sup>2</sup> « Revista Lusitana », VI, p. 76. DIALECTO PORTUGUÊS DE GOA, por Monsenhor Rodolfo Dalgado, que lhe não aponta étimo plausível.

<sup>3</sup> I, p. 381.

Sobre esta palavra diz F. Adolfo Coelho, na mesma Revista, o seguinte: — «A palavra... é, creio, a mesma que a italiana *ancino*, croque, remontando ambas a um latim vulgar *hamicinus*, do latim *hamus anzol*» —, que o mesmo escritor <sup>1</sup> deriva de outro deminutivo de *hamus*, *hamiciolus*.

Todavia, para *ancinho* a etimologia mais aceitável, e já proposta, é o latim *uncinum*. Efectivamente, se o étimo primordial fosse *hamicinus* para *ancinho*, *hamiciolum* para *anzol*, e como se explicaria que do *c* latino, resultasse no primeiro vocábulo *z*, e no segundo, *c*, sendo em ambos os casos o *c* pretónico em latim?

A favor de *uncinum* milita ainda a circunstância de a forma popular ser *encinho* no sul, *incinho* no centro do reino: cf. *ingüento* e *imbigo*, por *ungüento* e *umbigo*.

Há outra consideração de maior pêsso ainda, e é a seguinte. De *c* ou *ti* latino resultou *z* em português, logo que antes daquele havia uma vogal, o que muito bem exemplifica a palavra *anzol* { *hamiciolum*.

Se *hamicinum* fosse o étimo de *ancinho* teríamos, em vez desta forma com *c*, outra com *z*, *anzinho*, como aconteceu com a citada, e também com *onze*, *quinze*, *benzer*, *cinza*, em todas as quais o *c* latino era precedido de vogal, undecim, quindécim, benedicere, *cinicia*; visto que, por exemplo, *uncia* deu *onça*, *sapientia*, *sabença*, *credentia*, *crença*, etc., porque nêstes, como em *ancinho* { *uncinum*, o *c* não estava precedido de vogal. A conclusão é que *hamicinum* não pode ser o étimo de *ancinho*, como *hamiciolum* o será de *anzol*.

andejar, andejo

O Nôvo DICCIONÁRIO rejista o verbo *andejar* no Suplemento, com o significado «vaguear», e abona-se com Francisco Manuel

<sup>1</sup> *ibid.*, p. 635.

do Nascimento. O adjectivo *andejo* já estava incluído em outros dicionários, na acepção de «quem anda muito» (CONTEMPORANEO), e em sentido figurado «versátil, desvairado». Conforme informação, no Alentejo e em Coimbra MULHER ANDEJA quiere dizer «rameira» e esta expressão tanto pode filiar-se no sentido natural da palavra, e corresponde neste caso ao francês *coureuse*, como no figurado «volúvel, mudável». Todavia, Bluteau no VOCABULARIO PORTUGUEZ LATINO, admitindo a locução *mulher andeja*, interpreta-a do modo seguinte: — «Andeja, ou Andeira, ou Andadoura, Molher andeja, chamamos vulgarmente à que não pára em casa, e sempre anda pella Cidade, de huma parte para outra» —, o que perfeitamente se harmoniza com o adágio, *Comadre andeja, não vou a parte alguma onde a não veja*, apontado por Delicado <sup>1</sup> e rejistado no Dicionário publicado pela Academia de Lisboa, vol. único.

#### andorinha

Esta forma é explicada por F. Adolfo Coelho como derivada do latim *hirundinem*, isto é *hirundi(ni)na* <sup>2</sup>, e melhor, a meu ver, por J. Leite de Vasconcelos, como um adjectivo *hirundinea*, com metátese nas primeiras sílabas, *hindurinea*, { *hirundo* <sup>3</sup>, igualmente.

Qualquer que seja dos dois étimos o preferido, actuou em ambos a influência do verbo *andar*.

#### aneiro

Êste adjectivo, deduzido em português de *ano*, ou derivado do latino *annuarium*, por *annuale* { *annus* (cf. *ja-*

<sup>1</sup> ADAGIOS PORTUGUEZES, Lisboa, 1651.

<sup>2</sup> REVISTA LUSITANA, I, p. 135.

<sup>3</sup> *ib.* III, p. 268.

*neiro* { *ianuarium* ), é definido, no NÓVO DICIONÁRIO, do modo seguinte:— « dependente da maneira como corrêr o anno; contingente, incerto » —.

Todavia, no trecho que se vai ler o significado é bastante diferente, e não foi ainda apontado, que eu saiba:— « Possuo uns malapeiros antigos que são anneiros, isto é, dão muito num anno, e no seguinte não dão nada » —<sup>1</sup>.

Pelo contrário, *cadaneiro* quer dizer « que produz cada ano, todos os anos ».

Tanto um como o outro adjectivo são muito expressivos, mesmo pela opposição que entre si apresentam. V. *cadaneiro*, em *cada*.

#### anglicano, ânglico

Este adjectivo, que usualmente só se applica às palavras *religião*, *igreja*, para significar *igreja anglicana*, a official de Inglaterra, foi por Manuel Severim de Faria empregado com o substantivo *língua*, para expressar a forma mais antiga do inglês, que succedeu ao anglo-saxão, e que eu na SELECTA DE LEITURAS INGLESA<sup>2</sup> denominei língua ânglica:— « as causas publicas se não tratassem senão na lingua anglicana » —<sup>3</sup>.

Os ingleses chamam *Anglian* ou *Anglo-Saxon*, ao que eu denominei *ânglico* ou *língua ânglica*, idioma germânico usado entre meados do século VI e meados do XII, abrangendo portanto seiscentos anos.

#### ani(e)lado

No « Archeologo Português » <sup>4</sup> em um artigo de José Pessanha intitulado O CALIX DE OURO DO MOSTEIRO DE ALCOBAÇA, faz-se

<sup>1</sup> GAZETA DAS ALDEIAS, 1905, p. 247.

<sup>2</sup> DISCURSOS POLITICOS, in « Dic. da Academia », I, XXX, col. 2.

<sup>3</sup> Lisboa, 1897, p. 287.

<sup>4</sup> v, p. 3.

menção de «um tecido de ouro *anilado*» —. É evidente que anilado está por *anielado*, isto é. esmaltado, e que em *anilado* se deu a absorção do *e* átono no *i* igualmente átono. *Anielado* é o participio passivo do verbo *anielar*, mal formado do substantivo *nielo*, «esmalte preto», que registou o NÓVO DICIONÁRIO, como procedente do latim *nigella*, o que deve ser exacto, mas por intermédio do italiano *niello*.

*Anilado*, como significando «esmaltado», vem já em Bluteau <sup>1</sup>, devidamente abonado com um passo da Crónica de El-Rei Dom Manuel.

É de estranhar que nem o CONTEMPORANEO, nem o NÓVO DICC. registassem o vocábulo neste sentido, que também escapou ao Dicc. da Academia.

anta; antela, antinha; mamoa, mámuia,  
mamuinha, mamunha, mamuela, mamaltar; montilhão; madorra;  
orca; arcainha, *q. v.*

Sôbre todos estes vocábulos, quer primitivos, quer derivados, ver-se há com muito proveito o opúsculo de J. Leite de Vasconcelos, intitulado PORTUGAL PRE-HISTÓRICO <sup>2</sup>, páj. 46-48, para o qual remeto o leitor que deseje obter noções exactas e minuciosas acêrca dêstes termos portuguezes de nomenclatura architectónica pre-histórica, e das suas rigorosas definições.

Com respeito à orijem do vocábulo *anta*, eis o que nos diz Guilherme Smith:— «*antae*: pilares quadrados que se acrescentavam em geral às paredes laterais de um edificio, de cada lado do portal, para ajudarem a formar o pórtico. Raras vezes se encontram estes termos [o latino e o correspondente grego PARASTÁDES] no singular, porque o fim a que se destinavam as antas

<sup>1</sup> VOCAB. PORT. LAT.

<sup>2</sup> O número 106 (1835) da «Bibliotheca do povo e das escolas», meritoria colecção do editor David Corazzi, de barateza inexcédível.



era que ficassem fronteiras e sustentassem as extremidades de um mesmo teto » —<sup>1</sup>.

antenal; mangas de veludo

Este vocábulo empregado como substantivo, e que propriamente parece ser um adjectivo substantivado, derivado de *antena*, não ocorre, que eu saiba, em dicionário algum da língua portuguesa, mas só num bilingue.

Na interessante e fidedigna obra de Jurien de la Gravière, *LES ANGLAIS ET LES HOLLANDAIS DANS LES MERS POLAIRES ET DANS LA MER DES INDES* <sup>2</sup>, a páj. 148 do tómo 1 lêmos o seguinte:— « Vers le 20 mars, on avait vu beaucoup de ces oiseaux de la grosseur d'un oison [« patinho »], que les Portugais nomment *antennes*. Maintenant on était entouré de *mangas de veludo*, — manches de velours, — qu'on appelle ainsi parce qu'au bout de leurs ailes il y a quelques marques noires imitant le velours, le reste étant blanc et gris. La rencontre de ces oiseaux est un indice certain qu'on n'est pas loin de la partie orientale du Cap [Cabo da Boa-Esperança] » —.

Refere-se o autor à narrativa de Linschoten.

Se as duas expressões *antenal* (pl. *antenais*, e não *antennas*) e *mangas-de-veludo*, como denominações vulgares, impostas provavelmente por marítimos, figuram, ou não, em escritores portugueses do século XVI, ou posteriores, e se ainda são usuais em qualquer parte do reino, é o que não ousarei afirmar, nem negar. Entendi, contudo, não desaproveitar a ocasião de tomar delas apontamento, para base de futuras indagações. Apresentarei mais o seguinte:

<sup>1</sup> G. Smith, *SMALLER DICTIONARY OF GREEK AND ROMAN ANTIQUITIES*, Londres, 1871.

<sup>2</sup> Paris, 1890.

No DICIONÁRIO PORTUGUEZ-FRANCEZ de J. I. Roquete <sup>1</sup> vemos inserida a palavra ANTENNAL, como portuguesa, traduzida para francês por — « anténale, albatros: oiseau de mer » —.

apale

Esta palavra, pertencente à língua dos cafres da Beira, na África oriental, é assim definida nuns interessantes estudos publicados no JORNAL DAS COLONIAS <sup>2</sup>, acêrca de usos e costumes de Marromeu, por Jorje Epifânio Berkeley Cotter, funcionário ao serviço da Companhia portuguesa: — « Quando um *apale* (rapaz) chega á idade de oito a dez annos » —.

apanha(s)

Na publicação periódica PORTUGALIA <sup>3</sup> vem a seguinte descrição do tear ordinário, usado no distrito de Viana-do-Castelo, na qual apenas suprimo os algarismos que se referem ao desenho, que aqui não reproduzo.

— « As duas *pernas de prumo da frente*; as duas *pernas de prumo das costas*; as duas *mezas*; os dois *capiteis*; as duas *tramações dos capiteis*; os dois *pombos* do orgão do panno; o *orgão do fiado* ou das costas; o *orgão do peito*; o *orgão do panno*; os dois *malhetes do orgão do peito*; os dois *pombos do orgão das costas*; a *roda dentada do orgão do panno*, e sua *espera*; as duas *varetas das queixas*; a *maçã* ou *péga das queixas*; as duas *peças das queixas*; o *eixo das queixas*; os dois *moitões para as lisseiras*; o *travessão dos moitões*; as quatro *chavelhas para o orgão das costas*; as duas *apanhas, premedeiras* ou *pedaes*; o *tempereiro*; os dois *compostouros*; as *lisseiras*.

<sup>1</sup> Paris, 1855.

<sup>2</sup> 30 de maio de 1903.

<sup>3</sup> I, p. 374.

Aponto aqui em itálico os termos constantes desta nomenclatura vulgar, que ainda não foram ou colijidos em léxicos portugueses ou neles definidos nestas acepções; considerando não rejistados os termos ou acepções que não figuram no mais completo desses léxicos, o NÓVO DICIONÁRIO, ou no VOCABULARIO PORTUGUEZ LATINO de Bluteau, tam rico em meudíssimas definições de termos vulgares.

## apani(a)guado

Passando por alto como inaceitável a palavra *pano* que o NÓVO DICIONÁRIO propõe por étimo do verbo *apanicar*, para o qual remete *apaniguar*, identificando-os, vejo que duas etimologias teem sido propostas para o nome que encabeça êste artigo: a primeira, por Duarte Núñez de Leão <sup>1</sup>, a-pan-e-água; a segunda por F. Adolfo Coelho <sup>2</sup>, exposta nos seguintes termos:— «(A pref. e thema *pani* pão; para a formação que nada tem que ver com *agua*, como suppoz N. Leão, vid. **Apaziguar** e **Sanctiguar**) —. Seguindo êste raciocínio, vemos em **Apaziguar**, no mesmo dicionário:— «(A pref. e *pacificar*, cf. para a forma *apaniguado* por *apanificado*, *averiguar* de *verificar*, ant. *amortiguar* de *mortificar*, etc.)» —.

Não seria muito fácil suprir o *etc.*, e apesar de tam perentória afirmativa, tanto *amortiguar* de *mortificar*, como *averiguar* de *verificar* não são tam seguros, que não precisem larga explicação, a qual ali se não encontra em nenhuma das palavras apontadas para confronto, nem nas remissões feitas em *san(c)ti<sup>e</sup>guar*.

Ora, as formas *averiguar*, *santiguar*, *apaziguar*, *amortiguar* são naturalmente erros de interpretação de *gu*, que do antigo expediente ortográfico por *g* passaram às ortografias posteriores, alterando a pronunção, por má leitura, pois se o *u* houvesse

<sup>1</sup> Convém saber: ORIGEM DA LINGUA PORTUGUESA, cap. VIII.

<sup>2</sup> DICIONARIO MANUAL ETYMOLOGICO.

de ler-se, a sua escrita antiga teria sido *guo*, como em *loquo*, por *logo*, *agua*, por *água*. Esta indução é confirmada pela circunstância de nenhum desses vocábulos ser popular, sendo dois deles obsoletos, *amortiguar*, *santiguar*.

Se porém a todas essas dições se podem atribuir as formas reais *amortigar*, *apazigar*, *averigar*, *santigar*, o mesmo não acontece com *apaniguado*, participio passivo aparente de um verbo *apaniguar*, que parece não existir, e cuja forma antiga é *apaniguado*, confirmada pela castelhana (*a*)*paniguado*, de que proveio. Em Fernám Méndez Pinto lêmos:— «E sem embargo de tudo isto o padre [Francisco Xavier] se embarcou nesta mesma nao para a China, mas bem diferente do que ouvera de yr se fôra com Diogo Pereyra, mas elle ficou em Malaca, e a nao foy toda por conta do capitão e dos seus apaniguados, e com capitão pôsto de sua mão. e o padre foy ingreme, sem autoridade nenhũa, ás esmolos do contramestre e sem levar outra cousa mais que só hũa loba que levava vestida » —<sup>1</sup>.

Este passo é, em todos os pontos de vista, de muito interêsse, não só por se referir ao apóstolo das Índias, mas ainda como texto de linguagem, pois contém, além de outras locuções vernáculas, o vocábulo *apaniguado*, e *ingreme* num sentido muito especial, desusado hoje, e que talvez possa contribuir para se aclarar a sua orijem e verdadeira acentuação, pois a literária *ingreme* está em opposição com a popular *ingrime*.

A forma completa, pois, da palavra de que estou tratando vêmo-la aqui, *a-pan-i-agua-do*, aportuguesamento da castelhana (*a*)*pan-i-agua-do*, visto que é nesta língua, e não na portuguesa, que *pan* quiere dizer « pão ». Assim, *ser de alguém apaniguado* equivalia ao que hoje dizemos « estar às sopas de alguém ».

Vê-se bem que tinha razão o grande humanista do século xv-xvi, D. Núñez de Leão, e que bem fêz Bluteau <sup>2</sup> em

<sup>1</sup> PEREGRINAÇÃO, Lisboa, 1829, cap. CCXV.

<sup>2</sup> VOCABULARIO PORTUGUEZ LATINO, *sub. r.* PANIGUADO.

o seguir, explicando-o nestes termos:— « Aquelle que como domestico da casa, recebe todos os annos do senhor della alguma cousa para seu sustento. Chama-se « assim » porque antigamente a ração do paniaguado era pão e agua. Nos livros das Ordenações está Panigado, e Apanigado, mas o author do Repertor. das Ordenaç. diz Paniaguado » —. D. Núñez escreveu, *loc. cit.*:— « Apaniguado, de pane et aqua, quasi paniaguado » —.

¿ Foi isto uma conjectura, um desejo de interpretar etimologicamente um vocábulo, cujo verdadeiro sentido se perdera e cuja formação se ignorava? É esta a opinião de F. Adolfo Coelho, e neste caso *apanigar* seria uma forma parassintética, um derivado com prefixo e sufixo.

Nos termos em que D. Núñez e Bluteau a analisaram é ela, pelo contrário, um caso, mais raro nas linguas románicas, de polissintese, isto é, uma palavra composta, fleccionada como se fôra simples, tal como, por exemplo, *afidalgado* { *fidalgo* { *filho-de-algo*, e em cuja composição os elementos estão em relação circumstancial.

Se analisarmos os verbos citados por F. Adolfo Coelho, e que transcrevi mais acima, vemos claramente que em nenhum dêles a terminação *-guar* está com o radical, na mesma relação, que em *apani(a)guado*. Três teem por primeiro elemento adjectivos *vero*, *morto*, *santo*, e significam « fazer que fique verdadeiro morto, santo ». O outro tem por base o substantivo *paz*, e quere dizer « fazer que fique em paz ». Ora, *apaniguar*, ou *apaniaguar*, se existisse, não equivaleria a « fazer que fique (em) pão », e portanto essa derivação que se pretende dar a *apaniguado* é absurda, comparada com a dos vocábulos com os quais se confrontou.

Se as formas *averiguar*, *amortiguar*, *apaziguar*, *santiguar* se podem substituir pelos seus equivalentes formais e significativos *verificar*, *mortificar*, *pacificar*, *santificar*, outro tanto não aconteceria a *apaniaguar*, que não corresponderia a *panificar* no sentido, como lhe não corresponde na formação.

Por todos estes motivos parece preferível adoptar a explicação dada por Duarte Núñez e perfilhada por Bluteau, a qual é

exactamente a que os dicionários castelhanos dão ao *paniguado*<sup>1</sup>, de que procede o português *apani(a)guado*, sem verbo de que seja participio, mas como adjectivo substantivado.

Para confirmação do que fica exposto aduzirei uma informação decisiva. No excelente estudo de Paulo Groussac, intitulado *LE COMMENTATEUR DU LABERINTO* [de João de Mena], lêmos o seguinte:— « Il s'agit de la petite rente appelée *pan y agua*, remplaçant l'ancienne ration en nature des chevaliers pauvres (*paniguados*) agrégés à une commanderie »—. E em nota acrescenta, citando Dormer, *PROGRESOS DE LA HISTORIA EN ARAGÓN* (Çaragoça, 1680, páj. 540), um trecho da carta de Fernám Núñez, o Pinciano, a Zurita, em que lhe diz:— « De la tardanza de mi libramiento estoy en sospecha si ha venido alguna suspensión de v. Sa Majestad [Carlos v] en que nos quite ese pan y agua que nos daba »—.

Creio ser decisiva a citação.

#### aparadeira

Em Caminha, e provávelmente em outras partes da província do Minho, dá-se êste nome a uma bandejinha que apara os pingos da vela, no castiçal. É pois êste um termo excelente para traduzir o vocábulo francês *bobèche*, substituindo-o em português.

Nem é de estranhar a formação e aplicação dêste derivado feminino do verbo *aparar*, visto que já temos o correspondente masculino *aparador*, que pelo sentido menos que aquele se liga ao expresso pelo verbo.

#### aparamentos

Esta forma, equivalente a *paramentos*, não vem registada nos nossos dicionários, e está para o substantivo *paramentos*, como

<sup>1</sup> DICCIONARIO DE LA REAL ACADEMIA, 1899.

o verbo *aparamentar*, já colijido, para o verbo *paramentar*. Abona-se com o seguinte trecho do Padre António Francisco Cardim: — «preparou-se a varanda de alcatifas, e cadeiras de veludo bordado para os dois fidalgos, outra diferente para o embaixador, posta na cabeceira, com outros aparamentos vistosos» —<sup>1</sup>.

#### ápeto, atom

O conhecido etnógrafo A. Tomás Pérez, na revista PORTUGALLIA <sup>2</sup>, publicou um seu estudo descritivo dos amuletos usados pelos povos do concelho de Elvas. Entre outros vocábulos interessantíssimos vem apontado êste numa rima popular:—Onde está o ap[e]to e o atom / não faz o demo seu tom. Antes diz:— «Usam o aipo e o *atom* (*Talaspia*), mettides em bolsinhas, ao pescoço, para preservarem do feitiço e do demonio» —.

É singular esta forma *ápeto*, e não, *apto*, a medida do verso o está indicando, para designar o *aipo*, e não atino com a sua orijem. Outro tanto direi de *atom*, que apresenta uma terminação rara no português do sul.

É evidente que o grupo *pt* é inadmissível em vocábulos de orijem popular, e por isso ou se haveria reduzido a *ato* (cf. *atar* { *aptare*), ou uma vogal anaptíctica desuniria, como desuniu, as duas consoantes incompatíveis.

#### apojar

Êste verbo é usado no Algarve, com a pronúncia *apojár* (o átono na 2.<sup>a</sup> sílaba), e a significação «demorar-se». O étimo é naturalmente *podium*, como supõe J. Leite de Vasconcelos <sup>3</sup>.

<sup>1</sup> BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS NA PROVINCIA DO JAPÍO, Lisboa, 1894, p. 50.

<sup>2</sup> I, p. 618-622.

<sup>3</sup> REVISTA LUSITANA, VII, pag. 107.

## apolentar

Êste verbo está registado no Nôvo Dicc., assim definido — « engordar com polenta » —.

A polenta, no mesmo dicionário é descrita do seguinte modo: — « paças de farinha com manteiga e queijo ralado » —; e no Suplemento acrescenta-se — « **polenda** o mesmo que *polenta*. Em Venêza, é uma pasta grossa, feita de farinha de milho com água e sal, e serve de pão em certas refeições. Parece que também há polenda de farinha de castanhas » —.

Efectivamente a *polenta* que lá comi era a que aqui se descreve. Quanto à forma *polenda*, é sabido que em certas partes de Itália *nd* alterna com *nt*, ou o substitui, onde houve influencia do grego moderno, no qual *nt* se profere *nd*, em meio de palavra, ou de um para outro vocábulo, e como *d* no principio de vocábulo.

O termo *polenta* já era usado pelos romanos, aplicado a um « mantimento que se fazia de farinha de cevada torrada e preparada de diversos modos » <sup>1</sup>.

Conforme Petrócchi, a forma mais usada é *polenda*; mas eu, em Veneza, ouvi chamar-se-lhe *polenta*.

Não é porém da *polenta* romana ou italiana que eu tratarei aqui, visto não ser tal nome conhecido cá pelo povo, e se fiz a citação referida, extratada do Nôvo DICCIONÁRIO, foi apenas para pôr em dúvida, visto não estar ali abonado o vocábulo, a existência do verbo *apolentar*, com a significação que lá se lhe atribui.

Nos meus apontamentos tenho o verbo *apolentar*, colhido na tradição oral, como termo da Beira-Baixa, querendo dizer « palpar

---

<sup>1</sup> MAGNUM LEXICON, Lisboa, 1819, onde se abona com Ovídio; Theil (DICT. LAT. FR.) cita Macróbio. V. também SEPTEM LINGUARUM CALEPINUS, 1758.



com as pontas dos dedos a fruta, para experimentar se está madura ».

É duvidoso que este verbo com tal significado se possa relacionar com o substantivo *polenta* latino.

#### apo(u)sentamento

É este um dos poucos vocábulos portugueses em que o corresponde a *au* latino, sem derivação imediata do castelhano, como *bobo* (*q. v.*), ou do latim popular, como *pobre* { *popere*. por *pauperem*. Outro é *apoquentar*, e seus derivados, cujo étimo é *pouco*. Todavia, é esta uma condensação moderna do ditongo *ou*, pois as formas antigas eram *apouquentar*, *apousentar*:— « hũa escada de pedra per honde sobem as casas de apou-sentamento do dito castello »—<sup>1</sup>.

Outros vocábulos são *foz* { *faucem*, *afogar* { *effaucare*, e poucos mais <sup>2</sup>.

#### aquela, aquelar

Assim como empregamos o substantivo *cousa* para suprir um nome, que na ocasião nos não ocorre ou não sabemos, e *coiso* por pessoa, do mesmo modo que os francêses usam *machin* { *machine*. e ainda como usamos *aquela* por « afeição »; usam em Caminha *aquela*, querendo significar « pessoa rica » e *aquelar* por « fazer qualquer coisa », e em sentido restricto por « limpar ».

São exemplos da vitalidade criadora que ainda possui a língua na bôca do povo inculto.

<sup>1</sup> Auto de posse do castelo de Sines, de 24 de novembro de 1533, in ARCHEOLOGO PORTUGUÊS, x, p. 101.

<sup>2</sup> F. J. Cornu, Grammatik der portugiesischen Sprache, 2.<sup>a</sup> edição, in GRUNDRISSE DER ROMANISCH. PHILOGIE, Strasburgo, 1906, I, p. 937.

## araça, araçá, araçai

Esta palavra, que o DICC. CONTEMPORANEO e o NÔVO DICC. acentuam *araçá*, e o DICTIONAIRE PORTUGAIS-FRANÇAIS de J. I. Roquete <sup>1</sup> escreve *araçaz*, vêm-na escrita sem acento gráfico, *araça*, entendendo-se que será lida *aráça*, no « Bosquejo de uma viagem no interior da Parahyba e de Pernambuco » <sup>2</sup>. Designa diversos vejetais e seus frutos, e deve ser palavra indígena do Brasil.

Como, porém, no VOCABULARIO Y TESORO DE LA LENGUA GUARANI, Ó MAS BIEN TUPI <sup>3</sup>, do Padre António Ruiz de Montoya, ela figura na II Parte com as formas *Araçá*, definida como *Especie de guayabas*, e *Araçai*, *Arbol destas guayabas*, vê-se que a verdadeira acentuação é a que os dicionários citados indicaram. Por aí vemos também que o nome da árvore é ampliação do nome do fruto, e portanto denominação distinta, o que os ditos dicionários não apontam. A palavra não foi incluída no DICCIONARIO DE VOCABULOS BRAZILEIROS, do Vizconde de Beaurepaire-Rohan <sup>4</sup>.

## aragão, pai-dos-caixeiros

Em uma correspondência do Brasil lia-se este vocábulo, empregado como substantivo comum e explicado pelo seguinte modo: — « sino grande da igreja de Sam Francisco de Paula, que dá o toque para se fecharem os estabelecimentos no Rio de Janeiro » —. Outro nome que tem o festivo sino é *pai-dos-caixeiros*.

Eis aqui o trecho do qual extrai a definição: — « O meu amigo talvez não saiba que ás 10 horas da noite corre aqui um grande

---

<sup>1</sup> Paris, 1855.

<sup>2</sup> in O SÉCULO, de 8 de junho de 1900.

<sup>3</sup> Nueva edición, Paris-Viena, 1876.

<sup>4</sup> Rio-de-Janeiro, 1889.

sino da igreja de S. Francisco de Paula, o que indica a hora a que são obrigados a fechar todos os estabelecimentos que não teem licença especial. Chamam geralmente a êste toque—*o Aragão*—, ou *o pae dos caixeiros*. . . a segunda [denominação] claro é que provém de ser aquella a hora que os caixeiros acabam a tarefa da noite» —.

A orijem da primeira denominação dá-se na mesma correspondência por estas palavras:— «Deriva-se de ter sido um chefe de policia d'aquella cidade que estabeleceu que o sino corresse ás dez horas» —<sup>1</sup>.

#### aragoês, aragonês

Hoje dizemos *aragonês*, limitando-nos a transcrever o castelhanao *aragonés*, muito bem derivado de *Aragón*, naquela lingua. Na portuguesa, porém, visto que o nome próprio de que se forma o adjectivo está aportunuesado, e hem, no uso comum, *Aragão*, o dito adjectivo deve ser *aragoês*, como se dizia e escrevia dantes:— «Porque como os Aragoeses que tem a mesma lingua que os castelhanos» —<sup>2</sup>.

A forma *aragonês* é um castelhanismo, como o são *leonês* { *leonés* { *León*, castelhanao { *castellano* { *Castiella*, forma antiga, correspondentemente à moderna *Castilla*, «Castela», pois antigamente dizíamos *castelão*. Luís de Camões, porém, usou da forma espanholada *castelhanao*:

Deu sinal a trombeta castelhana  
Horrendo, fero, ingente e teneroso  
Ouvi-o o monte Artabro, e Guadiana <sup>3</sup>.

O nome próprio do rio é castelhanismo também, pois a forma

<sup>1</sup> O ECONOMISTA, de 12 de agosto de 1885.

<sup>2</sup> Duarte Núñez do Leão, ORIGEM DA LINGOA PORTUGUESA, cap. XXV.

<sup>3</sup> OS LUSÍADAS, IV, 28.

portuguesa é *Odiana*. Cf. *Odemira*, *Odeceixe*, *Odelouca*, nas quais a palavra arábica UAD, « rio », está condensada em *odi*, *ode*.

Com efeito, Rui de Pina <sup>1</sup> e Damião de Góis, por exemplo, escreveram *Odiana* <sup>2</sup>, e não *Guadiana*, que a pouco e pouco se foi difundindo, a ponto de ser hoje a única forma, pelo menos escrita, em português.

O mesmo aconteceu com *Badajoz*, que dizíamos *Badalhouse*, escrita e pronúncia mais conforme com a arábica *BAṬALIUS*. Vê-se porém que esta última designação geográfica entrou em português pelos olhos, e não pelos ouvidos, por isso que pronunciamos aí o *j* e o *z* ao nosso modo, e não ao do castelhano actual.

#### arcainha; arquinha

É êste mais um termo vulgar para designar a *anta* ou *arca*, e vêmo-lo assim definido em uma monografia intitulada *MATERIAES PARA O ESTUDO DO POVO PORTUGUEZ* <sup>3</sup>: — « Os proprietarios e visinhos . . . deram o nome de *arcainhas* aos monumentos, e também o applicaram aos sitios em que se achavam » —.

*Arcainha* parece ser um deminutivo de *arca*, mas diferente de *arquinha*, que tem a significação de « maquineta » — « deu uma arquinha de prata, para estar nella um Santissimo Sacramento » — <sup>4</sup>. V. *anta*.

#### arco celeste, arco-da-velha, arco-da-chuva, arco-de-Deus, arco-íris

A primeira destas denominações é erudita, como a última, e coincidem ambas com as castelhanas, igualmente cultas. O nome

<sup>1</sup> CRÓNICA DE DOM AFONSO V, cap. 138.

<sup>2</sup> CRÓN. DE EL-REI DOM EMMANUEL, cap. VI. V. também G. Viana, ORTOGRAFIA NACIONAL, p. 199. Lisboa, 1904.

<sup>3</sup> in Portugalia, I, p. 13.

<sup>4</sup> O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS, V, p. 3.

vulgar em português é no continente *arco-da-velha*, que Fr. Heitor Pinto <sup>1</sup> explica haver sido dado — « porque na Lei velha disse Deus que nas nuvens poria êste arco por sinal de paz entre si e os homens » —. Assim será; mas nesse caso teria esta denominação também origem não popular.

Os outros dois nomes, *arco-de-Deus* e *arco-da-chuva*, veem apontados pelo Dr. Hugo Schuchardt nos Estudos Crioulos <sup>2</sup>, sendo o primeiro análogo ao explicado por Heitor Pinto, porém menos artificial, e o segundo de carácter inteiramente popular, que por si mesmo se explica. Não sei se algum dêles é também usado no reino.

#### areisco, arisco

Êste adjectivo, cuja origem é o substantivo *areia* (cf. *pedrisco*, de *pedra*), é hoje quasi sómente empregado em sentido translativo, equivalendo a « rebelde », « arredo », « bravio ».

Como já temos a locução *terra areisca*, *terra arisca*, rejistada no CONTEMPORANEO, e em que o adjectivo citado tem o seu significado natural, poderíamos muito vernáculamente substantivar êste feminino, subentendendo a palavra (*pedra*), *areisca*, ou *arisca*, usando dêste adjectivo substantivado para designarmos o que por galicismo se diz *grés*, e que A. Gonçalves Guimarães <sup>3</sup> propõe se diga, com menos propriedade, *arenito*. Os espanhóis chamam-lhe com muito acêrto (*pedra*) *arenisca*, como chamam ao calcáreo (*pedra*) *caliza*, e eu tenho nos meus apontamentos ainda outro nome, *pedra-grão*.

Assim, se continuam os geólogos e os mineralojistas a dar-lhe nome francês, não é por falta de nomes portugueses: *pedra-grão*, *arenito*, *arenisca*, (*pedra*) *areisca*, *pedra arisca*, os últimos dos quais, com serem portugueses lejitimos, coincidem per-

<sup>1</sup> *apud* Bluteau, VOC. PORT. LATIN.

<sup>2</sup> KREOLISCHE STUDIEN, IX, p. 129.

<sup>3</sup> ELEMENTOS DE GEOLOGIA, 2.<sup>a</sup> ed., Coimbra 1897, p. 130, n. q. v.

feitamente com a denominação espanhola *arenisca*, e com a inglesa *sandstone*, ou alemã *sandstein*, que ambas significam «pedra-areia».

Poderia portanto usar-se simplesmente *areisca*, como substantivo, suprimindo-se a palavra *pedra*, como aconteceu a *cantaria*, que dantes era adjectivo, pois se dizia *pedra cantaria*, como vemos em Rui de Pina.—«E tanta ordem e diligencia se pôs nisso acêrca da pedra cantaria, e cal, e madeira»—<sup>1</sup>.

#### argamassa

Qualquer que seja o étimo dêste vocábulo, que também existe em castelhano, *argamasa*, o certo é que se deve escrever com *ss*, e não com *ç*, atenta a forma espanhola, e haja, ou não, ali a palavra *massa*; ao contrário do nome que dão a um bôlo, *maça-pão*, em que tal vocábulo não existe, pois em castelhano se diz *mazapán*, o que prova dever escrever-se em português com *ç* e não com *ss*.

A palavra *argamassa*, como termo de calão, quiere dizer «comida», o que se encontra documentado pelo trecho seguinte:—«Lavaram-me, cortaram-me o cabello, mas a respeito de *argamassa*. . . pão e agua, porque era dia de jejum»—<sup>2</sup>.

#### arlequim

No Suplemento ao NÓVO DICIONÁRIO inscreveu-se êste vocábulo, como de gíria, com a significação de—«restos de carne, peixe ou de qualquer iguaria, que ficam das refeições, dos criados das casas ricas»—. Duvido da existência em português de semelhante palavra, que creio foi empregada numa afamada tra-

<sup>1</sup> CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. CXLII.

<sup>2</sup> O DIA, de 25 de setembro de 1902.

dução do romance de Eugénio Suë *OS MISTÉRIOS DE PARIS*, na qual se procurou, bem ou mal, verter todas as muitas expressões de gíria que ali se encontram, inventando-se umas, aportuguesando-se outras temerariamente, com o fim de reproduzir, com uma afectada e imaginária exactidão, as locuções do *argot* francês. Ora, *arlequin*, nesse calão parisiense, quere dizer, pouco mais ou menos, o que os espanhóis denominam *ropa vieja*, isto é, conforme a definição de Emilio Littré: — «*débris de repas, et surtout débris de viandes, ainsi dit parce que ce plat, que l'on vend pour la nourriture des animaux domestiques et que les pauvres ne dédaignent pas, est composé de morceaux assemblés au hasard*» —<sup>1</sup>. O nome pois foi-lhe imposto por comparação com a vestimenta dos arlequins, feita de remendos de várias côres.

#### armada

— «É com elle [o visgo] que se apanham nas *armadas* os pintasilgos e pintarroxos... As armadas são unicamente feitas ás aves que costumam de preferencia pousar nas pontas dos ramos» —<sup>2</sup>.

Cf. *armadilha*, e *armar aos passaros*.

#### armamento; armar, armado

Este substantivo conhecido, derivado do verbo *armar*, tem, além dos seus diversos significados, mais ou menos relacionados com o étimo primordial *arma*, outro muito especial, exemplificado pela seguinte definição: — «Curioso amuleto composto de *sino-saimão*, meia lua e coração; deve ser de ferro ou aço e traz-se

<sup>1</sup> DICTIONNAIRE DE LA LANGUE FRANÇAISE, Paris, 1881.

<sup>2</sup> G. Pinho, ETHNOGRAPHIA AMARANTINA, A Caça, in Portugalia, II, p. 96.

ao pescoço para preservar de ataques epilepticos» —<sup>1</sup>. Quere dizer «guarnição completa».

*Armado*, indicando «vestido de armadura», usava-se dantes não só com relação às pessoas, mas também aos cavalos, correspondendo neste caso ao que em francês se dizia *bardé*:— «E saíram logo delles quatrocentos de cavalo em cavalos armados» —<sup>2</sup>.

*Armar* no sentido do francês *monter*, que modernamente por galicismo se traduz por *montar*, significa «dispôr e ligar as peças de um qualquer maquinismo (por exemplo), de maneira que fiquem todas conjugadas e no seu lugar».

#### armazém

O povo diz *almazém*, e diz bem, mas já não é tempo de remediar a emenda falsa. Os nossos autores antigos escreveram sempre *almazem*, como, por exemplo, Rui de Pina;— «foi enviar-lhe [ao infante Dom Pedro] El-rei [Dom Afonso v] com muita estreiteza requerer entrega das armas do seu almazem» —<sup>3</sup>.

Êste passo do cronista patenteia claramente a influência exercida pelo vocábulo *arma* na deturpação da palavra *almazém*.

Bluteau, conquanto já rejiste *armazém*, forma preferida pelos lexicógrafos modernos, dá a primazia à antiga forma, que é ainda hoje a castelhana, *almacén*, do árabe *AL-MAḤZAN*, ou *AL-MAḤZAIN*<sup>4</sup>, do qual os franceses tiraram também o seu *magazin*, com supressão do artigo *AL*. A palavra árabe significa «(casa de) arrecadação», e é um substantivo verbal, correspondente à nossa terminação *-ouro*, isto é, designa o lugar onde se exerce a

<sup>1</sup> PORTUGALIA, I, p. 605.

<sup>2</sup> Rui de Pina, CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. CXXI.

<sup>3</sup> CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. XCIV.

<sup>4</sup> O *ḥ* é transliteração da 5.<sup>a</sup> letra do abecedário arábico, equivalente ao *j* castelhana actual.



acção expressa pelo verbo de que deriva, convém saber, *чазана*, « arrecadar ».

Nem pode duvidar-se de que a forma *armazém* sofreu a influência do vocábulo *arma*, visto que, se na palavra *argola* o artigo arábico *AL* está representado por *ar*, é porque houve dissimilação do *l* da última sílaba: cf. o sufixo *al*, como em *social*, que passa a *ar*, quando no radical há *l*; ex.: *regular*, dissimilação que já se dava em latim.

O *n* da palavra árabe, que por ser final passara em português a nasalizar a vogal que o precedia, reaparece no verbo *armazenar*, como acontece em *vintena* comparado com *vintém*, em *ajardinar* comparado com *jardim*.

A etimologia de *almazém*, foi já apontada por João de Sousa <sup>1</sup>.

#### aro

Na Beira-Alta, e Alto-Minho é o nome que se dá ao cinto que circunda e aperta os queijos discoides, e que no sul se chama « cincho » <sup>2</sup>.

#### arrasta, arrastador

O NÓVO DICIONÁRIO regista o primeiro destes vocábulos duas vezes, a primeira no corpo da obra, com a significação de « zorra », como termo transmontano, a segunda no Suplemento, como palavra do Riba-Tejo, significando a — « corda com que se laçam os bois pelas hastes ». V. *corda*.

O segundo destes vocábulos não vem, que eu saiba, especialmente consignado em nenhum dicionário, e não obstante isso, designa êle na ilha da Madeira o « ascensor ».

É evidente que, tanto uma como a outra palavra, se derivam

---

<sup>1</sup> VESTIGIOS DA LINGUA ARABICA EM PORTUGAL, Lisboa, 1830.

<sup>2</sup> REVISTA LUSITANA, II, p. 33.

do verbo *arrastar*, sendo a primeira um substantivo rizotónico, do tipo *lavra* { *lavr*, *espera* { *esper*, a segunda um adjectivo verbal substantivado como *coador* { *coar*, *atacador* { *atacar*, *assentador* { *assentar*, etc.

Em castelhano o verbo correspondente tem a forma *arrastrar* { *rastro*, e nesta não se deu a dissimilação que observamos nas formas portuguesas, com relação ao seu étimo latino *rastrum*; *rastro* em português é desusado.

Numa acepção especial, filiada na mesma terminolojia, há em espanhol a palavra *arrastradero*, que se aplica ao sítio por onde se arrastam para fora da praça-dos-touros os animais mortos na corrida. Como é sabido, o suficso *-ero* corresponde a *-ouro* em português, e designa o lugar onde se exerce a acção expressa pelo verbo, como em *lavadero* { *lavar*, port. *lavadouro*; *quemadero* { *queimar*, port. *queimadouro* { *queimar*; *abrevadero* { *abrevar* «dar de beber», «abeberar», port. *bebedouro* { *beber*.

(de) arredio; arredar

Esta locução adverbial, formada com a preposição *de* e o adjectivo *arredio*, pronunciado, em geral, *arrèdio*. no Continente, o que dificulta a sua identificação com o latim *erratiuum* (Cf. *sàdio*, antigo *saadio* { *sanatiuum*), tem na ilha de S. Miguel a significação «de longe» <sup>1</sup>, que parece deduzida da que apresenta o verbo *arredar*, o qual todavia se não pronuncia *arrèdâr*, mas sim *arredâr*.

Como em castelhano *arredar* se diz *arredrar* { *a d-re-trare* { *retro* (?), e *arredio*, ao contrário, tem nesta língua a forma *radio*, incompatível com o mesmo étimo, é claro que *arrèdio* tem de separar-se de *arredar*, com o qual o parentesco é apenas aparente, sendo a coincidência quási absoluta de forma

<sup>1</sup> V. O SÉCULO, de 5 de julho de 1901.

nas duas palavras *arredar* e *arredio* puramente casual, converjência do efeito das leis fonéticas que operaram nos seus étimos latinos.

No verbo *redrar* { *rutrare* { *rutrum* (?), ou de retro (?), não se deu a dissimilação de que oferece exemplo *arredar*, com a perda do *r* do grupo *dr* { *tr*, se o étimo oferecido por Coelho <sup>1</sup> é certo, do que duvido.

Em resumo, *arrèdio* pode considerar-se como provávelmente derivado de *erratiuum*, o que é corroborado pelo castelhano *radio* (cf. *entrèvado* por *entravado*), e de todo independente de *arredar*, *arredrar*, que pode ser desenvolvimento de *redrar* { *reiterare*, sendo neste caso *redra* um substantivo verbal, rizotónico.

#### arredores

Esta palavra tem no Algarve (Lagos pelo menos) uma aceção especial, que julgo não estar consignada nos nossos dicionários, mas que vemos perfeitamente definida no seguinte trecho: — «A meia altura d'ellas [mós] ha uma travessa d'uns quatro dedos de largo, a rodeal-as, excepto no sitio em que cahe a farinha; chamam-lhe os *arredores*» —<sup>2</sup>.

#### arrelicas, arrelíquias

A segunda destas duas formas populares, a par da culta *reliquia(s)*, e que parece devida a se haver soldado a esta o artigo *a* (cf. *arraia*), é assim aduzida por J. Leite de Vasconcelos: — «Na moderna tradição portuguesa não conheço amuleto algum

<sup>1</sup> DICC. MAN. ETYM. DA LINGUA PORTUGUEZA.

<sup>2</sup> J. Núñez, COSTUMES ALGARVIOS: Os moinhos, in *Portugalia*, I, p. 336.

craniano; apenas tem voga as *arrequias* dos ossos de santos, trazidas em *saquinhos* ao pescoço » —<sup>1</sup>.

A primeira, redução do esdrúxulo a vocábulo parocsítone (cf. *povo*, ant. *póvoo* { *populum*, *bravo* { *barbarum*) está definida, em sentido mais especial, no seguinte passo:— « AS ARRELICAS. Um pequeno objecto de prata, em que estão promiscuamente representadas a meia-lua, a figa, o signo-sâmão, o coração, a chave, a argola, tudo encimado pela effigie de Nossa Senhora » —<sup>2</sup>.

A escrita ultra-etimológica *signo-sâmão* não deve iludir qualquer pessoa que conheça a denominação dos dois triângulos combinados, o *pentágono*, a qual se pronuncia *sino-sá(i)mão*, e que procede do latim *signum Salomonis*, o que é sabido. Como ninguém escreve *sino*, *sineta*, *sineiro*, com *g* nulo, por isso chamo àquela escrita ultra-etimológica.

A palavra *arrelíquias*, *arrelicas* é semi-erudita, visto que se manteve nela o *q* latino: cf. *aguia* { *aquila*.

#### *arrenega*, greve, grevista

O vocábulo francês *grève* tomou já foros de cidade em Portugal, o que não é de estranhar, pois o costume, bom ou mau, conforme o conceito ou o interêsse de cada um, e cuja crítica não seria apropriada nesta simples resenha de palavras e locuções, o costume, digo, veio de fora, e por emquanto ainda se não enraizou cá. Esta forma de protesto colectivo e solidário, a que os franceses chamaram *grève*, do nome de uma praça, a de *Grève*, onde se reuniam os ganhões que vinham ajustar-se para trabalhar, denomina-se *huelga*, « folga » e *pare*, « parajem », em Espanha, e cá poderia chamar-se (*as*)*sueto* <sup>3</sup>. A palavra *greve*, porém, está

<sup>1</sup> PORTUGAL PRE-HISTORICO, p. 36.

<sup>2</sup> Portugalia, I, p. 619.

<sup>3</sup> — « Na quarta-feira [depois da Páscoa] que alguns lentes consideravam dia de *sueto* ou *assueto*, como então se dizia » —. António de Campos, LUIS DE CAMÕES, in « O Seculo » de 10 de julho de 1900.

em perfeita concordância formal com outras, como *neve*, *breve*, *leve*, e não há pois motivo, para a rejeitar. Sucedeu-lhe como a outro vocábulo também francês, *morgue*, que, pela sua forma simples e fácil de proferir e de conservar na memória, nunca popularmente será substituída pelo longuíssimo *necrotério*, apesar de que a existência de *cemitério* poderia favorecer a adopção.

Outro vocábulo castelhano para designar *suelto*, ou *folga*, mas que não vem registado no Dicionário da Academia Espanhola, é *buena*, abonado pelo trecho seguinte, ainda que português:— «Era o que faltava, perderem-se as horas de buena a compôr a tarimba» —<sup>1</sup>.

Tudo isto vem, ou não, a propósito de um sentido particularíssimo, um tanto calão, em que vimos empregado o substantivo verbal *arrenega* { *arrenegar*, correspondente popular, mas também clássico do verbo *renegar*, usado, por exemplo, na obra do Padre Antonio Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS NA PROVINCIA DO JAPÃO <sup>2</sup>.

Esse sentido particular induz-se do seguinte trecho:— «E outros dias anda a gente na *arrenega*, e não trabalha» —<sup>3</sup>.

Está aqui o vocábulo, na acepção de «folga» ou «folgança».

É sabido que *arrenegar-se* tem na linguagem familiar o significado de «zangar-se», e que uma *pessoa arrenegada* é aquela que facilmente se irrita, que mostra mau modo, (a quem os franceses chamam *bourru*, e os ingleses *cantankerous*. e / }

#### arribas

Conquanto muito usado este vocábulo, no plural [cf. *riba* e (*ar*)*raia*], no sentido de «fragas à beira-mar», correspondente per-

<sup>1</sup> ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALENTEJO, in Portugalia, I, p. 542.

<sup>2</sup> Lisboa, 1894, p. 64.

<sup>3</sup> O DIA, de 30 de março de 1903.

feito do francês *falaises*, não o vi ainda rejistado, em tal acepção restrita, em nenhum dicionário português.

Usei dêste termo, para traduzir *falaises*, nas notas á SELECTA DE AUTORES FRANCESES <sup>1</sup>, a p. 148.

#### arrilhada

Nos meus apontamentos, mas sem abonação, tenho êste vocábulo, como usado em Montemor-o-Novo, com a significação de « bico de ferro da aguilhada ».

Não está consignado nos dicionários portugueses, que eu saiba, nem tampouco em outra acepção, usada, como me informa o editor dêste trabalho, desde Cezimbra até a Nazaré. É uma espécie de raspador composto de ferro triangular, de um palmo de comprimento, cuja base é o gume, e em cujo vértice se insere um cabo de madeira: serve para arrancar da rocha a *serrada*, ou minhoca de água salgada. Serve para isco a *serrada*.

#### arrió, arriós, arrioz, arriol

A terceira destas formas é definida no NÓVO DICIONÁRIO como significando — « pedrinha redonda com que se joga o alquerque; pelouro de arcabuz ». — No Suplemento ao mesmo copioso dicionário diz-se ser — « jôgo de rapazes com a pedra do mesmo nome » —, equivalendo portanto ao citado *alquerque*.

Como o mesmo dicionário dá também a forma *arriol* trasmontana, segue-se que temos aqui um caso como o de *eirós* { *eiró* { *areola*, e consequentemente a escrita *arrioz* deve ser ortografia errónea. Cândido de Figueiredo atribui ali ao vocábulo um

---

<sup>1</sup> Lisboa, 1897.

étimo arábico muito problemático; mas o outro, *alquerque*, é sem dúvida de tal proveniência.

Qual é porém a origem de *arrió*, *arriós*, ou *arriol*, e qual o seu primitivo significado, pois vemos que tem três: «pedra redonda», «pelouro (de pedra) para arcabuz», e um «jôgo em que figura uma pedra como elemento»?

Vê-se perfeitamente que o desenvolvimento de significação da primitiva «pedra esférica» poderia ter-se dado, por uma parte aplicando o vocábulo a qualquer pedra redonda, ou arredondada, por outra denominando o jôgo pelo instrumento dêle, como dizemos *a malha*, pelo *jôgo da malha*.

Para a investigação do seu étimo não é porém indiferente a ordem por que se desenvolveu a significação primordial desta palavra.

Como, para justificar a acepção de «pedra», não há nem em latim, nem em árabe, nem em qualquer língua germânica vocábulo que possa apresentar-se como origem dêste, que parece ser antigo na língua, é-nos licito procurá-lo em outro idioma, do qual o português haja recebido palavras, ainda que raras, e com que estivesse em possível contacto.

Não resisto à tentação de, como simples hipótese, o considerar um dos poucos vocábulos vasconços que passaram a Portugal, assim como na realidade passou *esquerdo*, formas antigas, *ezquerdo*, *escequerdo*, castelhana *izquierdo*, em vasconço *ezquer* { *escu*, «mão» e *oquer*, «torto, canho»; palavra que tanto em português como em castelhano substituiu as antigas dições *se(e)stro*, *siniestro* { *sinistrum*, a primeira das quais ainda perdura em port. como substantivo, com a significação de «balda», «hábitos ruins» e a segunda em espanhol, com a de «desastre». Outra palavra de origem vasconça parece ser *gualdir* { *galdu*, «perder(se)».

Neste idioma pirenaico *pedra* diz-se *arri*, que vemos no apelido *Arriaga*, procedente de Espanha, e que lá é também o nome de um lugar na província de *Alava* (ou *Álava*, como acentuam os castelhanos, ao contrário da acentuação original), e de lugares nos subúrbios de Vergara, Vitória, Guernica, tudo nas

Vascongadas, onde também se encontra o radical *arri* em *Arriola*, nome de povoação naquela e na de Guipúzcoa <sup>1</sup>.

O sufixo *-aga* de *Arriaga* tem valor colectivo, equivalendo o derivado a «pedreira, ou pedraria, pedregal» (V. em *azinhaga*).

Se, porém, partirmos da hipótese que a acepção primitiva haja sido «espécie de jôgo», neste caso ser-nos há inútil ir procurar o étimo a idioma tam exótico, pois o temos muito à mão na fonte principal do nosso vocabulário. Em castelhano o jôgo a que nos referimos denomina-se *rayuela*, forma deminutiva de *raya* «risca», do latim *radia*, plural de *radium* (cf. *pimienta* { pigmenta, pl. de pigmentum), e êste nome procede do traço ou risco feito no chão pelos jogadores, e que serve de meta para a projecção da pedra, arremessada com una pancada de um pé, enquanto o outro está no ar. Ora, à forma *rayuela*, corresponde em português *raiola*, ou *rayoula* (cf. *lentejoula* com *lentejuela*, *tejolo* com *tejuelo*), e do primeiro, *raiola*, com a adjunção do artigo *a* (cf. *arraia* { *raia*), resultaria a forma *arraiola*, da qual proviria *arraiô* (cf. *abueta* com *avô*), e pela condensação do ditongo (cf. *rial*, *arraial*) *arriô*, cujo plural *arriôs*, seria ao depois tomado como singular: [cf. *eiró(s)*, e a forma popular *poses*, por *pós*], *ilhó(s)*, *ilhós(es)*, (q. v.).

Como, porém, a palavra é masculina, o processo de derivação pode ainda, com menor probabilidade, ter sido o seguinte: *radiolum* { *raiolo*, { *raiol*, { *riol* { *rió*, menos plausível visto que por êle se não poderia explicar nem o *a* inicial, nem o *ó* aberto (cf. *avô* { *auolum*, *Paçô* { *PALATIOLUM*, *Mosteiro* { *monasteriolum*, com *Grijó* { *ecclesiola*).

Em qualquer caso a forma *arrioz*, com *z*, é injustificável.

---

<sup>1</sup> «Geografía General de España», DICCIONARIO DE TODOS LOS PUEBLOS DE ESPAÑA, Madrid, 1862, p. 26, col. I.



## arrunhar, arruinar, arrunhar

É forma convergente de dois vocábulos inteiramente distintos.

1.º *arrunhar* { *arruinar*.

2.º *arrunhar*, correspondente ao proençal *redonhar*, francês *rogner*, de *ad-rotundeare*, verbo derivado de *rotundum*, «redondo».

Veja-se REVISTA LUSITANA, II, p. 82, onde José Leite de Vasconcelos, em nota, deixou o caso perfeitamente averiguado, acrescentando mais a forma minhota *arruinar*, tetrassílabo, para explicar *arrunhar* = «*arruinar*», e para a qual deve ter havido outra forma ainda, intermédia, *arruïar*.

## artemajes

Esta palavra, popular no Alto-Alentejo, vem assim definida no belo estudo de J. da Silva Picão, intitulado ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALENTEJO <sup>1</sup>:— «São para a rapaziada fazer artemages. nome que em calão local significa exercicios gymnasticos e acrobaticos» —.

## (altesa) artesa, artesão

No estudo de J. da Silva Picão, já por vezes citado aqui, e que se intitula ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALENTEJO <sup>2</sup>, vem êste vocábulo:— «*altesas* de madeira e alguidares de barro para os amassilhos» —.

É corrutela de *artesa*, que vemos rejistado no CONTEMPORANEO, e no NÓVO DICCIÓNARIO, mal escrito com *z* em vez de *s*.

<sup>1</sup> in Portugalia, I, p. 542.

<sup>2</sup> in Portugalia, I, p. 539.

Em castelhano, como em português, *artesa*, ainda que actualmente com pronunção diversa dada ao *s*, quer dizer: caixote de quatro faces iguais, que vai estreitando para o fundo, e serve para amassadouro do pão.

O étimo é desconhecido, pois o grego *ártos* que se lhe atribui não oferece confiança alguma. De *artesa* vem *artesaõ*, como termo de arquitectura, o qual também se deve escrever com *s*, como em castelhano *artesón*.

#### arujo

Em Trás-os-Montes é o mesmo que «argueiro».

Em castelhano *orujo* é o «bagaço da uva».

#### arvoar

Este verbo quer dizer, conforme os dicionários «entontecer». D. Carolina Michaëlis já lhe deu a origem; é o latim *herbulare*, «envenenar»<sup>1</sup> comervas». Cf. *hervar*, no mesmo sentido, por exemplo em *frechas hervadas*.

#### asada, asado

A forma masculina deste adjectivo substantivado, como nome de um vaso com asas, já está consignada no NÓVO DICIONÁRIO, e é muito frequente no norte do reino. A forma feminina parece ser usual no Alentejo, visto que a encontramos empregada por J. da Silva Picão, na ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALENTEJO<sup>1</sup>:— «azadas para a coagulação do leite, para a coalhada, como vulgarmente se diz»<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> REVISTA LUSITANA, I, p. 293.

<sup>2</sup> in Portugalia, I, p. 540.



Há aqui mais a registar a abonação do termo *coalhada*.

Parece que nem *asada*, nem *asado* são usados no centro do reino, ou pelo menos em Lisboa.

O Dicionário da Academia define *asado* como «panela com asas».

É sabido que *asa* é o ansa latino e que, além do significado dêste, compendia também o de ala, que depois de ter passado a *aa* desapareceu inteiramente do uso, visto que o latinismo *ala* tem sentido muito restrito. Exemplo de *aa* ainda o encontramos no ROTEIRO DA VIAGEM DE VASCO DA GAMA <sup>1</sup>:— «non tem penas nas aas» —.

#### ascoitar

Esta forma popular minhota, correspondente à do sul *escutar*, forma antiga *escuitar*, e como esta derivada do latim *auscultare*, é quasi igual à galega *escoitar*, que vemos empregada nestes hiperbólicos, mas formosos versos, consagrados por Alberto Garcia Ferreiro <sup>2</sup> à Corunha, ao avistar esta cidade:

Chorei, qu'eu non sabería,  
—; e San Pedro non m'escoite!, —  
d'escoller, qu'escollería,  
¡s'entrar n-a Cruña de noite  
ou entrar n-o ceo de día!

Êste elogio à formosa cidade galega em nada é inferior ao consagrado à risonha Granada:

Hizo Dios á la Alhambra y á Granada,  
Por si le cansa un día su morada.

<sup>1</sup> Lisboa, 1861, p. 14.

<sup>2</sup> FOLLAS DE PAPEL, Madrid, 1892.

## aselha

Conquanto este vocábulo não seja tam evidentemente um deminutivo de *asa* como parece e os lexicógrafos modernos o afirmam, tem o significado de «asa pequena de vasilha» no trecho seguinte <sup>1</sup>: — «Manufacturados os primeiros vasos sob a inspiração floral ou dos fructos, apodes, sem aselhas e cabos» —.

A acepção usual é «laçada», o que em inglês se diz *loop*, e substitui a *casa*, para se abotoar um vestido, entrando nela o botão. J. Cornu deriva-o de *ansicula*.

## asneiro, asneira

Como adjectivo quer dizer o que procede de *asno*, «burro». O NOVO DICIONÁRIO define assim: — «diz-se da bêtea que procede de burro e égua, ou de cavallo e burra» —. Não é exacta a definição: a verdadeira contém-se na seguinte citação: — «Bastaria a criação de algumas caudelarias, onde se ensaiasse a criação de muares asneiras (filhas de cavallo e burra), muito mais resistentes a *horse-sickness* do que as [muares] eguariças (filhas de burro e egora)» —<sup>2</sup>.

Vê-se: 1.º que as bêteas são muares; 2.º que há diferença, determinada pela mãe, que é quem dá o nome: se é jumenta, a muar é *asneira*, se é égua, *eguariça*.

Já Bluteau mostrava bem que havia distinção, ao citar Galvão, TRATADO DA GINETA: — «As bestas muares egoariças e *asneiras*» —<sup>3</sup>.

## assedajem

Este vocábulo, ainda não incluído nos dicionários, é assim definido por Belchior da Cruz no seu interessante estudo intitulado

<sup>1</sup> Rocha Peixoto, AS OLARIAS DO PRADO, in Portugalia, I, p. 229.

<sup>2</sup> JORNAL DAS COLONIAS, de 15 de julho de 1905.

<sup>3</sup> VOCABULARIO PORTUGUEZ LATINO, sub v. ASNEIRO.

lado « Industria caseira de fição, tecelagem e tingidura de substancias textis no districto de Vianna do Castello » <sup>1</sup>, e onde tantos curiosos termos se encontram: — « A assedagem é uma operação que tem por fim endireitar e apurar os filamentos (do linho), continuando a separar d'elles quaesquer substancias estranhas, como as *arestas*. Faz-se com *cardas* ou *pentas*. As cardas do linho teem o nome especial de *sedeiros* » —.

É provávelmente formado pelo autor, derivando-o naturalmente de *assedar*, já definido em vários dicionários. *Assedamento* seria talvez preferível, se *assedagem* se não divulgou ainda.

assobio; assobiar, sobiote

É sabido que este verbo procede do latim *ad-sibilare*, e que a pronúncia predominante antes era *assoviar*, com *v* e não *b*. O *o* pelo *i* latino foi produzido pela influência da labial.

O substantivo *assobio*, ou *assovio*, ora designa o acto de « assobiar », ora o instrumento com o qual se produz o « assobio » soprando, e a que também se chama *apito*, em castelhano *pito*, de orijem desconhecida.

*Sobiote*, é um deminutivo do tipo *caixote*, *franganote*, *velhote*, e em Trás-os-Montes é nome de um apito de metal, ou de madeira <sup>2</sup>.

*Assobio d'água*, é uma espécie de ocarina, de barro, com a qual se imita o canto do cuco <sup>3</sup>.

assorear, assoreamento

Este verbo e o substantivo dêle derivado são muito usados modernamente, ora escritos, com *ss*, como considero ser a verda-

<sup>1</sup> in Portugalia, I, p. 371.

<sup>2</sup> Trindade Coelho, ABC DO POVO, p. 5.

<sup>3</sup> Rocha Peixoto, AS OLARIAS DO PRADO, in Portugalia, I, p. 258.

deira ortografia, e mesmo a mais comum, ora com ç, *açorear*, que tenho por errônea, pois é impossível que tais vocábulos provenham de *açor*, ou de *Açôres*. O étimo, não provado, mas provável, será *a-sorear*, sendo *sorear* uma contracção de *so-arear*, pois à preposição e ao prefixo latino sub correspondia no português antigo *sô*, e não *sob*, que é de introdução moderna, talvez feita por Alexandre Herculano.

Eis aqui dois exemplos, que abonam o verbo e o nome:—  
«O mar não cessa de lambar a areia que forma a praia de Espinho. Nas chamadas Pedras do Brito deixou a descoberto cachopos, que desde tempos immemoráveis se achavam assoreados» —<sup>1</sup>.

—«No anno de 1895, em poucos mezes os assoriamentos tomaram tal incremento. . .» —<sup>2</sup>.

No primeiro destes trechos, vê-se bem a significação e a proveniência presumível da palavra.

A hipótese de que em *assorear* haja como principal elemento a palavra *areia* é corroborada pelo facto de também se empregar a expressão «o rio está areado»; cf. o francês *ensabler*.

#### (a) tabefe

É um vocábulo de origem arábica, que em português ora se diz com o artigo arábico, ora sem êle (cf. *zarcão* e *azarcão*); designa, como é sabido, um preparado de leite, que o DICIONÁRIO CONTEMPORANEO descreve d'este modo:—«massa formada por manteiga e caseína, levantada, pela adição de uma certa dose de coalheira, do soro do leite que ficou depois de separado o coalho» —.

Na Revista Portugalia <sup>3</sup> está abonado o termo como usado

<sup>1</sup> O ECONOMISTA de 5 de janeiro de 1890.

<sup>2</sup> Portugalia, I, p. 609.

<sup>3</sup> J. da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALEMTEJO, a p. 540, vol. I.

no Alentejo:— «tacho grande de cobre para o almeice (soro) ir ao lume e produzir o atabefe»—.

A palavra *almeice*, ou, segundo a forma mais usual, *almece*, é também arábica, AL-MAIS, «soro de leite», à qual a forma alentejana é mais fiel.

#### atazanar, atezazar

Êste verbo costuma ser corrigido nos dicionários em *atezazar*, como derivado de *tenaz*.

O NÓVO DICIONÁRIO, no Suplemento, consigna a forma *atazanar* como a verdadeira, e na realidade é ela a única empregada pelo povo. Parece ser o árabe LA TAZANA(1), correspondente ao ne mechaboeris do sexto mandamento do decálogo na Vulgata.

Não é pois metátese de *atezazar*, a qual seria pouco presumível, visto a palavra *tenaz* ser do domínio popular, com esta forma, ou com as de *tanaz*, *atanaz*, no singular, ou no plural *tenazes*, como substantivo, nome de um conhecido instrumento, que no uso actual melhor corresponde ao francês *pince*, visto que *tenailles* nesta língua quere dizer *tarques*. Todavia, como ferramenta em diversos officios, continua *tenaz* a ter os significados antigos, que vemos em Bluteau <sup>1</sup>.

No periódico do Pôrto, intitulado A REVISTA, de 15 de abril de 1905 (ano II, n.º 10), publicou a insigne romanista D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos um interessantíssimo artigo acêrca da famosa lejenda, em caracteres góticos minúsculos, das Capelas Imperfeitas do mosteiro da Batalha, infinitamente repetida com diversas variantes gráficas, e que tem espertado a curiosidade e aguçado a sagacidade de tantas pessoas. Nesse erudito estudo conclui a notável escritora pela interpretação *tãsas serey* = *tenaz serei*, interpretação que satisfaz completamente ao sentido, mas deixa no espírito ainda uns vizlumbres de dúvida, pois a ser

<sup>1</sup> VOCABULARIO PORT. LATINO.

deixa sempre se considerar o *e* do final de *tenaz* incluído no *s* inicial de *seray*, visto que não é possível encontrar na leijenda mais que um *s* além desta tenes de admitir que um mesmo símbolo se ha de interpretar no primeiro vocabulo como a figuração emblemática de uma tenes e no segundo por *y*, sendo êles sempre tam semelhantes entre si. Na realidade, a hipótese é muito enganosa e muito bem estabelecida: está ainda lonje, porém, de demonstrar a exactidão dessa leitura. O conceito total do emblema e da letra seriam portanto correspondentes à conhecida divisa italiana *di fare cinque*.

Crawford, no curioso e ameno livro que, com o título *TRAVELS IN PORTUGAL* e o pseudónimo Latouche, publicou em tempo, considerava a famosa leijenda como anagramática, e encontrava nela uma frase elíptica latina, *arte lineis*, devendo ler-se, portanto, para êsse efeito a segunda letra como sendo *l*, e não *a* como a quinta.

No número da citada REVISTA, correspondente a 15 de julho de 1905 voltou a questão da leijenda a ser tratada. Brito Rebêlo, em data de 15 de maio do mesmo ano expôs os resultados da sua investigação, a qual, é força confessar, deixou bem clara a significação deste enigma.

Para o erudito investigador a leijenda não é grega, nem latina nem portuguesa: é francesa, como as de todos os íncultos ínfantes, e nesta lingua cortesã representa a divisa de El-Rei Dom Duarte, fundador das Capelas Imperfeitas, pois mandou dar comêço às obras delas em sua vida, comêço que teve execução. A leijenda, que principalmente adorna o arco da entrada, enlaçada nos ramos de hera que são o motivo predominante da sua ornamentação, mas que também se vê em outras partes do mosteiro, é na sua opinião, difficil de refutar, o mote *tan que seray*, «emquanto viver», segundo membro de outro em cuja interpretação Brito Rebêlo não foi a meu ver tam feliz, e que não mencionarei aqui. A êste resultado não chegou Rebêlo por exame especial e detido das muitissimas repetições da célebre leijenda, mas sim em virtude da leitura de um documento, arquivado na Torre do Tombo, e publicado após o dito estudo, o qual consiste



em uma quitação passada por Estêvão Vás, com autorização do infante Dom Pedro, a João Vasques Bombarral, que exerceu o officio de copeiro da Casa Real, e tinha confiada à sua guarda valiosa baixela, cuja descrição consta do mesmo documento. Como nas várias peças da dita baixela, além dos ornatos e labores minuciosamente descritos, estava gravada a divisa francesa de Dom Duarte *tam que seray, tan que serey*, com diversas ortografias, compara Rebêlo essa divisa com a leyenda, e conclui serem identicos os dois letreiros.

Conquanto pareça completamente explicada com esta aproximação a leyenda da Batalha, em um aviso citado no indicado número da REVISTA prometeu-se que o conhecido critico de arte Joaquim de Vasconcelos responderia ao artigo de que fiz aqui extensa e bem merecida menção.

#### atuado

J. Leite de Vasconcelos, no vol. II da REVISTA LUSITANA páj. 43, dá êste vocábulo alentejano como derivado de *attenuatum* { *attenuare* } *tenuis*. É provável que a forma antiga fosse *atiado*.

#### augueiro, agùeiro

A forma correcta é sem dúvida a segunda, mas a primeira, com retrocessão do *u* de *gu* para a primeira sílaba, formando ditongo com *a*, é a local popular:—« Accessoriamente os oleiros das duas regiões [Trás-os-Montes, e Minho] dispõem ainda d'um *augueiro*, pote já inutilizado, com a agua de que carecem frequentemente no trabalho »—<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Rocha Peixoto, SOBREVIVENCIA DA PRIMITIVA RODA DE OLEIRO EM PORTUGAL, in Portugalia, II, p. 76.

## avelar: avela

Palavra que muitos dicionários dão como verbo, significando *engelhar*, e nenhum como substantivo comum, pois como primeiro é bem conhecido o apelido, que deriva de *Avelar*, nome de uma vila, de três lugares, de um casal e de uma quinta. Ora *avelar*, como substantivo comum, significa, à imitação de *avellanar* castelhano, que também é denominação de um tipo de um sítio plantado de *aveleiras*, e daí provieram os nomes das povoações ou sítios referidos.

O verbo *avelar* deriva igualmente de *avelã* (*avelanar*, *acerejar* ; *cereja*, e é parêlo do verbo *avellanar* castelhano, que também quer dizer «engelhar, secar, como a avelã». Em outra parte, *avelã* português, *avellana* castelhano são o mesmo que *auellana*, ou *abellana*, adjectivo derivado do nome da cidade de Abella, ou Avella, e já os romanos chamavam ao fruto da aveleira *nux avellana*, por o receberem daquela cidade da Itália.

O verbo *avelar*, querendo dizer «melar», vêmo-lo empregado neste trecho:— «As uvas, como a chuva chegou ás raízes das cêpas, avellaram e... apodrecem» —<sup>2</sup>.

Está, pois, aqui num sentido absolutamente oposto ao que geralmente se emprega, isto é, «encolher por falta de umidade».

Neste último significado usam na ilha de Sam Miguel o verbo *azougar*, applicando-o à fruta que começa a apodrecer <sup>3</sup>.

O NÓVO DICIONÁRIO inclui o vocábulo *avela* como usado na Índia, com o significado de «arroz torrado». Nada tem, com

<sup>1</sup> João Maria Baptista, CHOROGRAPHIA MODERNA DO REINO DE PORTUGAL, vol. VI, Lisboa, 1878.

<sup>2</sup> O SECVLO, de 25 de setembro de 1901.

<sup>3</sup> V. O SECVLO, de 5 de julho de 1901.

êste termo com o verbo *avelar*, pois é palavra malabar, como se declara na REVISTA LUSITANA, VI, páj. 77 <sup>1</sup>.

### aventar

Além das várias acepções, quer naturais, quer figuradas, já rejistadas nos dicionários, cumpre acrescentar a de «botar fora», usada no Alentejo (Vila-Viçosa).

### avergoar

No NÓVO DICCIONARIO vem incluído êste verbo, muito expressivo, derivado de *vergão*, que o CONTEMPORANEO define nos termos seguintes:— «verga grossa // Marca ou vinco resultante de uma pancada forte e sobretudo da que é dada com vara ou azorrage» —. A origem do vocábulo é evidentemente *vériga*, do lat. *virga*. Modernamente, encontramos o verbo *avergoar*, na tradução de um conto não sei de que autor, nem em que língua escrito, e que em folhetim foi publicado no excelente periódico semanal portuense GAZETA DAS ALDEIAS; intitula-se «Os horrores da Sibéria». O trecho é assim:— «[os cavalos] arremeçaram-se numa corrida furibunda, soltando de quando em quando roucos relinchos, arrancados pêlo chicote que lhes avergoava as poderosas ancas» —.

Neste sentido ouvi eu empregar outro verbo muito pitoresco, já colijido no NÓVO DICC., *cardear*. Ouvi esta expressão, há vinte e tantos anos, a um cocheiro de diligência, indo de jornada de Alcobça para a Nazaré. Reparando eu nuns vincos que os cavalos (*burros* lhe chamava êle) tinham no pêlo, perguntei-lhe o que aquilo era; ao que me respondeu: «estão cardeados do açoute».

---

<sup>1</sup> DIALECTO INDO-PORTUGUÊS DE GOA, por Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado.

Aqui o verbo *cardear* tem exactamente o mesmo sentido que *avergoar*, isto é, «vincar», e a primeira acepção deve ter sido «fazer nódoa negra», visto que o adjectivo *cárdeo* significa «arroixado, denegrado», correspondendo ao castelhano *cárdeno*, como o vemos empregado por Espronceda no *DIABLO MUNDO*<sup>1</sup>.

É de notar também que a palavra *roixo*, que antes significava «encarnado», hoje é pelo povo muito bem aplicada à côr que os franceses chamam *violet*, e que por cá se teima em arremedar com *violeta*, sem se atender a que a forma popular para o nome da flor é *viola*, e não *violeta*.

Sentido análogo e opposição semelhante à expressada por Espronceda nos versos do Canto a Teresa, no *DIABLO MUNDO*, e que acima citei, vêmo-lo entre a palavra *roixo* e a locução *côr de rosa*, nos seguintes do canto iv do Dom Jaime, de Tomás Ribeiro:

Que ás tuas faces mimosas  
Combanidas do martírio  
Cobriram frescura e rosas  
As roixas tintas do lírio!

Com o significado de *vergão*, existe o substantivo *cardeal*.

O adjectivo *roixo*, como designando côr mais escura que a encarnada, é muito usado em português, por ex.: *roixo-lírio*, *roixo-rei*, *roixo-terra*, *roixo-túnica*, etc.

Referi-me à tradução de um conto, e aproveitarei o ensejo para algumas observações a êste respeito. Disse que essa tradução é esmerada, direi igualmente que nem sempre é feliz; assim no trecho que citei, *furibunda* seria com vantagem substituída por *furiosa*, *louca*, *desordenada*, como *ancas possantes* é preferível a *poderosas ancas*. Acrescentarei ainda: O sistema de acentua-

<sup>1</sup> Cuando ya su color tus labios rojos  
En cárdenos matices cambiaban;

Quando já dos teus lábios o rubor  
E.n roixa e negra côr se transmudava;

ção adoptado na GAZETA DAS ALDEIAS é o de Cândido de Figueiredo, convém saber: todos os esdrúxulos, todos os agudos terminados em vogal e os vocábulos inteiros terminados em consoante acentuam-se gráficamente; além disto *e* e *o* fechados são sempre marcados com o circunflexo, para se diferenciarem de *e* e *o* abertos. Pôsto isto, parece que alguns dos vocábulos russos entremeados na descrição deveriam ser marcados nesta conformidade, mas não o são: *izbá*, e não *isba*, é a cabana dos camponeses russos, *dugá*, e não *dúja*, é em russo « arco », e applica-se àquella em que, por cima da cabeça do cavallo, se dependura uma campainha. Semelhantemente, *Fedor* como está escrito parece cousa muito feia; isto nem é russo, nem português: em russo diz-se *Fiódor*, e em português *Teodoro*. Na mesma narração chama-se ao cocheiro *jemskik*, vocábulo que não existe em russo; cocheiro diz-se *iama.xchik*, que se pronuncia *ièmostchique*; e assim várias outras palavras.

Não se cuide, porém, que isto envolva grande censura; ao contrário: são pequenos desprimores numa versão que é por vezes primorosa, e sempre feita com o maior escrúpulo, e vasto conhecimento das riquezas do nosso idioma, bem como aproveitamento discreto e abundante das suas rigorosas propriedades de expressão; se assim não fosse, nem mereceria a pena fazer menção aqui da versão a que me refiro.

#### azeite, azeitona, azeitoneira

Estas palavras, evidentemente relacionadas, figuram entre as línguas românicas unicamente nas duas da Península Hispânica, a castelhana, e a galega-portuguesa. São arábicas, significando a primeira, *AL-ZAIT*, o mesmo que em português, e a segunda, *AL-ZAITUNE*, tanto o fruto, *azeitona*, em castelhano *aceituna*, como a árvore, que por singularidade tem, no português *oliveira*, no castelhano *olivo*, origem latina, *oliva*, que quer dizer o fruto. Não sei se jamais àquella se chamou *azeitoneira*, em castelhano *aceituno*, como seria de esperar.

Outro emprêgo da palavra *azeitona* é ser nome de uma árvore da África portuguesa, boa para construções, de porte elevado, que chegá ás vezes a 25 e a 30 metros de altura <sup>1</sup>.

Com relação aos vocábulos *azeite* e *azeitona* diz Alberto Sampaio, na sua erudita e curiosa monografia, intitulada AS VILLAS DO NORTE DE PORTUGAL <sup>2</sup> o seguinte: — «admittindo-se que *azeite*, sendo um termo especial, não só tornou oleo (*oleum*) uma palavra generica, mas ajudou tambem a sustentar *azeitona*» —.

Ao nome da vila de *Azeitão*, dá João de Sousa a mesma origem.

*Azeite* em português tem emprêgo mais restrito do que em castelhano, pois apenas se aplica ao *de oliveira*, ao de *purgueira* e ao de *peixe*, entanto que em castelhano, não só se diz *aceite de hígados de bacalao*, «óleo de fígado de bacalhau», mas também se aplica a muitos outros óleos.

Um adjectivo derivado de *azeitona*, *azeitonado*, serve para qualificar certos peros-camoeses muito lustrosos, que teem na casca uma mancha, maior ou menor, mais escura, que na realidade parece de óleo, e com esta acepção particularíssima não está este adjectivo rejistado nos dicionários portugueses.

O derivado *azeitoneira*, *azeitoneiro*, prato para azeitonas, já foi inscrito em vários dicionários.

De origem arábica do mesmo modo parece ser a palavra que designa a oliveira brava *zambujo* ou *zambujeiro*, em português, ZANBUG, *acebuche* em castelhano, onde tem a mais o artigo AL, que também vemos no nome de vila de *Azambuja*. ao passo que em *zambujal*, *azambujal* se lhe acrescentou o sufixo colectivo *-al*, como em *laranjal*, *pinhal*, etc. Dozy <sup>3</sup> põe em dúvida que ZANBUG, ou AL-ZANBUGE, *azzembuja*, que vem em Pedro de Al-

<sup>1</sup> V. O ECONOMISTA, d. 5 de agosto de 1885.

<sup>2</sup> in Portugalia, I, p. 319.

<sup>3</sup> GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1866.

calá, seja vocábulo arábico, opinando ser antes berbere arabizado, o que Eguílaz y Yanguas <sup>1</sup> refuta, attribuindo-lhe, ao contrário, como étimo o latim *acerbus*, o que é inteiramente infundado. É sabido que este arabista, de grande competência no seu campo de investigação, a nenhuma autoridade tem jus como romanista, e assim o demonstrou todas as vezes que a etimologias latinas se referiu.

João de Sousa <sup>2</sup> deu a *zambujo* como étimo o arábico já citado, e o Dicionário da Academia fez o mesmo.

### azevinho

No Tramagal esta palavra designa uma casta de uva muito meúda, que nunca chega a amadurecer.

Na língua comum é o nome de um arbusto, e como tal está incluído em todos os dicionários. É uma forma deminutiva, ou talvez antes adjectival, correspondente a *azevo*, de que derivou o nome de lugar *Azevedo*, e dêste o apelido conhecido.

F. Adolfo Coelho, Júlio Cornu e outros dão como étimo de *azevo*, em castelhano *acebo*, o latim *aquifolium*, como *trevo* de *trifolium*. É força porém confessar que, se pelo que respeita á terminação *-evo* já é difícil de explicar satisfatoriamente a transformação de *folium*, é a bem dizer insuperável a dificuldade que apresenta o primeiro componente aqui-, para dêle provir *ace-*, *aze-*, e *acebo*, *azevo*:

Para vir de lá até cá  
Mudou muito no caminho <sup>3</sup>.

<sup>1</sup> GLOSARIO DE VOCES ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL, Granada, 1886.

<sup>2</sup> VESTIGIOS DA LINGUA ARABICA EM PORTUGAL, Lisboa, 1830.

<sup>3</sup> Alfana vient d'*equus* sans doute,  
Mais il faut avouer aussi,  
Qu'en venant de là jusqu'ici,  
Il a bien changé sur la route.

## azinhaga

Os nossos etimólogos dão como origem deste vocábulo um nome árabe, que foi primeiro proposto por João de Sousa <sup>1</sup> escrevendo porém *Azenhaga*, sem por isso todavia pretender que tenha alguma cousa que ver com *azenha* (*q. v.*). Diz ser a palavra portuguesa corrotela de uma forma arábica AL-ZANQE, que transcreve *Azzancha*, e relaciona com uma raiz verbal *zanaqa*, «apertar, estreitar». Os mais dicionários, a começar no da Academia, limitaram-se a copiar o étimo, com *ch* e tudo, sem darem mais razões do seu dito, nem da mudança de símbolo na transcrição.

Ora, em português existe um nome de árvore muito conhecido, *azinho*, em castelhano *encina*, que tem por origem um adjectivo *ilicinum*, derivado de *ilex*, em latim com a mesma significação. Júlio Cornu dá esse adjectivo como étimo do português *azinha*, e D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos <sup>2</sup> perfilha esta opinião, que me parece irrefutável. Na forma castelhana o *n* está pelo *l* da dição latina.

Temos pois em português as formas *azinha*, para o fruto, e para a árvore, *azinho*, *azinheira*, esta última derivada com o sufixo *-eira*, muito usual para designar árvores, arbustos, etc., como em *castanheiro*, a par de *castanho*, *castanha*, *pinheiro*, de *pinho*, *pinha*, etc. É sabido que em castelhano se designa em geral pela terminação *-o* a árvore, e pela terminação *-a* o fruto, por ex.: *naranjo* e *naranja*, *manzano* e *manzana*.

Resta averiguar se *azinhaga* poderá ser um derivado de *azinha*, ou *azinho*, que primeiro designasse um caminho por entre *azinhos*, e ao depois tomasse o sentido menos especial de «caminho estreito entre árvores», e mais genérico ainda, de «caminho estreito», como aconteceu com *alameda*, que primeiro

<sup>1</sup> VESTÍGIOS DA LINGUA ARABICA EM PORTUGAL, Lisboa, 1830.

<sup>2</sup> REVISTA LUSITANA, III, p. 135.



significou «rua de álamos», depois «rua de árvores», e por fim «uma rua», «um caminho», o fr. *allée*.

¿Mas como se há de explicar o sufixo *-aga*? Não existe êle em mais nenhum vocábulo português derivado, pois mesmo em *veniaga* (q. v.) é primitivo. Creio ser o sufixo vasconço *-aga*, que é colectivo, e também se applica a arvoredo, como em *liçar-raga*, «freixeal», { *liçar*, «freixo», *Arteaga*, { *arte* «azinho», nome de lugarejo na provincia de Navarra.

Cf. *Arriaga* e v. *arriol*.

*Azinhaga*, como *Azinhal* e *Azinhais*, figura abundantemente na toponímia portuguesa, onde sem dúvida não quis o primeiro dizer «caminho», mas sim *azinhal*.

#### babaré

O NÔVO DICCIONARIO consigna esta palavra como desusada, com a significação de «rebate, aviso de que há ladrões na vizinhança», e declara—que é termo asiático, o que é muito vago, para se lhe descobrir o étimo.

Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado, no seu estudo sôbre o DIALECTO INDO-PORTUGUÊS DE GOA insere o termo como goense com a seguinte definição:—«grito emittido batendo na bocca com a palma da mão; rebate (*bob* em k[oncani].—Do k[oncani] *bābā rē*, voc[ativo] de *bābā*», [menino]—.

Veja-se *cucuiada*.

#### babiruca, babirusa

Esta palavra, que o CONTEMPORANEO escreve erroneamente com um só *s* e manda pronunciar *babiruzza*, com maior êrro ainda, é directamente tirada do francês. A palavra é malaia, composta de *bābi* «porco», e *rusa* (pron. *rúça*), «veado». Poderia também escrever-se em português com *ss*, *babirusa*.

bacalhau: bacalhaus, bacalhoeiro, bacalhoa; badejo

Há perto de trinta anos D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos <sup>1</sup> identificou esta palavra, em castelhano *bacallao* e *bacalao*, com o latim artificial *baccalaureus* e o francês *bachelier*, derivado de *baccalarius*, e do qual procedem tanto o castelhano *bachiller*, como o português *bacharel*: cf. a forma antiga *chançarel* { *chancelier*, o que hoje se diz *chanceler*.

A aplicação de um termo com a significação de «bacharel» a denominar um peixe não é caso único, pois o mesmo peixe se chama também (*a*)*badejo*, palavra que é um deminutivo castelhano de *abad*, «abade», e foram sem dúvida os trajés daquele e dêste que determinaram as denominações: cf. *batina* por *abatina*, «a veste do abade». Temos ainda outra denominação análoga em *peixe-frade*; e com relação a aves, o francês *moineau* «pardal», deminutivo de *moine*, «monje», obedece à mesma suposta semelhança com o traje, como acontece igualmente, com as denominações portuguesas de aves, *cardeal*, *viuva*, etc.

Outro nome do bacalhau em espanhol é *curadillo*, e a esta expressão dá a ilustre romanista (*ib.*) como étimo o substantivo *cura*, «padre». Todavia, *curadillo* não é mais que o deminutivo de *curado*, particípio passivo de *curar*, «conservar por meio de fumo, sal, exposição ao sol» etc., particípio que se adjetivou e ao depois se substantivou, como aconteceu a *pescado*, *pescada*, *pescadinha*, que proveem do verbo *pescar*.

Como em holandês a palavra que denomina aquele peixe é *kabeljaauw* (pron. *cabeliáu*), supuseram alguns que o vocábulo português ou castelhano fosse o holandês, com metátese das duas primeiras sílabas; é porém provável que, ao contrário, seja o holandês que sofreu a metátese, derivando-se portanto das formas peninsulares, e com tanto mais razão, quanto é certo haverem os espanhóis e os portugueses conhecido o dito peixe e a sua

<sup>1</sup> STUDIEN ZUR ROMANISCHEN WORTSCHÖPFUNG, Lipsia, 1876, p. 169.

vivenda antes dos holandeses, devendo-se ter ainda em atenção que o vocábulo holandês, desusadamente extenso para ser primitivo nesta língua, também se não pode decompor em elementos significativos.

Littre <sup>1</sup> refere-se a esta palavra nos seguintes termos:— « CABILLAU (kabillô, *ll mouillé*) ou CABLIAU (kabliô) *s. m.* Nom donné dans les marchés à la morue fraîche... ETYM. Wallon *cabiave*, namurois *cabouau*, holl. *kabeljaauw*, dérivé par renversement de *bacailaba*, nom basque de la morue, d'où l'espagnol *bacalao* et le flamand *bakkeljau* »—.

Foi isto, pouco mais ou menos, traduzido do que a respeito de *cabliau* dissera Frederico Diez no Dicionário etimológico das línguas románicas. Dom Rafael de Bluteau <sup>2</sup>, porém, já muito antes escrevêra o seguinte:— « Peixe do mar septentrional da America a que os biscainhos derão o nome, quando o trouxerão á Europa... Bacalhao, e Badejo são o mesmo: o Bacalhao hé o que põem ao ar a secar nas partes da America, donde se pesca. O Badejo nos vem mais fresco »—. É êste último o que também se denomina *bacalhau frescal*.

Custa-me ter de contradizer Bluteau, Diez e Littre, com relação à origem vasconça do vocábulo.

Verdade é que Bluteau apenas asseverou que os biscainhos lhe puseram êste nome, sem afirmar que pertencesse à língua das Vascongadas; e na realidade, êle é tam vasconço como é holandês. E senão, vejamos: a forma vasconça citada por Littre, *bacailaba*, é simplesmente o castelhano *bacallao*, com a forma *bacailau*, seguida do artigo *a*, e a mudança do *u* final em *b*; como de *gau*, « noute », *on*, « bom », e *a*, artigo, se faz, em vários dialectos do mesmo idioma, a saudação *gaboná*, por *gau on a*, « boa noute! ». *Bacailau* não é explicável em vasconço, e mesmo não figura no dicionário de Van Eys <sup>3</sup>, nem como termo verná-

<sup>1</sup> Dictionnaire de la Langue Française, *sub v.* CABILLAU.

<sup>2</sup> VOCABULARIO PORTUGUEZ LATINO.

<sup>3</sup> Dictionnaire Basque-Français, 1873.

culo, nem sequer como castelhanismo. Nem é de admirar: uma grande parte do vocabulário vasconço castelhano é, ou outro mais antigo, latino.

O peixe e o seu nome foram mencionados por Pedro Mártire de Anguiera (Anghiera), geógrafo italiano que viveu em Espanha no século XVI e compôs em latim várias obras de merecimento acêrca de viagens, descobrimentos e etnografia. É citado por H. P. Biggar, na excelente monografia em que reivindica para os portugueses a exploração marítima da Groenlândia, primeiro chamada Terra do Lavrador, e a do Canadá. Intitula-se a monografia *VOYAGES OF THE CABOTS (Cabotos, ou Gabotos) AND CORTE-REALS* e foi publicada na «Revue Hispanique»<sup>1</sup>. Pedro Mártire, pois, atribui ao vocábulo *bacalhau* origem americana por estas palavras:— «Bacallaos Cabottus ipse illas terras appellavit: «eo quod eorum pelago tantam repererit magnorum quorundam piscium, tynnos emulantium sic vocatorum ab indigenis multitudinem, ut etiam illi navigia interdum detarderent — «Caboto denominou aquelas terras dos Bacalhaus, porque no mar que as banha encontrou grandes cardumes de enormes peixes, parecidos com os atuns, e assim chamados pelos indígenas, e tantos eram que estorvavam o navegar das embarcações».—Biggar acrescenta com muita razão:— «This origin of the word can hardly be correct. It is more likely that the Spanish and Portuguese sailors gave the name»—.

Efectivamente, o vocábulo, com esta ou outra forma parecida, nem em groenlandês ou esquimo, nem em qualquer dos idiomas dos índios bravos daquelas rejões americanas se encontra.

Nestes termos, não há remédio senão contentarmo-nos por enquanto com o étimo *baccalaureus*, há trinta anos proposto, como disse.

A palavra *bacalhau* indica ainda um açoute usado no Brasil, e com esta definição já se encontra no *DICC. CONTEMPORANEO*, mas sem estar aí abonada. O trecho seguinte apresenta a palavra

<sup>1</sup> T. X (1903), p. 556.

com esta significação:— «empunhou o bacalhau, e como instrumento da lei, fez correr o sangue d'aquelle que já foi seu irmão na desgraça!»—<sup>1</sup>.

No plural indica esta palavra um enfeite de cambraia branca, usado nos fins do seculo XVIII pelos homens. Foi a forma que lhe deu o nome, como também o deu às casacas muito compridas usadas pela mesma época e que se chamaram em Portugal *casacas-de-rabo-de-bacalhau*.

Outra significação análoga de *bacalhau* é a seguinte:— «cadeiras de pinho (chamadas de bacalhau)»—<sup>2</sup>. Êste nome foi-lhes dado em razão da forma que tem o espaldar.

O femenino de *bacalhau* é *bacalhoa*, formado, assim como o substantivo *bacalhoeiro*, de um tema *bacalhō*, *bacalhão*, como *leoa* de *leão*, *pavoa* de *pavão*, *cordoeiro* de *cordão*, *latoeiro* de *latão*, *relojoeiro* de *relojão*, pois de *relojo*, ou *relójo* seria *relojeiro*, ou *relojheiro*, como de *livro*, *livreiro*.

#### bacia; bacio; bâtega

Estas palavras, que proveem do latim da decadência *bassinum*, mas cuja orijem é problemática ainda, tem em português significações várias, subordinadas todas à noção de «vaso». A primeira indica forma de vaso mais larga e menos funda, a segunda o contrário, menos largura e maior profundidade, diferença de sentido que em geral expressa a forma masculina, com distinção da femenina, quando em português existem ambas para um só vocábulo orijiniário: cf. *canela* e *canêlo*, *cêsta* e *cêsto*, etc.

Acepções destas duas formas, hoje desusadas, são as seguintes: *bacia*, «prato grande e largo de metal, que se tanje com uma vaqueta, e supre o sino, entre vários povos da Ásia». Neste

---

<sup>1</sup> O ECONOMISTA, de 4 de dezembro de 1885.

<sup>2</sup> Marcelino de Mesquita, O TIO PEDRO.

sentido foi o vocábulo empregado por Fernám Méndez Pinto <sup>1</sup>, e por António Francisco Cardim <sup>2</sup>, no seguinte passo: obedecem [os habitantes da ilha de Áinão] ao sinal, parando ou marchando ao som da bacia » —.

É o que hoje indevidamente chamamos *tantã*, que na Índia significa « tambor ». O verdadeiro nome da bacia de arame que se tanje com vaqueta é *gom*.

Outro nome português do mesmo instrumento é *bátega*:— « Vigia toda a noute com batega e soldados »—<sup>3</sup>. É este que deveria substituir o erróneo *tantã*.

*Bacio*: O que também chamamos pratos fundos, tejas. José Pestana, na monografia O CALIX DE OURO DO MOSTEIRO DE ALCOBAÇA, publicada no « Archeologo Português » (v) diz:— « D. Manuel ordenara ao seu thesoureiro . . . que entregasse a Fructos de Goes os dois bacios dourados, e o gomil »—.

O Elucidario de Santa-Rosa de Viterbo <sup>4</sup> differença assim *bacio* de *bacia*:— « BACIO na provincia de Traz-dos-Montes ainda conserva o seu antigo significado; pois chamam *Bacios* aos pratos. Mas note-se, que antigamente *Bacio* se tomava por todo o vaso de boca larga, como gomis, canecas, etc., e nisto se differencavão das *Bacias*, que erão de mais bojo, e fundas, e aquelles erão mais chatos, espalmados, a modo das nossas bandejas »—.

Esta definição parece estar em contradição com o uso actual dos dois vocábulos, visto que na *bacia*, como forma femenina, a superficie predomina sôbre a altura, o que é o oposto do *bacio*.

<sup>1</sup> PEREGRINAÇÃO, cap. CLXI.

<sup>2</sup> BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 229.

<sup>3</sup> P. António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 103.

<sup>4</sup> ELUCIDIÁRIO DAS PALAVRAS TERMOS E FRASES QUE EM PORTUGAL ANTIGAMENTE SE USARÃO, Lisboa, 1798.

## bádur, badur

O Nôvo DICCIONÁRIO dá êste vocábulo com a significação de — « chefe indígena de algum districto, dependente do Estado da Índia portuguesa » —, escreve-o porém **Badhur**, e como o não acentua gráficamente, subentende-se, em harmonia com o sistema de acentuação gráfica empregado pelo lexicógrafo, que se há de ler *badúr*. O termo é persiano BAEADUR, « valente » <sup>1</sup>, e o *ñ*, antepenúltima letra do respectivo abecedário e que aqui represento por *ɛ* maiúsculo, foi deslocado para depois do *d*, quando a escrita orijinal o marca antes, formando a segunda sílaba com o *a*. A acentuação e a escrita portuguesas devem ser *bádur*, e assim, sem *h*, ortografaram os nossos antigos escritores.

## bafo, bafejar, abafar, bafio

Êstes vocábulos são entre si indubitavelmente aparentados, e para o primeiro dêles existe em castelhano a forma *vaho*, na qual o *v* é provávelmente capricho ortográfico em vez do *b*, que a forma portuguesa demonstra ser a verdadeira inicial, visto que, ao contrário do castelhano, o português diferença perfeitamente *v* de *b*, do Mondego para baixo.

F. Diez <sup>2</sup> pretende que seja voz imitativa e como ainda se lhe não descobriu étimo plausível, apesar de que as vozes onomatopéicas são por via de regra suspeitas, quando não são meramente interjectivas, à falta de melhor, aceitaremos provisóriamente o parecer do fundador inexcédido da filolojia románica.

*Bafo* tem uma significação muito diferente, porém, no seguinte passo: — « Por monturos classificam-se os ferragiaes contiguos ao monte [casal], ou os bafos do monte, como tambem

<sup>1</sup> V. Garcin de Tassy, MÉMOIRE SUR LES NOMS PROPRES ET LES TITRES MUSULMANS, Paris, 1878, p. 42.

<sup>2</sup> ETYMOLOGISCHES WÖRTERBUCH DER ROMANISCHEN SPRACHEN, Bonn, 1869, II.

alguns lhes chamam, se não lhe encontram a feição propria dos ferragiaes » —<sup>1</sup>.

baforeira, bêvera; abeberar

Tem-se fantasiado étimos extravagantes para êste termo vulgar de botânica, e todavia D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos já deu o verdadeiro, bifera(ria), na REVISTA LUSITANA, I, páj. 298, assim como *bêvera* { bifera, em castelhano *breva*. O verbo (*a*)*beberar*, porém, corresponde ao castelhano *abrevar*, francês *abreuver*, ant. *abeuvrer*, italiano *abbeverare*, de ad e bibere, por intermédio de uma forma transitiva *adbiberare*.

baga, bagada, bágoa, bago

Em galego a palavra *bágoa* significa «lágrima». Em português comum dizemos *bagas de suor*; mas no Minho *bagadas* querem dizer «lágrimas»<sup>2</sup>. Esta última forma é derivada, e presuppõe a existência de *baga* na acepção de «lágrima», correspondente ao vocábulo galego citado.

A origem de todas estas formas é o latim *bacula*, plural de *baculum* { *bágoa*, antigo, moderno *bago*, que foi depois substituído pelo latinismo *báculo*, quando se refere à insígnia episcopal.

No Suplemento ao Nôvo DICCIONÁRIO vê-se inscrita a palavra *bago*, como adjectivo, abonada com um passo da D. BRANCA de Almeida Garrett, páj. 23, não sei de que edição para o conferir:— «... o abbade, homem prudente, que o *bago* regedor metteu em meio da contenda... » —.

<sup>1</sup> J. S. Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, in Portugalia, I, p. 280.

<sup>2</sup> Fui ao jardim da alegria  
Espalhar [as] minhas penas:  
Onde as bagadas caíram  
Rebentaram açucenas.

FOLKLORE TRANSMONTANO in Portugalia, II, p. 107.



Ora neste passo, refira-se êle a que se referir, *bago* é o substantivo, e *regedor* o adjectivo, sem a menor dúvida, e *bago* deve aí estar por *báculo*. Não há pois tal adjectivo.

bailique; bailéu

O Nôvo Dicc. inclui êste vocábulo como de gíria, com a significação de «quarto na prisão; tarimba». Neste último sentido, que me parece ser o próprio e mais usual, encontra-se a palavra, perfeitamente definida, no jornal O SECULO, de 28 de abril de 1902:— «A prisão [no Aljube, ou cadeia para as mulheres, em Lisboa] semelha qualquer das enxovias do Limoeiro [cadeia para os homens, na mesma cidade], pois que lá se vêem em volta os mesmos *bailiques*, especie de tableiros, que, girando sobre um fulcro, descem da posição vertical para se armarem em largos leitos»—.

Parece haver relação de forma entre êste vocábulo e a palavra *bailéu*, «estrado, suspenso por cordas em que se colocam os trabalhadores para fazerem obras nos edificios», e que tem outras várias acepções, que se podem ver no DICC. CONTEMPORANEO. Apesar da afirmação em contrário, feita nos dois dicionários citados, não creio que haja a mínima relação entre êstes dois vocabulos e o verbo *bailar*.

Ambos êles tem forma de derivados de um primitivo *bailo*, que em tal sentido não existe, que eu saiba.

bainha: banhar, abanhar, embainhar, vajem

Êste substantivo, do latim *uagīna* (} *baña* } *bainha*) significa tanto a da espada, faca, etc., como a dobra que se faz na extremidade de um vestido, e na qual se metia antes um cordão para lhe dar consistência, ou franzi-lo. Os puristas distinguiam *abanhar*, «fazer *bainha* em vestido», de *embainhar* «meter a espada na *bainha*». No uso comum ninguém faz já tal distincção,

pois em ambos os casos se emprega *embainhar*, e *abainhar* tornou-se obsoleto.

No Minho o antigo *abainhar* diz-se hoje em dia *bainhar*, sem prefixo.

O substantivo *vajem*, é um alótopo, ou forma divergente do mesmo étimo uagina, com deslocação do acento tónico (*vági-na*), e que tem outras formas, *vaje*, *baje*, e designa a *bainha*, ou folhelho dos legumes.

Tanto no francês *gaine*, como no castelhano *váina*, o acento foi igualmente deslocado para a primeira sílaba de uagina.

bairro, bairrista, *bairrismo*; barro, barreira, barreiro,  
barroso, barrista

A palavra *bairro* é de procedência arábica, *baīr*, «terra», *baīrī*, «de fora», e a sua primitiva acepção, ainda usual em Espanha (*barrio*), foi de «subúrbio»; a de divisão interna de uma cidade é posterior: cf. a expressão, «fora da terra», e o substantivo castelhano *afueras*, «cercanias, arredores».

Do mesmo modo, o derivado *bairrista* tem também as duas acepções; na segunda significa o habitador do mesmo *bairro*; na primeira, vemo-lo exemplificado no seguinte trecho:—«Lamego 12. Existem ainda por estes sitios uns restos da antiga barbaria bairrista, que faz ver no povo visinho o inimigo, cujos odios se transmittem, intensamente selvaticos, de geração em geração» —<sup>1</sup>.

É palavra muito expressiva para designar o individuo cujo amor à terreola natal é levado ao extremo odioso de aborrecer os naturais das terras próximas; e à semelhança desta formação poderíamos denominar *bairrismo* êsse capricho e timbre intransigente e exclusivista.

<sup>1</sup> O ECONOMISTA, de 16 de novembro de 1890.

Santa Rosa de Viterbo <sup>1</sup> define assim o vocábulo *bairro*:—  
«Lugar pequeno, quinta, Aldêa, casa de campo, ou de abegoaria» —.

Esta definição é a que no Dicionário da Academia Espanhola <sup>2</sup> vemos, com pequena diferença, atribuir-se à palavra *barrio*, na segunda acepção, em que é sinónimo de *arrabal*:—  
«Grupo de casas ó aldehuela dependiente de otra población, aunque está apartado de ella» —.

A palavra *barro*, portuguesa e castelhana, parece ter a mesma orijem, e o mesmo se pode dizer de *barreira*, no sentido de lugar onde se colhe o barro, como vemos empregado o vocábulo no escrito de Rocha Peixoto intitulado AS OLARIAS DE PRADO <sup>3</sup>:—  
«Adquirida a argilla necessaria nas *barreiras* de Cabanellas» —.

O nome de vila, ao sul do Tejo, *Barreiro*, deve de ser uma forma, masculina, da mesma dição, e outro tanto podemos dizer de *Barreiros* ou *Barreiras*, nomes de muitas povoações portugesas, de *Barroca*, e de *Barrosa*, *Barroso*, *Barrosã*, *Barrosão*, adjectivos substantivados em nomes próprios.

*Barroso* como substantivo comum é nome de um peixe, que também se chama *quelme* <sup>4</sup>.

Outro vocábulo da mesma família, empregado noutra escrito de Rocha Peixoto, na acepção de fabricantes e pintores de figuras de barro, é *barrista*:— «os barristas do seculo XVIII, os coroplastas de Gaya, e os oleiros do Prado» —<sup>5</sup>.

*Barros* tem no Alentejo uma significação especial, que se encontra no seguinte passo da ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALENTEJO, de J. S. Picão:— «As planicies que ficam a leste entre Elvas e Badajoz e aquella cidade e Campo Maior chamam-se-lhe

<sup>1</sup> ELUCIDIARIO DAS PALAVRAS, TERMOS E FRASES QUE EM PORTUGAL ANTIGAMENTE SE USÁRÃO, Lisboa, 1798.

<sup>2</sup> Madrid, 1899.

<sup>3</sup> in Portugalia, I, p. 236.

<sup>4</sup> ICHTHIOLOGIA, por D. Carlos de Bragança, in O DIA, de 7 de junho de 1904.

<sup>5</sup> in Portugalia, I, 583.

[sic] barros em virtude da natureza do solo, em geral bastante argiloso » —<sup>1</sup>.

### bajoujo, bajoujar

D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos<sup>2</sup> já determinou a formação dêste vocábulo: *bajoujar* é o latim *baioliare*, por *baiolare*, que figura na Vulgata, com assimilação de *-li-* ao *j* da sílaba anterior, o qual é consonantização e africção do *i* de *baiulus*.

*Bajoujar* é pois idéntico a *bajular*.

baldio, valadio, vadio; baldo, baldar, balde, baldão;  
Valdevinos

Alberto Sampaio, no valioso estudo intitulado AS VILLAS DO NORTE DE PORTUGAL,<sup>3</sup> diz: — «outro termo equivalente [a maninho] quasi popular é baldio, que parece provir do ajectivo allemão *bald* » —. Semelhante conjectura carece de fundamento, pois se lhe opõe manifestamente a significação do vocábulo português, e a do citado advérbio allemão. Êste, conforme Frederico Kluge<sup>4</sup>, tem por base um adjectivo alto allemão antigo, o qual significa «rápido, afouto, valente» (*schnell, kühn, tapfer*), o inglês *bold*, e de que procede o italiano *baldo*, «afouto» e o nome próprio *Balduin*, de que em português se fez *Valdevinos*, provávelmente por intermédio de um nominativo latino *Balduinus*, ou *Valduinus*, *Valdevinus*.

Em Évora há uma rua de *Valdevinos*, que certamente pro-

<sup>1</sup> *ib.* I, 272.

<sup>2</sup> REVISTA LUSITANA, III, p. 133.

<sup>3</sup> *in* Portugalia, I, p. 117.

<sup>4</sup> ETYMOLOGISCHES WÖRTERBUCH DER DEUTSCHEN SPRACHE, Estrasburgo, 1889.

cede do nome próprio, e não do apelativo, com o significado «*vadiò*, estroina», em que hoje se usa, na língua comum.

A palavra *baldio* é sem dúvida o adjectivo arábico BALADI, derivado do substantivo BALAD, «terra, país», de que proveio o castelhano *baladí*, «reles, de pouco valor», significado que também não é estranho à forma arábica.

O termo *baldio*, castelhano, além da sua significação mais comum, correspondente à que tem o português *baldio*, quer como adjectivo, quer como substantivo, de «comum e inculto» oferece a mais a de «vagabundo» «*vadio*», e este último vocábulo considero-o eu também derivado do *baladi* arábico, e não do latim *uagatinum* { uagare, como até agora se tem suposto. Note-se ainda que o povo usa *vadio*, no sentido de «ruim».

Assim constituo a descendência portuguesa do árabe BALADI, com as seguintes vozes: *baldio*, com supressão da vogal da 2.<sup>a</sup> sílaba; *valadio*, com a simples mudança do B em V: diz-se do telhado feito de telhas sôltas, sem cal nem argamassa e é oposto ao termo *telhado mouriscado* (note-se), no qual se empregou a argamassa, ou cal-e-areia; *vadio* (pron. *vàdio*), com supressão do L, e conseqüente *a* aberto na sílaba átona, «cf. *pãceiro* por *palaceiro*. De *vadio* procedem *vadiar*, *vadiagem*, etc.».

Resta averiguar se os vocábulos da família *baldo*, *balda*, *baldar*, *de balde* teem a mesma orijem, como parece, conquanto se possam subordinar a outro étimo arábico, BATIL, «vão, inútil».

É difícil determinar o sentido em que o epíteto *vadio* foi empregado por António Francisco Cardim, no seguinte trecho:— «Os dois levantados [insurrectos] Li e Cam ficaram com cinco provincias do norte [da China], o tartaro com a côrte de Pequim, e pouco a pouco foi conquistando todas as outras provincias, de que em breve se viu senhor, não por força de armas, mas por fraqueza e deslealdade dos chinas, que só com cortar o cabello faziam profissão de tartaro, e chegavam onde elles podiam; porque se tem por certo que na China não entraram trinta mil

tartaros, mas seus exercitos constariam pela maior parte dos chinas vadios e disfarçados» —<sup>1</sup>.

¿Quere dizer « gente dos campos »?

### balguesa

— «Hoje [os barcos moliceiros] adoptam a vela chamada *balguesa*» —<sup>2</sup>.

### balhão, bailão; bailadeira; balhadouro

O Nôvo DICIONÁRIO rejista uma acepção especial dêste vocábulo, que no seu sentido natural significa « o que muito baila ». Essa acepção é a de « fadista », que vemos abonada no seguinte trecho: — « O *Taboada*, um bailão ali do sitio, convidou o *Navalhadada*, seu collega, com duas ditas [navalhadas] no peito » —<sup>3</sup>.

É conhecido o sestro do fadista de andar sempre jingando, e em brigas é notória a sua lijeireza, quer no arremeter, quer no fugir, quer em furtar o corpo às investidas do contendor. Em castelhano *bailón*, como termo de gíria (*germania*), quere dizer « ladrão velho ».

A palavra *bailadeira* de que os franceses fizeram *bayadère*, vem no Suplemento ao VOCABULARIO PORTUGUEZ LATINO de Bluteau assim definida com muita exactidão: — « BAILADEIRAS se chamão na India as mulheres publicas, que habitão nos Pagodes, porque todas bailão e cantão. *Oriente Conquist.*, tom. 2, pag. 25 » —.

Os dicionários portugueses em geral omitem esta particu-

<sup>1</sup> BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 25.

<sup>2</sup> Luís de Magalhães, OS BARCOS DA RIA DE AVEIRO, in Portugalia, II, p. 59.

<sup>3</sup> O ECONOMISTA, de 22 de agosto de 1885.

larização de sentido; todavia o dicionário português-francês de J. I. Roquete <sup>1</sup> incluiu o termo, com a mesma definição já dada por Bluteau.

*Bailadeiras* se denomina o ponto do rio Tejo, perto de Cacilhas, na margem esquerda, onde o movimento das águas é considerável. Nesta acepção vemo-lo abonado neste trecho:— « Quando no dia 12 do corrente appareceu o cadaver da infeliz Casimira á tona d'agua no sitio das bailadeiras » —<sup>2</sup>.

Outra forma de *bailão*, « jingão » é *balhão*, como popularmente *balhar* substitui *bailar*, e vemo-la empregada no mesmo periódico <sup>3</sup>:— « e lá foi todo bailhão para o calaboiço » —.

No termo de Leiria há um descampado chamado *charneca do Balhadoiro*, onde é crença que se reúnem as bruxas em *sumblea do diabo*, como se diz no norte, para aí celebrarem as suas folganças.

É de advertir que na linguagem local *baile* se diz *balho*, e consequentemente *balhar*, de que *balhadoiro* é nome do lugar em que se exerce a acção do verbo, como em *lavadouro*, de *lavar*, *matadouro*, de *matar*, etc.

### balufera

Instrumento músico africano, conforme a menção que vimos dêle no jornal O ECONOMISTA, de 5 de agosto de 1885:— « Encontro [na secção portuguesa da exposição de Antuérpia] o *balufera* que já vira na secção do Senegal (colonias francesas). Êste instrumento curioso, especie de marimba, compõe-se de uma serie de peças de madeira justa-postas sobre uma dupla ordem de cabaças de diversos tamanhos. Batendo-se-lhes produz-se uma especie de escala irregular » —.

<sup>1</sup> Paris, 1855.

<sup>2</sup> O SÉCULO, de 29 de agosto de 1899.

<sup>3</sup> *ib.* 10 de setembro de 1900.

No museu a cargo da Sociedade de Geografia de Lisboa existe um destes instrumentos.

### bambolim, bambolina

Este vocábulo está definido no Nôvo Dicc. da seguinte maneira:— «sanefa, sobreposta aos cortinados das portas ou janelas. (De *bambo*)»—. De *bambolina* diz o mesmo dicionário:— «parte do cenário, que liga superiormente os bastidores e finge o tecto»—.

Deveria acrescentar, «o céu», «folhagem», etc.

Estes termos teem aspecto muito italiano, conquanto actualmente não sejam empregados em toscano com tal significação.

Outra acepção de *bambolim* é a que vemos no jornal O SÉCULO, de 2 de janeiro de 1902:— «o chamado *bambolim*, o *Bombay duck* [«pato de Bombaim»] dos mercados da China, é abundante em Diu»—.

### bandulho

J. Joaquim Núñez <sup>1</sup> propõe como étimo, muito plausível, para esta palavra, que o Nôvo DICCIONÁRIO compara com razão ao castelhano *bandujo* [também *bandullo*], dando-lhe origem incerta, o latim *panduc(u)lum*, que deve ser um diminutivo do adjectivo *pandum*, «curvo», substantivado.

### banheiro, banheira

Este substantivo está empregado no sentido de «banho» ou «banhadouro» no seguinte trecho:— «Já agora, vinde tambem

---

<sup>1</sup> «Revista Lusitana», III, p. 292, PHONETICA HISTORICA PORTUGUESA.



comosco até aquella gruta... É n'ella o banheiro publico»—<sup>1</sup>. Cf. *banheira*, «tina para banho». No Pôrto chama-se antes à banheira *canoa*, em razão da forma.

### banzé

Esta palavra de gíria, que quer dizer «folgança, função» e também «desordem, tumulto», pode ser o japonês *banzai* «viva!», como me sujere Z. Consiglieri Pedroso:—«Ainda há gente bôa por ahi, mas não são dos que fazem *banzé* nos jornaes»—<sup>2</sup>.

Neste passo a palavra significa «pregão».

### baptizar, baptizo, bautizar, bautismo

As formas mais antigas e ainda populares portuguesas teem *u* assilábico pelo *p* latino, assim como o teem por *c* em *auto*, latim actum: *bautizar*, *bautismo*, *Bautista*. Depois entraram na lingua as formas alatinadas *baptizar*, etc., nas quais, porém, o *p* é actualmente nulo, mas o não foi antes, visto que o *a* átono permanece aberto, *bâtizar*, *Bâtista*, etc.: cf. *activo* = *átivo*. Nulo é igualmente o *p* no substantivo alentejano *baptizo*, «baptizado», que parece ter sido trazido de España, onde se diz *bautizo*.

### barão, varão, varonil

Qualquer que seja a etimolojia do primeiro dêstes vocábulos, é certo que o seu significado nos LUSTADAS (I, 1), é o de «homem valoroso», e não simplesmente o do latim *uir*, a que

<sup>1</sup> BOSQUEJO DE UMA VIAGEM NO INTERIOR DA PARAHYBA E DE PERNAMBUCO, in «O Seculo», de 17 de junho de 1900.

<sup>2</sup> O DIA, de 25 de setembro de 1902.

damos como correspondente *varão*, que dêle não deriva, sendo pelo contrário o mesmo que o *Barão* dos *LUSÍADAS*. A identificação resulta do significado que tem o adjectivo *varonil*.

Nos antigos Cantares de gesta franceses *baron* designa « homem de grande valor e alta jerarquia », e no Livro dos Salmos [século XIII] francês encontra-se o advérbio *barnilment*, « varonilmente »<sup>1</sup>.

Em latim existia o substantivo *baro*, *baronis*, com significação de « homem tôsko, homem vigoroso ».

É claro que *varão*, aumentativo de *vara*, nenhuma relação tem com esta palavra.

#### barbado

Termo brasileiro, cujo significado se depreende do trecho seguinte:— « Saber menos, não prejudicava; saber mais desqualificava o individuo, dificultava-lhe a collocação. Passava á categoria de *barbado*, isto é, de suspeito »—<sup>2</sup>.

#### bar(e); matuca

Vemos êste vocábulo num sentido muito especial, como usado na Zambézia, no seguinte trecho:— « Nestes territórios e especialmente nos situados entre Tete e Zumbo, encontram-se... vestígios de antigas explorações auríferas, conhecidas na Zambézia sob a denominação de « bares » e ás quaes alludem todos os nossos antigos auctores, que escreveram sobre aquelle paiz »—<sup>3</sup>.

Por exemplo, Frei João dos Santos, *ETIÓPIA ORIENTAL*, liv. II, cap. 11 a 13, no último dos quais se encontra um vocábulo não

<sup>1</sup> Emilio Littré, *HISTOIRE DE LA LANGUE FRANÇAISE*, II.

<sup>2</sup> O *SECULO*, de 20 de setembro de 1905.

<sup>3</sup> O *SECULO*, de 31 de março de 1900.

colijido nos nossos dicionários:— «Tambem se tira ouro de pedras, a que chamam ouro de matûca, como já dissemos que se tirava no reino de Manica. De todas estas sortes de ouro, o de lascas feitas em raminhos, ou esgalhos, êsse é o mais fino, e de mais quilates, e o que chamam de matûca é o mais baixo de todos, e o de menos quilates » —.

### barlaque, barlaquear-se

Nas NOTAS ETHNOGRAPHICAS SOBRE OS POVOS DE TIMOR, de J. S. Pereira Jardim <sup>1</sup>, vemos definido o substantivo, e abonado o verbo português, que se formou dêle:— «O barlaque é a compra da mulher, que vale tanto mais quanto maior for a gerarchia a que pertence » —.

— «Se for christão, casa-se com uma, e barlaqueia-se com quatro » — . .

### barra

Além de muitos outros significados, era o nome de uma moeda de convenção, em Benim, com o valor de 500 réis <sup>2</sup>.

### barreleiro

Na praia da Nazaré dá-se êste nome, derivado de *barrela*, a uma tripeça de madeira, com tabuleiro de perimetro circular, rematado lateralmente por um prolongamento quadrado, e sulcado por dois ou três regos. Serve para a lavagem da roupa.

---

<sup>1</sup> *in* Portugalia, I, p. 357.

<sup>2</sup> RELATÓRIO de Jacinto Pereira Carneiro, *in* «Annaes do Conselho Ultramarino», II.

## barril

Na praia da Nazaré tem êste nome uma bilha de barro, com grande bôjo, e gargalo e fundo estreitos; a sua capacidade regula por quatro litros: tem duas asas, junto à bôca, para suspensão. Serve para água a bordo dos batéis de pesca.

## barroco, barroca, barrocal

A primeira destas formas ouvi-a em 1888 a um cocheiro, indo de Alpedrinha para Castelo-Branco em diligência; prometeu êle a um çapateiro, que lhe pedira uma pedra de bater sola, que lha traria, e fêz a promessa nos seguintes termos:— «Deixe estar que eu lhe arranjarêi um barroco muito grande»—. Em Rui de Pina vemos:— «um sêro alto de pedras e barrocas mui fragoso»—<sup>1</sup>.

A palavra é conhecida e substitui muito bem o galicismo *bloco*, como *barroca*, *barrocal*, ou *barranco* êsse outro galicismo ainda mais escusado, *ravina*, que se tem propagado em livros científicos, sem vizlumbre de propriedade, por isso que para francês é êle aparentado com *ravir* { rapere, procedendo imediatamente de rapina, no sentido de «acção de arrebatar»; e também sem a mínima necessidade, pois temos *barranco*, *barrocal* e *barroca*.

*Barroca* é intensivo de *barroco*, e é sabido que *barroco*. ou o seu correspondente castelhano *barrueco* com menor probabilidade, deu origem ao francês *baroque*, como termo de arquitectura, o qual por êle deve ser traduzido em português.

É por todas estas razões que eu estranho haver encontrado numa publicação, em geral redijida em castiça, e por vezes vernácula e pitoresca linguagem, o termo *ravina*, agravado com um

<sup>1</sup> CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. CLVI.

voluntário derivado neolójico, tanto menos desculpável, quanto é empregado em tradução de francês:— « resolveu *enravinar* os vencidos, isto é, fazê-los despenhar nas ravinas da região »—<sup>1</sup>.

Para *bloco* temos ainda *penedo*, que quer dizer « pedra sôlta », e já foi, para substituir aquele, proposto por Eduardo Augusto Vidal na REVISTA LUSITANA, II, páj. 83. Seria portanto preferível mesmo a *barroco*, visto êste designar próprioamente « pedra de forma irregular », e na acepção de « pérola de forma irregular » ter dado origem, como disse, ao *baroque* francês.

#### baruísta

Êste neolojismo é empregado por João de Azevedo Coutinho <sup>2</sup> para designar os naturais do Barué:— « Os baruístas primitivos, os que com orgulho se julgam sem mistura, dizem-se *ácuro á Bargué* (grandes filhos do Barué) »—. Convém advertir que *Bargué* tem de ser lido *báruè*, e que o *gu* é transcrição inconveniente, pois poderia ser lida a palavra como *bar-gué*; melhor fôra que tivesse escrito *Bargoé* (= *bar-gu-é*), se queria indicar o valor do *u* consoante, *w* inglês.

A indivíduos vindos de lá ouço acentuar a palavra *Barue* na 1.<sup>a</sup> sílaba, proferindo como *e* aberto o *e* final átono, isto é, *báruè*.

É violenta em português corrente aquela acentuação, e por conseguinte pode êste nome acentuar-se *Barué*, que é o que se faz usualmente: cf. *Bié* por *Biè*.

#### basto, bastante, bastio

Êste adjectivo é usado pelo Padre António Francisco Cardim, no sentido de « possante, robusto »:— « o cavalo em que estava

<sup>1</sup> GAZETA DAS ALDEIAS, de 9 de julho de 1905.

<sup>2</sup> CAMPANHA DO BARUÉ... em 1902.

era bastante, o rio porém arrebatado» —<sup>1</sup>. É um derivado do verbo *bastar*, como *basto*, no sentido de «espesso, grosso». Substantivo da mesma origem é *bastio*, o qual no Alentejo é «mouta fechada», e em Trás-os-Montes significa «pinhal rasteiro».

O adjectivo *basto* parece derivar-se do latim *vastum* <sup>2</sup>, ou, como propôs J. Cornu, de *pastus*, participio passado passivo de *pascor*, o que me parece menos provável.

### bastos

Em uma resenha de termos pertencentes à jíria dos ladrões do Pôrto, publicada no jornal O ECONOMISTA, de 28 de fevereiro de 1885, vem este vocábulo com a significação de «mãos». É palavra pertencente ao caló, ou dialecto dos ciganos de Espanha, como muitos outros de *calão*, incluindo este nome da jíria de malfeitores e da ralé, alguns dos quais se tem difundido em linguagem mais elevada, tornando-se gerais, mas conservando o seu sabor pitoresco. Muitos serão incluídos neste trabalho, com os seus correspondentes nesse dialecto. *Basto* é em caló *bate*, *baste* <sup>3</sup>, e nele significa, na realidade, «mão».

Em outro dialecto cigano, o da Roménia, tem a forma *vast* <sup>4</sup>.

### batata, semilha, castanhola

A primeira destas palavras, ao contrário do que é uso no continente, quer dizer na ilha da Madeira «batata doce», porque a outra se denomina *semilha*; eis aqui um exemplo:— «Um

<sup>1</sup> BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS NA PROVINCIA DO JAPÃO, Lisboa, 1894, p. 38.

<sup>2</sup> REVISTA LUSITANA, IV, p. 273.

<sup>3</sup> EL GITANISMO, por Francisco de Sales Mayo, Madrid, 1870.

<sup>4</sup> GRAMMAIRE, DIALOGUES ET VOCABULAIRE DE LA LANGUE DES BOHÉMIENS OU CIGAINS, por J. A. Vaillant, Paris, 1868, p. 53.

correspondente de Boaventura escreve que está sendo abundante a colheita da semilha (batata) » —<sup>1</sup>.

Em Trás-os-Montes êste tubérculo é designado pelo nome de *castanhola*, aumentativo de *castanha*:

Lhebemus nõssa merenda  
(Yçra de trigo bñẽ guapo!);  
Para cenar a la noite,  
Las castanholas num sacco.

Esta quadra vai emendada na pontuação, pois a da obra de onde a extratei está errada:

Lhebemus nõssa merenda  
(Yçra de trigo bñẽ guapo!)  
Para cenar a la noite.  
Las castanholas num sacco. <sup>2</sup>

#### bate

Esta palavra na Índia portuguesa quere dizer «arroz em casca», em concani B'ār(a), e não «arroz descascado», como se vê no *Novo DICCIONÁRIO*. O que o vocábulo também lá significa é «arroz cozido», como em indostano. Em malaio chama-se *pádi*, ao arroz em herva na terra, e é natural que seja a mesma palavra, a qual, porém, parece orijinária da Índia, pelo menos no sentido de «arroz cozido». Sôbre êste objecto, veja-se Burnell & Yule, *A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS AND PHRASES* <sup>3</sup>, *sub. v. Paddy*.

O que é singular é que *bate* seja o nome que em Caminha

<sup>1</sup> «Notícias da Madeira», in *O ECONOMISTA*, de 5 de agosto de 1891.

<sup>2</sup> José Leite de Vasconcelos, *ESTUDOS DE PHILOLOGIA MIRANDESA*, II, Lisboa, 1901, p. 32.

<sup>3</sup> Londres, 1896.

se dá ao *pão-de-ló*, outra locução de origem obscura; parece não ter a mínima relação com o *bate* asiático, a não ser na coincidência casual da forma.

batel, batela; batelo; bote, bateira

O Suplemento do Nôvo DICCIONÁRIO registou o segundo destes vocábulos com a significação de—«barco chato, de pequenas dimensões, usado ao norte do Minho»—. Parece ser uma variante mais antiga de *batel* { *batellum* { *batum*, latinização do alto alemão antigo *bot*, de que também procedeu *bote*, se este não é importação posterior do inglês *boat* hoje pronunciado *bóut*, mas no inglês médio proferido *bòt*,<sup>1</sup> em anglo-saxão *bát*, isto é, *báât*.

*Batelo*, no Ribatejo, designa um aparelho para tirar água dos poços, e parece ser vocábulo independente destes.

*Bateira* é nome conhecido de *barca*, que navega no Tejo, e figura em todos os dicionários.

batoque

Não respondo pela forma, visto que o periódico onde a encontro vem crivado dos mais inverosímeis erros tipográficos. No entanto, entendo que devo registar este vocábulo (talvez *batuque*) na acepção nova que se lhe atribui no trecho seguinte:—«Os batoques de que usam na guerra são de três especies. O *goma*, o *cinzete* e o *biribiri*»—<sup>2</sup>. (V. estes vocábulos).

*Batoque* será, pois, um tambor.

<sup>1</sup> V. Henrique Sweet, THE STUDENTS DICTIONARY OF ANGLO-SAXON, Ocsónia, 1897; A HISTORY OF ENGLISH SOUNDS, Londres, 1874, p. 96.

<sup>2</sup> Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902, in «Jornal das Colonias», de 19 de agosto de 1905.



## bataque, bataúda

O primeiro destes vocábulos vem em todos os dicionários modernos, como significando «dança de pretos»; o segundo parece ter significado análogo no trecho seguinte das Notas etnográficas sôbre os povos de Timor, de J. S. Pereira <sup>1</sup>: — «Depois começa a vida de noctambulo: horas e horas de bataque . . . cantigas de bataúda» —.

## beata, beateiro

O primeiro destes termos, chulo, vem já rejistado no Nôvo Dicionário, como algarvio, com a significação de «ponta de cigarro». É também usado em Lisboa, com o mesmo significado, e dêle provém o derivado *beateiro*, que está perfeitamente definido no seguinte trecho do jornal O SÉCULO, de 28 de maio de 1902: — «para dar aos *beateiros*, que durante a noite percorrem os passeios e as portas dos cafés á procura de pontas de cigarro e de charuto» —.

## bebedouro

Êste vocábulo significa, não só a vasilha onde as aves domésticas bebem, mas também o sítio onde os animais livres vão de ordinário beber.

Na realidade, a terminação *-douro* indica o local em que se exerce a acção expressa pelo verbo, a cujo radical essa terminação se junta, como *lavadouro* «o sítio onde se lava», *matadouro*, «o lugar onde se mata», etc. Em castelhano corresponde-lhe a terminação *-dero*, e assim dizem *abrebadero*, *lavadero*, *matadero*, etc.: — « . . . empregam . . . o visgo (*q. v.*) branco, collocando as

---

<sup>1</sup> in Portugalia, I, p. 357.

varas no chão ao longo dos *bebedouros*, sitios onde as aves costumam ir beber, de forma que estas não possam chegar á agua sem lhes tocar» —<sup>1</sup>.

bedem, bedem

O DICCION. CONTEMPORANEO define esta palavra como significando — «capa de esparto ou junco, para livrar da chuva» —. Não me consta, que estas capas características, que provavelmente importamos do Japão, onde são muito usadas, tenham em qualquer parte do reino este nome: sei que são conhecidas pelos seguintes: *caprossa*, ou *caproca*, *palhota*, *capa palhica*. O NOVO DICCIONARIO define o vocábulo como — «túnica mourisca, curta e sem mangas: capa palhica, ou de coiro ou esparto, contra a chuva» —. Da, pois, em um dos significados a definição do CONTEMPORANEO, mas attribui-lhe outra, como primária, o de «túnica mourisca».

J. I. Roquete<sup>2</sup>, mais prudentemente, limitou-se a dizer que é «caça de mouros», *manteau maure*: mas antes, no DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA<sup>3</sup>, dissera ser — «capa mourisca, ou de agua» —.

Sem contestar absolutamente a segunda acepção, direi somente que desejaria vê-la abonada.

Quanto á primeira acepção, Bluteau<sup>4</sup> dá apenas o significado «caça» ou — «capa de agua» —: mas não diz que seja feita de palha, ou coisa semelhante, antes se abona com João de Barros e Diogo de Couto, por sua ordem nestas duas citações: — «Vinha vestido ao modo Mourisco, camisa branca, e seu *Bedem* em cima: — Hum *Bedem* de setim preto, com grandes cadilhos» —.

<sup>1</sup> J. Pinho, ETHNOGRAPHIA AMARANTINA, A Caça, in Portugalia, II, p. 97.

<sup>2</sup> DICCIONN. PORT. FRANÇAIS, Paris, 1855.

<sup>3</sup> Paris, 1843.

<sup>4</sup> VOC. PORT. LATINO.

A palavra é arábica, como todos declaram, e Engelmann e Dozy <sup>1</sup> dizem ser *badan*, «túnica sem mangas».

Pareceria que a verdadeira acentuação devesse ser *bédem*, e não, *bedém*, como todos marcam.

Todavia, se o vocábulo nos veio dos países berberiscos, é possível que a sílaba acentuada seja a segunda, se bem que breve a vogal dela.

Aqui apresento outra abonação do vocábulo:— «bem vestido com sua camisa mourisca e um bedem por cima de tudo, e o capelo metido na cabeça, por cima da touca» —<sup>2</sup>.

#### beduí, beduim, *beduíno*

As únicas formas portuguesas são as duas primeiras; a terceira é uma versão mal feita do francês *bedouin*. Bluteau <sup>3</sup> dá no Suplemento a forma *BEDUIM*, remetendo o leitor para *BIDUIM*, e aí cita também *beduinos*. É esta feição da palavra que, ainda mal, aceitaram Roquete, o CONTEMPORANEO e o NÓVO DICCIÓNARIO, conquanto êste último rejiste também *beduim* no Suplemento. O vocábulo é, como se sabe e todos dizem, arábico, *BADAUI*, de *BADIIE* <sup>4</sup>, «nómade no deserto», de *BADU*, «deserto». Ora, assim como de *rubi* se fêz *rubim*, e não *rubino*, assim de *beduí*, se fêz *beduim*, mas não *beduíno*, forma que os escritores antigos não conheceram.

#### beijo; beijinho; beijocador

O primeiro derivado, deminutivo, significa em sentido restrito, não só uma *cavaca*, mais pequena e estreita, que se faz

<sup>1</sup> GLOSSAIRE DES MOTS ESP. ET PORT. DÉRIVÉS DE L'ARABE.

<sup>2</sup> J. Camara Manuel, MISSÕES DOS JESUITAS NO ORIENTE, p. 102, Lisboa, 1894.

<sup>3</sup> VOC. PORT. LAT.

<sup>4</sup> Belot, VOCABULAIRE ARABE-FRANÇAIS, Beirute, 1893.

nas Caldas-da-Rainha, mas também um amuleto, com o feitio e o tamanho de uma ameixa, como vemos na revista *Portugalia*, I, páj. 620.

*Beijocador*, nome verbal de agente do verbo *beijocar*, freqüentativo de *beijar*, designava no século XVIII um «sinal posticho ao canto da bôca»<sup>1</sup>.

### bejoga, bijoga, bojega

O termo transmontano *bejoga* é o latim *uesucula*, e a forma da Beira-Alta, que lhe corresponde na significação, é *bojega* { *uesucula*, conforme J. Leite de Vasconcelos<sup>2</sup>, significando qualquer dêles «empôla nos pés». É possível, porém, que ambos procedam de *uesicula*, e que houvesse metátese das vogais, como houve na forma algarvia *boleta*, em vez da geral *belota* por *bolota*, do árabe *baḷuṭa*. O *o* da 1.<sup>a</sup> sílaba é devido em *bojega* a influência do *b*, e na forma *bijoga* o *i* a influência do *j*, pelo quê melhor escrita será *bejoga*, visto como o *e* surdo vale por *i* surdo em conjugação com uma consoante palatina, aqui o *j*: cf. *chegar* pronunciado *chigar*, *privilegiado*, para *prɛvɛlɛjiado*, e assim muitas vezes escrito erroneamente.

### bejula

— «Bebida fermentada, feita de farinha de milho, ou de outro qualquer mantimento»<sup>3</sup>. É termo da Africa Oriental Portuguesa.

<sup>1</sup> A. Campos, O MARQUEZ DE POMBAL, in «O Seculo», de 7 de abril de 1899.

<sup>2</sup> REVISTA LUSITANA, II, p. 105.

<sup>3</sup> Diocleciano Fernández das Neves, ITINERÁRIO DE UMA VIAGEM Á CAÇA DOS ELEPHANTES, Lisboa, 1878, p. 49.

## belfa

Esta palavra, que antigamente queria dizer «fera» e se deriva do latim *bellua*, como o italiano *belva*, significa actualmente em Leiria *melga* (de *medica*) mosquito grande, a que os franceses chamam *cousin*.

A abonação da palavra no seu antigo significado é a seguinte: — «e uirom belfas marynhas que eram fortes e esquivas» —<sup>1</sup>.

## belhó

O nome dêste bôlo, conforme J. Cornu, deriva-se de *biliola* por *libiola*, e na opinião de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos de *pilióla* { *pila*.

Todavia, como o *e* se profere aberto, *bêlhó*, ambas as etimologias são pouco prováveis.

Para *filhó* já eu propus em tempo *folióla*, sendo o *i* devido a consoante palatal seguinte:

Francisco Adolfo Coelho, no DICIONARIO MANUAL ETYMOLOGICO, deriva *belhó* de *beignot*, *beignet* francês, forma deminutiva de *bigne*, *beugne*, «tumor», e acrescenta como comparação *calhamaço*, por *canhamaço*, para explicar o *lh* por *nh*, advertindo também que o *e* de *belhó* é aberto, como o *ei* de *beignot*.

Todavia, em *calhamaço* por *canhamaço*, de *cánhamo*, houve dissimilação da nasal *m* da sílaba seguinte, facto que se não podia dar com *belhó*, a proceder de *beignot*.

Conquanto sejam dignas de atenção as ponderações de F. A. Coelho, parece que temos de ir buscar a outra fonte a origem da palavra.

Se acertei em atribuir a *filhó* o étimo *folióla* ou *follióla*,

---

<sup>1</sup> Oto Klob, A VIDA DE SANTO AMARO, texto português do XIV<sup>o</sup> século, in *Romania*, t. xxx, p. 508.

creio não estar longe da verdade considerando *bêlhó* como derivada de uma forma latina *balaneóla*, diminutivo de *balaneum*, forma adjectival substantivada, derivada de *balanus*, « castanha ». A sucessão de formas seria então: *balaneola*: *banaleola*: *baneleola*: *baelhola*: *baelhó*: *bêlhó*.

### bengala, pingalim

São os portugueses o único povo europeu que chama ao bastão *bengala*. Primeiro se denominou *cana de Bengala*, por ser a haste feita de cana-da-Índia; depois suprimiu-se o primeiro termo: — « Que cousa hé esta, senhor Afonso de Albuquerque? quisestes que dissessem as regateiras de Lisboa que vós tomastes primeiro terra neste vosso Calecut de que fazêis a El-rei Nosso Senhor tantos espantos? Ora eu irei a Portugal, e direi a Sua Alteza que com esta cana de Bengala na mão, e com este barrete vermelho que trago na cabeça, entrei em Calecut; e pois não acho com quem pelear, não me hei de contentar, senão de ir ás casas de Elrei, e jantar hoje nellas » —<sup>1</sup>.

Saiu-lhe cara a basófia, e aos desgraçados que o acompanharam, pois quasi todos foram mortos com êle, o *marichal* D. Fernando Coutinho, que assim desdenhava dos traícoeiros naires.

*Pengalim* parece ser um diminutivo de *bengala*, com mudança da inicial.

### bem-aventurado, bem-aventurança

Estas duas palavras teem de escrever-se com uma linha divisória, para que não sejam lidas *be-maventurado*, *be-maventurança*.

---

<sup>1</sup> João de Barros, DA ÁSIA, DÉCADA II, liv. 4.º, cap. I.

## benjoim, bejoim

A etimologia deste vocábulo foi primeiro dada por Garcia da Orta, nos *COLOQUIOS DOS SIMPLES E DAS DROGAS DA INDIA*: é o árabe *LUBAN GAUI*, «incenso de Java». Na segunda forma, que é a mais usual, influíu a palavra *beijo*.

## bento

Em Viseu esta palavra quere dizer «curandeiro»:— «O dono da casa tem um filho doente ha muito tempo... por suggestões de amigos lançou-se nas mãos de um bento»—<sup>1</sup>.

## berço

Esta palavra, cuja etimologia é incerta, mas que para portuguezes, como para o galego *berce*, parece ter tido origem francesa, ainda que remota, pois em castelhano o mesmo objecto se chama *cuna* { *cunae*, figura no trecho seguinte em uma acepção não rejistada nos dicionários:— «o pessoal... tenciona cotizar-se para collocar berços nas sepulturas das duas victimas»—. Estes berços são uns gradeamentos em tórno do coval, e nos quais se dispõem plantas de ornato, ou vasos com elas.

## besigue

No Suplemento ao *Nôvo Diccionário* inseriu-se uma palavra **bezigne**, que aí é definida como certo jôgo de cartas, dando-se-lhe em dúvida como étimo bis e signo.

---

<sup>1</sup> O *VIRIATO*, in «O Economista», de 4 de setembro de 1884.

Ora, o nome do jogo em francês é *bézigue*, ou *bésigue*, e não **bezigne**, e o autor do dicionário viu-o provavelmente citado em português com um erro tipográfico, **n** por **u**. Aqui fica feita a emenda, que inclui a rejeição do étimo proposto. Qual seja a origem de tal nome ignoro-o; Littré, que o inscreveu no seu grande dicionário francês, não aventa qualquer hipótese, dando-lhe apenas como variantes as abreviaturas *bézy* e *bési*. Na enciclopedia NOUVEAU LAROUSSE ILLUSTRÉ vem a descrição minuciosa do jogo, que é francês, e de lá passou para cá juntamente com o nome.

São bastantes os erros tipográficos que vão passando de uns para outros dicionários, o que motivou em França os curiosos artigos de A. Thomas intitulados COQUILLES LEXIOLOGIQUES, «Gralhas lexicológicas», publicados no volume XXII da revista Romania, correspondente ao ano de 1893.

Exemplos de tais equívocos são neste meu trabalho os que subordinei às epígrafes *acúdia*, e *hererós*.

#### besouro, besoiro, bisouro, bisoiro

A forma mais comum em Lisboa é *bisoiro*; a que se considera mais correcta é *besouro*, sem grande fundamento, pois é desconhecido o étimo. Que a escrita é com *s* e não com *z* prova-se com a pronúncia transmontana *besöuro*, com *s* sonoro subcavicular, quasi *j*, e não com o *z* de *zêlo*, por exemplo, e é sabido que em Trás-os-Montes, e parte do Minho, Douro e Beira-Alta, o *z* e *s* entre vogais se não confundem actualmente, como se não confundiam há três séculos em parte alguma do reino, pelo menos até o Tejo, diferenciando-se perfeitamente *coser* { consue-re, e *cozer* { coquere, como se diferenciavam e ainda se diferenciavam no norte *paço* { palatium, e *passo* { passus.

Com relação ao *ou* ou *oi*, a forma transmontana não nos pode dar regra que autorize a preferência, pois ali predomina o ditongo *ou* (=öu) sobre o ditongo *oi* (=öi).

O *i* por *e* (=e) da primeira sílaba explica-se por mais clara



enunciação, como acontece com *didal*, *tisoiro*, formas populares, em vez de *dedal*, *tesouro*.

bétele, (bétere, betre, betle)

É esta a melhor escrita portuguesa, porque é a mais antiga, ou então *bétere*, *betre*, e não *bétel*. Não há dúvida também que o acento tónico é na primeira sílaba, como o encurtamento *betre* o está indicando, e não na segunda, como marca o DICC. CONTEMPORANEO erroneamente, erro que por lapso escapou ao erudito e escrupuloso autor dos SUBSÍDIOS PARA A LEITURA DOS LUSÍADAS <sup>1</sup>.

Fernám Méndez Pinto usou três vezes a forma *bétere*, por ex.: — «betere que são hūas certas folhas como de tanchagem» —<sup>2</sup>. O Padre António Francisco Cardim, pelo contrário, deu a preferência a *bétele*: — «a êste fim lhe deram na prisão veneno em um betele» —<sup>3</sup>.

55/ Esta palavra trouxemo-la nós da Índia; é da língua malabar, e conforme o Glossário de Yule & Burnell <sup>4</sup> significa «fólha simples», *vettila* (de *veru*, «simples», e *ila*, «fólha»).

A forma *bet(e)re* explica-se perfeitamente. Suprimido que seja o *e* da segunda sílaba de *bétele*, resulta *betle*, e *tl* não é grupo de sons tolerável em português; além disto, como os *tt*, que no nome dravídico figuram, são cacuminais, o *l* passou a *r* em português, por ser cacuminal também esta consoante na nossa língua.

O Conde de Ficalho, no seu opúsculo FLORA DOS LUSÍADAS <sup>5</sup>, a páj. 69, referindo-se à menção feita na estança 58 do VII Canto

<sup>1</sup> Lisboa, 1904, p. 206.

<sup>2</sup> PEREGRINAÇÃO, cap. CLXXVII.

<sup>3</sup> BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 111.

<sup>4</sup> A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS AND PHRASES, Londres, 1833.

<sup>5</sup> Lisboa, 1880.

do poema à verde folha da herva ardente, escreve *betle*, e aduz o outro nome, arábico, pelo qual foi conhecido dos nossos, *atambor* (AL-TANBUL), e que no ROTEIRO DA VIAGEM DE VASCO DA GAMA <sup>1</sup> se emprega para a designar:— «e tinha á mão esquerda hum copo d'ouro... na boca engaço de humas ervas que os homens desta terra comem pela calma, a qual chamam atambor»—. É de advertir que êste nome é indio também, mas árico, e não dravídico; é o sânscrito TĀMBŪLA, arabizado, e depois aporuguesado.

Veja-se o vasto comentário do Conde de Ficalho aos COLÓQUIOS DOS SIMPLES E DAS DROGAS, de Garcia da Orta, na primorosa edição da Imprensa Nacional <sup>2</sup> dirigida pelo Conde; aí se encontrarão todos os esclarecimentos, que seria longuíssimo reproduzir aqui: o índice, perfeitamente organizado, encaminhará o leitor na averiguação de tudo o que resumidamente expus.

#### betto (=bêto)

Por informação do snr. Francisco Teixeira, natural de Mirandela, êste vocábulo designa em Trás-os-Montes uma espécie de meia-pá de madeira, correspondente à *raquette* francesa. Com êle se joga o *toque-emboque*.

*Betto* é também ali o nome de um jôgo, parecido com o *cricket* inglês.

#### betume

Em Caminha, e provávelmente em outros pontos do Minho, se não em toda a província, *betume*, ou *batume*, quere dizer «caldo grosso».

<sup>1</sup> Lisboa, 1861, p. 59.

<sup>2</sup> Lisboa, 1891-1892, dois volumes, afora a introdução intitulada GARCIA DA ORTA E O SEU TEMPO, um vol., Lisboa, 1886.

## bexigas

A variola já assim é denominada pelo Padre António Francisco Cardim, que lhe chama «*peste*»:—«No anno de 1637 houve na ilha [de Áinão] uma universal peste de bexigas, de que morreu muita gente»—<sup>1</sup>.

O nome lhes proveio das vesículas que na pele se formam, do latim *vesica*, «empôla», com a mudança do *s* em *x*, por influência do *i*, e a do *c* em *g*, por estar depois de vogal: cf. *fogo* { *focum*, e *Xisto* { *Sixtus*.

À terrível doença chamam os médicos *variola*, não se sabe por que razão, visto a palavra ser artificialmente fabricada, derivando-a de *varius*, pois em latim não existia; parece, pelo contrário, que devera acentuar-se *variôla*, como a comparação com o francês (*petite*) *vérole*, o castelhano *viruelas*, e o italiano *vaiuolo* o está indicando.

O que é de estranhar é que, entre as nove pragas que a soberana de Póhiola desencadeou sobre os fineses, por lhe terem arrebatado ardilosamente o *Sampo*, ou «penhor de prosperidade», como se conta no Kalevala, não estejam incluídas as bexigas, que parece não eram conhecidas na Finlândia. Essas pragas foram: Pleuresia, cólica, reumatismo, tísica, úlcera, sarna, cancro, peste, e a última e pior de todas, a que não tem nome, o demónio da *enveja* <sup>2</sup>.

## bezerro

Termo de Leiria, e provavelmente de toda a Estremadura rural:—«buraco feito por uma fagulha, no fato, quando se está a engomar, a cozinhar, a meter pão no forno, etc.»—<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 238.

<sup>2</sup> KALEVALA, runa 45.

<sup>3</sup> Informação do snr Acácio de Paiva, dali natural.

bica; biquinha; bico; bicuda, bicudo, bicudez

Além dos significados colijidos em vários dicionários, tem a palavra *bica* mais dois: em Caminha quere dizer «sêmea fina», e na ilha da Madeira (Pôrto-Santo) é o nome de uma planta (*Anthus trivialis*), à qual também se ali chama *biquinha*.

Por outra parte, a forma masculina *bico* tem, além das já apontadas, mais as seguintes acepções: Caminha: «beijo»; Madeira: «focinho de cavalo». Geral: «aves de capoeira»:—«O gallinheiro é provido de poleiros suficientes para repouso dos *bicos*»—<sup>1</sup>.

Em calão: «moeda de dois tostões».

Termo faceto: «bebedeira», como nestes versos de Manuel Roussado:

—Como a scena é de taberna,  
Armei os versos em bico—.

*Bicuda*: «galinhola»:—«Já chegaram as *bicudas*, como lhe chamam os caçadores»—<sup>2</sup>.

*Bicudo*: difícil, ex.: *tempos bicudos*, *negócio bicudo*.

*Bicudez*: (neolojismo faceto):—«apesar da *bicudez* dos tempos»—<sup>3</sup>.

bicha, bicho; bichar, bicharengo, bicheiro

*Bicha*: Trás-os-Montes: «víbora».

Ilha da Madeira: «milhafre».

Geral: figura de dança, em que todos os pares dão as mãos uns aos outros em fileira.

<sup>1</sup> J. da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, in Portugalia, I, p. 545.

<sup>2</sup> O SECULO, de 1 de novembro de 1901.

<sup>3</sup> O DIA, de 26 de setembro de 1902.

*Bicho*: peliça para o pescoço:— «Peles, romeiras, bichos <sup>1</sup>. É o que em francês se chama *boa* (=boá).

*Bicho do areeiro*, ou *boieiro*, Pôrto-Santo (*Puffinus Anglorum*): «mergulhão», ave.

*Bichar*: «criar bicho a fruta»:— «Elvas, 30... A colheita da azeitona está começada, e é apenas uma meia novidade, se tanto, porque ultimamente bichou a de alguns vidonhos (redondil, conserva e cordovil)» —<sup>2</sup>.

*Bicharengo*: Certã: «texugo».

*Bicheiro*: já rejistado no Nôvo DICIONÁRIO, como termo alentejano, com a seguinte definição:— «tubozinho de lata, por onde sai a extremidade superior da torcida das lanternas. (De *bicha*, por allusão á torcida)» —.

O étimo é sem dúvida o castelhano *mechero*, de *mecha*, «torcida», o qual tem significação análoga, e que provavelmente passou ao Alentejo, por audição, como muitos outros castelhanismos ali usados.

Difícil de identificar é o animal a que Fernám Méndez Pinto <sup>3</sup> chama *bicho de voo*, no que o compara ao morcego. Não me atrevo a alcinhar a descrição de fabulosa, para que me não caiba na cabeça a carapuça a que linhas antes êle alude na sua interessante narrativa:— «gente que vio pouco do mundo, por que esta como vio pouco, tambem costuma a dar pouco crédito ao muito que outros virão» —.

Eis a descrição do *bicho de voo*:— «Vimos aquy tambem hũa munto nova maneyra, & estranha feyção de bichos, a que os naturaes da terra [Batas, na Polinésia] chamão Caquesseitão, do tamanho de hũa grande pata, muyto pretos, conchados pelas costas, com hũa ordem de espinhos pelo fio do lombo do comprimento de hũa penna de escrever, e com asas da feição das do morcego, e o pescoço de cobra, e hũa unha a modo de esporão

<sup>1</sup> Anúncio no jornal O SÉCULO, de 14 de novembro de 1902.

<sup>2</sup> O ECONOMISTA, de 4 de dezembro de 1892.

<sup>3</sup> PEREGRINAÇÃO, cap. XIV.

de gallo na testa, e o rabo muyto comprido pintado de verde e preto, como são os lagartos desta terra. Estes bichos de voo, a modo de salto, cação os bugios, e bichos por cima das árvores, dos quais se mantem » —.

Devemos confessar que como descrição leva a palma às de Cuvier; assim ela seja a verdadeira!

### bigode, *mostacho*

A palavra *bigode* é antiga na língua, e existe também em castelhano com a forma *bigote*, ou antiga *vigote*. No DIÁLOGO ENTRE LAIN CALVO Y NUÑO RASURA, texto castelhano do XVI século (1570), publicado na «Revue Hispanique», t. x, (1903), encontram-se ambos os vocábulos:— «Otro estilo an tomado estos nuevos alcavaleros [judíos] de poco tiempo aca, pasearse tiesso quatro dellos en cuadrilla [*sic*], oliendo olores, putos de almizcle, algalia, benjui, perfumes, encrespandose los cabellos para arriba, i tirando sus viles vigotes i mostachos, por parecer mas valientes i rrobustos » —<sup>1</sup>.

O termo *mostacho* veio para o castelhano, como para o francês *moustache*, do italiano *mostaccio* ou *mostacchio*, hoje em geral substituído nesta língua por *baffi*, e cuja origem parece ser o grego moderno MOUSTÁKION, ou MOUSTÁKA, que tem a mesma significação que já tinha no grego antigo MŪSTAKS, juntamente com a de «beicho de cima »<sup>2</sup>: cf. *barba* em português, que quer dizer «a ponta do queixo » e «o pêlo da cara ».

Ao mesmo passo, porém, que Luís de Camões já emprega o plural do vocábulo *bigode* nos LUSÍADAS, Torquato Tasso, na Jerusalém Libertada, serve-se de uma circunlocução para o designar:— «Lascia barbuto il labbro e'l mento rade » —.

<sup>1</sup> p. 177.

<sup>2</sup> W. Pape, GRIECHISCH-DEUTSCHES HANDWÖRTERBUCH, Brunsvique, 1880.

Persas feroces, Abassis e Rumes,  
 Que trazido de Roma o nome tem,  
 . . . . .  
 Em sangue português juram descritos  
 De banhar os bigodes retorcidos —<sup>1</sup>.

Já antes, Gil Vicente usou o deminutivo *bigodezinho*:

Pero — Êlle pôs desta maneira  
 A mão na barba e jurou  
 De meus dinheiros pagá-los.  
 Vasco — ¿ Essa barba era inteira  
 A mesma em que te jurou,  
 Ou bigodezinhos ralos? —<sup>2</sup>.

A origem do castelhano *vigote* parece ser a palavra *viga*, cujo significado é o mesmo que em português; pelo menos é esta a opinião da maioria dos etimologistas, mas bastante problemática.

#### bilhafre

Esta variante de *milhafre* é usada por Francisco Rodríguez Lobo na *CÔRTE NA ALDEIA* <sup>3</sup>.

Na ilha da Madeira designa o «francelho».

A mudança de *m* inicial em *b*, e *vice-versa*, conquanto pouco freqüente, não é sem exemplo em português: cf. *berrão* com *marrão*; *bicheiro* (*q. v.*), «canudo para a torcida, com *mechero* castelhano, que tem o mesmo significado»; *batota* «tavolagem» com *matute*, «candonga» em castelhano, etc.

<sup>1</sup> OS LUSÍADAS, X, 68.

<sup>2</sup> FARSA DOS ALMOCREVES.

<sup>3</sup> Diálogo III, ed. de 1774, p. 56.

## bílró

É uma interjeição usada em Sam Miguel, dos Açôres, com a significação de *bravo!* <sup>1</sup>.

## biri-biri

— «Os batoques [*q. v.*] de que usam na guerra são de três especies... O *biri-biri* tem a forma de um charuto grosso e curto, com a ponta cortada; é enorme e geralmente tem os dois extremos cobertos com pelle. Amarra-se a uma arvore ou poste e é tocado com bocados de pau. O *biri-biri* é que dá signal para as povoações visinhas de que ha guerra ou preparativos para ella ...Tocado em combate, do lado do maior diametro, dá signal de avançar, e do lado do menor, signal de retirada... O *biri-biri* desempenha ainda, entre as populações selvagens, o horroroso serviço de cepo de carrasco» —<sup>2</sup>.

## bisbis

Na ilha da Madeira é o nome de uma ave, que também é conhecida por *abibe*, termo já colijido no CONTEMPORANEO.

## biscato, biscalho, biscalheira

*Biscalho* se chama ao alimento que as aves levam no bico para os filhos; outras formas do mesmo vocábulo são *biscate* e *biscato*, e todas estas três formas teem aspecto de ser derivadas

<sup>1</sup> O SÉCULO, de 5 de julho de 1901.

<sup>2</sup> Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902, in «Jornal das Colonias», de 19 de agosto de 1905.



de um primitivo *bisco*, ou *besco*, do latim *uescus* «magro», como propõe em dúvida o NÓVO DICIONÁRIO. A existir a palavra *besco*, a escrita dos derivados deveria ser *bescato*, etc.

*Biscalheira*, em Arcos-de-Val-de-Vez, é o nome que se dá a uma vara raxada na extremidade e destinada a colhêr o *biscalho*, que nesta acepção quer dizer «fruta pendente da árvore»; outro nome é *ladra*, que provavelmente se aplica quando a fruta não é colhida com permissão do seu dono, o que parece acontecer muito frequentemente <sup>1</sup>.

#### biscouto, biscoito; biscoiteira

Além do conhecido significado do primeiro vocábulo, aduz mais o Suplemento ao NÓVO DICIONÁRIO o de—«seixo, fragmento (de pedra)»—como antigo, e abona-o com o seguinte passo da HISTORIA INSULANA:—«... se chama êste caminho do Pedregal, por ser de huma, e outra parte de biscouto de pedra»—<sup>2</sup>.

Nos meus apontamentos tenho êste vocábulo, com a seguinte explicação: «Termo dos Açôres: a camada de lava ondulada, que cobre certos terrenos». *Biscoitos* é também o nome de uma localidade na Ilha Terceira, e dêste substantivo comum lhe veio com certeza o nome.

*Biscouteira*: «redoma com tampa volante, para arrecadar biscoutos, bolachas, bolos». É um excelente neologismo, já divulgado, para traduzir o vocábulo francês *bonbonnière*.

#### biselho

Quere dizer «atilha» <sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Veja-se J. Leite de Vasconcelos, *RESPIGOS CAMONIANOS*, p. 46.

<sup>2</sup> II, p. 80.

<sup>3</sup> Trigueiros Martel, *CULTURAS HORTICOLAS*.

## bitácula

Como termo de calão, «o nariz».

## bitafe. V. pitafe

## bitar

Voz transmontana, que quiere dizer «entornar».

## bisnaga

O Nôvo DICIONÁRIO diz provir êste vocábulo do árabe *bas-tinage*, de orijem latina, *pastinaca*. É natural que os árabes encontrassem a palavra na Península, e a afeioassem à sua pronunciação. Ora, o latim *pastinaca* deveria passar ao português, ou ao castelhano, com abrandamento do *c* em *g*, *pastinaga*. Não existindo em árabe nem *p*, nem *g* póstero-palatal (como em *paga*), mudaram a primeira consoante para *b*, e a última para *ǧ*, palatal africata, quási igual a *dj*, pois é esta a pronúncia clássica da 5.<sup>a</sup> letra do seu alfabeto, que no Ejipto se profere como o *g* de *gato*, e em vários pontos da Barbaria como o *j* português. Dêste modo, o romance peninsular *pastinaga* passou a *BASTINAGE*, e dêste procedeu o português *bisnaga*, com supressão da 2.<sup>a</sup> sílaba átona *ti*. Cf. *Beja* do latim *Pax*, ou *Pace(m)* no acusativo (*Pax Iulia*), conforme demonstrou David López no seu belo estudo *TOPONYMIA ARABE DE PORTUGAL* <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> in «Revue Hispanique», t. IX, p. 39, (1902).

## bísaro, bízaro; sedeúdo, molarinho

Èste termo, que o RECENSEAMENTO GERAL DOS GADOS <sup>1</sup> escreve *bísaro*, e cujo étimo é desconhecido, sendo difficil ficar-lhe a ortografia, designa uma raça de porcos própria do norte do reino, e assim definida na mesma interessante publicação official: — «cabeça comprida e estreita; orelhas tambem muito compridas e pendentes, chegando a dois terços e mais da extensão da cabeça. O pescoço é delgado: a extensão que vae desde a nuca até á origem da cauda é muito consideravel, chegando a medir 1<sup>m</sup>,40 e mais: linha dorso-lombar muito convexa ou arqueada; peito muito estreito e achatado ou espalmado, assim como o ventre, que é muito mais alto que largo. As pernas são tambem muito altas e ossudas. As cerdas são compridas e grossas, sendo a côr geralmente preta. Ha-os tambem brancos e malhados, e tendo sómente a frente aberta, uma lista branca sobre a agulha e as espaduas, e baixo calçados.

São geralmente muito corpulentos.

Os porcos de cerdas ou pellos mais densos compridos e grossos são chamados *sedeudos* [sedeúdos], ou *cerdosos*; e aquelles em que ellas são menos grossas e compridas, mais raras e a pelle mais fina se chamam *mollarinhos* —.

## blasonar

Èste verbo está definido em um sentido especial no jornal O SÉCULO, de 12 de agosto de 1900, nos termos seguintes:— «Ao entrarem nos logares destinados á realização das justas, o rei d'armas descrevia, em voz alta, os emblemas do escudo do recebendo, e assim se ficava sabendo quem elle era. A isto se chamava *blasonar* » —.

---

<sup>1</sup> Lisboa, 1873.

A forma *blasonar*, em qualquer acepção, e a apontada parece ser a primitiva, é castelhanismo, pois ao *blasón* castelhano corresponde em português *brasão*, substantivo do qual se derivaria um verbo (*a*)*brasoar*, e não *blasonar*.

### bobo

Júlio Cornu <sup>1</sup> atribui a origem deste vocábulo ao latim *pūpus*, «rapazinho». Não creio: ao *ū* longo corresponde *u* em português, e não *o*.

Parece-me que para o português veio este vocábulo do castelhano *bobo*, em que ainda perdura como adjectivo usual, no sentido em que empregamos *tólo*, e que procede nessa língua do latim *balbus*, «gago». Que a palavra portuguesa não pode derivar-se imediatamente do mesmo étimo que a castelhana prova-se com a circunstância de que, a ser directa a derivação, a forma portuguesa seria *boubo*, como é em mirandês, com ditongo: cf. *outeiro*, cast. *otero*, de *altarium*, *poupar*, de *palpare*, *mouco*, de *Malchus*.

Outra circunstância que concorre para aceitarmos a proveniência castelhana é que *bobo*, em português, quer dizer apenas «jogral», e não produziu derivados, por ser termo de significado muito restrito, e de aplicação especial; entanto que em castelhano êle tem várias acepções, e deu origem a nada menos de onze derivados por sufixo, e três por prefixo. Nesta língua teve vitalidade; em português foi e é uma palavra estéril.

### boçudo

Êste adjectivo, que suponho não ter existência independente, vemo-lo empregado junto ao substantivo *paus*, *paus boçudos*,

---

<sup>1</sup> GRUNDRISS DER ROMANISCHEN PHILOLOGIE, I, p. 726, n.º 27.

locução assim definida:— «mocas usadas como arma de guerra pelo gentio da Africa Occidental Portuguesa»—<sup>1</sup>.

bofarinha, bofarinheiro: V. bufarinha

bogacho

Na Beira-Baixa quer dizer «novêlo»<sup>2</sup>.

Em Lisboa chama-se *bagoquinho* ao resto de um novêlo, quando já perdeu a forma globular: cf. *bogalho*.

boi; boi-bento; boi (de)-cavalo, boi de monta(da)

Na procissão do Corpo-de-Deus, celebrada em Caminha, vai adiante um boi, nédio, formoso e corpulento, enfeitado de flores, e com uma altíssima cruz, formada também de flores, erguida entre as armas. Chamam-lhe o *boi-bento*, como lá me disseram.

*Boi (de)-cavalo*, ou *boi de montu* ou *de montada* se denomina na nossa África aquele que lá substitui o cavalo, como montada. A primeira expressão está abonada no jornal O ECONOMISTA, de 11 de agosto de 1885, e é a mais usual; a segunda é empregada na obra de Henrique de Carvalho, EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIÂNVAUVA<sup>3</sup>.

bolçar

A forma antiga dêste verbo é *boomçar*, *bonçar*, o que indica claramente o seu étimo *uomitiare*, como já o aponta D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, na REVISTA LUSITANA, I, pág. 299.

---

<sup>1</sup> P. Saturnino, Conferência feita na Sociedade de Geografia de Lisboa em 2 de maio de 1900, publicada nos Avulsos.

<sup>2</sup> Informação do editor, natural de Almeida.

<sup>3</sup> Lisboa, 1890.

## boliço

O vocábulo *reboliço* é muito usado; não assim porém o seu primitivo, que era freqüente dantes, e que vemos empregado pelo cronista Rui de Pina:— «encomendárão ao Daião que fosse falar com ella [a Rainha], para que quisesse repousar á vontade, e não dar causa a *boliços*, de que tanto mal se podia seguir» —<sup>1</sup>.

## bolo; bôla

*Bolo-de-vinte-e-quatro-horas* se chama em Aveiro a uma espécie de arrufada, que leva 24 horas a aprontar-se: tem farinha, ovos e açúcar.

No Alentejo denomina-se *bôla* o chamado «queijo de correr», que em outras partes se diz *queija*.

## a boma, (e não) o boma

É palavra da África Oriental Portuguesa, e o seu significado está exposto no seguinte passo do JORNAL DAS COLONIAS, de 24 de dezembro de 1904:— «no *boma* ou forte só pernoita a guarda» —.

Deu-se-lhe aqui o género masculino, infundadamente, pois as línguas cafriais não diferenciam géneros gramaticais, e a palavra, pela sua terminação, é femenina em português.

## bomba, bombo, bumbo, zabumba

Êstes vocábulos, mais ou menos onomatopoeíticos, isto é, imitativos de sons, com os seus derivados, como *bombarda*, *bom-*

---

<sup>1</sup> CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. LIII.

*beiro*, dariam causa a uma extensa monografia, (tam abundante e minuciosa como a que Hugo Schuchardt consagrou aos derivados do latim *cochlea* <sup>1</sup>) a começar pela interjeição *bum!*, só, ou repetida, *bumbum!*

Consignarei aqui apenas o seguinte:

A forma *bumbo* é a popular, talvez por influência da interjeição, e ampliada ainda com a sílaba *za-* prefixada, o que aproxima o vocábulo do castelhano *zambomba* (pr. *šambomba*), nome que em Espanha se dá ao instrumento grosseiro e importuno a que em português se chama *ronca*, o qual consiste numa caixa de ressonância mais ou menos cilíndrica, aberta num tampo, e fechada no outro com uma pele esticada, a que está preso internamente um cordel encerado, pelo qual se corre a mão para o fazer soar.

A forma tida por culta, *bombo*, designa um tambor ou caixa, antigamente muito alto, hoje de altura inferior ao diâmetro, o qual se tange com uma maçaneta.

A palavra parece que veio para cá do italiano, como outros nomes de instrumentos: em italiano dá-se o nome de *bombo* a uma nota musical, repetida, sem variação alguma (*ronca*), e o *bombo*, na realidade, não dá mais que uma nota, se nota musical se pode chamar o soído de uma pancada, sempre a mesma.

Em razão da forma, dão os pescadores da tartaranha, no Tejo, seixalenses e barreirentos, o nome de *bumbo* a uma selha alta onde expõem à venda o peixe no mercado da lota, no Atêrro da-Boa-Vista.

Os *bumbos* são feitos de um barril serrado ao meio, e portanto, de cada barril fazem-se dois *bumbos*, ou selhas dessas.

---

<sup>1</sup> ROMANISCHE ETYMOLOGIEN, II, in «Sitzungsberichten der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften in Wien», 1899.

## bombaça

No estudo de Rocha Peixoto intitulado Os PALHEIROS DO LITORAL <sup>1</sup> lê-se:— «D'uma cobertura de duas aguas [de duas correntes], telhada, raro cólmo, irrompe, para escoante do fumo da cozinha, uma bombaça, quando não é uma simples abertura, ou mesmo nada» —.

Antes <sup>2</sup> dissera o mesmo escritor, referindo-se a edificações portuguesas várias:— «Dos telhados, resaltando á frente sobre cachorros de madeira, recortadas e ligadas ao frechal... sobem chaminés de tipos varios, como a bombaça (Minho e Douro) ou as que semelham tumulos (Alemtejo), minarettes e zimbórios (Algarve); n'outros nem existem: é na serra, onde as paredes parecem uniformemente vestidas de fuligem» —.

Êstes dois trechos completam-se um ao outro.

É pois a *bombaça* uma espécie de chaminé, e é vocábulo ainda não rejistado em dicionários.

A propósito direi que o povo pronuncia melhor que os cultos a palavra *chaminé*, pois diz *cheminé*, do francês *cheminée*; a forma literária *chaminé* é devida a falsa analogia com *chama* { *flamma*, vocábulo com o qual não tem nenhuma relação.

O francês provém de *caminata* { *camīnus*, palavra que os romanos receberam dos gregos.

## bombeiro

Designa êste vocábulo, nas marinhas do sal, um tabuleiro sôbre o comprido, com um cabo, e um pau roliço atravessado a meio por dois buracos abertos nas paredes laterais.

---

<sup>1</sup> in Portugalia, I, p. 87.

<sup>2</sup> *ib.* p. 83.



Vem figurado no jornal O SÉCULO, de 10 de junho de 1901, juntamente com outras alfaías usadas na lavra do sal.

### bomboteiro

Esta palavra, usada no Funchal, é o aportuguesamento, com o sufixo *-eiro* do vocábulo inglês *bumboat*:— « Logo que fundeou o « Donne-Castle », foi rodeado por grande quantidade de barcos, conduzindo bomboteiros. Dá-se este nome aos homens que se empregam na venda, a bordo, dos productos da ilha, entre os quaes aguardente e vinho »—<sup>1</sup>.

### bondoso, bondadoso

*Bondoso* significa o que tem *bondade*, e também existe o adjectivo *bondadoso*, de que o primeiro é forma simplificada <sup>2</sup>.

Não são poucos estes casos de haplolojia em português, e exemplos análogos temos em *saudoso* por *saudadoso*, de *saudade*, *caridoso* por *caridadoso*, de *caridade*, *cuidoso*, por *cuidadoso* de *cuidado*, sendo a segunda forma do adjectivo a mais usual hoje; mas que o não era no tempo de Camões depreende-se do emprêgo que fez de *cuidosos*:

Do futuro castigo não *cuidosos* <sup>3</sup>.

Outro caso de haplolojia com polissíntese é, por exemplo, *fidalgo*, por *filho de algo*.

Para evitar a haplolojia, ou simplificação dos vocábulos mediante supressão de uma sílaba, quando duas sílabas consecuti-

<sup>1</sup> O SÉCULO, de 2 de março de 1900.

<sup>2</sup> J. Leite de Vasconcelos, REVISTA LUSITANA, III, p. 272.

<sup>3</sup> OS LUSÍADAS, III, p. 132.

vas começam pelos mesmos elementos consonânticos, muda-se a meúdo a vogal surda da primeira delas, em outra mais distinta; assim temos: *didal*, por *dedal* { *dedo*, se não de digitale, pois dizemos *dedeira*, sem haplolojia; *jijum*, e *jajum*, por *jejum*; *pipino*, por *pepino*, etc.

Haplolojia notável é a que simplificou antigamente *considerar* em *consirar*, que vemos, por exemplo, em Rui de Pina, CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V (cap. II). O povo, ainda hoje, porque o verbo nas formas arrizotónicas, como o infinito, tem um *e* escrito, que se não lê, pois pronunciamos *considrar*, e não, *considerar*, conjuga-o nas rizotónicas sem êsse *e*, dizendo *considro*, por *considéro*, assimilando-o a *vidro*, de *vidrar*, que não é *vidéro*.

#### bonideco

Esta expressão adverbial, usada nos Açôres no sentido em que empregamos *de boa vontade*, ou em francês *volontiers*, tem origem erudita: é o latim *bono et aequo*, com supressão do *o* do primeiro vocábulo.

#### bonzo

É vocábulo japonês, e como tal sempre foi considerado, havendo sido introduzido na Europa pelos portugueses. É frequente nos nossos escritores, quando se referem à China, Japão, Aname, Siame, Camboja, a toda a parte da Ásia onde impera, como religião dominante, o budismo, mais ou menos adulterado. — « Depois da morte de seu pai foram os bonzos que assistiram ao pagode » —<sup>1</sup>.

Os nossos dicionários e os alheios dão como étimo a esta voz peregrina a forma japonesa *bozu*; mas a verdadeira escrita seria

---

<sup>1</sup> António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894.

então *bôuzu*, dando-se ao *ou* o valor que tem em português. Não é desta forma, porém, que o vocábulo foi tirado, mas sim de outra dialectal, *bônzu*, o que explica a vogal que adquiriu em português.

É frequente esta adjunção de *n* às consoantes sonoras entre vogais, em certos dialectos da língua do Japão, e assim se motivam as escritas portuguesas *Nangassáqui*, *Cangoximá*, etc.

O mesmo aconteceu ao vocábulo *biombo*, em japonês *biôbu*, ou *biômbu*.

### boqueirão

O NÓVO DICIONÁRIO regista êste substantivo como nome de um peixe, cuja vivenda é no Algarve e nos Açôres.

Todavia, no jornal O ECONOMISTA, de 14 de setembro de 1888, citando o CAMPEÃO DAS PROVINCIAS, de Aveiro, lêmos:— «No mercado não ha positivamente nada. Um pouco de boqueirão que restava das últimas pescas, vendeu-se logo que aqui chegou a 700 réis o milheiro»—.

Parece portanto que se encontra em outras águas mais ao norte.

Em castelhano há *boquerón*, que o Dicionário da Academia descreve do seguinte modo:— «Pez del orden de los malacopterigios abdominales, muy comun en el Mediterráneo, de unos ocho centímetros de longitud, cuerpo largo [«comprido»] y comprimido, verdoso por el lomo («lombo») y plateado en lo demás, y boca que se prolonga hasta detrás de los ojos»—. Parece ser êste último característico o que lhe deu o nome. Ignoro se o peixe que em português se chama *boqueirão* é êste mesmo.

### bôrco (pl. bôrcos); emborcar

Tanto no DICIONARIO CONTEMPORANEO, como no NÓVO DICIONÁRIO dá-se êste vocábulo por sómente usado na locução adverbial *de bôrco*, o que inspirou a Júlio Cornu a etimologia de porco, bastante singular e inverosímil. No Suplemento ao

Nôvo Dicc. relaciona-se *borco* com *bolcar*, dado no corpo do dicionário como vocábulo transmontano, com o significado de— «fazer cair, voltando»—. *Bôrco*, porém, existe como substantivo independente.

No meu trabalho sôbre o falar bragançano, inserto no 1 volume da REVISTA LUSITANA, a páj. 212 <sup>1</sup>, incluído no vocabulário transmontano que ali publiquei, rejistei o verbo *embolcar*, comparando-o com o castelhano *volcar*, «tombar» um carro, por exemplo, e o português comum *emborcar*, subordinando-os todos ao latim *inuoluicare*, de uoluere. Ainda mantenho a mesma opinião, que é confirmada pelo substantivo *bôrco*, «tombo» empregado no seguinte trecho:— «[cambalhota] de cima para baixo, aos bôrcos como cobras»—<sup>2</sup>.

#### bordão

Esta palavra, na acepção de modo-de-dizer que se repete a meúdo, tornando-se habitual, e a bem dizer inconsciente, o que em castelhano, com a mesma relação figurada, se diz *muletilla*, é já antiga em português, pois a vemos empregada neste sentido por António Francisco Cardim nas BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS <sup>3</sup>:— «o bordão com que se defendem nas respostas é dizer que assim está nos seus livros»—.

#### bornudo

— «Ave de formosas pennas»—<sup>4</sup>. Dificil definição para se poder identificar, pois tanto poderia ser um pavão, como um canário; em todo o caso, a ave, descrita com tanta parcimónia, é da África Oriental Portuguesa.

<sup>1</sup> 1887-1889.

<sup>2</sup> Marcelino de Mesquita, O TIO PEDRO.

<sup>3</sup> Lisboa, 1894, p. 259.

<sup>4</sup> Diocleciano Fernández das Neves, ITINERARIO DE UMA VIAGEM Á CAÇA DOS ELEPHANTES, Lisboa, 1878, p. 58.

## borracheiro

Êste vocábulo está definido no NÓVO DICIONÁRIO como significando: — «fabricante ou vendedor de borrachas» —.

Tem, porém, outro sentido, que não está rejistado: é «o indivíduo de Rio-Maior que daquela povoação conduz vinho para Alcobaça», naturalmente em odres, ou borrachas. Assim me informou uma criada natural daquela freguesia.

Que o mesmo nome se dá na Ilha da Madeira aos trabalhadores ocupados em análogo mester prova-se com um bilhete postal ilustrado, o n.º 111 da colecção B. P., o qual representa uma dúzia de homens, com borrachões ao ombro, junto ao casal, em cuja parede exterior estão enfileirados alguns cascos, com um dos tampos virado para essa parede e o outro para os homens: a legenda diz: — «MADEIRA BORRACHEIROS» —.

Há porém uma diferença entre os *borracheiros* do Riba-Tejo e os da Madeira: é que estes transportam em borrachões o mosto, dos lagares para as adegas, entanto que os outros, em iguais vasilhas, conduzem o vinho já feito, como fica dito.

## bostear; bosteiro

O NÓVO DICC. rejista êste verbo, como sinónimo de «embostar», derivado de *bosta*.

Na Índia portuguesa, conforme informação do capitão-de-mar-e-guerra Júlio Elesbão Pereira Sampaio, que ali serviu por muito tempo, *bostear* significa: — «revestir de bosta as paredes» —.

O NÓVO DICIONÁRIO define o vocábulo *bosteiro* do modo seguinte: — «escaravelho que vive na bosta» —.

O CONTEMPORANEO contentara-se com dar o vocábulo, cuja orijem é evidente, como sinónimo de *escaravelho*, e creio que teve razão. Com efeito, na GAZETA DAS ALDEIAS, de 24 de setembro de 1905, lê-se: — «O escaravêlho, como a maioria das espécies do gênero, sustenta-se dos dejectos dos herbívoros, prin-

principalmente da bosta dos bois e dos cavallos. Dahi lhe veio o nome popular de *bosteiros*, por que a gente das aldeias mais usualmente os conhece —. Vê-se, portanto, que não é nome de qualquer espécie diferente, mas sim alcunha que lhe foi posta em razão dos seus hábitos. Nem êle vive na bosta, o que lhe traria existência muito precária; se a busca, é para alimento, e não para fazer nela vivenda.

A mesma útil publicação acrescenta:— « Julgou-se durante muito tempo que o escaravêlho preparava esta bola [que forma da bosta] pára nella depôr os ovos, mas está recentemente provado que ella é única e exclusivamente destinada á alimentação do insecto » —.

Como a GAZETA DAS ALDEIAS segue à risca o sistema de acentuação e quási pontualmente o ortográfico adoptado no Nôvo Diccc., ao leitor do centro do reino depara-se por vezes indicação de pronunciações que lhe são estranhas, e nas linhas que transcrevi há duas dessas: a primeira que, conquanto diversa da que é corrente em Lisboa, é menos singular, *escaravêlho*, que na capital se pronuncia *escaraválho*; e a outra, mais inesperada, *gênero*, que em todo o litoral no sul, desde o extremo Algarve até Figueira da Foz, pelo menos, se profere *gênero*, com *e* aberto na sílaba predominante, que é a primeira.

Entendo ser defeituoso êste sistema de uma parte do reino impôr pela escrita as suas pronunciações locais ao resto das províncias, mormente à capital, que decerto as não seguirá. É em razão disto que eu, apesar de adoptar um sistema rigoroso de acentuação gráfica, marco sempre com o sinal geral do acento tónico, o agudo (´), as vogais *a*, *e*, *o* antes de consoante nasal, por o seu valor variar muito de uns para outros pontos, e não com o circunflexo, que particular e unicamente serve para indicar, em caso de necessidade, o *e* e o *o* que são proferidos como fechados em toda a parte <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> V. sôbre êste assunto ORTOGRAFIA NACIONAL, do autor, Lisboa, 1904, p. 179-181.

## bota-d'água

Este calçado, apropriado a resistir à agua, especialmente nas passagens a vau, está já designado com este nome no Suplemento à COLLEÇÃO DE LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA, referente aos anos de 1750-1762, em um aviso de 23 de outubro de 1753:— « se dê aos Regimentos de Dragões do seu Exército botas de agoa »—.

## bouça

Esta palavra, formalmente, parece provir de *baltea*, plural neutro do adjectivo *balteus*, *baltea*, *balteum*, substantivado, que em latim significa « o que cinje », e do qual o *MAGNUM LEXICON* de José António Ramalho <sup>1</sup> nos diz ser mais usado como substantivo no plural. É definida no *DICC. CONTEMPORANEO*, como termo minhoto, com a significação de — « terreno onde se cria matto para adubo, por não ser proprio para cultura »—. Mas na monografia de Alberto Sampaio *AS VILLAS DO NORTE DE PORTUGAL* <sup>2</sup> lêmos o seguinte:— « as bouças (*bauzas, bustelos*) que forneciam o matto para a cama dos animaes, e a lenha »—: donde se deduz que a acepção é mais lata.

## braga, bragal

O primeiro destes vocábulos, do latim *braca*, e mais trivialmente *bracae* no plural, como acontece entre nós também com objectos geminados, de que se faz uso, por ex.: *calças, óculos, brincos, chapatos*, etc., não designa em português, como na língua de onde provém, « calças compridas, até os pés », mas calçotas

---

<sup>1</sup> Lisboa, 1819.

<sup>2</sup> in *Portugalia*, I, p. 324.

curtas, ainda mais que os calções, como as que usam os serradores de madeira. Designa também, no singular, a argola de ferro ou grilheta onde prendia a cadeia de ferro dos condenados a trabalhos públicos, e que se via frequentemente há cinquenta anos em Lisboa nos calceteiros, quando o officio destes era desempenhado por bandos de galeotes, acorrentados a dois e dois, e que se denominavam também *grilhetas*. V. *calceta*.

Alberto Sampaio, na excelente monografia AS VILLAS DO NORTE DE PORTUGAL <sup>1</sup>, refere-se d'este modo aos dois vocábulos da epígrafe:— «A terminologia [da cultura, cura, fiação e tecedura do linho no norte de Portugal] tem a mesma procedencia [romana]; assim bragal, designando tanto a roupa branca como o pano que lhe é destinado, e braga, bragas (de *braca*, palavra gallo-latina), massar (*massare*, esmagar as hastes do linho), estopa (*stuppa*), tomentos (*tomentum*), espadella (diminutivo de *spatha*), espadar ou espadelar (bater com a *spatha* ou espadella), estriga (*striga*), fuso (*fusus*), maunça ou mainça (*manuncia* pl. de *manuntium*, ou de *manicia*, pl. de *manicium*), e roca (rukka, got., em esp. *rueca*, em ital. *rocca*)—todos estes termos provêm do latim, excepto o ultimo, cuja origem germanica nas tres linguas é singular» —.

No ELUCIDARIO de Santa Rosa de Viterbo vem um longo discurso sôbre o termo *bragal*; nem aí, porém, nem em nenhum outro dicionário vejo apontada uma acepção especial que tem esta palavra, e é o «pano com que se cobre a farinha depois de amassada» —<sup>2</sup>.

### breca

O significado d'este vocábulo é *cãibra*, e a êle se devem subordinar as várias locuções compendiadas no Suplemento ao NÓVO DICIONÁRIO: *levado da breca* «travêso»; *foi-se com a*

<sup>1</sup> in Portugalia, I, p. 317.

<sup>2</sup> REVISTA LUSITANA, t. VI, p. 126.



*breca*, «foi-se espantado»; *faz cousas da breca*, «faz cousas diabólicas», «como se estivesse atacado de câibras».

brejo, brejeiro (=brêjeiro)

O étimo do primeiro destes vocábulos é desconhecido, pois o mais plausível, em grego BRAGÓS, «paul», oferece grandes dificuldades fonéticas e mesmo históricas, para de leve poder aceitar-se.

De *brejo* parece provir *brejeiro*, com *é* aberto átono na primeira sílaba, isto é, sem enfraquecer o *é* do radical, o que aliás sucede quasi sempre antes de consoante palatal, quando o *e* é aberto: cf. *frêcheiro*, de *frécha*, *sêjeiro*, de *séje*, *vêlhice* de *vêlho*; e nem obsta a esta lei *envejoso*, de *envéja*, pois o *e* antigamente era fechado, como procedente do *ĩ* de inuidia, e o ser aberto provém de se haver tomado como substantivo verbal.

Não me ocorre em que dicionário português se explicava *brejeiro* como derivado de *brejo*, — «porque nos brejos se fazem cousas brejeiras» —.

Este adjectivo significa «obsceno», e «ordinário», e neste sentido se empregava para denominar certos cigarros do antigo Contrato de tabacos, anterior a 1864, feitos com péssimo e fétido rôlo picado, escorrendo melação, e com as mortalhas de ruim papel, manchado de nódoas alambreadas, do reçumar da humidade do tabaco: custavam a três 5 réis. Parece que ainda hoje assim se denominam os cigarros piores, comprados já feitos, como se depreende do seguinte passo, primor de observação rigorosa: — «ar jingão e andar de fadista, cigarro *brejeiro* sempre ao canto da bocca, cuspiendo a meudo por entre os dentes» —<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> O SÉCULO, de 10 de setembro de 1930.

## brelho

O latim *imbrex*, *imbrīcis*, que provém de *imber*, *imbris* «aguaceiro», e significa «telha» (| *tegula*), está provavelmente representado em francês pela palavra *brique*, e em italiano por *bricca*, «barranco por onde a água se despenha», e que num sentido especial foi talvez o étimo imediato do termo francês. Em português temos no Minho um vocábulo, não derivado directamente do *imbricem*, mas do diminutivo *imbriculum*: é *brelho*, «(fragmento de) tejôlo», colijido por J. Leite de Vasconcelos, que lhe atribui, com razão, esta etimologia <sup>1</sup>.

Vocábulos modernos da mesma origem são *imbricar*, *imbricado* | *imbricare*. Outra etimologia proposta para o francês *brique* é o inglês *brick* | *break* «quebrar».

## brendo

Na Beira-Baixa denomina-se assim uma espécie de garfo, de quatro a seis dentes, fabricado de madeira pelo carpinteiro, em oposição a *tomadeira* (*q. v.*) <sup>2</sup>.

## brinco, brincar

Ou *brincar* provenha de *springan*, no sentido de «pular», e de *bli(n)kan*, no de «gracejar, entreter-se», sendo portanto formas converjentes; ou proceda de um só destes verbos germânicos, sendo a segunda acepção desenvolvimento da primeira; ou ainda, o substantivo *brinco* significando «pinjente» seja o latim *uinc(u)lum*, independente portanto de *brinco*, substantivo ver-

<sup>1</sup> REVISTA LUSITANA, III, p. 207.

<sup>2</sup> Informação do editor, natural de Almeida.

bal rizotónico do verbo *brincar*: o que é certo é que este em português adquiriu significados em que o seu correspondente castelhano *brincar*, «pular», o não seguiu, pois na segunda acepção se diz ali *jugar, juguetear*.

Entre o povo, no continente, o verbo *brincar* era usual no sentido de «bailar», e ainda hoje não perdeu de todo essa acepção, que vemos exemplificada na seguinte quadra, vulgar há cinquenta anos:

— Ó menina das laranjas,  
 ¿ Você que dá e que tem?  
 Você está tam coradinha,  
 Você brincou com alguém.

Este significado conserva o substantivo verbal na Índia portuguesa, em Goa pelo menos, como se lê no seguinte trecho de uma correspondência de lá, publicada no jornal O SÉCULO, de 26 de julho de 1902:— «Danças chamadas *brincos*, populares, de christãos brahameses [*sic*], moiros e outros gentios, com suas musicas características» —.

O mesmo substantivo, que também significa «brinquedo de criança», foi por António Francisco Cardim empregado num sentido muito especial, o de «galantarias», «bujigangas», correspondente ao francês *bibelots*, e que o traduz perfeitamente:— «Era fôrça ir o padre ao paço beijar a mão ao príncipe pela mercê, e apresentar-lhe agradecido alguns brincos da Europa e China» —<sup>1</sup>.

*Brincos da China* é também expressão de que já se servira Fernám Méndez Pinto, no mesmo sentido de «galantarias»:— «o embaixador comprou muitas peças ricas» e brincos da China que aquy se vendião muyto baratos, em que entrou grande quantidade de almizcre, porcellanas finas, seda, retrós, e pelles de arminhos» —<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 145.

<sup>2</sup> PEREGRINAÇÃO, cap. CLXVI.

## (de) bruços

Êste modo adverbial, cuja significação é «de peito para baixo», «estendido com o rosto para o chão», e à qual corresponde o castelhano *de bruces*, é explicada imperfeitamente por *buz*, com fundamento em que os dicionários castelhanos consignam também a variante de *buces*, que suponho não ser lejitima. Com respeito ao *buz* com o qual o relacionam, pode ver-se o *DICCIONARIO MANUAL ETYMOLOGICO* de F. Adolfo Coelho, o qual resume a argumentação de Diez, que aqui não repito, por me parecer de pequeníssimo pêso.

A expressão parece não ser antiga em português, visto que Bluteau a não incluiu <sup>1</sup>. Partindo desta omissão, suponho que a locução, muito trivial hoje, e da qual se derivou o verbo *debruçar-se*, proveio de Espanha, por intermédio do castelhano, o qual, todavia, não derivou verbo da sua expressão *de bruces*, como aconteceu em português com *debruçar*.

A origem dêste modo adverbial parece-me ser o vasconço *buruz* (pronunciado *burúz*), caso modal de *buru*, «cabeça». É certo que o Dicionário vasconço-francês de Van Eys <sup>2</sup> só dá a êste caso modal *buruz* a significação «de cor», «de cabeça», como também dizemos; é possível, porém, que, assim como por meio do mesmo sufixo *-ez*, de *oñ*, ou *oïn*, «pé», se forma *oñez*, *oinez*, «a pé», a forma *buruz*, significasse «de cabeça [para baixo]», e que dessa acepção restrita, em qualquer parte das Vascongadas o caso modal indicado viesse a significar também «de cara para baixo».

É isto uma simples hipótese, que me parece mais aceitável do que a proposta por Diez, e por isso aqui a rejisto, para fundamento de mais rigorosa investigação.

<sup>1</sup> VOCABULARIO PORTUGUEZ LATINO.

<sup>2</sup> DICTIONNAIRE BASQUE-FRANÇAIS, Paris, 1873, *sub voc. buru*.

## bruxa, bruxo; bruxulear

Instintivamente se faz a aproximação dos dois primeiros vocábulos com o terceiro. Até agora, porém, as investigações etimológicas levam-nos a considerá-los distintos. Dá-se como étimo mais verosímil do *bruxulear*, português e castelhano antigo, *brujulear*, (pron. *bruyulear*) castelhano moderno, em última análise um verbo latino *perustulare*, que seria origem também do italiano *brustolare*, *bruciare* e *brusciare*, os quais, como o francês antigo *brusler*, e o moderno *brûler*, significam «queimar», e «arder».

Não mencionarei aqui outras hipóteses, a não ser a título de curiosidade, e por ser de quem é, a de João Storm, a qual consiste em admitir a influência do germânico *brunst*, «queima», derivado de *brennen*, «queimar», num latim *bustiare* ( *bustum*, «fogueira» (cf. *comburare*, «queimar»), de que resultaria uma forma nova no latim popular *brustulare*, *brustiare*, de que se derivariam as formas italianas e a francesa.

Se algumas conjecturas mais ou menos plausíveis se tem feito acêrca da etimologia de *bruxulear*, nenhuma se apresentou ainda de *bruxa*, que apresente probabilidade; não serei eu de certo quem tente nem mesmo descerrar o véu que encobre a origem dêste interessante e tam popular vocábulo, porque me faltam absolutamente investigações que ofereça ao leitor como abono de opinião minha.

Chamarei apenas a atenção para os seguintes factos. O fenómeno denominado *fogo fátuo* não tem nome vulgar conhecido em todo o país, e sómente em alguns pontos dêle me consta lhe chamam *alminhas*, porque em geral é frequente nos cemitérios a sua aparição. Outro tanto acontece em Espanha.

Ora, não é crível que tam visível fenómeno ficasse sem nome, até que os especialistas lhe pusessem a alcunha que agora tem, desconhecida do povo meúdo porém, e que é um arremêdo alatinado da expressão francesa *feu-follet*. A minha conjectura é que existe em *bruxa* e *bruxulear* íntima conexão; e, signifi-

cando o verbo *bruxulear*, «lampejar», dar clarões incertos e de intensidade variável, êle seja derivado de *bruxa*, tendo esta palavra sido, em qualquer tempo ou lugar, tanto em Espanha como em Portugal, a designação popular do fenómeno.

Parece-me que neste sentido se devem nortear as investigações que se façam para descortinar o étimo do vocábulo *bruxa*, considerando-se *bruxulear* um derivado romanico-peninsular dêsse vocábulo.

Como subsídio para essa investigação apresento aqui um texto extraído de obra antiga de muito interêsse, e que serve de amparo à minha hipótese. — « Por conclusion noto aqui, que aquella vision nocturna que en algunos Países llaman *Hueste*, y quieren que sea procesion de brujas, es mera fabula, a que dieron occasion las exalaciones encendidas, que los Fisicos llamam *Fuegos fatuos*. El vulgo, viendo aquellas luces y no pudiendo creer que fuese cosa natural, la atribuyó á la operacion diabolica » —<sup>1</sup>.

A *hueste*, «hoste», a que o autor aqui se refere, é a *Estantiga*, em castelhano *Estantigua*, a procissão de mortos da superstição medieval, *das wütende Heer*, acêrca da qual se lerá com muito proveito o que D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos escreveu no vol. III da REVISTA LUSITANA, e onde deixou perfeitamente averiguada a etimolojia do vocábulo, *hueste antigua*.

É sabido que no Brasil se chama ao fogo-fátuo *caipora*, termo tupi (*Cahapora*), que também designa o deus das selvas, protector dos animais silvestres, hostile ao caçador, (a cuja manifestação os índios bravos atribuem o dito fenómeno, conforme todas as probabilidades. e }

Concluirei com uma observação justa. Pondera-me em carta o sr. Acácio de Paiva que é talvez temerária a suposição de que *bruxa* algures no reino se applique ao *fôgo fátuo*, visto que

---

<sup>1</sup> THEATRO CRITICO UNIVERSAL. DISCURSOS VARIOS EN TODO GENERO DE MATERIAS PARA DESENGAÑO DE ERRORES COMUNES, ESCRITO POR EL M. I. S. D. Fr. Benito Geronimo Feijoo Montenegro, t. II, 66, p. 196, MDCCLV.

em parte nenhuma o vocábulo designa *alma-do-outro-mundo*, sendo certo que na opinião do vulgo o poder ou condão fatal da bruxa lhe provém do diabo, e que ela é sempre criatura viva e maléfica.

### bubela

Por êste nome se designa em Trás-os-Montes a *poupa*, como se vê do trecho seguinte:— « Outra [tradição], a da *bubela* (poupa) disfarçada milagrosamente em Nossa Senhora »—<sup>1</sup>.

Incluí, no vocabulário transmontano que publiquei no 1 volume da « Revista Lusitana »<sup>2</sup> o mesmo vocábulo, e para aqui transcrevo a sucinta observação que ali lhe consagrei:— « *bubela*, poupa (ave): latim *upūpella*, deminutivo de *upūpa* pela queda do *u* [inicial] e abrandamento de *p* em *b*: cf. port. *bispo*, castelhano *obispo*; port. *baço*, catalão *ubach*, opacium, opacum. Em galego é também *bubela*, em mirandês *boubela*, em castelhano *abubilla*, havendo-se dado igual abrandamento de *p* em ambas as sílabas, como se deu no italiano *bubbola*, que perdeu a vogal inicial. Tanto a forma portuguesa, como a mirandesa e as dialectais italianas *poppa*, *popo* fazem pressupor uma forma latina *uppupa* »—. Depois, em nota acrescentava:— « O dr. Hugo Schuchardt<sup>3</sup> admite *upūpa*, que não explicaria o ditongo *ou*, nem a reduplicação da consoante ou o *o*, dialectais italianos »—.

### bucho, bucha

Este vocábulo no sentido de « estômago », como no de « músculo da coxa e do braço », provém do latim *musculum*, que já

<sup>1</sup> Ferreira Deusdado, O RECOLHIMENTO DE MÓFREITA, in « Revista de Educação e Ensino », 1891, p. 544. A/

<sup>2</sup> FALAR DE RIO-FRIO, p. 205.

<sup>3</sup> LITTERATURBLATT FÜR GERMANISCHE UND ROMANISCHE PHILOGIE, 1883, 3.

tinha o sentido expresso na segunda aceção, conquanto a primitiva significação fosse «ratinho», como deminutivo de *mus*, «rato». Em castelhano à aceção de «músculo» corresponde *muslo*, e à de estômago *buche*, ambos os quais teem a mesma orijem latina, sendo formas diverjentes naquele idioma.

O Suplemento ao Nôvo DICCIONÁRIO aduz também uma forma feminina, *bucha*, que escreve *buxa*, abonando-se com Camilo Castelo Branco; mas esta escrita é evidentemente errônea.

#### buço, embuçar, boçal, rebuçado

No Nôvo DICCIONÁRIO atribui-se, em dúvida, como étimo a êste verbo, o substantivo *buço*. D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos opina por êste étimo, cuja orijem seria o latim *buceus*, adjectivo postulado, me parece, por *bucea*, «bocado» { *bucca*. Conforme a douta romanista, *embuçar-se* quererá dizer — «cobrir a metade inferior do rosto até ao buço com capa ou capote» —. Em confirmação dêste modo de ver aduz a mesma escritora as formas castelhanas agora escritas *bozo*, *embozo*, *rebozo* e seus derivados, e de *buço* deriva *buçal* (*boçal*). Assim será, conquanto a forma portuguesa com *u* por *ü* latino seja um óbice importante, por existir o vocábulo *boca*, no qual dêsse *ü* resultou *o* normalmente. Por outra parte, parece-me violenta a metáfora, que atribuiria ao participio de *rebuçar* o significado que tem o substantivo *rebuçado*. Em todo o caso é enjenhosa a hipótese, e oferece bastantes probabilidades, visto não ser admissível que *buço*, português, tenha orijem diferente de *bozo* castelhano, o que presupõe igual parentesco nos competentes derivados.

#### bufarinha, bufarinheiro

O primeiro dêstes termos é definido por Cândido de Figueiredo, no Nôvo DICCIONÁRIO, como significando — «cosméticos de pouco valor; bugiganga; quinquilharias» —; e o segundo como — «vendedor de bufarinhas» —.



D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos <sup>1</sup> dá como primitivo *bufarias*, de que proviria *bufarinha*, como de *escrevania*, *escrevaninha*, de *endemniado*, *endemniado*.

A esta conjectura há apenas a opor que nos dois vocábulos aduzidos como termos de comparação a nasal *nh* foi ali atraída pela nasal da sílaba anterior, e prevaleceu a palatal *nh* e não a ginjival *n*, em virtude do *i*, que é vogal palatal; assim se explica que uinum desse *vño* e depois *vinho*, ao passo que de unam proveio *ũa* e depois *uma*, por ser o *u* labial. Ora, não se deu a primeira dessas condições, para que de *bufarias* resultasse *bufarinhas*, e conseqüentemente é duvidoso que o vocábulo português *bufarinheiro* seja o correspondente formal do castelhano *buhonero*, que com êle condiz na significação; e portanto o étimo proposto está longe de demonstrado, apesar de ser tam tentador, que já occorrera a Bluteau, que se expressa dêste modo:— « *Bofarinheiro*. Deriva-se do Castelhana *Buhonero*, e êste de *Bufonero*, porque segundo Cobarruvias vê de hũs toucados, que em Castella se chamam *Bufos*, e por outro nome *Papos*. O Bofarinheiro leva a sua tenda ás costas em huma arquinha, chea de varias meudezas, como são fitas, pentens, estojos, etc... Segundo o adagio, Cada *bofarinheiro* louva os seus alfinetes » —<sup>2</sup>. O étimo extremo seria o latim *bufo*, do qual também procede *bufão*.

Por tudo isto se vê que a definição do NÓVO DICIONÁRIO é inexacta, por muito restrita.

Quando eu era criança pequena, aí por 1847, percorria as ruas de Lisboa um bufarinheiro, com a competente *arquinha* ou tabuleiro de tampa de vidro, que num pregão cantado, com muitas variações, mas sempre as mesmas, anunciava a mercancia numa lenga-lenga extensíssima, a qual começava assim: « Pentes de tartaruga, travessinhas; pentes da moda bonitos para as senhoras; etc... »; findando sempre dêste modo: « Va lá leques, leques para as senhoras! ».

<sup>1</sup> in REVISTA LUSITANA, III, p. 135.

<sup>2</sup> VOCABULARIO PORTUGUEZ LATINO.

## bufo

Esta palavra, que designa uma ave nocturna, foi transferida metafóricamente para indicar um indivíduo da policia secreta, do mesmo modo que nos tempos de D. Miguel os esbirros da ronda nocturna se chamavam *morcegos*. O termo *bufo*, neste sentido, está abonado no seguinte trecho:— «Tinham sido os dois bufos... que me tinham mandado prender» —<sup>1</sup>.

## bul; bule

Como vocábulo de jíria torpe, com a significação do latim *anus*, é o caló *bul*, que quere dizer isso mesmo; cf. *chaleira*, no mesmo sentido obsceno.

Como peça do aparelho em que se serve o *chá* (*q. v.*), o vocábulo *bule* é malaio. Pódem perfeitamente diferenciar-se os dois termos, escrevendo aquele sem o *e* final, e formando-lhe o plural, conforme a regra geral, *buis*.

## buliceira

Nos arredores de Lisboa quere dizer «chuva meúda». O termo foi colhido da tradição oral pelo snr. Martinho Brederode. É a chuva, como que peneirada, a que chamamos *moinha*.

## burel

Como o seguinte trecho é definição perfeita da significação dêste vocábulo, para aqui o transcrevo:—A lã no districto [de

---

<sup>1</sup> O SEculo, de 23 de abril de 1902.

Viana] é própria para o burel, que antes de ser submettido á fula é um tecido de lã simples, raro a ponto de se contarem facilmente os fios, por entre os quaes se vê o dia » —<sup>1</sup>.

burra

Em Leiria: «saliência de terra fora do limite de uma propriedade» <sup>2</sup>.

burro, burrinho

O NÓVO DICIONÁRIO, o mais copioso que existe em portugês, dá o vocábulo *burro* em nada menos de dezasseis acepções diversas, incluindo-se as que foram acrescentadas no Suplemento. Aqui apresento mais uma, que se deduz do seguinte trecho:— «Perto da chaminé estão os *burros* (bancos rusticos de pernas de azinheira)» —<sup>3</sup>.

O deminutivo *burrinho* é usado no norte para designar uma «frijideira de barro com cabo».

É sabido que os nomes de animais são a meúdo transferidos para objectos nos quais se supõe haver dêles aparência; tais são: *cachorro, macaco, bujio, machos, cegonha, cão* (de espingarda), *gutilho, cavallo* (na vinha), *burra; bordão* { *burdonem*, «mulo».

Exemplo disso já o vimos na inscrição anterior.

bus: v. chus

<sup>1</sup> Portugalia, I, p. 377.

<sup>2</sup> Informação do Snr. Acácio de Paiva, dali natural.

<sup>3</sup> J. da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, in Portugalia, I, p. 542.

## butaca

No RELATORIO OFFICIAL de João de Azevedo Coutinho, acêrca da campanha do Barué em 1902 <sup>1</sup>, encontra-se êste vocábulo, que parece ser africano:— « A entrada de Manuel de Sousa para a *butaca* » —, e em nota explica-se:— « *butaca, throno* » —.

É singular a exacta conformidade desta palavra com a castelhana *butaca*, assim definida no Dicionário da Academia Espanhola, sem se lhe apresentar etimolojia:— « Sillón de brazos, almohadillado, entapizado, cómodo y comunmente con el respaldo echado hacia atrás » —.

Só se o vocábulo foi de Espanha para a África com os *herreiros*, nome com que os nossos jornalistas teimam em alcunhar os *hererós* (*q. v.*).

## búzio

Êste vocábulo, que provém do latim *buccinum*, designa, como se sabe, uma concha univalva, que em muitas partes da África serve de moeda.

Em Ajudá 1 búzio valia 0,15 real, e 2:000 búzios denominavam-se *um peso de búzios* <sup>2</sup>, perfazendo 6:000 búzios 1\$000 réis.

Os búzios na Índia denominam-se *caurins*, (*q. v.*).

*Búzio*, na acepção de « mergulhador » parece ser outro vocábulo, e em castelhano diz-se *buzo*, de orijem desconhecida.

## cabaça, cabação, cabacinha, cabaço

A orijem dêstes vocábulos é ignorada: sabe-se apenas que em castelhano tem o primeiro uma sílaba a mais, *calabaza*, o

<sup>1</sup> JORNAL DAS COLONIAS, de 9 de julho de 1904.

<sup>2</sup> Carlos Eujénio Correia da Silva, UMA VIAGEM AO ESTABELECIMENTO PORTUGUEZ DE S. JOÃO BAPTISTA D'AJUDÁ EM 1865, Lisboa, 1866.

que nos levaria a crer que a antiga pronúncia portuguesa fosse *cábáça* (cf. *fagueiro* e *fãgueiro*, castelhano *halagüeno*, *afagar*, cast. *halagar*).

Na Chamusca, e naturalmente em todo o Riba-Tejo, o aumentativo *cabação*, plural *cabações*, designa «pimento grande», em oposição a *cornicho*, que quer dizer «pimento pequeno», e é comparável ao francês *cornichon*, o qual denota uma espécie de pepino pequeno, e como o termo português se deriva de *corne*, *cornio*, de que são formas diminutivas.

*Cabaço*, em Caminha e outras partes do Minho, é uma medida de 12 litros, equivalendo portanto ao antigo *alqueire*.

*Cabaço*, no sentido de «virjindade», é o vocábulo quimbundo *cabásu*, diminutivo de *quibásu*, «pedaço, talhada, lasca», e é usado em Angola com a mesma significação, que de lá passou para português, na linguagem de indivíduos que ali o aprenderam: *(cu)basa* quer dizer «raxar».

*Cabacinhas (de cheiro)* eram há uns cinquenta anos, em Lisboa, umas cápsulas de cera, feitas em fôrma, imitando várias frutas, cheias de água aromatizada, e com as quais se jogava o entrudo nas salas entre gente fina, arremessando-as; quebrando-se elas com o embate, derramavam o conteúdo na cara, ou no fato de quem levava com elas.

Era um brinquedo engraçado e inofensivo, que ao depois foi substituído por projecteis muito mais grosseiros, como ovos de gema, ou cheios de farinha ou pós, e outros arremessos não menos abrutados.

No Alentejo *levar cabaço* significa ser rejeitado em pretensões de namôro. É modo-de-dizer castelhano, *llevar calabazas*.

cabana, cabanela, cabanal, cabanão, cabaninha

O primeiro destes vocábulos é o latim vulgar *capanna*, e está muito difundido em todas as línguas românicas, com excepção do romeno, havendo dado origem a muitas formas derivadas por sufixos.

Eis aqui algumas definições e abonações da palavra *cabana*, extratadas de várias monografias de muito interesse publicadas na revista *Portugalia*.—«No Alentejo o termo de *cabana* é um nome generico que se aplica indistintamente a todos os caseiros toscos e espaçosos que se adaptam a quaesquer usos»—<sup>1</sup>.

—«*CABANAS*. Por este nome designam-se as seguintes differentes accomodações: a loja dos carpinteiros de carros e arados, o deposito de madeiras, as arrecadações de vehiculos e ucharia de lavoira, as arribanas para gados, etc., etc.»—<sup>2</sup>.

—«*Cabanas* no onomastico locativo portuguez é ainda a denominação de algumas freguesias e aldeias que... tiveram a sua origem em barracas de tabuado»—<sup>3</sup>.

—«*Cabanelas*, *Cabaninhas* e *Cabanões* formam uma toponymia de similar procedencia»—<sup>4</sup>.

*Cabanal* em Trás-os-Montes significa «alpendre», como vemos do trecho seguinte:—«disse zangado a seguinte praga uma noite no cabanal (alpendre).—Oxalá se afundasse este lameiro»—<sup>5</sup>.

*Cabano*, *cabanillo*, *cabaneiro*, designando várias formas de cêstos, são com *cabana* apenas aparentados por afinidade, e sobre os dois primeiros veja-se neste livro a palavra **CÔVO**.

cabeça, cabeceira, cabeçalha, cabeçalho, cabecilha, cabecinha

Tem muitissimas acepções o primeiro vocábulo, do latim vulgar *capitia*, plural neutro de *capitium*, tomado como feminino, o que é frequentissimo nas línguas románicas, e deriva-se de *caput*, *capitis*, «cabeça».

<sup>1 2</sup> José da Silva Picão, *ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALENTEJO*, p. 544.

<sup>3 4</sup> Rocha Peixoto, *HABITAÇÃO*, p. 84.

<sup>5</sup> M. Ferreira Deusdado, *O RECOLHIMENTO DA MÓFREITA*, in «*Revista de Educação e Ensino*», 1891.

Entre outras acepções assinalarei aqui algumas mais especiais, e raras vezes indicadas em dicionários.

*Cabeça*: «quem manda», correspondente ao francês *chef*:— «A principal igreja que visitei naquellas provincias [do reino de Aname] foi a de um christão, cabeça de aldeia, chamado Paulo» —<sup>1</sup>.

Ainda hoje se diz *cabeça de motim*, locução muito usual.

Neste sentido usam os espanhóis *cabecilla*, que por imitação deu o português *cabecilha*, castelhanismo, pois o suficso deminutivo *-ilho, -ilha*, não é português.

*Cabeça* é usado com a significação de peça de gado, *rês*, sendo este último a palavra árabe *RAS*, «cabeça», empregada nessa língua com o mesmo significado, que também passou ao castelhano *res*, mas igualmente designa «o cabeça de tribo».

No sentido de *rês*, com referência a gado suíno, é mais usual no Alentejo o termo *cabeça*:— «A avaliação dos montados faz-se por cabeças, quer dizer pelo numero de porcos adultos, que engorda a bolota em cada anno» —<sup>2</sup>.

Outro sentido especial do vocábulo *cabeça*, acompanhado de uma locução adjectiva, é *cabeça-de-pau*, para designar os individuos que teem lojas de móveis usados:— «as casas dos *cabeças de pau*, nome de gíria por que são conhecidos os negociantes de *tarecos*» —<sup>3</sup>.

Com a mesma significação de *cabeça*, «principal», usou-se também *cabeceira*, como vemos em Rui de Pina, CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V (cap. X):— «seria povo e gente meúda, que sem cabeceiras não teriam fôrças, nem dariam ajuda» —. Nesta acepção ainda o encontramos modernamente, no RELATÓRIO de Carlos Eujénio Correia da Silva [1866], com referência ao Daomé. É forma muito aproveitável e expressiva, que pode ser

<sup>1</sup> BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 170.

<sup>2</sup> J. Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALENTEJO, in «Portugalia», I, p. 275.

<sup>3</sup> O SÉCULO, de 18 de novembro de 1901.

empregada actualmente, conquanto a significação mais trivial seja a «de parte superior», como *cabeceira da mesa*, *cabeceira do leito*, *cabeceira(s) de um rio*, etc.

— «*Cabeçalha*: Dos jugos [dos carros] destaca-se breve a decoração profusa que os caracteriza na região [Minho], os arcos, ensogaduras e tendilhas, a chavelha e o pigarro, a sôga emfim» —<sup>1</sup>.

É palavra derivada de *cabeça*, e significa «o temão, ou lança de um carro de bois», e também, em especial, «a parte deanteira dêsse temão».

Uma forma masculina dêste vocábulo, *cabeçalho*, designa, além de *cabeçalha*, o título, títulos ou dizeres a que se subordinam vários averbamentos, e que ocupam a parte superior da fôlha, o que os franceses chamam *en-tête*.

*Cabecinha* é um deminutivo evidente de *cabeça*, e além de outros significados, deduzidos do vocábulo de que é formado, tem também o de— «farinha grossa que resulta do rolão passado por peneiro largo [de pano aberto] para o separar da sêmea» —, como diz o DICCIONÁRIO CONTEMPORANEO. Na pauta de consumo (de Lisboa), anterior a 1880, o produto da moenda do trigo era classificado em quatro espécies: *farinha espoada*, *farinha expurgada* de sêmea e farelo, *rolão*, e *cabecinha*, a cada uma das quais competia uma taxa de imposto diferente, de mais para menos; a sêmea era livre de imposto.

Como nome de ave é o vocábulo *cabecinha*, acompanhado de vários epítetos que o diversificam, muito usado na Ilha da Madeira, como vemos na monografia de P.<sup>o</sup> Ernesto Schmitz, intitulada DIE VÖGEL MADEIRAS <sup>2</sup>:—*cabecinha encarnada*, «pintassilgo», no Estreito;—*cabecinha negra*, «toutinegra» em Gaula;—*cabecinha rosada*, «pintassilgo», na Fajã.

É sabido que *toutinegra* (*q. v.*) significa também «cabeça preta», *capite nigra*.

<sup>1</sup> Rocha Peixoto, AS OLARIAS DO PRADO, in Portugalia, I, p. 253.

<sup>2</sup> in «Ornithologisches Jahrbuch», x, 1899, I, II.



## cabelo, cabeleiro

Na língua comum *cabelo* ora é colectivo, correspondendo ao francês *chevelure*, ora nome de unidade, equivalente ao francês *cheveu*. Nesta última acepção usa-se em vários pontos do Minho, Caminha por exemplo, o derivado *cabeleiro*. É galicismo usar *cabeleira*, na acepção de *chevelure* francês, pois corresponde a *perruque*; deve traduzir-se *chevelure* por *cabelo*, ou *cabelos*. Em castelhano, porém, usa-se neste sentido *cabellera*, pois «cabeleira» se diz *peluca*.

## cabide, cavide

Em alguns dicionários portugueses é dado como étimo dêste vocábulo o latim *capitulum*, deminutivo de *caput*, de que proveio a palavra *cabido*, antigamente *cabidoo*, da qual *cabide* viria a ser forma divergente, ao que se opõe não só o significado de *capitulum*, mas até a forma do vocábulo *cabide*.

Santa Rosa de Viterbo, no seu ELUCIDARIO DAS PALAVRAS, TERMOS, E FRASES QUE EM PORTUGAL ANTIGAMENTE SE USARÃO (Lisboa M.DCC.XCVIII) *sub voc.* CAVIDADO, a que dá como definição — «Evitado, acautelado, resguardado» —, indica a palavra *cabide*, como provindo daquela, e define-a: — «o lugar, onde os vestidos, e outras cousas se põe a seguro do pó, e do mais que as pôde inficionar, e destruir» —.

É evidente que *cavidado* é participio passivo de *cavidar*, que pressupõe o latim \**cautare*, frequentativo de *cauere*, cujo participio *cautus* é contracção de *cauitus*, como é sabido. Ideológicamente o étimo satisfaria; morfológicamente, porém, é inadmissível. É rara em português essa formação, que consiste em derivar-se um substantivo concreto de um participio passivo, com perda da terminação característica dêste, *-ado*, e a suficção de *e*, convém saber, substantivo do tipo *aceite*. Todavia, a forma antiga do vocábulo é *cavide*<sup>1</sup>, e não *cabide*, como hoje

<sup>1</sup> Fernám Méndez Pinto, PEREGRINAÇÃO, cap. CCXY.

se usa, e ainda Bluteau (VOCABULÁRIO PORTUGUEZ E LATINO) é a única que cita.

Da definição de *cavide*, dada por êste douto lexicógrafo e escritor de há dois séculos, se verá quam infundada é a explicação do vocábulo proposta por Santa Rosa de Viterbo e que acima transcrevi:— «He nas estribarias huma taboa pregada em a parede, em uns buracos da taboa metidos huns paos, para nelles pendurarem os freios» —. (VOC. PORT. E LAT.).

Esta definição é exactíssima, e a aplicação do vocábulo, ou, melhor dito, da armação que êle designava, a outros usos é posterior.

Desviados por inaceitáveis os dois étimos apontados, capitulum, que tem sido o mais admitido, e *cavidado* que ninguém aceitou a Viterbo, teremos de ir buscar a outro idioma, dos que ministraram palavras ao léxico português, um étimo plausível, se não perfeitamente justificado.

Ninguém ignora que existem na nossa língua uns mil vocábulos de procedência arábica, demonstrada principalmente por Engelmann e Dozy [GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869], de grande parte dos quais já havia sido averiguada por João de Sousa e José de Santo António Moura [VESTÍGIOS DA LINGUA ARABICA EM PORTUGAL] <sup>1</sup>. Deve haver, há com certeza, número maior dêles, abstraindo mesmo dos nomes próprios de lugares, incluídos em grande cópia no léxico dos arabistas portugueses, mas excluídos do Glossário que citámos, e que até hoje é o trabalho mais completo e mais bem feito que existe nesta espécie, visto que o de Eguílaz y Yanguas <sup>2</sup> apenas lhe leva vantagem no grande número de abonações.

Nas minhas peregrinações pelos nossos vocabulários talvez tenha ensejo de avolumar a parte arábica do nosso lexico.

<sup>1</sup> Lisboa, 1830.

<sup>2</sup> GLOSARIO DE VOCES ESPAÑOLAS... DE ORIGEN ORIENTAL, Granada, 1836.

Existe em árabe um radical, q-b-d, o qual tem como significado principal «agarrar, pegar em qualquer coisa», e que, com a 2.<sup>a</sup> letra duplicada, q-b-d, quer dizer «apanhar e pôr de parte», conforme o Dicionário árabe-francês de Belot <sup>1</sup>. Aí vemos um substantivo derivado, maqbid, com o significado de *manche*, *poignée*, «cabo, punho, pega». São os *paus* da definição de Bluteau. Outro derivado do mesmo radical, qabda, com igual significação, encontra-se no Dicionário francês-árabe de Cherbonneau <sup>2</sup>, e não explicaria o nosso *cabide*; mas no dicionário árabe-francês do mesmo autor <sup>3</sup> encontramos miqbid, plural maqabir — «manche, poignée; anse» —.

Creio ser esta a origem do nosso *cabide*. Nos países barbarescos o prefixo *ma* é muitas vezes reduzido na pronúncia ao *m*, [*u*]mqabid', <sup>4</sup> e poderia ter sido considerado como o artigo português indefinido *um*, separando-se do resto do vocábulo, que ficou palavra independente: cf. a locução *uma tuta e meia*, por *macuta e meia*. O *b*, segunda letra do radical trilitero, modificou-se em *v* (cf. *alcavala*, *alvaiade*, etc.), e resultou pois o vocábulo *cavide* dos nossos antigos escritores e admitido por Bluteau, sendo a forma *cabide* posterior, devida talvez à influência de *cabido*, erudita provavelmente (cf. *aspar*, em vez de *raspar*).

Há uma quinta ao pé da Chamusca, cujo nome, pelo menos o popular, é *Cabide*, talvez do Cabido, e neste nome parece ter influído a palavra de que trato aqui.

Na Beira-Alta *cabide* tomou a forma popular *cabido*, de que resultou uma forma convergente, ou homeótrofo <sup>5</sup>.

<sup>1</sup> Beirute, 1893, p. 613, I col.

<sup>2</sup> Paris, 1884, p. 322, col. II.

<sup>3</sup> Paris, 1876, 2.<sup>o</sup> vol., p. 911, I col.

<sup>4</sup> V. Caussin de Perceval, GRAMMAIRE ARABE VULGAIRE, Paris, 1880, p. 17; e Lerchundi, RUDIMENTOS DEL ÁRABE VULGAR, Tàngere, 1889, p. 13, nota. j/

<sup>5</sup> Já publicado na REVISTA LUSITANA, VI, 1900-1901, com leves divergências.

## caboclo

É sabido que êste vocábulo designa um índio do Brasil. É dado por F. Adolfo Coelho <sup>1</sup> como termo tupi mas não se encontra no Dicionário tupi-guarani de António Ruiz de Montoya <sup>2</sup>. Eis a sua abonação:

— «Ao gentio manso, ou reduzido á civilisação, se começou desde logo a denominar *caá-boc*, que quer dizer—tirado ou precedente do matto, donde nos veio o vocabulo *cabôco*, como ainda hoje o pronuncia o homem rustico ou *cabôclo*, como já o adoptou o portuguez brasileiro »—<sup>3</sup>.

## cabouco

Além de outros significados, designa também, no Norte do reino, «estribo de pau».

## cabreiro

Emprega-se como adjectivo, junto ao substantivo *queijo*, *queijo cabreiro*, para designar o queijo feito de leite de cabras. Em qualquer mercearia se encontra rotulado com êste nome; não tenho porém nota de trecho com que o abone.

## cabresto

Nome de um calibre nos moinhos algarvios, e não sei se também das mais provincias:—«Quando se carece de ferrar ou

<sup>1</sup> DICCIONARIO MANUAL ETYMOLOGICO DA LINGUA PORTUGUEZA, Lisboa, s/data.

<sup>2</sup> VOCABULARIO Y TESORO DE LA LENGUA GUARANI (Ó MAS BIEN TUPI)—Viena-Paris, 1878, nueva edicion.

<sup>3</sup> Teodoro Sampaio O TUPI NA GEOGRAPHIA NACIONAL, S. Paulo, 1901, p. 67.

soltar as velas ao moinho... prende-se o mastro a uma argola, fixa na parede, servindo-se para isso d'um calibre chamado *cabresto* » —<sup>1</sup>.

#### cabrita

É um termo do Douro, na acepção especial em que vou exemplificá-lo:— «Cabrita, leitor de longas terras, é o costume de aquelle que compra uma junta de bois em feira pagar uma conveniente quantidade de vinho a todos os que entraram na transacção, quer como partes principaes, quer secundarias » —<sup>2</sup>.

#### cabula (=cabúla)

Conforme informação da minha criada, natural da Chamusca, *cabula* designa lá «meda de trigo, com forma piramidal».

#### caça, caçar

Como termo de pesca, não colijido nos nossos dicionários, encontra-se definido na monografia de Pedro Fernández Tomás, intitulada *A PESCA EM BUARCOS* <sup>3</sup>:— «Estas redes... são dispostas verticalmente em longas caças ou aparelhos de 50 a 80 redes cada um » —.

É sabido que em várias partes do reino, onde as povoações não avistam o mar e a pesca é só de rios, se diz *caçar peixe*, em vez de *pescar*, termo que é lá desconhecido. *Caçar*, de *captiare* { *capere*, significa propriamente «apanhar».

<sup>1</sup> J. Núñez, *COSTUMES ALGARVIOS*, in «Portugalia», I, p. 387.

<sup>2</sup> O *PENAFIDLENSE*, de 14 de março de 1882.

<sup>3</sup> in «Portugalia», I, p. 148.

## caçamba

É termo brasileiro, que vem definido no NOVO DICIONÁRIO como «alcatruz»; no respectivo Suplemento acrescentam-se mais as seguintes acepções:— «balde prêso numa corda enrolada num sarilho ou nora, pãra se tirar água dos poços; (ext.) qualquer balde; estribo em forma de chinela» —.

Falta ainda outra acepção em que o vocábulo é usado no Brasil e que vemos no BOSQUEJO DE UMA VIAGEM NO INTERIOR DA PARAHYBA E DE PERNAMBUCO:— «meu filho mal accomodado na sua *caçamba*, á moda do paiz: tosco caixote de madeira, forrado, sobre uma das ilhargas do animal, e equilibrado por egual caixote, collocado na outra ilharga e tarado com carga» —<sup>1</sup>.

## cachalote, cacholote, caixalote, queixalote

Este termo, o francês *cachalot*, aportuguesado artificialmente, designa um cetáceo, com dentes, e daí provém provavelmente o nome. H. Stappers<sup>2</sup> dá-lhe como orijem o castelhano *cuchalote*, que é, sem dúvida, o catalão *qui.calot*, deminutivo de *qui.ral*, ou então *caizal*, que se pronuncia como a palavra portuguesa *queixal*, e tem a mesma significação, isto é, «dente (molar)», o que em castelhano se diz *muela*.

Em português da-se-lhe também a forma *cacholote*, que J. Inácio Roquete inseriu<sup>3</sup>, e que parece ser uma aproximação ao vocábulo *cachola*, «cabeça de peixe».

<sup>1</sup> in «O SÉCULO», de 8 de julho de 1900.

<sup>2</sup> DICTIONNAIRE SYNOPTIQUE D'ÉTYMOLOGIE FRANÇAISE, 2.<sup>a</sup> edição, Paris, s/data.

<sup>3</sup> DICTIONNAIRE PORTUGAIS-FRANÇAIS, Paris, 1855.

## cacharolete

Palavra muito conhecida, como termo de botiquim, e já registada no DICIONÁRIO CONTEMPORANEO, que a define com exactidão— «bebida alcoólica formada pela mistura de diversos licores»—. Eis aqui uma abonação do seu emprêgo:— «O Termo, o Collares, o grog e o cabaz, o cacharolete e o geripiti, ou os seus equivalentes, não servem lá» [nos bailes da Ópera, em Bruxelas]—<sup>1</sup>

É uma nomenclatura completa de venenos, principalmente quando tomados em lojas de bebidas.

## cacho

Esta palavra, a que o NÓVO DICIONÁRIO atribui orijem incerta e o DICIONÁRIO MANUAL ETYMOLOGICO uns étimos muito problemáticos, foi por Frederico Diez <sup>2</sup> considerada romanização hispânica do latim *capulus*, «punhado, mancheia», mediante a forma *caplus*, comparando-o a *ancho* { *amplus*. Todavia, já por J. Leite de Vasconcelos foi ponderado que dos grupos latinos mediais *-cl-*, *-pl-*, *-tl-*, *-fl-* só resultou em português e castelhano *ch*, quando êsses grupos estavam em latim precedidos de consoante, como, por exemplo, em *macho* { *masc'lum*, *encher*, *(h)encher* { *implere*, *inchar* { *inflare*, etc.

Na realidade, uma excepção aparente, *cach-orro*, não provém de *cat'l-us*, pois é metátese das duas primeiras sílabas do vasconço *chacur*, deminutivo de *çacur*, «cão». *Catulus*, pois, deveria produzir *calho* em português, *cajo* em castelhano, como *etulus* deu *velho* e *viejo*, *manuplum*, *mólho* e *manajo*, *vacla*, *navalha* e *navaja*, etc.

---

*DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, de 20 de fevereiro de 1903.

*ETYMOLOGISCHES WÖRTERBUCH DER ROMANISCHEN SPRACHEN*  
 70, II, b.

Não obstante esta ponderosa circunstância, é ainda *capulum* o étimo que, por enquanto, apresenta maiores probabilidades, ao menos para o português *cacheo*. O próprio Leite de Vasconcelos, que formulou a lei, não hesitou em derivar *cacheira* de *capularia* e *cacheiro* de *capularium*<sup>1</sup>. Outro tanto não direi para o castelhano *cacheo*, ao qual corresponde, segundo parece, o português *caco* { *calculus*.

Além de outras aceções da palavra portuguesa *cacheo*, já registadas nos dicionários, tenho a acrescentar uma, a de « espiga de trigo depois de esbagoada », a qual lhe é dada no Riba-Tejo, como estou informado por pessoa fidedigna, que a empregou deante de mim, e perguntada, assim ma explicou. Esta aceção relaciona-se com outra usada no Alentejo, dada no Novo Dicionário, da qual é variante, e que vem a ser — « espigas ou réstias de espigas, que resistem á primeira debulha e que se juntam para formar *eiras de cachos* » —.

*Cachorro* designa vários objectos, com significados já apontados nos dicionários, e um diminutivo no plural, *cachorrinhos*, é nome que se dá no Riba-Tejo à « herva moleirinha » (*fumaria officinalis*).

cachola; cacholeira

Em Lisboa designa o primeiro destes vocábulos « cabeça », e principalmente « cabeça de peixe ». Em castelhano *cholla* é um termo chulo que significa sómente « cabeça de gente ».

Parece haver relação entre os dois vocábulos; todavia não é fácil de explicar a primeira sílaba da palavra portuguesa, cujo étimo, bem como o da castelhana, é desconhecido.

*Cacholeira*, que só muito a mêdo se poderá considerar como derivado de *cachola*, pelo menos no sentido que damos a êste vocábulo, é o nome pelo qual é conhecida uma casta de chou-

<sup>1</sup> REVISTA LUSITANA, II, p. 31.



riço, «enchido fumado, em que entram aparas de carne de porco, misturadas com pedaços da entranha».

#### cachondé

Mistura de areca, âmbar, açúcar e outros ingredientes, para mascar, que serve para perfumar a bôca, e é muito usada na Índia e na Malásia <sup>1</sup>.

#### (andar aos) cachopinhos

Diz-se, nos arredores de Lisboa, do andar usual dos coelhos, aos pulinhos, não porém da corrida desabalada que seguem quando são perseguidos.

A informação foi-me dada pelo snr. Martinho Brederode.

#### cachucho

Como termo faceto, quiere dizer «anel grosso de ouro». Deve de ser o mesmo vocábulo que o espanhol *cachucho*, que na jiria castelhana, ou germania, significa «ouro».

A etimolojia dada por Salillas <sup>2</sup>, latim *capsula*, é absurda.

#### cacifo

— «O cacifo em que [os caçadores] levam o furão para o monte é um pequeno cesto de vime em forma de cabaça, com porta de madeira» — <sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Hugo Schuchardt, *KREOLISCHE STUDIEN*, IX.

<sup>2</sup> Rafael Salillas, *EL DELINCUENTE ESPAÑOL, LENGUAGE*, Madrid, 1896, p. 276.

<sup>3</sup> José Pinho, *ETHNOGRAPHIA AMARANTINA, A Caça, in Portugalia*, II, p. 98.

## cacimba, cacimbo

O primeiro destes vocábulos tem duas acepções:

Como termo da África Portuguesa, tanto Ocidental, onde se originou, como Oriental, para a qual foi levado pelos portugueses, é, como define o *Nôvo Diccionário*, — « pôço que recebe a água pluvial, filtrada por terrenos circumjacentes, e da qual se servem as povoações » —. Neste sentido é o quimbundo *quixima*, (e não, *quichima*, como está escrito no dito dicionário): — « A ilha dos Elephantes . . . dista 18 milhas de Lourenço Marques . . . A água que bebem [os leprosos da *gafaria*, e não, *gafeira*, como se intitulou, pois êste vocábulo é o nome da doença] é fornecida por cacimbas » —<sup>1</sup>.

Como se vê, trata-se da África Oriental.

A segunda acepção, « chuva meúda », é mais usada no Continente do que na África Ocidental, onde lhe chamam de preferência *cacimbo*.

É naturalmente outro vocábulo diverso, mas não sei dizer qual. Veja-se *cachimbo* em **tabaco**.

## cacique, cacico, caciquismo

Esta palavra, de origem americana, caribe, segundo se afirma, que em castelhano denota « cabeça de tribo », é de uso raro em português. No entanto vemo-la empregada com referência ao Brasil no seguinte trecho do *BOSQUEJO DE UMA VIAGEM NO INTERIOR DA PARAHYBA E DE PERNAMBUCO* <sup>2</sup>: — « Cariry, raça indolente, sem embargo essencialmente bellicosa, como . . . o eram . . . os tabajuras e os petyguares, a que pertenceram alguns caciques aliados dos portuguezes, como o celebre Camarão (Poty) » —.

<sup>1</sup> JORNAL DAS COLONIAS, de 24 de julho de 1905. V. **gafó**.

<sup>2</sup> in O SÉCULO, de 17 de junho de 1900.

É preferível o emprêgo dêste vocábulo ao de *chefe*, que em tal sentido é galicismo, conquanto muito generalizado já para se poder desterrar.

Bluteau <sup>1</sup> rejistou outra forma do mesmo vocábulo, *cacico*: ignoro se foi por aportuguesamento arbitrário, ou porque assim a encontrou também em castelhano.

O termo *cacique* em Espanha designa um influente eleitoral que exerce pressão e domínio em certa rejião, e dêle se derivou *caciquismo*; ambos os termos já de Espanha passaram a Portugal.

caço; cacete

Êste termo, correspondente ao castelhano *cazo*, e cujo derivado deminutivo *cazuela* produziu o português *caçoula* (cf. *lentejoula* e *lentejuela*, *tijôlo* e *tejuelo*), designa «colher de concha» no Alentejo, e provávelmente em outros pontos do reino, visto que o Novo Dicc. rejista a palavra, sem limitação. É o instrumento que os espanhóis denominam *cucharón*, aumentativo de *cuchara*, «colher».

A orijem do vocábulo *caço*, que também figura em toscano, *cazza* e *cazzo* (= *catço*), é duvidosa.

O *cazzo* italiano, que, além de outras acepções obsoletas, tem um significado obsceno, deu talvez orijem ao verbo português *caçoar*, o qual, como *mangar*, foi também termo obsceno, mas se vulgarizou, obliterando-se a significação imunda que tinha. No entanto, é conveniente que, à cautela, quem quere usar limpa linguagem evite o emprêgo de qualquer dêstes dois verbos, ou dos seus derivados, substituindo-os por *zombar*, *escarnecer*, *mo-tejar*, *chalaç(e)ar*, etc.

De *caço*, no sentido de «moca», vem provávelmente a palavra *cacete*, e não do francês *casse-tête*.

<sup>1</sup> VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO, Suplemento.

## cada

Esta palavra, que, sem a menor dúvida, tem por origem o grego ΚΑΤΑ, o qual já aparece no latim dos escritores eclesiásticos, no mesmo emprêgo que tem em português e castelhano, *verbi gratia*, na locução da Vulgata, *cata mane*, «cada manhã», é uma verdadeira preposição invariável, e não adjectivo como os gramáticos a classificam e como o é o francês *chaque*, ou o italiano *qualche*. A prova é que se usou antigamente antes de nomes no plural, como por exemplo nesta frase:—«cada huns tinham seu senhor»<sup>1</sup>—«gentes darmas que cada hũus dariam»<sup>2</sup>.

Emprêgo bem evidente de *cada* como preposição é o seguinte trecho castelhano, do título xxvi da Partida II:—«Et por este son llamados quadrilleros [em português *coireleiros*, *quaireleiros*; *quadrilheiro* é castelhanismo]; porque cada uno dellos han de saber las herechas que cayeren en la su quadrilla»<sup>3</sup>.

É claro que o sujeito gramatical do verbo *han* (e não, *ha*) é o substantivo plural *quadrilleros*, e não o pronome singular *uno*; portanto o pronome não é aqui *cada uno*, mas sim *uno* sómente, governado pela preposição *cada*.

Em antigo toscano encontra-se *catuna* (*cat'una*), equivalendo ao moderno *ciascuna*,<sup>4</sup> o que confirma aquele étimo, proposto por Diez e aprovado por todos os romanistas.

Ainda hoje, valendo por advérbio, se emprega *cada* em frases elípticas, como a que vou citar, e que, a meu ver, é um tri-

<sup>1</sup> ROTEIRO DA VIAGEM DE VASCO DA GAMA, Lisboa, 1861, p. 37.

<sup>2</sup> Rui de Pina, CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, I, cap. LX.

<sup>3</sup> Julio Puyol y Alonso, UNA PUEBLA EN EL SIGLO XIII, in «Revue Hispanique», XI, p. 288:—«crecha llaman en España á las emiendas que los homes han de rescibir por los daños que resciben en las guerras»—. [ib. n].

<sup>4</sup> Versão toscana do LIVRO DE MARCO PAULO VÉNETO, Milão, 1886, p. 12.

vialismo defeituoso:— «Esta fornada representa 3 carros de loiça, que o oleiro venderá a 125000 reis cada» —<sup>1</sup>.

Formando com *que* locução adverbial, vemos *cada* nos dois passos seguintes, citados nas «VILLAS» DO NORTE DE PORTUGAL:

— «Item, Marina de Varzea recebeu Petro Onrigniz por filo et deu li una casa in que pouosa cada que y vem «—» canizos cada que os pedirem» —<sup>2</sup>: isto é, *toda a vez que, quando*.

No seu estudo sôbre o LIVRO DE ALEXANDRE, publicado no tomo IV da ROMANIA (1875), Morel-Fatio, cita a frase — «Saldrian de cada cal (des tours) c. mil combatentes» —, e acrescenta: — «Cette expression ne convient pas au passage, il faudrait *de cada una*» —. É evidente que o douto hispanista desconhecia a êsse tempo a locução portuguesa *cada qual*, correspondente à berciana *cada cal*, e muito popular:—

· Ó ciranda, ó cirandinha,  
Toca, toca a cirandar;  
Dêem todos meia volta,  
Cada qual ao seu lugar» —.

Mas não é só popular, é também literária, e Bluteau teve o cuidado de a registar — «Cada hum, e cada hũa, ou cada qual. *Quisque... Unusquisque*» —. No Suplemento aduz, no lugar competente, as seguintes locuções:— «Cada qual com seu igual; cada qual em seu officio; cada qual sente o seu mal» — e ainda outras três, menos características.

Um adjectivo muito curioso, de construção parassintética, é *cadaneira*, que se aplica no Douro à «árvore que dá fruto todos os anos». V. **aneiro**.

<sup>1</sup> Rocha Peixoto, AS OLARIAS DO PRADO, in Portugalia, I, p. 267, nota 1.

<sup>2</sup> Portugalia, I, p. 780 e 783; extraídos de PORTUGALIAE MONUMENTA HISTORICA, Inquisitiones, p. 413, I col., e p. 314, I col.

## cadafalso

Este vocábulo é hoje usado quási exclusivamente na acepção restrita de « patíbulo ».

Antes, porém, significava um « estrado alto, armado em praça, para actos solenes ».

Nas ilhas dos Açôres designa *cadafalso* uma casa, destinada às festas do Espírito-Santo. São os cadafalsos geralmente situados em sítios chamados *ramadas*, porque se adornam com frondes e ramos.

Neste sentido vemos o vocábulo empregado no seguinte trecho:— « explica a camara que *cadafalso* nos Açôres é o pequeno edificio, também chamado *theatro*, onde se armam alguns imperios do Espírito-Santo » —<sup>1</sup>.

Veja-se **imperio**.

## cadeira

Além das várias acepções rejistadas nos dicionários para esta palavra, vemos no jornal O ECONOMISTA, de 5 de agosto de 1885, que na África portuguesa designa uma — « arvore de onde se extrahе borracha » —.

## cadelo (=cadêlo)

Esta palavra é definida como « cão pequeno » e procede de um deminutivo *catellum*, por *catulus*, sendo a forma masculina correspondente à feminina *cadela* = *cadêla*, com a metafonía usual em português; cf. *canêlo* e *canêla*. Além dêste significado, o NÓVO DICIONÁRIO dá-lhe mais o seguinte, como termo mi-nhoto:— « cruzêta de pau, prêsa ao adelhão e sacudida pela mó em movimento » —. Neste sentido parece ter sido empregada na

<sup>1</sup> O SÉCULO, de 8 de julho de 1901.

revista *Portugalia* <sup>1</sup>, no seguinte trecho:— « Este [o tabuleiro] inclinado sobre o olho da mó, é posto em movimento por um pausinho circular, o *cadello* »—.

É um dos muitos nomes de animais aplicados a objectos: v. em **burro**.

#### cadilho, cadilha

Como é sabido, *cadilhos* é termo muito conhecido e há muito tempo para designar uma espécie de franja, ou guarnição entrançada e pendente. O feminino *cadilha* parece ter significado análogo àquele com que se define a primeira acepção de *cadilhos* nos dicionários, isto é,— « fios do urdume que não levam trama, e formam no final da teia uma como franja »—<sup>2</sup>. Na revista *Portugalia* <sup>3</sup> lê-se:— « O desenvolvimento dos fios [da urdidura] até este torno do conjuncto (*cadilha*) de fios tem o nome de *signal* »—.

Um exemplo antigo do emprêgo de *cadilhos*, como significando certa guarnição, pode ver-se em **bedem**.

#### cafajeste, cafazeste

O **NÓVO DICIONÁRIO** regista a primeira destas formas, definindo-a do seguinte modo:— « (bras[ileirismo]) homem de ínfima condição; indivíduo sem préstimo »—. No Suplemento, porém, acrescenta— « (bras[ileirismo] esc[olar]) aquelle que não é estudante e que, em Coimbra, se denomina *futrica* »—. Na primeira acepção vemo-lo empregado no **BOSQUEJO DE UMA VIAGEM AO INTERIOR DA PARAHYBA E DE PERNAMBUCO** <sup>4</sup>:— « Conheço esse

<sup>1</sup> I, p. 337, **MOINHOS**.

<sup>2</sup> **DICC. CONTEMPORANEO**.

<sup>3</sup> I, p. 374.

<sup>4</sup> in **O SÉCULO**, de 17 de junho de 1900.

vaqueiro. É um D. Juan dos meus sitios; *cafazeste* de marca; exemplar de anthropologia criminal. . . Ladrão de mulheres» —.

Por êste trecho ficamos sabendo que o *e* da silaba tónica é fechado. Ignoro absolutamente a orijem do vocábulo, que, apesar de brasileiro e desconhecido inteiramente em Portugal, não tem aspecto de ser nem abanheenga ou de outro idioma de índios da América do sul, nem tampouco oriundo de qualquer das línguas africanas, cafriais ou outras.

### cágado

O extravagante nome que em português se dá a êste batráquio, e que os pudibundos escritores modernos velam, para o disfarçar, com uma inicial grega, *kágado*, não figura em outro idioma, nem com esta forma, nem com qualquer que com ela se pareça, a não ser em japonês, onde o vocábulo *káuazu* significa, segundo Hepburn <sup>1</sup> — «*j'rog* (rã), *toad* (sapo)» —. Ora no norte de Portugal o cágado é chamado *sapo concho*, isto é, «de concha».

A palavra *cágado* já figura em Gil Vicente, no «Auto das Fadas» (sortes):

*Cágado*: Quem tiver êste animal  
Não é muito que o leixe,  
Pois não é carne nem peixe.

Portanto, a não ser mera coincidência como tantas outras, foi o nome levado de cá para o Japão, com mais alguns poucos vocábulos, e não de lá trazido como outros, tais *biombo*, *quimão*, *catana* (*q. v.*), e poucos mais.

Não sei com que fundamento o coordenador do LIVRO DA

---

<sup>1</sup> A JAPANESE-ENGLISH AND ENGLISH-JAPANESE DICTIONARY. Tóquio, 1897: em letra romana.



MARINHARIA, de João de Lisboa <sup>1</sup>, no 1 índice acentua duas vezes *Cagádo* (o ilhéu 1.º e 2.º). O texto traz *Caguado*, a páj. 120, *Caguado* e *Cagado* a páj. 136. É natural que em ambos os passos a leitura seja *cágado*, a não ser que por diferenciação o vocábulo haja mudado de sílaba acentuada, o que o coordenador deveria advertir, se o sabe com certeza e tem maneira de o demonstrar; de outro modo, foi uma temeridade pueril empregar ali na penúltima sílaba acentuação, que é a normal quando na palavra se não marca outra, para, provavelmente, indicar uma leitura errada.

O dr. Júlio Cornu relaciona *cágado* com uma forma latina *cacitus*, citando em seu abono Isidoro Hispalense <sup>2</sup>. O passo abonatório é:—LUTARIAE, ID EST IN COENO ET PALUDIBUS VIVENTES—«lodosos, isto é, que vivem na lama e nos charcos». As transformações que a palavra *cacitus* sofreu, para chegar à forma portuguesa ainda vernácula, hão de ter sido: *cacidu*: *cac'du*: *cag'du*: *cáguedo*: *cágado*. se a etimologia é certa, como parece.

*Cágueda*, que, segundo o Nôvo DICCIONÁRIO, designa no Alentejo—travinca, com que ás vezes se prende o chocalho á colleira—, é sem dúvida um femenino de *cáguedo*, por *cágado*. É freqüente, como já disse, o uso de nomes de animais applicados a objectos, em atenção à semelhança, verdadeira ou suposta, da forma ou de qualquer attributo dêles.

Essa origem evidente tem o epíteto de *pregos de asa de mosca*, por exemplo. V. **burro**.

### cagairo

Êste termo da Beira-Alta quer dizer «ânus, ou mucosa anal».

<sup>1</sup> Lisboa, 1903.

<sup>2</sup> GRUNDRISS DER ROMANISCHEN PHILOGIE, I, p. 746.

## cagarra

Na Ilha da Madeira é sinónimo de *pardela*, (q. v.).

## caída

É o participio passivo do verbo *cair*, substantivado no feminino e hoje quasi desusado, porque se contraiu em *queda*, como *mestre* de *magistrem*, *caente* em *quente*, *acaecer* em *aquêcer*, no sentido em que antigamente era empregado, de «acontecer», e bem assim no de «aquestar» { *acalantar*, que subsiste em outra significação, e deve de ser castelhanismo, em razão da manutenção do *l* medial.

Dizemos todavia *descaída*, *recaída*, formas derivadas nas quais se não deu a contracção de *ai* em *e*.

## caijeira

Este vocábulo usado em Arcos-de-Val-de-Vez, apontado já no Suplemento ao Novo DICCIONÁRIO, attribuindo-se-lhe aí como étimo provável *calijem*, foi já explicado perfeitamente por J. Leite de Vasconcelos <sup>1</sup> como procedendo de *caliginaria* { *caligo*, *caliginis*. As formas intermédias seriam *caligiaria*, *caijaira*, *caijeira*.

## caim

Este nome próprio é empregado como apelativo na ilha de Sam Miguel, no sentido de «mau homem», como vemos declarado no jornal O SÉCULO, de 5 de julho de 1901.

---

<sup>1</sup> REVISTA LUSITANA, IV, p. 275.

## caïque

Costuma escrever-se esta palavra com *h* medial, a desunir as duas vogais *a* e *i*, e não porque seja nela orgânico, etimológico.

O vocábulo é turco, قَائِق, conforme Marcelo Devic, no Suplemento ao dicionário francês de Emilio Littré <sup>1</sup>; aí vemos definida esta palavra do seguinte modo:— «CAÏQUE, petite embarcation en usage dans l'Archipel et à Constantinople»—.

Bluteau não regista o vocábulo, e difícil será dizer hoje quando *ele* entrou na língua e por que via, para se tornar vulgaríssimo no Algarve, a não ser que chegasse lá por intermédio dos mouros dos países barbarescos.

Dozy <sup>2</sup> define dêste modo o vocábulo, que não incluiu no Glossário de palavras espanholas e portuguesas derivadas de árabe <sup>3</sup>, o que parece excluir a minha hipótese:— «embarcação pequena, usada no mar Negro. É a palavra turca *kâik*, a qual passou a muitas outras línguas; veja-se Jal, *Glossaire Nautique*, *sub v. caïc, caico, caïq, caïque*. Em Constantinopla é o caïque uma embarcação bonita e ligeira, com um ou mais remeiros, e muito comum; aos particulares não é permitido guarnece-la com mais de cinco remeiros; os ministros do Sultão, e os embaixadores estrangeiros podem empregar sete remadores»—.

J. Inácio Roquete no dicionário português-francês <sup>4</sup>, não sei com que fundamento, traduziu *caïque*. por— «*quaiche*, petit bâtiment du Tage, de la côte de Portugal et de la Manche»—, entanto que Littré define *quaiche*, como sendo— «petite embarcation des mers du nord»—<sup>5</sup>, mandando pronunciar *kèche*.

<sup>1</sup> Dictionnaire étymologique des mots d'origine orientale, Paris, 1876.

<sup>2</sup> Oosterlinghen, Haia, 1867, p. 46, em holandês.

<sup>3</sup> Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe, Paris, 1869.

<sup>4</sup> Paris, 1855.

<sup>5</sup> Dictionnaire de la langue française, Paris, 1881.

## cairo; Cairo

Êste termo, que designa uma substância vejetal tenacíssima, de que se fazem cordas e calabres, trouxe-se-lo nós da Índia, com o objecto que tem êste nome.

É a fibra da casca do côco, e a esta chamam os malabares na sua língua *kāyar*, do verbo *kāyara* « estar entretecido ».

João de Barros <sup>1</sup>, diz que parece feito de *couro*, e, na opinião dos autores do Glossário de palavras anglo-índias <sup>2</sup>, a semelhança dos dois vocábulos deve ter contribuído para a aceitação do primeiro. Todos os nossos cronistas da Ásia fazem menção do emprego que desta fibra faziam os índios.

Nada tem esta palavra que ver com *Cairo*, cidade no Egipto maometano, a qual em árabe se chama *AL-QAËIRE* (pron. *alqahira*, « a vitoriosa »).

## cãiro

É vocábulo transmontano e significa « dente canino, colmilho ». É o latim *canariu* { *canis* « cão », conforme J. Leite de Vasconcelos <sup>3</sup> e as formas intermédias hão de ter sido \* *caneiro*, *cãeiro*.

## caixa

Êste termo, designativo de uma moeda asiática, é frequente nos nossos escritores dos séculos XVI e XVII. Conforme Fernám Mendéz Pinto <sup>4</sup>, valia real e meio: — « duas caixas, que erão tres réis da nossa moeda » —.

<sup>1</sup> DA ÁSIA, DÉCADA III, livro III, cap. 7.

<sup>2</sup> Yule & Burnell, A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS AND PHRASES, Londres, 1856.

<sup>3</sup> REVISTA LUSITANA, II, p. 116.

<sup>4</sup> PEREGRINAÇÃO, cap. CIX.

A palavra encontra-se já em sânscrito, com a forma *karṣa*, mas é natural que os portugueses a recebessem ou directamente do támul *kāsu*, ou por intermédio do marata ou do concani, como se diz no Glossário de Yule & Burnell <sup>1</sup> (*q. v.*).

caixa-d'água

Em Évora quer dizer «*mãe-d'agua*», isto é, «depósito de água». A expressão é comparável à castelhana *arca de agua*, que tem o mesmo sentido.

cajuri (*cajury*)

Árvore da Índia Portuguesa:—«a população rural do districto [Damão] usa... as aguardentes de flor de maurá... e as de cajury» —<sup>2</sup>.

calambá, calambac, calambuco

O Nôvo DICCIONÁRIO remete a primeira forma para outra, *calamba*, a que portanto dá a preferência; com pouco fundamento, porém, visto que na PEREGRINAÇÃO de Fernám Méndez Pinto a palavra está escrita *calambaa* <sup>3</sup>, representando portanto o malaio *kalámbaq*, mas com o acento na última sílaba.

É duvidoso se *calambuco* <sup>4</sup>, ou *calambuque*, designava a

<sup>1</sup> A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS AND PHRASES, Londres, 1836, *sub v. Cash*.

<sup>2</sup> F. X. Ernesto Fernández, O REGIMEN DO SAL, ABKARY E ALFANDEGAS NA INDIA PORTUGUEZA, *in* «Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa», 23.ª série, p. 221.

<sup>3</sup> Cap. XLI.

<sup>4</sup> *ib.*, XVIII.

mesma substância vegetal aromática, e sobre êstes dois vocábulos pode consultar-se o VOCABULÁRIO de Bluteau, onde também se rejistou a forma *calamba*.

Garcia da Orta escreveu *calambac*:— «Chama-se *agalugem* e *haud* em arabio; e os Guzarates e Decanins *ud*, que é casi o arabio; os Malaios *garro*, e estes chamam ao muyto fino *calambac*. A arvore é como a oliveira, e ás vezes muyto maior; fruto nem frol não lhe sey» —<sup>1</sup>.

Veja-se sôbre esta essência aromática o erudito comentário do Conde de Ficalho, a páj. 60-65 da edição dos COLÓQUIOS, citada em nota. Outro nome do cheiroso pau era *aquila*, vocábulo cuja acentuação é duvidosa, e que sem dúvida proveio, como supõe o douto comentador, das formas índicas *agar*, *agir*, *agil*, modificações do sânscrito AGURU,— «que os árabes converteram em *agaladjin* [AYALAGIN] («agalugem» de Orta)» —. Pela forma arábica da palavra se vê que a acentuação tem de ser *agalujém*, e não, *agalújem*. Mas será *agalujem* erro tipográfico por *agalagém*?

Pelo contrário, a forma sanscítica AGURU, com o *u* breve, aconselha-nos a acentuar *áquila*. o que explica a confusão que se deu entre êste nome e a palavra latina *aquila*, «águia», e motivou a extravagante denominação inglesa *eagle-wood*.

### calão

O DICIONARIO CONTEMPORANEO, conforme o seu costume, atribui a esta palavra um étimo extravagante: diz-nos que provém de *cala* + *ão*. Que será êste *cala*, e mais êste *ão* é o que, se não fica sabendo, e cada um suporá o que mais lhe agradar; mas pode conjecturar-se que, visto *calar* querer dizer— «nã o falar» —, e— «ão, suficso subst. derivado de verbos» —denota

<sup>1</sup> COLÓQUIOS DOS SIMPLES E DAS DROGAS DA ÍNDIA, II, Lisboa, 1892, p. 58.

acção, segundo o mesmo dicionário, *calão* deve significar « a acção de não falar », convém saber, « de estar calado ». Bonita etimologia!

Na realidade, *calão* é o *caló* espanhol, que designa « o cigano » (plural *calés*, feminino *callí*, pl. *callias*) e o dialecto dêles na sua própria linguagem.

O *caló* concorreu bastante para a formação da jíria portuguesa e castelhana. Sobre êste objecto vejam-se as seguintes obras: F. A. Coelho, OS CIGANOS DE PORTUGAL, e Rafael Salillas, EL DELINCUENTE ESPAÑOL, EL LENGUAJE <sup>1</sup>.

Outra acepção de *calão*, que deve ser vocábulo diferente, vemo-la no seguinte trecho:— « As mangas partem da boca do sacco [rêde], em posições oppostas... diminuindo... na ponta... ou *calão* <sup>2</sup>.

#### calceta, calcetar, calceteiro

O NOVO DICIONÁRIO define *calceta* como sendo— « grillheta, argola com que se prendia a perna do condemnado » —, e também— « o condemnado a trabalhos forçados » —.

O vocábulo *calceta* parece ter origem castelhana, sendo provavelmente o termo de germania, ou jíria de malfeitores espanhóis, *calza*, « grillheta », corrente com que se prendem os encarcerados; na mesma jíria *calcetero* é o nome que os presidiários davam a quem prendia essas correntes aos presos <sup>3</sup>.

Os galeotes, a que me referi no artigo *braga*, eram também denominados simplesmente *grilhetas*, por alusão à cadeia que os acorrentava. Em malaio, pelo mesmo motivo, chamam-se *óran-rante*, « gente (de) grillheta », e esta denominação designa, por

<sup>1</sup> Lisboa, 1892; Madrid, 1896.

<sup>2</sup> Fernández Tomás, A PESCA EM BUARCOS, in Portugalia, I, p. 151.

<sup>3</sup> Rafael Salillas, EL DELINCUENTE ESPAÑOL, EL LENGUAJE, Madrid, 1896, p. 276.

amplificação de sentido, nesta língua um qualquer «preso em cadeia pública».

Em meados do século passado os *grilhetas*, ou *calcetas*, acorrentados a dois e dois por uma cadeia de ferro (grilheta), de metro e meio de comprimento, presa à perna por uma argola (calceta ou braga), eram ocupados em ranchos no calçamento das ruas, e foram êsses ranchos que, por desenho e direcção superior do general Cândido Cordeiro Pinheiro Furtado, governador do Castelo de Sam Jorje, executaram o formoso mosaico da Praça de Dom Pedro, ou Rossio de Lisboa; foram êles os *calceteiros*, e tanto êste nome, como o verbo *calcetar* e seus derivados, *calcetamento*, *calcetaria* daí procedem.

Muitos dêsses indivíduos, cumprida que foi a pena, continuaram a exercer essa profissão, em que tam peritos se mostraram.

A tradição perpetuou-se, aperfeiçoando-se, e hoje em dia êsse officio é tam honrado e tam honroso como qualquer outro manual, e tem-se difundido em muitas outras cidades e vilas do reino.

#### caldeiro, caldeirada, caldeireiro

Eis aqui abonações destes três vocábulos, em sentidos especiais:

— «Para que a duração das redes seja maior, usam os pescadores mergulhal-as n'uma infusão de casca de salgueiro, para o que possuem... grandes vasos de cobre (*caldeiros*), onde as redes são mettidas» —<sup>1</sup>.

— «Da outra parte [da pesca] que pertence aos pescadores que formam a companhia, tira-se um terço para a *caldeirada*. É o peixe reservado para as refeições dos pescadores» —<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Portugalia, A PESCA EM BUARCOS, I, p. 153.

<sup>2</sup> *ib.* p. 154.



— « acabar com o uso das senhas aos caldeireiros (cozedores de cortiça) » —<sup>1</sup>.

## cãleiro

Em Trás-os-Montes é a « goteira do telhado ».

## calha

— « Essa corrediça assenta sobre uma viga, mais forte e mais larga, que se chama *draya* ou *calha* » —<sup>2</sup>.

## calhau

O étimo mais provável, tanto da palavra portuguesa como da francesa *caillou*, ambas as quais tem aspecto de derivados por meio dos sufixos *-au* e *-ou* (*-u* { *-òu* { *-ol*), é um primitivo *calho*, *cail* { *calculum*, « pedrinha », mediante a evolução seguinte: *calclum*: *calclo*: *calho*, para o português, e *calele*: *cail*, para o francês.

## cali (Marromeu)

África Oriental Portuguesa:— « Os nomes dos principaes objectos de uso domestico são *cali* (panela d'agua) . . . » —<sup>3</sup>. Não posso deixar de citar a coincidência de *kuáli* em malaio também ser o nome que dão à panela onde se faz o caldo e sopas.

<sup>1</sup> O ECONOMISTA, de 13 de setembro de 1892.

<sup>2</sup> O SECULO, de 2 de outubro de 1901.

<sup>3</sup> JORNAL DAS COLONIAS, de 4 de julho de 1903.

## calo

No Alentejo êste termo significa uma extensão de terreno arjiloso, encravado entre outras formações. É evidente a orijem do termo: destaca-se, por diferença de aspecto, êsse retalho entre os terrenos circunjacentes, como um calo realça na pele. Comparação análoga, mas com relação a dureza, levou a aplicar-se a mesma denominação à «grossura de terra, entremeada e presa pelas raízes das varas, que se forma em tórno das videiras que se cortaram na poda», sentido êste já consignado no Nôvo DICCIONÁRIO.

## calombo; carimbo; carcunda

*Calombo* no Minho significa «abóhora». O Nôvo DICCIONÁRIO diz-nos que como termo brasileiro quere dizer — «tumor, inchaço duro em qualquer parte do corpo» —, e atribui-lhe em dúvida orijem africana. O aspecto é na realidade cafrial, mas o vocábulo não parece quimbundo, pois nesta língua *calombo* quere dizer «mulher infecunda», conforme Joaquim da Mata <sup>1</sup>. Não seria porém de estranhar que o fosse, pois esta e outras línguas bantas ministraram e ainda ministram copioso vocabulário à nossa.

O prefixo *ca* é deminutivo em quimbundo, e a palavra muito usual *carimbo* é simplesmente o deminutivo de *quirimbu* «marca» <sup>2</sup>, como *carcunda* é o quimbundo *caricunda*, «costinhas», «o das costas», e significa «quem tem as costas defeituosas» e o próprio defeito.

<sup>1</sup> ENSAIO DO DICCIONARIO KIMBUNDU-PORTUGUEZ. Lisboa, 1893.

<sup>2</sup> *ib. sub voc. kirimbu.*

## calote

Êste vocábulo, no sentido de «dívida não paga», parece ser o francês *culotte*, como termo de jôgo do dominó, o qual designa «as pedras com que cada parceiro fica na mão, por as não poder colocar».

Também se diz naquele sentido *caurim*, (q. v.).

## caluete

O NÓVO DICIONÁRIO regista como inédito êste vocábulo, que escreve *calvete*, o que é êrro manifesto, pois o vemos escrito nos nossos cronistas da Ásia também *caloete*, e é sabido que do **O** se serviam dantes, em caso de dúvida, quando o **U**, que na forma, quer escrita, quer impressa, se confundia com o **V**, se poderia lêr como hoje lêmos êste. É sabido também que o **V** era o desenho inicial, **U** o medial e final da palavra, tendo ambos promiscuamente os dois valores, e sendo o **U** para o da vogal *u* a meúdo substituído por **O**, se ficava no meio da palavra, pelo expediente gráfico **hu**, principalmente se no comêço dela: *huivar*, por exemplo, assim diferenciado de *viver* <sup>1</sup>.

O termo é malabar. *kaluekki*, e designava o instrumento de um suplicio atroz, descrito por Fernám Méndez Pinto, nos seguintes termos:— «porém o moço foi espetado vivo em um caluete de arzezoada grossura, que lhe metêrão pelo sesso, e lhe sahio pelo toutiço» —<sup>2</sup>.

Para se ver quanto os nossos escritores eram escrupulosos em representar, conforme a ortografia do seu tempo, os nomes e vocábulos peregrinos que intercalavam nas suas relações e des-

<sup>1</sup> V., do autor, ORTOGRAFIA NACIONAL, Lisboa, 1904, p. 61, 99, 108, 215 e 218.

<sup>2</sup> PEREGRINAÇÃO, cap. CLXXVII.

crições, cumpre advertir que o vocábulo malabar, que na letra da terra se escreve *kaluekki*, é pronunciado *káluètti* <sup>1</sup>.

Bluteau ortografou também erroneamente *calvete*, pelo quê se fica sabendo que antes do Nôvo Diccionário já a palavra havia sido registada.

Repito que a escrita *caloete* tira todas as dúvidas, mesmo que não soubéssemos pelo seu étimo, como sabemos, que ali o *u* não tinha o valor de *r*, mas de *u* vogal.

#### camacheiro

É termo usado no Funchal, com a significação de «vento leste». A origem desta denominação é evidente. Chama-se-lhe assim porque êsse vento sopra ali do lado da freguesia de Camacho, capela de Santa Cruz, fora da cidade. Cf. (vento) *palmelão* { *Palmela*, «o sueste», no Tejo.

#### cama-quente

— «Dá-se em horticultura o nome de cama quente a tôdo o amontoado de adubo constituído por folhas sêccas ou detricos vários próprios para entrarem em fermentação e desenvolverem calor» — <sup>2</sup>.

câmara, camarim, camarinha, camarote,  
beliche, caramanchão

O termo *camarim*, derivado do italiano *camerino*, significa nos teatros portuguezes, como nos de Itália, o quarto em que os

<sup>1</sup> Yule & Burnell, A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS, Londres, 1896.

<sup>2</sup> GAZETA DAS ALDEIAS, de 20 de agosto de 1905.

actores se vestem e preparam para a cena. É já antigo na nossa lingua, pois vem mencionado neste sentido no Aviso de 17 de julho de 1751 <sup>1</sup>, relativo ao teatro da Ópera.

Outro tanto acontece a *camarote*, como se vê no mesmo Aviso: — «os camarotes a que Sua Magestade não deu certeza, distribuirá V. Ex.<sup>a</sup>» —.

O italiano deu ao português grande número de termos de arte. (V. *poltrona*).

*Camarote*, como termo de bordo, no mesmo sentido que *beliche* (de orijem oriental, provávelmente malaia, *biliq*, «alcova»), é natural que italiano seja também, mas já foi usado na PEREGRINAÇÃO (cap. CCXIV). É possível que *beliche* represente o malaia *biliq kechil*, «alcova pequena», com deslocação do acento do adjectivo para o substantivo, e supressão do *q*, quasi imperceptível, e da terminação *il*. Em italiano *camarote-de-bordo* diz-se *camerino*.

*Camarim* é excelente tradução do francês *boudoir*, e nesta acepção foi muito usado, significando «quarto reservado, secreto»; e é como tal que o termo se applica ao andor coberto em que, por exemplo, a inajem do Senhor dos Passos da Graça vai cada ano processionalmente para a igreja de Sam Roque, em Lisboa, na segunda sexta-feira da quaresma.

*Camarinha* está empregado num sentido especial no seguinte passo do BOSQUEJO DE UMA VIAJEM NO INTERIOR DA PARAHYBA E DE PERNAMBUCO <sup>2</sup>: — «no interior da nossa «camarinha», coberta de telha vã, como é geral no norte do Brazil» —.

Com efeito, no Suplemento ao NÓVO DICIONÁRIO vemos este vocábulo definido do modo seguinte: — «(bras. do N.) quarto de dormir; pequena prateleira no canto da sala» —.

Na Beira-Baixa *camarinha* é o «quarto de dormir».

*Camarinha* é também o nome de uma boga, fruto de uma planta do mato, a que no Alentejo se chama *copo-d'água*.

<sup>1</sup> COLLECÇÃO DE LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA, 1750-1762, p. 338.

<sup>2</sup> in O SÉCULO, de 8 de junho de 1900.

Outra palavra composta, não derivada, de *câmara* é *caramanchão*, de *camaranchão*, com metátese das sílabas médias, formado de *câmara ancha*, com elisão do *a* final de *câmara*, e mudança de género gramatical: cf. *mulherão*, substantivo masculino, aumentativo do feminino *mulher*, *casão*, masc., de *casa*, feminino.

A palavra *câmara*, que deu avultado número de derivados em todas as línguas románicas, é o latim *camĕra*, *camāra*, do grego *KAMÁRA*.

camba, cambo, cambal,ambeira,ambeirada,cambada,  
cambulhada, cambulhão

O NÓVO DICIONÁRIO, no Suplemento, incluiu a palavra *ambeiras*, com a seguinte definição:— «(t. da Bairrada), a farinha mais fina que, nos moinhos de água, se evola [?] da mó, poisando nas paredes e objectos circunjacentes»—.

Acrescenta um derivado *ambeirada*, como também pertencente ao vocabulário daquela região, definindo-o— «arremêso de ambeiras ou enfarinhadela com ambeiras, nos folguedos do entrudo;... pequena porção de farinha»—.

¿Porque se chama, porém, *ambeira*, ou *ambeiras*, a essa farinha finíssima?

No corpo do dicionário incluiu-se o termo *cambal*, assim definido:— «resguardo de pano, madeira ou farinha, para que se não espalhe a farinha que se vai moendo»—.

Bluteau dissera:— «Cambais chamão os Moleiros à farinha (segundo imagina quem mo disse) que poem em roda da pedra que moe, como reparo da que se está moendo; ou são umas taboinhas, que pela mesma sorte se poem»—<sup>1</sup>.

A palavra deve provir de *camba*, a que o mesmo dicionário

---

<sup>1</sup> VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO, Suplemento

dá as seguintes definições:— «peça curva das rodas dos carros, pina; nêsga; (ant.) moinho de mão; pequena cambota»—.

*Camba* parece derivar-se do latim *campe*, termo grego que significava «curvatura».

O ELUCIDARIO de Santa Rosa de Viterbo diz-nos que antigamente *camba* era:— «moinho pequeno, molinheira, moinho de mão»—e *cambal*— «a farinha, que faz labio na mó debaixo»—.

Na monografia MOINHOS <sup>1</sup> vemos o seguinte trecho em que se descreve o que são *cambeiras*:— «por sobre estes [os arredores, q. v.] assenta... um anteparo de madeira, a que dão o nome de *cambeiras*»—.

Creio ficarem assim bem estremadas, com as citadas definições e com êste trecho, várias acepções das palavras *camba*, *cambal*, *cambeira*, *cambeirada*. De *camba* e *cambota* há claríssimas definições no DICCIONARIO CONTEMPORANEO.

Com relação a *cambada*,— «enfiada de coisas penduradas no mesmo gancho, cordel, etc., como declara êste último dicionário, parece ser um derivado colectivo de *camba*, *cambo*, porque tais objectos, fazendo pêso, obrigam o cordel, vara, etc., a curvar-se; ou de *cambo*, que significa «enfiada, vara (curva, geralmente de salgueiro)» . *Cambada*, «súcia», tem a mesma origem.

Outros derivados são *cambulhada*, *cambulhão*, que pressupõem uma forma *cambulho*, ou *cambulha*, da mesma origem.

#### cambola

No «Jornal das Colonias», de 27 de maio de 1905 <sup>2</sup> encontra-se êste termo, próprio da África Oriental Portuguesa, pertencente ao vocabulário das línguas bantas, e que assim é ali definido— «corda feita com fibras vejetais».

<sup>1</sup> in Portugalia, I, p. 386.

<sup>2</sup> CAMPANHA DE BARUÉ EM 1902, relatório oficial.

cambolar, cambolação, cambolador

O NÓVO DICIONÁRIO traz o segundo dêstes vocábulos, com a significação de — «engajamento (?) de comitivas de carregadores do interior da África» —.

O étimo de *cambulhada*, que em dúvida lhe dá, é inadmissível. Tanto o segundo como o terceiro vocábulo pressupõem um verbo *cambolar*, que não é mais que o aportuguesamento do verbo quimbundo *cucombola*, «negociar, traficar», de que se derivou o substantivo *cambolador*, correspondente ao quimbundo *ritombo* <sup>1</sup>, «negociante».

caminheira, caminhão

O NÓVO DICIONÁRIO rejista como provincialismo o vocábulo *caminhão*, no sentido de «carro do quatro rodas».

Outro substantivo, do mesmo modo derivado de *caminho*, é nome aplicado a uma espécie de locomotiva, como se vê do trecho seguinte: — «Ha dias effectuou-se em Inglaterra a experiencia d'uma caminheira para o Soldão [aliás, Sudão]. . . Com um carro atrelado levando dentro mais d'uma tonelada de peso, a caminheira pegou-se diversas vezes» —<sup>2</sup>; — «pessoal e material relativos ás caminheiras e outras machinas a vapor» —<sup>3</sup>.

camisa-de-onze-varas; camisão

Como já foi explicado na REVISTA LUSITANA <sup>4</sup>, esta estranha denominação queria dizer — «a alva dos padecentes» —.

---

<sup>1</sup> Héli Chatelain, GRAMMÁTICA ELEMENTAR DO KIMBUNDU. Geneva, 1888-1889, p. 121. — D. Cordeiro da Mata, ENSAIO DE DICIONÁRIO KIMBUNDU-PORTUGUEZ, Lisboa, 1893.

<sup>2</sup> JORNAL DAS COLONIAS, de 21 de outubro de 1905.

<sup>3</sup> DIÁRIO DE NOTÍCIAS, de 30 de janeiro de 1906.

<sup>4</sup> vol. VI, p. 129.



*Camisão*, na ilha de Sam Miguel, significa «disfarçado, hipócrita, sonso».

Notarei aqui, a propósito de *alva*, que este vocábulo não designava só a — «veste de padecentes nos antigos autos de fé» — como diz o Suplemento ao NÓVO DICIONÁRIO, mas principalmente a camisa branca, que levava vestida «o padecente que ia a enforcar, como ainda a vestiram os últimos que em Lisboa padeceram essa pena, Matos Lôbo e Diogo Alves, antes de meados do seculo passado».

#### camocho

Termo de calão que quiere dizer «tostão».

#### campa, campã, campana, campainha, campainheiro

O primeiro destes vocábulos tem duas acepções, a primeira, «laje que cobre a) sepultura», não é fácil de subordinar a um étimo.

Na segunda acepção, é um primitivo suposto, formado pelo que se considerou derivado, *campã* { *campãa* { *campana*, *campana*, ainda usado no concelho de Pinhel, e que já em latim significava «sino»<sup>1</sup>; como *venta*, foi induzido de *ventã* { *ventana*, e *açõ* { *aceiro*, que era o nome do metal, como actualmente o é em castelhano *acero*. Supôs-se, em vista da terminação, que a palavra estava na mesma relação que *ferreiro* com *ferro*. Também se disse *azeiro*, e Alexandre Herculano empregou *azeirado*, no sentido em que usamos o castelhanismo *acerado*<sup>2</sup>.

*Campanus* em latim é um adjectivo, empregado por exemplo em aes Campanum, e em (uasa) Campana.

<sup>1</sup> V. Wölflin, in JAHRESBERICHT FÜR DIE FORTSCHRITTE DER ROMANISCHEN PHILOLOGIE, VI, I, p. 126.

<sup>2</sup> — «A seta de um epigramma azeirado» —. O BOBO, II.

Um derivado de *campainha* é *campainheiro*, que no concelho de Vila-Nova-de-Ourém, e provavelmente em todo o distrito de Santarém, designa o vendedor de campainhas e chocalhos para gado, na feira, e que anuncia a fazenda tocando alternadamente duas campainhas que empunha, uma em cada mão.

campido: campo, campina, campinação

É um particípio passivo substantivado de *campir* — «fazer a perspectiva do horizonte em um quadro» —, como define o Novo Dicionário. J. Gomes Monteiro, na CARTA ÁCERCA DA ILHA DOS AMORES<sup>1</sup>, empregou aquele substantivo explicando-o: — a confusa distribuição dos elementos que entram no quadro, a falta dos campidos, como lhe chama Philippe Nunes, isto é os longes, os ceos, os horisontes » —.

O verbo *campir* é de origem italiana, *campire*, como muitíssimos termos de arte. (V. em *poltrona*).

*Campo*, além de muitas outras acepções, que dos dicionários constam, tem uma muito especial em português, a de «espaço onde pode caber alguma coisa, ou alguém; eis um exemplo: — «custando a acreditar como alli [sala da audiência do tribunal em Vila-Franca] possa viver [sic] umas dezenas de pessoas, no espaço de algumas horas, sem ar, sem campo, entre bancos e estrados» —<sup>2</sup>.

De *campo* se deriva *campina*, e dêste talvez um verbo *campinar*, que deu origem ao substantivo *campinação*, que vemos empregado por M. Ferreira Ribeiro<sup>3</sup>. — «As polainas de laços são as melhores e mais uteis nos trabalhos de campinação, passagem de florestas, etc.» —.

<sup>1</sup> Porto, 1849, p. 60.

<sup>2</sup> O SÉCULO, de 3 de maio de 1900.

<sup>3</sup> REGRAS E PRECEITOS DE HYGIENE COLONIAL, p. 90.

cana-verde; cana, caninha, canicinho

O Nôvo DICIONÁRIO inseriu êste termo composto, dando-lhe a significação restrita de— « canção popular do Minho »—, acepção em que toda a gente o conhece. Todavia, no seguinte excerto a locução tem, sem dúvida, outro significado, que talvez possa aclarar o nome que puseram à cantiga minhota:— « ainda haverá os vinhos, ou *canna-verde*, produzidos por vinhas doentes »—<sup>1</sup>,

*Cana*, por « aguardente de cana de açúcar », vemo-lo empregado no seguinte passo:— « Dê-nos canna »—<sup>2</sup>.

*Caninha*, como designando a *cana-doce*, ou cana-de-açúcar, foi assim definida no jornal O ECONOMISTA, de 3 de maio de 1891:— « Constatou que o snr. Brandy mandara vir de Moradnagar, Índia, sementes de cana « Alapoor Jowart » que pertence a uma casta inteiramente nova e produz assucar e aguardente. Diz a noticia que resiste muito á seca e pode por isso ser plantada em terrenos onde haja falta d'agua. Não é da familia Sarghos, a que chamam caninha. Forma soqueira e dá semente »—.

O diminutivo *canicinho*, na ilha de Sam Miguel, quer dizer « motejo », como o vemos muito plausivelmente explicado no jornal O SÉCULO, de 5 de julho de 1901:— « Estar com o canicinho n'agua, estar a brincar, a gracejar. Pela forma açoriana se vê que a nossa locução « estar com a carinha n'água », que realmente não faz sentido, é corruptela da seguinte: « Estar com a caninha n'água », de facil comprehensão »—.

Êstes modos de dizer triviais, que se empregam tendo-se em vista o teor da frase inteira, e não o valor dos seus elementos, são muito sujeitos a ser deturpados, substituindo-se qualquer dêsses elementos por outro, cujo valor fonético seja quási equi-

<sup>1</sup> O SÉCULO, de 5 de outubro de 1902.

<sup>2</sup> BOSQUEJO DE UMA VIAGEM NO INTERIOR DA PARAYBA E DE PERNAMBUCO, in « O Seculo », de 17 de junho de 1900.

valente: é o que aconteceu a outro anexam, « não se pescam trutas a bragas enxutas », onde bragas é geralmente substituído por barbas.

#### canado

Na Beira-Baixa tem este nome a « armação de canas ou ramos, em tórno do carro, para conter o estrume » <sup>1</sup>.

É um derivado—evidente de *cana*.

#### canajeira

É um termo que designa nas marinhas uma espécie de pá, que veio figurada no jornal O SÉCULO, de 10 de janeiro de 1901.

#### canastro

Esta palavra, formação masculina correspondente à feminina *canastra*, designa em geral o arcabouço, a armação, o esqueleto, e nestes significados traduz perfeitamente o *carcasse* francês, o qual só é português, no uso comum, com a forma *carcassa*, talvez melhor *carcaça*, no sentido de « cousa, pessoa velhíssima ».

Em sentido especial designa no Minho a palavra *canastro* o mesmo que *espigueiro* ou *caniço*, isto é, « um celeiro provisório, o qual consiste em uma construção levantada sobre estacas ou pègões de pedra, e em que se arrecadam espigas e maçarocas, ficando a salvo da humidade e dos animais daninhos ».

#### cánave, cáneve, canaveira

Estas duas formas, a segunda das quais está para a primeira como *cámara* para *câmara*, são os légitimos derivados do substan-

<sup>1</sup> Informação do editor, natural de Almeida.

tivo latino femenino *cannabe*[m], e foram ao depois substituídos pela forma castelhana *cánhamo* (*cáñamo*), procedente de outra forma latina neutra *cannabum*, com assimilação parcial do *b* ao *nn*.

Do adjectivo *cannabaceum*<sup>1</sup> provém o derivado *canhamoço*, também acastelhanado, popularmente modificado em *ca-lhamoço*, por dissimilação da nasal inicial da 3.<sup>a</sup> sílaba: *nh* passou a *lh*, isto é, a nasal palatal à líquida palatal, por dissimilação regressiva da nasal labial *m*.

O NÓVO DICIONÁRIO define *canaveira* por estas palavras: — «(ant.) lugar onde cresce o cânave? canavial? Cf. Sousa, *Ann. de D. João III*» —.

#### canaveira

Na Ilha da Madeira dá-se êste nome ao *carro de roca*.

candeia, candeiro, candil (1); candil (2)

Hoje, na linguagem comum significa o primeiro vocábulo uma lâmpada pequena de folha, com um gancho para se dependurar; e *candeiro* toda e qualquer lâmpada, que em geral não é de suspensão, mas que também pode estar suspensa. Antigamente não era assim.

*Candeia* designava o que actualmente chamamos *vela*, e *candeiro* o «fabricante de velas, o cirieiro», como hoje dizemos. Isto se vê claramente dos seguintes trechos de um artigo publicado por Sousa Viterbo na revista *Portugalia* [I, p. 366-368], analisando uma carta réjia de Dom Afonso V: — «e entre as [candeias] que vinham de fora eram especialmente reputadas as *candeas de rezar* de Aragão—que os candeiros moradores na dita vila de Santarem» —.

<sup>1</sup> J. Leite de Vasconcelos, *REVISTA LUSITANA*, II, p. 31.

Ao fabricante de candeeiros de metal chamou-se ao depois *candeeiro*. Sousa Viterbo <sup>1</sup> adverte haver diferença entre *candeeiro*, — «o official que faz candêas de cera, a que hoje chamamos *rolo*» — e *cerieiro* — «que fazia velas, tochas, e brandões» —. Aliás, *cirieiro* { *cirio*.

*Candeia*, no sentido de «vela», foi empregado por Damião de Góis: — «lhe pedirão algumas mercês, as cartas das quaes assinou, tendo na mão ezquerda a candeia, e na outra a pena com que assinava» —<sup>2</sup>.

Ainda muito depois escreveu Cardim: — «pedindo que á hora da morte os ajudem metendo-lhes a candeia na mão» — «fui benzer as candeias á igreja de Homac, convidando os portugueses para a festa» —<sup>3</sup>. Ainda hoje se diz *A Senhora das Candeias*.

Outro trecho, que dissipa todas as dúvidas, é o seguinte: — «O curioso *andor das candeias* foi salvo... Este andor era conduzido na procissão das marafonas ou dos pães bentos... O andor ia adornado de vellas de cêra, que perfaziam o pezo do rolo com que se devia cercar a muralha da cidade [de Guimarães]» —<sup>4</sup>.

*Candil*, de origem immediata arábica QANDIL, mas remota do grego KANTALA (?)<sup>5</sup>, significa um candeeiro-de-mão. O Nôvo DICCIONÁRIO, além desta acepção conhecida, aduz outra: — «(pesc[a]) phosphorecência das águas» —.

Como, porém, não está abonada, creio ser informação errada, e que o vocábulo *candil*, está por *candeio*. «luzeiro que se usa na caça ou na pesca, para atrair a presa».

<sup>1</sup> ELUCIDARIO DOS TERMOS... QUE EM PORTUGAL ANTIGUAMENTE SE USÁRÃO, Lisboa, 1798.

<sup>2</sup> CHRONICA DE EL-REI DOM EMMANUEL, cap. IX.

<sup>3</sup> BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS NA PROVINCIA DO JAPÃO, Lisboa, 1894, p. 23 e 162.

<sup>4</sup> O SECULO, de 23 de fevereiro de 1902.

<sup>5</sup> Dozy & Engelmann, GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORT. DÉRIVÉS DE L'ARABE.

Quanto a outras acepções de *candil*, as primeiras que se dão no mesmo dicionário; — « medida de capacidade, na Índia » —, « e antiga moeda asiática » — são vocábulo distinto deste; deveria ali ser subordinado a inscrição separada, conforme a economia adoptada nele. Qualquer dessas acepções pertence ao vocábulo malabar *kandi*, que é o marata K'ANDĪ, unidade de pêso de 250 kilos próssimamente <sup>1</sup>. A forma portuguesa *candil* foi erradamente induzida do plural *candis*: cf. *javali*, *javalis*, com *funil*, *funis*.

caneca, caneco

É um par de nomes, um masculino e outro feminino, como há tantos na nossa língua: *caneca* é um vaso pequeno de louça, cilíndrico, com maior altura que diâmetro, e guarnecido de asa; *caneco* é uma espécie de barril de madeira, de forma cónica, e aberto por cima, no que no Norte se diferencia do barril propriamente dito, que geralmente tem dois tampos.

Todavia os canecos de madeira para água, no Porto, teem dois tampos, mas são semelhantemente cónicos, e não com a forma de dois cones unidos pelas bases, como os dos aguadeiros de Lisboa, e os que servem a transportar vinho, aguardente, vinagre, etc.

canga, cangalhas, cangalho, cangueiro

Além de indicar uma espécie de jugo para os bois, usado no sul do reino, designou, por analogia de forma ou de aplicação, a tábua que serve de suplício na China. No curioso livro *BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS NA PROVINCIA DO JAPÃO*, do Padre António Francisco Cardim <sup>2</sup>, vem mencionado o dito tor-

<sup>1</sup> Yule & Burnell, A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS, Londres, 1886, *sub v. Candy*.

<sup>2</sup> Lisboa, 1894, p. 85; v. também a p. 185, 199, 217.

mento por êste nome:— «lhe tinha lançado ao pescoço uma canga, com dois pesados paus, a modo de escada.

Desta palavra se derivaram, segundo parece, *cangalho*, e *cangalhas*, armação geminada que se põe no dorso das cavalgadas, para transporte de cêstos, canastras, barris, etc., e que pode ser de ferro, ou de madeira:— «colocam-lhe por sobre a albarda [do burro dos aguadeiros] as cangalhas, nome que aqui [Algarve] se dá a um objecto feito mais vezes de madeira que de ferro» —<sup>1</sup>.

Exemplo de *cangalho*, na acepção primitiva de — «cada um dos dois paus que ajustam e seguram a carga ao pescoço dos bois» —, como define o DICC. CONTEMPORANEO, é o seguinte:— «tinha ido proximo de um ribeiro arrancar um pedaço de madeira, para d'ahi fazer um cangalho» —<sup>2</sup>.

*Cangalho*, como é sabido, significa também um objecto velho, inútil, e desta acepção proveio o verbo *escangalhar*, «desmanchar, destruir».

A origem do vocábulo *canga* é o verbo *cangar* { *coniugare* <sup>3</sup>.

O substantivo *cangueiro* vem já inscrito no Nôvo DICCIONÁRIO numa acepção especial, «barco chato, usado no Tejo», atribuindo-se-lhe por origem a palavra *canga*. No mesmo dicionário está rejistada outra acepção, como própria do Brasil, — «preguoso, negligente» —. Nos meus apontamentos, sem abonação porém, porque levou esta sumição, encontro *cangueiro* como baqueiro de certa embarcação, que nunca abre caminho, desviando-se, a outros barcos mais pequenos, evitando unicamente que são maiores, para não çoçobrar.

<sup>1</sup> Portugalia, I, p. 385.

<sup>2</sup> O ECONOMISTA, de 22 de outubro de 1892.

<sup>3</sup> J. Leite de Vasconcelos, in REVISTA LUSITANA, II, p. 34.



## cangarra

É natural que seja este vocábulo, usado na África Oriental Portuguesa, um aumentativo de *canga*, (cf. *bocarra* { *bôca*), e não, termo indijena:— « transportam o ferido em combate, na *cangarra* (padiola de ramos) » —<sup>1</sup>.

cangosta: v. **congosta**

cânhamo: v. **cânave**

canho, canha, canhona

No Minho *canhos* são « sobejos de comida ».

Para os outros significados de *canho*, e seus derivados, veja-se o Novo DICCIONÁRIO e o seu Suplemento.

Comparável a *canho* no sentido indicado é o termo alentejano *canhas*, registado no dito dicionário, com a significação de — « migas que, depois de feitas, se comem com leite » —, acepção que confirma o étimo *caneus*, *canea*, *caneum*, adjectivo derivado de *canis*, « cão », provavelmente porque tais migas se dariam a cães, para os desmamar, pois vemos no mesmo dicionário que no Douro *canhol* significa cão pequeno, *caneolum*. O vocábulo trasmontano *canhona*, « ovelha », é naturalmente ainda um derivado do mesmo adjectivo latino, no parecer de J. Leite de Vasconcelos, talvez por ser mais fraca, comparada ao carneiro <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902, in « Jornal das Colonias », de 19 de agosto de 1905.

<sup>2</sup> REVISTA LUSITANA, II, p. 116.

## canhongo

Termo da África Oriental Portuguesa:— «Os *canhongos*, e o feiticeiro usam *rabo de guerra* [q. v.]» —<sup>1</sup>.

## canipa

É termo de Timor— «O régulo bom é como a canipa doce» [Nota]: «mistura de alcool e melação» —<sup>2</sup>.

## canja

Este termo indiano, que em todo o Portugal se difundiu para designar o caldo de arroz, principalmente feito com galinha e presunto, mas que também se emprega quando outra carne se utiliza, vem no Suplemento ao Nôvo DICCIONÁRIO com o seu verdadeiro étimo apontado; mas esqueceu notar que à segunda acepção que ao vocábulo é dada no corpo do dicionário— «embarcação do Nilo, de quilha recurva» — não cabe a indicação— «T[er]mo] as[i]ático» —, pois nada tem que ver com a palavra concani *kanji* procedente do tamul *kánxi*, «cousa fervida, cozida em água», só applicável ao caldo indicado, para o qual os franceses empregam a forma *cange*, tirada do português, e os ingleses *congee*, que directamente trousseram da Índia.

O Padre Cœurdoux parece ter sido quem primeiro divulgou em França o termo, que definiu:— «du Canje chaud, c'est-à-dire de l'eau dans laquelle on ait fait cuire le riz» —<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902, in «Jornal das Colonias», de 19 de agosto de 1905.

<sup>2</sup> J. S. Pereira Jardim, NOTAS ETHNOGRAPHICAS SOBRE OS POVOS DE TIMOR, in Portugalia, I, p. 356.

<sup>3</sup> LETTRES ÉDIFIANTES ET CURIEUSES ÉCRITES DES MISSIONS ÉTRANGÈRES PAR QUELQUES MISSIONNAIRES DE LA COMPAGNIE DE JÉSUS, t. XXVI, p. 185, 18 de janeiro de 1742.

## canoura

Êste termo não está, que eu saiba, colijido em dicionário algum da língua. Vejo-o empregado sem mais explicação no seguinte trecho de um jornal de Elvas, transcrito no *ECONOMISTA* de 3 de outubro de 1888:— « Esta [azeitona] saindo da canoura [da máquina de tulhar] cae sobre um cylindro liso »—. Parece ser um « canudo ».

## cantadoura

Além dos muitos derivados de *canto* e *cantar* cumpre registar mais êste, que vemos empregado no seguinte trecho da monografia de Rocha Peixoto, *AS OLARIAS DO PRADO*:<sup>1</sup>— « Por vezes o tradicional carro de bois exhibe-se em rara particularização de minudencias. No chadeiro e a vincos limitam-se as chêdas do resto do leito e da cabeçalha; esta obliqua<sup>2</sup> naturalmente até encontrar o tamoeiro; os fueiros ornã as chêdas; nos logares respectivos indicam-se as cantadouras; no rodeiro acentua-se o miul; nas cambas, às vezes, aparecem as meias-luas »—.

Êste trecho é obscuríssimo em virtude do uso de termos técnicos, populares e pouco conhecidos, insertos em um discurso, no qual os verbos empregados são, pelo contrário, pertencentes à linguagem convencional e artificial, como *exhibe-se*, *obliqua*, *acentua-se*, *limitam-se*, *ornã*, aproveitados em acepções que não são as suas naturais. Espacejei todos os termos desusados, que procurarei explicar com auxílio do dicionário. Principiando por *chadeiro*, se consultarmos o *NÓVO DICIONÁRIO*, encontramos aí uma remissão a *chedeiro*; visto êste, achamo-lo definido como

<sup>1</sup> in *Portugalia*, I, p. 253.

<sup>2</sup> Sôbre esta conjugação errada veja-se *ORTOGRAFIA NACIONAL*, Lisboa, 1904, p. 90 e 91.

— «leito do carro de bois» —. *Chêda*, diz-nos o mesmo dicionário ser — «cada uma das pranchas lateraes do leito do carro, nas quaes se encaixam os fueiros» —, e na província do Minho — «plataforma do carro de lavoira» —. Parece, porém que *chedas* sejam as «pranchas», visto que *chedeiro* é o leito, isto é, o que o mesmo dicionário chama *plataforma*. *Cabeçalha* vemos aí, que é o *temão* do carro, ou a parte deanteira dêsse *temão*. *Tamoeiro*, sempre no mesmo dicionário, é — «peça central do carro de bois que se prolonga até á canga e serve de tirante» —. *Cambas*, são — «peças curvas das rodas dos carros» —.

Buscando *miul* ou *miulo* no mesmo dicionário, vemos que nos remete para *meul*, onde nos diz que vem a ser — «o mesmo que *meão* do carro» —. Procurado êste, acha-se como definição: — «peça central da roda dos carros, na qual se imbebe o eixo» —, explicação que o autor nos poderia dar também em *meul*, para nos poupar a caminhada.

*Cantadouras* ninguém nos diz o que seja. Portanto se o leitor ainda não entendeu o trecho transcrito, é porque é tam bronco como eu sou.

Segundo informação, *cantadeiras* são a parte do eixo onde prendem as rodas: devem ser as *cantadouras* do trecho.

Cumpre advertir que a descrição é aplicada a uma imitação do carro, como brinquedo, feito de barro.

#### cante

Na Nazaré equivale a «canto», «cantiga», cf. *descante*. Em castelhano é usual *cante* por *canto*.

#### cantiga, cántigo

É evidente que esta palavra não provém do plural *cantica* de *canticum* em latim, visto que, se êsse fosse o seu étimo, a acentuação seria *cántiga*. Deve pois ser um substantivo verbal

femenino de \* *cantigar* { *canticare*, como *fabrico* o é, masculino, de *fabricar*, não obstante a palavra *fábrica*.

Em Carregosa usa-se o vocábulo *cântigo*, que é derivado directo do latim *canticum* <sup>1</sup>.

### canutilho

Este vocábulo é fusão de dois: o primeiro português, *canudo*, o segundo castelhano, *cañutillo* (pron. *canutilho*), ou, o que será talvez mais exacto, é o castelhano *cañutillo* que sofreu influência da palavra portuguesa *canudo*.

O significado é o mesmo em ambas as línguas: « canudinhos de vidro, para com êles se formarem vários enfeites e guarnições em vestidos ».

Advirta-se, porém, que na Bolívia é vulgar a forma *canutillo* <sup>2</sup>, dissimilação de *cañutillo* (*n* apical por *n* dorsal), mais próxima da portuguesa, do que a literária castelhana.

### capa, capa-de-honras ou capa de Miranda; capindó

Vem assim descrita no INQUERITO INDUSTRIAL, de 1881 <sup>3</sup>: — « Fazem também umas capas de burel, notáveis pelo seu feitio especial e pelos muitos ornatos, sendo estes formados por caprichosas applicações do mesmo tecido, capas que apparecem geralmente nas grandes festividades, e por isso são denominadas *capas de honras*. São igualmente conhecidas por *capas de Miranda* »—.

No museu da Sociedade de Geografia de Lisboa há um *mequim* assim vestido.

<sup>1</sup> J. Leite de Vasconcelos, REVISTA LUSITANA, III, p. 73.

<sup>2</sup> R. J. Cuervo, APUNTACIONES CRÍTICAS SOBRE EL LENGUAJE BOGOTANO, Bogotá, 1881, p. 532.

<sup>3</sup> vol. II, 3.º, p. 67.

Uma forma moderna, a que a palavra *capa* serviu de orijem, é *capindó*, que, além do sentido pejorativo que lhe dá o Suplemento ao Nôvo DICCIONÁRIO, é também o nome de uma capa de grande roda, chegando até o joelho, a qual constitui uma parte do uniforme da marinha portuguesa.

*Capa* é um latim *cap(p)a*, que produziu numerosos derivados nas diversas línguas románicas, e cuja verdadeira orijem é problemática.

#### capada

— «um dia que me roubéram uma capáda (rebanho)» —<sup>1</sup>.  
Representou-se aqui a linguagem de um pastor da Beira-Baixa.

#### capaz

Conquanto os dicionários dêem «amplo» como significado primordial dêste adjectivo, é êle menos usado nessa acepção actualmente em portugûês, do que o é em castelhano.

Exemplo dessa acepção primordial é o seguinte: — «41 thuyengia (são umas embarcações mais capazes que as suas galés)» —<sup>2</sup>.

#### capelana

Termo da África Oriental Portuguesa — «Panno de 1 braça quadrada que lhes serve de capa» —<sup>3</sup> [aos pretos].

---

<sup>1</sup> Joaquim Manuel Correia, ANTIGUIDADES DO CONCELHO DO SABUGAL, in «Archeologo português», x, p. 201.

<sup>2</sup> BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, de António Francisco Cardim, Lisboa, 1894, p. 217.

<sup>3</sup> Diocleciano Fernández das Neves, ITINERARIO DE UMA VIAGEM À CAÇA DOS ELEPHANTES, Lisboa, 1878.

## capitão

Na África Oriental Portuguesa é tomado êste termo em significação muito particular, como vemos no relatório da CAMPANHA DO BABUÉ EM 1902:— « capitão é o capataz ou feitor quando indigena »—.

## capitel, chapitel, chapitéu

A primeira destas palavras, como quási todos os termos de artes nobres em português, proveio do italiano, onde se diz *capitello*, do latim *capitellum*, deminutivo de *caput*, que juntamente com outro deminutivo mais usado ainda, *capitulum*, se empregava já para designar « o remate superior do fuste da columna, ou pilar ». Conforme a conhecida lei de que a *ca* latino corresponde *cha*, *che* francês, *capitellum* deu nesta língua a forma *chapiteau*, da qual resultou *chapitéu* em português, saindo de outra forma, *chapitel*, o nosso *chapitel*, hoje desusado, mas que lêmos, por exemplo, na GAZETA DE LISBOA OCCIDENTAL, de 22 de maio de 1738:— « . . . e se reconhecem ainda muytas bases e chapiteis de colunas »—<sup>1</sup>.

*Capitel* designa uma peça de tear, como vemos na publicação Portugalia, I, páj. 374.

## capoeira

Como parte do moinho, é êste vocábulo definido do modo seguinte:— « [do frechal] parte um ripado que, indo terminar em ponta, é coberto de palha de centeio e algumas veses folhas de lata; chama-se *capoeira*. É evidente a orijem da denominação: semelhança com o encruzamento das ripas das capoeiras »<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> in « Archeologo português », v. p. 3.

<sup>2</sup> MOINHOS, in Portugalia, I, p. 386.

## capotim

— «Duas braças de fazenda» —<sup>1</sup>. África Oriental Portuguesa.

## caqui

Êste neologismo, que também se escreve *khaki* e de outros modos não menos arvesados, é o nome de uma fazenda de algodão cõr de barro, que actualmente se usa muito em fardamentos das tropas que vão fazer serviço em África.

O vocábulo é persa na orijem, *чак*, «barro» que passou ao indostano, onde produziu o adjectivo *чак*, «barrento, cõr de barro»<sup>2</sup>. Eis aqui uma abonação do vocábulo: — «É alto, traz trunfa branca, casaco de kaki com platina e pudvém branco» —<sup>3</sup>.

## carabelina, cravina •

O cravo sinjelo, a que vulgarmente se chama *cravina*, é denominado *carabelina* em Trás-os-Montes. Esta forma pressupõe outra, *crabel*, correspondente ao castelhano *clavel*, mas com vogal anaptictica entre o *c* e o *r*: cf. as formas populares *carapinteiro*, *crapinteiro*, por *carpinteiro*, e *canivete*, do alemão antigo *knif*, passando talvez pelo catalão *ganivet*, onde já se houvesse dado a anaptictise do *a*, e que parece um deminutivo, cuja significação actual é «faca».

J. Leite de Vasconcelos deriva *crabelina* directamente de

<sup>1</sup> Diocleciano Fernández das Neves, ITINERARIO DE UMA VIAGEM A CAÇA DOS ELEPHANTES, Lisboa, 1878, p. 26.

<sup>2</sup> Yule & Burnell, A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS, Londres, 1886, *sub v. Khakee*.

<sup>3</sup> O SÉCULO, de 1 de abril de 1902.



*clauus* <sup>1</sup>, o que me parece provável em vista da existência de análoga forma em castelhano, *clavelina*, indubitavelmente derivada de *clavel*.

A palavra *cravina*, no uso vulgar, está abonada por esta formosa quadra de Acácio de Paiva:—

Juntou-se a cravina ao cravo  
Entre as mãos d'uma menina;  
Quem me dera num raminho  
Ser eu cravo, e tu cravina <sup>2</sup>.

caramelo, carambello

Em castelhano *caramelo* é o nome de uma guloseima, a que nós chamamos «rebuçado», entanto que *azucarillo* corresponde ao nosso *caramelo*. Neste sentido, como no de «gêlo», o étimo parece ser *calamellum*, deminutivo de *calamum*, «côlmo», com dissimilação do primeiro *l* e supressão do segundo *a* em português, *cal'mellum*, *carmelo*, *caramelo* <sup>3</sup>: *carambello* está para *caramelo*, como o português *lombo* para o castelhano *lomo*.

carangueja; caranguejo

Esta palavra tem uma acepção que ainda não foi inserta nos dicionários e se vê no trecho seguinte:—«Por este meio a locomotiva que vem rebocar um comboio até á *gare* segue sobre a carangueja, especie de ponte movediça, e entra na via que se pretende» —<sup>4</sup>.

*Caranguejo* é na provincia do Minho «abrunho grande».

<sup>1</sup> REVISTA LUSITANA, II, p. 105.

<sup>2</sup> O SÉCULO, de 12 de junho de 1905.

<sup>3</sup> REVISTA LUSITANA, II, p. 105.

<sup>4</sup> O ECONOMISTA, de 15 de abril de 1890.

## (em) carapuça; (em) pelote

São vulgares estas expressões, significando a primeira « com a cabeça descoberta » e a segunda « nu », como também se diz, « em pêlo ».

A segunda ainda se poderia explicar pelo seguinte modo: *pelote* é apenas um aumentativo facêto da palavra *pêlo*, referida já também por gracejo à pele.

Não me parece que seja assim.

Nos SUBSÍDIOS PARA UM DICIONÁRIO COMPLETO DA LÍNGUA PORTUGUESA, preciosos pelo grande número de citações, está incluído o vocábulo *pelote*, com referência a *pelico*, onde se lê o seguinte: — « Darem a cada huum dos ditos pobres para vestyr pelotes e ssayas em cada huum ano, e de dous em dous anos pelicos e cerames á estanferree (Figanière, *Mem. das R. de P.*, p. 292) » —.

Vê-se daqui que pelotes não eram pelicos, e que estes por sua natureza deviam ter maior duração, o dôbro da dos outros, e tanta como os cerames, comparados com as saias, que durariam menos que estes últimos.

Conforme o Elucidário de Viterbo *pelote* era capa forrada de peles, — « á differença da que não era forrada » —.

A descrição minuciosíssima, porém, dos pelotes que pertenceram à guarda-roupa de El-rei Dom Manuel <sup>1</sup>, por nenhum modo confirma esta definição: poucos pelotes são forrados de peles, entre as dezenas e dezenas dêles, escrupulosamente descritos, número quási infindo de vestiduras ricas de aparato, que contrasta singularmente com a escassez de roupa branca, quási toda em mau uso, relacionada no mesmo interessantíssimo inventário, e que me trouxe à memória, quando pacientemente o li, um rol de roupa que vi escrito na parede caiada de uma hospedaria na cidade da Guarda, no qual se enumeravam doze colarinhos, seis

<sup>1</sup> ARCHIVO HISTORICO PORTUGUEZ, vol. II, p. 399 e ss.

pares de punhos, seis camisas, quatro gravatas, e um só par de peúgas. A par dêste rol, por outra letra, lia-se o seguinte comentário:—Por fora cordas de viola; por dentro, puh!—, muito applicável à vestimenta do aparatoso rei.

Prossigamos. Nos muitos pelotes de El-rei, forrados de lãs, de sedas, de cetim, etc., borlados de ouro, debruados de veludo, raros se encontram com peles, e estas de somenos valor, e sómente como guarnição, por exemplo:—«Item outro pelote de çetim avelutado preto de fralda e mea debruado de çetim preto com prefis de gatos com as mangas e quartos forrado(s) de fustam pardo e a fralda de pano encarnado e de baixo do forro fustam das mangas e corpinho esta (*está*) outro forro de damasco encarnado o quall forro das mangas não chega a baixo por quanto servyram nelle bocaes de martas» —.

Devia de ser muito bonito. O que mais me surpreendeu à primeira leitura, na minha qualidade de tam amigo de gatos como Madame Michelet, foi a devoção, a graça de enfeitar com focinhos do meu animal predilecto a tal garrida vestimenta, o que um pouco me congraçou com a penúria de roupas brancas do monarca. Como, porém, os pelotes com caras de gatos, de perfil, como que a disfarçar o serem todos cegos de um ôlho, fossem nada menos de cinco, todos a seguir, estranhei tanto gato junto; e como em outro *item* se leia — «Outro pelote de çetim preto com prefis de gato e o corpinho e mangas forradas de fustam pardo e a fralda de pano encarnado» —, concluí que êste gato e aqueles gatos eram as peles dêles, e que os prefis eram as frentes, as bandas, como hoje se diz, ou as ourelas das tais vestimentas. Pobres gatos, que deram pêlo e peles para tantos enfeites! Santa Rosa de Viterbo no ELUCIDÁRIO refere-se a (*manto*) *gatum*, e acrescenta:—«talvez forrado de pelles de gato» —. *Cordeiros*, por peles de *cordeiro*, foi também usado.

Concluí ainda outra cousa importante, e é que o pelote nunca foi capa, forrada ou por forrar, visto que tinha corpo, mangas e saia; mas sim uma espécie de sobrecasaca moderna, sôbre a qual se podia vestir, para abafio ou por luxo, uma roupa, ou roupão, ou pôr uma capa: e assim se explica o gastarem-se num ano os

pelotes, e só em dois os pelicos, os quais seriam então as vestiduras de cima, que por menos trazidas duravam mais.

Enganou-se portanto o bom Viterbo, e para nos convencer-mos disso nem mesmo era necessária tal conclusão, visto que aquela peça, que no rico tesouro da igreja de Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães se arrecada e se amostra como sendo o pelote de Dom João I, nem de perto nem de lonje se pode considerar capa ou capote.

Assim, ir em pelote quis dizer o mesmo que hoje *ir em corpo bem feito*, sem segundo casaco, ou qualquer outra vestimenta de agasalho, e daí *ir nu*.

Passemos à expressão *em carapuça*, que se interpreta por modo análogo.

Êste vocábulo é assim definido por Bluteau <sup>1</sup>:— «Especie de capacete de pano, com aba estreita por deante»—. Pode ver-se em qualquer retrato de Luís XI de França, e foi moda que durou bastante tempo. Por cima dela punha-se o chapéu; e assim quem tirava o chapéu ficava *em carapuça*: e como quando se deixou de usar carapuça quem tira o chapéu fica em cabelo, ou em careca, conforme a sua fortuna, *em carapuça* passou a significar em cabelo, ou, com a calva à mostra.

No uso actual a palavra *carapuça* e o seu derivado masculino *carapuço* significam, com ligeira mudança ou modificação de sentido, «qualquer cobertura mole, para a cabeça, com forma já a ela acomodada, sem abas ou pala, e que serve para a tapar».

Com relação à origem e formação, é o vocábulo em última análise afim do castelhano antigo *caperuça*, moderno *caperuza*, (com o ceceo da consoante da última sílaba), tendo-se dado na palavra portuguesa metátese das duas sílabas mediais; e deve de ser um derivado terciário de *capa*, visto que em castelhano antigo temos *caparaçón*, de que derivou o francês *caparaçon*, e em latim bárbaro existe documentada a forma *caparo*. Cf. ainda o francês *carapasse*, «casca de crustáceo», no qual se deu igua-

<sup>1</sup> VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO.

metátese *-rapa-* em vez de *-para-*, comparado com o castelhano *caparazón*.

Fernám Méndez Pinto na PEREGRINAÇÃO empregou, pelo menos duas vezes, a palavra *carapução*: — « dez ou doze Jani-  
caros de carapuções verdes » —<sup>1</sup>; — « vestidos de hũa cacheyra  
muyto felpuda, com seus carapuções do mesmo nas cabeças » —<sup>2</sup>.

#### carcás

Este vocábulo tinha dantes um sentido diverso do que se lhe dá actualmente, pois significava — « bomba composta de duas ou tres granadas, com metralha, tudo envolto em estopas banhadas em betumes e outras materias oleosas, e por fora um pano breado, a qual se mette n'uma lanterna, na qual vái lume aceso » —<sup>3</sup>.

Hoje em dia emprega-se na literatura como sinónimo de *aljava*, mas o povo não conhece o termo. Em francês é *carquois* (= *carcuá*), e no texto italiano do Livro de Marco Paulo Véneto *tarascasi*, termo que Henrique Yule explica do modo seguinte: — « É transcrição do persiano *tarkaxi*, e o *c* inicial da palavra francesa procede talvez da constante confusão do *c* com o *t* em manuscritos » —<sup>4</sup>.

A forma persiana, conforme Marcelo Devic<sup>5</sup>, é *terker*, vocábulo composto que quere dizer « estôjo para frechas » e que passou para árabe com a forma *TARKAX*, da qual proveem as europeias.

<sup>1</sup> cap. x.

<sup>2</sup> cap. CXXIV.

<sup>3</sup> António de Moraes e Silva, DICIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA, Lisboa, 1823.

<sup>4</sup> THE BOOK OF SER MARCO POLO THE VENETIAN, newly translated and edited with notes and other illustrations, Londres, 1875, I, p. 358.

<sup>5</sup> DICTIONNAIRE ÉTYMOLOGIQUE DES MOTS D'ORIGINE ORIENTALE, Paris, 1876, sub v. CARQUOIS

Quanto ao seu sinónimo *aljava*, arábico é também, *AL-GAOBE*, que tem a mesma significação <sup>1</sup>.

#### cardanho, cardenho

Termo de jiria. « furto »:— « Quando [a ladra Giraldinha] fazia um *cardanho*. tratava de fugir de Lisboa »—<sup>2</sup>.

Parece um derivado artificial do verbo *cardar*. A escrita é duvidosa, visto que na capital *-anho* e *-enho* teem a mesma pronúnciação; todavia, no Riba-Tejo pronuncia-se *cardânho*.

#### careca

É, no seu sentido natural, um termo burlesco para designar a « calva », e um « calvo ».

Além do emprêgo figurado, já inscrito no *Nôvo DICCIONÁRIO*, de « môço de praça de toiros, encarregado de abrir a gaiola aos toiros que vão ser lidados na arena »—, tem outro sentido esta palavra, conforme se vê no *SECVLO*, de 29 de março de 1902:— « *careca* é, no norte, aquelle que deita fogo ás peças de artificio »—.

Tanto uma como a outra acepção é natural que provenham de individuos calvos, que em algum tempo exerceram um desses mesteres. A mesma orijem temos de attribuir a palavras como *carrasco*, por exemplo, que de apelido passou a designar « algoz », por ter havido um com esse nome, derivado, com muitos outros, de nome de terra, a qual o recebeu de árvore que nessa terra era acidente notável.

Quanto à etimolojia de *careca*, direi só que tem aspecto cafrial o vocábulo (cf. *carcunda*, q. v.) <sup>3</sup>, mas não é quimbundo, visto não haver nesta lingua *r* senão antes de *i*.

<sup>1</sup> Eguilaz y Yanguas, *GLOSARIO DE LAS PALABRAS ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL*, Granada, 1886.

<sup>2</sup> O *SECVLO*, de 1 de dezembro de 1901.

<sup>3</sup> V. em *calombo*, e *carrasco*.

## caril

Esta palavra, que significa um adubo muito condimentado, usado na Índia e no sul da Ásia, é o canarim *karil*, «môlho», correspondente ao tãmul *kari*, de que os ingleses derivaram o seu *currie* <sup>1</sup> (pron. *cãri*):— «E deste *coquo* pisado, e tirado o leite... cozem arroz com elle, e he como arroz de leite de cabras. Fazem comeres das aves e carnes (a que chamam *caril*)» —<sup>2</sup>.

A orijem desta palavra parece ser o concani *korī*, a que se daria um plural *caris*, do qual se deduzisse ao depois o singular *caril*: cf. *funil*, plural *funis*, e *candil*, (*q. v.*).

Êste condimento é muito usado em toda a Índia, e modernamente mesmo na Europa. A sua composição, conforme o livro de José Maria de Sá, *PRODUCTOS INDUSTRIAES DO COQUEIRO* <sup>3</sup>, é a seguinte:

— « Coentro . . . . .	20 gramas
Raizes frescas de gengibre . . . . .	15 >
Semente de dormideira . . . . .	5 >
Pimenta redonda . . . . .	4 >
Açafrão . . . . .	4 >
Canela . . . . .	1 >
Semente de cuninho . . . . .	1 >
Alhos . . . . .	2 dentes
Cravo da Índia . . . . .	8 sementes
Cardamomo . . . . .	5 >
Pimenta longa . . . . .	á vontade
Limão . . . . .	uma metade

<sup>1</sup> Burnell & Yule, *A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS AND PHRASES*, Londres, 1886.

<sup>2</sup> Garcia da Orta, *COLÓQUIOS DOS SIMPLES E DAS DROGAS DA ÍNDIA*, Lisboa, 1891, p. 238.

<sup>3</sup> Nova-Goa, 1893, p. 72.

Forma-se uma massa de todos estes ingredientes, moendo-os primeiro separada, e depois juntamente, e junta-se o leite d'uma metade de coco. Estas quantidades bastam para preparar o caril d'uma ave ou d'uma libra de carne » —.

### carinhosa

Em Vila-Real-de-Santo-António designa êste adjectivo, substantivado, um «capuz de senhora».

### carioca

O NÓVO DICIONÁRIO dá duas acepções a êste vocábulo brasileiro: — «pessoa preta ou mulata; pessoa do Rio-de-Janeiro» —. Na segunda acertou; na primeira creio que não, e ainda menos na etimologia que lhe attribui. — «N[ome] p[róprio] de uma ribeira» —.

Conforme o Vizconde de Porto-Seguro <sup>1</sup>, o epíteto *carioca*, de *carĩ* «branco» e *oca*, «casa» — casa do branco — foi pelos *indijenas tupis* aplicado a uma ribeira do Rio-de-Janeiro, perto da qual se estabeleceram os primeiros colonos portuguezes, e depois, por ampliação a todos os naturais do Rio-de-Janeiro, e nominação por êles aceita e que passou ao Continente, servindo em tempos para os designar, não só a êles, mas a todos os *indijenos* nascidos no Brasil.

Conforme o referido autor, a palavra *carĩ* era empregada pelos *tupis meridionais* para se intitularem a si próprios, e aos europeus, com quem conviviam em boa paz.

Vê-se, portanto, que a acepção «preto» ou «mulato» pode estar compreendida no vocábulo *carioca*, a não ser por *tupério*.

<sup>1</sup> L'ORIGINE TOURANIENNE DES AMÉRICAINS. TUPIS-CARIBES DES ANCIENS ÉGYPTIENS, Viena, 1876, p. 2.



Na minha infância era facultativo de nossa casa um brasileiro, natural do Rio-de-Janeiro, por nome Caldas, a quem toda a gente chamava *O Carioca*. Era branco, muito alto, bom médico, e por sinal hábil marceneiro. É a ideia que dêle conservo.

carlagã

Fazenda da Índia <sup>1</sup>.

carmoso

Termo de jíria em Lisboa: um tostão:— «Dê-me agora só um *carmoso*... não sabe o que é?... cinco chetas» —<sup>2</sup> [vinténs].

carneiró, *ou* carreiró, carreirote <sup>3</sup>

Na Ilha da Madeira, certa ave (*Anthus trivialis*).

carocha (= *carócha*), carocho (= *carócho*)

*Carocha* é nome vulgar de um coleóptero pentámero, *carabus*, e, conforme o DICIONÁRIO CONTEMPORÂNEO, o seu correspondente masculino designa uma espécie mais pequena, e também um peixe, que recebeu naturalmente êste nome por ser negrão: cf. *carapau negrão*.

<sup>1</sup> Diocleciano Fernández das Neves, ITINERARIO DE UMA VIAGEM A CAÇA DOS ELEPHANTES, Lisboa, 1878, p. 94.

<sup>2</sup> O DIA, de 25 de setembro de 1902.

<sup>3</sup> Ernesto Schmitz, DIE VÖGEL MADEIRAS, in «Ornithologisches Jahrbuch», x, 1899, I-III.

Como adjectivo, *carôcho*, femenino *carocha* quere dizer «escuro, preto», e dêste adjectivo provém que ao gato preto se dá em geral o nome de *carocho*, nome que, naturalmente pela mesma razão, se applica em Caminha a um barco pequeno de pesca, o qual, como tive occasião de ver, é pintado de preto.

*Carocha* se chamava a mitra que se punha na cabeça aos penitentes, condenados pela Inquisição, quando iam para o patíbulo. Essa mitra era de papelão, e nela se pintavam figuras de diabos monstruosos, requinte de perversidade, inventado para desviar a compaixão que poderiam inspirar aqueles infelizes, despertando um sentimento contrário de horror e asco em quem os visse. A esta mitra alude Gil Vicente no VELHO DA HORTA:

— Com cent' açoutes no lombo,  
E ùa carocha por capela —.

É singular a analogia que se dá entre *carocha* e o adjectivo *caro*, comparados estes dois vocábulos com *barato* e *barata*. insecto, o qual provém de *blatta*, latino.

#### carola, carolo

A palavra *carola* tem três acepções, uma das quais independente, e que portanto deve ser considerada como vocábulo d<sup>o</sup> tinto.

Temos pois: *Carola* (1): «dança de roda».

É o francês *carole*, o inglês *carol*, o italiano *carola*, que é, vocábulo próprio das linguas célticas, como pretende Skeat<sup>1</sup>; o latim *choreola*, como outros pretendem.

*Carola* (2): do latim *corolla*, deminutivo de *corona*,

<sup>1</sup> A CONCISE ETYMOLOGICAL DICTIONARY OF THE ENGLISH LANGUAGE, Ocsónia, 1887.

*roa*, que os padres abrem no cabelo, no alto da cabeça, o *rquilha*. Por extensão: «o indivíduo que tem coroa aberta», padre; o *irmão* que, de cabeça descoberta, acompanha as processões, com capa e tocha; a cabeça descoberta; o indivíduo que compraz em figurar em festividades religiosas; o devoto; o entusiasta por qualquer causa, e que se presta, por vaidade, por interesse, ou por dedicação, a tomar parte activa em qualquer sociedade, grémio, partido, facção, etc.».

*Carola* (3), como nome próprio, é abreviatura de *Carolina*. *Carola*, «cabeça descoberta», derivou-se um masculino correspondente, *carôlo*, com o tónico fechado, como é de regra, que quer dizer: «pancada na cabeça».

O substantivo *carôlo*, «maçaroca esbagoada, pão de farinha grossa, chapas de farinha grossa de milho, etc.», é de certo outro vocábulo #

*Carôlo* além das acepções contidas nos dicionários tem mais, pelo menos uma, a de uma massa grossa, de farinha de trigo e água, de que usam os sapateiros, ou usavam ainda até pouco tempo.

arpinteiro

Como termo teatral, significa «o indivíduo que arma o cenário no palco».

carranca

Este vocábulo português tam expressivo, e cujos matizes de acção estão perfeitamente compendiados no VOCABULARIO GUEZ E LATINO do insigne Rafael Bluteau, é considerado pelos nossos lexicógrafos como uma modificação de *cara*, e declararem os processos de derivação que o produziram, e o motivo o *r* se profere e escreve dobrado, sendo certo que nas línguas das Espanhas jamais se confundiram *rr* e *r*.

aventarei étimo algum, mas apenas chamarei a atenção ao vocábulo sanscrito कवाम्का, o qual, segundo Monnier

Williams <sup>1</sup>, significa «crânio, cabeça» (the skull, the head), e além disso, note-se, uma casca de côco, vazia, e preparada para servir de copo, ou vasilha (a cocoa-nut hollowed to form a cup or vessel).

Em outra inscrição do mesmo dicionário, em TÂMBŪLA, «bétele», vemos a seguinte explicação:— «*Tâmbûla-karan'ka*, the *Pân-dân* or betel-box (this box generally resembling a *karan'ka* or hollowed cocoa-nut)» —<sup>2</sup>.

Esta singular coincidência, e já vou explicar em que ela consiste, autorizaria talvez a suposição de que o vocábulo tivesse vindo da Índia, não digo directamente do sânscrito, mas de qualquer das línguas vernáculas de lá, principalmente se a palavra não existe em outro dos vários idiomas da Península Hispânica com êste significado, nem em nenhuma outra do domínio românico.

A coincidência está no seguinte facto:

*Carranca* quiere dizer «cara feia», e *côco*, como é sabido, significava em português, e hoje ainda em castelhano, o que actualmente chamamos *papão*, isto é, uma figura de catadura ruim, com que se mete medo às crianças. Os portugueses, ao verem pela primeira vez o fruto do coqueiro, compararam-no a uma dessas caras de arremeter, e applicaram-lhe o nome com que desde então é conhecido em toda a Europa.

É esta a origem que lhe dão João de Barros, Garcia da Orta; e o ROTEIRO DA VIAGEM DE VASCO DA GAMA, sem primeiro o nomear, descreve-o do seguinte modo:— «As palmeiras dam uma fruta... como mellões, e o miollo... he o que comem e sabe como junça avellanada» —<sup>3</sup>. Mais adiante, porém, já o designa pelo seu nome:— «e o mantimento era coquos» —<sup>4</sup>.

Eis aqui o final do interessante passo de João de Barros, no

<sup>1</sup> A SANSKRIT-ENGLISH DICTIONARY, Ocsónia, 1872.

<sup>2</sup> *ib.*, p. 369, col. III.

<sup>3</sup> Lisboa, 1861, p. 28.

<sup>4</sup> *ib.* p. 94.



qual descreve longamente o *côco* e o *coqueiro*. — « Esta casca per onde aquelle pomo recebe o nutrimento vegetavel, que é pelo pé, tem uma maneira aguda, que quer semelhar o nariz pôsto entre dous olhos redondos, por onde elle lança os grelos, quando quer nascer: por razão da qual figura, sem ser figura, os nossos lhe chamaram *côco*, nome imposto pelas mulheres a qualquer coisa, com que querem fazer mêdo ás crianças; o qual nome assi lhe ficou, que ninguem lhe sabe outro, sendo o seu proprio, como lhe os Malabares chamam, Tenger, e os Canaris Narle » —<sup>1</sup>.

Garcia da Orta <sup>2</sup> diz: — « e nós, os Portugueses, por ter aquelles três buracos, lhe pusemos o nome *coquo*; porque parece rosto de bugio ou de outro animal » —.

Ora, significando *karanka* « cabeça » e « noz de côco », representando a boceta do bétele em geral uma cabeça ou crânio, *karanka*, e tendo os nossos denominado *côco* a *tenga* ou *narle* da Índia, por semelhar uma cara feia, é possível que o vocábulo *karanka* passasse para cá com a significação de cara disforme, como aquella que as bocetas do bétele semelhavam, e que os nossos julgaram ver no fruto.

Repito que isto é apenas uma conjectura, cuja probabilidade é muito precária, e desaparecerá se o vocábulo *carranca* fôr mais antigo na língua que as nossas relações com a Índia; para que não suceda o que aconteceu à palavra *varanda*, que se supôs indiana, quando ela já existia em português e em castelhano, antes de aparecer nas narrações dos nossos descobrimentos do seculo xv e xvi.

Devo ainda advertir que, se *carranca* não existe em castelhano, nem com as significações portuguesas nem com outras, encontra-se em galego, querendo dizer, conforme o dicionário de Cuveiro Piñol <sup>3</sup>, — « carrancas — patizambo, contrahecho, de

<sup>1</sup> DA ÁSIA, DÉCADA III, l. III, cap. 7, Lisboa, 1777.

<sup>2</sup> COLÓQUIOS DOS SIMPLES E DAS DROGAS DA ÍNDIA, I, p. 234, Lisboa, 1891.

<sup>3</sup> DICCIONARIO GALLEGO, Barcelona, 1876.

piernas especialmente »; e — « carrancudo — (ant.) tieso, espetado » —.

O vocábulo *côco* designa nos Açôres « inhame » <sup>1</sup>.

#### carrapiço

Em Trás-os-Montes significa « pedaço de velo difficil de carrear (desembaraçar) ».

No NÓVO DICIONÁRIO é êste vocábulo dado como provincial, com o sentido de — « espécie de pequenino ouriço, que encerra as sementes de certas ervas e que se agarra facilmente ao fato da gente e á lan do gado lanígero » —.

#### carrapito, carrapiteiro

Conforme informação da minha criada Maria do Rosário, natural da Chamusca, designa êste nome, no Riba-Tejo, a roseira brava.

A significação primordial de *carrapito* é « chifre ».

#### carrasco, carrasca, carrascão

*Carrasco* é um termo de botânica vulgar, a que cientificamente corresponde *quercus coccifera*, e dêste vocábulo, cujo étimo é desconhecido, mas ao qual corresponde em castelhano *carrasca*, se derivam os substantivos *carrasqueiro*, *carrascal*, « sítio em que existem carrascos », *carrasca*, « lenha », « casca de pinheiro », e « espécie de oliveira », e os adjectivos *carrasquenho*, *carrascão* (vinho), etc.

Com o primitivo *carrasco*, ou seus derivados, se denomina-

<sup>1</sup> REVISTA LUSITANA, II, p. 47.



ram muitos lugares em Portugal: *Carrasca*, *Carrascal*, *Carrascais*, *Carrascalinho*, *Carrascas*, *Carrascosa*, *Carrasqueira*, *Carrasqueiro*, *Carrasco*; e é sabido que nomes de plantas contribuem consideravelmente para a toponímia em todos os idiomas, e nomeadamente nas línguas românicas. Frequente é também que êsses nomes de localidades passem a apelidos de família, e dêste modo é muito usual o de *Carrasco*. Dêste apelido, conforme Bluteau, proveio a acepção que, como substantivo comum, tem êste vocábulo em português:— «Desde o tempo de Belchior Nunes *Carrasco*, que na cidade de Lisboa era Algoz, chamou o vulgo aos Algozes *Carrascos*» —<sup>1</sup>.

*Algoz* dizem os arabistas ser o nome de uma tribo turca, cruelíssima, cujos indivíduos eram empregados pelos mouros nos mesteres de carneiros e de verdugos. Esta última palavra é também um enigma.

Körting <sup>2</sup> diz-nos ser um latim vulgar *viriducum*, derivado de *viridem*, «verde». Designava *verdugo* uma «vara verde» (cf. *verdasca*), que servia de açoute, e de instrumento de tortura passou o nome a designar o homem incumbido de a aplicar.

Deve ter-se em atenção que, havendo tantos nomes de lugares formados em Espanha com o substantivo *carrasco* e seus derivados, e sendo o apelido *Carrasco* lá vulgar, a começar no bacharel *Sansão Carrasco*, amigo de Dom Quixote, não tem em castelhano o vocábulo *carrasco* a acepção de «algoz», o que confirma o étimo proposto por Bluteau.

Digna de reparo é também a coincidência de o algoz de Luís XVI de França se chamar *Sansão*, e ser *carrasco*; entanto que o *Sansão Carrasco* do Dom Quixote era excelente criatura. O espanhol era *Sansão Carrasco*, o francês era *Sansão* e foi *carrasco* de veras.

<sup>1</sup> VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO.

<sup>2</sup> LATEINISCH-ROMANISCHES WÖRTERBUCH, Paderborn, 1890, 8758.

## carregar, cárrego, carga, cargo, descarregar

Do verbo *carregar* derivou-se um substantivo verbal rizotónico, que deveria ser *carréga*, mas que, na realidade, é *carga*. Análogo a êste há, em português, *folgar*, *folga*, a par de *fôlego*, que melhor se escreverá *fôlgo*, para evitar uma excepção que, segundo a pronúncia comum, seria só ortográfica. Em castelhano o verbo correspondente a *carregar* é *cargar*, em que se deu a elisão da vogal medial, como aconteceu em português com *folgar* { follicare, como *carregar* { caricare.

Acepção especial de *carregar* é esta que vemos na publicação Portuguesa <sup>1</sup>:— «A fiandeira põe a roca á cinta, depois de carregada» —, isto é, «depois de lhe ter pôsto o linho, que vai fiar».

*Cargo* é derivado masculino de *car(re)gar*, em qualquer acepção em que seja tomado, incluindo a de certa fogaça, ou armação piramidal enfeitada de bolos, flores e frutas, que se vende em leilão nos arraiais, ou festas populares a algum santo.

O verbo *descarregar* tem várias acepções que se relacionam com *carga*.

Antigamente tinha ainda outra, em relação com *encargo*, *cargo*, ou *cárrego*, como se dizia:— «Dêste cometimento do Infante ficou El-rei descarregado e mui ledo» —<sup>2</sup>, isto é, «exonerado, aliviado».

## carreirão

O sufixo *-ão* é em português, como em espanhol o seu correspondente *-ón*, com ou sem inficso, *z*, *c* (*homemzarrão*), aumentativo, e consequentemente vocábulos como *cordão* oferecem todas as probabilidades de ser de orijem francesa, onde, ao con-

<sup>1</sup> I, p. 372.

<sup>2</sup> Rui de Pina, CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. LXXXIX.



trário, o sufixo *-on* é deminutivo, *oison* = « petit de l'oie »; conquanto em algumas dições tomadas a esta língua, o sufixo português *-ão*, que se deu como correspondente ao *-on* francês, readquirisse em português, por analogia, o seu valor próprio, do que é exemplo *salão*, derivado de *salon*, sendo que em português é aumentativo de *sala*, e em francês orijináriamente um deminutivo de *salle*.

A regra, porém, não é geral, visto que em Trás-os-Montes *carreirão* é deminutivo de *carreiro*, no sentido de « caminho para carros », e no Algarve *aguidão*, é deminutivo de *aguida*, *agúdia* (q. v.).

Que a palavra *carreirão* é deminutivo, e não aumentativo, como poderia conjecturar-se, prova-o a menção expressa que vou citar: — « A subida do rio até ao cabeço que conduz á chã ou praina, faz-se por atalhos ou carreirões de grande acclive. . . » —, e em nota: — « deminutivo de « carreiro », caminho de carros » —<sup>1</sup>.

#### carrejar, carrejo

São formas duplas com *carrear*, *carreio*. Todavia, *carrejo* tem um significado muito especial como termo da Estremadura, correspondente ao castelhano *acarreo*: é o que os ingleses designam com a palavra *drift* { *draw*, « arrastar, puxar » isto é, são as várias substâncias que as águas correntes trazem em suspensão até que as depositam, e o depósito que consiste nessas substâncias assim *carrejadas*. É termo muito expressivo, usado no Ribatejo, e com vantagem da vernaculidade da nomenclatura científica poderia ser adoptado em geologia.

---

<sup>1</sup> Manuel Ferreira Deusdado, O RECOLHIMENTO DA MÓFREITA, in « Revista de educação e ensino », 1891.

## carretilho

Na Beira-Baixa dá-se êste nome ao «carrinho de mão»<sup>1</sup>, que os franceses chamam *brouette*, termo de que o beirão é tradução excelente, que merece ser generalizada. É um evidente diminutivo duplo de *carro* } *carrête* } *carretilho*.

## carriço, carriça; encarriçado

No Suplemento ao NÓVO DICIONÁRIO vemos a primeira destas formas, como termo da Bairrada, com o mesmo significado de *carrapiço* (q. v.).

No corpo do dicionário, porém, fôra essa forma masculina definida como — «planta cyperácea (*currex ambigua*)» —. A forma feminina é aí dada apenas como designando certa ave, da qual uma espécie se denomina *carricinha*.

Nos meus apontamentos tenho ambas as formas, em significações análogas, mas não em absoluto idénticas, como pertencentes ao vocabulário transmontano (Rio-Frio): *carriça*, «monte de herva, tufo de cabelo»; *carriço*, «indivíduo de cabelo crespo».

Ao adjectivo participial *encarriçado* dá o dito Suplemento como significado o seguinte: — «(prov. beir.). Diz-se da galinha toda occupada em chocar os ovos. (Talvez por *encarniçado*. não vem de *acarrado*)» —.

É evidente que procede de *carriço*, e que a aplicação do epitheto à galinha que está no chôco provém de ela ali estar *tufada*, com as penas arripiadas. Vê-se pois que *carriça* e seus derivados se não limitam a tam pequena parte do reino como a respeito de qualquer destes vocábulos se depreende que em separado se diz dêles: são mais gerais.

No capítulo que, com o título RAÇAS E TIPOS HUMANOS,

<sup>1</sup> Informação do editor, natural de Almeida.



crevi para os «Elementos de Geographia Geral» de Manuel Ferreira Deusdado, usei do adjectivo *encarriçado* para descrever o aspecto do cabelo dos papuas:— «cabelo negro, encarriçado e emmaçarocado» —<sup>1</sup>.

#### carrinha

O NÓVO DICIONÁRIO dá êste vocábulo como alentejano, dizendo-nos que é— «pequena carroça»—. Todavia, no jornal O SÉCULO, de 14 de agosto de 1903, lê-se o seguinte trecho, que amplia o nome a veículo algarvio:— «outros dirigiram-se a Portimão no transporte característico da região [Lagos], as denominadas *carrinhas*» —.

#### cartapaço, cartapácio, cartapele

A palavra *cartapácio* está rejistada em todos os dicionários com os dois significados principais, de «caderno de apontamentos», e de «livro volumoso e de pouco préstimo».

Conforme F. Adolfo Coelho <sup>2</sup>, é um latim da decadência *charta pacis*, e é termo escolar.

Uma forma um tanto mais portuguesa, *cartapaço*, porém, tem em Trás-os-Montes acepção muito diferente, como se vê do seguinte passo:— «cartonagem de molduras para estampas de santos, para cartapaços de rocas e camandulas» —<sup>3</sup>. É pois um cartucho de papel, que se põe na roca de fiar.

Outro nome do mesmo amparo é *cartapele*, usado na Beira, como vemos no NÓVO DICIONÁRIO.

<sup>1</sup> Lisboa, 1891, p. 219.

<sup>2</sup> DICIONARIO MANUAL ETYMOLOGICO.

<sup>3</sup> Manuel Ferreira Deusdado, O RECOLHIMENTO DA MÓFREITA, in «Revista de educação e ensino», 1891.

## cartazeiro

O indivíduo incumbido de pregar os cartazes nas paredes <sup>1</sup>.

## caruma

Êste vocábulo é dado no NÓVO DICIONÁRIO com a significação de— «folha de pinheiro»—, isto é, a *agulha* ou *agulheta*.

No Suplemento acrescenta-se— «(prov. beir.) a pellicula que reveste as castanhas ainda verdes e tenras»—. O DICIONÁRIO MANUAL ETYMOLOGICO declara ser termo provincial e significar— «resina de pinheiro»—. Creio que a primeira acepção é muito concreta, e, com relação à ultima, tenho-a por inexacta.

Na SOBERANIA DO POVO, jornal de Águeda, de 21 de setembro de 1882, lia-se:— «ao pé do lar estava uma porção de caruma e lenha, que se incendiaram ao calor do fogo proximo»—. Por êste trecho é *caruma* um colectivo, que poderá talvez designar «rama de pinho», e não, «uma fôlha de pinheiro».

## carunho

No NÓVO DICIONÁRIO vem esta voz como transmontana, com a significação de *carôço*; nos meus apontamentos tenho-a com o *carunho* minhota, com o mesmo significado.

## casa, e seus derivados

Êste substantivo, que em português unicamente, mas não todo o reino, significa qualquer dos repartimentos internos

<sup>1</sup> O ECONOMISTA, de 13 de novembro de 1887.

ma habitação, além de expressar o edificio todo, como em castelhano ou italiano, sofre inúmeras particularizações de sentido, quer só, quer acompanhado de epítetos, expressos por adjectivos, por aposição de substantivos, ou por complementos circunstanciaes. Eis aqui algumas dessas locuções, ainda não registadas.

*Casa-torre*:— «Logo em seguida deparam-se-nos as *casas-torres* (linguagem do Minho)» —<sup>1</sup>.

#### V. castelo.

*Casa-palhoça*:— «Ha as coberturas de palha centeia nas chadadas *casas-palhoças* (Amarante, Marco, etc.)» —<sup>2</sup>.

*Casa-de-entrada*:— «A casa de entrada só tem de notavel as *cantareiras* de loiça, estanho, arame e cobre que ornamentam as paredes de alto a baixo, em flammantes estanheiras e sanefas de pinho, tintas de azul e encarnado» —<sup>3</sup>.

Há para apontar aqui, além do colectivo *loiça*, excluindo a de metais, o termo *estanheira*.

*Casinha*, termo alentejano:— «O nome «casinha» consideramol-o improprio. Na maioria dos montes o alojjo está longe de ser um pequeno cubículo, é pelo contrario uma casa ampla, que accomoda á vontade vinte e trinta homens» —<sup>4</sup>.

*Casinhola*:— «O galinheiro é provido de poleiros sufficientes para repouso dos *bicos* [q. v.], e de casinholas ou cestos para postura dos ovos» —<sup>5</sup>.

*Casinholo*:— «Em alguns montes o galinheiro serve também de pombal, para o que tem nas paredes os casinholos indispensaveis para a criação dos pombos» —<sup>6</sup>.

*Caseiro*, além de significar quem tomou casal de renda, ou o cultivava por conta do dono, tem, conforme as rejiões, mais dois significados, entre si opostos: a) «o senhorio», como em castelhano *casero*:— «O caseiro... lançou o padre fora das casas em

<sup>1</sup> J. Leite de Vasconcelos, PORTUGAL PREHISTORICO, p. 19.

<sup>2</sup> OS PALHEIROS DO LITTORAL, in Portugalia, I, p. 83.

<sup>3</sup> *ib.* ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALENTEJO, p. 537

<sup>4 5 6</sup> *ib.* p. 541 e 545.

que morava... o mesmo fizeram mais os tres caseiros, para cujas casas o padre se mudava » —<sup>1</sup>.

Nesta acepção parece ser obsoleto.

b) « o inquilino »:— « Os caseiros... foram pagar as importancias dos seus alugueres em notas de 54000 réis. O senho-rio... recebeu as notas » —<sup>2</sup>.

*Casa* designa em português, singularmente, « a abertura em que entra o botão », que em castelhano se denomina *ojal*, em francês *aillet*, que correspondem ao nosso vocábulo *ilhó(s)*, no qual o *i* átono está por *o* por influência da palatal *lh*: *ilhó* por *olhó*, de *ólho*, com um sufixo *ó(l)a*.

De *casa* nesta acepção se derivaram *casear* e *caseadeira*, que significa « a mulher que abre as casas no fato e as garante ou remata ».

O que é menos conhecido é o verbo *casear*, com a signifi-ção de « fazer moradas de casas », como o vemos empregado no passo seguinte:— « impoz este tributo ao vinho, para casear Villa Nova » —<sup>3</sup>.

casaca, casaco

*Casaca*, de que se formou, além de outros derivados, um masculino com a signifição de qualquer peça de vestuário que se põe por cima do colete ou de outro casaco, veio para Portugal provavelmente de França, onde *casaque* queria dizer um « sobretudo ». Para o francês, em opposição ao que afirma Littré<sup>4</sup>, escudando-se com Diez, veio *casaque*, presumivelmente designando primeiro « farda », do roupão usado pelos cossacos, que em russo se denominam KOZAKI, pronunciado *kazáki*.

<sup>1</sup> BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 241.

<sup>2</sup> O SÉCULO, de 1 de outubro de 1901.

<sup>3</sup> E. Freire de Oliveira, ELEMENTOS PARA A HISTORIA DO MUNICÍPIO DE LISBOA, I, p. 178.

<sup>4</sup> DICTIONNAIRE DE LA LANGUE FRANÇAISE, Paris, 1881.



No termo de Lisboa, entre çaloios, um *casaca* quiere dizer « o individuo de Lisboa, *da cidade*, que não usa jaleca », naturalmente porque, quando tal apodo foi introduzido na linguagem dêles, a *casaca* era traje obrigado da gente fina, a toda a hora do dia, isto é, a *casaca*, o *frac* francês e castelhano, com as abas sómente na parte posterior e compridas, porque, se eram curtas, essa peça de vestuário denominava-se *niza*.

Quando eu era rapazote, as pessoas de certa representação, ou que pretendiam tê-la, trajavam sempre *casaca* quando estavam de luto, e ainda há pouco tempo deixou êsse traje de ser o próprio dos funerais e outras solenidades diurnas.

Exemplo de *casaca* como « individuo da cidade » é o seguinte: — « um ou outro saloio que não se intimida com o casaca » —<sup>1</sup>.

Como se vê, a citação é moderna; mas o termo tende a obliterar-se, em razão de maior convivência entre a gente de Lisboa e a dos subúrbios, e porque a diferença radical no trajar se vai abolindo pouco a pouco numa promiscuidade quási absoluta: o povo acrescentou as abas às jaquetas, convertendo-as em *casacos*, *paletós*, e as pessoas de distinção cercearam-nas, de forma que acrescentando-as uns e encolhendo-as os outros, resultou ficarem do mesmo comprimento. Nada mais igualitário do que as modas, e ainda bem!

#### casqueira

— « É toda feita [a ratoeira de raposa] de madeira de pinho, geralmente casqueiras ou taboas velhas, afim de inculir menos desconfiança » —<sup>2</sup>.

Há um provérbio que diz: « Ou dá tábua ou casqueira ».

O sentido do provérbio é: « todo o individuo tem uma ser-

---

<sup>1</sup> O SÉCULO, de 18 de junho de 1901.

<sup>2</sup> José Pinho, ETHNOGRAPHIA AMARANTINA, A caça, in Portuguesia, II, p. 90.

ventia qualquer », como a árvore, com relação à madeira, boa ou ruim, que se aproveita dela.

#### cassungo

Esta palavra, propriamente, significa um povo da Guiné:— « Os principaes povos espalhados pelos sertões, margens dos rios e costas, ou littoral na Guiné são: « os fulos, os jalofos, mandingas, felupes, churos, banhames, burames ou papeis, bijagos, cassungos, beafares, nalins, balantas, lapes e sacalages » —<sup>1</sup>. Felizmente quem escreveu isto, ortografou tudo à portuguesa, em contrário da pretenciosa moda actual.

Dêste nome étnico se derivou sem dúvida o de uma espécie de contaria, naturalmente bem aceita por tal povo na permuta termo já registado no Suplemento do Nôvo Dicc., abonado com Capelo e Ivens, mas que em vista de um anúncio publicado no *Economista*, de 4 de novembro de 1882, vou explicar também:

« contaria, que se vende aos massos: é de varias côres, tais como branco, preto, encarnado, azul-celeste » —.

#### castelhano

Quere dizer propriamente de Castela, em espanhol *castellano*, de *Castilla*, antes *Castiella*.

Castelhanismo é também esta forma em portugês, pois antes se dizia *castelão*:

— Aqui jaz Simom Anton,  
Que matou muito castelão,  
E debaixo do seu covom  
Desafia a quantos são —<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> O *SPECTRO*, de 23 de abril de 1902.

<sup>2</sup> D. Rafael de Bluteau, VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO, sub e. COVAM.





No Algarve é o nome de uma casta boa de figo:— «O mais aristocratico é o «Berjacote... e o Castelhana»—<sup>1</sup>.

castelo; castelário, casteleiro

Aqui vão mais duas acepções especialíssimas desta palavra, devidamente abonadas.— «A mesma aparência de casaes arreos, *castellos*, ou *torres* (assim se chamavam as casas de sorado)»—<sup>2</sup>.

— «Castellos se denominavam uns mastros de maçaneta doada com muitos enfeites de fitas e galhardetes»—<sup>3</sup>.

*Castelo* é também uma peça de moinho: v. **segurelha**.

O derivado alatinado *castelário* { *castellum*, deminutivo de *astrum*, a que em português corresponde *casteleiro*, é usado por Alberto Sampaio na monografia *As «VILLAS» DO NORTE DE PORTUGAL*:— «os nossos castellos também não foram instrumento de opressão ou rapina, [como os de outros países em que mais redominou o feudalismo] porque serviam de defesa de terras nas mãos dos castellaríos ou castelleiros, delegados do rei»—<sup>4</sup>.

castro, castrelo, castrejo, crasto, cristelo, crasta, crasteiro

O Novo Dicc. dá-nos os dois primeiros vocábulos, e define primeiro como— «castello de origem romana»—: cumpre acrescentar «ou pre-romana». *Castrejo*, com o feminino *castreja*, penas o incluiu com a significação de— «natural de Castro-Laboreiro»—. Todavia, tanto *castreja* como *castrejo*, e assim também *crasto* e *cristelo*, são igualmente substantivos, com significados análogos, e todos êles muito frequentes na toponímia

<sup>1</sup> O JORNAL DA MANHÃ, de 4 de novembro de 1885.

<sup>2</sup> Portugalia, I, p. 178.

<sup>3</sup> António de Campos, LUIS DE CAMÕES, II parte, cap. XIV.

<sup>4</sup> in Portugalia, I, p. 580.

do norte de Portugal, onde por toda a parte os castros coroam as eminências, como é sabido. O ultimo citado, como nome de localidade, costuma escrever-se erroneamente *christello*, como se absurdamente tivesse alguma cousa que ver com *Christo*: outro tanto aconteceu a *sachristão* e *sachristia*, que proveem do latim *sacrum*, e não de *Christo*, e, portanto, em qualquer ortografia, devem escrever-se sem o *h*, *sacristão*, *sacristia*.

*Crasto* é pois o mesmo que *castro*, de que é metátese:— «em Portugal os monumentos archaicos, luso-romanos ou pre-romanos, são conhecidos por diversos nomes:— *castello*, *castello*, *crasto* (do latim *castrum*)» —<sup>1</sup>.

*Crasta* significava *claustra*, e é natural que seja o plural latino *claustra*, de *claustrum*, de *claudere*, «encerrar». As formas intermédias podem reconstituir-se: *claustra* } *clastra* (cf. *agosto* de *Augustum*) } *crastra*, *crasta*, por dissimilação (cf. *cravo* } *clauum*, e *rosto* } *rostrum*).

É vocábulo independente, portanto, de *crasto* <sup>2</sup>.

*Crasteiro* é adjectivo derivado de *crasta*, e foi usado modernamente, conquanto provavelmente colhido em documentos antigos:— «esse que fora prior crasteiro de Santa-Cruz» <sup>3</sup>.

O vocábulo vem no DICTIONNAIRE PORTUGAIS-FRANÇAIS de J. Inácio Roquete, com remissão a *CLAUSTRAL* <sup>4</sup>.

catana, catanar

O último dicionário português publicado, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Cândido de Figueiredo, define da seguinte maneira o vocábulo *Catana*:— «alfange asiático; pe-

<sup>1</sup> Leite de Vasconcelos, *PORTUGAL PREHISTÓRICO*, p. 62.

<sup>2</sup> Veja-se A. A. Cortesão, *SUBSÍDIOS PARA UM DICIONÁRIO COMPLETO DA LÍNGUA PORTUGUESA*, Coimbra, 1900.

<sup>3</sup> António de Campos, *LUIZ DE CAMÕES*, in «O Seculo», de 26 de julho de 1900.

<sup>4</sup> Paris, 1855.

quena espada curva; espada com bainha de madeira, em uso entre os timôres» —, e dá-lhe, em dúvida, origem japonesa. No Suplemento ao mesmo dicionário [2.º vol., p. 775, col. II] atribui-se-lhe origem italiana presumível, *cattana*, feminino de *cattano*, contraído de *capitano*, contracção que designaria «espada de capitão». Efectivamente, Petrocchi<sup>1</sup> aduz como desusado o vocábulo *cattano*; todavia, apresenta-nos também *catana*, que define — «sorta di scimitara o di pugnale giapponese» —.

Bluteau, no VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO, diz-nos: — «CATANA, catána. He palavra do Japão. *Við.* Alfange. Terçado. (Todo o primor vay em alimpar a *Catana* com o rosto sereno & alegre: Lucena, Vida de S. Franc. Xav. fol. 473, col. 2)» —.

Cumprer notat que em Lucena, lugar citado [Liv. VII, cap. 2.º], se acentua *cataná*; como, porém, duas linhas mais abaixo vem um erro tipográfico, «tatisfeitos» por «satisfeitos», e em toda a interessantíssima obra mais algumas incoerências de acentuação, seria mester compulsar pacientemente essa edição [Lisboa, 1600], para se averiguar se o dito vocábulo é mais vezes citado, com esta ou outra acentuação. Não o faço agora porque me falta ocasião e tempo, e por ser provável que o próprio Bluteau, es-erupulosíssimo como se nos revela em todo o seu famoso Vocabulário, não assentasse na acentuação que indica, sem para isso ter motivos ponderosos, tanto mais que é ela a certa.

A acentuação *catána* é corroborada pela segunda citação abonatória, tirada do poema MALACA CONQUISTADA, de Francisco de Sá e Meneses, que transcreverei, com os dois versos que a antecedem no poema:

[Com pouca ocasião que procurarão  
Descobrirão seu fim sanguinolento]  
E nos derão do mal já tardo aviso  
Mil crizes, mil catanas d'improviso.

CANTO III, EST. 49.

---

<sup>1</sup> NÓVO DIZIONÀRIO UNIVERSALE DELLA LINGUA ITALIANA, Milão, 1887, t. I.

Há ainda terceira citação, de Francisco Rodríguez Lôbo, *CORTE NA ALDEIA*. Como porém é em prosa, fôra inútil para o caso reproduzi-la aqui.

Morais [DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA, 3.<sup>a</sup> edição, Lisboa, 1823] transcreve esta última citação.

O GRANDE DICCIONARIO PORTUGUEZ, chamado de Domingos Vieira, reproduz, com cento e sessenta anos de intervalo, as citações de Bluteau, modificando, todavia, a definição do vocábulo: aí *Catana* é — «alfanje asiático» —. O mesmo fizeram outros dicionaristas anteriores e posteriores aos editores do GRANDE DICCIONARIO, omitindo as citações e transcrevendo essa definição mais lata de «alfanje asiático», a qual provavelmente foi sujerida pelas duas últimas citações, que se não referem ao Japão.

Seria de interêsse compulsar toda a literatura portugueza do tempo de Lucena e imediatamente anterior ou posterior, em cata dêste curioso termo, que de tam longe nos veio; por agora contentar-me hei com esta, que aproveitei sem maior trabalho.

No vocábulo *Alfanje*, para onde Bluteau nos remete, nada se acrescenta à definição que a elucide; antes ficou prejudicada, levando talvez essa remissão os lexicógrafos posteriores a darem os dois vocábulos como sinónimos, pois nos dizem que ambos designam «espadas curvas asiáticas». Roquete, quer no NOUVEAU DICCIONNAIRE PORTUGAIS-FRANÇAIS [Paris, 1855], onde se limita a traduzir *catana* por *coutelas*, quer no DICCIONARIO PORTUGUEZ [Paris, 1867], em que a define como *terçado*, suprimiu a especificação de *japonês*, dada e autenticada por Bluteau, o que outros também fizeram; e no DICCIONARIO DE SYNONYMOS omitiu *catana*, quando dá a sinonímia de *espada*, discriminando, com maior ou menor artificio, os termos *espada*, *gládio*, *terçado*, *durrindana*, *alfanje*, *cimitarra*.

F. Ad. Coelho, no seu DICCIONARIO MANUAL ETYMOLOGICO DA LINGUA PORTUGUEZA (Lisboa, sem data) aceitou, sem reparo, a etimologia apontada por Bluteau, definindo também o vocábulo como significando — «alfanje asiático» —.

Não tenho ao meu alcance agora todas as muitas edições e todos os dicionários portuguezes, para averiguar se outros se

lhantemente nos dizem ser a *catana* «um alfanje asiático», sem limitação de povo ou povos da Ásia que o usassem. mesmo concordando, ou não, em que o vocábulo seja japonês.

F. Diez <sup>1</sup> não dá o vocábulo, nem em italiano, nem em português. Körting <sup>2</sup>, em o n.º 1628, dá-nos o italiano *catana* como presumivelmente modificado de um étimo hipotético, *captana*, com a significação de — «casacca dei cacciatori» —, ao que o Nôvo Dicc. em certo modo alude, quando diz no Suplemento: — «designando veste de capitão, e, entre nós, a espada de capitão» —.

O Nôvo Dicc. às definições anteriormente dadas, a que nos referimos, acrescenta que o termo é também aplicável às espadas dos timores. É possível que assim seja; é licito, porém, hesitar em admitir essa atribuição do nome, não só porque não está abonada, mas também porque «espada» na língua dos timores se diz *súric*, conforme o DICCIONARIO PORTUGUEZ-TÉTUM de Sebastião Maria Apparicio da Silva [Macau, 1889]; e principalmente por ignorarmos o fundamento com que Sá e Meneses deu este nome às espadas malaias.

Que o vocábulo é japonês, como afirmara Bluteau e aceitaram Morais, Ad. Coelho e Când. de Figueiredo, não há dúvida, pois nessa língua *katana* significa realmente não só «espada», mas também «faca»; pôsto que este último objecto seja mais especialmente designado por um substantivo composto de *ko*, «criança», e *katana*, isto é, *ko-gatana*, com o abrandamento da inicial do segundo componente, que é de regra, e por uma *catarse* injénuu, como a que em malaio se emprega para designar a *chave* com o epíteto de «filho da fechadura» (*ának kúnchi*), e o degrau como «filho da escada» (*ának tanga*). Que o vocábulo *katana* denomina na actualidade não sómente a espada levemente curva japonesa, mas até a espada usual de mu-

<sup>1</sup> ETYMOLOGISCHES WÖRTERBUCH DER ROMANISCHEN SPRACHEN, Bonn, 1869-1870, 3.ª edição.

<sup>2</sup> LATINISCH-ROMANISCHES WÖRTERBUCH, Paderborn, 1871.

nição, europeia, vemo-lo no vocabulário apenso à gramática japonesa de Seidel <sup>1</sup>, muito recente, conjuntamente com *ken*, *turigi*, *wakisassi* (*sic*: = *uákizáci*).

O que ocorre perguntar é se o vocábulo *catana* veio para português directamente do japonês, ou por intermédio do italiano. Tenho como certo que a primeira solução é a unica aceitável, não só pela definição de Bluteau e primeira citação com que a abonou, mas também atentando nas estreitas relações que os portugueses tiveram com o Japão nos séculos XVI e XVII.

É igualmente ponderosa em favor desta solução a circunstância seguinte: A tradução italiana, quasi contemporânea, da obra de Lucena, feita pelo P. Luís Manson, como Lucena da Companhia de Jesus [Roma, MDCXIII], traduz no indicado passo *catana* por *scimitarra*, o que testemunha não ter sido ainda admitido em italiano o referido vocábulo japonês, que naturalmente passaria de Portugal ao depois para lá, por meio da literatura.

Devemos, sem embargo, confessar que Fernám Méndez Pinto chama sempre treçado (*sic*) á espada dos japões, e já vimos que Bluteau lhe dá igualmente esta sinonímia.

Seja como for, o vocábulo por tal modo se naturalizou cá, disso já se queixava Francisco Rodríguez Lôbo no passo que constitui a terceira citação de Bluteau, que deu o substantivo derivado *catanada*, como «golpe dessa, ou de outra espada», em sentido figurado, hoje o único vulgar, como equivalendo «censura áspera»; porque o vocábulo *catana*, no sentido natural se emprega como termo burlesco. Produziu também pelos modos o que menos sabido é e não está por enquanto mencionado em dicionários portugueses, o verbo *catanar*, que no Riba-Tejo se diz «ceifar herva» com a gadanha, segundo o que me informou a minha criada Maria do Rosário, natural da Chamusca, e

<sup>1</sup> HARTLEBEN'S VERLAG, Viena, Peste, Lípsia, p. 184.

<sup>2</sup> PEREGRINAÇÃO, III, e *passim*.

irmão, consultado independentemente, e que foi trabalhador rural nos campos vizinhos daquela vila <sup>1</sup>.

cauchu; cacho, cáchu

Na Secção FALAR E ESCREVER do «Diário de Noticias» <sup>2</sup> de Lisboa, com os números DCCXIII e DCCXVI, veem dois artigos referentes ao primeiro destes vocábulos, o qual ordinariamente se escreve, à francesa e errado, *caoutchouc*. Cita-se ali E. Littré para se lhe atribuir origem americana. Com efeito, o grande escritor e lexicógrafo francês expressa-se do seguinte modo acerca d'ele: — «(ka-ou-tchou; le *c* final ne se prononce jamais. . .) ÉTYM. *Cahuchu*, nom indien de cette substance» —, que primeiro definiu: — «Vulgairement gomme élastique; suc coagulé du *jatropha elastica*, L, arbre de la famille des euphorbiacées tithymales et d'autres plantes, telles que le figuier d'Inde, le jaquier, etc.» —.

Na ORTOGRAFIA NACIONAL <sup>3</sup> aludira eu em nota às escritas *uaais* e erróneas *cautchu*, *cautchuc*, *caoutchouc*, e propusera no *cto* a ortografia aporuguesada *cauchu*, que mantenho, *quanto* prefira a êste inútil galicismo algum dos três ou quatro *nes* que temos para a mesma substância, e adeante *mento*. Em qualquer caso, o *c* final, e mesmo o *t* são erros evitáveis, copiados da defeituosa escrita francesa, indiscretamente *usada*.

Rodolfo Lenz, no fidedigno Diccionario etimológico de vocábulos *chilenos* <sup>4</sup>, traz a forma *caucho*, referindo-se a ela como estran-

<sup>1</sup> Já publicado êste artigo na REVISTA LUSITANA, VI, 1900-1901, de onde extratei com pequenas alterações.

De 9 e 16 de janeiro de 1906.

Lisboa, 1904, p. 174.

DICCIONARIO ETIMOLÓGICO DE LAS VOCES CHILENAS DERIVADAS DE LENGUAS INDIJENAS AMERICANAS, Santiago de Chile, 1904-1905, p. 186, publicação que ainda não está concluída. O asterisco significa «de uso corrente tiago».

jeira nos termos seguintes:— « \* **caucho**, m[asculino] -lit[erario]-el jugo lechoso. resinoso de varias plantas sudamericanas que se cuaja cuando se espone al aire; goma elástica. La palabra no es propriamente chilena, pero conocida en las ciudades por el mucho uso industrial de la materia. . . La voz mejicana *hule*, que significa lo mismo. se usa solo para la tela encerada [em portuguez. *oleado*]. Variante: **cautchuc**, poco usado. . . ETIMOLOGIA: Segun el *Standard Dictionary* del indio *cahuchu*. Segun una noticia de Barberena que no puedo comprobar, la voz seria de la lengua de los indios *mainas* de las márgenes del Amazonas » —.

O primoroso poeta e prosador Eduardo Augusto Vidal, que sabe, como poucos actualmente, a nossa lingua, chamou a minha atenção, em carta, para a confusão aparente que nos artigos a que me referi se faz entre o *cauchu*, ou *caucho*, de que estou tratando, e outro vocábulo, semelhante na forma, *cáchu*, ou *cacho*, de orijem e significado muito diversos, e sobre o qual o Conde de Ficalho, nas notas aos Colóquios dos Simples e drogas da India, de Garcia da Orta, nos diz <sup>1</sup>:— « O « cate » de Orta, « cato » da *Pharmacopœa portugueza*, substancia mais conhecida pelo nome de *catechu*, é um extracto da madeira da *Acacia Catechu*, Wild. (*Mimosa Catechu*, Linn. fil.) uma arvore bastante commum na India, mais a leste, nas terras de Burma, e por outro lado na Africa Oriental: é tambem obtido este extracto de uma especie proxima, *Acacia Sumu*, Kurz., que se encontra igualmente na India.— « Cate », a designação empregada por Orta, é a natural orthographia portugueza do seu nome hindustani, que hoje escrevem *kat* ou *kath*. Drury diz que a palavra *cate* significa arvore e *chu* succo, donde *catechu*: mas não sei se esta affirmação tem fundamento. Duarte Barbosa. . . dá á mesma substancia o nome de *cacho*, que é a designação tamil, *camarim* (lingua do Canará) e malaya, *kashû*, ou *kachû*: e « cate », empregado em Malaca, segundo Orta, é uma simples alteração de *cate*, ou de *cacho* » —.

<sup>1</sup> vol. II, Lisboa, 1892, p. 76.



Acrescentarei algumas considerações a êste douto comentário. No dicionário indostano-ínglês de Nataniel Brice <sup>1</sup> encontram-se os vocábulos *kath*, — «an astringent vegetable extract, which the natives eat with betel-leaf—extrato vegetal adstringente, que os nativos [da Índia] comem com o bétel» —, e ainda outro vocábulo parecido, *kāth*, com *a* longo e *t* aspirado cacuminal <sup>2</sup>, esignando «madeira» e «madeiro» (timber, block).

Monsenhor Rodolfo Dalgado traz o vocábulo *kāta*, (isto é, *ūt(a)*), traduzindo-o por «cato, terra japónica», e dá-o como sendo marata, no DICIONARIO KOMKANI PORTUGUEZ <sup>3</sup>, e no DICIONARIO PORTUGUEZ-KOMKANI <sup>4</sup> traduz *cato* por *kāt*, sem mais explicação.

A PHARMACOPÉA PORTUGUEZA <sup>5</sup>, citada pelo Conde de Ficalho, dá-nos a sinonímia seguinte:— «*Cachou*, fr.—*Black catechu*, ingl.—*Katechu*, all.—*Cato*; *Catecu* [sic], hesp.» —, o que nada adeanta.

Quem deixou o caso perfeitamente averiguado foi o copioso e erudito Glossário de Henrique Yule e Artur Coke Burnell, intitulado **Hobson-Jobson**, BEING A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN COLLOQUIAL WORDS AND PHRASES, AND OF KINDRED TERMS <sup>6</sup>: «O *cacho*, *catechu*, *cate*, *cato* ou *cachô* (em inglês *catechu*, *ch* e *caut*) é uma substância vegetal, extraída de várias espécies de Acacia, e chama-se em indostano *kāt*; mas a forma *cho* provém do sul da Índia e é ou o tâmil *kāxu*, ou o canaleta e malaio *kāchu*; [e não, *kashu*, i. e. *kāxu*, como escreveu o *nde* por distração: não há em malaio o som do *x* simples,

<sup>1</sup> A ROMANIZED HINDŪSTĀNĪ AND ENGLISH DICTIONARY, Calcutá, 187.

<sup>2</sup> É um *t* proferido no ponto em que pronunciamos o *r* leno de *caro*, e aspirado.

<sup>3</sup> Lisboa, 1893.

<sup>4</sup> Lisboa, 1905.

<sup>5</sup> Porto, 1887.

<sup>6</sup> Londres, 1886, p. 133 (q. v.).

como em *xadrez*, mas sim uma consoante que se parece com o *ch* [beirão].

Traduzi, resumindo, o que nos diz o Glossário.

Quanto à estranha denominação *terra japónica*, vemos no **dito** artigo ser *a misnomer*, «equivoco», de Schröder, que em 1654 publicou a PHARMACOPEA MEDICO-CHYMICA, e aí denominou e definiu assim esta substância vegetal:— «*Catechu, terra japónica, genus terre exotica*»—, quando a dita substância, ao depois, foi importada do Japão.

Temos pois dois vocábulos diferentes em português, *cachô*, *cáchu*, *cate*, *cato*, voz asiática, extrato de várias acácias; *cauchu* ou, se quizerem *caucho*, voz americana, extrato de várias árvores diferentes, por outro nome *goma elástica*.

Cumprê não confundir um com o outro na escrita, como, **do** mesmo modo, se não devem confundir na pronúncia.

O *cauchu* denomina-se também *borracha*, e *guta-percha* (= *perxa*, e não *perca*, como erradamente se profere: o vocábulo é malaio, *gata-percha*, pron. quási *gueta*, ou *gata-pertcha*, goma da árvore *percha* ou «goma de *Percha*, id e. Çamatra»). O nome veio de França para Portugal, e para lá foi de Inglaterra, o que explica a escrita *gutta*, onde o *u* vale próximamente *â* português, como é regra em inglês para o *u* breve e *u* sílaba tónica fechada por consoante. Outro tanto aconteceu com o sinónimo *goma-guta*, que também nos veio de Inglaterra por intermédio da França <sup>1</sup>.

Outro nome ainda da *borracha*, mais conhecido no norte **do** Brasil, é *seringa*, denominando-se as árvores que a produzem *seringueiras*, e o plantio *seringal* <sup>2</sup>.

A origem de *seringa*, e bem assim a de *borracha* neste sentido são desconhecidas.

<sup>1</sup> Marcelo Devic, DICTIONNAIRE ETYMOLOGIQUE DES MOTS D'ORIENT GENE ORIENTALE, Paris, 1876.

<sup>2</sup> Vizconde de Beaurepaire-Rohan, DICCIONARIO DE VOCABULOS BRAZILEIROS, Rio de Janeiro, 1889.

o Conde de Ficalho e também o Glossário citado referise ao livro de Duarte Barbosa, a respeito de *cate*, *cacho*. Dei-o cuidadosamente, e só pude encontrar nele referência a *icho* a páj. 289, formando o vocábulo composto *cachopucho*, recho seguinte:— «outras drogarias que nós não conhecemos, e em Malaca e China saom muyto estimadas, e tem le valia, silicet cachopucho, e muyto encenso que vem aer» —<sup>1</sup>.

Referese aos reinos de Guzarate e de Cambaia, e é sem la êste o passo a que aludiu o Glossário de Yule & Burnell, a seguinte citação, que transcreveu da tradução inglesa de J. Stanley, publicada pela Sociedade Hakluyt, conquanto desse ter feito do orijinal que incluiu na bibliografia, e to devia conhecer:— «drugs from Cambay; amongst which is a drug which we do not possess, and which they call *o* and another called *cachô*» —<sup>2</sup>. Os acentos são a mais, e são está mal feita, como se vê; a substância é uma só.

António Núñez, a quem também cita, chama-lhe *cacho* e *cate*: «baar do cate, que aqui [Índia] chamam cacho, he em tudo ho arroz, quanto ao pêso» —<sup>3</sup>.

conforme Leóncio Richard <sup>4</sup> *puchok*. (2.º termo de *cachopucho*) é o nome malaio da *herva cidreira* (*mélisse*).

caudel, caudelaria, coudel, acaudelar; caudilho

o substantivo *caudilho* já por Bluteau <sup>5</sup> foi declarado casnismo, dando-lhe como correspondentes portuguezes *guia* ou *ão*. Escusado era ir tam longe, pois da mesma orijem re-

<sup>1</sup> NOTÍCIAS PARA A HISTÓRIA E GEOGRAFIA DAS NAÇÕES ULTRAMARINAS, Lisboa, II, 1812.

<sup>2</sup> *ib.*

<sup>3</sup> LIVRO DOS PESOS DA ÍNDIA, Lisboa, 1868, p. 22.

<sup>4</sup> COURS DE LA LANGUE MALAISE, Bordéus, 1872, II, p. 102.

<sup>5</sup> VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO.

jistou o mesmo doutíssimo escritor a palavra portuguesa *caudel*, a que deu por étimo erroneamente o espanholado *caudillo*. Define-se *caudel*, no VOCABULÁRIO, do modo seguinte:— « Por ordem . . . del-Rey D. Affonso v os homens de armas Escudeyros, que serviam a cavallo nos exercitos foram reduzidos ao mando, ou capitania de hum Capitão que os repartisse por *Coudeis*, dando a cada *Coudel* vinte. Pelo que chamaram aos Capitães desta gente *Coudeis*, *Coudel Mor*. Este, como por o regimento da guerra ficava capitaneando a gente de cavallo, depois se veyo a encarregar-lhe a execução das leys, que se fizerão, para conservar as boas raças dos cavallos do Reyno, e assi tem a seu cargo os cavallos destinados a cobrir as egoas, e para êste effeito obriga huns homens a comprar egoas » —. A seguir, a palavra *Caudelaria* é definida— « officio que tem a seu cargo a criação dos cavallos » —.

Ora, tanto *coudel*, como *caudel*, como o *caudillo* acastelhado procedem de uma forma latina *capitellum* } *ca'ptello*. Em castelhano de *captello* fez-se primeiro *caudiello* (= *caudielho*), e por contração do ditongo *ie* em *i*, *caudillo* (cf. *castellum* } *castiello* } *castillo*, e v. **castelhano**); em português *captello* deu *caudel*, e dêste provém imediatamente *coudel* (cf. *touro* } *taurum*). Portanto, ao castelhano *caudillo* corresponde em português *coudel*, ou *caudel*, do último dos quais procede o verbo *acaudelar*, empregado pelo cronista Rui de Pina:— « Conde, ficai com estes mouros, porque lhe conheceis melhor as manhas. e acaudelai esta minha gente » —<sup>1</sup>.

Do primitivo *caput*, de que se derivou o deminutivo *capitellum*, resultou o português *cabó*, em quasi todas as suas acepções, e dêste o verbo *acabar*. (*q. v.*)

O vocábulo *capitel* (*q. v.*) tem a mesma orijem e entrou na língua provavelmente por intermédio do italiano *capitello*.

Não vejo o fundamento com o qual o NÓVO DICIONÁRIO

<sup>1</sup> CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. CLV.

ara serem *caudel* e seus derivados melhores formas que *tel*, *coudelaria*, que são mais portuguesas ainda.

## caurim

Êste vocábulo, conforme Yule & Burnell, é o indostano *kaurī*, o marata *kavaḍī*, e é na Índia o nome de um búzio pequeno ranco (Cyprae moneta), que corre como dinheiro na Ásia idional, e na África, onde também se chama *búzio* (q. v.). Figuradamente, e com certa graça, designa o mesmo que *de* (q. v.), isto é «dívida que se não paga», que o mesmo seria á-la em caurins.

## cavalaria

Além das significações gerais, que veem em todos os dicionários, e das especiais rejistadas no Suplemento ao Nôvo Dicc., apre acrescentar esta:— «Das herdades em que se não insam centros de lavoira. . . diz-se que andam de cavallaria» —<sup>1</sup>.

## cavalheiro, cavaleiro; caval(h)ariça

A primeira destas formas é castelhana, como o prova a conte palatina *lh* pelo *ll* de caballarium; a segunda é a correspondente portuguesa: cf. lat. castellum } português *castelo*, elhano antigo *castiello*, moderno *castillo* (*ll*=*lh*).

Confusão entre um dos significados que tinha em português *leiro*, «o que tem cavalo e nele anda montado», e *cavaleiro*, «fidalgo, pessoa de certa categoria», produziu a forma por defeituosa *cavalhariça* por *cavalaria*, a qual se deve

<sup>1</sup> J. da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALEMTEJO, in Portugueses, I, p. 271.

cautelosamente evitar, pois se *cavalheiro* usurpou algumas das acepções de *cavaleiro*, nunca a quem vai ou anda a cavalo, e só por isso, chama ninguém *cavalheiro*, vocábulo êste que em português não sujere a idea *cavalo* em ocasião nenhuma.

#### cavaqueira

A palavra *cavaca*, entre outros significados, designa uma espécie de conhecido biscoito, duro, muito leve, cuberto com uma capa de açúcar branco em pó, e principalmente fabricado na vila das Caldas-da-Rainha, em que é a especialidade da terra quanto a doçaria, e que tem o nome de *beijinho*, quando mais pequeno, isto é, quasi do tamanho de uma cabeça de dedo. A mulher que os fabrica e vende tem lá o nome de *cavaqueira*:— « Mais uma vez logradas as casas de pasto, cavaqueiras, lojas de louça, etc » —<sup>1</sup>.

Note-se que a designação se applica principalmente às fabricantes, como vemos pela distincção feita na citação entre *cavaqueiras* e *lojas de louça*. não, louceiros ou louceiras.

#### caxa, caixa

Como nome de uma moeda de deminuto valor na Índia e outras partes da Ásia, falta nos dicionários portugueses. A palavra, conforme Yule & Burnell<sup>2</sup>, é o tãmil *kásu*:— « Ihe mand logo duas mil caixas » —<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> DIARIO DE NOTICIAS, de 24 de outubro de 1905.

<sup>2</sup> A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS, Londres, 1836.

<sup>3</sup> António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESU. Lisboa, 1894, p. 194.

## cazembe

É termo da África Oriental Portuguesa: — « *Cazembe*, com-lante de ensaca » —<sup>1</sup>.

## ceifarda, ceifardajem

Estes neologismos, que não sei se chegaram a difundir-se, n propostos pelo vizconde de Coruche na GAZETA DOS LADORES, em fevereiro de 1883, para traduzirem os termos vezes *fauchard* e *fauchage*, isto é, « certo instrumento para r herva », e essa ceifa.

## cemiterio, cementerio

A forma alentejana é *cementério*, talvez por influência casana, e nela se deu a inserção da nasal, por assimilação *m*, como em *mançana* { *matiana*, comparado ao portu-*s maçã*. A palavra latina é *coemeterium*, e o *i* por *e* do tuguês *cemitério* teve por fim evitar a haplologia *centério n'tério*). O vocábulo é de origem douta, ou semi-douta.

## cediço (=cêdiço) sediço

Epifânio Díaz, na REVISTA LUSITANA <sup>2</sup>, atribuiu a êste ctivo, muito comum no sentido de « em comêço de putrefac-inca paz de consumo, ou fora de uso », o adjectivo latino

<sup>1</sup> Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ, in « Jornal das Colo- », de 13 de agosto de 1904.

<sup>2</sup> vol. I, p. 175.

*sedititius*, alterado em *sedetitius* { *sedere*, «pousar». Não advertiu porém o douto latinista em que à forma *sedição*, que é já a que dá Bluteau <sup>1</sup>, deve corresponder outra mais antiga em português, *ce(e)diço*, análoga à castelhana *cedizo*, como em *carne cediza*, «carne que já tem (mau) cheiro».

António Morais e Silva <sup>2</sup> aduz um exemplo, que mais se conforma com a verdadeira significação de *cediço*:— «Anexim, dito *sedição*; mui velho, sabido e trilhado»—.

O étimo, pois, deve de ser *cedititius* { *cedere*, «passar, estar gasto», como o aponta o Dicionário da Academia espanhola <sup>3</sup>, e consequentemente há de escrever-se com *c*, e não com *s* inicial, em português.

#### cêrco

Além das aceções definidas nos dicionários conheço duas, de que vou apresentar exemplo:— «Estas redes são lançadas com dois cabos... e são dispostas ou em linha recta, ou formando *cêrco*»—<sup>4</sup>.

— «os *cêrcos*... consistiam nisto. Por motivo de voto antigo, e depois da Paschoa, a maioria das pessoas d'uma freguesia, com pendões, cruces e andores, começava a percorrer os limites da parochia. Á frente um grupo de atiradores... disparava frequentemente, em regra ao desafio»—<sup>5</sup>.

#### cerne, cernar, cerneira, cernandi

Êstes vocábulos, menos o último, veem perfeitamente definidos no NÓVO DICIONÁRIO, e os seus significados são mais ou

<sup>1</sup> VOCAB. PORT. E LAT.

<sup>2</sup> DICIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA, Lisboa, 1823.

<sup>3</sup> Madrid, 1899.

<sup>4</sup> Fernández Tomás, A PESCA EM BUARCOS, in Portugalia, I, p. 149.

<sup>5</sup> Rocha Peixoto, Portugalia, I, p. 624.



menos conhecidos, relacionando-se os derivados com o seu primitivo *cerne*— « a parte interior e mais dura das árvores » —.

O último foi-me subministrado por indivíduo que residiu largos anos na provincia do Pará, especulando com a exploração das *seringueiras*, ou árvores productoras de *borracha*, e me disse que *cernandi* significa lá a « borracha mais grosseira ».

cernideira, cernir

Na Beira-Baixa denomina-se assim uma « espécie de caixa, caixilho ou grade em que trabalha a peneira » <sup>1</sup>.

A existência d'este vocábulo em português pressupõe a do verbo *cernir*, « peneirar », como em castelhano.

cetim, citim

Esta palavra, por influência do vocábulo *seda*, já em *Bluteau* <sup>2</sup> aparece escrita com *s* inicial, pelo *c* com que antes se ortografava, no tempo em que a diferença de pronúncia entre *s* e *ç* era geral no reino. Todavia, o grande lexicógrafo ainda cita a forma *cetim*, com a definição— « panno de seda » —e remissão à escrita *setim*, onde lhe dá uma etimologia falsa, a palavra italiana *seta*, reproduzindo a orijem hebraica que outros no seu tempo lhe attribuíam.

Que o douto frade não tem razão é evidente, visto que *seda* sempre se escreveu com *s*, e *cetim* com *c*.

Na mesma inscrição vêem-se várias espécies de *cetins*, diferenciados por epítetos, como *cetim raso*, *cetim chão*, *cetim ave-lutado*, etc. *Raso* em castelhano é hoje o nome dado ao *cetim*.

A orijem do vocábulo, que maiores probabilidades apresenta

---

<sup>1</sup> Informação do editor, natural de Almeida.

<sup>2</sup> VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO, Coimbra, 1712-1720.

em seu favor, é o arabe *zairustik*, adjectivo derivado de nome da cidade de Zairune, afamada pelo fabrico de tais tecidos. É esta, pelo menos, a opinião de Henrique Yule, na segunda edição da versão inglesa do livro de Marco Paulo Vêneta <sup>1</sup>.


Já R. Dozy, no Glossario, <sup>2</sup> havia dito o seguinte, a propósito da forma *zeitouni*, castelhana, frequente na *VIDA DEL GRAN TAMERLAN*, de Gonzalez de Clavijo, como designando um tecido que vinha da China:—«C'est l'arabe *zeitouni*... La ville chinoise Tsen-thoung, actuellement Tsinan-tchou-fou, s'appelait chez les Arabes Zeitoun. On y fabriquait des étoffes damassées de velours et de satin, qui avaient une très grande réputation et qui portaient le nom de *zeitouni*. Voyez Ibn-Batouta, iv, 269»—.

Em catalão antigo escrevia-se *atzeptoni*:

— «311 Item un dossier de drap d'aur domesqui ab lo cunper verney ab les orles de atzeptoni blau, ab senyals Reysals entorn brodat ab sotana de terep-ell verney»—<sup>3</sup>.

Não há, portanto, a mínima dúvida que a escrita certa é a antiga com *c*, não *s*. A forma usada por Fernám Méndez Pinto na *PEREGRINAÇÃO* <sup>4</sup>, e por outros escritores do seu tempo, *chím*, é devida a assimilação de *c* ao *i* da sílaba seguinte, como em *minimio*, *pilibis*, por *menimio*, *pe-lis*, e *milimio*, que vemos constantemente no mesmo autor.

chã, chãvena, pires, hule


A palavra *chã* é de origem chinesa, como a planta, e muito disseminada nas linguas eslavónicas, *čaj* <sup>5</sup> em ru. 

<sup>1</sup> THE BOOK OF SER MARCO POLO THE VENETIAN, Londres, 1825, cap. LXXXII, p. 224, n. 2.

<sup>2</sup> GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1860, sob o. SETUNI.

<sup>3</sup> Inventari del Rey Marti, de REVUE HISPANIQUE, XII, p. 457.

<sup>4</sup> cap. IX, XXI, LII, XIII, XIV, LI, etc.

<sup>5</sup> Com esta letra marcava figura o som do *ch* castelhano e portug.  norte, quasi *te*.

aro, por exemplo. O outro nome da planta e sua infusão, *te*, êle se orijinasse do termo botânico *thea*, latinização do *ts'ea*, como creio, quer seja também chinês dialectal, como um quasi todos os que teem investigado a etimolojia dêste vocábulo, foi o adoptado, com pequenas excepções, em as línguas da Europa, quer románicas, quer germánicas.

Com a palavra *chá* vieram do Oriente para Portugal os nomes das várias peças do aparelho em que êle é servido: *chá-cara* é chinês também, *ca-ran*, «vasilha para o chá». *Bule* é o nome *bûli*; «frasco»; *pires*, o indostano *pirix*, malaio *pirin*<sup>4</sup>, «tinho», cuja orijem é incerta, mas, com todas as probabilidades, oriental.

Entre todos os idiomas europeus é o portuguez o único a adoptar estas denominações, como é sabido, pois nem mesmo em as línguas do Oriente elleas são conhecidas; aí diz-se *te*, *taza*, *tetera*, *platillo*, como a palavra *bule* é malaia, e *pires* em malaio existe exactamente, e sendo êste idioma nos seculos xv, xvi e xvii, e a hoje, de geral comunicação no sul da Ásia, é natural que seu intermédio os recebêssemos nós, ou por qualquer das línguas da Índia, para as quais houvessem passado, o que no presente carece de demonstração. É de notar que ao *chá*, própria-mente dito, ainda hoje se chama *chá-da-Índia*, especialização que ou proveio de que de lá o recebêssemos directamente, ou de que por *Índia* se entendesse toda a Ásia de que tivemos conhecimento, em razão das nossas navegações, conquistas e comércio. Notável é também que ainda hoje se ouça soar *laranja da China*, locução com a qual se diferencia da *laranja* (*tanjerina*).

Que o malaio foi dos nossos viajantes e aventureiros conhecido e praticado prova-se com a circunstância de que nas PEREGRINAÇÕES de Fernám Méndez Pinto a cada passo ocorrem

---

O sinal *n* designa aqui o *ng* germánico, isto é, um *n* proferido no fim do palato duro com a raiz da língua. Aplique-se esta nota aos vocábulos citados a p. 241-243, e *passim*.

expressões, nomes, quer próprios, quer comuns, que pelo malaio se explicam, conquanto se refiram à China: e exemplo frisante é este passo da mesma interessantíssima obra: — «e em lugar de tórres ou baluartes té [os chins] hûas goaritas de dous sobrados armados sôbre esteos de pau preto, a que elles chamão Caubesy, que quer dizer pau ferro» —<sup>1</sup>. Ora o vocábulo, ou melhor, vocábulos citados, e que na realidade significam «pau-ferro», são malaio e não chineses: *káiu*, «pau», e *besi*, «ferro».

Voltando ao *chá*, a primeira menção desta bebida, vem-lhe feita, na Europa, por Frei Gaspar da Cruz<sup>2</sup>, por estas palavras: — «Qualquer pessoa ou pessoas que chegam a qualquer casa de homem limpo tem por costume oferecerem-lhe em hûa bandeja galante hûa porcelana, ou tantas quantas sam as pessoas, com hûa agoa morna a que chamam Cha, que he tamalavez vermelha e muy medicinal, que elles costumam a beber, feita de hû cozi-mento de ervas que amarga tamalavez» —.

Note-se que o curioso frade ainda não conhecia a palavra *chávena*, visto que lhe chama *porcelana*

A propósito de *chávena* direi ainda que hoje se confunde com *chicara*, mas que dantes não era assim. Ainda na minha mocidade a *chávena* servia para se tomar o chá, era um vaso mais baixo que alto, alargando para a boca, e não tinha asa: pela *chicara* tomava-se o café, e esta era mais estreita, de forma cilíndrica, com asa, como as de agora.

A chávena chinesa tem dois pés: um em que assenta num largo orifício circular, aberto no meio, onde encaixa a base da chávena, e outro cheio com que esta se cobre, servendo-se a bebida por entre elle e a chávena, aos golinhos.

Bluteau<sup>3</sup> define *chávena*, que escreve *chavana*, sem dúvida a forma mais antiga, do seguinte modo: — «Palavra da Índia. É como meia chicara» —. Isto confirma em certo modo o que

<sup>1</sup> cap. xcv. Edição rlandiana, Lisboa, 1829.

<sup>2</sup> TRATADO DA CHINA, cap. XIII, Lisboa, 1829.

<sup>3</sup> VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO.

ma eu disse, que os aparelhos do chá, talvez nos viessem da  
lia; e como é sabido, ainda actualmente chamamos à porcelana  
uça da Índia». Quanto a *chicara*, é palavra, segundo dizem,  
xicana, e Bluteau, que a mencionou na definição de *chavena*,  
itiu-a no corpo do Vocabulário e no Suplemento.

Cumpre advertir que *bule*, como termo de jíria, com a sig-  
ificação de «ánus», é o caló *bul* (*q. v.*).

### chacina

Júlio Cornu <sup>1</sup> dá-nos como étimo dêste vocábulo o latim  
cicina { *siccus*, «sêco», o que não parece muito acertado,  
esar de o douto romanista o declarar manifesto (*offenbar*).

Carolina Michaëlis de Vasconcelos <sup>2</sup>, para adoçar a pílula,  
mite a influência do nome próprio *Chacim*, vila da província  
Trás-os-Montes, onde, consoante a informação de um proprie-  
rio instruído e idoso da mesma província, nos diz que se pre-  
ra muito bem a carne de porco salgada e fumada. Assim será,  
as nada com isso adeantámos:—

*Così*  
~~Così~~ all'egro fanciul porgiamo aspersi  
Di soave licor gli orli del vaso;  
Succhi amari ingannato intanto ei beve.

Não ponho aqui o remate da formosa estança de Torquato  
sso, por não ter aplicação ao caso sujeito, segundo me parece <sup>3</sup>.

Conforme o NÓVO DICIONÁRIO *chacim* significa «porco»,  
tando abonação do termo.

Em castelhano existe o vocábulo *cecina*, com significação pa-

<sup>1</sup> GRUNDRISS DER ROMANISCHEN PHILOGIE, Estrasburgo, 1888, I, 742.

<sup>2</sup> REVISTA LUSITANA, III, p. 139.

<sup>3</sup> «E dall' inganno suo vita riceve» — GERUSALEMME LIBERATA, I, 3.

realidade tem a significação que lhe dá o NÓVO DICIONÁRIO, visto não estar ali abonada.

6.º O vocábulo *chacina* é de origem ignorada.

#### chafardel

O NÓVO DIC. dá-nos esta palavra como transmontana, com a significação de *safardana*, que no lugar competente define «biltre».

Em sentido muito diverso dêste, isto é, no de «rebanho», vemo-la empregada, como própria do Alentejo, no seguinte passo: — «um chapeo de terra [terreno pouco espaçoso], que não lhe cabe dentro um chafardel de ovelhas» —<sup>1</sup>.

#### chafarica, chafariqueiro

O NÓVO DICIONÁRIO dá ao primeiro dêstes vocábulos duas acepções: — «loja maçónica; baiuca, taberna» —. Subordinado à segunda acepção é o termo *chafariqueiro* no passo seguinte: — «Porto, 11. Com o título *Apprehensão de vinho falsificado* — *Prisão*, lê-se na VOZ PÚBLICA o seguinte: — «o visinho partiu para o Porto, e voltou pouco depois trazendo um chafariqueiro emerito...» —<sup>2</sup>.

Neste sentido usou-se mais recentemente *mistureiro*: — «a protecção que está resolvido a dispensar aos falsificadores e mistureiros» —<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> J. S. Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALENTEJO, in Portugalia, I, p. 275.

<sup>2</sup> O ECONOMISTA, de 12 de junho de 1894.

<sup>3</sup> O DIA, de 14 de novembro de 1902.

## chalar-se

É termo de jíria, que quere dizer «escapular-se». É uma forma pronominal que nos veio do caló *chalar* «andar».

## chama

O significado especial dêste vocábulo em Cezimbra vê-se do seguinte trecho:— «elles [os pescadores de Cezimbra] correram sobre ella [a força militar] insultando-a, e munidos de chammas (pequenos paus) parecia quererem envolver a força» —<sup>1</sup>.

## chamada

Em Leiria, conforme informação do snr. Acácio de Paiva, quere dizer «braçado de lenha, que se deita no forno»:— «com mais esta chamada fica o forno quente» —. É um derivado, me parece, de *chama*, «labareda», pela que atea abrasando-se.

## chambo

O mesmo que *banque*, «cánhamo», na África Oriental Portuguesa:— «Fumam com delicia e sofreguidão o *chambo*, a que no sul se dá o nome de *bangue*» —<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> O SEMOULO, de 15 de abril de 1900.

<sup>2</sup> Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ, in «Jornal das Colónias», de 30 de julho de 1904.

chamiça, chamiço, chamiceiro; chafurdo

*Chamiça*, conforme o NÓVO DICIONÁRIO, tem vários significados, e entre êles o de «carqueja». *Chamiço* é ali definido como — «acendalhas; lenha miúda; ramos secos; tição» —. *Chamiceiro* — «aquelle que apanha e vende chamiço» —.

Na Beira-Baixa (Fundão) *chamiceiro* é «o fogueiro que mete a lenha no forno».

Poderia aplicar-se êste termo, ampliando-lhe a significação, para denominar o que em francês se chama *chauffeur*, nos automóveis, e que o povo, meio a sério, meio gracejando, já apor-tuguesou em *chafurdo*: — «Emquanto eu ia entretido com o travão [do automóvel] o chafurdo entretinha-se a gritar que se arredassem» —<sup>1</sup>.

chamo, chamariz

— «Os reclamos naturaes, *chamarizes* ou *chamos*, como bem se comprehende, não passam de uma ave da especie d'aquella que se vae caçar, e que pelos seus pios ou canto... attrae a outra que a ouviu» —<sup>2</sup>.

V. **reclamo**.

chamar(e)

— «*Chamuares* ou *amigos fechados*; rapazes da mesma povoação e idade, que vão juntos a todas as empresas perigosas, e que na guerra se não abandonam. São os *chamuares* que trans-

<sup>1</sup> O SÉCULO, **Suplemento**, de 4 de julho de 1905.

<sup>2</sup> José Pinho, ETHNOGRAPHIA AMARANTINA, A Caça, in Portugalia, II, p. 95.



portam o ferido em combate... e que o enterram quando morto, longe do lugar do combate» —<sup>1</sup>.

### chana

Esta forma, estranha em português, pois o feminino de *chão* { *planum* é *chã*, antigo *chãa*, é definida como significando — «planície ou campina alagada, em Africa» —, num officio, assinado por Capelo e Ivens, expedido da cidade do Cabo à Sociedade de Geografia de Lisboa, com data de 22 de julho de 1885.

É, pois, mais um alótopo para juntar aos muitos que existem em português, e tem por fonte primordial o latim *planum*. Formam diferentes séries, que seria longuíssimo coordenar com todas as formas derivadas e suas variadas acepções. Essas séries distinguem-se pelas iniciais, que aqui vou apresentar, exemplificando cada uma com um vocábulo típico:

Latim <i>planum</i>	}	forma mais antiga	<i>ch</i> : <i>chão</i>
		posterior	<i>pr</i> : <i>prão</i> , <i>pramo</i>
		secundária	<i>por</i> : <i>porão</i> (q. v.)
		recente	<i>pl</i> : <i>plano</i>
		castelhana	<i>lh</i> : <i>lhano</i>
		italiana	<i>pi</i> : <i>piano</i>

### changaço

É a parte do atum menos apreciada para cozinhar, isto é, a cabeça e o rabo. O termo é muito conhecido dos pescadores, pexeiros e gente que negocia em atum. O *changaço* vale sempre menos que as outras partes do atum, mais estimadas.

---

<sup>1</sup> Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902, in «Jornal das Colonias», de 19 de agosto de 1905.

## chapa; chapada

Qualquer que seja a origem dêste vocábulo, no sentido de «lâmina metálica, fôlha delgada e chata», e cujo étimo mais provável é um *klap*, ou *plak* germânico; com o significado especial de «ordenança, permissão, ordenação, prescrição», é termo asiático, devendo ser o indostano *c'āp* «sêlo, sinete» —. «A chapa se foi publicando por todo o reino» —<sup>1</sup>. *Chapado* queria dizer «assinalado».

Como termo de calão moderno *chapada*, significa «bofetada»: — «Vês aquelle gajo? Já em tempos me deu uma *chapada*» —<sup>2</sup>.

No sentido de «planície alta», o vocábulo figura em todos os dicionários.

## chapéu, chapel, chapelada

Qualquer dos dois primeiros é de origem francesa, representando o primeiro a forma *chapeau*, actualmente pronunciada *xapô*, porém na idade média lida como *chapéu*; o segundo, outra forma da mesma palavra (cf. *beau* e *bel*), provindo ambas do latim *capellum*, diminutivo neutro de *cappa*, como *cappela* é diminutivo feminino. A primeira forma é hoje corrente para designar «cobertura da cabeça, com fôrma e abas»; a segunda designava um «elmo», como vemos no Suplemento ao Novo Dicionário, que aponta vagamente abonação.

A noção de que, a par de *chapéu*, havia a forma *chapele* prova-se com os derivados *chapeleira*, «caixa para chapéus», *chapelinho*, «chapéu pequeno», *chapeleiro*, «fabricante ou vendedor de chapéus», *chapelada*, «cortesia com o chapéu».

Êste último derivado é usado frequentemente num sentido que os dicionários não apontam: «masso de listas, deitadas frau-

<sup>1</sup> A. Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 104.

<sup>2</sup> O SECULO, de 10 de setembro de 1900.

alentamente na urna, no acto eleitoral, pela autoridade que a e preside »:— « Á parte os sucessos... como chapeladas, no izer do argot eleitoral »—<sup>1</sup>.

O chapéu tem diversas formas, e é feito de várias substâncias; e conforme umas e outras adquire epítetos pelos quais um hapéu se diferencia de outro, pelo nome especial que lhe dão. Dêste modo há *chapéu alto*, ou *de copa alta*, mais ou menos cindrico; *chapéu de côco*, que na Ilha da Madeira se denomina *hapéu de queijo*; *chapéu à serrana*, duro e com largas abas eviradas; *chapéu de pasta*, « o que por meio de molas se pode char, ficando o tampo unido às abas »; *chapéu armado*, « o de ois bicos », isto é duas pontas da aba; *chapéu de três bicos*, » que tem abas triangulares », etc.

*Chapéu* designa também « abrigo, resguardo », e nesta accepção dizemos *chapéu de chuva*, *chapéu de sol*, que dantes se chamava *sombreiro*, objecto que provavelmente importámos da Índia, China ou do Japão, onde eram e são muito usados.

Emfim, é êste um dos vocábulos franceses que desde tempos muito remotos se aportuguesou e difundiu mais fértilmente, pois produziu grande número de derivados.

Também foi usado em castelhaño, como vemos neste retrato: um valentão espanhol:

— Caló el chapeo, requirió la espada,  
Miró al soslayo, fuese, y no hubo nada —.

Esta pintura fidelíssima lembra outra do pimpão português, de quem Eduardo Garrido disse na cena cómica, representada em 1864 por José Carlos dos Santos, A BENGALA:

— Homem bulhento em cafés,  
Que a toda a gente arremete  
Que rapa do *casse-tête*...  
E apanha dois pontapés —.

<sup>1</sup> O SÉCULO, de 28 de novembro de 1900.

Outro vocábulo francês derivado do mesmo radical é *chapron*, que deu em português *chapeirão*, em castelhano *chafirón* <sup>1</sup> com a significação de « capuz »:

— Ao ombro um chapeirão,  
Que pasmava todo o povo —<sup>2</sup>.

charabasco, charabasca, charavasca, charabasqueira,  
charaviscal; chavasco, chavascal, achavascado

Os primeiros quatro destes vocábulos, conforme o Novo DICCIONÁRIO e Suplemento dêle, designam, como termos transmontanos, « terra de pouco valor ou estéril ». O último está definido na monografia de J. S. Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALENTEJO, no seguinte passo:— « Ha herdades muito grandes, medianas e pequenas. Entre as maiores, algumas conhecem-se pelo augmentativo de *defeza*, ou por tal se denominam quando se querem engrandecer. As pequenas distinguem-se pelo diminutivo de *malatéas* ou *charariscéas*, quando por ventura se pretende amesquinhal-as » <sup>3</sup>.

Vemos aqui o vocábulo *defesa* { latim *defensa*, castelhano antigo *defesa*, moderno *dehesa*, sem o abrandamento de *f* em *v*, que se deu na forma geral *devesa*, como aconteceu com *árrego* { *Africus* (*uentus*), e com *Estêvão* { *Stephanus*.

Ignoro a origem da palavra *charavasco*; mas vê-se que *charabasco* é nortismo, com mudança de *v* em *b*, por não existir nos dialectos transmontanos.

Há certa analogia de forma entre estes vocábulos e *chavasco*, *chavascal*, de que apenas se diferenciam na sílaba *ra* que tem a mais, sendo quasi conformes no sentido, visto que *chavasco* quer

<sup>1</sup> REVUE HISPANIQUE, x, p. 172.

<sup>2</sup> Bernardim Ribeiro, ÉCLOGA II.

<sup>3</sup> in Portugalia, I, p. 275.

izer «tôsko», e *chavascal*, «terreno inculto, cheio de hervas, noitedo». Em castelhano existe o adjectivo *chabacano*, «grosreiro, *achavascado*», e em caló, ou dialecto cigano de Espanha, *haván*, com a significação de «herva». Parece haver relação entre todos estes vocábulos; porém falta explicar por que leis se foram modificando até chegarem à forma mais extensa portuguesa, *charaviscal*.

charachina = chara China

Esta locução é peculiar das PEREGRINAÇÕES de Fernám Eúdez Pinto, e ainda não foi, que eu saiba, registada em dicionários portugueses. Ocorre várias vezes naquella formosíssima *ra*, e nomeadamente nos capítulos XLVII, LXII, sem explicação, e no cap. LXXVII por forma, que o seu significado fica manifesto—«abraçando então e pedindolhe muitos perdões ao *u* modo, que eles chamam de charachina»—.

Ora, como no cap. CLXV o autor, em vez desta locução, usa uma equivalente,—ao modo da China—<sup>1</sup>, e no cap. CCI empregou estoutra locução—à chara Japão—, segue-se que a voz *ra* significava «modo», ou, como hoje diríamos, «moda»; que *ina* não é adjectivo femenino concordando com *chara*, mas *me* próprio, como *Japão*, e que a construção em português é *feituosa*, pois se elidiu a preposição *de* que a sintasse pedia, *no* aconteceu em *Madre-Deus* por *Madre-de-Deus*, mas sem haplologia, ou simplificação da repetição consecutiva de *d*, que *ustificasse*.

Quanto ao substantivo *chara*, que, como disse, ainda não foi *mitido* nos dicionários portugueses, é êle simplesmente o *ma* *o* *ia*, «feição, feítio», sendo a supressão da preposição *sin* *se* *malai*.

<sup>1</sup> António Francisco Cardim, mais culteranamente, diz—«ao modo sí-  
o»—. BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 45.

O *t* palatal malaio, quasi *ti* (*tiara*), foi imitado com o *ch* portuguez, geral então, e ainda hoje beirão, minhoto e transmontano, quasi *tx*, como é sabido. Assim representaram os portuguezes sempre as consoantes explosivas fortes, palatinas nos vocabulos e nomes asiáticos pertencentes a línguas que as possuíam, como as da Índia, o chinês, o japonês, etc.

Exemplos do malaio *tara*, citados no vocabulário malaio-francês que constitui a 2.<sup>a</sup> parte do Curso de malaio de Leóncio Richard <sup>1</sup>, são os seguintes: *tara rada ian besar*, «a modo de príncipe» [literalmente, «modo (do) príncipe, que (é) grande»]; *tara iagris*, «à (moda) inglesa», este último perfeitamente análogo ao usado por Méndez Pinto, e por êle aportuguesado.

Camões, nos LUSÍADAS <sup>2</sup>, empregou *modo* no mesmo sentido, porque *moda* ainda então não era moda cá.

Vestido o Gama vem ao modo hispano,

Por aqui se vê que não tem fundamento a conjectura expressa no Glossário de Burnell & Yule <sup>3</sup>, que relaciona esta locução com a saudação usual chinesa *cin cin*.

charão, acharão, (a)charoar, acharoadado

O substantivo *charão* designa em portuguez certo verniz da China, e os objectos de madeira com êle revestidos. É próprio da nossa língua, pois os outros idiomas europeus servem-se de várias formas do vocabulo *laca*, que designa em portuguez outro verniz, mais da Índia, e certa resina ou tinta.

<sup>1</sup> COURS THÉORIQUE ET PRATIQUE DE LA LANGUE COMMERCIALE DE L'ARCHIPEL D'ASIE, DITE MALAISE, 1872.

<sup>2</sup> Canto II, 97.

<sup>3</sup> A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS AND PHRASES, Londres, 1836, p. 154.

A palavra não é chinesa ou japonesa, como poderia supôr-se, pois existe em castelhano, *charol*, que também designa « verniz e polimento ». Outra forma portuguesa é *acharão*, que se lê no [TRATADO DA CHINA de Frei Gaspar da Cruz, cap. XIII:— « estes sacerdotes] criam cabelo e trazem-no no cume da cabeça, arrematado com um pao muito bem feito... envernizado de muito bom verniz, que chamam acharam »—.

De *charão* se derivou o verbo *charoar*, e o participio passivo lêste vemo-lo usado por A. Francisco Cardim:— « bandejas charoadas e douradas »—. Da forma *acharão* tirou-se *acharoar*, e ainda hoje dizemos *fôlha acharoadada* <sup>1</sup>.

A título de curiosidade apenas, e porque talvez, para estudo mais detido do vocábulo *charão* e da sua introdução na literatura portuguesa, possa trazer alguma luz, apontarei aqui umas inscrições de entre as cento e vinte de vocábulos chineses usados em malaio, admitidas por Aristides Marre, e é a seguinte: « *Tchat*—Couleur broyée et détrempée avec de l'huile; teindre, vernis de bois employé par les Chinois et qui provient de l'arbre nommé *rêngas* en malais »—<sup>2</sup>.

Reunindo os dois *chat-rengás*, com a supressão do *t*, obtém-se *arengás*; mas desta palavra composta vai uma distância enorme à forma *charão*, que é, repito, inseparável da castelhana *charol*.

Note-se ainda que *tarana* em malaio quer dizer « bandeja », que o mesmo significado tem *charol* na Bolívia:— « Nuestras bandejas son en castellano fuentes [travessas], nuestros charoles »—<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 80.

<sup>2</sup> MÉLANGES CHARLES DE HARLEZ, Leida, 1896, p. 193.

<sup>3</sup> R. J. Cuervo, APUNTACIONES CRÍTICAS SOBRE EL LENGUAJE BOGOTANO, Bogotá, 1881, p. 376.

## charola

Além dos dois significados principais dêste vocábulo, já apontado nos dicionários portugueses, o de « andor », e o de — « corredor semi-circular entre o corpo da igreja e a fábrica do altar-mor » —<sup>1</sup>, indicarei aqui mais o seguinte, que sem dúvida protém do primeiro citado.

Na ilha da Madeira denomina-se *charola* um *cargo* ou fôrma alta guarnecida de frutas, hortaliças, doces, ovos e garrafinhas de vinho, que figura nos arraiais, ou *impérios* (*q. v.*).

Bluteau, no Suplemento refere-se à *charola* cuberta com — « papel, ou papelão, ao modo de arco, ou abobeda com suas varas atravessadas, em que lhe pegavam os rapazes, e com ella andavão pela Quaresma cantando cantigas da Paixão, porque levavão na charola imagensinhas de barro da Paixão de Christo » —.

Era também um arremêdo de andor.

## chaska

Em Trás-os-Montes é uma espécie de panela ou tacho, com tampa, baixo e largo. Ali dá-se o nome de *panela* à que tem três pés, para se lhe acender lume por baixo, ao contrário da *chaska*, que assenta na fôrnalha e não tem pés.

## chau

E palavra chinesa, e como vemos do trecho seguinte, expressa saudação: — « disse a Aquileu que queria *chao* (que é fazer as cortesias de vasalo a rei, que são bem enfadonhas) » —<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Bluteau, VOCABULÁRIO PORTUGUEZ E LATINO.

<sup>2</sup> BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, p. 45.



## cheiro, cheiros

Este substantivo, do verbo *cheirar* { *flagrare*, que é orativo no sentido de «tomar o cheiro», ora intransitivo, no deitar cheiro», tem duas acepções que os dicionários não tam bem.

Assim o CONTEMPORANEO só no plural dá o vocábulo com a ficção de «substâncias aromáticas», quando em tal sentido, mos empregado no singular pelo Padre António Francisco im: — «queimou cheiro» —<sup>1</sup>.

No plural significa êle, em Lisboa pelo menos, quatro hervas áticas empregadas como tempêro na cozinha portuguesa, é, *salsa*, *coentro*, *hortelã* e *segurelha*, e diz-se *um ramo de ros*.

A estas plantas parece referir-se Gil Vicente no VELHO DA TA, ora no plural, ora no singular:

— Vinha ao vosso hortelão  
Por cheiros para a panela —.

— a couve e o cheiro —

O NÓVO DICIONÁRIO dá ao singular *cheiro* a significação - «salsa, hortelan, ou qualquer outra erva aromática, de icação culinária» —; mas, pelo menos em Lisboa, a definição que apontei.

## chela

África Oriental Portuguesa: «fazenda, tecido»<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, p. 236.

<sup>2</sup> Diocleciano Fernández das Neves, ITINERARIO DE UMA VIAGEM Á DOS BLEPHANTES, Lisboa, 1878, p. 203.

## cheminé, chaminé

A forma popular e mais exacta *cheminé* encontra-se num documento do XVI século:— «hũa antecamara grande que tem hũa chemine... hũa janela grande peguada com chemine»—. Antes, no mesmo documento, uma variante, também popular no norte do reino:— «hũa sala pequena com chomine»—<sup>1</sup>. O *o* provém do *m* que se lhe segue. A forma hoje corrente *chaminé* é devida a influência da palavra *chama*; porém a forma popular *cheminé* está mais próxima do seu étimo, o francês *cheminée*.

cherelo (= *cherélo*)

No Minho dá-se êste nome a um peixe pequeno, que parece corresponder ao que no sul se chama *carapanu*.

## cherundo

África Oriental Portuguesa: «cêsto»<sup>2</sup>.

## chicopa

Termo da África Oriental Portuguesa:— «*chicopas*—**A** **II** gonis armados de azagaia e escudo de couro ou de palha **entre** laçada»—<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Auto de posse do castelo de Sines, de 24 de novembro de 1533, in O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS, x, p. 101.

<sup>2</sup> Diocleciano Fernández das Neves, ITINERARIO DE UMA VIAGEM Á CAÇA DOS ELEPHANTES, Lisboa, 1878, p. 26.

<sup>3</sup> Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÊ EM 1902, in «Jornal das Colonias», de 30 de julho de 1904.

chicua, chicero, chituredo, coba (Marromeu)

écies de cêstos da África Oriental Portuguesa — « *chituisseiro, coba, chicua* (cestos) » —<sup>1</sup>.

vedo Coutinho <sup>2</sup> escreve *t'chicero*. A forma preferível, conforme a escrita usual portuguesa, será *chicero*.

chicuangué

uo aqui esta palavra, sem saber ao certo a que idioma de negros ela pertence, qual a sua pronúncia (*¿chicuangué?*) e qual a sua legítima escrita (*¿chicuangué, gué?*). No caso de que o *u* se profira depois do *g*, melhor prevê-la em português *chicuangoé*, ou *xicuangoé*, com som inicial seja o *ch* beirão e transmontano (quáasi *tx*), inicial, de *xadrez*, por exemplo.

ontrei-a definida no seguinte passo: — « A base da alimentação indígena na maior parte do Estado do Congo, e também o enclave de Cabinda, é a farinha de mandioca ou *chicé* » —<sup>3</sup>.

e-se o galicismo inútil *enclave*, pelo qual podemos dizer, ou *nesya*.

chieira

Pôrto quiere dizer « vaidade, basófia ».

b. 4 de julho de 1903.

b.

GAZETA DAS COLONIAS, de 16 de dezembro de 1905

## chila (caiota), gila

O NÓVO DICIONÁRIO apresenta as três formas, que escreve *chila*, *chilacaiota* e *gila*, referindo à primeira as outras duas; não apresenta etimologia. No perfeitíssimo Dicionário de vozes chilenas, de Rodolfo Lenz, que se está publicando <sup>1</sup>, encontramos o termo *acayota* como usado no Chile. Eis o que acêrca dêle nos diz o douto filólogo:—«*alcayóta*, n. vulg. de una cucurbitácea mejicana cuyos frutos sirven para la preparacion de un dulce; el cidracayote (Dicc. Ac. cidra acayote) de los españoles (*Cucurbita ficifolia* Bouché). VARIANTES: *acayota* en GAY, Bot. VIII e II 403. Forma falsa: *alcajota* GAY Agr. II 112; ortografia falsa: *acallota*. ETIMOLOGIA: Segun Philippi, Anales del Museo Nacional, seg. seccion 1892, del nahuatl *tsila cayotti*... segun RAMOS 532, en Méjico se dice *chilacayote*, del azteca *tzila cayotli*» —.

Cumpra advertir que *nahuatl* e *azteca* são a mesma língua, e ainda, que as palavras mexicanas são idénticas, mas com diferente ortografia, sendo o *tz* e o *ts* iguais a *tç*, e os dois *tl* da primeira denominação êrro tipográfico em vez de *tl* da segunda, que em mexicano é suffixo de unidade, e se profere como um *t* lateral, seguido de *l* sibilante surdo, sem vogal intermédia.

O nome desta casta de abóbora, hoje completamente aclimatada em Portugal, veio para cá de Espanha, naturalmente como fruto, trazido do México. Vê-se que devemos escrever *chila-caiota* em duas palavras.

Quanto à forma *gila*, principalmente usada em Lisboa, é provável que seja eufemismo, adoptado para se evitar o verdadeiro nome *chila*, que aí adquiriu o significado de «excremento humano», acepção que falta nos dicionários.

<sup>1</sup> DICIONARIO ETIMOLÓGICO DE LAS VOCES CHILENAS DERIVADAS DE LINGUAS INDÍGENAS AMERICANAS, Santiago de Chile, 1904-1905, I fasc., n.º 15.

Na ilha da Madeira, conforme informação do snr. João de Freitas Branco, o nome da abóbora com que se faz o dito doce é *moganga*, ou trivialmente *boganga*, que tem aspecto africano; applicando-se a denominação *chila caiota*, ou simplesmente *chila*, unicamente ao doce.

Em Lisboa também se lhe chama *abóbora-chila*, e *abóbora moganga*.

#### chimabanda

Termo da África Oriental Portuguesa:— «Faz ainda parte do mobiliario a *chimabanda* (pilão) onde as mulheres reduzem a farinha a *mapira*, e a *mapira-manga*, as pedras chatas e planas em que pelo attricto é polvilhada a *mexoeira*, das quais a inferior e fixa tem o nome de *limbué*, e a superior e movel se chama *menacana*» —<sup>1</sup>.

V. *mapira* e *mexoeira*.

#### chinha, chinchorra

— «As bateiras *chinchorras*, assim chamadas por serem . . . as que mais se usam para o lançamento da *chinha*, tem, como os *moliceiros*, a particularidade de ser ornamentadas, á prôa e á ré, de varias pinturas e emblemas» —<sup>2</sup>.

*Chinha* foi, algumas linhas antes, explicado como— «rede de arrastar pequena» —.

<sup>1</sup> Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902, in «Jornal das Colonias», de 30 de julho de 1904.

<sup>2</sup> Luís de Magalhães, OS BARCOS DA RIA DE AVEIRO, in Portugalia. II n.º 60

## chincho, chincha

Nos Açores significam « menino e menina, pequenos », e também « coisa pequena ».

Em Aveiro *chincha*, que deve ser outro vocábulo diverso, é o nome de uma rede, e também, ao que parece, de certo barco de pesca.

## chingue

No Bailundo: — « chingues são casas pequenas » —<sup>1</sup>.

## chipapala

Quadrúpede da África Oriental Portuguesa, assim descrito por Diocleciano Fernández das Neves: — « Qualidade de animaes a que os landins chamam chipapala. Observados de longe parece [*sic*] um boi, e effectivamente os chifres eram exactamente como os d'êste animal. O cabelo da pelle era côr de castanha e curto como o dos bois e tinha a crina á semilhança dos cavallos, porém mais curta. O focinho e as patas eram como os do veado » —<sup>2</sup>.

## chiqueiro

Esta palavra é definida nos nossos dicionários como « pocil ~~de~~ lugar onde se recolhem porcos » —.

Todavia, pelo menos no Alentejo, o significado é mais r ~~o~~ trito, como se vê da explicação que do termo dá J. da Sil ~~va~~.

<sup>1</sup> O DIA, de 29 de junho de 1903.

<sup>2</sup> ITINERARIO DE UMA VIAGEM Á CAÇA DOS ELEPHANTES, Lisboa ~~de~~ 1878, p. 280-281.

ção, na ETNOGRAPHIA DO ALTO-ALEMTEJO:— «CHIQUEIRO.—  
burralorio que encerra dois ou três porcos adultos para se irem  
engordando a pouco e pouco com os sobejos das comidas...  
tc.»—<sup>1</sup>. [V. choço].

chisca, chisco, chisquinho, chizinho

O Suplemento ao Nôvo DICCIONÁRIO dá à primeira destas  
formas, como peculiar da Beira, o significado— «pequenina por-  
ção, gôta»—, declarando haver sido colhida no Fundão. O se-  
gundo, como termo algarvio, identifica-o com *cisco*, que define  
*ib.*):— «aparas miúdas, lixo»—. No Pôrto, como é sabido,  
esta última acepção é a que corresponde a *cisco* { *cinisculum* <sup>2</sup>.  
De *cisco* provém *cisqueiro*, que no Pôrto é o nome da *pá* (para  
apanha) *do lixo*, a qual também se denomina *apanhador*.

Conforme os meus apontamentos, *chisca*, *chisco* e *chisquinho*  
significam todos três «pedaço pequeno».

O mesmo Suplemento acrescenta mais outra forma beirá, *chi-  
nho*, com o mesmo significado de «porção pequena».

chitão, chitom

A primeira forma é mais portuguesa, a segunda está mais  
de longe da sua origem, a locução francesa *chut donc!* «caluda!»,  
deste o significado que teem, ou antes, tinham, porque estão  
já fora de uso. Foram porém bastante vulgares, e tanto que  
da primeira se formou um adápio:— «Com el-rei e a Inquisi-  
tão!»—<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Portugalia, I, p. 545.

<sup>2</sup> Carolina Michaëlis de Vasconcelos, in «Revista Lusitana», III,

Francisco Adolfo Coelho, A PEDAGOGIA DO POVO PORTUGUÊS, in  
Portugalia, I, p. 492.

choço (= *chôço*)

É um masculino deduzido da forma feminina *choça* { latim *plūtea* <sup>1</sup>, adjectivo substantivado, designando « armação, andaime, ripado », e cujo *ũ* nos leva a crer que mesmo a forma feminina se pronunciasse dantes *chôça*, a não ser que a primitiva haja sido a masculina, derivada do neutre *pluteum*, do mesmo adjectivo, substantivado. Cf. *pôço*, *póça*.

*Choço* no Alentejo tem significação particular, que se deduz do seguinte trecho da *ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALENTEJO*, de J. da Silva Picão <sup>2</sup> — « O chiqueiro [*q. v.*] abrange o espaço de uns vinte metros quadrados, em parte resguardado por uma alpendrada ou *choço*, onde se abrigam os *cevdões*, nome específico por que se designam os suínos assim sustentados [com sobejos de comida] » —.

## choringas, choramigas

Parece-me fora de duvida que a primeira destas formas é a correcta, e a mais popular, quer o seu étimo seja *chorame*, como pretende D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, quer *chora-mingas*, por *chora-minguas*, que me parece mais provável.

## choupa, choupo

Talvez as verdadeiras formas sejam *chôpa*, *chôpo* { clūpea, clūpeum.

Em três significados dá o Nôvo DICCIONARIO a forma feme-

<sup>1</sup> REVISTA LUSITANA, II, p. 37: J. Leite de Vasconcelos; mas já antes dado por Frederico Diez.

<sup>2</sup> REVISTA LUSITANA, III, p. 135.



nina: *a*)— «ponta de ferro ou aço; *b*) peixe esparoiide; *c*) árvore semelhante ao *choupo*» —.

A terceira acepção é o latim *pop'lus*, por metátese, *plopus*. Na 2.<sup>a</sup> acepção é o latim *clupea*, com o mesmo significado. Exemplo da forma masculina na 1.<sup>a</sup> acepção é o seguinte:— «Elvas, 20... Foi isto o bastante para que lhe cravasse... no peito um choupo que trazia» —<sup>1</sup>.

#### choutar

Conforme J. J. Núñez, do latim *t(o)lutare*<sup>2</sup>: seria pois o mesmo vocábulo que *trotar*.

#### chuá

— «Onde mora o chuá ou governador [no Aname]» —<sup>3</sup>.

#### chuanga

— «*Chuanga* é o preto que apresenta os contendores a quem resolve as questões, e resume as suas exposições: na Baixa-Zambézia é interprete» —<sup>4</sup>.

#### chucharrão, chocharrão

Sendo ignorada a orijem dêste vocábulo dialectal, é incerta a sua escrita: — «Levado pela curiosidade, fui examinar um montão

<sup>1</sup> O ECONOMISTA, de 22 de outubro de 1892.

<sup>2</sup> REVISTA LUSITANA, III, p. 235.

<sup>3</sup> António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 68.

<sup>4</sup> Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902, in «Jornal das Colonias», de 13 de agosto de 1904.

de pedregulhos que o pastor me indicou, e que era escoria (*chucharrões*, dizia) havendo indícios de ter ali havido algum forno para derreter minerio, o que se explica porque a pequena distancia ha um filão, não sei de que minerio, dando-se ao sitio o nome de Ferrarias» —<sup>1</sup>.

Em castelhano existe o vocábulo *chicharrón*, que parece pela forma ser aumentativo de *chicharro*, ou *chicharra*, «cigarra», e que o Dicionário da Academia espanhola<sup>2</sup> define do seguinte modo:— «(voz imitativa del ruido de freir) Residuo de las pellas del cerdo, despues de derretida la manteca. Dícese también de la manteca de otros animales y del sebo. // fig. Carne ú otra vianda requemada. // fig. y fam. Persona muy tostada por el sol» —. Corresponde nos dois primeiros sentidos ao que chamamos *torresmos*.

Para confirmar o parentesco do vocábulo português *chucharrão* com o castelhano *chicharrón*, vemos que a palavra *pella*, que entra na primeira definição d'êste, além do significado natural, que tem, de «banha de porco em rama», adquire também, conforme o dicionário citado, os de— «Masa de los metales fundidos ó sin labrar—Masa de amalgama de plata que se obtiene al beneficiar con azogue minerales argéntiferos» —.

O termo dialectal *chucharrão*, ao que parece mais usado no plural, corresponde portanto ao termo mais geral *escumalha*.

O primitivo *chicharra* designa em Espanha também o instrumento que em Portugal se denomina *cega-rega*.

Ambos os termos parecem ter orijem onomatopaica, isto é, serão imitação do som.

<sup>1</sup> Joaquim Manuel Correia, ANTIGUIDADES DO CONCELHO DO SABUGAL, in «O Archeologo português», x, p. 201.

<sup>2</sup> Madrid, 1899.

## chué(s), chué-chué

Este adjectivo invariável, que significa «reles, de pouco preço, aim», é conforme Júlio Moreira <sup>1</sup>, confirmando o que Dozy ropusera, o árabe *chuié chuié* [*sic*], *xuaie xuaie*, diminutivo e *خاي*, «cousa».

A aceitar-se a etimologia, a escrita deveria ser *xué*.

## chulo, chula, chuleira

É termo castelhano, que em português como adjectivo adquiriu o significado de «ordinário, brejeiro, quasi obsceno»; em castelhano, porém, designa «moço de matadouro ou de praça de touros, m tanto afadistado». No *SEculo*, de 23 de fevereiro de 1902, lê-se a locução *à chula*, «ao modo dos chulos, ou das chulas»:— «Ultimamente, vestindo com elegancia umas vezes, e *à chula* outras, parecia regenerada» —.

*Chula* é o nome de uma dança e de uma música popular, hoje provinciana. *Viola chuleira* é uma viola ordinária:— «Aqui o português ao zãozão da viola chuleira» —<sup>2</sup>.

Conforme Dozy, *chulo*, *chula* é termo de ciganos, mas de origem arábica *xul*, «rapaz». É duvidoso o étimo.

## chumbeira, chumbada

Tanto o *DICCIONARIO CONTEMPORANEO*, como o *Novo Dicc.* dão a este vocábulo o significado de uma espécie de rede. Todavia, nos passos que vão ler-se querê-lo dizer «pêso de chumbo na rede»:— «São lançadas [as petisqueiras] em compridas coças

<sup>1</sup> *REVISTA LUSITANA*, IV, p. 266.

<sup>2</sup> Alberto Pimentel, *A PRINCEZA DE BOIVÃO*, p. 44.

[q. v.], e aguentadas por boias de cortiça e chumbeiras <sup>1</sup>—  
«tem pesos de chumbo, *chumbeiras*» —<sup>2</sup>.

No mesmo sentido de «pêso de chumbo» é empregado no dito artigo outro derivado de *chumbo*, *chumbada*:—«A tralha superior tem fluctuadores de cortiça, e a inferior pesos de chumbo, chamados *chumbadas*» —.

### churinar

O NÓVO DICCIONARIO inclui êste vocábulo como de jíria, com o significado de «esfaquear». Nunca o ouvi em Portugal, e é possível que seja simples aportuguesamento do francês *chouriner*, que na jíria dos malfeitores de lá tem a mesma significação. A existir no calão português, é o caló espanhol *churinar*, derivado de *churi*, «faca», e que tem um nome de agente derivado do verbo, *churinaró*, «matador», ao qual corresponde o termo de jíria francesa *chourineur*, alcunha de uma das personagens do afamado romance de Eugénio Sue, LES MYSTÈRES DE PARIS.

### chupão

— «a chaminé ornamental de fuste prismático e adjunta a ella, caiada de branco, outra chaminé, de secção quadrada, a que chamam *chupão* em todo o Alentejo e que tem por effeito realisar a tiragem que a chaminé ornamental não effectua convenientemente.

Deve accrescentar-se ainda, que a tiragem por meio dos *chupões* é activissima e por isso, ao passo que não deixa o fumo

<sup>1</sup> P. Fernández Tomás, A PESCA EM BUARCOS, in Portugalia, p. 149.

<sup>2</sup> *ib.* p. 151.

a o calorico de tal modo, que ainda no verão não aquece  
siadamente o compartimento em que se *fogueia*» —<sup>1</sup>.  
anto o substantivo *chupão*, como o verbo *foguear* são vo-  
os que merecem ser adoptados na lingua comum, com os  
los que aqui expressam.

### chus

ste advérbio é antigo, do latim plus, e vemo-lo, por exem-  
ia DEMANDA DO SANTO GRAAL, — «e era muito leterado,  
donzela chus» —<sup>2</sup>. Ainda hoje é usado na locução *não dizer  
nem mus*, ou *bus*.

Que *mus* ou *bus* é êste?

ois étimos se lhe podem attribuir, conforme se considere  
antiga a primeira ou a segunda forma. A aceitar-se *mus*,  
ia ser uma contracção violenta do latim minus, com des-  
io do acento, e portanto pouco provável, existindo na lingua  
dadeiro correspondente *menos*, que ainda assim não pode  
ncer às oriens dela, atenta a conservação do *n* medial:  
*eia* { *cena*).

utra explicação applicável a *bus* seria que a frase fosse  
popular, e recebida em parte dos ciganos de Espanha, em  
dialecto *bus* quiere dizer «mais». Assim, a locução signifi-  
: «não dizer *mais*, nem em português, nem em cigano».

r. Diez<sup>3</sup> dá como étimo, que se pode ver no DICCIONARIO  
UAL ETYMOLOGICO de F. Adolfo Coelho, um vocábulo *bus*,  
que se encontra em várias linguas, mas que não concorda  
o sentido que tem *bus* na locução referida.

---

Melo de Matos, AS CHAMINÉS ALEMTEJANAS, in Portugalia, II,

in REVISTA LUSITANA, VI, p. 334.

ETYMOL. WÖRTERBUCH DER ROMANISCHEN SPRACHEN, BONN,

Exemplo recente de *chus* e *bus* é o seguinte:— « Recebeu trezentas varadas... mas outro... levou mil, sem dizer chus nem bus » —<sup>1</sup>.

### chusma

Já o DICCIONARIO CONTEMPORANEO deu como étimo a êste vocábulo o latim *celeusma*; todavia, não explicou o modo como se realizou a evolução. Deu-o J. J. Núñez na REVISTA LUSITANA [III, páj. 277]: *celeusma* } *cleusma* } \* *cheusma* } *chusma*. Camões empregou a forma alatinada *celeuma*:—

« A medonha celeuma se levanta » —

Hoje faz-se diferença entre *celeuma* e *chusma*, visto que o primeiro vocábulo quere dizer « grita », e o segundo « multidão ».

### cibo, cêvo

Do latim *cĭbum* proveio *cêvo*, com *e* { *ĩ*, e *v* { *b* medial, como é regra na evolução portuguesa do latim vulgar. Ou por influência literária, ou por distinção dialectal que se propagou, temos formas derivadas do mesmo radical em que figuram *i* e *b* latinos; tais são *cibalho*, *cibato*, e *cibo*, o último dos quais parece puro latinismo. *Cibato* foi empregado por Camões na Canção XVI:

Aqui Progne, de um ramo em outro ramo,  
Com o peito ensangüentado anda voando,  
Cibato para o ninho indo buscando.

<sup>1</sup> GAZETA DAS ALDEIAS, de 25 de março de 1906.

Não sei se *cigalho*, «porção pequena», é ainda um derivado e cibum, com mudança de *b* em *g*, como o andaluz *agüelo* omparado ao castelhano *abuelo* { auólum, e, procedente de *v*, português *gastar* { *uastare*, *goraz*, de uorace. Apresento isto penas como simples conjectura, que oferece poucas probabilidades de ser acertada.

ciciar; cecear, ceceoso

Estes dois verbos, diferentes na significação, andam geralmente confundidos nos dicionários, e assim também os substantivos rizotónicos derivados dêles, *ceceio* e *cicio* (= *cicio*).

*Ciciar* expressa: 1.º sussurro indistinto e ténue; 2.º a fala em segredo, sem voz, «ao ouvido», como costuma dizer-se, o *ochichar*, que em francês se diz *chuchoter*. Nesta última acepção empregou Alexandre Herculano o substantivo *cicio*:— «assim canto melancolico e melodioso das virgens foi pouco a pouco enfraquecendo até expirar no *cicio* de orações submissas»<sup>1</sup>.

Como termo de fonética, *cicio* é a ausência de voz, o que, em terminolojia técnica, se diz em francês *le chuche*, em inglês *the whisper*.

As consoantes sonoras, quando proferidas em segredo, são ciciadas, ficando muito semelhantes às surdas correspondentes, de modo que *casa* fica quasi igual a *cassa*, *vaso*, quasi igual a *faço*; o mesmo acontece entre *já* e *chá*, quasi iguais, proferidos em segredo.

Em português existem permanentemente vogais ciciadas, ou afónicas, todas as vezes que *u* (ou *o* = *u*), *e* surdo e *i* estão precedidos de uma consoante surda, quando finais, ou entre duas consoantes surdas; por exemplo: *fato*, comparado com *fado*; *ouço*, comparado com *ouso*; *testar*, comparado com *distar*, etc.

*Ceceio* é outra cousa: é o defeito, ou antes a particularidade de proferir o *s* como ç. Este nome, conforme o carácter de cada

<sup>1</sup> EURICO O PRESBYTERO, XII, O Mosteiro.

dialecto, tem significações mais ou menos especificadas. Para o indivíduo da Beira-Alta *ceceio* designa o proferirem-se os *ss* e os *çç*, à maneira de Lisboa, e não como lá, onde são pronunciados no ponto em que se profere o *r* brando, o que lhes dá grande semelhança com *x*, e, em relação ao *z*, com *j*.

Para os indivíduos de Trás-os-Montes, que diferenciam *s* de *ç*, e *s* brando de *z*, *ceceio* é não fazer tal distinção, pronunciando-os como em Lisboa.

Para os indivíduos de Lisboa *ceceio* é a pronúncia brasileira de *s* e *z* seguidos de consoante, ou finais, com os seus valores alfabéticos, em vez dos de *x*, *j* que se usam no sul de Portugal. O brasileiro em geral diz *paçtaç*, por *pastas*, *mezmoç* por *mesmos* (= *mêjmur*).

O contrário de *ceceio*, é o que se chama *chabancas*, particularidade que consiste em pronunciar os *ss*, como na Beira-Alta, subcacuminais, no ponto em que *r* brando se profere, isto é quasi como *x*, e o *z* quasi como *j*.

*Ceceio* se chama também o defeito, porque esta particularidade é individual, de aproximar dos dentes a ponta da língua demasiadamente.

Em Espanha *ceceo* é a pronúncia do *c* ou do *z*, idênticos, e diferentes de *s*, aproximando a língua dos dentes, como é necessário para bem articular aquelas letras em castelhano.

Chamam lá também *ceceo*, ou *zeteceo* à pronúncia dos *ss* e dos *zz* como *ç* português, usada na Andaluzia, e nas nações americanas de origem espanhola.

Em português chama-se *ceceoso* áquele que pronuncia os *ss* com *ceceio*.

cifra. decifrar, zero: algarismo

O primeiro destes vocábulos foi o de preferência usado em português, antes da influência francesa em toda a nossa literatura, mesmo na científica, vai em sessenta anos. O que a maioria das pessoas não sabe é que são um só e o mesmo vocábulo *cifra* e *zero*, que os franceses escrevem *zéro*, pronunciando *zê-ro*.



A palavra é arábica, *ṣifr*, «vazio, oco», tradução do termo sanscrito *xūñīa xunīa*, que tem a mesma significação, e também designava a cifra, ou «nulidade, ausência de quantidade», tendo só valor de posição para se localizarem os outros garismos, no sistema de numeração decimal que os árabes aprenderam dos índios. Com este valor passou o vocábulo árabe para português e castelhano, sendo nestes representada a consoante inicial por *ç* (*ce, ci*), como de regra, na transcrição de qualquer dos dois *ss* arábicos, o leno e o enfático, ou guturalizado, que aqui represento por *ṣ*. Das duas línguas hispánicas, a da forma alatinada do vocábulo árabe, *zephyrum* ou *zeyrum*, passou a palavra ao francês *ciffre*, deste ao inglês *pher*, e ao italiano *cifera*. do qual foi transplantado outra vez para França com a forma *chiffre*, arremêdo do toscano *cifera*, pronunciado *tchifera*. pois no dialecto veneziano se escrevia *zif(e)ra*, se proferia *teif(e)ra*, o que estava mais conforme com o valor inicial arábica e peninsular.

Foi Leonardo de Pisa quem no século XII latinizou este vocábulo em *zephyrum* <sup>1</sup>, e os italianos abreviaram-no ao depois em *ro*, talvez primeiramente pronunciado *teero*, mas actualmente *èro*, que os franceses adoptaram, acomodando à sua pronunção a escrita italiana. Em português, como disse, é provável que a forma *zéro* provenha directamente da francesa escrita, com a acomodação igualmente à nossa leitura. Os alemães chamam-lhe *ulle*, do latim *nulla*, «nada».

Máximo Planúdio, monje grego do XIV século, escreveu um tratado, que intitulou *PSĒP'OP'ORÍA KAT' INDOÚS* [Cálculo entre os índios], onde diz, a respeito dos algarismos o seguinte:— «Há só nove figuras, e são estas: 1.2.3.4.5.6.7.8.9, e tem também outra figura que chamam *TZIP'RA*, e para os índios esta não vale

<sup>1</sup> Conforme Libri, *Histoire des Sciences mathématiques en Italie*. t. II, 29, citado por F. Woepke, *MÉMOIRE SUR LA PROPAGATION DES CHIFFRES INDIENS*, Paris, 1863, do qual é extrahado em grande parte este artigo.

nada, e as nove ditas figuras são índicas, e a TZIP'RA escreve-se assim O » —<sup>1</sup>.

Portanto, desde o XIV século estava a Europa de posse do sistema de numeração dos índios, com as formas arábicas, modificação das indianas, e das quais com pequenas diferenças ainda usamos. A diferença maior é que num dos sistemas arábicos, o asiático, o algarismo 5 é figurado por O, ou quasi, e a cifra por um ponto (•). Dos árabes os receberam os gregos, os quais os propagaram pela Europa, que adoptou as formas mais cursivas berberiscas, consagradas definitivamente pela imprensa.

Os romanos, como não conheceram a cifra, que pela sua inserção entre os outros algarismos indica o valor destes no sistema decimal. usavam uma tabela quadriculada, chamada *abacus*, *ábaco* (em grego *ÁBAKS*), bastante enjenhosa na realidade, mas inferior ao uso da cifra em clareza e facilidade para o cálculo. Era, pouco mais ou menos como a figura seguinte, que explico:

1000000	100000	10000	1000	100	10	1
					1	1
				1		1
			1	1		1
		1	5			4
	7		3		2	5
	1		1			1
1		1		1		

<sup>1</sup> Woepke, *op. cit.*, p. 193-194. O texto está em grego; apresento-o traduzido literalmente: apenas empreguei os algarismos correntes por me-  
tarem os sinais que nesse texto foram reproduzidos.

Onze . . . . .	11
Cento e um . . . . .	101
Mil cento e um . . . . .	1101
Quinze mil e quatro . . . . .	15004
Setecentos e três mil e vinte e cinco . . . . .	703025
Quatrocentos e um mil e um . . . . .	401001
Um milhão dez mil e cem . . . . .	1010100

*Algarismo* é vocábulo também arábico, mas deduzido da alatinada *algorismus*, que na Idade-Média designava «pêndio de aritmética», e procedeu do nome do autor árabe *al-djêsser* compêndios <sup>1</sup>. *Cifra* no sentido de «algarismo» é verdadeira afrancesada; mas é muito portuguesa com o significado «escrita enigmática», de que procede *decifrar*.

#### cigano

Este termo é já antigo na língua, pois o vemos nas Ordenações Filipinas, no Título LXIX do Livro V;— «Mandamos que ciganos, assi homens como mulheres, nem outras pessoas, de qualquer nação que sejam, que com elles andarem, não entrem nos Reynos e Senhorios»—.

Al Vicente, na FARSA DAS CIGANAS, imitou-lhes o falar andaluzado e estrangeirado, com o costumado primor que em outras peças remedou a pronúncia mourisca e a dos da Guiné, bem como os falares provinciais <sup>2</sup>.

*Brincos* designam também «brincos para as orelhas», nome muito parecido com os usados pelas ciganas:— «As es-

---

<sup>1</sup> Delo Devic, Suplemento ao Dicionário francês de Littré, *sub. v.* CIGANE.

<sup>2</sup> A. R. Gonçalves Viana, DEUX FAITS DE PHONOLOGIE HISTORIQUE ET LINGUISTIQUE, Lisboa, 1892, e CORRESPONDANCE PHILOLOGIQUE AVEC L. L. Bonaparte [em 1894], in «Revue Hispanique», t. VI, p. 13

trellas, annéis, ciganas, circulés ou afogadores» —<sup>1</sup>. O Novo DICCIONÁRIO já traz o vocábulo neste sentido especial, e define-o: — «arrecadas de um só pingente» —. A definição é pouco clara.

As tribos vagabundas dos ciganos receberam nomes diversos em cada nação.

Os espanhóis chamam-lhes *gitanos*, isto é, *egitanos*, «do Ejipto», e nome idéntico lhes dão os ingleses, *Gypsies*. Os franceses denominaram-nos *Bohémiens*, naturalmente porque para lá vieram, ou disseram que vinham, da Boémia. Em alemão em italiano, em português, *zigeuner*, *zingari*, *ciganos*, o nome é étnico deles próprios, conquanto os de Espanha, por exemplo, o não usem já, substituindo-o por *cincallés*.

É pois absurdo designar essas tribos em português com o nome de *boémios*; não o sendo menos disfarçar a palavra *cigano* em *tsigano*, pois o italiano *zingari*, alemão *zigeuner*, ou o romeno *tsigani*, com os sons *tç* iniciais, nada querem dizer que difira essencial ou acidentalmente do termo português, o qual, ao contrário do que acontece em francês, inglês ou espanhol, é a denominação legítima dessas tribos, já usada até em francês, com a forma *tsiganes*, desde que a palavra *bohémiens* adquiriu a acepção de «tunante, estúrdio».

Em português também se chamou ao cigano *ejipcio*, e *ejitacato*<sup>2</sup>.

cigarro; cigarrinho

Para *cigarro*, que primeiro quis dizer «charuto» em português, como no castelhano ainda hoje, veja-se **tabaco**.

*Cigarrinho* em Santa Cruz, ilha da Madeira, é o nome **de**

<sup>1</sup> O DIA, de 27 de outubro de 1903.

<sup>2</sup> J. Leite de Vasconcelos, TRADIÇÕES POPULARES PORTUGUESAS, DO SÉCULO XVIII, in «Revista Lusitana», VI, p. 294, (q. v.).

ave, *sylvia compicillata*, conforme Ernesto Schmitz [DIESEL MADEIRAS].

Deve ser deminutivo de *cigarra*, e não, de *cigarro*.

#### cimeiro

Como adjectivo já o registou o NÔVO DICIONÁRIO Na Sertã *porta cimeira* é a «porta de cima», por oposição *orta da rua*.

#### cipai(o)

Êste vocábulo, que designa «milícia indijena» na Índia, aparece escrito por modos verdadeiramente singulares, entre outros o extravagante *sypaes*, com *y*, sem se saber porquê, por exemplo no seguinte trecho:— «*Santobá Ran Ranes...* cypae da companhia do Infante» —<sup>1</sup>.

O vocábulo é persiano SIPAHI, SIPAI, «hoste», que parece vir de ASP, «cavalo» <sup>2</sup>. Os ingleses escrevem **Seпой, Seapoy**, sem *sipói*.

#### cirata

O NÔVO DICIONÁRIO dá a êste vocábulo como significação espécie de xairol», e declara-o desusado. No Suplemento VOCABULÁRIO PORTUGUEZ E LATINO de Bluteau vem um artigo tanto longo, pelo qual se pode deduzir, da citação que faz, já obsoleto no seu tempo e mesmo no de Dom Sebastião. No entanto, vemo-lo ainda empregado no seguinte trecho:— «Esta cidade [de camarista de Sua Santidade], alem das honras

<sup>1</sup> O SÉCULO, de 1 de abril de 1902.

<sup>2</sup> Yule & Burnell, A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS, 1886, 612-613.

prelaticias dá-lhe o direito de montar uma mula branca com cirata vermelha, e esporas de ouro» —<sup>1</sup>. Bluteau traduz por *Pellis ephippiaria*. José Inácio Roquete, que, na sua qualidade de eclesiástico de bastante erudição apropriada, deve ser considerado autoridade, no *DICTIONNAIRE PORTUGAIS-FRANÇAIS*<sup>2</sup> declara ser a significação de *cirata* — «bord d'une selle» —.

cirieiro, cerieiro; círio, cerial

A verdadeira escrita é sem dúvida com *i* na primeira sílaba, pois o vocábulo quer dizer «fabricante de círios». Todavia a escrita com *e* é muito antiga, e à pronúncia naturalmente é devida, pois, como é sabido, numa série de sílabas cuja vogal seja *i*, sómente o último tem êste valor; os das sílabas antecedentes passam a valer *e* surdo<sup>3</sup>, como por exemplo *militar*, *ministro*, que toda a gente, à excepção de um pequeno número de pessoas que escolhem para seu uso pronúnciação affectada, ai não profere o *i* da sílaba *mi* com o seu valor alfabético. Antigamente, mesmo, escrevia-se *melitar*, como se escrevia *vezinho*, que é a verdadeira ortografia da palavra. Em *cerieiro*, por *ci-rieiro*, influiu também a palavra *cera*, visto que os círios eram e são fabricados desta substância — «Sabede que Ioham Coel e Luis Míz e Gill Fřz, e Manoel Gill, cerieiros moradores em essa villa de Santarem» —<sup>4</sup>.

*Círio* tem outra acepção, a de «romaria», que provavelmente lhe foi dada por motivo de ser levado na procissão algum círio bento.

<sup>1</sup> O ECONOMISTA, de 24 de setembro de 1892.

<sup>2</sup> Paris, 1855.

<sup>3</sup> V. A. R. Gonçalves Viana, ORTOGRAFIA NACIONAL, Lisboa, 1914, p. 99-104.

<sup>4</sup> Carta régia de D. Afonso V, in Portugalia, I, p. 366.

O NÓVO DICIONÁRIO dá ao vocábulo terceira acepção, pois os diz ser nome de cacto.

Quarta acepção diferente de todas estas, e que não pode ter a mesma orijem, lê-se na ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, de J. da Silva Picão <sup>1</sup>:—«Os antigos silos (círios) ou tulhas subterraneas» —.

Cumpre não confundir *cirial*, «tocheiro portátil em que se põe o círio», com *cereal*, «grão panificável», do latim *cerealis* { Ceres; como aconteceu a um rejedor, a quem o administrador do concelho pedira uma nota dos cereais que havia em depósito na freguesia, e que respondeu em officio não lhe constar haver outros *ceriais* além daqueles que acompanhavam Nosso-Pai, quando se ia levar o viático aos enfermos.

citânia, citaniense, cidade, cidade

Este termo de arqueologia prehistórica, o qual desde o congresso de 1880 em Lisboa, e em resultado dos trabalhos preparatórios e subsequentes com elle relacionados, adquiriu grande notoriedade, é do seguinte modo descrito por pessoa tam competente como José Leite de Vasconcelos, actual director do Museu Etnológico, acomodado no edificio do mosteiro de Belém: — «Outras designações de ruinas são *cividade*, *cidade* e *citânia*. . . A etymologia de citania tem dado que fazer aos archeólogos, mas ella parece-me simples, *salvo meliori*: o português *ladão* vem de um derivado latino *civitanus*. . .; ora desta *lavra* podia formar-se *civitania*. . . » —<sup>2</sup>.

Para aceitar-se este étimo, que me parece muito plausível, **sta** considerar-se que do latim *ciuitatem* procedeu primeiro *cidade*, que ainda persiste neste sentido restrito, e que *civi-*

<sup>1</sup> in Portugalia, I, p. 539.

<sup>2</sup> p. 62, Colecção de David Corrazi, BIBLIOTHECA DO POVO E DAS  
SCOR. 10

*dade* em castelhano se reduziu primeiro a *cibdad* e depois a *ciudad*, o contrário de Paulus que deu *Pablo*: e assim como de *cidade* proveio o actual *cidade*, assim também de um *civítania* resultou *citânia*.

Martinz Sarmiento derivou d'êste substantivo um adjectivo: — «firmariam a sua dominação sobre os Lígures citanien-ses» —<sup>1</sup>.

O vocábulo *cidade* é também empregado por Alberto Sampaio, conjuntamente com *citânia*: — «as ruínas dos *oppida*, conhecidas hoje tradicionalmente por *cidades*, *citánias*, *castros* ou *crastos*» —<sup>2</sup>.

Vê-se que são sinónimos, os quais ficam d'êste modo definidos.

#### civilista

Êste neologismo foi empregado por Duarte Gustavo Roboredo de Sampaio e Mello, num projecto de lei, apresentado às Côrtes em 1 de março de 1900, acêrca do divórcio: — «Traduziu elle [o Código CIVIL] talvez ao tempo da sua publicação a melhor obra da legislação civilista até então» —.

#### clamor, cramor, cramação

O DICIONARIO CONTEMPORANEO já definiu esta palavra no sentido especialíssimo que tem no norte do reino: — «Procissão de preces em que os fieis vão rezando alto em côro» —. É o *pardou* da Bretanha Francesa.

Todavia, a forma, pela qual é conhecida a dita procissão, é a literária que dá o dito dicionário, mas sim *cramol* (cf. *frœol*, do latim *flore*) e *caramol* (cf. *carapinteiro*, por *carpinteiro*).

<sup>1</sup> Portugalia, I, p. 12.

<sup>2</sup> AS «VILLAS» DO NORTE DE PORTUGAL, in Portugalia, I, p. 107.



Sôbre estas procissões típicas veja-se Portugalia, I, páj. 624 e 664:— «Mais do que os clamores, cramos ou caramoes, accusam os cercos... vestígios menos distantes de religiosidade»—.

Na ilha da Madeira *cramação* quiere dizer «clamores, gritaria».

### clan

Esta palavra escocesa (*clann* «filhos», «projénie») muito usada em Inglaterra, onde a tornaram conhecida as afamadas novelas de Gualtério Scott, passou também para França, e de lá foi trazida a Portugal por intermédio da literatura, mesmo científica, com a pronúncia errada *clã*, sendo que a verdadeira é *cláne*.

Se o vocábulo se aplica a escoceses, tem êle cabimento; o que é abuso é trasladá-lo à outras tribos de constituição mais ou menos análoga à dos serranos da Alta-Escócia (Highlanders), de orijem e linguaagem céltica.

Acêrca desta expressão escrevi eu a nota seguinte na SELECTA INGLESA DE LEITURAS FÁCEIS, aprovada para o ensino do inglês nos nossos liceus, comentando a expressão *the clan of Mac Donald* do texto:— «da grei de Mac-Donald... O vocábulo *clan* corresponde ao *GENS* latino e designa na Alta-Escócia, entre as populações que falam gael, uma «parentela inteira», um ajuntamento de familias que obedecem á autoridade de um único chefe, e usam *appellido* commum a todas ellas, presumindo-se descendem de um só avoengo. Assim, em Mac-Donald, êsse avoengo chamava-se Donald, e Mac significa «filhos», «progenie». O vocábulo *clan* é em inglês applicado a grupos de familias de constituição análoga em outros povos, e os franceses já o adoptaram» —<sup>1</sup>.

Ora, em português podemos dizer «parentela» ou «grei», para evitarmos o neologismo. Em sentido muito semelhante usou

<sup>1</sup> Lisboa, 1897, p. 230.

Gabriel de Annunzio, com relação à região dos Abruzos, o termo talvez local, *parentado* <sup>1</sup>.

Qualquer que seja a ortografia que se adopte, é absurdo escrever, como é muito comum, o vocábulo *grei* ; *grex*, *gregis*, com *y*, **grey**, quando se escrevem com *i lei* ; *lex*, *legis*, e *rei* ; *rex*, *regis*.

claro

Este vocábulo, como substantivo, significa «intervalo», **mas** tem sentido muito especial no trecho seguinte:— «Aos *claros*, que constituem as extremidades das redes, pendem as cordas, cabos de linho, cada um com 30 ou 40<sup>m</sup> de comprimento», — <sup>2</sup>.

clises

É termo de jíria e significa «olhos»: daí procede o verbo *clisar*, por «olhar». É o caló *clisé* «olho», com deslocação do acento para a 1.<sup>a</sup> sílaba.

coa-das-pichas

— «Alem destas [redes envolventes volantes] usam os pescadores do Mondego uma outra a que chamam *Coa das pichas*», — <sup>3</sup>.

cobrinha

No concelho de Vila Nova de Ourém este diminutivo **de** *cobra* applica-se como nome ao que chamamos *alfavaca de cobra*, isto é, à parietaria.

<sup>1</sup> LA FIGLIA D'ORIO.

<sup>2</sup> P. Fernández Tomas, A PESCA EM BUARCOS, in *Portugalia*, <sup>1</sup>, p. 151.

<sup>3</sup> *Portugalia*, I, p. 380.

## cocho; copo; coche

e J. Leite de Vasconcelos êste vocábulo, que serve ar um «tabuleiro para transportar cal amassada», é latina, *cop(u)lum*, metátese de *poculum*, *copo*. será talvez um alótopo do mesmo vocábulo latino ue tivesse antes passado pela forma intermediária manutenção excepcional do *p* intervocálico, por ser a -erudita.

ra *coche*, «carruagem de stadão», é porém de orijem *csi* (= *cóchi*).

## codeão

itejo significa êste aumentativo de *códea* «terra en-la geada»<sup>1</sup>.

## coicão

a-Baixa tem êste nome «a parte do carro que assenta

colchão; côcedra, cōzedra, cocêdra, cozêdra; coxim

bulos 3.º, 4.º, 5.º e 6.º são alótopos, formas diverjen-n culcitra; se porém a acentuação dos dois últimos nda sílaba, o que me parece menos provável, atenta a una *cóltrice*, com metátese, por *côlcitre*, temos de

---

te de Vasconcelos, REVISTA LUSITANA, II, p. 22.  
nação do editor, natural de Almeida.

supor como étimo dêles uma forma deminutiva *culcītula* que desse *cocēdra*. Com respeito à queda do *l*, confronte-se *doce* de *dulcem*.

*Colchão* é simples aumentativo de *colcha*, que pressupõe uma violenta absorção da sílaba medial *ci* do deminutivo, ou outra forma *culcita* igualmente dificultosa. Kōrting <sup>1</sup> propõe também que sejam derivados de *collocare*, castelhano *colgar*.

*Coxim* será, segundo o parecer do mesmo autor, o *latim* *culcitinum*, o que também apresenta dificuldades.

#### colheira

Esta peça dos arreios das cavalgaduras veio provavelmente de Espanha, onde se chama *collera* (pron. *colhera*) ( *cuello* (pron. *cuelho*), «colo»; em português deveria dizer-se *coleira*, tanto a do cavalo, como a do cão.

A pronúncia *coelheira* é viciosa, pois o vocábulo nada *tem* que ver com *coelho*, que em castelhano é *conejo*.

#### combo

África Oriental Portuguesa: «infelicidade» <sup>2</sup>.

#### comédias

Na praia da Nazaré ouvi assim denominar a «praça dos arlequins».

<sup>1</sup> LATEINISCH-ROMANISCHES WÖRTERBUCH, Paderborn, 1890, n.º 2013 e 2813.

<sup>2</sup> Diocleciano Fernández das Neves, ITINERARIO DE UMA VIAGEM À CAÇA DOS ELEPHANTES, Lisboa, 1873, *passim*.

## cómico

— «O conjunto de herdades que constituem uma lavoiira signa-se por *cómodo*» —<sup>1</sup>.

Confronte-se o emprêgo do mesmo vocábulo para designar «repartimentos de uma habitação».

## companha

— «As *companhas* são grupos de pescadores que se reúnem a exercerem a industria da pesca, e se compõem de um chefe, *traes*, e dos *companheiros*» —<sup>2</sup>. Conforme J. Leite de Vascelos deriva-se do verbo *companhar* { *cumpniare* { cum *panis* <sup>3</sup>, «pão».

## comparança

Este substantivo, formado de *comparar*, como *esperança* de *erar*, não vem nos dicionários, e todavia êle concorre popularmente em todo o reino com o literário *comparação*; o mesmo acontece com *declareza*, a par de *declaração*.

## compassar

Eis aqui um sentido muito especial dêste verbo: — «Quando atirador queria fazer uso do arcabuz, abria a caçoleta, «com-

<sup>1</sup> J. da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALEMTEJO, in Portugal, I, p. 271.

<sup>2</sup> *ib.* P. Fernández Tomás, A PESCA EM BUARCOOS, p. 154.

<sup>3</sup> REVISTA LUSITANA, II, p. 33.

passava » a mecha, isto é, dava-lhe o comprimento sufficiente para chegar á caçoleta, apertava o gatilho, e o tiro partia »—<sup>1</sup>.

### condessar, condessa, condessilho

No Suplemento ao Nôvo DICCIONÁRIO vemos o verbo *condessar*, nos seguintes termos:— «(ant.) guardar, pôr em depósito. (De *condeça*) »—.

Santa Rosa de Viterbo traz efectivamente como antigo o verbo *condesar*:— «Guardar. Daqui **Condessa**, ou **Condessilho**: aquillo, em que alguma cousa se guarda.—**Condessilho**: o mesmo que *Deposito*, segundo Duarte Nunes do Lião »—<sup>2</sup>.

Na realidade, o filólogo citado por Viterbo inclui na lista do cap. XVII da ORIGEM DA LINGUA PORTUGUESA, como antigo, o indicado *condessilho*.

A. A. Cortesão, no Aditamento aos SUBSIDIOS PARA UM DICCIONÁRIO COMPLETO DA LINGUA PORTUGUESA, diz-nos:— «Condessa ou condessa... [o arch... *condesar*, do hisp. *condesar* (do latim *condēre*...)]—emende-se [na obra]:—o arch. *condesar*, do hisp. *condesar*, do latim *condēre*...]. Cf. também o hisp. *condensa* (do latim *condensa*), logar onde se guarda alguma coisa, por exemplo, a despensa, o guarda-roupa, etc. »—.

À parte a preocupação do autor d'este utilíssimo repositório em converter o castelhano numa espécie de crivo pelo qual o latim, o árabe, o germânico, etc. hão de passar para chegarem ao português, teoria evidentemente errónea, pois o português, se não é mais antigo, é contemporâneo do castelhano em toda a sua evolução, que é mais fiel quasi sempre às formas orijinaes: à parte este senão, repito, o autor deixou a claro a orijem do

<sup>1</sup> Portugalia, I, p. 603.

<sup>2</sup> ELUCIDIÁRIO DOS TERMOS E FRASES QUE ANTIGAMENTE SE USAVÃO, Lisboa, 1795.

vocábulo *condêssa* (com *ss*, e não *ç*) e do verbo *dêste* derivado, *condessar*.

Como não tenho ao meu alcance abonação portuguesa, e as enho castelhanas, darei estas:— « Dicen que un religioso habia cada dia limosna de casa de un mercader rico, pan é mantega é e outras cosas, et comia el pan, é lo al condesaba, e ponía la miel e la manteca en una jarra »—<sup>1</sup>. C' a mi sienpre me tienen cuidado. | de entro en buenas cubas condesado <sup>2</sup>.

É claro que *condessa*, no sentido de « cesta de vêrga, de forma circular ou oval, sem asa, e com tampa ligada », nada tem que ver com outro vocábulo, *condessa*, femenino de *conde* { comitem.

confeito; confetti

Este particípio, do verbo *confazer*, do qual se derivou o verbo *confeitar*, que produzia *confeiteiro* e *confeitaria*, (no norte, *doceiro*, *docaria*) não está colijido nos dicionários, nem como particípio, nem como adjectivo; todavia, vemo-lo muito bem empregado nesta última categoria por F. Adolfo Coelho, no seguinte passo:— « Não sei quando começaram a preparar em Portugal *amendoas confeitas* »—<sup>3</sup>.

Bluteau no mesmo sentido usou *confeitado*.

*Confeito* como substantivo, designando uma espécie de pastilha doce, esférica, deve ser imitação do italiano *confetto*, plural *confetti*.

Em Portugal era uso, e não sei se ainda o é, arremessar *confeitos* aos noivos, ao saírem da igreja, e em Itália servem-lhes de projectil para jogar o entrudo. A moda passou a França, onde à imitação se fabricam uns discos de papel de várias côres,

<sup>1</sup> Biblioteca de autores españoles, tomo LI, p. 57, col. I.—CALILA É DYNNA.

<sup>2</sup> DENUESTOS DEL AGUA Y EL VINO, texto do XIII século, in « Revue hispanique », XIII, p. 617.

<sup>3</sup> A PEDAGOGIA DO POVO PORTUGUÊS, in Portugalia, I, p. 484.

menos contundentes e mais baratos que os verdadeiros confeitos italianos. Vieram para cá os tais discos substituir os afamados *papelinhos* nacionais, e, como aos franceses não chega a língua para pronunciarem correctamente o italiano *confètti*, estropiaram-no em *confeti*, parvuice que também, por ser francesa, se espalhou em Lisboa, entre a gente que presume de fina.

A se não querer adoptar o nome muito português e tradicional *papelinhos*, o que temos a fazer, o que faz quem quere falar português em Portugal, é dizermos *confeitos*, designando com êste termo não só os doces, mas a sua imitação, tal qual fazem os italianos ao seu *confetto*.

E, a propósito dêste singular, sempre desejaria saber se os que acentuam *confètti*, dirão no singular *confètti*, ou *confèttó*!

#### congosta, cangosta

Êste vocábulo, cuja forma mais correcta é *cangosta*, porém a mais usual *congosta*, é um exemplo muito característico de polissíntese em português. É um composto, por elisão da sílaba final no primeiro elemento e da sílaba inicial no segundo, pois o seu étimo é *canale* e *angosta*<sup>1</sup>, de que resultou *canalangosta* } *canangosta* } *cãangosta* } *cangosta* } *congosta*, por fim, em virtude de assimilação da vogal da primeira sílaba à da segunda. Cf. para a última destas formas *ô* contracção de *ao*:

Condensação das várias sílabas de um vocábulo exemplifica também *quelha* } *canalicula* } *canalilha* } *canalelha* } *cãlelha* } *cãelha* } *caelha* } *quelha*.

#### consertador

— « Para as rédes de arrasto ha mesmo um certo numero de individuos a que chamam *redeiros*, *atadores* ou *concertador* »<sup>es</sup>.

<sup>1</sup> J. Leite de Vasconcelos, REVISTA LUSITANA, IV, p. 273.



clusivamente se dedicam a este serviço na época de mais  
 «peixaria de peixe» —<sup>1</sup>.

O serviço aqui mencionado é o de «consertar e encascar»  
 as peças, isto é, de emendá-las e tinji-las.

Para a escrita deste verbo *consertar*, de *consertus*, par-  
 ticipado do verbo *conserere*, diferente de *concertar*,  
 deriva *concerto*, «ajuste, combinação», veja-se ORTO-  
 GRAFIA NACIONAL <sup>2</sup>, páj. 121.

#### consoar

É verbo, conforme D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos,  
 deriva de *cum + sub + unare*, e *consoada*, de *cum + sub*  
 + *ata*, sendo *-ata* a terminação feminina do participio  
 do passivo do dito verbo <sup>3</sup>. Estanislau Prato propusera  
*consoata*, ao que se opõe a locução *de consum*, «em comuni-  
 — «Consoámos por ser dia de quaresma e jejum» —<sup>4</sup>.  
*consoar*, como pode ver-se nos dicionários, quer dizer «tomar  
 jejum leve, por preceito religioso».

*consoada*, que, conforme a mesma abalisada romanista,  
 deriva de *ad + sub + uno* <sup>5</sup>.

#### conto, conta, contaria

A unidade de contagem de cereal em rama usada em Trás-os-  
 Montes é a *pousada*, que se compõe de quatro molhos. O termo  
 usado nos arredores de Bragança. O cereal em grão tem por

<sup>1</sup> J. Fernández Tomás, A PESCA EM BUARCOS, in Portugalia, I,

Lisboa, 1904.

<sup>2</sup> REVISTA LUSITANA, I, p. 124, 130; III, 362, 365.

<sup>3</sup> António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS,  
 1894, p. 80.

<sup>5</sup> REVISTA LUSITANA, I, p. 130.

unidade a *conta*, que é igual a quarenta alqueires, isto é, uns seis hectolitros.

Uma singularidade da mesma rejião é o número 20, tomado como básico para a contagem, à maneira do vasconço *oguet*, do francês *vingt*, do dinamarquês *tyve*.

Dêste modo *oitenta* diz-se *quatro vezes vinte*, em francês *quatre-vingts*, em dinamarquês *fjirsindstyve*, «quatro vezes vinte»; em vasconço *lauroquet*, «quatro vintes», de *lau(r)* «quatro».

A expressão *conto* só hoje se emprega, com a significação de «milhão», com referência a dinheiro, equivalendo *um conto de réis* a «um milhão de réis».

Bluteau <sup>1</sup> insiste em que *conto* não é mais que *milhão*, e que *conto* se diz de réis, e *milhão*, de cruzados, censurando o Padre António Vieira, porque os diferenciou.

Fernám Méndez Pinto <sup>2</sup> diz-nos: — «São estas feyras ambas francas e livres, sem pagarem nenhum direyto, pela qual causa concorre a ellas tanta gente, que se afirma que passa de tres contos de pessoas» —.

¿Quis o autor dizer «três milhões de pessoas»?

Assim parece, se compararmos esta expressão de número com a que se lhe segue: — «E porque, como disse, os trezentos mil homens que estão em depósito nesta prisão andão todos soltos». — Se só presos eram trezentos mil, não é de admirar que dez vezes êsse número fosse a gente livre que à feira concorria. Passa-se isto na China, o que deve diminuir o espanto que nos causaria tamanha concorrência.

Acêrca do termo *conto* num sentido especial, transcrevo, por ser perfeita a definição e a demonstração da origem, o seguinte trecho do notável estudo de Alberto Sampaio, intitulado *As «VILLAS» DO NORTE DE PORTUGAL*: — «Os mesmos bens doados não eram privilegiados senão por graça real, pois era o rei quem os *contava* ou *honrava*, prescindindo dos direitos de que *fazia*

<sup>1</sup> VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO.

<sup>2</sup> PEREGRINAÇÃO, cap. CVIII.

mercê; estes *contos* ou *honras*, onde em geral não entram os mordomos reaes, contem talvez os germens dos concelhos, cujos foraes ou cartas serão tambem dados pela corôa» —<sup>1</sup>.

A palavra *conta* é muito portuguesa, no sentido de «globo pequeno de vidro, louça, madeira, ou outra substância, furado para se enfiar».

O nome provém-lhe naturalmente dos globos dessa natureza empregados nos rosários, para «contar» maquinalmente as orações que se vão rezando, correndo-se as *contas* a uma e uma pelo fio ou cordão em que estão encarreiradas.

Toma, como objecto de enfeite, diversos epitetos que a qualificam. Aqui está um não colijido:— «Conta de leite: Globulo de agata, de côr leitosa e azulada. Amuleto para manter abundante o leite ás mulheres que criam» —<sup>2</sup>.

*Contaria* é um colectivo, uma ou muitas «enfiadas de *contas*».

#### convidar, convite

Estes dois vocábulos tinham dantes a acepção de «obsequiar, presentear, presente, banquete», cuja reminiscência ainda hoje em dia perdura irónicamente:— «o Taboada, um bailão ali do sitio, convidou o Navalhadas, seu collega, com duas ditas no peito» —<sup>3</sup>.

Abonação antiga é a seguinte:— «ainda oje ey de cear hũ pedaço dessa tua carne, cõ que ey de convidar dous cães que tenho» —<sup>4</sup>.

Em Rui de Pina, CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, lê-se:— «E houve aquelle dia convite real de vinhos e frutas, em

<sup>1</sup> *in* Portugalia, I, p. 579.

<sup>2</sup> Portugalia, I, p. 619.

<sup>3</sup> O ECONOMISTA, de 22 de agosto de 1885.

<sup>4</sup> Fernám Méndez Pinto, PEREGRINAÇÃO, cap. CXCVIII.

uma notavel perfeição, e assi muitas danças e festas em toda a noite » —<sup>1</sup>.

### copa

Na acepção ordinária *copa*, como « arrecadação », só se applica ao móvel ou quarto onde se põem a resguardo comidas, louças ou trem de mesa.

No Alentejo porém o significado é diferente, como vemos do trecho seguinte:— « tudo aquillo está em desordem, assim como a *copa* (vestuário) » —<sup>2</sup>.

### copa, copo

Em Caminha, e provavelmente em outros pontos do Minho, o vocábulo *copo* corresponde ao vaso que mais para o sul se denomina *caneca*, isto é, vaso cilíndrico, de maior altura que diâmetro, munido de asa.

Como termo de pesca é uma peça da rêde, e também nome de uma rêde:— « Destes apparelhos o mais usado em Buarcos é o *copo*—que serve para a pesca do camarão » —<sup>3</sup>.

*Copa*, pelo que hoje chamamos *copo*, *taça*, vêmo-lo em Rui de Pina:— « o Infante Dom Fernando, por melhor justador, venceu então o grado, que foi uma rica *copa*, de que fêz logo mercê a Diogo de Mello » —<sup>4</sup>.

Hoje diz-se para aí *record*, à inglesa, e não *grado*, que seria uma vantajosa substituição do anglicismo, pronunciado à francesa, *recór*. Então, como actualmente, era uma taça o prêmio grande.

<sup>1</sup> cap. CXXXI.

<sup>2</sup> José da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALENTEJO, in Portugalia, I, p. 542.

<sup>3</sup> Fernández Tomás, A PESCA EM BUARCOS, in Portugalia, I, p. 120.

<sup>4</sup> CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. CXXXI.

## coração; còração

É conhecido em quasi todas as suas acepções o primeiro dèstes dois vocábulos.

Em dois sentidos porém não está colijido, que eu saiba, e deduzem-se dos trechos seguintes:— « Possuimos alguns d'esses pesos, *corações* como as tecedeiras lhes chamam » — São pesos de tear, em forma de coração. — « Quando *Physicus*, há dias, nos ensinou que a forquilha tem onze paus, a tipografia partiu um delles, e não nomeou o principal, — o *coração*, em que se implantam os *dentes* e o *cabo* <sup>1</sup>, — .

O segundo é um neologismo, derivado do verbo *corar* (= *còrar*), que tem de ser diferenciado do primeiro, porque a pronunçiação do *o* é diversa, proferindo-se aberto, entanto que o de *coração* soa como *u*:— « Entreviamos um bacillo que microscópicamente revestia a *morphologia* do da peste — curto, atarracado, *córação* bipolar, espaço branco intermédio » —<sup>2</sup>. Êste trecho, em que as palavras tomam acepções desusadas, não é de certo modêlo de boa linguaagem; apesar disso, porém, o vocábulo *còração*, por *coloração*, está bem derivado do verbo *còrar*, e merece rejisto. Quanto a *morphologia*, que não quere, nem quis nunca dizer « forma », mas sim teoria das formas, ou das formações, não pode, nem deve figurar em dicionários naquella acepção. Singular é também o epíteto *atarracado*, aplicado a um organismo só visível por microscópio.

## coral

Os dicionários não mencionam que êste nome não só designa « coral verdadeiro », mas também o falso, mesmo sem aposição

<sup>1</sup> DIARIO DE NOTICIAS, de 7 de dezembro de 1905.

<sup>2</sup> Ricardo Jorge, A PESTE BUBONICA NO PORTO, 1899, p. 44.

dêste epíteto, que é indispensável que acompanhe *pérola*, quando ela não é verdadeira. Assim, ainda com epíteto que o realça, *coral fino* denota apenas «imitação do coral verdadeiro», como quando denomina uma contaria, *coral-fino Maria*, que se lia num anúncio publicado no jornal O ECONOMISTA, de 4 de novembro de 1882.

### coriscar, corisco

É conhecido o étimo dêste verbo, que poderia ser considerado como derivado de *corisco*, quando a verdade é que se deu o caso contrário. *Coriscar* procede do latim *coruscare*, com dissimilação da vogal átona da segunda sílaba, com relação ao *o* da primeira; *corisco* é um nome verbal rizotónico, derivado de *coriscar*, já dentro do português.

*Corisco*, não só na Bairrada, como diz o Nôvo Diccionário, mas também em outros pontos e no Brasil, é o que em geral o povo chama *pedra-de-raio*.

### corja

Esta palavra, que actualmente significa apenas, em sentido pejorativo e ofensivo, o mesmo que «*matula*», (*q. v.*), «*quadri-lha*» (espanholismo), «*turba*», é declarado termo da Índia com a significação de «vinte», no VOCABULÁRIO PORTUGUEZ E LATINO DE BLUTEAU (1712). Vê-se pois que há dois séculos ainda não havia adquirido o sentido deprimente que ao depois prevaleceu: — «Sinalou-lhes dez *Corjas* de cotonias. São cotonias lenço da terra, que serve para vestido. A Corja he numero de vinte. 3. part. da Hist. de S. Doming. pag. 337» —. V. **cotonia**.

Era pois *corja* um dos frequentes nomes numerativos, equi-  
valentes aos nossos *dúzia*, *conto*, *mão*, etc., tam usados  
muitas das línguas asiáticas, e nomeadamente nas do sul

Índia, nas malaias, na japonêsa, mas também em persiano, conquanto pertencente à grande família árica.

A etimologia é questionável, como vemos no Glossário de Yule & Burnell <sup>1</sup>, attribuindo-se-lhe uma orijem telinga (dravídica), e outra arábica.

Em Fernám Méndez Pinto ocorre êste vocábulo pelo menos duas vezes <sup>2</sup>, e muitas em todos os nossos cronistas da Ásia.

#### cornaca

É antigo já na língua êste termo, o qual significa « a pessoa que vai guiando o elefante », na Índia.

Bluteau traz o vocábulo, com duas abonações portuguezas, na inscrição CORNACA, e emprega-o também na inscrição ELEFANTE.

O Glossário de Yule & Burnell <sup>3</sup>, citando o dr. Rost, dá como étimo o cingala *kūrava-nāyaka* [kūraŭa-nāīaka], cuja significação é, segundo declara, « maioral de elefantes ».

Vê-se pois que não é galicismo esta palavra, visto que existe em portugûês desde, pelo menos, 1685, data da segunda citação feita pelos ditos indianistas, extraída da FATALIDADE HISTÓRICA, de J. Ribeiro. Galicismo é a abreviação *cornac*, que às vezes se lê, em ruins traduções de francês.

Na edição da História Trájico-Marítima, de Bernardo Gómez de Brito, publicada recentemente na BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES, no vol. XLI, duas vezes se imprimiu *comaca* em vez de *cornaca*, a páj. 82 e 83.

<sup>1</sup> A GLOSSARY OF ANGLO INDIAN WORDS AND PHRASES, Londres, 1886, **Sub. v. cerge.**

<sup>2</sup> PEREGRINAÇÃO, cap. LXXIII e CLXVII.

<sup>3</sup> A GLOSSARY OF ANGLO INDIAN WORDS AND PHRASES, Londres, 1886.

## corneta

Como termo de jíria, já antigo, quere dizer « cara »:—

« Venha cá, senhor malhado,  
Meta a mão nesta gaveta,  
Dê vivas a Dom Miguel,  
Senão, parto-lhe a corneta ».

## coroa

— « Todos [os barcos] são de fundo chato—o que é imposto pela natureza do leito da ria, de grandes espraçados e cheia de bancos de areia ou *coroas* »—<sup>1</sup>.

É esta uma acepção da palavra *c(o)roa* que os dicionários não rejistam, e por isso aqui fica apontada.

coroça, palhota, palhoça, capa-de-palhas, capa palhiça

Esta capa, usada tanto em Portugal, como na Nova Caledónia, como no Japão, donde provávelmente veio para cá no século XVI ou XVII, já motivou esta nota a páj. 170, do livro de JUAN LES ÎLES DU PACIFIQUE <sup>2</sup>:— « Les Japonais et les paysans du Portugal ont des manteaux tout-à-fait semblables »—.

Veja-se um artigo que publiquei, sôbre a língua do Japão, no jornal O SÉCULO, de 8 de agosto de 1904, no qual me referi a este especialíssimo abrigo; v. também a palavra *dáimio*.

<sup>1</sup> Luís de Magalhães, OS BARCOS DA RIA DE AVEIRO, in, Portugal, II, p. 53.

<sup>2</sup> vol. LXV da BIBLIOTHÈQUE UTILE.



## coroplasta

neologismo, que Rocha Peixoto empregou na sua motitulada *AS OLARIAS DO PRADO*, tirando-o imediata-mente francês *coroplaste*, vocábulo tomado nesta língua do *OPLASTĒS*, composto de *KÓROS*, «moço», e *PLÁSTĒS* <sup>1</sup>, »». O significado é «imaginário de figuras de barro ou quando de louceiro o ceramista de Prado passa a coroplasta».

## corpo-santo-de-Pedro-Gonçalves

o termo polimórfico encontra-se mencionado por Jurien de la Harpe:— «ces lueurs bleuâtres et sautillantes que les habitants appelaient *Corpo Santo de Pedro Gonsalvez*, et les *Sant-Elmo*» —<sup>3</sup>.

em Portugal se vem mencionada por inteiro a expressão em um escritor português, mas designa o Corpo-Santo, ou *Telmo*, a que se refere Camões, nos *LUSÍADAS*, Canto v,

Vi claramente visto o lume vivo  
Que a marítima gente tem por santo  
Em tempo de tormenta e vento esquivo,  
De tempestade escura e triste pranto.

## corre-caminho

o nome da Madeira é o nome vulgar de uma ave, *Anthus trivirgatus* de Lineu <sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Dictionnaire GRIECHISCH-DEUTSCHES WÖRTERBUCH, Brunsvique, 1880, col. I, t. II, p. 625, col. II.

<sup>2</sup> *Magasin de Zoologie*, I, p. 250.

<sup>3</sup> ANGLAIS ET LES HOLLANDAIS DANS LES MERS POLAIRES, ET DANS LES INDES, Paris, 1890, t. I, p. 144.

<sup>4</sup> Ernesto Schmitz, *DIE VÖGEL MADEIRAS*, 1899.

## corre-costas

— «chegaram dois corre-costas que andavam ao serviço das auctoridades na praia» —<sup>1</sup>. É termo brasileiro e designa barco.

## corriqueiro

Os dicionários definem êste adjectivo, — «que corre ou circula habitualmente; vulgar, trivial» —. Na primeira acepção nem é usual, nem o vi ou ouvi jamais empregado; no Minho, porém, chama-se *corriqueira* à pessoa que sai de casa frequentemente.

## corsa (=córso)

Na ilha da Madeira tem êste nome, ou o de *arrasta*, «o carro de arrastar, sem rodas» e seriam termos muito aceitáveis para expressar o francês *traineau* | *trainer*, «arrastar», que já passou para cá, com a forma *trenó*; cf. *trumó*, ou *tremó* de *trumeau*.

## corso (=córso)

É um italianismo de introdução muito recente, nome de uma rua de grande movimento em Roma: — «as ruas do *corso*, como se deliberou chamar-se ao espaço comprehendido entre o largo de Camões e as ruas do Carmo, do Ouro, e Nova do Almada» —<sup>2</sup>. Esta deliberação, que se não diz por quem foi tomada com tamanha autoridade e intimativa, por emquanto só teve curso

<sup>1</sup> O ECONOMISTA, de 1 de setembro de 1887, «Correspondencia do Rio de Janeiro».

<sup>2</sup> O SÉCULO, de 7 de março de 1905.

em Lisboa, no carnaval de 1905, entre certa gente que presume de fina. Parece que o termo não pegou, o que não é de sentir.

### cortada

É termo de marinhas, próprio de Aveiro:— «As marinhas ainda produzem—mau grado dos criados que desejam a cessação da safra, e tanto que nas cortadas do sul da Ria já houve tentativa de *alagamentos*» —<sup>1</sup>.

Este segundo termo parece não ter a significação usual, mas talvez outra relacionada com uma aceção especial do verbo *alagar*, (q. v.).

### cortiça, cortiço, corticeiro

*Cortiça* é o nome da casca do sobreiro depois de arrancada em pedaços grandes; *cortiço* qualquer canudo de *cortiça*, e não, sómente o que serve aos enxames de abelhas.— «Bate-se o linho com a espadela de encontro á beira superior e externa de um cylindro vertical de casca de sobreiro, chamado *cortiço*, tendo pouco mais ou menos 1 metro de comprimento e 0<sup>m</sup>,3 a 0<sup>m</sup>,4 de diametro» —<sup>2</sup>.

Em calão *cortiço* é «casa de habitação».

*Corticeiro*, «operário que trabalha em *cortiça*» e, como adjectivo, «que se refere a essa indústria», são neologismos, de muito conveniente emprêgo:— «Tem continuado a grêve dos *corticeiros* da fabrica do sr. Rankin, no Alfeite» —<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> O ECONOMISTA, de 2 de outubro de 1891.

<sup>2</sup> Portugalia, I, p. 370.

<sup>3</sup> O ECONOMISTA, de 23 de setembro de 1892.

## costume; costumar

Conforme Carlos Eujénio Correia da Silva, em Ajudá designa esta palavra «tributo pago ao rei do Daomé» e festa periódica<sup>1</sup>.

*Costumar*, como verbo transitivo, tendo por complemento objectivo um nome, foi usado antigamente, como vemos em Rui de Pina: — «Foi algum tanto envolto em carne [o rei], e por encuberta disso costumava sempre vestiduras sôltas» —<sup>2</sup>.

Presentemente diz-se *costumava usar*.

O emprêgo todavia do participio passivo dêste verbo, como adjectivo, na acepção de «usual», perdura ainda: — «E deu as seus armas além das costumadas» —<sup>3</sup>.

O *costumado*, empregado em absoluto, significa «o habitual».

## costume; trajo, ou traje

Êste vocábulo, que antes se escrevia *custume*, significa «uso, usança, hábito». Muito modernamente é empregado na acepção de *trajo*, ou *traje*, por galicismo, não só inútil, mas ambiguo; e porque é um desacêrto, adquiriu voga imediatamente. Desta maneira, não só serviu de título a uma colecção de trajes portuguezes, desenhados por Bordalo Pinheiro com a maior exactidão, o ALBUM DE COSTUMES PORTUGUEZES, mas também serve para classificar uma colecção de bilhetes postais com a mesma designação de *Costumes portuguezes*. Ora, *costumes* são *bons* ou *maus*, morijerados ou devassos; mas nunca tal palavra serviu para denominar *traje*, e em parte alguma dos dominios portuguezes o povo entende semelhante nome em tal sentido, nem pessoa que

<sup>1</sup> UMA VIAGEM AO ESTABELECIMENTO PORTUGUEZ DE S. JOÃO BAPTISTA DE AJUDÁ, NA COSTA DA MINA EM 1865, Lisboa, 1866.

<sup>2</sup> CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. 213.

<sup>3</sup> *ib.*, cap. XXXIII.

se preze de escrever na língua pátria o empregará. Quem o usa inadvertidamente deve ter em atenção que *traje*, em francês, se diz *costume*, mas que costume é *coutume*, e lá portanto não se pode dar a confusão, que o emprêgo dêste escusado galicismo ocasiona em português:— « Ne possédons-nous pas quelques vues donant la caractéristique de tèle ou tèle grande vile, des détails typiques sur les meurs, les coutumes et les costumes d'une réjion? » —<sup>1</sup>.

#### cota

O termo é dado como transmontano pelo Nôvo DICCIONÁRIO, com a significação de— « lado oposto ao gume da ferramenta » —. Não me parece que a limitação imposta, quer ao significado, quer a rejião onde o vocábulo é usado, seja exacta. Em Lisboa, desde a minha infância, ouvi chamar *cota* à parte oposta ao gume, ou « fio » da faca, isto pelo que diz respeito à significação; e com relação à difusão do termo, vejo que é também empregado em outros pontos, pelo seguinte passo:— « A espadela é una espécie de podoa de madeira, em que se distingue a *cota*, o *fio* ou *gume* e o punho » —<sup>2</sup>.

#### coté

É um termo de jíria cidadã, que talvez provenha de propozitada corrutela do inglês *cottage*, pron. *col'idje*, e designa uma casa que não é a própria habitação, mas sim outra, reservada para actos secretos, às escondidas da família. Eis aqui uma abonação do termo:— « O *cuté* da rua da Gloria é num primeiro andar baixo... tem duas salas exiguas, mal mobiladas, com os banaes *décors* destas alfurjas proprias para amores de occasião » —<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> LE RÉFORMISTE, de 15 de novembro de 1905.

<sup>2</sup> B. D. Coelho, INDUSTRIA CASEIRA DE FIAÇÃO, TECELAGEM E TINGIDURA DE SUBSTANCIAS TEXTIS, (sic), in Portugalia, I, p. 374.

<sup>3</sup> O DIA, de 12 de janeiro de 1905.

## cotio (figo)

Quere dizer «de todos os dias» { quotidie, e figuradamente «comum, trivial». — «A arraia miuda é constituída pelo «Cotio» [figo], que pela quantidade e numero se pode chamar soberano. É o figo de embarque que regula por 800 réis a arroba, ao passo que os primeiros [*berjaçote, sofeno* (?), *castelhano* e] o bello «Inchario», por exemplo, regula por 3000 réis a arroba»<sup>1</sup>.

## cotonia

Roupa de algodão. Pronuncia-se *cotonia*, e não, *cotónia*, como indica o DICCIONARIO CONTEMPORANEO; em árabe قطنية

## cotovia

Como termo de calão, quere dizer «garrafa».

## couça

— «Por couça é aqui [Braga] denominado um morcão [largarto grande] que apparece em alguns cortiços e destroe as abelhas»<sup>2</sup>.

## couce

Uma peça do arado:— «Noutros typos d'arado em vez dessa peça inteira, a rabiça, ha duas ou tres ligadas: uma inferior, que se chama *dente* ou *coice*, em que assenta a relha»<sup>3</sup>.

Nesta acepção não vem nos dicionários.

<sup>1</sup> O ECONOMISTA, de 5 de novembro de 1885, citando o JORNAL DA MANHÃ.

<sup>2</sup> GAZETA DAS ALDEIAS, de 25 de fevereiro de 1906.

<sup>3</sup> Francisco Adolfo Coelho, ALFAIA AGRICOLA PORTUGUESA, in Portugalia, I, p. 407.

coveiro; còveiro

*Coveiro* é indivíduo que tem por officio abrir as *covas*, ou *covais*, nos cemitérios, e é palavra que figura em todos os dicionários. O segundo vocábulo, que se deve differenciar dêste pela acentuação marcada no *o* átono mas aberto, *còveiro*, é termo alentejano, assim definido por quem me prestou a informação: — « cabana junto à malhada, onde se guardam os cabritos, para se lhes ordenharem as mães » —.

*côvo, cova, covão; còvão; cofre; alcofa*

Meyer-Lübke admite duas formas novas latinas *cophus* e *copha*, derivadas por via de regressão do latim *cophīnus*, vocábulo de origem grega, sendo elas postuladas por certas formas populares italianas.

Além dêstes dois substantivos devemos admitir igualmente um adjectivo triforme, *cophus*, *copha*, *cophum*, do qual os dois substantivos citados hão de ser simples mudança de categoria gramatical. O adjectivo a que me refiro tem de supor-se para explicar o adjectivo *côvo*, « fundo, cóncavo », que se emprega como qualificativo de *prato* na locução *prato côvo*, a qual designa na Estremadura o que na Beira-Baixa se denomina *prato fundo*, e no norte *prato sopeiro*.

*Côvo* como adjectivo foi empregado por Bocage:

Esquentado frisão, brutal masmarro,  
Vagava de Santarém na pobre feira;  
Eis que divisa de lonje em c ô v a seira  
Seus bons irmãos seráficos de barro.

Ao femenino dêste adjectivo, *copha*, temos de attribuir a origem tam disputada da palavra *cova*, a que se dava a mêdo como étimo caua, sem explicar a transformação; como à forma neutra

*cophum* se há de atribuir o substantivo *côvo*, meia-esfera de vêrga que serve de gaiola aos galináceos, nos mercados. Quanto ao substantivo *côvão*, diferente de *covão*, aumentativo de *cova*, tem orijem no primitivo *cophinus*, como o correspondente castelhano *cuévano* (cf. *Estêvão*, *Estéban* { *Stephanus*) e o italiano *còfano*, o que já conjecturara há tantos séculos Isidoro Hispalense, e do qual *cabanilho*, «cêsto alto e cilíndrico» é um derivado, em cuja forma influíu a palavra *cabana*, de que ainda se tirou *cabano*, por via de reversão a um primitivo suposto.

Vê-se pois que as formas populares latinas *cophum*, *copha* não são já hipotéticas, mas na realidade existiram a par de *cophinus*, no latim vulgar.

Por outra parte a palavra *cofre* é de orijem immediata franceza e de introdução relativamente moderna e artificial nas línguas peninsulares, como o demonstra a mudança do *n* latino em *r*; cf. *pampanus* { *pampre*.

Não param porém aqui os derivados de *cophum*, *copha*, pois existe, pelo menos, outra palavra que, tendo a mesma orijem, passou a portuguez por intermédio do árabe; é *alcofa* (AL-QUEFE), que também foi parar a França e Itália, talvez sem tal intervenção, com as formas *couffe* e *coffa*, *cofa*, venezianas.

Temos pois:

Grego ΚΟΨΙΝΟΣ { lat. literal *cophinus* { italiano *còfano*, cast. *cuévano*, port. *côvão*.

Latim vulgar, *cophum*, *copha* { port. *côvo*, *cóva*, cast. *cueva*; árabe QUEFE; ital. *coffa*, *cofa*, fr. *couffe*.

Árabe ALQUEFE { portuguez *alcofa*.

Portuguez *côvão* { *cabanilho*, *cabano*, *cova* { aumentativo *covão*, ocsítono, e outros muitos mais derivados, *covinha*, *encovar*, etc. e *coveiro*, diferente de *coveiro*, (*q. v.*).

côvodo, covedo, cövado

Há muito tempo que êste vocábulo no sentido de *cototê* foi por êste substituído, conservando apenas a acepção de *u*



medida de três palmos, que deixou de ser usada, pelo quê passará em breve o termo a ser completamente obsoleto. *Cóvado*, em castelhano *codo*, é o latim *cubitum*, como é sabido, e *cotovélo* um deminutivo, *cubitellum*, com metátese das sílabas médias. *Cóvado* na sua primitiva acepção encontra-se, por exemplo, na DEMANDA DO SANTO GRAAL, com a forma *covodo* = *cóvodo*: — «Entom a lançou o mais que pôde e quando chegou preto da agua viu hũa mão sair do lago que parecia ates o covodo, mas do corpo nom viu nada» —<sup>1</sup>.

#### coxia

Quer como termo de bordo, quer como vocábulo próprio de teatros é *coxia* de origem italiana, do mesmo modo que outras muitas dições pertencentes a essas duas nomenclaturas. Em toscano *corsia*, a *coxia* no teatro, é definida assim por P. Pettrócchi<sup>2</sup>: — «lo spazio che nella platèa d'un teatro è libero dalle panche [«bancos»], e più spezialm[ente] quello di mezzo [«o do meio»]» —.

A forma portuguesa, se não provém directamente de qualquer dialectal italiana, resultou do concurso de *rs* antes de *i*.

#### cozinha

Este vocábulo e o seu étimo são bem conhecidos: do latim *cocina*, por coquina, proveio *cozinha*, como de *cocere*, por *coquere*, «cozer», que se não deve confundir com *coser* { consuere.

Em Caminha, e outras partes do Minho naturalmente, a palavra *cozinha* designa o «fogão da cozinha».

<sup>1</sup> Oto Klob, in «REVISTA LUSITANA», VI, p. 344.

<sup>2</sup> NÓVO DIZIONÁRIO UNIVERSALE DELLA LINGUA ITALIANA, Milão,

crasto: v. **castro**

crebar

Esta forma minhota não é, como poderia supor-se, metátese da usual *quebrar*, cuja significação tem; pelo contrário, na forma geral *quebrar* é que se deu a metátese com relação a *crebar*, mais antiga e mais conforme com o seu étimo latino *crepare*, confirmando-se a etimologia que já se atribuía a *quebrar*. O *qu* por *c* na sílaba inicial foi mero expediente ortográfico, para se evitar a leitura *cebrar*.

criar, criado, criança, etc.

Quási todos os dicionários portugueses, modernos pelo menos, escrevem o verbo *criar* com *e*, isto é, *crear*, e, em consequência desta ortografia, registam igualmente *creator*, *creado*, *creação*, *creança*, etc.

Alguns autores distinguem duas séries: *Crear*, *creator*, *creado*, *creatura*, *creação* (do mundo), *creança* por uma parte; e *criar*, *cria*, *criador*, *criação* (de gado), *criação* («aves domésticas»), etc.

Nenhuma razão, histórica ou outra, existe que justifique, ou sequer explique esta distinção fictícia: a palavra é uma única, e conquanto o seu étimo seja o latim *creare*, o facto é que em português o verbo d'ele derivado é um só, *criar*, que tem de ser escrito com *i*, e não *e*, visto que nas linguagens rizotónicas convém saber, nas que tem o acento no radical, a conjugação é sempre com *i* proferido e não com *e*: *crio*, *crias*, *cria*, *criam*, *crie*, *criem*. Seria pois insensato fabricar irregularidades aparentes, que a pronúncia não confirma, entre estas formas rizotónicas e as acentuadas nas desinências, escrevendo estas com *e* valendo *i*, *crear*, *creamos*, *creais*, *creeis*, *crearão*, etc.; ou fazendo distin-

ção na escrita dos radicais *crear*, *criar*, conforme a significação, apenas nas linguagens de desinência acentuada.

Dêste modo, a única solução é conformar em tudo a ortografia com a pronúncia efectiva e que já não pode ser alterada, reduzindo-se a um só, *criar*, os dois verbos *crear* e *criar*, com todos os seus derivados, afins e flecsões: *criador*, *criatura*, *criado*, *criança*, em razão de *cria*.

Deve advertir-se ainda que os vocábulos *criado* (=serviçal) e *criança* nunca tiveram, até época recente, outra escrita que não fosse com *i* na primeira sílaba, em harmonia com as correspondentes formas castelhanas *criado*, *criança*, (*crianza*) « criação, educação »; conquanto nesta língua subsista a distinção entre *crear* e *criar*, não só na escrita, mas também na pronúncia, visto que em espanhol o *e* átono não adquire nunca o valor de *i*, como acontece em português antes de vogal, existindo ali na realidade duas séries, na pronúncia e na escrita, as quais se não podem manter em português por aquela se opôr a tal distinção, como vimos: *crear*, *creado*, *creador*, *creatura*: **criar**, **criador**, **cria**, **criadero**, **crianza**, **criado**, etc.

Com *i* se escreveu sempre também *criação*, no sentido de «aves domésticas de capoeira», acepção em que vemos o vocábulo, conquanto erroneamente escrito com *e*, no trecho seguinte: — « A criação tem sempre papel preponderante nas receitas de uma exploração rural » —<sup>1</sup>.

Os termos *criado* e *criada* modificam-se no significado, conforme a localidade, por meio de epítetos; por ex.: *criada de dentro*, em Coimbra, *criada de sala*, no Pôrto, correspondem, pouco mais ou menos, ao que em Lisboa se chama *criada de quartos*, isto é, « criada que cuida da limpeza ».

*Criado de acompanhar* vemo-lo empregado, com relação ao século XVIII, por António de Campos, mas mal escrito: <sup>2</sup>— « e o falso *creado de acompanhar*, como então se dizia » —.

<sup>1</sup> O SECULO, de 23 de fevereiro de 1902.

<sup>2</sup> O MARQUEZ DE POMBAL, in « O Seculo », de 24 de dezembro de 1899.

*Recrear*, porém, que se conjuga *recreia*, deve escrever-se com *e*.

#### cristalino

Êste adjectivo, não como termo poético, mas em prosa, significando «de cristal», foi empregado por António Francisco Cardim, no livro *BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS*:— «Copos cristalinos de Veneza» —<sup>1</sup>.

#### criveiro

Êste substantivo, designando o «fabricante de crivos e pe-neiras», não está rejistado nos dicionários, mas faz-se dêle menção no seguinte passo:— «Estas ratoeiras são feitas pelos criveiros, que as vendem na praça pelos respectivos preços de 80 e 100 réis» —<sup>2</sup>.

#### cubículo

No sentido de «cela», «quarto de dormir», conforme o seu significado em latim, vê-se no trecho seguinte das *BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS*, páj. 222:— «quatro cubiculos e um refeitorio» —.

#### cubrir, cuberto, descuberto

Êste verbo é usado no distrito de Bragança com uma sintasse especial, como se pode ver com os dois exemplos que vou dar: *cubrir o chapéu*, «cubrir-se (com o chapéu), pôr o chapéu na cabeça»; *cubrir o capote*, «cubrir-se com o capote, embrulhar-se nele».

<sup>1</sup> Lisboa, 1894, p. 44.

<sup>2</sup> J. Pinho, *ETHNOGRAPHIA AMARANTINA, A Caça, in Portugalia*. II, p. 89.

Nesta última sintasse usou José Maria da Costa e Silva o verbo *cubrir*, no último verso do poema O ESPECTRO OU A BARONESA DE GAIA, paráfrase do BERNAL FRANCÊS:—

« Ramiro cobre o manto, e retirou-se ».

Do imperativo do verbo *cubrir* formaram-se vários substantivos compostos, tipo muito peculiar das línguas românicas e cuja vitalidade ainda perdura, como com outros muitos verbos, por ex.: *guardar*, que deu *guarda-portão*, *guarda-roupa*, etc.

Uma dessas formações, que não foi registada, é a seguinte, usada no Ceará: *cobre-peitos*, « *coura* de que usam os camponezes ou *matutos*, especialmente os vaqueiros » <sup>1</sup>. É feita de couro.

Em Lisboa faz-se um doce da casca da abóbora branca, cortada em tiras e cozida em calda de açúcar, a que nas confeitarias se chama *abóbora cuberta*, « de açúcar », entende-se.

O termo *cuberto*, neste sentido, parece que se generalizou em várias rejões a outros doces, pois em Aveiro se chama *doce descoberto* aquele « que não é polvilhado de açúcar », em oposição a *cuberto* no sentido indicado.

cucuiada: v. **cuquiada**

cudar

Nos Açôres persiste esta antiga forma, alótopo de *cuidar* { cogitare: cf. *chuiva* e *chuva* { pluvia.

cúli, cule, coli

*Cúli* ou *cule* deve em português ser a escrita desta palavra, muito conhecida na Ásia, nomeadamente no Arquipélago Malaio,

<sup>1</sup> Sena Freitas, CATHEDRAL DE BURGOS, 1884.

na China e na Índia. O étimo é incerto, pois uns dizem ser o tâmil *kūli*, «soldado», outros o turco *kol* ou *kule*, «escravo», ou o nome étnico *kolī*<sup>1</sup>, «raça» ou povo, no sul da Índia. A escrita *coolie* é inglesada, e, pelas indicações da possível origem do nome, desarrazoada em outra língua que não seja a inglesa, na qual *oo* tem o valor de *u*.

*culibeca*, *curibeca*

— «Nenhum d'elles, que saibamos pertence á seita dos *culibecas*. E sabem os leitores o que são os *culibecas*, a respeito dos quaes a insistência em os fazer influentes e poderosos no animo dos governadores de Angola, seria asquerosa, se não fosse ridícula? Pois são os pacatos e comedidos membros d'uma associação chamada GREMIO LITTERARIO de Loanda...

Qual seria o governador... que se julgasse mais seguro tendo o apoio dos *curibecas* do que as sympathias de S. Thomé?» —<sup>2</sup>.

A forma correcta há de ser *curibeca*, e não, *culibeca*, se a palavra é quimbunda, como parece. pois nesta língua só ha *l* antes de *a*, *e*, *o*, *u*, sendo substituído por *r* brando antes de *i*.

cumerim

O NÓVO DICIONÁRIO define este vocábulo da Índia Portuguesa do modo seguinte:— «desbaste e corte de árvores» —. Parece não ser exacta a definição. Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado traduz a palavra concani *kumeri* por «boucha», e este vocábulo o mesmo NÓVO DIC. declara-o provincial e attribui-lhe como significado— «mato que se queima para cultivar a terra que elle occupava» —.

<sup>1</sup> Veja-se Yule & Burnell, A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS AND PHRASES, Londres, 1880, *sub. v.* **coolly**.

<sup>2</sup> JORNAL DAS COLONIAS, de 22 de julho de 1905.

F. X. Ernesto Fernández, na sua monografia intitulada *REGIMEN DO SAL, ABKARY E ALFANDEGAS NA INDIA PORTUGUEZA*, define *cumerim* da seguinte forma:— « é o campo da cultura de legumes preparado com a dissipação da matta e adubado com cinza de arbustos do mesmo terreno » —<sup>1</sup>.

conca

O termo, que tem outra forma, *conca* { latim *concha*, significa em Caminha « tijela ».

cupá

O *NÓVO DICIONÁRIO* diz-nos ser o nome de uma planta brasileira. Em Goa é nome de uma qualidade de sal:— « Ainda ha uma outra qualidade de sal, leve e finissimo, denominado *cupá*, destinado exclusivamente para o mercado de Bombaim. Este obtem-se fraccionando os taboleiros em pequenas subdivisões » —<sup>2</sup>.

cuquiada, cucuiada

Esta palavra foi registada por Bluteau, com as abonações devidas:— « (Termo nautico da India) Derão huma *Cuquiada*, que entre elles he appellidar terra por uma denotação de voz. Barr. 1. Dec. fol. 81, col. 1 » —<sup>3</sup>.

Francisco Adolfo Coelho define-a do modo seguinte, sem citar autoridade:— « *T. ant.* Vozes com que na India se chamava o povo ás armas e que eram propagadas pelas pessoas que as

<sup>1</sup> « Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa », 23.ª série, p. 256.

<sup>2</sup> F. X. Ernesto Fernández, *REGIMEN DO SAL, ABKARY E ALFANDEGAS NA INDIA PORTUGUEZA*, in « Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa », série 23.ª, p. 251.

<sup>3</sup> *VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO*.

cutiam. Vemos com que no alto mar se anunciava a aproximação da terra. *Fig. Gritaria, vozaria*. —<sup>1</sup>. O *Novo Dicionário* repete isto mesmo. No Suplemento porém dá como preferível a escrita *cucuiada*, e como origem do vocábulo, que os outros não mencionaram, o tâmil *kukkua*, que nos não diz o que significa.

Na edição das *Décadas da Ásia* de João de Barros, feita no 3.º quartel do século XVIII (I, Livro VII, cap. 2), e portanto de menos fé que a que foi vista por Bluteau, lêmos, não obstante, a palavra também escrita com *qu*, sendo provável que, se a pronúncia que se quisesse indicar fosse com *u* proferido, elle houvesse sido ortografada com *cu*, e não com *qu*, em qualquer das edições. A citação é: — «acudio tanto gentio... por trazerem entre si huma maneira de se chamar a que elles chamam *Cuquiada*» —.

Gaspar Correia, nas *LENDAS DA INDIA* (II, 2, 26), escreve *cucuyada*, e esta escrita não deixa a menor dúvida acerca da pronúncia que se lhe deva attribuir *cu-cu-ia-da*: — «e o Cui-mal... mandou dar suas gritas, a que chamam cucuyadas» —

Se a forma *cucuiada* é a certa, a etimologia proposta por Yule & Burnell<sup>2</sup> tem todas probabilidades de ser exacta = *kukkuya* na lingua de Malabar, significa «bradar» (to cry out); conquanto o sufixo *-ada* não seja explicável, à falta de um verbo *cucuiar*, que não consta existisse, e sem o qual a comparação que os abalisados indianistas fazem com *crisada*, de *cris* «punhal», não convence, pois nesta formação o sufixo inclui a idea de «golpe», como de *faca*, *facada*, e pressupõe um étimo português immediato. Os nossos antigos escritores usaram neste sentido o verbo *apupar*, «bradar chamando», denominando esse brado *apupo*: — «pelo quê, apupando todos por diversas partes» —<sup>3</sup>.

Se porém a forma exacta é *cuquiada* apesar da afirmação

<sup>1</sup> DICCIONARIO MANUAL ETYMOLOGICO DA LINGUA PORTUGUEZA.

<sup>2</sup> A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS, Londres, 1886.

<sup>3</sup> História trájico-maritima, in BIBL. DE CLASSICOS PORT., t. XL, p. 61.



le João de Barros, e da afirmação e escrita de Gaspar Correia, o vocábulo poderia ser português legítimo, porque pelo menos em mais uma língua românica êle existe, e para essa não poderia vir da Índia. Em provençal *couquiado*, e sabe-se que o tônico é a terminação femenina nos mais dos dialectos da Provença, *couquiado*, digo, quiere dizer «cotovia», em francês *cochevis*: cf. *chamariz*, nome de ave, e de um artifício para chamar as aves, e cuja origem é sem dúvida o verbo *chamar*. O vocábulo *ouquiado* está abonado com um verso da *Mirêio* de Frederico Mistral:

— O Vincèn, ié faguè Mirèio  
 D'entre-mitan li vèrdi lèio,  
 Passes bèn vite, que! — Vincenet tout-d'un-tèm  
 Se revirè vers la plantado,  
 E, sus un amourié quihado  
 Coume une gayo couquihado <sup>1</sup>  
 Destousquè la chatounno, e ié landè, countènt.

O glorioso poeta provençal numa nota a êste verso acrescenta: *couquihado*, (cochevis, *alauda cristata*, Lin.).

O mesmo poeta, no seu monumental dicionário provençal, intitulado *LOU TRESOR D'OU FELIBRIGE*, aduz as seguintes formas do mesmo vocábulo, conforme os vários dialectos: *couquiado*, *couquilhado*, *cucullado*, *cucuiado*, *coucouiado*, e *cucullada* (catalão), *cogujada* (castelhano), e dá-lhe como étimo, que é evidente, *couquiha* [...há], latim *cuculla*, *cucullatus*.

Cita Buffon, que empregou em francês *coquillade*, vocábulo que Littré admitiu como termo de caça, correspondente a *alouette huppée* (*sp.*), sem mais definição, nem etimologia.

No *PICHOT TRESOR*, dicionário provençal-francês, de Xavier de Fourvières, vem também *couquiado*, com o correspondente francês *cochevis* <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Paris, 1882, Canto II, 4.

<sup>2</sup> Avinhão, 1902.

Vê-se que estas formas *couquihado*, *cugullada*, e *cucuiado*, poderiam ser análogas às duas abonadas portuguesas, *cuquiada* e *cucuiada*, sem, que estas portanto houvessem vindo da Índia.

Por outra parte, a coincidência pode ser casual, como tantas outras.

#### curbá

Em São João Baptista de Ajudá é uma selha, que serve de medida para a venda do óleo de palma, e cuja capacidade é variável <sup>1</sup>.

#### curral

Como termo local, vem perfeitamente definido êste vocábulo na monografia *AS «VILLAS» DO NORTE DE PORTUGAL*, de Alberto Sampaio: — «na serra do Gerez os gados descansam de noite em *curraes*, glebas cercadas de paredes, que só produzem centeio; cada curral tem uma *cabana*, geralmente redonda, para o pastor dormir e cozinhar» —<sup>2</sup>. Cf. *curralorio*, em **chiqueiro**.

#### curveiro

Na Figueira-da-Foz dá-se êste nome a um «remoinho de água no mar».

#### çaraça

Bluteau, que só no Suplemento incluiu êste vocábulo, escreve-o com *s* inicial, *saraça*, e define-o assim: — «He hum

<sup>1</sup> Carlos Eujénio Correia da Silva, *UMA VIAGEM AO ESTABELECIMENTO PORTUGUEZ DE S. JOÃO BAPTISTA DE AJUDÁ EM 1865*, Lisboa, 1866.

<sup>2</sup> *in Portugalia*, I, p. 116.

genero de pannos, que vem de Cabo-Verde, e do Maranhão, pintados como chita, e servem de cobrir bofetes, camas, etc. Ordinariamente são pintados de vermelho. Os da India são pintados de negro com bordas vermelhas, vem de S. Thomé e servem ás Portuguezas em lugar de mantos; ha saraça que custa trinta mil reis » —.

Transcrevi na íntegra, exactamente porque a definição nos deixa perplexos.

Duas vezes se afirma que as *çaraças*, que pela descrição correspondiam ao que hoje diríamos *cubertas*, procedem de Sam Tomé; notando-se porém, que são usadas no Brasil (Maranhão) e na Índia. Ora, como em Cabo-Verde não houve nunca língua vernácula, ou êste nome foi do reino para lá, como para as outras rejiões indicadas, ou a orijem do termo é da Índia, ou, mais latamente, asiática, porque brasileiro não pode êle ser, visto que os indijenas das terras de Santa-Cruz só fabricavam tecidos de penas de aves.

Em malaio existe o vocábulo *sarasa*, o qual designa um tecido de algodão <sup>1</sup>.

Parece portanto que o termo é malaio, ou de qualquer das línguas da Ásia, que para malaio passasse, como tantos outros; e consequentemente a escrita portuguesa tem de ser com *ç*, e não com *s*, visto que o *s* dos nomes asiáticos, como o dos americanos, sempre foi pelos nossos autores transcrito com *ç*. Esta escrita e orijem são confirmadas pela forma castelhana *çaraça*, segundo a ortografia moderna *zaraza*, vocábulo que o Dicionário da Academia Espanhola <sup>2</sup> define assim: — «Tela de algodón muy ancha, tan fina como la holanda y con listas de colores ó con flores estampadas sobre fundo blanco, que se traía de Asia y era muy estimada en España » —<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Leóncio Richard, COURS DE LA LANGUE MALAISE, Bordéus, 1872, Parte, p. 117, col. I.

<sup>2</sup> Madrid, 1899.

<sup>3</sup> Êste artigo foi acrescentado, e por isso está fora da ordem alfabética, que se adverte no Índice (*q. v.*).

## dacoma

— «As raparigas usam uns brincos grandes de missanga que chamam *dacoma*» —<sup>1</sup>.

## daião, adaião, deão, dião

*Daião* é directamente derivado do francês *doyen* (= *duaiē* antes, *doiē*), o qual procede do latim *decanus*, que em português deveria ter dado *degão*. Consequentemente, a forma moderna *deão* é encurtamento de outra intermédia, *deião*, a qual se contraiu em *dião*, que deveria ser a escrita portuguesa, como *pior* (q. v.).

O *a* de *adaião* é difícil de explicar: — «á vista de todos se celebraram os esposiros entre El-rei e a Rainha, nas mãos de um Daião de Évora, que servia a El-rei de seu físico» —<sup>2</sup>.

## dáimio

O Nôvo DICIONÁRIO não marca o acento neste vocábulo composto japonês, o que, segundo o sistema de acentuação gráfica nele usado, quer significar a acentuação *daímio*. Esta acentuação porém é errónea. A verdadeira em japonês é *dáimio*, ou quando muito *daimiô* (*dai-miyau*).

Compõe-se esta palavra dissilaba de *dai*, «grande» e *miyau* (*miô*), «excelente», e no composto o acento tónico é atraído para a sílaba mais longa, a qual é a primeira, por conter ditongo<sup>3</sup>.

*Dáimio* era o título que competia a um cabo de guerra, cujo rendimento anual excedesse dez mil *cocos* (*cóku*) de arroz.

<sup>1</sup> JORNAL DAS COLONIAS, de 18 de julho de 1903.

<sup>2</sup> Rui de Pina, CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. LXXXVI.

<sup>3</sup> V. ÉTUDE PHONÉTIQUE DE LA LANGUE JAPONAISE, Lípsia, 1903, § 144.

porque a riqueza de cada um, bem como os proventos, tinham por unidade a quantidade de arroz a que montavam as suas rendas. Os dez mil cocos de arroz equivaliam a uns vinte e cinco contos de réis <sup>1</sup>. Até muito recentemente os funcionários públicos eram pagos, pelo menos nominalmente, em arroz, no Japão.

Êste vocábulo é de introdução recente em português, para onde veio por via indirecta, provávelmente francesa, por intermédio dos periódicos.

Os vocábulos japoneses de importação directa são poucos, e entre êles *banzé* (q. v.), *biombo*, *bonzo*, *catana*, *chávena*, *qu(e)imão*, (*kimono*), *funé*, e poucos mais. *Biombo*, *catana* (q. v.), entraram no tesouro comum da língua; *quimão*, do qual, por influência de *queimar*, é variante a forma *queimão*, é ainda usado no oriente, e mesmo na África Oriental Portuguesa; *bonzo* tem emprêgo muito restrito, continuando a designar «frade búdico»; *funé* (q. v.), «navio», só foi empregado com referência ao Japão <sup>2</sup>.

Objectos que do Japão importámos, mas sem o nome, são «japona», femenino do adjectivo *japão*, «japonês», designando uma especie de «jaquetão» ou «camisola»; a *capa-de-chuva*, *coroça* (q. v.), *palhoça*, *capa palhiça*, que tantos nomes tem, e que em japonês se denomina *hama-kâtsupa*, pronunciado *hama-kappa*; convindo notar que a palavra *kappa*, é portuguesa. Outras palavras portuguesas, que deixámos no Japão, são *pan*, «pão», *tabáku*, «tabaco», *berúdu*, «veludo»; e poucas mais serão.

#### dala

O DICION. CONTEMPORANEO dá duas acepções a êste vocábulo, que parece de orijem germánica, do baixo-alemão, pro-

---

<sup>1</sup> V. Hofmann, JAPAANSCHÉ SPRAAKLEER, 1867, com uma versão inglesa.

<sup>2</sup> António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 53 e 54.

vávelmente. Como termo de bordo, diz ser — « calha adjacente á muralha do navio, para dar vazão á agua » —, e com significado mais geral, — « terreno, caminho entre montanhas » —. O Novo Dicc. diz, pouco mais ou menos a mesma cousa. Na última acepção é o inglês *dale*, sueco *dal*, « vale »; e não é natural que os dois significados sejam de um só vocábulo germánico oriijnário.

Não é, porém, nenhuma destas significações, já dadas, a primeira das quais fôra apontada por Bluteau <sup>1</sup>, que eu vou consignar aqui, mas sim aquella que tem no Pôrto, convém saber: « mesa de cozinha, com tabuleiro de pedra, ou lousa ». Neste sentido parece ser o francês *dalle*, « laje », a que também se attribui oriijem germánica <sup>2</sup>.

Emquanto investigação ulterior não demonstre pertencerem estes três significados a um só vocábulo, de que sejam desenvolvimento ideolójico, devem elles ter inscrições separadas nos dicionários.

#### danda

Termo da África Oriental Portuguesa, que no Jornal das Colonias, de 18 de julho de 1903, vem assim definido: — « pequeno trapo com que [os negros] tapam as partes » —.

daroez, daroês, daruez, darviz, darvizio, dervixe, derviche

Qualquer das três primeiras formas é lejitimamente portuguesa; *derviche* é que nunca o foi na pena dos nossos escritores, que de perto conheceram esses frades mocelemanos.

Bluteau, citando Godinho, VIAGEM DA INDIA, aduz as formas *darviz*, *darvizio*, com remissão a *derviz*, onde nos dá mais *der-*

<sup>1</sup> VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO.

<sup>2</sup> H. Stappers, DICTIONNAIRE SYNOPTIQUE D'ÉTYMOLOGIE FRANÇAISE, Paris, n.º 3062.

*visio*, que parece preferir, abonando-se com a HISTORIA UNIVERSAL de Frei Manuel dos Anjos.

Não tenho à mão êsses dois autores para me certificar se êles assim escreveram o vocábulo, e se, como supponho, o *u* ali vale *u*, ou, pelo contrário, *v*, como Bluteau o interpretou. O que sei é que a forma portuguesa anterior é *daroez*, ou *daruês*, se quiserem, que representa a arábica-persiana DARUIX. A forma *derviche* foi tomada do francês *derviche*, que deve representar pronúncia turca do vocábulo, pois é em turco que existe o *v*, e não em árabe, ou persiano. Quando mesmo, porém, se adoptasse a pronúncia turca do vocábulo, deve êle escrever-se com *x*, *dervixe*, e não com *ch*, que é transcrição francesa, mas não peninsular, do *xin* do respectivo abecedário.

Modernamente restabeleu-se a forma portuguesa *daruez*:— «tem a Turquia os seus daruezes» —<sup>1</sup>.

Abonações do vocábulo são, por exemplo, as seguintes:— «bom e fiel daroez—daroezes da casa de Meca» —<sup>2</sup>.

data; dádiva

É sabido que êste vocábulo é um latinismo, o particípio passado passivo do verbo *dare*, e querê pois dizer «dada». Com referência a tempo substantivou-se *data*, como em castelhano aconteceu a *fecha*, forma antiga correspondente à moderna *hecha*, particípio passivo de *hacer*, como *fecha* o era de *facere*, correspondendo ao latim *facta* de *facere*; nenhuma relação tendo, como poderia supor-se, visto dizermos *fecho de carta*, com o verbo *fechar*, ou o substantivo *fecho*, que são *pestulum* e *pestulare*, latinos, em galego *pechar*, *pecho*, diferente de *pechar*<sup>3</sup>, castelhanismo, de *pectare*, «pagar», latim bárbaro muito

<sup>1</sup> «Revista de Educação e Ensino», 1892, DO ESPÍRITO DAS ORDENS RELIGIOSAS.

<sup>2</sup> Fernám Méndez Pinto, PEREGRINAÇÃO, cap. XXXI e LIX.

<sup>3</sup> Saco de Arce, DICCIONARIO GALLEGU, Barcelona, 1876.

frequente na nossa antiga legislação, bem com a sua forma portuguesa *peitar*, *peita* <sup>1</sup>, que lhe corresponde. A forma *peito* portuguesa é também castelhanismo, como já advertiu Viterbo <sup>2</sup>, quer signifique «paga», quer «defeito».

O vocábulo *data*, além da aceção apontada, tem outras, que também se relacionam com a significação primordial de «coza que se dá», como se pode ver no CONTEMPORANEO:—«data de agua, de bofetões, de improperios»—e ainda—«porção, dose»—sendo este ultimo o vocábulo grego *dosis*, que significa «dádiva».

No sentido de «dádiva» vemos empregado *data*, nas BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, do Padre António Francisco Cardim—«divertiu da data»—<sup>3</sup>, «recusou a dádiva».

A forma *dádiva*, à qual Frederico Diez <sup>4</sup> atribui por étimo o latim *dativa* por *donativa*, com mudança de acento da 2.<sup>a</sup> para a 1.<sup>a</sup> sílaba, é pelo povo pronunciada *dávita*, ou por influência de *divida*, ou porque seja esta a forma originária da palavra, que também existe em castelhano, e portanto com outro étimo, por emquanto desconhecido; ou porque na realidade se deu uma metátese das iniciais das sílabas postónicas do esdrúxulo, como acontece na deturpação vulgar *diálogo*, por *diálogo*, em razão de se ouvirem mal as duas sílabas átonas de um vocábulo douto, que o povo não sabe identificar com outro da sua linguagem vernácula.

decorar, de cor; decorar, decoramento, decoração

O verbo *decorar* tem dois significados inteiramente distintos, aos quais correspondem étimos diversos, devendo portanto separar-se nos dicionários em duas verbas diferentes.

<sup>1</sup> Santa Rosa de Viterbo, ELUCIDARIO.

<sup>2</sup> *ib.*, sub voc. *pechozo*.

<sup>3</sup> Lisboa, 1894, p. 145.

<sup>4</sup> ETYMOLOGISCHES WÖRTERBUCH DER ROMANISCHEN SPRACHEN. Bonn, 1870, II, 6.



O primeiro, na língua antiga único, provém da expressão *prender de côr*, quer êste *côr* seja o latim *cor*, *cordis*, «coação», como até muito recentemente se afirmava, principalmente or se lhe comparar a expressão francesa *par cœur*, ou a inglesa *y heart*, que parece tomada à letra do francês; quer a locução *e cor*, castelhana *de coro*, proceda de se aprender de memória om ouvir repetir por muitos uma leitura, um preceito qualquer, omo opina, se não estou enganado, Rufino José Cuervo, com muita probabilidade. Confirmação dêste modo de ver seria o seguinte passo: — «y a los que saben escribir mando que las escriban, e sepan de coro» —<sup>1</sup>.

Efectivamente, sendo corde o tema da voz latina e derivando-se dêle *acordar*, *discordar*, note-se, e *recordar*, que equivale «passar pela memória», é natural que, a provir de *cor*, *cordis* locução *de cor*, *de coro*, ela fosse *de corde*. Nem obsta à timologia proposta a perda do *o* final de *côro* em português, isto que a expressão castelhana *de coro*, hoje substituída em eral por *de memoria*, não pode ter orijem diversa da portuguesa; por outra parte Gil Vicente empregou *for* por *foro*, castelano *fuera*, por *fuero*, no formosíssimo AUTO DA ALMA: —

*Diabo* — Ainda é cedo pera a morte;  
 Tempo há de arrepender,  
 E ir ao ceo.  
 Ponde-vos á for da côrte,  
 Desta sorte  
 Viva vosso parecer,  
 Que tal naceo.

É possível mesmo que o francês *par cœur* seja alteração rtográfica de *par chœur*, «em côro».

Outra hipótese é igualmente plausível: uma forma latina popular *cor*, *coris*, por *cor*, *cordis*, daria orijem ao italiano

<sup>1</sup> «Carta do Padre Mestre Francisco Xavier aos Irmãos de Roma»,  
 : MISSÕES DOS JESUITAS NO ORIENTE, Lisboa, 1894.

*cuore*. ao francês *coeur*. ao português *côr* <sup>1</sup>. castelhano *cuor*, «côração»: e a locução *de coro* castelhana seria outra forma, *corum*. como *fuor*. português *fôr*. é o latim *forum*.

O segundo significado do verbo *decorar* é «ornar», e procede do latim *decorare*. que já tinha a mesma significação, como derivado de *decus*. *decoris*. «enfeite». É vocábulo de origem artificial. relativamente moderno na lingua, visto que Bluteau o não inseriu. conquanto incluisse no VOCABULARIO o substantivo *decoro*. que. diga-se de passagem, se deve pronunciar *decôro*. e não *decôro*. visto ser vocábulo erudito, e em latim lermos *decôrum* e não *decôrum*. o que já adverte o Suplemento ao NOVO DICIONÁRIO. comparando *fôrma*, palavra douta, com *fôrma*, de origem popular: *decôro* acentuam Bluteau. Roquete, etc.

O substantivo de acção e resultado, derivado dêste verbo, é *decoração*: todavia José Leite de Vasconcelos usou *decoramento*:— «O decoramento do palco precede sempre a chegada do actor» —<sup>2</sup>.

Equivale aqui *decoramento* a *cenário*. italianismo, e é o que os franceses chamam *décor*. palavra cujo emprêgo em português é galicismo escusado e modernissimo, só empregado por quem quere finjir que desconhece a lingua da sua pátria, e naturalmente lhe attribui pobreza. que só existe para quem a não estuda como deve.

#### defender: delivrar

Quem hoje empregasse êste verbo no sentido do francês *défendre*. «proibir». seria apodado de galicista; e todavia nessa mesma acepção a palavra é pelo menos tam antiga em português, como a CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V. de Rui de Pina:— «alguns requereram ao Infante licença para ainda lhes

<sup>1</sup> Gil Vicente, AUTO DA LUSITANIA.

<sup>2</sup> PORTUGAL PRE-HISTORICO, p. 10.

irem no encalço, mas o Infante o não consentiu, antes lho defendeu, dizendo que os leixassem ir embora » —<sup>1</sup>.

Outro tanto acontece com *delivrar*, que o cronista emprega no sentido do *délivrer* francês:— « Dormiu El-rei ali aquella noite, e ao outro dia alegre e contente se tornou a Pena-Fiel, e trouxe preso o dito conde, cuja guarda encomendou ao conde de Penelas, que o teve emquanto não foi delivrado » —<sup>2</sup>.

### derrete

Esta forma verbal substantivada tem um significado muito especial no lugar de Nossa Senhora das Mercês, concelho de Sintra:— « Pelas 3 horas da tarde começaram chegando as moçoilas, que se dispunham a tomar assento no tradicional muro do *derrete*, esperando ali os seus *conversados* » —<sup>3</sup>.

O significado é « namôro », « galanteio ».

### desastrado, desastre, (des)astroso

O NOVO DICIONÁRIO e o seu Suplemento corrigem o adjectivo *desastrado* em *desestrado*, a que dão por étimo *estro*, alegando, em favor da correcção, *desestrada* no ROMANCEIRO de Garrett, *desestrado* e *desestramento* em Francisco Manuel do Nascimento. Nenhuma abonação mais antiga apresentam, e o facto é que nem estas duas, nem outras modernas que se pudessem aduzir poderiam desterrar a forma *desastrado*, única dada por Bluteau e aprovada pelos lexicógrafos portugueses posteriores a êste, o maior de todos, que subordinou o adjectivo *desastrado* a *astro* na definição que deu:— « Infelice, e em certo

<sup>1</sup> cap. CV.

<sup>2</sup> *ib.*, cap. CLXXX.

<sup>3</sup> O SÉCULO, de 23 de outubro de 1905.

modo Desfavorecido dos Astros, ou sem favoravel Estrella» —, étimo que regeite em *desastre*: — «*Des* negativo... A outra palavra é *Astro*, que quer dizer *estrella*, e assi *Desastre* querará dizer *sem estrella*» —.

Esta etimologia ainda não foi desdita por etimólogo ou romanista algum, e é confirmada por outro adjectivo derivado de *astro*, *astroso*, «infeliz», tanto em castelhano <sup>1</sup>, como em português, e cujo derivado negativo *desastroso* é comparável a *desinquieta*, *desmazelado*, *desábalo*, e ao popular *desinfeliz*, por *infeliz*, em que o prefixo *des*, com ser pejorativo, não implica a idea oposta à que é expressa pelo vocábulo a que se junta.

Às abonações modernas de Filinto e Garrett basta contrapor a abonação antiga de Gil Vicente na peça O VELHO DA ORTA: —

Se os jóvenes amores  
Os mais tem fins desastradas —.

É ella sufficiente para provar que a forma *desestrado* é um enfraquecimento posterior de sílaba átona, comparável a *fantasia* por *fantasia*, *cámara* por *cámara*, popular *estifeito* por *satisfeito*, *castinheiro* por *castanheiro*, apesar de *castanha* ser deste vocábulo inseparável, etc.

Sem nenhuma destas razões, porém, em abono de ser *desestrado* a forma correcta, e derivada de *desastre*, ou de *astro*, como *astroso* e *desastroso*, o simples raciocínio está a indicar que de *estro*, palavra relativamente recente, grega e ultra-literária, que jamais desceu ao domínio da linguagem vulgar, onde é totalmente ignorada, se não poderia ter derivado, antes da sua adopção pelos doutos, um adjectivo antigo, de uso trivial e que

<sup>1</sup> Em castelhano antigo encontra-se o adjectivo *astroso*, oposto a *fermosa*, nos seguintes versos dos DENUESTOS DEL AGUA Y EL VINO, de Lopo de Moros: — «antes amariyella y astroso | agora uermeia e fermosa». [in REVUE HISPANIQUE, XIII, p. 615].

a gente, por mais rude que seja, entendeu e entende, em-  
u e emprega, acomodando-o, há certo tempo, à mais fácil  
iação *desestrado*, imitada por Filinto e Garrett.

*stro* foi vocábulo tam conhecido do povo, provavelmente  
a forma *astre*, de importação francesa, tanto em português,  
em castelhano, que operou a transformação de *stella*  
no português (e castelhano) *estrela*, *estrella*, fazendo que  
*ela* se acrescentasse um *r* que *stella* não tinha.

as não fica só nisto o improvável do étimo *estro*, que se  
e. O vocábulo *desastre* existe; existiu o verbo *desastrar*, de  
*lesastrado* é o particípio passivo, que se adjectivou como  
outros, a bem dizer, os mais dêles: *estro* é o latim oes-  
vocábulo tomado do grego οἱστρος, «moscardo», «tavão»,  
os gregos, por metáfora, applicaram a qualquer estímulo  
rado, e depois à inspiração, à veia *profética*, e daí à veia  
*a*, no que os romanos, seus copistas, os imitaram. Nêste  
lo é ou foi a palavra *cucaracha*, «bicho-de-conta», empre-  
na América Espanhola, na quadra seguinte, que se canta,  
ntava, para expressar que o entusiasmo se apoderara do  
dor:—

¡Ay que me pica,  
ay que me araña  
com sus patitas  
la cucaracha!

m locução análoga dizemos em português de um individuo  
ratado, sujeito a repentés, que por veneta diz ou faz uma  
ra, *está com a môsca*, *deu-lhe a môsca*; e, desculpem-me  
etas, o *estro* para os gregos e para os romanos era um re-  
, uma *veneta*, a manifestação de uma faculdade fora do  
al, um condão de poucos e de loucos.

origem da locução *está com a môsca* pode ver-se em  
au: o caprichoso é por metáfora comparado ao cavallo pi-  
pelo tavão.

ra, um individuo *desastrado*, *desmañado*, como dizem os

espanhol. *Desastrado* não tem tal letreio, por ter *astro* poético, não só porque se aplica popularmente a um qualquer *revendedor*, sendo *quadrado* de tem para *revender* pelo mesmo jeito.

Exemplos de variações são a palavra *desastrado* empregada no seguinte sentido: — Alguns vasos de barro, desmanchados, resistiram a serem quebrados — isto é, por serem *desastrados*.

Esta é, sem dúvida, a que se quer explicar esta aceção, que é a mais comum pelo grego *ἀστρά* «estrela», ou «veia poética».

Não se poderia, portanto, admitir o facto de *astro*, mas em relação a quem fala *desastrado*, por se, em cujas acções tem tal resultado, que nasce com a estrela.

*Desastrado*, significa também «desastroso», «mal feito de corpo», e nada disso tem que ver com *astro*, vocabulo, repete-se a maioria das pessoas, mesmo de mediana cultura desconfiam não somente<sup>1</sup> em qualquer aceção que seja.

Desde antes que a forma *desastro* revelava influência francesa, tanto em português, como em castelhano. Efectivamente, como em italiano se lê *disastro*, em que a palavra *astro* não sofreu alteração, na geral não necessitam se torna averiguar porquê esta alteração se manifestou nas línguas hispanicas, nas quais a *dis-* «dissimilante» corresponde — Comparando outros vocabulos portugueses em que se observa a mesma alteração, tais como *dispar* «contraillum, segre cantigo»; *saecillum*, *maço* «*manichium*, venus que se produziu modificação identica e que, por outra parte, elles patentelam alteração de consoantes, que não é a normal, visto que os vocabulos dos tipos *graculum*, *speculum*, são *parilla*, *espelho*, e *monachum* deu primeiro *monacho* e o castelhano *monjote*, *monaquillo*; ou se de segunda formação, *lagano* e *baculum*. Houve pois in-

<sup>1</sup> O ECONOMISTA, de 29 de março de 1922.

<sup>2</sup> V. R. BUSTOS, VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO, Supplemento.

<sup>3</sup> D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, in REVISTA LUSITANA, III, p. 174.

uência que perturbou a evolução natural, ou aquelas palavras não provieram directamente do latim.

Entre as línguas românicas que unificaram em *e* surdo posnico o *o* e *a* românicos são a francesa e a provençal as que obressaiem: é lógico, pois, atribuir a essa procedência imediata s vocábulos *milagre*, *segre*, *monje*; e com efeito, tais vocábulos parecem em francês com as formas *miracle*, *siècle*, e *monje* om a forma *monge* em provençal. Em *milagre* deu-se metátese rútua de *r* e *l* (cf. o castelhano *milagro*), e em *segre* a mudança de *l* em *r* para formar ditongo consonantal português cf. *grude* { *gluten*): *monje* é reprodução fiel do provençal *monge*, como é evidente, conquanto haja outra forma, também rovençal, *mónegue*, e seja talvez lícito supor que *monge* seja tais francês que provençal.

Em português antigo há a palavra *mogo*, a qual, conforme o llucidário de Viterbo <sup>1</sup>, significava « marco divisório », termo que erdura no onomástico corográfico, já no singular, já no plural, ó, ou acompanhado de epítetos, como, por exemplo, *Mogo de Inciães*.

Júlio Moreira <sup>2</sup> relacionou *mogo* com *mogote*, *magote*, parece-me que sem fundamento, atribuindo-lhe um étimo vasconço *nuga*, com o mesmo significado, conforme Frederico Diez <sup>3</sup>, e ue na realidade foi admitido no dicionário de Van Eys <sup>4</sup>. Eu, orém, estou inclinado a supor que *mogo* é a forma portuguesa o latim *monachum*, e que a aplicação dêste termo a um arco ou sinal de divisão de terrenos, naturalmente pedra recta, é perfeitamente análoga à que se fêz, em Lisboa pelo enos, da palavra *frade*, a designar uma coluna de pedra, da

<sup>1</sup> Santa Rosa de Viterbo, ELUCIDARIO DOS TERMOS E FRASES QUE ANTIGAMENTE SE USÁRIÃO, Lisboa, 1798.

<sup>2</sup> REVISTA LUSITANA, IV, p. 268.

<sup>3</sup> ETYMOLOGISCHES WÖRTERBUCH DER ROMANISCHEN SPRACHEN, I, b.

<sup>4</sup> DICTIONNAIRE BASQUE-FRANÇAIS, Paris, 1873.

altura de um metro, pouco mais ou menos, e cujo remate superior arredondado se assemelhava à cabeça tonsurada de um trade. Ainda hoje em dia se vêem alguns em ruas, contornando praças, adros, ligados, ou não, entre si por correntes de ferro.

A palavra *moço* foi ao depois substituída por *monje*, francesa ou provençal, como *segre*, e o adjectivo dêle derivado *segral*, ainda usados por Gil Vicente, cederam o lugar aos latinismos *sículo*, *secular*.

### desbulhar, debulhar

O povo diz *desbulhar*, os cultos *debulhar*, forma a que já Bluteau deu a preferência, conquanto cite a outra, que quasi desapareceu dos dicionários portuguezes. Pois é o povo quem diz bem (como quasi sempre acontece, quando os vocábulos pertencem à sua linguagem habitual), visto que o étimo é o latim *de-expoliare*, ou *dis-spoliare* <sup>1</sup>, com dois *ss* em vez de um. A forma *desbulhar* corresponde à castelhana *despojar*, que com outro sentido entrou em portuguez: cf. as accepções do verbo francês *dépoiler*, que tem a mesma orijem, e o portuguez *filho* com o castelhana *hijo*.

A simplificação de *desbulhar* em *debulhar* é análoga à de *despois*, forma antiga, ainda hoje a única popular, em *depois*, que é a exclusiva literária. Em castelhana, porém, não se conhece outra que não seja *después* { *de-ipso-postea* <sup>2</sup>.

D. Carolina Michaëlis attribuiu a *debulhar* o étimo *de pilicare*, que também me parece provavel.

Com *desbulhar* é conecso *esbulhar* { *expoliare*.

<sup>1</sup> F. Adolfo Coelho, DICCIONARIO MANUAL ETYMOLOGICO DA LINGUA PORTUGUEZA.

<sup>2</sup> G. Körting, LATEINISCH-ROMANISCHES WÖRTERBUCH, Paderborn, 1891, n.º 2401.



## desconfiar, desconfiado

Na linguagem usual êste adjectivo quer dizer «que não tem confiança», «que receia ser enganado», por uma particularidade gramatical peninsular, que atribui a participios passivos significação activa, como *esquecido*, «aquelle que esquece», *atraiçoado*, «aquele que atraiçoia», etc. Está neste caso o vocábulo *desconfiado*, no uso comum de hoje, pois quer dizer, não «aquele de quem se desconfia», mas sim, «quem desconfia», em francês *méfiant*, participio activo de (*se*) *méfier*.

No uso antigo, todavia, *desconfiado* tinha outra acepção, que correspondia ao que hoje dizemos *desenganado*, *desesperançado*, e que em castelhano se expressa com o participio *desahuciado* { *de-ex-ad-fiduciatum*, de fiducia, «confiança», o antigo *fiúza* português:— «chegou muito doente, esteve desconfiado, recebeu os Santos Sacramentos»—<sup>1</sup>.

Hoje diríamos: «esteve desenganado».

Em sentido análogo usou-se também *desesperado*, equivalendo a *desesperançado*, como se vê neste passo da CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, de Rui de Pina:— «E destas voltas de fortuna que a Rainha D. Lionor viu padecer aos Infantes seus irmãos, foi da esperança que nelles tinha desesperada de todo»—<sup>2</sup>; e na «Relação do naufrájo da nau Sam Tiago», de Manuel Godinho Cardoso:— «assentou o mestre... que se mandasse aquella almadia, porque soubesse o que lhe tinha acontecido, porque não desconfiasse de todo»—<sup>3</sup>.

Ainda hoje se diz de um doente, que está *em estado desesperado*.

<sup>1</sup> António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 95.

<sup>2</sup> cap. LXXXIV.

<sup>3</sup> in BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLIII, p. 116.

## Desistória

Esta palavra, *desistória*, parece ter sido inventado por Frei Górges da Cruz em esta ocasião em dicionário nenhum, que eu saiba, e *desistória* «parrazas», «contos»: — «Porque, além do que em 1662 tem os frades badistas na China, muitas desistórias e muitas gentilezas de homens que se tornaram cães, e cães se tornaram em homens, e de cobras que se tornaram em homens e muitas outras ignorancias» —<sup>1</sup>.

## desleirada, desleirado

A forma antiga do verbo *leixar* era *leixar*, de *laxare* = *laxare* = *laxare* com vocalização do *e* em *i*, como em *seiro* | *sa-yro* = *seiro*, e palatalização do *s* em *ç*, e do *s* em *x*, por influência da língua castelhana.

A partir do século XVI prevaleceu a forma *deixar*, equivalente a castelhana *dejar* ou *dejar* [= *dejar* <sup>2</sup>], que se diz pouco de *deixar*, e esta forma que oferece grandes dificuldades de pronúncia, visto que nesta língua *ç* entre vogais permanece.

Mesmo que as duas formas portuguesas *leixar* e *deixar*, são as formas antigas de *deixar* e *deixar*, que tem, ambos a sua origem, no castelhana, *dejar*, *dejar*.

## deslambrear

Esta palavra, e seus derivados, assim como *vizlambre*, são de origem castelhana, visto que é nesta língua, e não em portu-

<sup>1</sup> «Trata-se aqui de ser nam muito por extenso as cousas da China...» cap. XXVII. A 1.ª edição de 1662 serviu-me da Bollandiana de 1820, que é a 2.ª.

<sup>2</sup> O *ç* de *dejar* representa aqui a fricativa surda postero-palatal, valor de *j* castelhano actual.

uês, que o latim *luminem* produziu *lumbre*, com mudança de *n* em *r*, e intercalação de *b* entre estas duas consoantes, como aconteceu com *hombre* { hominem, em português *lume*, *homem*, popular *ome*; e digo *luminem*, acusativo masculino, porque *lumen*, acusativo neutro, deu *lume* em português, e não podia produzir *lumbre* em castelhano.

Mudança de género gramatical idéntica temos de atribuir a *lumen* (para *uiminem*), para explicarmos a forma castelhana *vimbre*, correspondente à portuguesa *vime*.

Alteração de *n* em *r* com perda da vogal *i* se deu também em castelhano no vocábulo *fembra*, moderno *hembra* { femina, que em português deu *fêmea* { *femena* por femina, com perda do *n* entre vogais, que é de regra: cf. *cheio*, antigo *cheo* { *pleum*, em castelhano *lleno*.

Com *deslumbrar* se relaciona o castelhano *alumbrar*, que em português é *alumiar*.

#### desmaio, desmaiar, desmaiado

Actualmente *desmaio* equivale a *deliquio*, e *desmaiar* a perder os sentidos » o que em francês se diz *perdre connaissance, s'évanouir*.

Antigamente, porém, *desmaiado* quis dizer « desanimado »: — « Ficou o príncipe Tai senhor do campo com a morte dos rebeldes, e elle favorecido do pai, jurado príncipe e herdeiro do reino, desmaiados os competidores, obedecido e temido de todos » —<sup>1</sup>.

É este ainda hoje o significado do inglês *dismay*, que, assim como as formas hispánicas, parece provir de um radical germânico *magan*, que vive ainda no inglês *may*, no alemão *mögen* e *macht*, e cuja significação é « poder ».

<sup>1</sup> A. F. Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 143.

O adjectivo *desmaiado*, com aplicação a côres, equivale a *desconhecido*. «pálido»:— «Amarante. 15. Ha dias, por excavação, appareceram em Paschoaes, na margem direita do Tamega, alguns vasos de barro desmaiado, que desastadamente se quebraram» —<sup>1</sup>.

Exemplo de *desmaio*. «desânimo», como em inglês, vê-se em Rui de Piná:— «E os seus que leixou, como souberam da sua partida... foram postos em grande desmaio, e cada um como pôde se apressou de o seguir, não sem grande desmando e nenhum acórdio» —<sup>2</sup>.

#### desmochar, desmoche

— Chamam-se *desmochadas* ou *encabeçadas* aquellas 'árvores' em que se decotou o tronco a pequena altura, de ordinário a 3 ou 4 metros ou no ponto em que se bifurca, conservando-se depois só os ramos que nascem na sua parte mais alta, os quaes são submettidos a córtes periódicos, vindo o tronco a formar em cima, passados annos, uma cabeça ou grossura bastante volumosa... e desta mutilação [a *escamonda*, q. v.], ainda mais do que dos desmoches, arruinar muito as árvores e estragar a madeira» —<sup>3</sup>.

#### desvisgar

— «A distancia estão occultos o chefe da armada [q. v.] e um ou mais ajudantes, encarregados de preparar e pôr as varas e apanhar as aves, a que aquelle cuidadosamente desvisga as azas com terra... é raro que a ave, obedecendo ao chamo [q. v.]

<sup>1</sup> O ECONOMISTA, de 20 de março de 1892.

<sup>2</sup> CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. CV.

<sup>3</sup> GAZETA DAS ALDEIAS, de 11 de março de 1906.

vá, depois de dar algumas voltas, pousar no ramo, onde a ora vara se lhe prende ás azas, tolhendo-lhe o vôo» —<sup>1</sup>.

### 7. visgo.

#### deúdo

são já raros os participios em *-udo*, que na língua antiga, os próprios da 2.<sup>a</sup> conjugação.

Com valor de participios apenas me ocorrem *teúdo e manteúdo*, numa frase já feita, antiquada, mas ainda não desusada: — «um cão atravessado, teúdo e manteúdo Ganymedes m fidalgo» —<sup>2</sup>. Em Rui de Pina vemos ainda *teúdos*<sup>3</sup> e *deúdos*<sup>4</sup>, em Fernám Méndez Pinto *reteúdos*<sup>5</sup>, como se vê, e derivados do verbo *ter*. De outros verbos, vemos *conheúdo*: numa carta de 1308, publicada na REVISTA LUSITANA: «Coñaçuda (*aliás*, conhoçuda) cousa seya» —<sup>6</sup>, e no Alentejo *lo* { *debutum*, por *debitum*<sup>7</sup>, italiano *dovuto*.

Com valor de substantivos subsistem alguns desses participios, e provincialismos: *mexuda*, «papas de milho» (Beira-Baixa), *uúdo*, como apelido.

No mesmo passo que a terminação *-udo* é já rara na formação de participios passivos, ou de adjectivos verbais, tem ainda existência em adjectivos derivados de substantivos, como *peludo*, *velo*, *felpudo*, de *felpa*, *cabeludo*, de *cabelo*, *trombudo*, de *ba*, etc.

Do participio *debutum* derivou-se em castelhano *deúdo*, almente *déudo*, no sentido de «parente», português antigo

<sup>1</sup> José Pinho, ETNOGRAPHIA AMARANTINA, A Caça, in Portugalia, p. 96.

<sup>2</sup> O SÉCULO, de 6 de julho de 1904, Bulhão Pato.

<sup>3</sup> CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. CXXXI.

<sup>4</sup> *ib.* cap. XXXVII.

<sup>5</sup> PEREGRINAÇÃO, cap. CXCVI.

<sup>6</sup> Vol. III, p. 294.

<sup>7</sup> *ib.* vol. VIII, p. 39.

*divido* { debitum, «parentesco muito chegado»:—«e assi por elle ter com a rainha dívido mui conjunto»—<sup>1</sup>.

devasso, devassar, devassa

Êste adjectivo, em sentido material, diz-se do que «não ajusta bem, está sôlto»; é o contrário de *pérro*, que significa «preso em demasia, apertado, que se não move, ou não cede».

Em sentido moral applica-se o adjectivo, já como tal, já substantivado, a pessoas, a costumes «soltos, dissolutos».

Na CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, de Rui de Pina, êste adjectivo está empregado na acepção de «aberto, livre, desembaraçado», que perdeu no uso moderno:—«porque o lugar em que estava era campo devasso e sem disposição de se poder defender»—<sup>2</sup>. Cf. *devassar*, «descubrir, examinar», *devassa*, «inquerito».

diabo-a-quatro, diabrura

—«Punham antigamente em scena peças sacras em que... faziam apparecer *diabos*... intitulavam-se *Pequena diabrura* —*Grande diabrura*... na *grande-diabrura*... era de rigor apparecerem sempre quatro diabos...» —. Esta informação que é uma definição completa, lê-se no jornal O BOCAGE, n.º 13, citado na «Revista Lusitana», VI, páj. 128.

Hoje são frequentes as expressões *o diabo a quatro*, *levado do diabo*, que assim ficaram explicadas.

A forma *diabo*, corresponde à antiga *diaboo* { *diabolum*, com supressão do *l* intervocálico; *diabrura* provém de outra forma do mesmo vocábulo *diabro* { *diab'lum*, com a mudança de *l* em *r*, normal em português nos grupos de consoantes lati-

<sup>1</sup> Rui de Pina, CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. LXXIV.

<sup>2</sup> cap. CXX.

das quais a 2.<sup>a</sup> era *l* líquido, em palavras de origem secundária; visto que, nas mais antigas, os grupos latinos *cl*, *fl*, *pl* proferiam *ch*, quando iniciais, *chave* { *clauem*, \* *chor* { *florem*, > { *planum*, ou depois de consoante, como *macho* { *mas-*  
*trum*, e *lh*, quando intervocálicos, *coelho* { *cuniculum*.

dico

Na África Oriental Portuguesa, «cabaça que serve de copo»: ali <sup>1</sup>.

diro

Na África Oriental Portuguesa «prato de pau»: v. cali <sup>2</sup>.

discrição, discreção

O DICIONÁRIO CONTEMPORANEO foi o primeiro, e era de esperar que fosse o último, a dar cabida à segunda destas formas, ficando porém, entre parêntese, que ela seja pronunciada *dis-*  
*xião*. Para quê se alterou a escrita deste vocábulo, que figurara nos em todos os dicionários da língua, é o que se não sabe: talvez porém se sabe e se vê é que tal mudança é disparatadamente, se a pronúncia tem de ser com *i*, e não com *e* do na segunda sílaba, nenhum motivo plausível milita em favor da escrita com *e*. Este vocábulo *discrição* está para *dis-*  
*to*, como *profissão* para *professo*, como *procissão* para *pro-*  
*so*, como *prisão* para *preso*, etc., e não creio que alguém aconselhe a que se escreva *profissão*, *processão*, *presão*, apesar de da segunda sílaba dos adjectivos correspondentes; cf. ainda

<sup>1</sup> JORNAL DAS COLONIAS, de 4 de julho de 1904.

<sup>2</sup> *ib.*

*confissão* e *confesso*, não obstante o castelhano *confesión*, análogo ao português antigo *confessão*, que ainda lêmos na PERGRINAÇÃO <sup>1</sup> de F. Méndez Pinto.

Estas formas seguiram a analogia de outras, como *abolição*, *petição*, *demissão*, *comissão*, e tantas mais.

Abonar a forma *discrição* com autores clássicos fôra inútil: o que havia de ser difícil era encontrar neles o barbarismo *discreção*, que deverá quanto antes ser desterrado da escrita portuguesa, pois a adopção de tal forma ortográfica patenteia a completa ignorância da história da língua e do seu desenvolvimento.

Como porém tal escrita é um desacêrto, tem-se propagado na imprensa diária, onde se tornou já chavão impertinente e insensato, quando não sofre ainda maior tortura, aleijado em *descreção*.

Outro vocábulo, que na pronúncia do sul, em que o *s* final de sílaba é palatalizado, se confunde com êste, é *descrição*, em ortografia clássica escrito com *p*, *descripção*, do latim *descriptionem* { *descriptum* { *describo*.

Neste porém o preficso é *des-*, e não *dis-*. V. A. R. Gonçalves Viana. ORTOGRAFIA NACIONAL <sup>2</sup>.

dizouho

Significa «responção».

docíssimo

Na linguagem dos cultos o superlativo de *dôce* é *dulcíssimo*, por uma reversão artificial ao étimo latino *dulce*. No entanto,

<sup>1</sup> cap. CCXV.

<sup>2</sup> Lisboa, 1904, p. 78 e 80.



vê-se a forma *docíssimas laranjas* NO BOSQUEJO DE UMA VIAGEM NO INTERIOR DA PARAÍBYBA E DE PERNAMBUCO <sup>1</sup>. O povo, entre o qual se foi a pouco a pouco, desde o século XVI, difundindo a forma superlativa em *-íssimo*, não conhece essas derivações artificiais, e de *amigo*, *pobre*, por exemplo, forma *amiguíssimo*, *po-bríssimo*, em vez dos latinismos *amicíssimo*, *paupérrimo*.

### dójiço

Êste vocábulo, o qual designa uma espécie de noviço nas confrarias búdicas dos bonzos no Japão, não figura em nenhum dicionário português, nem tampouco francês, com a forma *dogique*, empregada pelo Padre de Charlevoix. É todavia necessário dar-lhe neles cabimento, visto encontrar-se em autores dos séculos XVI, XVII e XVIII, que se lhe referiram, avisadamente romanizado, tanto numa, como na outra língua.

Dois étimos se podem atribuir-lhe. O primeiro é a palavra japonesa transcrita por J. C. Hepburn <sup>2</sup> com a forma *dōgi*, a que dá a significação de— a boy under 15 years, a child— moço de menos de quinze anos, menino »—. O segundo étimo possível é pelo mesmo autor transcrito *dōgaku*, e explicado dêste modo:— « learning or studying together with the same teacher, the same studies, a schoolmate »—, isto é: « condiscípulo, aluno na mesma disciplina ».

Ainda que à primeira vista o não pareça, atenta a forma da palavra, é o segundo étimo que devemos admitir como o verdadeiro, não só em razão do significado, mais conforme com a definição do vocábulo, mas também porque, sendo o *k* muitas vezes nulo entre vogais, em japonês, nas terminações adverbiais em *-ku*, resulta de *dōgaku*, a pronunciação *dogo*, por isso que

<sup>1</sup> in O SÉCULO, de 8 de junho de 1900.

<sup>2</sup> A JAPANESE-ENGLISH, AND ENGLISH-JAPANESE DICTIONARY, Tóquio, 1887.

*au* se profere ò, forma perfeitamente concordante com o *dôgô* inserto no vocabulário de 1603 <sup>1</sup>, e de que se derivou para português o adjectivo *dójico*, como do grego ΛÓΓΟΣ, se derivou *lójico*.

O sinal (∨), ou circumflexo invertido, foi empregado pelos jesuítas portugueses que escreveram gramáticas, vocabulários etc., do japonês, assim como outros sinais diacríticos com outras aplicações, nas transcrições de vários idiomas asiáticos, para indicar o *o* longo aberto, visto que o circumflexo designava o *o* fechado em português. Para o *u* longo usaram porém *u*.

#### dolménico

Adjectivo derivado de *dólmen*, ou *dólmin* como escreveu o Dr. Costa, palavra imediatamente tirada do francês, que artificialmente a derivou de uma língua céltica. O correspondente português é *anta*, que designa uma construção tumular pre-histórica.

#### dolório

Em Sam Miguel (Açôres) quer dizer « desgosto » <sup>2</sup>.

#### dómaa, dóma

Era o antigo nome para designar a semana, do latim *hebdomădam*, no acusativo, em grego ΕΒΔΟΜΑΔΑ, com o mesmo significado que o latim *septimana*, que o substituiu, isto é, « sete dias »; literalmente: « relativo a sete ».

<sup>1</sup> V. João de Freitas, SUBSIDIOS PARA A BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA, RELATIVA AO ESTUDO DA LINGUA JAPONEZA, Coimbra, 1905, notas.

<sup>2</sup> O SECULO, de 5 de julho de 1901.

## domóvi, domovói

No NÓVO DICIONÁRIO introduziu-se o primeiro dêstes vocábulos, que foi colhido nos ELOGIOS ACADEMICOS, de Latino Coelho, como se declara. Está assim definido:— « espírito doméstico que, segundo a mythologia moscovita, está velando de além do túmulo sôbre a família que fundou » —.

Há engano manifesto nesta definição, seja ela, ou não, de Latino Coelho, mas que pela redacção é evidentemente traduzida de francês. Há dois vocábulos russos derivados de *dom*, « casa »: um é *domóvî*, « doméstico, caseiro »; o outro é *domovói*, que corresponde a « trasgo », ao *elf* germânico, às *jens* (q. v.) do Algarve. Deu-se pois confusão entre um e outro derivado.

## doninha, òninha

Conquanto na essência sejam o mesmo vocábulo, deminutivo de *dona* { *domina*, o uso fê-los distintos, provávelmente porque, ou a antiga acentuação dos deminutivos em *-inho* era dupla, como ainda o é no norte, por exemplo em *còvinha*, pronunciado no sul *cuvinha* { *cova*, e como o é nos que são formados com o inficso *z*, *còvazinha*; ou porque êste nome do animalejo carnicheiro nos veio do norte, com a sua pronúncia especial: desta maneira, *dòninha*, e tam sómente êsse nome, deve de ser diferenciado do deminutivo consciente de *dona*, que é *doninha*, proferido no sul com o átono=*u*, *duninha*, pouco usado, mas existente.

Que o termo *dòninha* é indubitavelmente um deminutivo de *dona*, no sentido antigo de « dama casada », por opposição a *donzela* { *dominicella*, « dama solteira », provam-no a denominação do furão ou da *dòninha* em galego, *donacinha* <sup>1</sup>, como

---

<sup>1</sup> D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, in REVISTA LUSITANA, III, p. 187; cf. Saco y Arce, DICC. GALLEGO, Barcelona, 1876.

quem diria em português *donazinha*, e a da dòninha em castelhano. *comadreja*, «comadrinha».

dor. dorido, dolorido, doloroso, doroso

Do substantivo *dor* derivamos hoje um adjectivo *dorido*, que tem também uma forma *dolorido*, mais próssima da latina *dolorem*, da qual tirámos *doloroso*, mas a que na língua antiga correspondia *doroso*, directamente derivado de *dor*:— «suas continuas lagrimas e dorosas palavras davam claro testemunho do sentimento do seu coração» —<sup>1</sup>.

duna

É galicismo este termo: o português lejitimo é *mêdão* (*de arcia*). Infelizmente está já tam arraigado na literatura geral, para onde inconscientemente passou da científica incorrecta e falta de vernaculidade, que será já difícil expunji-lo:— «De Algezur ao cabo de Sines apparece-nos coroada de imponentes dunas» —<sup>2</sup>. Eis aqui exemplos de *mêdão*:— «Entre Douro e Neiva avultam os medões de A-vel-o-mar [*id e. A-vê-lo-mar*]<sup>3</sup>: e mais antigo:— «Vivem estes Reys arabios entre hums medões de area» —<sup>4</sup>.

dundum, dunduns

É esta a escrita que convém adoptar, no singular e no plural, visto ser a única conforme com os hábitos ortográficos portu-

<sup>1</sup> Rui de Pina, CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. xvii.

<sup>2</sup> Portugalia, I, p. 609.

<sup>3</sup> *ib.* p. 610.

<sup>4</sup> Godinho, VIAGEM DA INDIA, 109, citado por Bluteau, VOC. PORT.

gueses, em harmonia com os quais se não escreve *m* antes de *d*, e o *m* final se muda em *n* ao acrescentar-se o *s* do plural.

Esta palavra designa uma espécie de pelouro, ou bala de espingarda:— «O arsenal de Dum Dum, perto de Calcuttá, e depois os da metropole começaram a fazer grandes provisões de cartuchos com aquella bala»—<sup>1</sup>.

O nome já agora está como está; mas aquella escrita *Dum Dum* inglesa quere dizer *damedame* na portuguesa.

### durázio

Êste adjectivo, correspondente do castelhanao *durazno* { *dura-cinum*, indica, a respeito de frutos, um termo médio entre *mole* e *duro*, estabelecendo-se assim uma gradação de rijeza: *mole*, *molar*, *durázio*, *duro*.

O que é singular é dizermos de uma mulher para cima dos quarenta que é «já *durázia*», e nesta expressão a gradação estabelece-se às avessas, pois a que passou de *durázia* se denomina *madura*, estado de moleza a que se segue *sorvada* e *podre*, na fruta. Para prosseguimento da singularidade dêstes epítetos, a *fruta verde* não se pode tragar, e faz mal à saúde; o que se quere é *fruta madura*: exactamente o contrário do que se ape-tece na porção mais formosa do género humano: quanto mais verde melhor.

### ẽaugar

Êste vocábulo transmontano <sup>2</sup>, de aspecto bastante singular, pois que é necessário pronunciar-se *ẽ* em hiato com o *a* de *augar*, é um derivado, mediante o preficso *em*, do verbo *augar* { *auga*

<sup>1</sup> O SECULO, de 12 de janeiro de 1900.

<sup>2</sup> Augusto Moreno, VOCABULARIO TRANSMONTANO (MOGADOURO E LAGOÇA), in «Revista Lusitana», v, p. 45.

por *água*, pronúnciação muito usual também em Lisboa, frequentíssima no português falado até o xvii século, conforme o prova a escrita *augu(o)a*: o ditongo *au*, isto é, o *u* depois do *a* desenvolveu-se por eco, por influência proléptica, assimilação progressiva ao *u* líquido que está depois do *g*, como na forma popular se desenvolveu um ditongo *ãi*, na palavra *sangue*, proferida *sãingui*, em virtude da influência dêsse *i*, que substituiu o *e* surdo final. Confronte-se esta formação *ēaugar* com o antigo *ēader*<sup>1</sup>, correspondente do castelhano *añadir* { *ad* + *in* + *addere*, e o castelhano *enarenar*, com o português *arear*. Vocábulo de estrutura análoga são *bem-aventurado*, *bem-aventurança*, *em-asprear*, *em-aspreamento*, nos quais se deve pôr uma linha divisória, para que se não leiam *be-maventurança*, *e-masprear*, etc.: — «vendo que o mastro com a grossura e em-aspreamento dos mares os çoçobrava» —. Morais transformou êste substantivo em *ensapreamento*<sup>2</sup>.

A definição dada, *loc. cit.* pela REVISTA LUSITANA ao verbo *ēaugar*, é a seguinte: — «(pronuncia-se: *im-au-gar*). — Apanharem [as creanças e as bestas: salva seja a comparança!] molestia que as faça definhar, ás creanças por não se lhes dar de qualquer coisa que nos vejã comer, e ás bestas por lhes não darmos também um *mordo* á entrada de uma porta em que parem, ou noutra sitio onde estejam acostumadas a comer. Diz-se de tres maneiras: *enaugar*, *augar* e *ougar*; e em contraposição, respectivamente: *desenaugar*, *desaugar* e *desougar*» —.

*Aguar* (pron. *âguár*), *desaguar* são os vocábulos comuns. Com efeito nada há peor que ficar *aguado*, ou com a água na bôca:

No hay des-licha mayor,

. . . . .

que una esperanza fallida.

<sup>1</sup> Rui de Pina, CRÓN. DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. XXIX e LII.

<sup>2</sup> V. J. Cornu, REVISTA LUSITANA, VI, p. 87.

Com *ēaguar*, reduzido a *aguar*, confronte-se o castelhano *enamar* { *inalienare*, simplificado em *alhear*, moderno, mas cuja forma antiga era *enlhear* <sup>1</sup>.

ença: v. **ESSA**

eclosão, eclusa

São dois galicismos modernos e absolutamente inúteis, *éclosion* e *écluse*: o primeiro, já censurado no Suplemento ao Novo Dicionário, é derivado de *eclore*, do latim *excludere*; o segundo imediatamente tirado de *exclusa*.

Em português são absurdos tais vocábulos, porque o *s* latino antes de consoante permanece nas línguas hispánicas, como em italiano, e de entre as románicas sómente no francês moderno (desde o século XVI) êle foi desaparecendo pouco a pouco, sendo as palavras em que ainda aí o vemos cópia recente do latim literal.

Se, à falta de outro termo, quando o não houvesse (que há, *ruide*, do árabe *AL-SUDE* <sup>2</sup>, «represa de água»), ainda era admissível o vocábulo francês, conquanto desconforme com a índole do nosso idioma, por ser preciso nome para construção tam frequente em terra tam regada como a nossa; é absolutamente distratado ir-se buscar já feito, e mal feito, um termo abstracto a na língua, cuja formação vocabular bastante difere da portuguesa, nas palavras de origem latina principalmente. Em português diz-se *desabrochar*, quer como verbo, pelo francês *eclore*, quer como nome verbal, pelo francês *eclosion*. Infelizmente, não

<sup>1</sup> *enlheado*, em Rui de Pina, CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, p. CXXIV.

<sup>2</sup> João de Sousa, VESTÍGIOS DA LINGUA ARABICA EM PORTUGAL, Lisboa, 1830.

só como termo de nomenclatura botânica, mas também de nomenclatura zoológica, em vez de *nascença*, vai-se difundindo a extravagante palavra:— «Nos dias immediatos á eclosão (nascimento) do insecto [gafanhoto]»—<sup>1</sup>. Quem isto escreveu convenceu-se de que *eclosão* era muito bom latim, e como tal, muito apto a substituir por termo mais fino o trivial *nascimento* [ou *nascença*], com que o explicou; porque, na realidade, para portugueses, que só saibam português, com ou sem latim, semelhante vocábulo é verdadeiramente uma charada mal feita.

É de sentir que os nossos professores e escritores técnicos sejam em geral tam pouco escrupulosos na vernaculidade da linguagem, empecendo dêste modo a criação e o desenvolvimento de verdadeira literatura científica, sem a qual a outra literatura é insufficiente para congraçar a ciência com o idioma nacional e fazer dêle uma lingua culta. O facto é que a êste respeito quem pode não quere, e quem quere não sabe.

#### edu

O NÓVO DICIONÁRIO diz-nos ser *edu* uma árvore da Índia portuguesa, mas não abona o termo, nem dá maior explicação.

Não sei que árvore seja. Sebastião Rodolfo Dalgado, no DICIONARIO KOMKANI-PORTUGUEZ <sup>2</sup>, traz um vocábulo, *elū*, com *l* cacuminal, e dá-lhe a significação de «cardamomo». Como êsse *l* cacuminal, que não tem correspondente nas línguas da Europa, a não ser um som análogo em alguns dialectos escandinavos, costuma também ser expresso por *d* (e por *r*), é provável que seja a mesma árvore.

Garcia da Orta não cita êste entre os vários termos indianos para o cardamomo <sup>3</sup>.

<sup>1</sup> O SECCLO, de 8 de junho de 1900.

<sup>2</sup> Bombaim, 1893, p. 69, col. II: *xi* é *ng* germânico.

<sup>3</sup> COLÓQUIOS DOS SIMPLES E DROGAS DA ÍNDIA, Lisboa, I, 1891, p. 174.



## eido

A origem dêste vocábulo é o latim *aditum* <sup>1</sup>.

## eiró(s)

De *areola* { *areia*, por serem as *eirós* transportadas vivas as selhas, envolvidas em areia molhada. O termo não é geral; *nguia* é o nome dêste peixe na língua comum.

## eito

Tem dois significados, com étimos diferentes: *eito*, «seie» { ictum; *eito* «lançamento» { iactum <sup>2</sup>.

Não sei a qual dos dois se há de subordinar a acepção que stá definida no Nôvo DICCIONÁRIO, como termo brasileiro, com significação de — «roça onde trabalhavam escravos» —. A etimologia ali proposta *actum* é improvável, visto que dêste procederam as formas portuguesas *aito* e *auto*.

## eivigar

Êste vocábulo obsoleto procede do latim *aedificare*, com a supressão normal do *d* intervocálico, e o abrandamento do *f*, igualmente intervocálico, em *v*: cf. *devesa* { defesa.

---

<sup>1</sup> D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, in REVISTA LUSITANA, III, 62.

<sup>2</sup> D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, in REVISTA LUSITANA, III, 145-147.

## el

É esta a forma transmontana do pronome *ele*, cujo plural é *eis*, por *eles*. O singular *el* é frequente em documentos antigos, bem como *aquel*. Em castelhano diz-se *él* { *illo*, e no plural *ellos* { *illos*. Em português, tanto a forma geral, como a especial, *ele*, *el*, formaram o plural por analogia, *eles*, *eis*, já dentro do português.

## eleiçoeiro

Não direi que este adjectivo esteja muito bem deduzido do substantivo *eleição*, porque a formação é mais própria de substantivos (cf. *pregoeiro* de *pregão*), mas em todo o caso é expressivo:—«O governo que dissolvera, por motivos eleiçoeiros, 36 camaras municipaes»—<sup>1</sup>.

## elo

Do latim an(n)ellum, forma comprovada pelo castelhano *anillo* { *aniello*, resultou *ãelo* <sup>2</sup>, contraído depois em *elo*; cf. *rela* de *rãela* { *ranella*, diminutivo de rana.

## embala

Termo do Bailundo:—«a embala (a *libata* onde vive o soba)»—<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> O SÉCULO, de 3 de novembro de 1900.

<sup>2</sup> D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, in REVISTA LUSITANA, L p. 301.

<sup>3</sup> O DIA, de 29 de junho de 1903.

## embarrar

Locábulo transmontano, que corresponde ao geral *esbarrar*. já no NÓVO DICIONÁRIO, como termo da língua comum, o não parece exacto.

## embondeiro ; empipa

É o nome português da árvore agigantada a que os franceses iam *baobab*, conforme a nomenclatura científica, *Adansonia*: — « Chamaram-lhe por isso a *arvore de Lifan* (povoação os portugueses incendiaram em Timor). Era da familia dos abs, imbondeiros e micondós, gigantes vegetaes de que dam todas as nossas colonias tropicaes » —<sup>1</sup>.

É preferível escrever com *e* inicial este nome africano (*ndo*), visto que o *i* inicial, com que também se escreve português, *imbondeiro*, forma ortográfica que adoptaram o CONTEMPORANEO e o NÓVO DIC., é prefisco significativo línguas cafríais, designativo do plural dos substantivos *lasse III*; como em quimbundo, *kinda*, « quinda, cêsto », *inda*, *tos* » —<sup>2</sup>.

No mesmo caso de transcrição portuguesa *em*, por *m* + consoante, e *en*, por *n* + consoante, iniciais, grupos próprios das línguas africanas da familia banta, ou cafríal, estão outros verbos, que hajam de ser adoptados em português, como *ipa*: — « Fabricam também uma outra bebida adocicada chamada *m'pipa*, resultado da fermentação incompleta da batata » —<sup>3</sup>.

V. ORTOGRAFIA NACIONAL, páj. 256 e 257.

<sup>1</sup> CARTA DE TIMOR, in « O Seculo », de 16 de janeiro de 1906.

<sup>2</sup> Héli Chatelain, GRAMMATICA ELEMENTAR DO KIMBUNDU OU LINGUA DE ANGOLA, Genebra, 1888-1889, p. 3.

<sup>3</sup> Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902, in « Jornal das Colonias » de 30 de julho de 1904.

## emboutar

Na Beira-Baixa significa êste vocábulo «pôr de parte, depois de ter encetado», *abocanhar*.

## empacassa, empacasseiro

O NÓVO DICIONÁRIO inseriu êstes dois vocábulos, definindo o primeiro — «vacca silvestre das margens do Ganges; búfalo» —; e o segundo — «caçador de búfalos» —.

Tenho muitas dúvidas acêrca da exactidão destas definições. A palavra *empacassa* não tem feitiço índio, mas antes africano, cafrial, e neste caso poderia ter sido pelos portuguezes ou por banianes levada da África Oriental para a nossa Índia, se se apurasse que ela fosse vernácula num e no outro dêstes dois pontos. Ora, na realidade, *empacassa* não é termo conhecido na Índia, e nem mesmo, ao que parece, em qualquer rejão da África Oriental Portuguesa.

Com effeito, na língua de Tete o principal termo com que o búfalo se designa ali é *nhâti* <sup>1</sup>.

Disse que o termo tem aspecto cafrial, e na verdade é êle vernáculo, porém na África Ocidental e não na Oriental: em quimbundo *pakasa* é o vocábulo pelo qual «búfalo» é traduzido por Joaquim da Mata, no plural *jipakasa*: «boi selvagem: búfalo» —<sup>2</sup>. A sílaba inicial da forma portuguesa *empacassa* indica ser ela tomada de qualquer dialecto do quimbundo, em que o *p* seja nasalizado, fenómeno freqüente nas consoantes iniciais

<sup>1</sup> Victor José Courtois, DICIONARIO PORTUGUEZ-CAFRE TETENSE, Coimbra, 1899, p. 81.

<sup>2</sup> ENSAIO DE DICIONARIO KIMBUNDU-PORTUGUEZ, Lisboa, 1893, p. 127.

de vocábulos dessa família de línguas, quando são substantivos principalmente.

Como não é natural que o termo transitasse da costa ocidental de África, onde não vão os banianes, para a Índia Portuguesa, é provável que a vivenda do bicho não seja, nem nunca fosse, as marjens do Ganjes, como nos diz a definição do Novo Dicc., pelo menos com semelhante nome. As espécies africanas mesmo são diferentes das da Índia, e de todas as mais asiáticas.

A. Réville, no livro *LES RELIGIONS DES PEUPLES NON-CIVILISÉS*<sup>1</sup>, cita os vocábulos *empacasso* e *empacasseiro* no seguinte passo, que me foi apontado pelo snr. G. de Vasconcelos Abreu: — « On parle encore d'une société qui se serait formée depuis le seizième siècle chez les Kimboundas [*sic*] sud-est [*sic!*] de l'Afrique, et dont les Portugais appelaient les membres des *Empacasseiros*, parce que chaque initié devait sacrifier un buffle, *empacasso* » —. O autor cita R. Hartmann<sup>2</sup>, e refere-se à dita seita como adversária da antropofajia, e que dêste modo substituíra o sacrificio humano pelo de uma rês.

É claro que o vocábulo dado aqui como português o não é, mas quimbundo, segundo vimos. Por outra parte, a vivenda dos povos abundos, propriamente ditos, a sueste da África, se não é erro tipográfico, mas do autor, *serait de sa part une singulière bévue*, a não ser que parta da hipótese, perfilhada em certo modo por Henrique de Carvalho<sup>3</sup>, de que os povos carriais tivessem vindo do leste para oeste, e que ainda a sueste demorassem naquele século, o que tudo assenta em conjecturas.

Temos porém aqui um passo, que nos subministra mais uma acepção do vocábulo *empacasseiro*, a de membro de uma seita religiosa indígena, que tinha como credo a abolição dos sa-

<sup>1</sup> Paris, 1883, p. 113.

<sup>2</sup> *LES PEUPLES DE L'AFRIQUE* (Bibliothèque scientifique internationale), Paris, 1880, p. 218 (*q. v.*).

<sup>3</sup> *EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIÂNVA. ETHNOGRAPHIA E HISTORIA TRADICIONAL*, Lisboa, 1890, cap. I, p. 54 e ss.

crifícios humanos, mediante uma prática cultural menos cruel, a substituição da vítima humana por um búfalo, *sepatass*, palavra cafril que lhe haveria dado o nome imposto pelos portugueses residentes em África, entre os quais fosse aquele animal conhecido também por este nome aportuguesado, *empacassa*.

Parece, portanto, serem inexactas as definições que dos dois vocábulos nos dá o *Nôvo Dicc.*, sem as abonar.

Evidente é igualmente que o autor a quem citei, Hartmann, obteve aquela informação de qualquer escritor português; mas nem êle cita a autoridade em que se fundou, nem eu a pude por enquanto encontrar.

Concluirei advertindo que J. L. Roquete, no *Dicionário português francês*<sup>1</sup> já inscrevera o substantivo (*em*)*pacassa*, nos termos seguintes:— «EMPACASSA ou PACASSA, f. hist. nat. empacassa ou pacassa, buffle, bubale du Congo». — Não é provável todavia que Hartmann fosse lá desencantar o vocábulo, que não figura nem no *Dicionário francês de Littré*, nem também no de Larousse. Parece pois que Roquete, sem autoridade, afrancesou a palavra, que vemos deu como denominação do animal na África Occidental, e não na Índia.

#### empapelar, empapêlo

O *Nôvo Dicc.* dá-nos como significado de *empapêlo*, nome verbal rizotónico de *empapelar*, «embrulhar em papel», o significado «-invólucro de papel», declarando desusado o vocábulo. Nesta acepção concreta creio que, na realidade, está fora do uso, se é que em algum tempo foi empregado. Na acepção abstracta, porém, de «acção de empapelar», existe abonação, colhida provavelmente em flagrante:— «Na officina de empapello (*sic*), havia 5 magnificas machinas de cortar papel»<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Dictionnaire Portugais-Français, Paris, 1855.

<sup>2</sup> O SECVLO, de 25 de abril de 1900.

Refere-se o articulista à fábrica de tabacos, denominada de João Paulos Cordeiro, em Lisboa.

## empargado

No Riba-Tejo diz-se do «trigo amontoado na meda», conforme informação de pessoa da Chamusca.

## empeçar

Êste verbo antigo, correspondente do castelhano antigo *empeçar*, moderno *empezar* (= *empeçar*)<sup>1</sup> é ainda usado em Trás-os-Montes, talvez por influência espanhola raiana. Nada tem a ver com outro *empeçar*, que o CONTEMPORANEO define — enredar... pôr obstaculo... topar... » —.

empena, empenar: v. **pena**

## empolgar

Conforme J. Joaquim Núñez, de *impollicare*<sup>2</sup> { pollex, pollicis, «dedo polegar»: cf. pollicaris, «que mede uma polegada»: O próprio adjectivo português, substantivado, *polegar* pronunciado normalmente *polgar*, e assim pode ser escrito, como o é o verbo.

## encaixe

Em Sam Martinho dá-se êste nôme à *renda*. Em castelhano: *encaje*.

<sup>1</sup> § designa a sibilante surda ginjival ou dental, o z castelhano actual.

<sup>2</sup> REVISTA LUSITANA, III, p. 256.

## encalir

No Minho: «engrolar, ferver mal, *entalar*, como se diz em Lisboa, carne ou peixe, para se não estragar, afim de serem cozinhados ao depois».

O NOVO DICIONÁRIO traz este vocábulo, com definição apossimada. Atribui-lhe um de dois étimos: latim *calere*, que apresenta a dificuldade da permanência do *l* intervocálico (cf. *quente* { *calentem*), que no entanto vemos em *calor*, provávelmente de orijem semi-erudita. Aponta como segundo étimo, um hebraico, que não cita, remetendo o leitor para Pereira Caldas.

Não se dê esse leitor a semelhante busca, partindo com toda a segurança do seguinte princípio: as etimologias hebraicas de Pereira Caldas, à parte aquelas que toda a gente sabe que o são, tem apenas uma utilidade reconhecida, a de servirem de assunto de riso, se não de lástima: porque de três cousas uma é verdadeira: inventou-as para nosso divertimento, esteve zombando comnosco, ou estava doido quando as publicou.

## encanelar

O NOVO DICIONÁRIO incluiu este verbo, dando-lhe como definição:— «dobrar em canelas ou novêlos; fazer canelas em, acanelar» —.

O vocábulo *novelos* é de mais, pois *novelos* não são *canelas*, e neles enrola-se o fio, não se dobra, como nas *meadas* ou *madeiras*.

No trecho seguinte, porém, *encanelar* tem outra acepção:— «Lamego, 21... o ficarem as videiras sem rebentar foi devido a varias influencias atmosfericas, e na maior parte *geadas* que receberam já no tempo em que a vide principiava a desen-



volver para a rebentação, e que assim ficaram encanelladas, — termo que n'este caso usam os lavradores » —<sup>1</sup>.

#### encaraçado

No norte do reino usa-se êste adjectivo participial substantivado, derivado de *caraca*, para significar o que no sul se diz *mascarado*, e antes se dizia *emmascarado*, como vemos no romance de António de Campos, LUIS DE CAMÕES [Parte II, 14]: — « Iam a cavallo, em trage de disfarce, muito garrido, mascarados, ou emmascarados, como então se dizia » —.

#### encardir, cardir

*Cardida*, que pressupõe um verbo *cardir*, de que é participio passivo, diz-se da madeira que esteve muito tempo debaixo de água, e apodreceu. Esta informação foi-me dada pelo sr. G. de Vasconcelos Abreu. Do verbo primitivo *cardir* se derivou *encardir*, « çujar », hoje em dia e desde muito tempo empregado no sentido de « lavar mal », pois se diz *roupa encardida* aquela em que, depois de lavada, transparece a çujidade anterior.

O verbo *cardir* parece ser afim do adjectivo *cárdeo*, (*q. v. em avergoar*).

#### endoenças

Tanto o DICIONARIO CONTEMPORANEO, como o MANUAL ETYMOLOGICO de F. Adolfo Coelho, como o NÔVO DICIONÁRIO de Cândido de Figueiredo, são concordes em attribuir a êste vocábulo, como étimo, o latim *dolentia*. D. Carolina Michaëlis

<sup>1</sup> O ECONOMISTA, de 26 de maio de 1891.

explica-o pelo latim *indulgentias* <sup>1</sup>. Com efeito, confira-se o passo seguinte:— «Vendo Vasco da Gama ho que se passava sexta feira de Indulgencias se fêz à vela... se informou da cidade de Melinde, diante da qual foi surgir dia de Pascoa de Ressurreição pela manhã» —<sup>2</sup>.

Esta expressão *sesta feira de Indulgencias* volta a ser empregada por Góis no capítulo v da III Parte, citado por Bluteau [Vocabulário, *sub v.* ENDOENÇAS], que já aponta este étimo, o qual, apesar de certas dificuldades fonológicas, é indisputável. O douto lexicógrafo acrescenta a forma popular *endoenças*, alterada pela influência do verbo *andar*:— «pelo muito que naquelle dia [quinta feira de endoenças] se anda correndo as Igrejas» —.

#### endrómina(s)

O Nôvo Dicc., em dúvida, dá como étimo a este vocábulo, que apoda de chulo, o vasconço *androminac*, e como para o comprovar, cita outra forma *andromina*, mais conforme com o castelhano *andrómina*, que naturalmente passou a Portugal no século xvii. O Dicionário da Academia espanhola <sup>3</sup> aponta para étimo o italiano *andirivieni*— «subterfugio» —, e francamente não se lhe podem dar parabens pela invenção.

Examinemos, no entanto, de relance as dificuldades que apresenta o vasconço indicado, conquanto plausível, e que primeiro foi proposto pelo famoso criador da filologia vasconça, o Padre Manuel de Larramendi, em princípios do século xviii. O vocábulo diz-se composto de *andré* «mulher casada», e *min*, «dor, queixa». Ora, *andré* não é *andró*, e o plural *andreminac* teria naturalmente de ser acentuado no *i* de *min*, *andreminac*.

<sup>1</sup> REVISTA LUSITANA, III, p. 150.

<sup>2</sup> Damião de Góis, CRÓNICA DE EL-REI DOM EMMANUEL, I, cap. 37.

<sup>3</sup> Madrid, 1899.

## enfarelar

— « Ulteriormente enchem a vasilha [de barro poroso] com irinha de milho e agua, collocam-a ao fogo e, uma hora passada, consideram obtida a vedação. Está a loiça enfarellada » —<sup>1</sup>.

## engar, enguiço, enguiçar

O NÓVO DICIONÁRIO dá a êste verbo a significação de: — « habituar-(se), preferir (um pasto) » —.

D. Carolina Michaëlis tratou dêste vocábulo num artigo muito em deduzido, dando-lhe como significação própria e primordial seguinte: — « *engar-se a alguma cousa significa avezar-se ao ue é ruim* » —, e exemplificou êste significado com o adájo: — « *ENGOU-SE a velha aos bredos: souberam-lhe bem, lambeu s dedos* » —, a que corresponde a forma mais moderna — « *Aveou-se a velha aos bredos, etc.* » —.

O étimo proposto pela autora desta luminosa inquirição, ue merece atenta leitura, é o latim *iniquare*<sup>2</sup>. Cf. a etimologia proposta pela mesma romanista para *enguiçar* { *iniquiare* { *iniquum*, e que parece indubitável, sendo *enguiço* um abstantivo verbal, rizotónico, dêste verbo.

Júlio Cornu, todavia, opõe com razão a esta etimologia, *enar* { *iniquare*, outra, *enecare*, que em latim significa « atormentar », acrescentando o seguinte: — sómente no caso de se encontrar a forma *ẽiguar*, se poderia apelar para o étimo *iniquare*<sup>3</sup>.

Na realidade, a quantidade longa do segundo *ĩ*, torna difficil de

<sup>1</sup> Rocha Peixoto, SOBREVIVENCIA DA PRIMITIVA RODA DE OLEIRO EM PORTUGAL, in Portugalia, II, p. 76.

<sup>2</sup> REVISTA LUSITANA, III, p. 151-154.

<sup>3</sup> GRAMMATIK DER PORTUGIESISCHEN SPRACHE, in « Grundriss der romanischen Philologie », 2.<sup>a</sup> edição, Estrasburgo, 1905, p. 966, nota.

admitir-se o seu desaparecimento, postulado na outra etimologia a que me referi.

### enguiado

Não é claro o sentido dêste epíteto, aplicado à cortiça no trecho seguinte:— « as cortiças *enguiadas* não eram por via de regra impróprias para rolha; sómente valiam menos, por não poderem ser fabricadas á machina de rolha que dispensa o quadro » —<sup>1</sup>.

Fica no entanto rejistado o vocábulo, se não há nele êrro tipográfico.

### enha=minha

No NÓVO DICIONÁRIO vem apontada esta forma, abonada com Gil Vicente. Efectivamente, como proclítica, lê-se no « Auto da Lusitânia »:

— Florida, enha filha —

— Granada, enha filha—,

como vemos *ta* na « Farsa do Clérigo da Beira »:

Que filho és de bom pai.  
E ta mãe boa mulher.

São abreviaturas de *minha, tua*.

É de notar que *enha* é pelo poeta empregado num romance, com todas as aparências de antigo, tradicional, para ser cantado, e que os versos são de cinco sílabas até a última acentuada:

— Donde vindes, filha,  
Branca e colorida—,

<sup>1</sup> O SÉCULO, de 19 de julho de 1905.

O *e* de *enha* tem de ser elidido, como provávelmente o era na pronúncia, porque servia apenas de amparo à sílaba *nha*, que não é inicial de vocábulos portugueses. Êste *enha* é pois a redução de *minha* por próclise.

Também no «Auto da barca do Purgatório» figura o feminino *enha*, na boca de um lavrador, que fala linguagem arcaica e viciosa:

E de tudo fiz aquesta,  
Como omem diz, avantaíro:  
Leixei ó cura enha bêsta.

Aqui empregou Gil Vicente, como quási sempre, a redondilha, e o *e* de *enha* tem também de ser elidido.

No Suplemento ao mesmo dicionário dá-se-lhe, porém, um masculino *enho*, que nunca existiu, nem podia existir, pois a forma masculina é *meu*, e não, *minho*, e que foi deduzido infundadamente do *femenino*.

#### enjendrar, gerar

O verbo *enjendrar* é, como *arranjar*, um galicismo antigo, tanto em português como em castelhano; todavia, para o segundo destes verbos sómente em português se dá o galicismo, pois os espanhóis criaram o verbo *arreglar*, que o substitui em quási todas as suas acepções. Não me ocuparei do segundo destes verbos, porque, à parte escritores pouco esmerados, todos evitam o seu emprêgo, a não ser nos sentidos populares de «consertar, compor», ou no translato de «alcançar», significados que não tem o verbo (*ar*)*ranger* francês, o qual significa principalmente «arrumar», em sentido natural ou em sentido figurado. Na acepção de «obter» diz-se em francês (*se*) *procurer*.

Que, tanto o verbo *arranjar*, como o verbo *enjendrar* são galicismo, prova-se com a sua formação: *arranger* provém de *rang*, substantivo a que em português corresponde o quási

desusado *renque*; vê-se, pois, que a êste primitivo não corresponde aquele derivado.

O mesmo acontece com *enjendrar*. Do latim *genus*, *generis* procedia o verbo *generare*, de que em português proveio *gerar*, com perda do *n* intervocálico, e que por isto se pronunciava dantes *gèrar*, que J. I. Roquete ainda manda proferir com *e* aberto, e de que o povo fêz *jarar*, obedecendo à influência que o *r* exerce no *e* átono que o precede:(cf. *para* { *pera*). Ainda hoje a pronúncia geral é *gèração*, e não, *geração*.

Em francês, de *ingen(e)rare* fez-se *engendrer*, como de *gener*, *generis*, «*genro*», se fêz *gendre*, com *d* intercalar entre o *n* e o *r*, que a supressão do *e* que os separava pôs em contacto. Tal *d* eufónico não pertence à fonolojia portuguesa (cf. *genro*), e portanto *enjendrar* não é português, a não ser como plebeismo, no sentido de «*enjenhar, aldrabar, fabricar mal e sem preceito*».

É pois defeituosa a seguinte frase:— «*As formas nobres... que traziam na sua plasticidade evolutiva a possibilidade de enjendrar o cavallo, o elephante, etc.*»—<sup>1</sup>.

Onde se empregou êste verbo afrancesado, deveria ter-se escrito *gerar*, que lhe corresponde na significação e origem.

Não é porém sem exemplo o emprêgo de tal verbo, em passos de autores antigos. e Bluteau cita dois, ambos os quais, todavia, contem a idea subsidiária de artifício, que torna a obra imperfeita ou impossível.

### enjogar

Êste verbo derivado de *jogo* (= *jógo*), vocábulo transmontano que quer dizer, como forma subsidiária de *gogo* (= *gógo*), «*seixo boleado pelas águas que o acarream*», significa no mesmo dialecto «*empedrar, calçar as ruas com jogos*».

<sup>1</sup> O SECULO, de 25 de setembro de 1905.

## enlaga

— « A enlaga [do linho] tem por fim dissolver na agua uma especie de gomma resinosa, que liga entre si as fibras do linho e da casca » —<sup>1</sup>.

## enoque

No Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa <sup>2</sup> vemos esta palavra, empregada num acórdão municipal de 1862, transcrito em parte pelo autor do escrito, de sumo interesse, ali publicado:— « todo o cortidor (*sic*), que não despejar a surrada das pelles no rio e não deitar fora das portas de seus enoques ao rio as misturas que n'estes se fazem incorrerá na pena de 6000 réis, pelo damno que causará á cidade do mau cheiro »—.

Vê-se que a transcrição está modernizada na ortografia, e ficamos na incerteza do que seriam os enoques, vocábulo que me não consta haja sido encontrado em outra parte.

## enoz

Ignoro o significado exacto dêste vocábulo que aparece nas BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, do Padre António Francisco Cardim [Lisboa, 1894, páj. 44], e pode ser êrro de leitura:— « uma enoz de pedra vitorina »—. Vê-se que é uma joia, um enfeito, com forma especial.

---

<sup>1</sup> Portugalia, I, p. 370.

<sup>2</sup> 17.<sup>a</sup> Série, 1898-1899, p. 168—BRAGANÇA E BEMQUERENÇA, por Albino dos Santos Pereira Lopo.

## enristar, enriste

O verbo vem em todos os dicionários; não assim o substantivo dêle derivado, *enriste*, que vemos no seguinte passo das BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS:—«repetiu o algoz o enriste»<sup>1</sup>. Antes dissera:—«enrista com elle»—.

## ensaca

Não é o nome verbal derivado de *ensacar*, que falta nos dicionários, a par de *ensaque*, neles rejistado, mas um termo da África Oriental Portuguesa, cuja definição se vê nos trechos seguintes:—«A gente de guerra era dividida em *ensacas*, commandadas pelos *malukua*, os quaes tinham como auxiliares o *t'chicango*, e o *dembo*, autoridades que correspondem respectivamente aos cazembes, sachecundas e mucatas da Zambezia»<sup>2</sup>. Antes, lê-se:—«*Ensacas* agrupamento de cypaes commandados por um *cazembe*, correspondente á companhia»—.

Na escrita dêstes vocábulos, para que fiquem portuguezes, temos de emendar *malucua*, *chicango*, além do absurdo *cypaes* em *cipais* (*q. v.*) ou *sipais*.

## ensanzorar

—«Nos bivaques, e quando temem surpresa [os cipais], ou se *ensanzoram*, ou construem abrigos ligeiros, com troncos de arvores, ou terra»<sup>3</sup>.

É termo da África Oriental Portuguesa.

<sup>1</sup> Lisboa, 1894, p. 192.

<sup>2</sup> Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902, in «Jornal das Colonias», de 13 de agosto de 1904.

<sup>3</sup> Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902, in «Jornal das Colonias», de 19 de agosto de 1905.



## ensarranhar

No Minho, conforme informação pessoal, «enfarruscar».

## entrevistar

Este neologismo pretende substituir o estrambótico *interview* inglês, que para cá passou por intermédio do francês, onde é anglicismo; mas também não é português, nem cá é preciso. Muito mais antigos, e mais expressivos, temos *visitar alguém*, *avistar-se com alguém*.

## entrujão

Em jéria castelhana *entruchón* quiere dizer «sabido, ladino». Existem também *entruchar* e *entruchada*. O verbo é assim definido no Dicionario da Academia <sup>1</sup>:— «atraer á uno con disimulo y engaño, usando de artificios para meterle en un negocio»—.

Conquanto o termo em Portugal tenha grandes ressaibos de linguagem ordinária, direi mesmo chula, a pouco e pouco foi entrando no uso comum; ainda assim afigura-se-me um lapsus calami o seu emprêgo em estilo sério, como o vejo no trecho seguinte, de escritor esmerado:— «O vaqueiro honesto tem sempre ensejo de mostrar a sua boa fé... e o vaqueiro intrujão de conhecer o caminho da... Boa Hora [edifício dos tribunais de justiça em Lisboa]»—<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Madrid, 1899.

<sup>2</sup> D. Luís de Castro, in DIARIO DE NOTICIAS, de 22 de fevereiro de 1906.

## envés

É usado no Minho, com o significado que no sul damos a *avêso* { *aduersum*, como *envés* { *inuerse*.

## enxada

No excelente estudo de Francisco Adolfo Coelho intitulado ALFAIA AGRICOLA PORTUGUESA, publicado na revista Portugalia <sup>1</sup>, vêem-se os seguintes epítetos, que diferenciam outras tantas qualidades de enxadas: *enxada de peto*, *enxada de picareta*, *enxada larga*, *enxada de ganchos*.

## enxadrez

É o nome antigo do *xadrez*, que ainda subsiste no adjectivo participial *enxadrezado*:

— Negro é o pez,  
Negro é o rei do enxadrez — <sup>2</sup>.

Em castelhano é *ajedrez*, antigo *axedrez*, de origem imediatamente arábica, proveniente do sânscrito, por intermédio do persiano, que o recebeu de qualquer língua vernácula do Indostão.

Em última análise o vocábulo é sânscrito: कचुरामगा <sup>3</sup>, as quatro partes (componentes de um exército), infantes, cavaleiros, carros e elefantes.

<sup>1</sup> I, p. 399.

<sup>2</sup> Gil Vicente, AUTO DAS FADAS.

<sup>3</sup> O símbolo *ṃ* vale pelo *ng* germânico, ou nasal póstero-palatal. O vocábulo sânscrito pronuncia-se quasi como se em português escrevêssemos (*tchatorânga*, isto conforme a prosódia convencional, clássica na Europa.

## enxalabar, enxalavar

Esta rêde é assim descrita no artigo A PESCA EM BUARCOS e P. Fernández Tomás:— «Redes especiaes, tendo na boca um roco de ferro, chamadas *enxalavares*»—<sup>1</sup>. A forma com *b* encontra-se no seguinte passo:— «Um pescador, tendo mergulhado mais uma vez o seu *enxalabar*»—<sup>2</sup>.

## enxame

Em Leiria applica-se, em sentido geral e não por metáfora, esta palavra para designar «grupo de gente que anda rezando e visitando os passos no domingo de Páscoa». Esta informação é do conhecido poeta Acácio de Paiva, dali natural.

Como é sábio, *enxame* é o latim *examen*, «tropol, ajuntamento de gente que segue caminho»; «*enxame de abelhas*» sentido especial que o vocábulo adquiriu.

## enxaravia

O NÓVO DICIONÁRIO define êste vocábulo como significando — «toucado de mulheres, principalmente de meretrizes» —, e dá-o como termo antigo. Num artigo, publicado por Sousa Viterbo, intitulado AS CANDEIAS NA INDUSTRIA E NAS TRADIÇÕES POPULARES PORTUGUESAS <sup>3</sup>, vem transcrito um documento de 1454, no qual entre os de outros objectos está mencionado êste nome:— «enxaravias de seda e linho» —.

<sup>1</sup> *in* Portugalia, I, p. 152.

<sup>2</sup> O ECONOMISTA, de 26 de outubro de 1888, citando o CAMPEÃO DAS PROVÍNCIAS, de Aveiro.

<sup>3</sup> *in* Portugalia, I, p. 367.

O Elucidário de Santa Rosa de Viterbo já traz a palavra:— «Tambem se chama *Polaina*. Era a insignia oprobriosa das alcoviteiras. Consistia n'humas *Beatilha de seda vermelha*, que traziam na cabeça, enquanto não partiam para o desterro»—. Cita o Livro v das Ordenações, Título 32, § 6.º, onde na realidade se lê o seguinte:— «Em todos os casos em que algũa mulher for condenada, por alcoviteira em algumas das penas sobre-ditas [nos §§ antecedentes], onde não haja morrer, ou hir degradada para o Brasil, traga sempre polaina, ou enxaravia vermelha na cabeça, fóra de sua casa, e não a trazendo seja degradada para sempre para o Brasil»—.

Do texto citado vê-se que a definição de Santa Rosa de Viterbo tem dois erros. Primeiro, provável: não se depreende claramente se *polaina* é a *enxaravia*, ou outra peça de vestuário; segundo, certo: a *enxaravia* era obrigatória, quando não havia morte ou degrêdo, e não, como diz, sempre e precedendo o degrêdo.

Conforme Eguílaz y Yanguas é o vocábulo arábico *AL-XARBIR* «faixa para a cabeça», de *XARB* «linho delgado». O arabista espanhol acrescenta:— «En la 2.ª [Polaina] és el ár[abe] *GARAB*, medias»—<sup>1</sup>. Êste último étimo é inexacto, mas legitima a dúvida, de que *polaina* equivalha a *enxaravia*.

#### enxó(s)

No Alentejo é o nome de uma armadilha de alçapão, para apanhar perdizes.

O Nôvo DICCIONÁRIO escreve *enxó(s)*, e diz ser termo da Beira-Baixa, com significação análoga. É possível que seja uma acepção especial de *enxó* (latim *asciôla*, diminutivo de *ascia*).

---

<sup>1</sup> GLOSARIO DE LAS PALABRAS ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL. Granada, 1886.

enxoval, *ajuar*

À primeira vista parecem muito diferentes êstes vocábulos, primeiro português, o segundo castelhano, pronunciado actualmente *ajuar*, com a fricativa póstero-palatal surda do castelhano moderno, em vez da dorsal *x* do português.

No castelhano antigo a forma era porém *axu(v)ar*, e o *x* tinha então o mesmo valor que tem em português.

*Enxoval*, não se deriva, como diz o NÓVO DICIONÁRIO, de *xuuiæ*: é o arabe *AL-XUAB*, «dote», quer em dinheiro, quer em terras, quer em trem de casa <sup>1</sup>. No testamento de Pedro Rodríguez (1419), publicado na *REVUE HISPANIQUE* [x, pág. 230] lê-se: «di a leonor rrodriguez axuar bien rico» —.

O *a* representa o artigo arábico *AL*, com assimilação do *l* consoante seguinte *x*, por esta ser o que em terminolojia técnica e diz letra solar, porque por ela começa a palavra *xams*, «sol». Outras palavras solares são nessa terminolojia as que se proferem com a mesma letra solar, como *d, l, n, r, s, t, x*; lunares, as outras.

Com relação à mudança de *ax...* em *enx...* da forma portuguesa, cf. a forma valenciana *enxovar*, com a aragonesa *xovar* <sup>2</sup>, e ainda o castelhano *azufre, azada*, com o português  *enxofre, enxada*. Compare-se também *enxame* e *exame*, ambos o latim *examen*. Pelo que respeita à inserção do *v*, confrontem-se igualmente as formas castelhanas *loor, loar* com as portuguesas *lowor, lowar*, dantes *loar*, de que proveio *loa*, em latim *laudare*, e *laus, laudis*; *ouvir*, português com *oir* castelhano { *audire*; *goivo* { *gaudium*, etc. Êste *v* intercalar manifestou-se nas formas de origem latina, depois da queda do *d*, para se evitar o conflito das vogais, ou hiato: a esta causa é

<sup>1</sup> Veja-se Eguílaz y Yanguas, *GLOSARIO DE LAS PALABRAS ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL*, Granada, 1886.

<sup>2</sup> Dozy & Engelmann, *GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE*, Leida, 1869.

devida a sua inserção em *enxoval*. Cf. ainda *viúva*, do latim *uidua*, passando por *uiua*, *viua*, *viúa*.

Modernamente alguns periodiqueiros, que se envergonham de escrever em português tudo que querem dizer aos leitores, começam a empregar, em vez de *enxoval*, a palavra francesa *trousseau*, nas tediosas descrições que fazem de qualquer casamento rico, nas quais nunca também omitem o ridículo *corbeille*.

### eólito

— « em todas as épocas da pre-historia se fabricaram eolíticos, isto é, peças [de pedra lascada] que apresentam um mínimo de talha intencional » —<sup>1</sup>.

O termo é moderníssimo, derivado artificialmente do grego *ἠώς*, « aurora », e *λίθος*, « pedra », e importa a noção de « primeiros vestígios do talho da pedra feito pelo homem ».

### êrmo, ermar, ermamento

O substantivo *êrmo* seguiu a acentuação grega *ÉRĒMOS*, em vez da latina *erē'mus*, que ao depois passou a ser *érĕmus*. Dêste substantivo derivou-se o verbo *ermar*, de que por neologismo se fez *ermamento*, como de *armar*, *armamento*:— « mas que nunca houve ermamento conhece-se com toda a clareza dos documentos da época » —.

Significa « despovoamento »<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS, vol. x, p. 407.

<sup>2</sup> Alberto Sampaio, AS « VILLAS » DO NORTE DE PORTUGAL, in « Portugalia », I, p. 283.

érvodo, érvedo

O NOVO DICIONÁRIO inclui êste vocábulo, com remissão a *erveiro*, mas acentua *ervôdo*, o que me parece erróneo, visto que a palavra procede do latim *arbŭtus*, «medronho», *arbŭm*, «medronheiro».

A existência dêste substantivo é postulada pelos seus derivados, *erveiro*, *ervedal*, que com outros figuram no onomástico geográfico. *Érvedo* equivale a «medronheiro», e no Minho chama-se-lhe *erveiro*.

esbandalhar, esbandalha

O verbo *esbandalhar* analisa-se como *escangalhar*: *es-bandalhar*. Desta forma derivou-se um substantivo rizotónico, de 2.ª declinação, *esbandalha*, que não figura nos dicionários:— «Logo após as primeiras chuvas do outomno procede-se ao que se chama a *bandalha das moreias*, que consiste em regularizar as terras, planando-as» —<sup>1</sup>.

Ignoro se o termo é geral, ou sómente alentejano.

esbarar

Termo transmontano, que significa «escorregar»:— «mas o chão escorregou-lhe das mãos, que lhe esbaravam» —<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Melo de Matos, CULTURA DOS TRIGAES NO ALEMTEJO, in *Portugalia*, I, p. 623.

<sup>2</sup> M. Ferreira Deusdado, O RECOLHIMENTO DA MÓFREITA, in «*Revista de Educação e Ensino*», 1891.

## escada, escadaria

A palavra *escada* não provém de *scala* com mudança de *l* em *d*. que seria absurda, pois o *scala* latino daria em português *escá(a)*, mas sim de *escalada*, *escaada*, como já afirmou Júlio Cornu.

A noção da origem da palavra perdeu-se porém, visto que se pronuncia *escadaria* e não *escádaria*: cf. *pácio* { *palacium*, e *fagueiro* ou *fãgueiro*, castelhano *halagüeno* <sup>1</sup>.

A forma *escaada*, não contraída, existiu:— « Et todos desta collatione levavam as tabolas e a madeira ao Castello, et faziam o tavoado et as escaadas »—<sup>2</sup>. Notem-se as formas *tabolas* e *taboado*, a primeira com *l*, e a segunda sem êle.

## escalavrar

Conforme D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos <sup>3</sup>, êste verbo corresponde a um castelhano *descalaverar* { *calavera* { *caluaria*, com *a* anaptético. Mas como a *calavera* corresponde em português *caveira*, segue-se que *escalavrar* seria castelhanismo, atenta a permanência do *l*, e o adjectivo participial *escaveirado* que pressupõe um verbo *escaveirar*. Maior castelhanismo será ainda *descalabro*, substantivo verbal espanhol { *descalabrar*.

Cf. ainda *escalvado* { *calvo*.

O étimo proposto pelo CONTEMPORANEO, *scalpellare*, é improvável.

<sup>1</sup> V. A. R.-González Viana, ÉTUDES DE GRAMMAIRE PORTUGAISE, in « Muséon », 1884.

<sup>2</sup> PORTUGALIAE MONUMENTA HISTORICA, Inquirições de D. Afonso III, II, p. 416, col. II.

<sup>3</sup> REVISTA LUSITANA, III, p. 178.



## escaleres

Como termo de jíria, quiere dizer «olhos».

## escalfar

Êste verbo significa «cozer em água quente».

O étimo parece ser *ex-cal(idum)-fa(ce)re*, conforme  
t. Körting <sup>1</sup>.

## escamalhar

J. Leite de Vasconcelos dá êste verbo como pertencente ao  
ocabulário de Trás-os-Montes, e com a significação de «escan-  
alhar». Como êste, decompõe-se em *es-cam-alhar* { *cama*, e  
uere propriamente dizer *des-a-cam-ar* <sup>2</sup>.

Cf. *esbandalhar* (q. v.).

## escamel

Na língua comum: «banco de espadeiro». Deve ser o latim  
*cannellum*; mas *scamnum* } *escano*.

Como termo alentejano significa um moço que avia recados,  
u como lá dizem, *mandados* <sup>3</sup>.

Há de ser outro o étimo. J. Leite de Vasconcelos sujere o  
etim *casmillus*, com metátese do *s*, *scamillus*, forma para-  
ela a *camillus*, *camilla*, «donzel ou donzela, que auxiliava o

<sup>1</sup> Citado por G. Rydberg, JAHRESBERICHT ÜBER DIE FORTSCHRITTE  
DER ROMANISCHEN PHILOLOGIE, VI, I, p. 288.

<sup>2</sup> REVISTA LUSITANA, II, p. 117.

<sup>3</sup> V. REVISTA LUSITANA, II, p. 37.

sacerdote nos sacrificios » <sup>1</sup>, o que parece pouco provável. No entanto, cf. *escamillo*, castelhano.

#### escamondar. escamonda

— « No país só tenho visto applicar muito êste tratamento [o *desmoche*, q. v.] aos freixos e aos grandes salgueiros, mas pouco aos choupos, os quaes de ordinário são *escamondados*, isto é. desramados ao longo do tronco » — <sup>2</sup>.

#### escamudo

Êste adjectivo, comparável a *peludo* { *pêlo*, *espadaúdo* } *espádua*, equivale a *escamoso*, mas com uma differenciação de sentido: *escamoso* quer dizer « que tem escamas », *escamudo*, « que tem muitas escamas »: — « Setubal, 26... Peixe *maneiro* e *escamudo*, por isso apropriado para conservas » — <sup>3</sup>.

Refere-se à sardinha.

#### escanc(a)rar. escânc(a)ras. caranguejo

Êste verbo significa « abrir inteiramente ».

O DICIONÁRIO MANUAL ETYMOLOGICO de Francisco Adolfo Coelho nada diz a respeito da sua origem; o NÓVO DICIONÁRIO dá esta como incerta. Pois não é muito difficil acertar com o étimo; basta comparar êste verbo com o toscano *sgangherare*, que quer dizer « tirar uma porta dos *lemes* »: *gangheri* { *cancer*, « caranguejo », e também « varão de ferro, grade », de cujo

<sup>1</sup> *ib.*

<sup>2</sup> GAZETA DAS ALDEIAS, de 11 de março de 1906.

<sup>3</sup> O ECONOMISTA, de 23 de abril de 1891.

deminutivo *cancellus* procedeu *cancêlo*, e dêste *cancela*. *Cancro* em português designa um grampo de ferro com que se prende a madeira ao banco do carpinteiro, e neste sentido já o VOCABULÁRIO PORTUGUEZ E LATINO de Bluteau traz o termo.

Conforme o Suplemento ao NÓVO DICC., chama-se igualmente *cancero* uma — «peça de ferro, com espigão, ou sem êlle, pãra fixar numa parede ou cantaria qualquer trabalho de carpinteiro» —. É natural que o termo tivesse, ou talvez tenha ainda, o significado de «gonzo», como o italiano *gânghero*. De *cancro*, com a vogal anaptíctica *a* entre o *c* e *r*, se formou *cáncaro*, que ainda é hoje a pronúncia vulgar de *cancro*; e dêste *cáncaro* se derivou o verbo *escancarar*. «abrir de par em par», como em italiano de *gânghero*, *sgangherare*.

É sabido que o nome do crustáceo *caranguejo* é forma diminutiva, { *cranguejo* { *cangrejo*, que é a castelhana e antiga portuguesa, e cujo étimo é o *cancer* latino.

De *escancarar*, forma mais antiga e curta se derivou o nome verbal *escancra*, como o povo o profere em geral, e com a vogal anaptíctica, *encâncara(s)*, que é forma considerada culta; mais deturpada porém que a popular, visto que, a ter-se derivado de *escancarar*, deveria pronunciar-se *escancára*, como a 3.<sup>a</sup> pessoa singular do presente do indicativo, com a qual coincidem êstes substantivos verbais: cf. o *fabrico* { *fabricar* { *fábrica*.

O étimo de *sgangherare* foi apresentado por Sofo Bugge na Romania em 1874, e comparou-lhe o português *desengonçado* { *engonço* { *gonzo*; não lhe ocorreu o verbo *escancarar*, que provavelmente não conhecia, e que melhor corresponde ao italiano.

#### escandalizar

Êste verbo latinizado, *scandalizare*, do grego *SKANDALÍZEIN* { *SKÁNDALON*, «embate, pancada, armadilha», foi empregado por Tertuliano com a significação de «desinquietar, seduzir». Adquiriu acepções várias nas diferentes línguas para as quais passou, e em português a de «ofender», que também tem,

ou teve, em gascão, como vemos na comédia de Molière, *LE BOURGEOIS GENTILHOMME*:

— *Bous boyez qué chacun mé raille,  
Et jé suis escandalisé  
Dé boir es mains dé la canaille  
Cé qui m'est par bous refusé* <sup>1</sup>.

Parece porém que mesmo ao francês literário não foi estranho este significado, pois o próprio Molière empregou nesse sentido o mesmo verbo em texto francês puro:

— *Votre paresse enfin me scandalise,  
Ma muse, obéissez-moi* — <sup>2</sup>.

### escaparate

Este substantivo nenhuma relação tem com o verbo *escapar*. Significa um « armário pequeno », o que nós chamamos *mostrador*, ou, segundo a terminologia afrancesada dos caixeiros, *montra* { fr. *montré*, visto que *mostrador* em castelhano corresponde ao que em português se denomina *baleão*.

A origem do vocábulo é o holandês *schaprade*, pronunciado *çhâprâde*, quasi *skaprade*, com a vogal intercalar *a*, e cujo significado é « armário de arrecadação ».

Outros vocábulos holandeses passaram às línguas hispânicas: e sem citar os termos de marinha, apontarei, entre outros, *manequim* { *manken* « homenzinho », (queijo) *prato* { *plaat/kaas*}, « queijo chato », por oposição ao esférico, a que chamamos *queijo flamengo*, e que os espanhóis denominam *queso de bola*. Manuel Godinho Cardoso chamou-lhe *queijo de framengos* <sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Acto v, *BALLET DES NATIONS*.

<sup>2</sup> *REMERCIEMENT AU ROI*, (Œuvres, Paris, 1700, t. VIII, p. 163.

<sup>3</sup> *BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES*, vol. XLI, p. 31. (Fins do século XVI).

A palavra *prato* significa, do mesmo modo «chato» { *platus, plata, platum* } grego PLATŪS, PLATEIA, PLATŪ; *chato* é forma mais antiga, da mesma origem.

#### escar(a)funchar

Verbo muito popular, com a significação de «esg(a)ravatar». Deriva-se de uma forma latina *scar(i)phunc(u)lare* <sup>1</sup>.

#### escar(a)mentar

Este verbo é antiquíssimo, pois já foi usado pelo trovador Raimbaldo de Vaqueiros — «Todo 'n soy escarmentado» — <sup>2</sup>.

A forma com *a* intercalar é considerada plebeísmo. D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos atribui-lhe como étimo o latim *experimentare* <sup>3</sup>, que me parece improvável em razão da mudança singular de *p* em *c*. Júlio Cornu <sup>4</sup> considerou possível ser *escarmentar* derivado de *escarmento* ou *escramento* <sup>5</sup>, e este procedente de *excrementum*, hipótese inadmissível, a meu ver, atenta a significação. A mim parece-me que a etimologia será um verbo latino popular *ex-carminitare* { *carminare* { *carmen, carminis*, «carda»: cf., emquanto à significação, *escalado* em português, *escamado*, em castelhano.

Outro étimo, que ofereceria iguais, senão maiores probabilidades, seria *Carpentes*, «profetizas, adivinhas», nome derivado de *carmen*, antigo *casmen*, no sentido especial de «vaticínio»;

<sup>1</sup> REVISTA LUSITANA, IV, p. 336.

<sup>2</sup> Citado por Milá y Fontanals, DE LOS TROBADORES EN ESPAÑA, I, p. 132, n. 11.

<sup>3</sup> REVISTA LUSITANA, III, p. 154.

<sup>4</sup> GRUNDRISSE DER ROMANISCHEN PHILOLOGIE, I, p. 778.

<sup>5</sup> *escramentado* em Rui de Pina, CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. CXLII.

e neste caso teríamos de supor um verbo *carmentare* frequentativo de *carminare*, «vaticinar», postulado pelo participio do futuro passivo *carminabundus*, empregado com valor de adjetivo. Outro etimo, que já em 1874 foi proposto por Soso Bugge na Romania, é *ex-carpimentum* ; *ex-carpere*, por *excerpere*, «apartar, escolher do mal o menor, aproveitar».

Eis aqui uma abonação bastante antiga do verbo *escarmentar* em castelhano:— «Et otrosi tenemos por bien que los de esta puebla [Espinar] que puedan escarmentar e peindrar [*pignoscere*]» —<sup>1</sup>.

#### escaria pelar

Conforme J. Cornu de *scalpellare*, com *a* anaptictico. Todavia, temos *carpela* do milho, substantivo, que parece ter dado origem a este verbo.

#### escarçar: esgarçar, *escarchar*

Conforme D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos <sup>2</sup>, o primeiro destes verbos, que parecem formas diferentes de um só primitivo, derivar-se-ia de *ex-carpitare* ; *carpere*, *carpir*, *collere* (cf. *capere* de *captiare*), étimo só admissível para um dos significados, «tirar a cera das colmeias»; segundo Körting <sup>3</sup>, *escarchar* proviria de *ex-quartiare*, «esquartejar». O mais natural pois é, congraçando talvez as duas opiniões, separar, o primeiro *escarçar*, do segundo, equivalente a *esgarçar*, e dar a éste, bem como a *escarchar*, o étimo de Körting.

<sup>1</sup> Júlio Puyol y Alonso. Una puebla en el siglo XIII. in «Revue Hispanique», vol. XI, p. 250. Era de 1335, i. e. 1297.

<sup>2</sup> REVISTA LUSITANA, III, 143.

<sup>3</sup> LATEINISCH-ROMANISCHES WÖRTERBUCH, Paderborn, 1890, n.º 3006.

## escarumba

Esta palavra, que se emprega como motejo com referência a negros, usou-a Rocha Peixoto:— «A torpesa genesica de varios portugueses que carregam para o continente, do Brasil e da Africa, a progenie escarumba» —<sup>1</sup>.

O artigo em que tam estranho vocábulo recebeu foros de literário é de critica, violenta mas justissima, a um livro publicado em França, acêrca de Portugal, livro em todos os pontos de vista misérrimo e ridiculo, infelizmente escrito por portugueses.

## escasso

Como é sabido, êste adjectivo provém do latim *scarsum*, e consequentemente deve escrever-se com *ss*, e não com *ç*; cf. *avesso* { *aduersum*.

Como substantivo está empregado no trecho seguinte:— «Ha agora mais trabalho na ria, porque muitos braços se empregam na apanha de escassos» —<sup>2</sup>. Ignoro a significação.

## escrivão

O povo costumava chamar, com bastante graça, *escrivão da pena grande* ou *comprida* ao varredor das ruas, que se servia de uma vassoura de longuíssimo cabo, e a empregava inclinando êste sôbre o ombro.

---

<sup>1</sup> Portugalia, I, 663.

<sup>2</sup> CAMPEÃO DE AVEIRO, de 8 de setembro de 1886.

## escusa-galés

Espécie de embarcação:— «e dêstes [parós] quatro se fizeram e serviram depois de escusa-galés» —<sup>1</sup>.

## esganar

Êste verbo tem o significado comum de «afogar apertando as goelas». O particípio *esganado* significa «sôfrego, avarento».

É um derivado de *gana*, palavra que parece não ser muito antiga na língua, visto que Bluteau a não incluiu no seu VOCABULARIO.

Diz-se *estar esganado com fome*, e nesta locução o particípio *esganado* tem a mesma significação virtual que o substantivo *gana*, «grande appetite, grande vontade».

A acepção primordial do verbo *esganar*, «afogar», porém, não se compadece com tal significação. Ora, como é trivial esta outra locução popular «*sou capaz de lhe arrancar as ganas do comer fora*», e nela inquestionavelmente a palavra *gana* quere dizer *goela*; é desta acepção que provém o significado de *esganar* «apertar as goelas». Em castelhano *desganar* significa «tirar a vontade».

A palavra *gana* é de orijem germânica, muito antiga em castelhano, onde ainda hoje corresponde a «vontade, desejo», e de Castela provavelmente foi trazida a Portugal.

De *esganar* se derivou *esgana* «doença nos cães». Cf *esganicar-se*, em castelhano *desganitarse*.

---

<sup>1</sup> Padre Manuel Bernárdez «Descrição da cidade de Columbo» [Ceilão], in BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLI, p. 92.



## esguiçaro, esguízaro

Estas duas formas correspondiam antes a *suiço*. José Leite de Vasconcelos entende serem de procedência italiana <sup>1</sup>, e em toscano se diz realmente *svizzero*; é possível que nalgum dialecto, *sghizzero*. Os suiços a si próprios se chamam *Schwizer*, pronunciando quasi *xevítcer*.

*Suíça*, como certo talhe de barba, é o adjectivo *suiça* substantivado, com elipse do substantivo *barba*.

## esguicho

— « **Bateiras de pesca.** Ha tres typos: o da bateira de Aveiro e Ihavo... e os dois typos murtozeiros: a *labrega* e a *chinchorra* (q. v.) a que tambem chamam *esguicho*. Estas duas differem uma da outra em ser a segunda maior e muito mais arqueada e levantada de prôa e ré, approximando-se muito dos barcos do mar da Torreira » —<sup>2</sup>.

## esmola, esnoga

O étimo de *esmola* é sem dúvida o latim *eleemosyna*, vocábulo inteiramente grego, *ELEĒMOSŪNĒ*, « compaixão, dó » { *ELEĒŌ*, « ter dó ». Os trámites por onde passou tam longo vocábulo para chegar ao trissilabo actual foram: *elemosna*, *elmosna*, (*almosna* NO LIVRO DE ALEXANDRE: cf. cast. *limosna*), *esmolna*, *esmonla* (cf. *moleiro* { *monleiro* { *molinarium*). Da forma *esmolna* há documento antigo, citado no Suplemento ao Nôvo DICCIONÁRIO.

<sup>1</sup> O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS, v, p. 3.

<sup>2</sup> Luís de Magalhães, OS BARCOS DA RIA DE AVEIRO, in Portugaliae Monumenta Historica, t. 61

Transformações análogas sofreu *sinagoga*, para chegar à forma medieval *esnoga*, ainda hoje em dia usada pelos judeus portugueses: *sinagoga* } *esnaoga* } *esnoga*.

espada, espadela, espadelada, espadilha, espadeiro, espadeirar;  
espádua; espaldar; espátula; espatela

*Espada* é o latim *spatha*, em que o *th* foi tratado como se fosse *t*<sup>1</sup>. Dêste vocábulo se derivou *espadela*, que além de designar uma espécie de remo, a que os franceses chamam *pagaie*, é o nome de um instrumento agrícola:— «A *espadela* é uma espécie de podoa de madeira, em que se distingue a *cota*, o *fi* ou *gume* e o *punho*»—<sup>2</sup>.

*Espadelada* procede de *espadelar*, e êste de *espadela*. *Espadilha*, além de ser o nome do ás de *espadas* em vários jogos de cartas, denota uma ferramenta própria de tecelão:— «uma regoa de madeira chamada *espadilha*»—<sup>3</sup>. «Serve para formar a urdidura. Deve de ser castelhanismo em ambos os sentidos.

Não são sómente êstes os derivados de *espada*, ou dos seus derivados; há muitos mais, que podem ver-se nos dicionários. Um dêles é *espadeiro*, «fabricante de espadas».

De *espadeiro*, pronunciado *espadeiro*, com *a* surdo na 2.<sup>a</sup> sílaba, declaram os mesmos dicionários derivar-se *espádeirada*, com *a* aberto átono da dita sílaba, e que não significa o que a sua formação exigiria, a ser verdadeira a derivação, «pancada dada pelo *espadeiro*, ou com um *espadeiro*, ou *espadeira*, ou num *espadeiro* ou *espadeira*». (Cf. *cutilada*, *catanada*, *punhalada*), mas pancada dada com a *espada*. ¿De onde veio pois a sílaba intercalar *-eir-*, visto não dizermos *espadada*, e o *a* ser aberto em *espádeirar*, *espádeirada*, sendo surdo em *espadeiro*?

O VOCABULÁRIO PORTUGUEZ E LATINO de Bluteau resolve esta.

<sup>1</sup> ORTOGRAFIA NACIONAL, Lisboa, 1904, p. 63.

<sup>2 3</sup> Portugalia, I, 370-373.

como tantas outras dúvidas. Nele não está rejistado o substantivo *espadeirada*, mas unicamente *espaldeirada*, que é definido: — « Quando se dá de prancha com a espada » —. Deriva-se pois *espaldeirar*, *espaldeirada* de *espalda*, « ombros, costas »; e *espaldeirada* pressupõe um primitivo *espaldeira*, ou *espaldeiro*, derivado, como *espaldar*, de *espalda*, « espádua(s) », e também *encôsto*, como *cadeira de espaldar*, que vem no mesmo Vocabulário. Pela semelhança de *espalda* com *espada*, suprimiu-se depois o *l*, que os diferenciava, no derivado *espaldeirada*, conservando-se aberto o *a*, como teria de sê-lo antes de *l* da mesma sílaba, fosse tónico, ou átono; cf. *falta*, *faltar* com *fala*, *falar*.

É de notar que *espádua*, *espalda* são derivados de *spathula*, deminutivo de *spatha*, e portanto orijináriamente o mesmo vocábulo. Assim, *espádua* { *spathula*, com perda do *l* intervocálico (cf. *mágoa* de *macula*); *espalda* { *spaluta*, metátese de *spathula*, como *espaldar* de *spalutare* <sup>1</sup>.

O outro derivado artificial e recentíssimo de *spathula*, que já dera *espátula*, é *espatela*: — « A espatela é uma taboinha inofensiva, que serve para abaixar a lingua, afim de melhor se poder ver a garganta » — <sup>2</sup>.

#### espelir

No Minho, « expirar, morrer ».

#### espera (1)

Forma antiga correspondente a *esfera*. [V. *espera*, na « Ortografia Nacional », do autor] <sup>3</sup>. Formado do *sphaera* latino, lido *spera*. Foi também o nome de uma peça de artilharia <sup>4</sup>.

<sup>1</sup> REVISTA LUSITANA, III, p. 236.

<sup>2</sup> O DIA, de 2 de julho de 1904.

<sup>3</sup> Lisboa, 1904, p. 63-65.

<sup>4</sup> .:2

## espera (2), esperista

Substantivo rizotónico do verbo *esperar*. Tem vários significados, e entre êles, é o nome de uma peça do tear, *espera da roda do órgão do pano* <sup>1</sup>.

— «Todas as vezes que entre nós se caça á espera e esta é sempre feita a uma determinada especie, o primeiro cuidado do caçador, para ser bem succedido, é impedir por todos os meios possiveis que seja notada a sua presença... nesse caso o *esperista*, nome dado ao caçador de espera, construe... *barracas* de ramos, em que se embusca» — <sup>2</sup>.

O vocábulo *espera* foi também usado antigamente no sentido de «lugar onde se espera», «prazo dado», «sítio ajustado para encontro».

Nesta acepção foi imposto a um cabo na Terra Nova, por ocasião da viagem de Côte Real, *Cabo da Espera*, denominação que os ingleses converteram em **Cape Spear**, «cabo da lança». Cumpre advertir que o vocábulo inglês *spear*, actualmente pronunciado *spíar*, era há três séculos ainda pronunciado *spéar*. Outras denominações dadas pelos portuguezes a accidentes de terreno naquelas parajens foram igualmente alteradas, para que formassem sentido em inglês, tais como **Cape Race**, por *Cabo Raso*. **Ferryland** por *Farelhão*, etc. <sup>3</sup>.

## esperto, espertar, espertador

O adjectivo *esperto*, que tem muitas acepções, mais ou menos relacionadas com o seu étimo latino *expertum*, participio pas-

<sup>1</sup> Portugalia, I, p. 374.

<sup>2</sup> José Pinho, ETHNOGRAPHIA AMARANTINA, A Caça, in Portugalia, II, p. 95.

<sup>3</sup> J. H. P. Biggar, THE VOYAGES OF THE CABOTS AND OF THE CORTE REALS TO NORTH AMERICA AND GREENLAND, 1497-1503, in «Revue Hispanique», X, p. 587, notas.

sado passivo de *expergere*, «acordar», ou com o verbo *esper-tar*, teve um significado muito especial, que vemos apontado no seguinte trecho:— «Em me dando autorisação para lhes applicar uns *tratos espertos*, eu os farei falar»—<sup>1</sup>.

*Espertador* é o nome que antes se dava, e o povo ainda dá, ao que os cultos chamam *despertador* «relojo com carrilhão para acordar as pessoas a horas certas».— «Um relojo de horas, com seu *espertador*»—<sup>2</sup>.

#### espevitar, espevitado

Espevitar uma vela ou torcida é «cortar-lhe o murrão». E como a luz depois dessa operação fica mais viva, dizemos que uma pessoa é *espevitada* quando é esperta em demasia, e *lingua espevitada* é «língua desembaraçada». Esta última expressão não é moderna, pois a vemos em texto do XVII século:— «Respondeu com grande esperteza e língua muito espevitada»—<sup>3</sup>.

#### espiar, espear

Como o verbo se conjuga nas formas rizotónicas com *i*, e não *ei*, não há remédio senão escrevê-lo sempre com *i*. Todavia, vê-se que houve confusão com os verbos em *-iar*, como aconteceu com *criar* { *creare* (*q. v.*).

Deu-se portanto confusão entre êstes dois verbos, de tam diferente significação, pois o primeiro, de origem germânica, quere dizer «vijiar», e o segundo, conforme D. Carolina Michaë-

<sup>1</sup> António de Campos, O MARQUEZ DE POMBAL.

<sup>2</sup> António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 80.

<sup>3</sup> António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 24.

lis de Vasconcelos, derivado do latim *ex-panare* { *panum* <sup>1</sup>, designa— «acabar de fiar a estriga que cinjia a roca» —, segundo a definição do NÓVO DICIONÁRIO.

O latim *panus*, queria dizer— «a canela de fiado, ou armeo de lâ preparada para se fiar» —<sup>2</sup>. De *ex-panare* proviria *espêar* e depois *espear*, que deveria conjugar-se *espeia*, e não, *espia*. Todavia, *espiar*, neste sentido, poderia também ser *espigar*: cf. *liar* { *ligare*.

### espiga, espigo, espigão, espigueiro

O primeiro dêstes vocábulos designa a parte terminal da haste de certas gramíneas em que se conteem os grãos, as sementes; as do milho chamam-se propriamente *maçarocas*, termo que também se aplica ao linho que está enrolado na roca. O terceiro vocábulo, forma aumentativa, quer dizer uma ponta aguçada que se crava em qualquer parte para segurar a peça a que pertence. Neste sentido vemos a forma *espigo*, não registada nos dicionários, empregada no trecho seguinte:— «no centro da [mó] inferior ha um espigo de ferro onde entra a segurelha [q. v.] de madeira» —.

É provável que *espigo* não seja propriamente a forma masculina, correspondente à feminina *espiga*, formação aliás muito usual (cf. *cêsto* e *cesta*), mas sim, o latim *spiculum*, diminutivo de *spicum*, { *spica*, que designava em latim o ferrão de alguns insectos, do lacrau, etc. As formas intermediárias foram *spigulum*, *espigoo*: cf. *bágo(o)*, de *baculum*.

De *espiga* se derivaram vários vocábulos, tais como *espigueiro*, nome que também se dá no norte ao *canastro* (q. v.) ou *caniço*, mormente se é feito de pedra e cal e não de vêrga ou canas.

<sup>1</sup> REVISTA LUSITANA, III, p. 158.

<sup>2</sup> J. António Ramalho, MAGNUM LEXICON LATINUM ET LUSITANUM. Lisboa, 1819.

## espilrar, espirrar

primeira destas formas é popular, e mais conforme com a lojia, que é uma forma latina *expirulare* por *expilula* { pilula (cf. *pirola*, que tem a mesma origem). A forma atamente anterior a *espilrar* é *espiralar* (cf. *melro* { meru- e *birlo* { *birlo*, que é também { pilulum). *Espirrar* prole assimilação do *l* ao *r* seguinte.

## espinho, espinha

*spinho* é o latim *spinum* (forma de transição *espño*); *espi-* plural *spina*, tomado como singular feminino, que tem acepções principais: o «arcabouço ósseo dos peixes», «bor-». No norte, para particularizar este sentido, diz-se *espi- /* *brava*:— «Nasceu-lhe uma espinha brava no hombro di-  
—<sup>1</sup>.

## espojar, espôjo, espojinho

pronúncia popular é *espojár*, com o fechado átono, que se rte em aberto, quando é tónico: *espôjo*, *espôja*, etc. Oscar ing <sup>2</sup> dá como étimo a este vocábulo, que significa «rebo- no pó, como faz o jumento», e daí, «arrastar-se pelo chão», iare { *exspodiare* { *spodium*, na significação de «cinza». *inho*, que poderia ser um deminutivo de *espôjo*, significa oinho de vento que levanta pó»:— «Faltava, porém, uma mais convincente de que o pó elevado no valle do Orinoco espojinhos (como aqui chamamos no Alemtejo aos remoinhos quenos cyclones que aspiram o pó)» —<sup>3</sup>.

---

Ricardo Jorje, A PRIMEIRA BUBONICA NO PORTO, p. 4.  
BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA, Série 21.  
O SÉCULO, de 10 de março de 1902.

## espreitar

Êste verbo, usado em português sómente, que eu saiba, deriva-o D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos de *explic'tare* por *explicitare*: Confronte-se *empreita*, «tecido de palma», de *implic'ta*, por *implicita*, que confirma a etimolojia; cf. ainda *estreiro* { *strictum* <sup>1</sup>.

## espremedicinho

Êste singular deminutivo, de *espremedição* { *espremedido* { *espremer*, aplica-se a um animal mais pequeno e enfezado que outros da sua espécie, em meio dos quais vive.

## esquartejar, esquartejadouro

Êste verbo quiere dizer partir em quatro quartos, «fazer em postas». Singularmente o emprega António Francisco Cardim, num sentido que é um contra-senso, e é natural que lhe não ocorresse a orijem da palavra:— «ficou o imperio esquartejado em tres partes» —<sup>2</sup>.

O substantivo *esquartejadouro*, feito à semelhança do *équar-rissage* francês, é recente, mas perfeitamente admissivel:

— «O sr. Martinho Guimarães, vereador da fazenda municipal, propoz aos collegas que o transporte para os esquartejadouros, dos animaes que morram na via publica, seja feito em carções da camara, que não tenham outra applicação» —<sup>3</sup>.

O termo era já official, visto constar do Decreto de 7 de fe-

<sup>1</sup> REVISTA LUSITANA, III, p. 146.

<sup>2</sup> BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 217.

<sup>3</sup> O ECONOMISTA, de 24 de março de 1893.



vereiro de 1887. Ainda bem que o estrambótico *équarrissage* morreu à nascença!

esquilo, esquio

O nome dêste formoso animal, que supponho não existe actualmente no nosso país, deve ter a mesma origem que o francês *écureuil*, isto é, em latim *scuirulus*, *scuirolus*, derivado de *sciūrus*, que era o seu nome latino, do grego *σκίουρος*; de outro modo seria extraordinário que o *sci-* latino produzisse *esqui-*. A forma é em todo o caso singular, convindo advertir que Gil Vicente escreveu *esquio*, e não, *esquilo*:

Êste não é furão,  
Nem gineta, nem esquio,  
É um bichinho vadio <sup>1</sup>.

Em castelhano chama-se-lhe *ardilla*, mas também se disse *esquilo*, que pelo *l* é mais espanhol, que português.

esquina, esquineta

Como nome de jôgo, não colijido nos dicionários, é o francês *lansquenet* { alemão *lands-knecht*, «soldado de milícias, e nome de jôgo». V. Júlio Moreira, in REVISTA LUSITANA, IV, pág. 267, onde vem a abonação de Camilo Castelo Branco: — «Arranchava com vadios nas noitadas das tavernas onde se jogava a esquineta e monte» —. Parece a J. Moreira ter havido a mui provável influência da palavra *esquina*.

---

<sup>1</sup> AUTO DAS FADAS.

## esquinante, esquinote

— «para apertar o fundo das vasilhas ou desengrossa-las empregam [os oleiros] um pau aguçado, o *esquinote* (Baião) ou *esquinant*: (Villa Secca)» —<sup>1</sup>.

## essa. eça

Júlio Cornu, nos «Elementos de Filolojia Románica»<sup>2</sup>, e não sei se já antes dêle D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, indicou a etimolojia dêste vocábulo, modernamente escrito *eça*, isto é, errado, como tantos outros. Deriva-se êle do latim *ersa*, feminino do participio passivo \* *ersum*, de *erigere*, e significa portanto «erguida». Com efeito, são numerosos os vocábulos em que a *rs* latino corresponde *ss* em português; tais são *travessa*, *pessoa*, *pêssego* (também erradamente escrito *pecego*), do latim *transversa*, *persona*, (*malum*) *persicum*, etc.

Fernão Méndez Pinto<sup>3</sup> escreveu aquela palavra com *ec*. *ecessa* = *essa*:— «hum cadafalso... e no meio d'elle hũa tribuna de doze degraos com hũa eessa quasi ao nosso modo...» —. A razão desta escrita está em que era necessário diferenciar o vocábulo do femenino do pronome *esse*, *essa*, que no seu tempo, como ainda hoje no norte do reino, era pronunciado *êssa*, sem a metáfora do *ê* em *é*, que se manifestou ao depois no sul, e no centro, de onde era natural Pinto.

O apelido *Eça*, porém, tem de certo outra orijem, e na PEREGRINAÇÃO [cap. CCHII] encontra-se escrito com *ç*, diferenciado

<sup>1</sup> Rocha Peixoto, SOBREVIVENCIA DA PRIMITIVA RODA DE OLEIRO EM PORTUGAL, in *Portugalia*, II, p. 76.

<sup>2</sup> GRUNDRISS DER ROMANISCHEN PHILOLOGIE, I, p. 702.

<sup>3</sup> PEREGRINAÇÃO, Lisboa, 1830, cap. CLXVII.

portanto daquele outro vocábulo. Com ç o escreveram igualmente João de Barros e Diogo do Couto, nas DÉCADAS DA ÁSIA <sup>1</sup>.

### estandal

— Nunca tantos estandaes  
Ardero' ante o seu altar.

Êstes versos fazem parte de uma poesia do «Cancioneiro da Vaticana» (a 807), transcrita por Sousa Viterbo no seu artigo AS CANDEIAS NA INDUSTRIA E NAS TRADIÇÕES POPULARES PORTUGUEZAS <sup>2</sup>. Parece designar um «renque de velas acesas».

### es'tanheira

— « Nas guirlandas e estanheiras lá se veem os serviços de cobre, arame, estanho, ferro e barro » —<sup>3</sup>. É um cabide para louça, o que em Espanha se chama *espetera*, em Trás-os-Montes *espeteira* <sup>4</sup>.

### estarim

É um termo de jíria, que significa «prisão, calabouço».

No caló, ou dialecto dos ciganos de Espanha, *estardó* quiere dizer «preso», *estaribel*, «prisão».

---

<sup>1</sup> Já publicado este artigo na «Revista Lusitana», VII, 1900-1901, donde é extraído com leves alterações. F. Méndez Pinto nasceu em Montemor-o-Velho, e faleceu em Almada.

<sup>2</sup> in Portugalia, I, p. 368.

<sup>3</sup> José da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, in Portugalia, I, p. 538.

<sup>4</sup> Suplemento ao NÓVO DICCIONÁRIO.

## estatelado

A este participio adjectivado de um verbo *estatelar-se* dá o NÓVO DICIONÁRIO origem incerta. Com pouca probabilidade o explica D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos pela forma popular de *estátua*, *estátula*, de sorte que *estatelado* estaria por *estatulado*. Seria no entanto singular que um verbo, cuja significação é «ficar estendido», fosse tirado de um nome que quer dizer «figura erecta, erguida, em pé»<sup>1</sup>. Mesmo para o povo, que alterou *estátua* em *estátula*, esta última forma designa sempre «figura de pessoa, em pé» e não, «estendida no chão». A etimologia, pois, está muito longe de ser evidente.

## estatuário, estatutário

Nenhum destes adjectivos é português, como derivado de *estatuto*. O primeiro, a que infelizmente deu cabida o NÓVO DICIONÁRIO no Suplemento, vê-se bem ser um disparate, não sei por quem inventado, pois *estatuário* deriva-se de *estátua*, e não de *estatuto*: o segundo é cópia do francês *statutaire*.

Se se quiere à viva força fabricar um adjectivo correlato a *estatuto*, deve êle ser *estatuto* { *statutus*, -a, -um, latino, ou *estatucional*: cf. *constitucional*: { *constituição*: *constitutus*.

Passa-se perfeitamente, porém, sem tal adjectivo, porque não é de rigor esta fabricação de adjectivos, que caracteriza moderadamente o estilo artificial e aspérrimo de certos escritores, moda que deu origem ao célebre adjectivo *mundial*, e ainda ao mais célebre *estadoal*!

<sup>1</sup> REVISTA LUSITANA, III, p. 158.

## esteira, esteiralho

O étimo mais evidente é o latim *storea*; mas não se explica por êle o *e* da palavra portuguesa, a não ser que se suponha, o que é violento, uma origem imediata de um castelhano *estuera*; cf. *frente* | *fruenta* | *frontem* (?).

J. Leite Vasconcelos supõe *stataria*, por haplologia *staria* <sup>1</sup>, com certa probabilidade, pois se justificaria o *estera* castelhano, igualmente.

O derivado *esteiralho* vem assim descrito nas NOTAS ETHNOGRAPHICAS DO CONCELHO DA FIGUEIRA <sup>2</sup>:— «*Esteirinhos*—Apparelhos empregados para a pesca da tainha e outros peixes saltadores; consistem n'uma porção de esteiras de *bunho*, ligadas umas ás outras» —. O termo não está colijido nos dicionários.

## estepe

Esta palavra é russa e entrou em moda, para designar uma extensíssima planície naquele país. Não era necessária, mas não é muito inconveniente. É claro que a foram buscar ao francês *steppe* os escritores portugueses que a empregaram, com excepção de um único <sup>3</sup>, que sabe perfeitamente russo e a acomodou a português com a forma *estepa*, como em castelhano ela foi alterada. Cumpre, porém advertir que a palavra russa é *STEPĭ*, pronunciada quasi *stiépi*, que é femenina e tem um único *p*, e não os dois com que os franceses a enfeitaram, sem motivo nenhum. Assim teremos de dizer em português ou a *estepe*, ou a *estepa*, se se prefere: pela minha parte, agrada-me mais a *estepe*; de modo nenhum o *esteppe*, que é um barbarismo.

<sup>1</sup> REVISTA LUSITANA, III, p. 266, nota.

<sup>2</sup> in Portugalia, I, p. 382.

<sup>3</sup> Zófimo Consiglieri Pedroso.

## estiar -

Em Bragança estiar o gado é « pô-lo à sombra ».

## estojeiro. estojeira

É um neologismo muito bem feito, para significar o fabricante ou a fabricante de *estojos*: — « quando falta trabalho para as ajuntadeiras, estas vão auxiliar as *gravateiras*, *luveiras*, e *estojeiras* » — <sup>1</sup>.

## estou-fraca

— « A *Pintada*, *Gallinha da Índia*, *Gallinha da Guiné*, *Gallinha da Numida* [aliás *Numidia*], *Estou fraca* ou *Meleagris*, é uma curiosa ave originária da África, pertencente à família dos *gallináceos* » — <sup>2</sup>.

O nome provém-lhe de um grito particular, que é a voz dela.

## Estranjeirismos

Em 1902 publicou, pela Livraria editora Tavares Cardoso & Irmão, Cândido de Figueiredo um livro intitulado Os ESTRANJEIRISMOS.

Esses estranjeirismos são certos vocábulos e locuções em várias línguas, entre elas a latina, que a meúdo se intercalam em texto português, elucidados com explicações que aclaram o sentido deles.

Não é dêsses estranjeirismos que aqui vou dar exemplos.

<sup>1</sup> Asilo-Oficina de Santo António, in O SÉCULO, de 24 de julho de 1900.

<sup>2</sup> GAZETA DAS ALDEIAS, de 18 de março de 1906.

colhidos em leitura de periódicos principalmente; é dos que são censuráveis por inúteis, e que, principalmente de locução, fervilham na escrita hodierna, em razão das traduções feitas à pressa por pessoas inábeis, que tendo pouca leitura portuguesa, e ignorando a índole da língua pátria e o tesouro da sua linguagem, mesmo da trivial de que se serve o povo, utilizam a torto e a direito expressões estranhas, sem sombras de propriedade ou necessidade.

Quando tais estrangeirismos eram de vocábulos, José Inácio Roquete assinalava-os por uma mãozinha no seu DICIONÁRIO <sup>1</sup>, sentenciando-os com um comentário, mais ou menos severo, consoante o seu emprêgo menos ou mais justificado.

Principiarei pela palavra *estranjeiro*.

Entrou já, até na linguagem oficial, a locução elíptica *ir ao estranjeiro, mandar vir do estranjeiro*, etc. É um galicismo, pois *estranjeiro*, como substantivo, sem mais epíteto, quere dizer «o indivíduo estranjeiro, que pertence a outra nacionalidade». Em português dizia-se *ir fora (do reino), mandar vir de fora*, e pode, com maior clareza e menos vernaculidade dizer-se: *ir a terras estrangeiras, mandar vir de país(es) estranjeiro(s)*, etc.

Apontarei mais alguns estrangeirismos, corrigindo-os.

1.— *Vinho de Bucellas, é tudo que ha de melhor*—<sup>2</sup>.

Este galicismo foi, creio, introduzido pelo gracioso comediógrafo Gervásio Lobato, que por outra parte era bem português e vernáculo nas suas engraçadas peças de teatro. A correção é—*quanto pode ser bom*.

—*Cuja ascendencia era tudo o que ha de mais humilde e ignorado*—<sup>3</sup>. Correção:

—*cuja ascendencia era, quanto possivel, humilde e ignorada*—.

2.—*Com uma pneumonia tem guardado o leito a Snr.*<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Paris, 1848.

<sup>2</sup> O SÉCULO, de 14 de setembro de 1902.

<sup>3</sup> *ib.*, de 16 de novembro de 1902.

*D. Marianna da Conceição Duarte*—<sup>1</sup>. Depreende-se que arrecadou, ou mandou arrecadar o leito a tal senhora, e que passou a dormir em cama-de-chão; ou então, que fêz um solene disparate, mandando guardar a cama, quando mais precisava dela. É um galicismo, a todos os aspectos ridículo, pois nem *leito* é em francês *lit*, mas *bois de lit*, quando é de madeira, nem em tal sentido se diz em português *guardar*: o que se diz é *ficou de cama*.

3.—**já abandonou o leito**—, quer dizer em português, «já se não serve dele». A correção é: *já se levanta*.

4.—*A falta de toda e qualquer informação não permite ajuntar credito*—<sup>2</sup>. Crédito não se ajunta, o que se ajunta é dinheiro, quando êle sobeja, o que para quasi todas as pessoas é cousa rara. Correção: *não permite dar credito*. Traduziu-se mal o francês *ajouter foi*.

5.—**engajadas**... *as forças* <sup>3</sup>: é o francês *engagées*: em português diz-se *empenhadas*, *travadas*.

Vou em seguimento apontar uns poucos de anglicismos, colhidos na mesma folha periódica, o ano passado, a denunciarem tradução de inglês.

6.—*os mais sanguineos russophilos*:—em inglês *sanguine*, que quer dizer «esperançados».

7.—*A França e a Inglaterra tinham arranjado*—(inglês *arranged*), isto é, *combinado*.

8.—*O orgulho japonês constitue um phenomeno tão intenso n'aquelle povo, que deixa de ser apenas objecto d'uma observação*—. Há aqui um anglicismo de sintasse, que torna absolutamente inintelligível o conceito.

9.—*e sobre elles [os factos consumados] ne-jocciem com o Japão, ignorando as pretensões da Russia* (inglês *ignoring*): quer dizer «pondo de parte, desatendendo». Em português *ignorar* significa «desconhecer, não saber».

<sup>1</sup> *ib.* de 29 de outubro de 1902.

<sup>2</sup> O DIA, de 25 de junho de 1904.

<sup>3</sup> DIARIO DE NOTICIAS, de 27 de agosto de 1904.



## estregar, esfregar

O NÓVO DICIONÁRIO dá, como inserção própria dêle, o verbo *estregar*, com a significação de — « transferir para um papel, tábua, etc., com uma boneca embebida em pó de carvão, (um esenho picado) » —.

Como étimo oferece-nos em dúvida *extergar*, do latim *ter-*um; o *extergar*, porém não figura nem no dicionário, nem no suplemento.

A edição dos LUSIADAS da « Bibliotheca Portugueza », numa nota à estança 39 do VI Canto do poema, diz-nos o seguinte: — « *Estregando*, 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> ed. Mas he visivelmente erro de impressão, porque em nenhum author classico, nem no mesmo Camões [como se êle não fôra o primeiro classico], fóra dêste *estregar*, se encontra semelhante verbo; e quando o poeta o trouxesse do latim *extergere*, ou do castelhano *estergar*, por isso mesmo que o introduzia de novo, escreveria *estergar* e não *estregar*, a fim de ser entendido. Emendamos por tanto *esfregando*, como se lê na ed. de F. de Sousa » —.

Sempre foram muito divertidos êstes comentadores, que resolvem as dúvidas que teem por meio de raciocínios seus, e emendam os textos por conta do autor, com a mais suprema em-cerimónia.

Na escrupulosa edição de F. Adolfo Coelho <sup>1</sup> a referida estança veio impressa do seguinte modo:

— Vencidos vem do sono e mal despertos,  
Bocijando a miudo, se encostarão  
Pellas antenas, todos mal cubertos  
Contra os agudos ares que assoprarão;  
Os olhos contra seu querer abertos,  
**Mas esfregando [estregando], os membros estirarão:**  
Remedio contra o sono buscar querem,  
Historias contão, casos mil referem.

<sup>1</sup> DO DIARIO DE NOTICIAS, 1880, distribuição gratuita.

Teve o douto professor o cuidado de pôr ambos os vocábulos, mas infelizmente deu a preferência a *esfregar*, que deveria estar entre o parêntese, e *estregar*, fora dêle.

Quem escreveu a nota que citei, e cuja autoria não sei a quem pertence de direito, ou de torto, enganou-se no seu castelhano, pois *estregar*, e não, *estergar*, é que se diz e se escreve nesta lingua, e é um frequentativo ou de *extergare* { *extergere*, «apagar, desvatecer», ou de *exterere*, «roçar», isto é, *extericare*, mais provávelmente do primeiro, não obstante várias opiniões em contrário <sup>1</sup>. Quanto à metátese do *r* de *-ter-*, é tão freqüente, que não vale a pena justificá-la: cf. *prejuizo* e *perjuizo*, *apretar*, castelhano, e *apertar*, português.

¿E quem disse ao anotador que o vocábulo seria neologismo, se todos os dias termos vulgares passam a literários?

O português *esfregar* representa o latim *ex-fricare*, na Beira-Baixa *roçar*. Em castelhano existe *fregar*, mas não, *esfregar*.

#### estrelóiço

Em S. Miguel dos Açores significa — «rumor repentino e forte» — <sup>2</sup>.

#### estromento

É a forma antiga de *instrumento*, «documento».

É já da baixa latinidade, *strumentum* <sup>3</sup>.

<sup>1</sup> I. Kötting, LATEINISCH-ROMANISCHES WÖRTERBUCH, 1891, n.ºs 2948, 3031 e 7818.

<sup>2</sup> O SEculo, de 5 de julho de 1901.

<sup>3</sup> JAHRESBERICHT ÜBER DIE FORTSCHRITTE DER ROMANISCHEN PHILOLOGIE, VI, I, p. 119; Rui de Pina, CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. III.

## esturião, esturjão

— « Mandaram hontem um magnifico esturjão, ou esturião, mais vulgarmente conhecido por sôlho-rei » —<sup>1</sup>.

## etário

Extravagante adjectivo:— « Não ha edades poupadas; as victimas veem de todas as classes etarias, desde os 2 annos até os 80 » —<sup>2</sup>. ¿Onde iria o autor buscá-lo?

## euplócomo, euplócamo

O NÓVO DICIONÁRIO incluiu a primeira destas formas, definindo-a:— « que tem cabêllo fino e encaracolado » —. No Suplemento emendou *euplócomo* em *euplócamo*, que fôra a forma por nim empregada no capítulo Linguas e Raças que escrevi para os ELEMENTOS DE GEOGRAPHIA GERAL, de M. Ferreira Deusado <sup>3</sup>, seguindo a classificação de Frederico Müller <sup>4</sup>, que adoptara esta expressão. O epíteto é homérico EUPLÓKAMOS, « com onitos caracóis (de cabelo) ».

## e(u)scaldunac, escalduno, escaldune

A primeira destas formas vem no NÓVO DICIONÁRIO com o *e* na primeira sílaba, que alguns dialectos vasconços rejeitam:

<sup>1</sup> O SECULO, de 20 de maio de 1900.

<sup>2</sup> Ricardo Jorje, A PESTE BUBONICA NO PORTO, 1900, p. 55.

<sup>3</sup> Lisboa, 1891, p. 214.

<sup>4</sup> GRUNDRISS DER SPRACHWISSENSCHAFT, I, 1.<sup>a</sup> parte.

significa, não, como diz o mesmo dicionário, «vasconço», porque este adjectivo se não applica às pessoas, mas à lingua ou ao que com ella se relaciona, como literatura, etc., em castelhano *vascunnes*: mas sim «vascongado», applicável às pessoas, lugares, provincias, etc., como o *vascongado* castelhano. Os vascongados chamam-se a si próprios *et(u)scaldunac*, no singular *et(u)scalduná*, como sujeito determinado de verbo intransitivo, *et(u)scaldunár*, como sujeito de verbo transitivo. Ora sendo *á*, *ác*, *'ac* o artigo definido, suprimido este, fica a forma *et(u)scaldun* plural *euscaldunac*, que são as usuais castelhanas, mais espanholadas *euscaldunac*, *euscaldunos*. Devemos, pois, dizer em portuguez *escalduno*, ou *escalduna*, ou *escaldum*, plural *escalduns*: parece-me preferível a primeira das três. À lingua, o *vasconço*, chamam-lhe *euscaldunac* e os nossos antigos escritores denominavam-na *biscainho*, e os vascongados *biscainhos*, transferindo o nome de um dialecto e o de uma provincia a todo o dominio da *Euscaldunac*, ou terra dos vascongados, as *Vascongadas*, como dizem os espanhols. Os francezes chamam-lhes respectivamente *les Basques*, *les Basques*, *Pays basque*.

A etimologia do substantivo *euscara* está por averiguar, e Van Fys tentou ratio em repelir a que foi proposta a médo por Götterum de Humboldt, no seu notabilissimo escripto intitulado «Investigação da lingua dos habitantes primitivos das Espanhas», isto é, que se deriva de um verbo *casí*, com a significação de «falar», com a extensão «falar», pois não é natural que qualquer povo desgrasse a sua fala própria com semelhante nome. As linguas espanholas, isto é, a castelhana e a franceza, com as quaes está em contacto, chamam os euscaldunos *crdera*, que conforme Humboldt, significa, «(a lingua) da terra», por opposição à própria, a *euscara* ou *vasconça*.

1. W. J. VAN FYS, DICTIONNAIRE BASQUE-FRANÇAIS, Paris, 1873.

2. Wilhelm von Humboldt, PRÜFUNG DER UNTERSUCHUNGEN ÜBER DIE URBEWOHNER SPANIENS, 1821.

## extinguidor (extintor)

É um neologismo, que poderia ser substituído por *extintor*: — «No domingo ás 3 horas da tarde realiza-se no Terreiro do Paço a experiencia dos extinguidores Leixis [*sic*, aliás, Lewis] do sr. Corloden Roman» —<sup>1</sup>.

## facha

— «Apenas subsistiram [os brandões], através de todo o progresso industrial... as lumieiras de colmo que de noite guiam nos caminhos e logares escuros e ainda as *fachas* com que, para certa pesca, se desvairam os cardumes (Cavado, Tamega, etc.)» —<sup>2</sup>.

*Facha*, femenino interessante de *facho*, que quasi não é usado pelo povo, equivale aqui ao que também se chama *candeio*, masculino de *candeia* { latim *candela*, «vela».

A palavra *facha* procede do latim *falc(u)la*, e o *cl* latino produziu *ch* português, como se fosse inicial (cf. *chave* { *clauem*), por estar amparado pelo *l* (cf. *abelha* { *apic(u)la*). Cumpre diferenciar na escrita, como no norte diferenciam na pronúncia, esta palavra, do vocábulo *faxa*, «cinta», de *fascia*: cf. *feixe* { *fascem*.

## fachis

É muito conhecido este termo em Macau, pois designa as duas varetas com que os chineses comem, e que lhes servem de garfo. É palavra chinesa de Cantão, *fa-chi*, que passou ao japo-

<sup>1</sup> O ECONOMISTA, de 26 de outubro de 1886.

<sup>2</sup> Rocha Peixoto, ILLUMINAÇÃO POPULAR, in Portugalia, II, p. 38

nês, em que se profere *fàxi*. Os portugueses costumam usar o vocábulo no plural, como é naturalissimo, visto nunca se empregar uma só dessas varetas. Fernám Méndez Pinto chama-lhe pauzinhos: — « Em suas cortesias são [os chins] homens de muito primor: no modo de vestir, assi homens como mulheres, muyto honestos, e muy bem tratados, per que geralmente se fazem muytas sedas no reyno: a terra é muyto fertil e muy abundosa de mantimentos, fruytas, agoas, muyto singulares jardins muyto frescos, toda maneira de montaria e caça: não poem mão no comer, mas todos geralmente, pequenos e grandes, [comem] com dous pauzinhos por limpeza » —<sup>1</sup>.

Os malaios denominam o dito talher *TIKAP* (pron. quasi *chi-cap*)<sup>2</sup>.

Farei aqui uma observação a uma nota, que, com o número (2), vem na memória de que extratei o passo de Fernám Méndez Pinto, constante da carta, que é nela o documento L.

O texto, que fielmente transcrevo, como lá está, reza assim: — « Tem mais elRey oyto fidalgos de seu conselho muyto letrados e de grandes prudencias, com os quaêes [*sic*] despacha todos os negocios do Reino, tambem estes nunqua saê fora da tereyra cerca por nhũm caso ate a morte, a estes chamão vlãos [?] (3) » —.

A nota (3) diz: — Na traducção hespanhola publicada em 1555 vem escripto *Ulaos*: « tendo [?] en esta reputaciõ le manda llamar de qualquiera prouincia de su reyno en que esté y le mete en el cargo de Ulaos. Deve ler-se *vlao*, porque nesse tempo se escrevia *v* por *u* e *u* por *v* » —.

Informação errada: o que se escrevia era **v** inicial por *u* e *v* e **u** medial por *c* e *u*. A emenda, portanto, é temerária. *Ulaos* ou *Ulaos* deve ser a forma certa, mesmo porque *vl* seria grupo de letras impossivel em chin.

<sup>1</sup> Crisóvão Aires, FERNÃO MENDES PINTO, Lisboa, 1904, p. 113.

<sup>2</sup> MELANGES CHARLES DE HARLEZ, Leida, 1896, p. 193.

## fada, fado, fadar, fadário, fadista

*Fado* é o latim *fatum*, «destino, sina»; *fada*, o plural dêste, *fata*. No sentido de *sortes ventureiras*, «para saber a sina», foi empregado por Gil Vicente no AUTO DAS FADAS, isto é, «auto das sortes»: —

— «Dae ora prazer  
A quem vos bem quer,  
E dae boas fadas  
Nas encruzilhadas» —.

*Sina* (q. v.) é também o latim *signa*, plural de *signum*, que os espanhóis dizem *sino*.

De *fado*, no sentido de «sina», se deriva *fadar*, *fadário*. *Fado* tomou um sentido fatalista para denotar o «destino incontestável, o *mau fado*, desculpa muito cômoda, invocada pelo povo, para disfarçar a pusilanimidade em resistir às tentações de não cumprir o dever, nem respeitar o decoro: *foi fado, foi sina!*».

*Fado* designa no sul a «profissão de prostituta», e *fadista*, «o rufião», ou aquele que frequenta assiduamente os prostíbulos ordinários e passa a vida com meretrizes. É erro pronunciar-se *fadista*, com o *a* aberto, visto que ninguém pronuncia *fadario*, nem *fadar*. Sinónimos de *fadista* são *faiunte* e *jaia*, vocábulos de dificultosa identificação.

## fagueiro: v. afagar

Êste adjectivo significa hoje «agradável, brando, carinhoso», mas antigamente queria dizer, como o castelhano *halagüeño*, «enganador, traçoeiro»:

— «Êste é falso e fagueiro,  
Sorratoiro,  
Quando virdes êste cão  
Levae sempre um pao na mão» —<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Gil Vicente, AUTO DAS FADAS.

## faiança

Este termo, do francês *faïence* ! ital. *faenza*, é muito usado hoje, para designar uma casta de louça, não transparente, mas vidrada, e pintada muitas vezes, a que dantes se chamava «louça de pó de pedra», a qual se diferenciava da «louça do reino», em ser muito mais fina a pasta:— «Existem aqui [Coimbra] duas espécies de faiança: A chamada impropriamente de Vandelli (professor da Universidade, que, quando muito, aperfeiçoou o fabrico desta louça), e a chamada ratinha» —<sup>1</sup>.

Num anúncio publicado no jornal O SÉCULO, de 16 de março deste ano, lê-se o seguinte:— «A louça é toda em pó de pedra» —. A parte a extravagância, hoje ridiculamente arremedada do francês, de empregar a preposição *em* para designar a matéria de que uma coisa é feita (e não em que o é), temos aqui um exemplo, colhido em flagrante, da denominação portuguesa *pó de pedra*, correspondente a *faiança*, por opposição a *porcelana*, e a *louça do reino*, bastante antiga, mas não mencionada no Léxico de André Nemnich <sup>2</sup>.

Quanto a *louça em pó*, na linguagem de toda a gente que fala português, quer dizer «louça desfeita, mais meúda que se fôra em cacos»: pelo quê não a admira que o anunciante a desse, como dizia, quasi de graça.

## faína

Em castelhano diz-se *faïna*, e é termo de bordo, que se generalizou para significar «trabalho, azáfama», o francês *besogne*, «o que cada um tem a seu cargo fazer». A palavra é catalã, *fehena* ! latim *facienda*, plural de *faciendum*, participio do

<sup>1</sup> O SÉCULO, de 17 de maio de 1900.

<sup>2</sup> WAARENLEXIKON IN ZWÖLF SPRACHEN, Hamburgo, 1797.



futuro passivo de *facere*, que deu em português *fazenda*, em castelhano antigo *fazienda*, moderno *hacienda*.

Em catalão *n(n)* resulta de *nd* latino, ou românico: cf. *anar*, português *andar*.

Outra forma catalã do mesmo vocábulo é *feyna*, na qual *ah* se condensou em ditongo, com deslocação do acento tónico, como se observa no vocábulo castelhano e no português.

### falacha

A verdadeira definição dêste vocábulo contém-se no seguinte passo:— «Rezende, 28. Escrevem de S. Cypriano, deste conselho... em quanto que os mais pacatos se entreteem a comer *falachas* (bolos de farinha de castanha pilada)»<sup>1</sup>. Em geral omite-se nas definições o epíteto *pilada*.

A origem dêste termo já foi dada na REVISTA LUSITANA<sup>2</sup>, *foliascula*, ou *foliacea*, mas não me parece bem segura: ¿Por que razão de *li* não resultou *lh*? Cf. *filho* { *filium*, *filhó* { *folioli*. E, ¿como é que *-cea* deu *-cha* no segundo étimo?

### falar, parolar, parola

Êste verbo, como o castelhano *hablar*, antigo *fablar*, procede do latim *fabulare*, que, com *parabolare*, substituiu na decadência os verbos *loqui* e *fari*, com o último dos quais à primeira vista se poderia supor que o *falar* teria relação. Para convencimento do contrário basta considerar que *fari* é o infinito, a que corresponde a primeira pessoa do presente do indicativo *fateor*, «confesso», de que procedeu *confiteor*, «confesso-me».

Dos dois verbos *fabulare* e *parabolare* provieram os que

<sup>1</sup> O ECONOMISTA, de 31 de janeiro de 1891.

<sup>2</sup> vol. IV, p. 267.

nas linguas románicas, com excepção do romeno, correspondem ao loqui latino: *fabulare* já vimos que produziu *fablar* e *falar*; *parabolare* deu o catalão *parlar*, o francês *parler*; em italiano existem ambos, com as formas *parlare* e *favellare*.

Dêstes verbos se derivaram, respectivamente, *a fala*, *el habla*, *la purla*, *la favella*; mas em francês, para se designar a *fala*, emprega-se *parole* { *parabola*, que deu ao português primeiro *paravoa*, e depois *palavra*, ao castelhano *palabra*, e ao italiano *parola*. Dêste, ou antes do francês *paroler*, veio o português *parolar*, cujo substantivo verbal é *parola* (*q. v.*).

*Fala* se denominava dantes, e ainda não está obsoleto, o que os franceses chamam *tirade*, que, por galicismo inútil, há pouco tempo é empregado por escritores que só lêem francês, (e sabe Deus como o sabem), para designar um « longo discurso », quer na tribuna, quer principalmente no teatro. Era sistema antigo, da escola chamada romântica, introduzir o artifício dessas grandes *falas*, em todos os principais papéis de qualquer comédia, suplicio dos actores, e também dos espectadores: — « A propria Medéa quer dizer a *fala* de tragico desespero » —<sup>1</sup>.

Do verbo *falar* se deriva um dos raros participios activos portuguezes que ainda se empregam como tais; assim, *temente a Deus*, *voz clamante* <sup>2</sup> por exemplo. Diz-se que uma pessoa é *bem falante*, quando tem verbosidade, facilidade em se exprimir.

Em castelhano, ao contrário, diz-se *bien hablado*, empregando-se o participio passivo com valor de activo, sintasse também muito portuguesa, como vemos em *esquecido*, « aquele que esquece », *presentido*, « aquele que presente », etc.

Outro participio activo é *tente* { *tenentem*: — « e no mesmo terço assistia por logo tente Alvaro Pirez de Tavora » —<sup>3</sup>. Hoje diz-se *lugar-tenente*.

<sup>1</sup> António de Campos, O MARQUEZ DE POMBAL, in « O Seculo », de 14 de março de 1899.

<sup>2</sup> Gil Vicente, AUTO DA HISTÓRIA DE DEUS.

<sup>3</sup> Jerónimo de Mendça, JORNADA DE ÁFRICA, l. 1.º, cap. v.

## falquejar, falquear

O DICIONARIO CONTEMPORANEO define este verbo da seguinte forma:— «o mesmo que falquear» —; e em *falquear* diz:— «desbastar (a madeira) com machado, enxó» —. Todavia, isto parece não ser rigorosamente certo, visto que José da Silva Picão, no seu estudo *ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO*, estabelece distinção, que a definição não faz:— «se trabalham em pé [os carpinteiros], vemol-os com o machado, vibrando golpes certos na madeira. . . desbastando assim de *falquejo*, para depois aperfeiçoarem á enchó» —<sup>1</sup>.

## falua

O nome desta embarcação, muito usada no Tejo, parece ser o mesmo que *faluca* embarcação das costas da Berberia, o árabe *FELUK*; neste caso, porém, *falua* pressupõe outra forma, *FELUQ*, com a terminação de unidade *FELUQE*. No dialecto berberesco o *q* mal se ouve, correspondendo em valor à consoante inicial das palavras começadas por vogal em alemão, e por isso foi eliminado.

## família

Dá-se no distrito de Leiria este nome à «totalidade da gente que está numa propriedade a trabalhar», ainda que as mais das vezes nenhum parentesco tenha com os donos da casa <sup>2</sup>.

familiar, *familial*

Dantes, todos os autores se contentavam com a primeira destas formas, a única verdadeira, do latim *familia* { fami-

<sup>1</sup> in *Portugalia*, I, p. 544.

<sup>2</sup> Informação do snr. Acácio de Paiva, dali natural.

lia. Modernamente, os franceses, que já tinham *familier*, da mesma orijem, porque êste adjectivo adquiriu a acepção de «trivial», e também a de «confiado, que não usa deferência ou cortesia», inventaram outro adjectivo incorrectíssimo *familial*, impossível em latim, visto haver já *l* no vocábulo radical (cf. *regular* { *regula*, com *morale* { *mores*), e deram-lhe o sentido de «relativo à família». Como era uma incorrecção, um barbarismo, foi logo sôfregamente adoptado em portuguez, por cópia:—«Pondo em presença vasos de egual ondulação linear e ornamentação com o mesmo ar familiar»—<sup>1</sup>. Deveria ter-se dito *familiar*, ou, *de familia*, porque não é força que para cada substantivo haja um adjectivo correspondente, como é uso moderníssimo e desnatural.

Com maior correcção vemos *familiar* empregado no seguinte trecho no mesmo sentido:—«Como se vê claramente, não saio da corrente geral das ideas dos publicistas sobre a sociedade familiar»—<sup>2</sup>. A relação expressa é a mesma.

Se extratarmos dos dois trechos aduzidos os adjectivos formados com o sufixo *-ar*, ou *-al*, veremos a constância da regra, que é: o sufixo lejitimo é *-al*; o *l* muda-se em *r*, se o vocábulo radical contém *l*: *igual*, *geral*: *linear*, e portanto *familiar*.

#### fanadouro, fanadoiro

— «E por fim o *fanadoiro* é a espatula grosseira com que [os oleiros] alisam as superficies ou gravam os ornamentos»—<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Rocha Peixoto, AS OLARIAS DO PRADO, in *Portugalia*, I, p. 202.

<sup>2</sup> Projecto de lei sobre o Divórcio, apresentado ás Côrtes em 18 de março de 1898, pelo deputado Duarte Sampaio e Melo.

<sup>3</sup> Rocha Peixoto, SOBREVIVENCIA DA PRIMITIVA RODA DE OLEIRO EM PORTUGAL, in *Portugalia*, II, p. 76.

## fanão

Esta palavra, muito frequente nos nossos escritores do XVI e XVII séculos que se referiram à Índia, é, conforme o Glossário de Yule & Burnell <sup>1</sup>, de origem indiana, malabar e tãmíl *panam* { sânscrito पाण, «moeda», mas primeiro, «bôlo no jôgo, parada» <sup>2</sup>. Os portugueses receberam o termo dos árabes e mouros que faziam comércio nos mares da Índia. Era de ouro, mas ao depois cunharam-no também de ouro com muita liga, e mesmo de prata. Possui uma destas moedas de ouro baixo; é circular e tem o diâmetro de um real de cobre da nossa moeda actual. Nos princípios do século passado o seu valor era deminuto, pois equivalia a dois dinheiros ingleses, isto é, 40 réis:— «Quatro mil fanoens de renda cada anno, que valem na nossa moeda 400 cruzados» —<sup>3</sup>.

## faqui; faquir

São dois vocábulos diferentes, e com diversíssimas significações: *faqui*, em árabe FAQIE, de FAQE, «saber teolójico», significa «jurisconsulto»; *faquir*, em árabe FAQIR, de FAQAR, «pobreza», que quer dizer «frade mendicante».

## farinhar; farinheiro; farinheira

Em Aveirò êste verbo applica-se aos tabuleiros das marinhas, quando neles o sal começa a alvejar.

<sup>1</sup> A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS AND PHRASES, Londres, 1886.

<sup>2</sup> Monnier Williams, A SANSKRIT-ENGLISH DICTIONARY, Ocsónia, 1872.

<sup>3</sup> Lucena, VIDA DO PADRE FRANCISCO XAVIER, 92, col. 1.

A acepção de *farinheiro* é diferente:— « Villa Nova de Fozcôa, 1. O estado geral das vinhas é regular. O que tem apparecido por aqui é a molestia a que dão o nome de *farinheiro* »—<sup>1</sup>.

Qualquer dêstes vocábulos deriva de *farinha*, e indica aspecto parecido com o dela.

*Farinheira* designa um chouriço feito com gordura de porco e farinha ou meolo de pão.

#### faro, farum, fera, farão, faronejar

Duas oriens se atribuem ao primeiro dêstes vocábulos: a primeira, proposta por Júlio Cornu <sup>2</sup>, é dissimilação de *frairo*, substantivo verbal de *fraïrar* { *fragrare*, *farar*, com perda do *i*; cf. *rôsto* { *rostrum*. Com relação a êsse *i* procedente de *g*, cf. *enteiro* { *intégrum*, *cheïrar* { *flagrare* { *fragrare*.

A segunda é apresentada por D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, com muito enjenho, mas pouca probabilidade; *faro*, « *farol* », { grego *φάρω* <sup>3</sup>.

Com respeito a *farum*, o NÓVO DICIONÁRIO deriva-o de *faro*; se considerarmos porém que *bodum* procede de *bode*, e designa o repugnante cheiro dêste animal, *frescum* o « cheiro da carne fresca », é aceitável o atribuirmos a *farum*, « cheiro a *fera* », a derivação dêste último substantivo, que a mesma insigne romancista lhe atribui <sup>4</sup>.

O *e* átono de *ferum* passou a *a* surdo por influência do *r*: cf. *amaricano* por *americano*, a terminação *-aria*, por *-eria*, de *cutelaria*, cast. *cuchillería*, para moderno, a par do *pera*, antigo, o qual subsiste no falar desafectado. O *r* em grande

<sup>1</sup> O ECONOMISTA, de 4 de agosto de 1894.

<sup>2</sup> GRUNDRISSE DER ROMANISCHEN PHILOLOGIE, Estrasburgo, 1888, I, p. 772.

<sup>3</sup> REVISTA LUSITANA, III, p. 160.

<sup>4</sup> *ib.* p. 159.

número de línguas exerce influência na vogal que o precede, e entre elas a exerceu em latim, por exemplo; cf. *corpus*, *corporis* <sup>1</sup>.

No Suplemento ao NÓVO DICIONÁRIO vemos *farum*, como sendo aplicado no Minho ao «cheiro do mosto». Nesta acepção se fundou provavelmente Cândido de Figueiredo para o derivar de *faro*.

De *faro* formou-se um aumentativo, *farão*, cujo tema *farom*, ou *faron*, deu origem ao verbo *faronejar*, o qual ficou em relação a êsse aumentativo, como *farejar* para *faro*.

#### fatão

Em Viana-do-Castelo ouvi dar êste nome a uma ameixa grande, sôbre o comprido.

#### fateixa

Conforme o DICIONÁRIO CONTEMPORANEO, esta palavra significa:— «ferro como a ancora, mas mais pequeno, com tres ou quatro unhas para fundear barcos menores. // Gancho de candieiro. // Utensilio de ferro em fôrma de ancora em que se penduram carnes para estarem expostas ao ar. // F. ar. *Kkattéf* [aliás, *khattéf*]» —. Bluteau, que escreve *fateixa*, dá sómente os dois primeiros significados. Em qualquer acepção vê-se porém que é um objecto com ganchos ou unhas para aferrar, segurar: — «e doze arpeos de abalroar com suas fateixas talingadas em cadeias de ferro» — <sup>2</sup>.

O étimo apontado no CONTEMPORANEO, e que o NÓVO DICIO-

<sup>1</sup> Veja-se Padre Rousselot, *LES ARTICULATIONS IRLANDAISES*, Paris, 1899, p. 13.

<sup>2</sup> Fernám Méndez Pinto, *PEREGRINAÇÃO*, cap. LVIII.

NÁRIO escreve *catefe*, é o que foi defendido por Dozy <sup>1</sup>, isto é, transcrevendo as letras árabes por êle apresentadas, قَاتِف. Depois de nos explicar ser regular a representação do som da 7.<sup>a</sup> letra do alfabeto árabe por *f* nas línguas peninsulares, termina dizendo:— « celui [le changement] du *f* en *x* ne l'est pas, mais il faut appliquer ce que j'ai dit dans l'Introd[uction], à savoir, que la dernière consonne, qu'on entendait mal, est souvent changée arbitrairement »—.

Declaro que me não dou por convencido: compreendo perfeitamente a troca entre *t*, *l*, *r*, *n*, consoantes homorgánicas; não aceito, à sombra da regra geral que formulou o abalariado arabista holandês, que um *f* fosse tam mal ouvido, que se representasse por *x*, a não ser que dêsse estranho fenómeno se apresentem muitos mais exemplos.

João de Sousa <sup>2</sup> não traz o vocábulo; Eguílaz y Yanguas sujere فَاتَاخَة, que diz significar crucibulum <sup>3</sup>, isto é, « cadinho ». Se tal palavra existe em árabe, não sei; nos dicionários que pude consultar não a encontro; mas ainda quando exista, a significação de modo nenhum convém. Outro tanto direi de فَاتَاخَة, a que no Vocabulário árabe-francês de Belot se dá como correspondente o francês *fusée*, e que pela sua estrutura mais se compadeceria com a palavra portuguesa.

Deduz-se de tudo isto que as palavras árabes que fonolójicamente poderiam produzir a portuguesa *fatei.ca.* ou *fatera*, são inaceitáveis em razão dos seus significados; e que a única, apresentada por Dozy, e cuja significação se acomoda às do vocábulo português, tem de ser rejeitada por causa da sua incompatibilidade fonética. O *f* só pode provir das letras 6.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup>, 20.<sup>a</sup>, ou 26.<sup>a</sup>, o *x* sómente da 13.<sup>a</sup>, e não há vocábulo árabe que, com significação apropriada, satisfaça a tais condições.

<sup>1</sup> GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869.

<sup>2</sup> VESTIGIOS DA LÍNGUA ARABICA EM PORTUGAL.

<sup>3</sup> GLOSARIO DE LAS PALABRAS ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL.



Sobre o significado do vocábulo arábico *fataixx* escreve-me snr. David López que Dozy, no seu Suplemento aos dicionários rabes dá a seguinte definição:—«*sac de papier dans lequel on met de la poudre et qu'on attache à un roseau; mis en contact avec le feu, il vole dans l'air comme des serpents arlents*»—<sup>1</sup>. É pois «foguete».

### fato, fateiro

Esta palavra é germânica, conforme Frederico Diez <sup>2</sup>: alto alemão antigo *fazza*, a que nos outros dialectos germânicos correspondem formas com *t* em vez da dúplici *z* (= *tç*) do alto alemão. Parece que nesses dialectos significa «roupa de vestir».

Na realidade, o vocábulo *fato* aplica-se em português a vestidos, com excepção dos que se chamam *roupa branca*. Antes, porém, teve significados muito diversos, e no de «rebanho de abras» coincide ainda com o castelhano *hato*, anteriormente *ato*.

Nos seguintes trechos, todos extraídos das BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, do Padre António Francisco Cardim, vê-se a evolução do significado:—«puseram o fato na rua para o confiscar»—, isto é, «mobília e todo o trem de casa» <sup>3</sup>.

—«fazendo muitas vexações nos christãos, para delles tirarem fato e dinheiro»—, isto é, «fazenda» <sup>4</sup>.

—«registam [revistam] as pessoas e o fato»—<sup>5</sup>.

Em uma aceção particularíssima é empregado êste vocábulo pelo Padre Gaspar Afonso, na sua castiça e interessante «Relação da viagem e successo da nau Sam Francisco»:—«candeia e

<sup>1</sup> SUPPLÉMENT AUX DICTIONNAIRES ARABES, II, 239 b.

<sup>2</sup> ETYMOLOGISCHES WÖRTERBUCH DER ROMANISCHEN SPRACHEN, Bonn, 1870, II, *sub v. hato*.

<sup>3</sup> Lisboa, 1894, p. 104.

<sup>4</sup> *ib.*, *ib.*

<sup>5</sup> *ib.*, p. 281.

fogo se dá em cada fato, como elles chamam ás casas em que moram os Senhores [na Ilha Espanhola ou Haiti] > —<sup>1</sup>.

*Fateira*, affectiva, vem no Suplemento ao Novo Diccioário, como termo transmontano, por exemplo em *arca fateira*, «arca para arrecadar a roupa». V. **roupa**.

fava, faxina, feixe, feixota

Este vocabulo representa o latim *fascia*, «atado», e portanto deve escrever-se com *x*, e não, *ch*. É natural que o seu étimo immediato seja *fascia*, com metátese de *se*, em *ca*, como *feixe* > *taesis* por *fascis*; cf. *pere*, *peixe* > *picsem* por *picem*. *Faxina* (e não, *fachina*) é um derivado, provavelmente de origem italiana, onde *fascina*, designa «braço de lenha».

Acrésc. de *faxina*, como unidade de lenha, equivalente a 60 K. em aclas, veja-se o Suplemento ao Novo Diccioário, onde se encontrarão outras accepções do vocabulo.

*Fava*, com o significado de *feixe* é transmontano: — «A outra mala tinha-a em casa no meio de uma fava de palha» —<sup>2</sup>.

Outro termo da mesma origem, *fascis*, é *feixota*: — «O ladrilhado ou calçada do piso conserva-se meio occulto pelas franças e granelos de plomo que em feixotas, se applica [sic] a combustivel na lareira» —<sup>3</sup>. Não prima por correcção gramatical o exemplo, mas não tenho outro para o substituir. V. **facha**.

febra: fêvera

F. Adolfo Coelho denominou em portuguez FORMAS DIVERJENTES as diferentes evoluções que uma forma primordial adquire.

<sup>1</sup> *in* BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLV, p. 46.

<sup>2</sup> VILLA-REALENSE, *in* «O Economista», de 24 de fevereiro de 1889.

<sup>3</sup> J. da Silva Peão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALENTEJO, *in* Portugalia, I, p. 541.

produzindo vocábulos diversos, como por exemplo *régua* e *regra*, ambos procedentes do latim *regula*, sem adjunção de outro elemento de derivação, prefixo, infixo ou sufixo, e só pela acção de leis fonéticas distintas, exercidas em períodos diversos da evolução de uma língua. A este fenómeno dão os franceses o nome de *doublets*, e os alemães o de *scheideformen*. A denominação hoje mais adoptada é a de *alótopos*, que quere dizer, como é sabido, « vários, mudáveis », e, neste sentido particular, « que tomam direcções diversas ».

Assim como de um só vocábulo provém mais de um, por efeito de leis fonéticas diferentes, que nele operaram; do mesmo modo, de duas ou mais dições distintas pode resultar um vocábulo só, em que se compendiam, se reúnem os significados de todas, porque a operação de leis fonéticas as reduziu a um único produto, identidade conseqüente de forma em uma dada língua, ou em mais, comparadas entre si. Vou referir-me aqui sómente à primeira destas hipóteses, exemplificando-a com o português. A palavra *fiar* compreende os significados das duas latinas *fidare* e *filare*, e a homonímia é devida, não a processo psicológico, a evolução de significado, mas à operação de uma lei fonética, fisiológica portanto, a bem dizer mecânica, a queda normal de *d*, ou de *l* na posição fraca, isto é, entre vogais, em português, o que é uma das características que o diferencia, com relação ao latim e a outros idiomas deste derivados. Outros exemplos do efeito dessas leis fonéticas são: *se*, correspondendo ao latim *si* e *se*; *prego* de *plico* e *praedico*; e não já em vocábulos distintos, mas em formas diversas do mesmo vocábulo, *só* de *solum* e *solam*, *amava* de *amabam* e *amabat*, etc.

Alguns desses homónimos diferencia-os a ortografia usual, com melhores ou piores fundamentos, como *vale* e *valle*, *pena* e *penna*, *retrato* e *retracto*, *cear* e *ciar*, *soar* e *suar*, *pus* e *puz*; outros não os diferencia, devendo fazê-lo, como *concertar*, conecso com *certo*, e *concertar*, « compor » (melhor *consertar*, de *consertus*, particípio pretérito passivo de *conserere*); outros, conquanto homónimos na língua literária, não o são em alguns dialectos, como *lenho* e *lanho*, *tacha* e *taxa*, *nós* e *noz*, *passo* e

*paço, osso e ouço, cozer de \* cocere por coquere, e coser de cons(u)ere, e a ortografia usual avisadamente os conserva distintos.*

Nenhuma língua europeia mais do que a francesa falada apresenta dêsses homónimos; bastará citar as formas *sã* (escrita *sans, sang, sent, cent*), e *sē* (*sain, saint, sein, seing, ceint, cinq*): dez vocábulos reduzidos a dois.

É no sentido de conservar distintas pela escrita formas unificadas pela pronúncia, que se diz serem as ortografias etimológicas essencialmente conservadoras das línguas literárias; e é facto que, pelo menos nas pessoas que possuem conhecimentos literários, essas ortografias exercem certa influência impeditiva de alterações extremas nos vocábulos.

Quando esse critério desaparece, ou quando uma língua teve larga cultura literária antes que êle se manifestasse, o império das leis fonéticas determina empobrecimento no vocabulário, pela produção de muitos homónimos, e alterações fundamentais na gramática pela confusão de formas anteriormente diversas, derivadas de um mesmo radical. No primeiro caso temos homonímia no léxico, no segundo homonímia na morfologia da língua, e esta última tende a imprimir-lhe carácter diferente.

Dá-se a êstes fenómenos de unificação o nome de HOMEÓTROPOS, FORMAS CONVERJENTES, chamando assim àquelas que resultam de duas ou mais orijinárias. Vê-se que êste processo é o contrário do que primeiro indiquei—o de FORMAS DIVERJENTES ou ALÓTROPOS, o qual é um meio eficaz de uma língua se enriquecer, ao passo que o outro determina a sua depauperação, como disse.

Do mesmo modo que dois ou mais vocábulos ou formas distintas podem, como vimos, pela operação de leis fonéticas, adquirir na passagem de uma a outra língua, ou dentro da mesma língua, uma forma única, na qual se resumam os significados de todos êles; assim também de dois ou mais vocábulos, procedentes de línguas diversas, pode resultar um que compreenda as significações daqueles de que provém, figurando falsamente essa operação fonética como um produto puramente psicológico,

a evolução do significado primitivo de um dêles, o que se chama «desenvolvimento de significação», ACEPÇÕES DIVERSAS de um vocábulo, ou SEMEIOLOGIA, SEMÁNTICA.

Nestas circunstâncias creio eu que está o que acima citei: *fèvera*, *fevra*, ou *febra*, ao qual atribuo étimos distintos, conforme os seus dois principais significados.

Bluteau dá-lhe a seguinte série de significações:— «FEVERA, Fèvera ou Fevara, ou (como dizem os Cultos) *Fibra*. As feveras são como huns fios de carne que se achão nas extremidades do figado, dos bofes, etc. *Fibra*, *æ*, Fem. *Cic*.

Feveras do açafraão... de algumas raizes que tem fibras diz Plinio...

Homem de fevera: Vid. Alentado. Valente.

Fevera, ou carne de fevera, he carne sem osso nem gordura. *Pulpa*, *æ*, Fem. *Pers* —.

À falta de melhor, poderia talvez, com grande violência, deduzir-se do primeiro o último dêstes significados, supondo-o uma ampliação particular de sentido, como o são os intermédios. Assim teem feito, que eu saiba, todos os etimólogos que dêste vocábulo se ocuparam.

F. Ad. Coelho, no seu DICCIONARIO MANUAL ETYMOLOGICO DA LINGUA PORTUGUEZA, diz o seguinte:

— «Febra, fêbra; a parte musculosa dos vertebrados comestíveis. V. Fibra. Nome de diversos filamentos vegetaes. Filamento textil. Nervos, força, valor. (Lat. *fibra*)» —.

O DICCIONARIO CONTEMPORANEO DA LINGUA PORTUGUEZA que dá, além de *fibra*, três formas, *fèvera*, *fevra*, *febra*, referidas a esta última as outras duas, atribui também a todas a etimologia latina *fibra*.

A última significação de Bluteau é aí dada como 2.<sup>a</sup>, e por F. Ad. Coelho como 1.<sup>a</sup>. Diez [ETYM. WÖRTERBUCH DER ROMANISCHEN SPRACHEN] não traz êste último significado, e dá como étimo de *febra* igualmente o latim *fibra*. Körtling [LATEINISCH-ROMANISCHES WÖRTERBUCH, n.º 3221], faz o mesmo, e é provável que a ambos passasse despercebida a definição especial que Bluteau dá como última.

João de Sousa omite o vocábulo *febra* nos VESTÍGIOS DA LINGUA ARABICA EM PORTUGAL, e é portanto de presumir que também lhe atribuisse origem latina.

Outro tanto podemos dizer de Dozy e Engelmann [GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE], conquanto o primeiro destes orientalistas fizesse em outra obra<sup>1</sup> menção do vocábulo arábico de que me vou ocupar; vê-se porém que o não considerou representado na Península Hispânica.

Eguílaz y Yanguas também o não menciona no seu GLOSARIO ETIMOLÓGICO DE PALABRAS ESPAÑOLAS... DE ORIGEN ORIENTAL, e é mesmo de supor que o arabista espanhol desconheça o significado especial do vocábulo em português, língua que, com as mais da Península, foi incluída no Glossário.

O latim *fibra*, pois, tem sido para todos os etimólogos a origem do português *febra*, em todas as suas acepções. A conclusão seria talvez legítima, apesar de o *b* medial latino permanecer, em vez de se mudar em *v*. como devera acontecer, visto o vocábulo ser popular: seria legítima, repito, até facto positivo que a invalidasse; agora, porém, creio poder demonstrar que já o não é.

Convenci-me disto ao ler, com toda a atenuação que merece um excelente trabalho apresentado por Hermano Almqvist ao Congresso dos Orientalistas, celebrado em Estocolmo e Crímania no anno de 1889. Esse trabalho foi publicado no 1 fascículo do referido Congresso, que contém a Secção Semítica: intitula-se «Kleine Beiträge zur Lexikographie des Vulgärarabischen», «Pequenos subsídios para a lexicografia do árabe vulgar», título em demasia modesto, se o compararmos à grande valia desse estudo escrupulosíssimo e minucioso, resultado de observações directas do seu autor, feitas durante uma residência de trinta meses na Síria, Egipto, Núbia e Sudão, como no-lo diz em um breve prefácio.

A páj. 371 e 372 do fascículo mencionado, no qual a dita memória ocupa de páj. 260 a 469, veem dois artigos, subordinados

<sup>1</sup> Citada por Almqvist na memória a que vou já referir-me.

à epígrafe *Speisen*, « Comidas », e intitulados 'eras *habra* e *habra mamdada*, denominações vulgares de guisados ali usuais. Em ambos o vocábulo *habra* é definido como significando « carne sem osso nem gordura » — « *das fett- und knochenfreie Fleisch* . . . *Viande sans os* . . . *Viande sans graisse* » —.

Cherbonneau, no seu Dicionário arábico-francês [Paris, 1876] diz a páj. 1302:— « *hebar*, chair. Pulpe des fruits » —, e deriva o vocábulo do verbo *habar*, « amputer », acrescentando outro verbo derivado, *ahabar*—« être bien en chair »—. Concluo que êle atribui aos caracteres arábicos do substantivo indicado, e de que não dá os pontos vogais, a pronúncia *hebar*, porque no seu Dicionário francês-arábico encontro:— « Pulpe, s. f. des fruits » —, depois o vocábulo indicado, expresso em caracteres arábicos, também sem vogais, e a sua transcrição em letra itálica, *hebar*.

Em um léxico hebraico-inglês vejo *hābar*, dado como vocábulo arábico, com a significação de— « that which cuts »—o que corta—.

Vê-se pois que é êste um termo de carnicaria, e dêles ocorrem-me de orijem arábica evidente os seguintes, em português: *acém*, *açougue*, *alcatra*, *magarefe*, *rês*, fora outros mais.

A definição pois do vocábulo *habar*, *hebar*, *habra*, *hebra*<sup>1</sup>, conforme as pronúncias, dada pelo sr. Almqvist concorda em absoluto com a aduzida por Bluteau, e tal significação continua a ser, pelo menos no sul do reino e em parte do domínio transmontano, senão em todo, usualíssima, com a pronúncia mais comum *febra*, como a traz o Dic. de F. Ad. Coelho já citado.

O autor da Memória, alegando autoridades, apresenta-nos também a forma '*habra*, isto é, com  $\zeta$  em vez de  $\varepsilon$  (*h*) inicial, o que em nada influi na nossa inquirição. Com efeito, quer a palavra comece por uma, quer por outra destas consoantes, o facto é que, nos vocábulos que do árabe passaram ao português

<sup>1</sup> Sobre *e*, correspondendo na Península Hispânica ao  $\text{FATHAE}$  (*a* . . . *e*) seguido ou não de  $\text{h}$ , veja-se Dozy et Engelmann, GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, p. 26 e 27.

por mera audição, o *f* é o representante de qualquer dêsses sons (e também do *ç*, ou *j* castelhano actual=*ʝ*), se o vocábulo foi introduzido no tempo do domínio ou permanência de mouros na Península; sendo esta uma das características de que qualquer palavra árabe pertence a essa primeira importação, tanto em Portugal, como em Espanha, onde em castelhano esse *f* e o proveniente do *f* árabe seguiram ao depois o *f* latino inicial na permutação para *h*, ainda pronunciado na Andaluzia e na Estremadura Espanhola, mas nulo hoje no castelhano do resto da Espanha.

Digo ser essa uma das características dos vocábulos arábicos pertencentes ao fundo das línguas românicas da Península, a que chamarei de primeira formação, popular ou espontânea. Há de haver outras características fonéticas, mas aqui não procurarei determiná-las, conquanto me pareça ser êste o trabalho geral que há a fazer com relação a vocábulos hispânicos de tal proveniência, os quais podem dividir-se em três períodos:

1.º Popular. Abranje os que o povo, desde o VIII até o XIV século, aprendeu de os ouvir à numerosa população moura que habitava na Península: êsses constituem parte essencial do vocabulário peninsular: tais são quasi todos os que começam por *al* ou *a*, representativos do artigo arábico, os nomes de terras e outros próprios.

2.º Literário. Compreende as palavras que os nossos escritores e os espanhóis, que sabiam melhor ou pior o árabe, introduziram nas línguas hispânicas, empregando transcrição consciente, ou das suas letras, ou dos vocábulos, conforme os ouviam proferir; tais são *xarije*, *turjimão*, etc.

3.º Estrangeiro. O árabe é totalmente ignorado, e os vocábulos entram por vias indirectas, com as transcrições estrangeiras, já caprichosas, já científicas, das línguas donde são recebidos immediatamente. Nesta última categoria estão incluídos vocábulos como *sofá*, *almeia*, forma absurda, tirada do mau francês *almée*, etc.

Voltando ao nosso tema, devo ainda dizer que a palavra *febra*, com o significado que tem o árabe *hebra*, *habra*, ou *habar*, só existe em português, sendo alheia aos outros idiomas ro-



mánicos. O castelhano *hebra*, antigo *febra*, sómente compreende as três primeiras acepções dadas por Bluteau, as quais todas procedem do latim *fibra*; assim diz-se, por exemplo, *tabaco en hebra*, «tabaco em fio»; e d'êste vocábulo se deriva o verbo *enhebrar*, com a significação de «enfiar».

Direi mais que parece ter-se dado confusão entre os dois vocábulos *fêvera*, de *fibra* e *febra* de *habra* ou *hebra* arábico; homonímia que é naturalmente moderna, e poderia evitar-se, reservando-se essa última forma unicamente para o último significado, que coincide com o do vocábulo arábico, morfológica e ideolójicamente, tanto mais que *febra* é no sul a pronunção corrente, conquanto aí se diference perfeitamente e com toda a regularidade *b* de *v*.

Assim, parece-me que nos nossos dicionários há a fazer as seguintes correcções:

**febra** (V. **fêvera**): carne limpa de osso e gordura, para alimento [árabe *habra* ou *hebra*, ainda hoje de uso jeral nos países de língua arábica, e que deve ter passado a português nos tempos da dominação maometana, como o indica a mudança de *h* para *f*. (Cf. *refêm* } **RAEN** = *rafen*, com *h* sonoro)].

.....  
**fêvera** (ou *febra*, com o qual se confundiu, e de que deve differenciar-se): nome de diversos filamentos vejetais; filamento téxtil, etc. Cf. o castelhano antigo *febra*, moderno *hebra*, «fio». Do latim *fibra*, por mudança de *ï* em *e* (cf. *cedo* { *cito*), de *b* em *v*. (Cf. *livro* { *librum*), e intercalação de *e* átono desunindo as duas consoantes consecutivas (cf. *fevereiro* { *februarium*)<sup>1</sup>.

Êste vocábulo sujere ainda outra acepção de *fêvera* { *fibra*, que se deduz do prolóquio *lá vem o fevereiro com as suas fêveras todas*, no qual *fêveras* equivale a «frijagem», e é palavra inventada, com influéncia necessária de *fevereiro*.

---

<sup>1</sup> Êste artigo foi já publicado na REVISTA LUSITANA, de onde o extrato, com pequenas alterações na redacção.

fecho, fechar

*Fecho* é o latim *pestulum* por *pessulum*, com mudança da inicial *p* em *f*, bastante rara; a de *stl*, *pest' lum*, em *ch*, é perfeitamente normal [cf. *macho* { masc(u)lum}]. Esta etimologia, apresentada não me recorda por quem primeiro, está admitida, e para confirmação dela basta citar o galego *pechar*, correspondente ao português *fechar*, e o castelhano *pestillo*, « fecho de correr », que é o latim *pestillum*, outra forma diminutiva, paralela ao *pessulum* citado.

Cf. ainda *fescoço* = *pescoço*, e v. **data**.

feijão

Este vocábulo português representa o latim *phaseólum*, com mudança de sufixo, isto é, *-on* por *-ol*: cf. *españón* e *español*.

De um artigo, publicado em tempo no jornal de Lisboa O REPORTER <sup>1</sup>, extrato para aqui a copiosa nomenclatura portuguesa deste legume, abreviando as definições:

*Feijão branco*: ou é de veia, ou sem veia no casulo. O feijão de veia é só bom para saco (para secar); o feijão para comer em verde não tem veia. Há também *feijão de vara*, que é o que se enrosca pela *rodeiga*, e o feijão *capão*, que é o que fica rasteiro: também se lhe chama *carrapato*, por ficar assim pequena a planta.

No feijão branco há também um que é muito graúdo, chamado *calço de panela*, pois cada feijão entende-se que pode *calçar* uma panela, que é sempre de ferro, e tem três pés; a de barro e sem pés chama-se *chaspá* (q. v.).

<sup>1</sup> 17 de junho de 1897.

*Feijão preto* diz-se que é assim por qualidade, outros dizem que é degenerado.

O *feijão chicharo* ou *fradinho* tem êste nome provavelmente por ser pequeno, e por ser muito usado nos conventos para o caldo da portaria.

O *feijão de vagem branca* é branco emquanto tenro, e o *feijão arroz* chama-se assim por ser muito meúdo.

O *feijão-de-sete-semanas* é o mais temporão porque dá fruto cinco semanas. É amarelo.

É dos primeiros a semear-se na primavera, porque se o tempo lhe corre bem, perto do Sam João está carregado de vagens. Não é palhento como o das outras castas.

Há mais as seguintes castas: *feijão rajado*, *feijão-de-bico-de-sacho*, *feijão coimbrês*, *feijão vianês*.

Às diferentes qualidades de feijão chamam em Trás-os-Montes *gradura*:— «Boa horta! Muita soma de feijão para verde, muita hortaliça, e inda por cima muita *gradura!*»—.

#### feira, feirar, feirão, feirante

O substantivo *feirão* não figura nos dicionários, mas sim *feirante*, que é o mais usado no sul, e designa «a pessoa que tem barraca ou quitanda em feira». Na GAZETA DAS ALDEIAS, publicação <sup>semanal</sup> mensal do Pôrto, e que é um belo repositório de termos vernáculos, vemos empregado o dito substantivo no trecho seguinte:— «Não seria conveniente levar lá [à feira de abelhas que se realiza em Sobrado, próximo de Valongo nos dias 24 e 25 de julho] colmeias móveis, pois os feirões que concorrem ao mercado, o que buscam é mel e cêra?»—.

Vê-se por êste passo que *feirão* é quem concorre à feira «para comprar», entanto que, no sul, *feirante* é, como disse, aquele que ali se estabelece «para vender».

O verbo *feirar* está abonado com o seguinte trecho do ALFA-JEME DE SANTARÉM, de Almeida Garrett:

— « Feiras, feiras, tuas nobres senhores:  
São lindas armas

Palmas e Amores,

Que mais lindas são » —<sup>2</sup>.

### feitizo

Em primeiro lugar cumpre advertir que esta palavra foi, em português, adjectivo, quer provenha de *facticium* { *factum* { *facere*, « fazer », quer de *ficticium* { *fictum* {  *fingere*: — « os bonzos não osaram a se determinar no que entre si trazião falmidado, que era, sagando depois seubomos, ordenarem hum arruido feitizo [fingido], em que matassem o padre e a nós todos com elle » —<sup>2</sup>.

*Feitizo*, como substantivo, tem três significações:

A primeira é « bruxaria »: — « com receio de que lhe fizesse feitizo » —<sup>3</sup>; e em texto mais antigo:

— « Se vossa alteza quiser  
Ver os feitizos que eu faço » —<sup>4</sup>.

A segunda significação é « objecto com que se faz a bruxaria »: — « A lagartixa que certo feiticeiro poz na couceira da porta de hum lavrador, a qual em todo o tempo, que ali esteve, nem a molher, nem animal algum de casa poria, era feitizo » —<sup>5</sup>.

A terceira é muito especial: — « O feitizo é o armazem onde se fazem os pagamentos aos indigenas [no Zaire]. É uma especie

<sup>1</sup> Acto II.

<sup>2</sup> Fernám Méndez Pinto, PEREGRINAÇÃO, cap. CCXI.

<sup>3</sup> Azevedo Coutinho, CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902.

<sup>4</sup> Gil Vicente, AUTO DAS FADAS.

<sup>5</sup> Bluteau, VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO.

de taberna, com um pequeno balcão junto da porta e toda a capacidade interior tomada por fazendas » —<sup>1</sup>.

Como ídolo, sentido em que se diz, mas se não prova, ter sido derivado de português o termo francês *fétiche*, não há abonação verdadeiramente vernácula; em tal acepção o termo usado em português é *manipanso*. Neste pressuposto, parece-me êrro denominar *feiticismo* o período de concepções relijiosas a que os franceses chamam *fétichisme*.

De *feitiço* procede *feiticeiro*, *feitiçaria*, *enfeitiçar*, etc.

Sôbre o vocábulo *feitiço* é digno de leitura o que P. A. de Azevedo escreveu com o título de SUPERSTIÇÕES PORTUGUESAS NO SÉCULO XV, servindo de aclaração a vários documentos que publicou<sup>2</sup>; veja-se também Bluteau (VOCABULARIO, *loc. cit.*).

#### feitor

Sentido particular, isto é, o de «fabricante» adquiriu êste vocábulo no norte do reino:— «Para a obra de encomenda escolhe *feitores*—, porque os ha especialistas» —<sup>3</sup>. É um bom termo para expressar o que os romanos denominavam *faber*, «artífice».

#### felipina, filipina

Designa êste termo uma mistura de água, aguardente branca e açúcar. A orijem dêste nome já de relance foi indicada no Suplemento ao NÓVO DICIONÁRIO, e é a seguinte:

No largo do Pelourinho, aí pelo primeiro até segundo quartel do século passado, existiu uma aguardentaria pertencente a

<sup>1</sup> Relatório do juiz Francisco António Pinto, *in* O ECONOMISTA, de 19 de março de 1885.

<sup>2</sup> *in* REVISTA LUSITANA, IV, p. 197 e 198.

<sup>3</sup> Rocha Peixoto, AS OLARIAS DO PRADO, *in* Portugalia, I, p. 267.

Marcos Felipe, que também tinha por sua conta o botequim da Praça do Comércio, que ao depois passou para as mãos do Martinho, que lhe transmitiu o nome, bem como ao do largo de Camões: também se lhe chamou o *botequim da neve*. Parece ter sido o Felipe quem deu nome à *felipina*, a que se refere Garrett no prefácio à *LYRICA DE JOÃO MINIMO*:— «com o charuto na bôcca e o ponche ou a philippina na mão»—.

Segundo se declara em nota, foi isto escrito em 1825, época em que estaria em voga o tal botequim.

#### fenasco

Na Índia portuguesa *fenasco* é o nome que se dá à *uraca*, ou aguardente, em concani *feni*, nos caracteres devanágricos transliterados *feni*.

#### féñdi, eféñdi(m)

Esta palavra é uma forma abreviada, talvez berberisca, do vocábulo turco *eféñdi*, que é o tratamento usual que empregam os turcos, como termo de cortesia, equivalendo a «senhor». Foi usado por João Carvalho Mascarenhas, na «Memorável relação da perda da nao Conceição»:— «Fendi, eu é verdade que tambem sou dos que queriam fugir»—<sup>1</sup>.

A acentuação, que no texto não está marcada, é na penúltima sílaba.

É preferível dizer *eféñdi*. Com o sufixo *-m*, *eféñdim* equivale a «meu senhor».

#### feno, feneiro

Em castelhano existe um vocábulo que nomeia o local onde se arrecada o feno, *heno*, isto é, *henil*. Em português chama-

<sup>1</sup> in BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLVII, p. 109.

-se-lhe geralmente *palheiro*, o qual propriamente devera designar aquele em que se armazena a palha, mas que além disso tem outros significados, como por exemplo nos dois excertos seguintes:— « Os pescadores da costa de Lavos habitam em casas de madeira, chamadas *palheiros* <sup>1</sup>;— « Pelos meados d'este seculo Espinho era uma agglomeração de *palheiros* » <sup>2</sup>.— « Foi sendo móda entre as familias ricas da *Terra da Feira*, irem para alli tomar banhos e muitas d'ellas alli construíram *palheiros* proprios. Ao principio era móda serem feitos de tábuas, depois alguns os construíram de pedra e cal, mas terreos » — <sup>3</sup>.

três #

Na excelente publicação semanal GAZETA DAS ALDEIAS <sup>4</sup>, num artigo assinado por M. Rodriguez de Moraes, lê-se êste trecho:— « arrecadando-as [as plantas] em abrigos, feneiros ou *palheiros* apropriados onde se conservam os fenos » —. É, sem dúvida, um neologismo, visto que nenhum dicionário mencionou tal vocábulo; merece todavia ser aceito, porque supre uma falta, e está formado em perfeita analogia com as palavras *palheiro*, *espigueiro*, etc.

Ficaremos assim com duas designações diferentes, inteiramente inteligíveis; *palheiro*, « armazém para a palha », *feneiro*, « armazém para o feno », do mesmo modo que em castelhano se distingue *pajar* de *henil*.

fero

No Minho tem o sentido de « robusto, válido ». — « Teve de ir a Vianna, onde o deram por fero » — <sup>5</sup>.

<sup>1</sup> Portugalia, I, p. 383.

<sup>2</sup> *ib.*, p. 85.

<sup>3</sup> Pinho Leal, PORTUGAL ANTIGO E MODERNO, III, p. 63.

<sup>4</sup> de 28 de maio de 1905.

<sup>5</sup> Alberto Pimentel, A PRINCEZA DE BOIVÃO.

## ferrar, ferrão, ferreta

*Ferreta* é o nome que se dá no Minho ao bico de metal do fuso, do peão, etc.:—«O fuso... o terço restante, chamado ferreta, é de metal»—<sup>1</sup>.

Denomina-se *ferrão*, em geral, a choupa ou ponta de ferro dos *paus ferrados*, e por analogia o aguilhão dos insectos, se é que, neste último sentido, a analogia não foi estabelecida pelo verbo *ferrar*, que no norte significa «picar, *morder*».

## ferrejo, forrejo, ferrejial, ferrajial

*Ferrejo* ou *forrejo*, no Riba-Tejo, é «milho em verde, não sachado»; e no Algarve parece ter o mesmo significado:—«Os ferrejos estão excelentes»—<sup>2</sup>.

—«As terras que cercam o «monte» chama-se-lhes ferrajias»—<sup>3</sup>.

## ferroba

Esta forma, por *alfarroba*, que é a usual, não vem nos dicionários. Encontrei-a na «Relação do naufrágio da nau Santo Alberto», de João Baptista Lavanha:—«arvoredo com fruta mui amargosa da feição de ferrobas»—<sup>4</sup>.

É o mesmo vocábulo, isto é o árabe *AL-HAĀRUB* <sup>5</sup>, mas sem o

<sup>1</sup> Portugalia, I, p. 371.

<sup>2</sup> O ECONOMISTA, de 17 de maio de 1883.

<sup>3</sup> J. da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, in Portugalia, I, p. 274.

<sup>4</sup> in BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLIV, p. 52.

<sup>5</sup> João de Sousa, VESTIGIOS DA LINGOA ARABICA EM PORTUGAL, Lisboa, 1830.



artigo AL, e com enfraquecimento do *a* pretónico em *g*: cf. *rezão*, forma popular em vez de *razão*.

Outra palavra arábica, que esporadicamente aparece sem o artigo AL, que em geral a acompanha, é *comonia*, por *alcomonia*, na «Memoravel relação da perda na nao Conceição», de João Carvalho Mascarenhas (1627) <sup>1</sup>.

#### fescoço

No Alentejo diz-se *fescoço* por *pescoço*. É uma mudança dialectal idéntica àquela que de *pestulum* produziu *fecho* (*q. v.*) na língua comum. V. **pescoço**.

#### fiambre

Este vocábulo é castelhano, e não português [*v. deslumbrar*].

O que é português é a sua especialização, ao aplicar-se ao *presunto*. A forma portuguesa era *friame*, derivada, como a castelhana, de *frigidamen*, *frigidaminis* <sup>2</sup>.

#### fidalgo, fidalga, fidalguinho

Como é há muito tempo sabido, *fidalgo* é uma polissíntese de *filho-de-algo*, cujo significado próprio se perdeu, a ponto de se dizer *fidalga* e *fidalguinho*, em vez de *filha-d-algo*, *filhinho-d-algo*.

*Fidalguinho dos jardins* <sup>3</sup> é o nome que dão no norte à

---

<sup>1</sup> vol. XLVII, p. 44, da BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES.

<sup>2</sup> D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, in REVISTA LUSITANA, III, p. 166.

<sup>3</sup> D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, in REVISTA LUSITANA, III, p. 170.

flor que também se chama *lúio* (q. v.), o *bleuet*, ou *bluet*, francês, uma das raras flôres, verdadeiramente azuis, cõr muito rara no reino vegetal.

Numa acepção muito especial é este deminutivo empregada, como vemos do trecho seguinte:— «Estes macacos são oriundos da America do Sul e conhecidos no Brazil por macaco *prego* ou *mico chorão*. Entre nós, sem que saibamos porquê, tem o nome vulgar de *Fidalquinho*» —<sup>1</sup>.

Dissera antes, ser o dito quadrúmano do género *Cebus* (*C. fatuelus*). O NÓVO DICIONÁRIO já registou esta denominação como sendo de Lisboa, não porém com tamanha individualização, e sem a abonar, conquanto a marque como inédita.

### figle

É o nome de um instrumento de vento, feito de metal. O étimo é o francês *ophicléide*, artificialmente formado de dois vocábulos gregos, *ÓP'IS* «serpente», *ΚΛΕΙΣ*, *ΚΛΕΙΔΟΣ* «chave». Pela formação parece que o nome caberia melhor ao chamado *serpentão*.

A forma mais antiga, e menos corruta, que appareceu em escrito português, foi provavelmente *figlid*, transcrita de um cartaz ou programa de 1847, por João de Freitas Branco, em uma das eruditas e substanciosas notícias teatrais que em tempos publicava no jornal A VANGUARDA:— «Executar-se-hão umas variações de Figlid (*figle*, dizemos nós)» —<sup>2</sup>.

### figo, figueira

A nomenclatura desta apreciadíssima fruta, da qual direi que nada gosto, é principalmente algarvia, pois é nesse extremo sul

<sup>1</sup> O SECULO, de 5 de novembro de 1905.

<sup>2</sup> 11 de dezembro de 1899.

o reino que a sua cultura e o preparo do fruto sêco mais predominam. É extensíssima, copiosíssima, a enumeração das suas diferentes qualidades, e não é aqui o lugar para procurar exaustivamente a sua origem. Citarei apenas alguns epítetos, ou menos conhecidos, ou imperfeitamente definidos:— «em ablativo de viagem, o melhor figo, o mais acreditado é o de «comadre»; vem depois o «mercador», o mais reles é o marchante» —<sup>1</sup>.

*Figo de recheio*: contendo amêndoa e canela <sup>2</sup>.

O NÓVO DICIONÁRIO, no Suplemento, inscreveu *figueira* com uma acepção inédita, como própria de Lamego— «espécie de verrugas nas béstas»—. Na GAZETA DAS ALDEIAS lêmos, como expedida dos ARCOS-DE-VAL-DE-VEZ, a seguinte pergunta, com a solução dada pelo veterinário Paula Nogueira:— «Tenho um cavallo de dez a doze annos com *figueiras*, que se vão estendendo desde a ponta da cauda, pela parte de baixo, até ao ânus, chegando a tê-las já na entrada do intestino. Haverá remédio para curar ou ao menos attenuar este mal?—**Resposta**—Pela situação das lesões julgo que as *figueiras* são tumôres melânicos «denegridos», frequentes nos cavallos de côr clara ou russa [sic]. Esses tumôres, característicos da doença chamada melânose, são de natureza maligna. De pouco serve extirpá-los, porque se reproduzem . . . » —<sup>3</sup>.

Advertirei aqui ser errônea a escrita *russo*, em vez de *ruço* (q. v.), castelhano *rucio*, adjectivo que designa côr, e nada tem que ver com o nome étnico *russo*, afim de *Rússia*, em castelhano *ruso*, *Rússia*, em russo *ross*, *Rossia*.

filho, filha, filhastro, filhastrar

A palavra *filho* ou *filha* adquire valor muito especial em várias acepções, acompanhada ou não de epítetos. Assim vemos

<sup>1</sup> O ECONOMISTA, de 5 de novembro de 1885.

<sup>2</sup> *ib.*

<sup>3</sup> 1905, p. 249.

que *filho-do-olmo* em certa aldeia significa « enjeitado:— « De quem é filho este rapaz?— É filho do olmo.— O pae das creanças *sem pae* é aquella árvore enorme, que ali vêes, é o olmo. Quando a vergonha ou a miseria pode mais que o amor maternal, as creanças são depositadas n'aquellas pedras que circumdam o olmo, e lá choramingam até que passe o primeiro lavrador, que as agasalhe em casa e as endireite na vida » —<sup>1</sup>.

— « *The fatherless are the care of God* » —<sup>2</sup>:— Deus é o pai dos órfãos —, pater orphanorum [Salmo XLVII, v. 5].

FILHO DA CASA, designa o individuo estranho, nela criado, às vezes nascido:— « via-se que ambas [as reclusas do Aljube, em Lisboa] se achavam satisfeitas com a reclusão... radiantes por serem filhas da casa » —<sup>3</sup>.

Em jiria *filhos do mosqueiro* são uma especialidade entre os larápios:— « *Filhos do mosqueiro* são pois os gatunos que se introduzem no interior das casas, a occultas dos seus locatarios » —<sup>4</sup>.

No NÓVO DICIONÁRIO (Suplemento) vemos o verbo *filhar*, como transmontano, com o significado, a meu ver duvidoso, « compreender »; a não ser que se ampliasse arbitrariamente o verbo *filhar*, « colhêr ».

Na mesma verba relaciona-se, em dúvida, êste verbo com a palavra castelhana *hijastro*, que quere dizer « enteado ». Não vejo a mínima relação de significado entre os dois vocábulos; existe relação, mas é formal. *Hijastro*, dantes *fijastro*, é o latim *filiastrum*, citado por Isidoro Hispalense, derivado de *filium*, com um suficso que se tornou pejorativo. Sôbre tal suficso diz-nos Miguel Bréal:— « O lugar de orijem está no grego, em que havia verbos em -AZŌ, sem significação depreciativa... dêles se de-

<sup>1</sup> António Chaves, in O ALBERGUE DAS CREANÇAS ABANDONADAS, número único, junho de 1903.

<sup>2</sup> Bulwer Lytton, ZANONI, cap. último.

<sup>3</sup> O SECULO, de 28 de abril de 1902.

<sup>4</sup> O SECULO, de 3 de junho de 1902.

rivavam substantivos em -ASTĒR, como ERGASTĒR, «trabalhador». Entre tais substantivos alguns há que parecem conter noção depreciativa: PATRASTĒR, «o que faz de pai», MĒTRASTEIRA, «a que faz de mãe», ELIASTĒR, «a [árvore] que faz de oliveira, o zambujeiro». Aos romanos agradaram palavras destas. Em geral, podemos notar, o que é malévolos passa facilmente de um a outro povo. A língua latina, portanto, possuía as palavras *patraster*, *filiaster* —<sup>1</sup>.

### filhó

Como étimo para este vocábulo, que, como se sabe designa um bôlo de farinha de trigo e ovo, frito em azeite e polvilhado depois com açúcar, propus o latim *follióla* <sup>2</sup>, com assimilação do *o* à palatal *lh*, isto é, a sua mudança em *i* átono. D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos propõe *foliólum* <sup>3</sup>, Baist *foliola*. O que me parece demonstrado é que *filhó*, com *o* aberto e o género feminino, há de provir de um vocábulo latino com a terminação *-ola*, quer feminino, quer plural neutro.

Ora essa forma hipotética tanto pode ser *folliola* plural de *folliolum*, deminutivo de *follis*, «fole», como *foliola* { *folium*, «fôlha».

### fim

Este vocábulo é hoje, na língua literária, e mesmo na comum da conversação, masculino, como o era em latim. Todavia, provincialmente, mantém ainda nalguns pontos o antigo género feminino que tinha.

<sup>1</sup> ESSAI DE SÉMANTIQUE, Paris, 1899, p. 46 e 47

<sup>2</sup> REVISTA LUSITANA, I, p. 211.

<sup>3</sup> *ib.* III, p. 133.

Aqui seguem dois exemplos, um antigo, literário, e o outro moderno, popular:

— « Se os jóvenes amores  
Os mais tem fins desastradas » —<sup>1</sup>.

— « É a fim do mundo! Deus nos acuda! » —<sup>2</sup>. [Freguesia de Pedroso, concelho de Vila-Nova-de-Gaia].

### fios

Este vocábulo, no plural, designa « pano de linho usado, desfido », e em muitos dicionários falta esta aceção: é o que os franceses chamam *charpie*.

Outra aceção especial de *fios* vê-se no trecho seguinte, e também não consta dos dicionários: — « *Fios* — Embora verdadeiros laços, differenciam-se, dos por este nome conhecidos, em serem feitos de um só fio de arame amarello, destemperado, e presos, cada um de per si, a uma vara de urze, chamada *pé*, alguns centímetros cravada no chão » —<sup>3</sup>.

Servem de armadilha, para apanhar pássaros.

### fimal

Era uma joia, feita de metal precioso, ouro ou prata, e adornada com gemas, a qual servia para prender os vestidos:

— « Um fimal d'ua senhora  
C'um rubi  
Pera o colo de marfi » —<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Gil Vicente, O VELHO DA ORTA.

<sup>2</sup> O DIA, de 24 de maio de 1902.

<sup>3</sup> José Pinho, ETHNOGRAPHIA AMARANTINA, A Caça, in Portugalia, II, p. 92.

<sup>4</sup> Gil Vicente, O VELHO DA ORTA.

firmão: v. **formão**

fitas; fito, de fito

Esta palavra dizem corresponder ao latim *uitta*, com mudança de *v* em *f*, esporádica em começo de palavra, isto é, na posição forte; e como em toscano é *vetta*, com *e* fechado, o que rova ser breve o *i* da forma latina, o étimo apontado é bastante suspeito, apesar da coincidência do significado, pois o *i* breve latino dá *e* em português.

FITAS DE MADEIRA, OU DE CARPINTEIRO são as « tiras » que a plaina separa da tábua, e a que também se chama *aparas*, com outros nomes de propriedade, pois estas podem ser tiradas a enxó ou outra ferramenta.

Vocábulo com a mesma pronúncia e escrita, mas de origem diversa, é *fito*, no sentido de « firme », como em *pedra fita*, termo de arqueologia pre-histórica, que se aplica a qualquer pedra artificialmente erguida, por oposição a *pedra balouçante*, « a que está em equilíbrio instável ».

O termo é tirado da nomenclatura vernácula, do onomástico popular, por exemplo, onde encontramos *Pera Fita*, « pedra ficsa » (cf. *Péro*, a par de *Pedro*). Êste adjectivo *fito*, *fito* é o latim *fixtum*, *fictam*, participio passado passivo, concorrente com *fixum*, *fixam*, do verbo *figere*.

A locução adverbial *de fito*, ainda é usual em Trás-os-Montes, com a significação de « pôsto a tôpo »: — « duas grandes pedras postas de pino, ou de fito » —<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Manoel Ferreira Deusdado, O RECOLHIMENTO DA MÓFREITA, in Revista de educação e ensino, 1891.

## flaino

*Andar a flaino* corresponde ao francês *flâner*, e esta locução está abonada em um soneto atribuído a *Bocaje*:

— « Quando hás de consentir, cruel fortuna,  
Ao magro, de olho azul, de côr morena,  
O bem de andar a flaino e de ir á tuna? » —<sup>1</sup>.

É suspeita a atribuição: este terceto é apenas a repetição, nem mesmo a paráfrase, do começo de outro soneto bocajiano:

— « Magro, de olhos azuis, carão moreno,  
Bem servido de pés, meão na altura » —.

## flanco

Este vocábulo, de que hoje se está por galicismo abusando, apenas é português como termo de tática militar. Em todos os outros sentidos cumpre, conforme as circunstâncias, empregar *lado*, *ladeira*, *encosta*, *costado*, *ilharga*, *ilhal*, etc.

## flauta

A forma portuguesa é *frauta*:

— « E não de agreste avena ou frauta ruda » —<sup>2</sup>.

À forma *flauta* atribui P. Marchot, como étimo *flautare* { *fa ut la* <sup>3</sup>.

<sup>1</sup> O ECONOMISTA, de 28 de julho de 1882.

<sup>2</sup> LUSÍADAS, I, 5.

<sup>3</sup> JAHRESBERICHT ÜBER DIE FORTSCHRITTE DER ROMANISCHEN PHILOLOGIE, 6, I, p. 289.



## florada

O NÓVO DICIONÁRIO define esta palavra como sendo o nome de um — «doce de flores de laranjeira» —. Deve ter muito pouco que comer.

No convento de Santa Anna, de Leiria, dá-se êste nome a um doce de ovos que tem a forma de flores. É portanto esta que lhe deu o nome, e não a substância de que o doce é feito.

## florosa

Na Madeira (Ribeira Brava) é a mesma ave que em outros pontos da ilha se denomina *papo-roixo* <sup>1</sup>

## fó

É uma interjeição que expressa repugnância, muito usual na ilha da Madeira, e à qual no continente corresponde *phuh*, com *p* aspirado.

## foca

No Minho, principalmente na margem portuguesa do rio, significa «buraco».

## focar

Feio verbo! É neologismo, e quer dizer «pôr em foco». — «Pede-lhe um instante de paragem, para o focar» —<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Ernesto Schmitz, DIE VÖGEL MADEIRAS, 1899.

<sup>2</sup> O SÉCULO, de 29 de março de 1901.

## foicinha, foicinho, foicinhão

Estão já colhidos em dicionários modernos os dois primeiros derivados de *foice*, ou *fouce* { *falcem*, mas não o está *foicinhão*, que é o nome de uma *fouce* equivalente à gadunha, e com a qual se ceifa a palha:— «Corta a palha o foicinhão»—<sup>1</sup>.

## fole-das-migas

Em jiria de malandrins significa «a barriga». A razão da locução é muito evidente, para que precise de ser explicada.

## folgazão, folgazões

Hoje em dia toma-se na aceção de «divertido, individuo que folga, divertindo-se». Antigamente, porém, o sentido era «mandrião, desocupado», exactamente o do francês *fainéant*, com fundamento na significação própria do verbo *folgar*, «não trabalhar»:— «dahi a tres dias alguns homens folgazões, que são os que ordinariamente davam no mar todo o bom conselho»—<sup>2</sup>.

Ainda hoje o correspondente castelhano *holgazán*, *holgazanes* quer dizer— «persona vagabunda y ociosa, que no quiere trabajar»—, como define o Dicionário da Academia Espanhola, sendo pois o que hoje chamamos *radio*.

## fôlha, folhedeo

A palavra *fôlha* escrevo-a com circunflexo para a differenciar de *folha* = *fôlha*, do verbo *folhar*, como *desfolha* = *desfôlha*,

<sup>1</sup> O ECONOMISTA, de 15 de outubro de 1887.

<sup>2</sup> BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. VII, p. 69.

de *desfolhar*, verbo postulado pelo participio passivo substantivado *folhado*, por exemplo em *pastéis de folhado*.

Não está colijido nos dicionários o colectivo *folhedo*, exemplificado no trecho seguinte:— « Dizimam-nas [às môscas]... com o auxilio do folhedo »—<sup>1</sup>.

#### fontela

— « Em Sanhoane, Fontes, Medrões, etc. (Santa Marta de Penaguião), para se alcançarem os mesmos resultados [a vedação das vasilhas de barro] com a loiça negra de Visalhães, « para lhe tapar as *fontellas* », introduzem-se as vasilhas no forno do pão, deixando-as aquecer até ao rubro; tiradas para fóra verte-se immediatamente em cada uma farello e agua, mechendo rapido »—<sup>2</sup>.

#### foral, fural

Na ilha de S. Miguel (Açôres) dá-se êste nome a uma rua estreita <sup>3</sup>. « Mas é *foral*, ou *fural*? »

#### forçura; fressura

Estranho nome, que se dava às *frisas*, na antiga nomenclatura do teatro. — « 1.º andar das forçuras, preço 2000, 2.º andar, camarotes, 2400 »—<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> José da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, in Portugalia, I, p. 539.

<sup>2</sup> Rocha Peixoto, SOBREVIVENCIA DA PRIMITIVA RODA DE OLEIRO EM PORTUGAL, in Portugalia, II, p. 76.

<sup>3</sup> O SECULO, de 5 de julho de 1901.

<sup>4</sup> Alvará de 17 de julho de 1771, in COLLECÇÃO DE LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA, 1763-1774, Lisboa, 1829, p. 547.

*Forçura* é a pronúncia popular de *fressura* | *fricçura* | *fri-*  
*ctum* por *frictum* | *frigere*, «frijir»: cf. o castelhano *asa-*  
*duro* | *asar*, «assar»<sup>1</sup>.

### foreiro

Este substantivo significa «que paga firo»; mas no trecho seguinte aplica-se àquale que de direito o recebe, não sei porém se com propriedade:— «Restella, o nobre, o rico foreiro»<sup>2</sup>. Temos aqui um caso como o de *casairo*. (V. no vocábulo *casai*).

### forjoca, furjoco

— «de lado de norte uns buracos ou «forjocos», por baixo de enormes fragas»<sup>3</sup>.

Como ignoro a origem da palavra, hesito na escrita. Se é um aumentativo de *furja*, por *alfurja*; árabe *FURJAN*, «fenda», é claro que se deve escrever com *u*, o que, em todo o caso, seria mais seguro. Note-se que *alfurja* é vocábulo diferente de *alforge*, que em árabe se diz *AL-FURG*<sup>4</sup>.

### forma, fôrma

O primeiro destes vocábulos é o mais moderno, copiado do dicionário latino, proferido com *o* aberto, como costumamos pronunciar *o* ao lermos latim ao nosso modo; corresponde-lhe em castelhano o vocábulo *forma* de origem também artificial. O se-

<sup>1</sup> S. Bugge, in *Romania*, IV.

<sup>2</sup> O *SEculo*, de 30 de maio de 1900.

<sup>3</sup> Albino dos Santos Pereira Lopo, BRAGANÇA E BEMQUERENÇA, in «Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa», Série 17.<sup>a</sup>, 1898-99, p. 168.

<sup>4</sup> *q* representa a 7.<sup>a</sup> letra do alfabeto arábico, equivalente ao *j* castelhano actual.

gundo, *fôrma*, é de origem popular, evolutiva, com o fechado, como era de esperar, atendendo-se a que é longo no latim *forma*, e fechado se conserva no italiano *forma*, em muitas das acepções que correspondem aos dois vocábulos portugueses. O segundo era em castelhano *forma*, que ao depois se alterou em *horma*, diferenciando-se hoje *forma*, «fôrma» de *horma*, «fôrma».

No NÔVO DICIONÁRIO (Suplemento) menciona-se a locução — «fôrma torta, de mau character, ruim» —. Não é exacta: a locução é *de fôrma torta*, e explica-se perfeitamente. Os çapateiros, para o calçado, usam de um molde com a configuração de pé, a que se chama *fôrma*, e não, *fôrma*. Há uns sessenta anos, as fôrmas para os dois pés eram iguais, como ainda o são nos çapatos de ourêlo, ou de trança, nas chinelas mouriscas, nos çapatos chamados de *mouro*, emfim, em todo o calçado barato, de fancaria.

Quando se começaram a usar as fôrmas desiguais, as pessoas habituadas aos çapatos parelhos, com menor inclinação para dentro, e que podiam, indiferentemente calçar-se num ou no outro pé, consideravam-nos mais incómodos (e parece-me que tinham razão, e digo isto por experiência, pois em criança calcei muitos çapatos de fôrma direita): daqui proveio o dizer-se que «uma pessoa é fôrma torta», convém saber: «custa a ajeitar-se à nossa vontade, não nos entendemos com ela, ora está do direito, ora do avêso».

Em S. Miguel dos Açôres a palavra *fôrma* aplica-se ao «botão de calça»<sup>1</sup>.

*Fôrma perdida*:— «assaz rudimentares eram os moldes para taes reproduções [de braceletes de ouro pre-romanos, na Península Hispânica], fôrmas que eram perdidas em seguida á fundição da peça, á maneira do systema ainda actualmente usado, assim chamado: de *fôrma perdida*» —<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> O SÉCULO, de 5 de julho de 1901.

<sup>2</sup> Ricardo Severo, OS BRACELETES D'OURO DE ARNOZELLA, in Portugalia, II, p. 65.

É esta uma aceção do vocábulo *fôrma* (e não, *fórma*) acompanhado de epíteto, que julgo não estar registada nos dicionários, e me parece locução técnica.

#### formálio

— «o formálio é uma placa com pinhas de prata, que se põe no peito do celebrante» —<sup>1</sup>.

#### formão. firmão

m/ Estas duas formas, com preferência manifesta dada à primeira, designa, nos autores portugueses que escreveram na língua de Portugal, o que os autores portugueses que modernamente escrevem numa linguagem crioula, misto de muitos idiomas, e ortografias exóticas, querem que se chame *firman*:— «dizem que tinha formão do Gram Turco para poder ir por terra para o reino» —<sup>2</sup>.

O vocábulo é persiano, FIRMAN, «ordem», e os portugueses adoptaram-no por intermédio do árabe, no sentido especial de «carta de recomendação», ou «salvo-conduto», concedido por autoridades soberanas mouriscas.

#### fôrno, furna

No Gerez tem êste vocábulo, do latim *furnum*, aceção especial, como vemos do seguinte passo:— «Os «fornos» do Gerez abrigos de pastores onde só muito baixado se penetra» —<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> O DIA, de 21 de março de 1902.

<sup>2</sup> Diogo do Couto, DÉCADA 8.<sup>a</sup>, cap. XV.

<sup>3</sup> Hermenjildo Capêlo e Leonardo Torres, VIAGENS À SERRA DO GEREZ E SUAS CALDAS EM SETEMBRO DE 1882, in «Boletim da Sociedade de Geographia», 4.<sup>a</sup> série, p. 533.

*Furna* é com todas as probabilidades derivado português de *fôrno*, com mudança da vogal *o* em *u*, bastante singular, atenta a terminação *a* da palavra. O que é notável também é a relação estabelecida entre *fôrno* e *furna*, «concavidade, algar», e que vemos repetida, por mera coincidência, em uma língua da nossa tam remota, como é o búlgaro moderno, idioma escravónico no qual do mesmo radical se derivaram *pext*, «fôrno», e *pexterá*, «furna»:—«A mammôa pode ser precedida de um corredor ou galeria que tem o nome vulgar de *furna*, nome que também se applica ás grutas»—<sup>1</sup>.

#### forquilha

—«O mal da forquilha ou peeira é uma furunculose do espaço interdigitado, isto é, um furúnculo entre as unhas do boi»—<sup>2</sup>.

O termo *peeira* vem já rejistado nos dicionários neste sentido, e representa um latim *pedaria* } pes, pedis.

#### frade, fraire, freire, frei, freira, freirinha

Esta palavra, do latim *fratrem*, «irmão», adquiriu, além do seu sentido especial e hoje o próprio de «religioso, pertencente a uma ordem religiosa», outros muitos, quasi todos depreciativos. Dêste modo, *frade* era o nome que, em Lisboa pelo menos, se dava, até data muito recente, a uns colonelos de pedra, ligados, ou não, entre si por cadeias ou varões de ferro, e que encerravam praças, ou edificios, impedindo a passagem a veículos ou cavalgadas: vinham a ser uma vedação, mais barata e cómoda que os gradeamentos. Quem procurar, ainda os encontrará por

<sup>1</sup> J. Leite de Vasconcelos, PORTUGAL PRE-HISTORICO, p. 48.

<sup>2</sup> GAZETA DAS ALDEIAS, de 15 de abril de 1906.

zi, em qualquer lado de igreja, ou algures. O nome foi-lhes dado indubitavelmente em razão do remota, que se parecia muito com uma cabeça toucada.

*Peças* lhes chamavam no Pôrto, e não sei se ainda chamam.

*Frade*, no jria das ladrões, no Pôrto, quer dizer « indivíduo da policia » <sup>1</sup>. talvez em atenção ao capote que usam, comprido, a tocar no chão, como o hábito do frade, ou porque está parado, imóvel, como o *poço*, ou « frade de pedra ».

É conhecida a denominação que se applica a uma casta de feijão, isto é, *feijão frade*, ou *fradinho*.

Não é porém sómente ao feijão que se dá semelhante alcunha: é também ao milho, em certas circunstâncias, como vamos ver.

*Frade* (Leiria) é o grão de milho que, quando se deita no braseiro, para se comer assado, não estoura.

*Freira*, ou *freirinha*: chama-se-lhe assim quando elle estoura, tomando forma que lembra uma flôr miuda e branca <sup>2</sup>.

É evidente a razão destes epítetos: o de *freira* é devido a semelhança que se supõe haver com a cabeça toucada de uma freira: a de *frade* está em opposição a esta.

Conclui-se que tais denominações são antigas, pois há setenta annos que não ha frades.

A par de *frade*; fratrem, temos *fraire*, comparável ao *fraile* castelhano, com vocalização do *t* latino em *î*, mas sem a dissimilação do *r* da 2.<sup>a</sup> silaba para *l*, e *freire*, com a forma proclítica abreviada *frei*, castelhana *fray*, e o femenino *freira*, que, parece, não foi nunca usado em Espanha.

*Freira* na Ilha da Madeira é o nome de uma ave, *Ostrelata mollis*. Gould <sup>3</sup>.

<sup>1</sup> O ECONOMISTA, de 23 de fevereiro de 1885.

<sup>2</sup> Informação dos snrs. Acácio de Paiva e V. Abreu.

<sup>3</sup> Ernesto Schmitz, DIE VÖGEL MADEIRA'S.



## fragária

Em Coimbra é o nome do morango bravo, muito ácido, a fresa espanhola, pois ao *morango* chamam *fresón*.

Hugo Schuchardt dá-nos como termo português *fresa* <sup>1</sup>. Nas Canárias, ao contrário, usou-se *morángana*, ou *moriángana* <sup>2</sup>, sem dúvida uma forma derivada da que em português deu *morango*, isto é, *moranicum* { *mora*, «amora».

Temos de explicar necessariamente por influência portuguesa tanto êste vocábulo, comó *coruja* <sup>3</sup>, ali usado, e que em castelhano se diz *lechuza*.

## fragulho

Termo açoriano: é o nome que dão nas ilhas dos Açôres às couves.

## fralda, falda, fraldiqueira, fraldiqueiro, faltriqueira

Bluteau no seu Vocabulário diz-nos que a segunda destas formas é— «mais épica» —, a outra mais usada. Na linguagem actual distingue-se em geral *falda de monte* = *aba, vertente de monte*, de *fralda de vestido, de camisa*, etc.

Tenho dúvida sôbre se são duas formas do mesmo vocábulo orijiniário. Os etimologistas dizem-nos que *falda*, palavra que se encontra em várias línguas románicas, é voz germánica, *falda*, «dobra, prega» <sup>4</sup>, e a ela subordinam tanto *falda*, como *fralda*,

<sup>1</sup> KREOLISCHE STUDIEN, IX, p. 143.

<sup>2</sup> João Marquess of Bute, ON THE ANCIENT LANGUAGE OF TENNERIFE, Londres, 1891, p. 28.

<sup>3</sup> *ib.* p. 22.

<sup>4</sup> V. Körting, LATEINISCH-ROMANISCHES WÖRTERBUCH, Paderborn, 1891, n.º 3114, e Kluge, ETYMOLOGISCHES WÖRTERBUCH DER DEUTSCHEN SPRACHE, Estrasburgo, 1889, *sub voc. falt e falten*.

sem nos explicarem como se introduziu aquele *r*, que se repete ainda que em outra situação, no castelhano *faltriquera*, forma adjectiva de um diminutivo *faltrica*, ou *faldrica* { *faldra*, *fralda*. *Faltriquera* em castelhano quer dizer «aljibeira que se traz na saia, ou aba do vestido», e este mesmo sentido tinha o português *fraldiqueira*, como vemos, por exemplo, no *CLÉRICO DA BARRA*, de Gil Vicente:

— «Duarte, tendes vós hi  
Dinheiro na fraldiqueira?» —.

Não há portanto motivo para a interpretação «hábito, talar», proposta em dúvida para este vocábulo no *NÓVO DICIONÁRIO*, ao aboná-lo com este passo de Francisco Manoel do Nascimento:— «contas na mão, punhal na *fraldiqueira*, falando em Deus» —.

*Fraldiqueiro*, como adjectivo, que no feminino se substantivou naquele sentido especial, quer dizer «o que pertence à *fraldica*, à *fralda*, e assim *cão fraldiqueiro*», é o «totó pequeno, que está sempre no regaço, ou agarrado às saias».

Martinho Brederode, na colecção de formosas poesias intitulada *SUL*<sup>1</sup>, usou a forma *faltriqueira*:

— «Cartas d'amor na faltriqueira suja,  
Ramos de flores nas suadas mãos» —

### frango

Esta palavra, que designa um «galo novo», considera-a D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos como derivada de *franco*, «francês», e compara esta formação à de *galo*, que também quer di-

<sup>1</sup> Lisboa, 1905, p. 37.

zer «da Gália, ou França». Com respeito à mudança de *c* em *g*, confronte-se, como diz, *manga* { *man(i)ca* <sup>1</sup>.

O simples confronto mostra que é improvável o étimo proposto: visto que o *c* estava precedido de vogal em *manica*, é natural que o abrandamento do *c* em *g* precedesse a queda do *i*; além disso, francum não explicaria *frángão*.

### frascal

— «*Frascal* é naquella provincia [Alentejo] uma meda de lenha ou tojo, em geral quadrangular» —<sup>2</sup>.

### freguês, freguesia (*frèguês, frèguesia*)

Duas etimologias tem sido propostas para êste vocábulo, *filius ecclesiae*, e *filius gregis*, «filho da igreja», e «filho da grei».

A primeira parece que deve ser rejeitada, em razão do correspondente castelhano *feligrés*, visto como nesta língua os grupos de consoante *l* não mudam êste em *r*, como sucede em português (cf. *clavo* e *cravo*), e portanto o *r* de *feligrés* deve provir de *r* latino.

Temos pois que *filius gregis* é o étimo que devemos ter como provável, admitindo que houve em português metátese do *r* para a primeira sílaba, *freguês* por *fegrês*. Não direi que tudo esteja bem explicado, pois o não fica o *i* de *fili-*, mudado para *e* em castelhano, e para *è* em português, com supressão do *l* medial.— «Os presbyteros que os dirigem espiritualmente, cha-

<sup>1</sup> REVISTA LUSITANA, III, p. 168.

<sup>2</sup> DIÁRIO DE NOTÍCIAS, de 21 de julho de 1904.

mar-lhes-hão seus filhos, *filios ecclesie*, filigreses, fregueses, recente denominação religiosa — popular —<sup>1</sup>.

Fora da religião cristã foi o termo *freguês* usado por António Francisco Cardim, com referência aos sectários do budismo: — «Tornou outra vez, acompanhado de outro bonzo e de alguns seus discipulos e fregueses» —<sup>2</sup>.

O termo *freguês* tem um sinónimo, *paroquiano*, como *freguesia* o tem em *paróquia*, ou, não sei por quê, *parróquia*, de *pároco*, ou *párroco*. O que é estranho é que, emquanto em português o termo *paroquiano* se não aplica jamais ao individuo que compra por hábito na mesma loja de venda, mas sim *freguês*, acontece em Espanha exactamente o contrário, pois lá o freguês da loja denomina-se *paroquiano*, mas o *freguês*, o *paroquiano* da mesma igreja diz-se *feligrés*.

#### frol, frolido

Na REVISTA LUSITANA<sup>3</sup> dá-se como metátese a forma *frolido*, por *florido*, num texto anterior ao século xv. Não há metátese, visto, que *frolido* é simplesmente o particípio passivo de um verbo *frolir*, derivado de *frol*, que era a forma contemporânea, e ainda posterior, do vocábulo que actualmente se diz *flor*.

#### frouxel

Bluteau, no VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO define deste modo a palavra: — «A penna das aves, mais pequena, e mais molle» —. O Dicionário francês de Emilio Littré dá-nos de *édredon* a definição seguinte: — «1.º Petites plumes à tige grêle, à barbules longues et fines, appelées aussi duvet [penujem], fournies

<sup>1</sup> Alberto Sampaio, As «VILLAS» DO NORTE DE PORTUGAL, in Portugalia, I, p. 583.

<sup>2</sup> BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 226.

<sup>3</sup> vol. VIII, p. 242, A VISÃO DE TUNDALO.

par des oiseaux palmipèdes et surtout par l'eider, *anas mollissima*, qui vit principalement en Islande // 2.º Un édredon, ~~em~~ *un* couvre-pieds fait d'édredon... ÉTYM. du suédois *eider*, espèce d'oie du Nord, et *dun*, petite plume, duvet » —.

Cotejadas as duas definições entre si e com a tradução latina que da palavra portuguesa faz Bluteau, *mollior auium pluma*, parece que com *frouxel* nos poderíamos contentar, ou com *penujem*, prescindindo do francês *édredon*, que para França é ao menos afrancesado, e para cá nem aportuguesado foi.

### fumeiro

Como se sabe, designa *fumeiro* a carne de porco ensacada, de *enchido*, e depois fumada.

Eis aqui uma transcrição que deixa claríssimo o significado: — « DISPENSA. Vasto compartimento abarrotado de comestíveis. Ali se armazena o *fumeiro* dos suínos, isto é o producto da matança de doze a vinte cabeças graúdas, as melhores que sahiram do montado... O *fumeiro* comprehende: grossas mantas de toucinho empilhado em salmouras proprias, ou em potes de barro e caixotes; as varas de enchido, como paios, chouriças, linguças, morcellas, cacholeiras e farinheiras, cada qual em separado, e todas suspensas por cordas presas ao tecto, formando por este modo a *parreira* ou *latada* de carne cheia, previamente defumada nos vãos da chaminé... Em vasilhas observa-se egualmente a manteiga e os pésunhos e lacões » —<sup>1</sup>.

### fumó, fumo

Esta palavra abona-se com a « Relação do naufrájo da nau Sam Tiago », de Manuel Godinho Cardoso: — « Após estes negros

---

<sup>1</sup> J. da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, in Portugalia, I, p. 537.

acudiram outros com um Fumó seu, que assim chamam [os cafres: aos *[sic]* que os governa. —<sup>1</sup>.

Conquanto mais adiante a palavra se repita, hesito em considerar certa a acentuação marcada, pois a edição é de pouca ou nenhuma fé. não só porque os erros tipográficos pululam nela, mas principalmente em razão de a ortografia adoptada ser, quanto pode, arbitraria e incongruente.

### *funaragio*

Assim nos apresenta o NÓVO DICIONÁRIO este vocábulo, com a nota de compilado pela primeira vez, e uma abonação de Latino Coelho — « o leão de um funaragio » —. No Suplemento ao mesmo dicionário declara-se que, por informação obtida, o vocábulo novo é apenas um erro de caixa por *naufragio*, mas que Latino o deixou passar, autenticando-o portanto. É pois o que os francezes denominam *coquille lexicologique*, « gralha lexicográfica », que já figurou duas vezes, e será bom não figurar terceira.

No Suplemento chama-se-lhe — « supposto disparate » —: « Pois ainda resta duvida? O facto de Latino Coelho o haver deixado passar tambem não está provado, visto que as quatro primeiras letras de *naufragio* trocadas em *funa-ragio* o podiam ter sido depois de feita por elle a revisão.

### funé

Esta palavra é japonesa e quere dizer « embarcação »: — « uma ponte feita de barcos que [os japões] chamam funés » —<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> in BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLIII, p. 64.

<sup>2</sup> António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, I, p. 54.

## fungueiro, fangueiro, fragueiro

O Nôvo DICCIONÁRIO escreve a segunda destas formas *fangueiro*, isto é, com o *u* nulo para a pronúncia; na terceira marca as cimalhas no *u*, o que equivale a indicar que se pronuncia *fragu-eiro*, soando êsse *u*. Eu, em conformidade com o que expus na Ortografia Nacional <sup>1</sup>, substituo pelo acento grave as cimalhas, com o fim de denotar que o *u* entre *g* e *e* ou *i* se profere.

O mesmo Dicionário remete de *fangueiro* (aliás *fangueiro*) para *fragueiro*, entendendo-se pois que são a mesma palavra com duas formas; e da última diz, como termo da Beira, o seguinte: — «pau tôsko e comprido; estadulho; pau em que encaba o vassoio com que se varrem as cinzas e brasas do forno, para nêste se deitar o pão que se vae cozer; *adj.* ardente. . . (De *frágua*)» —.

É possível, e mesmo provável que de *frágua* provenha o adjectivo *fragueiro*, ali abonado com Francisco Manuel do Nascimento, o que nos leva a crer que é neologismo dêste escritor, que tantos inventou, com maior ou menor felicidade.

Como substantivo, o étimo é suspeito, porque *frágua* é uma «forja», e não um «fôrno»; e por outra parte não pode haver étimo comum a *fragueiro* e *fangueiro*, sendo certo que o último procede de *funicularium* { *funis*, «corda» (} *funguairo* } *fragueiro* } *fangueiro* <sup>2</sup>.

## funil, funilaria

A palavra *funil*, muito usada na Estremadura, e menos no norte onde lhe substituem *embude*, castelhano *embudo*, é o latim

<sup>1</sup> Lisboa, 1894, p. 90 e 200.

<sup>2</sup> REVISTA LUSITANA, II, p. 34.

*infundile* <sup>1</sup>, por *infundibulum*. De *funil* se derivam *funileiro* e *funilaria*, que quere dizer não só «loja de funileiro» mas também «obra de funileiro», como se vê do trecho seguinte: — «a concorrência de outras loijas, porventura a obra de funilaria em minima parte» —<sup>2</sup>.

*Funilaria* designa também a «coleção inteira de condecorações com que um individuo se adorna», correspondendo neste caso ao que em francês, também em tom de mofa, se chama *ferblanterie*.

*Funileiro*, não é unicamente o «fabricante de funis», mas em geral o que técnicamente se denomina *latoeiro de folha branca*, por opposição ao *latoeiro*, sem mais nada, que trabalha em *latão*, e não em *fólha-de-Flandres*, como o *funileiro*, que o povo mudou em *fulineiro*, por influencia de *fólha*.

### Furada

Este nome de várias terras costuma escrever-se às vezes, se não muito freqüentemente, *Afurada*, o que é um êrro, visto que o *a* é o artigo, êrro semelhante ao que os franceses e ingleses cometem quando escrevem *Oporto*, por *o Pôrto*. É regra conhecida que, quando um nome comum passa a especializar-se como nome de terra, costuma acompanhar-se do artigo, se por outro modo não está particularizado. Assim, temos *a Abrigada*, *a Granja*, *o Tramagal*, *o Ginjal*; mas *Pena-fiel*, ou modernamente *Penafiel*, *Paço-d'Arcos*, *Porto-de-Mós*, etc.

Quando o nome comum deixou de estar presente à memória do povo, por se haver tornado obsoleto, o artigo muitas vezes elimina-se: assim, temos *Cascais*, e não *os Cascais*, *Azoia*, em vez de *a Azoia* (árabe *AL-ZAVIIE*, «a ermida»), *Valadares*, etc.

<sup>1</sup> Júlio Cornu, *GRUNDRISS DER ROMANISCHEN PHILOGIE*, Bonn, 1888, I, p. 770.

<sup>2</sup> *Portugalia*, I, p. 266.



Ora *furada* é um nome comum, o qual significa uma « caverna artificial », como há, por exemplo, na Galiza a chamada *Furada dos Ca(n)s*, citada por Vilamil y Castro, como sendo uma importante gruta pre-histórica.

#### fura-mar

Aos sete vocábulos derivados do verbo *furar*, no imperativo, como substantivos, colijidos no NÓVO DICIONÁRIO e seu Suplemento, tenho a acrescentar os seguintes nomes de aves:

*fura-bardo*: Madeira, « gavião ».

*fura-mar*: Madeira, « boeiro »<sup>1</sup>.

#### fuselo

É um deminutivo de *fuso*. Eis aqui uma definição minuciosa: — « duas chapas de madeira... presas uma á outra por sete ou oito pausinhos redondos de um palmo de comprimento... são os *fusellos* » —<sup>2</sup>.

#### *fuseola, fuseolo*

Êste neologismo é feito à imitação do francês *fusaïole*, termo de arqueologia pre-histórica, derivado do italiano *fusaiòlo*, « gas-tão do fuso », isto é, o pedaço de chumbo ou outra substância pesada que mantém verticalmente o fio e o ajuda a torcer, pôsto na ponta, ou ferreta do fuso: — « As fuseolas que aparecem em grande abundancia nas ruinas das citanias, identicas ás usadas domesticamente na actualidade » —<sup>3</sup>. Ora, como ninguém dá seme-

---

<sup>1</sup> Ernesto Schmitz, DIE VÖGEL MADEIRA'S.

<sup>2</sup> Portugalia, I, p. 686.

<sup>3</sup> Portugalia, I, p. 317.

lhante nome às usadas na actualidade. melhor fôra dar-lhes o que teem em português.

V. **gastão.**

fúti

NO RELATÓRIO DA CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902 <sup>1</sup>, de João de Azevedo Coutinho, encontra-se a seguinte expressão, usada na África Oriental Portuguesa:— «na esperança de *tocar fúti* (fazer fogo)» —. Em nota acrescenta-se:— «*Fúti*, *espingarda*» —.

gadanha, gadanho, gadanhar, agadanhar, engadanhar,  
esgadanhar, agatanhar, esgatanhar

Dois étimos tem sido propostos para a palavra *gadanha*. forma hoje mais usual, ou *guadanha*, a que Bluteau deu a preferência, e que é a castelhana; e digo dois, ambos germânicos, porque o arábico, pelo Dicionário da Academia Espanhola proposto, não merece confiança, pois nem Dozy nem Eguilaz & Yanguas o admitiram, visto que ambos omitem o vocábulo *quadaña* entre os muitos de origem arábica a que os seus glossários deram cabimento.

Ambos os ditos étimos germânicos se podem ver em Körtig<sup>2</sup>. O primeiro deles, que F. Adolfo Coelho parece preferir<sup>3</sup>, relaciona *gadanha* com o verbo *ganhar*, e é aquele que a este verbo deu origem nas linguas românicas, com excepção do romeno, em que o elemento germânico é, a bem dizer, nulo: \* *waidanjan*, «pascer, pastorear», que subsiste no alto alemão moderno *weiden*.

<sup>1</sup> in «Gazeta das Colonias», de 15 de maio de 1905.

<sup>2</sup> LATEINISCH-ROMANISCHES WÖRTERBUCH, 4062 e 8845.

<sup>3</sup> in Portugalia, p. 636 e nota.

O outro é uma base verbal, *hwat*, «afiar», o alto alemão moderno *wetzen*. Houve também quem propusesse *Guadix*, nome próprio de cidade na província de Granada, mas ninguém lho aceitou.

Declaro terminantemente que nenhum destes étimos oferece a mínima probabilidade de ser o verdadeiro; e mesmo o que parece ter recebido maior anuência, e relaciona este nome de alfaia agrícola com o verbo *ganhar*, apresenta tantas dificuldades fonéticas e ideológicas, que nos vemos na necessidade imperiosa de rejeitá-lo. Com efeito, ¿como é que a única língua românica que conservou o *d*, o italiano *guadagnare*, «ganhar», é justamente aquela para a qual o vocábulo é estranho? E por outra parte, ¿se o dito verbo tanto no português *ganhar*, como no castelhano *ganar*, perdeu esse *d*, porque razão o conservaria num derivado?

Pelo que respeita à parte ideológica, ¿qual relação se há de estabelecer necessária entre um verbo, cujo significado é «pastorear», e um substantivo designando uma alfaia agrícola aplicada à ceifa de herva, ou de mato? ¿Pois a vida de pastor não é a antítese da do lavrador?

Vê-se portanto que é este um dos numerosos vocábulos de uso cotidiano, cuja origem é desconhecida.

De *gadanha* procede *gadanhar*, «ceifar herva», o francês *faucher* { *faux*, «fouce de cabo».

A par de *gadanha*, «fouce roçadoura», temos um masculino *gadanho*, que quere dizer «dedo enclavinhado», como «para *gafar*, arrebatar»; e com *gadanho* temos uma série de verbos dêle derivados: *engadanharem-se os dedos com frio*; *agadanh*, «estender os *ganhos* para arrebatar»; *esgadanh*, «arranhar com os *ganhos*», que por influência da palavra *gato*, criatura a quem é muito aplicável o verbo, se converteu em *esgatanhar*, como *agadanh*, em *agatanhar*.

Com mudança do *d* em *r*, rara mas efectiva (cf. *mentira*, por *mentida*, e o castelhano *parihuela* com o português *padiola*, *q. v.*), tem os falares transmontanos os participios *engaranhados*, e *engaranhidos*, que pressupõem os verbos *engaranhar* e *enga-*

*ranhir*, e querem dizer «entorpecidos, tolhidos os dedos com o frio»; e o étimo imediato dêles é com certeza *gadanho* <sup>1</sup>.

gade, gadé

O NÓVO DICIONÁRIO regista a segunda destas formas como termo de jíria, com a significação de «dinheiro».

A abonação de que tenho nota é da primeira, na mesma acepção; é possível, porém, que haja nela êrro tipográfico, o que não posso decidir porque nunca ouvi nem uma nem a outra: — «Quando não havia gade para vinho, meu pae batia-lhe» —<sup>2</sup>.

gadelha, guedelha

O DICIONARIO CONTEMPORANEO regista sómente a segunda destas formas, o NÓVO DICIONÁRIO ambas, dando, como Bluteau, a preferência à primeira, que é a mais usual no povo, e também a galega. O que nenhum dos dois faz é consignar a significação de «madeixa de fios», a que Bluteau se referira na inserção *gadelhas de lâ*, e Roquete <sup>3</sup> traduzira para francês do modo seguinte: — «flocon de laine. *Guedelhas de seda*, étoffe de soie peluchée» —. Esta última locução foi empregada pelo cronista Rui de Pina na CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, descrevendo as festas celebradas por ocasião do casamento da irmã de El-rei com o Imperador Frederico em fins do ano de 1449: — «El-rei... desafiou os cavaleiros para as justas reaes, que manteve na rua Nova com condições mui excelentes e de grande gentileza, e assi [foram] propostos grados e empresas mui ricas

<sup>1</sup> Na REVISTA LUSITANA, I, p. 212 tratei dêste vocábulo, bem como de *padiola, parihuela*, p. 215.

<sup>2</sup> O DIA, de 25 de setembro de 1902.

<sup>3</sup> DICTIONNAIRE PORTUGAIS-FRANÇAIS, Paris, 1855.

para quem mais galante viesse á tea, e assi melhor justasse. A que o infante Dom Fernando veio com seus ventureros vestidos de guedelhas de seda fina como salvages, em cima de bons cavalos vestidos e cubertos de figuras e côres de alimarias conhecidas, e outros diformes » —<sup>1</sup>.

Vê-se que foi o que hoje se chamaria *mascarada*. Meio século antes houvera outra em França, também por ocasião de um casamento entre pessoas da côrte de Carlos VI, na qual este rei e mais cinco senhores se vestiram de selvajens, cobertos de guedelha de linho, à feição de pêlo, e assim appareceram na sala do baile, onde por ordem do rei se apagaram os brandões, com receio de algum desastre. O caso porém foi desastroso, e a planejada comédia converteu-se em pavorosa trajédia, breve, mas eloquentemente descrita pelo cronista Froissart. Apesar da recomendação do rei, o duque de Orleães entrou na sala acompanhado de seis homens com brandões; tirou um das mãos de um dêles par ver se conhecia os mascarados, que vinham presos uns aos outros, com excepção do rei, que, sendo o primeiro da fileira, se soltara para falar à duquesa de Berri. A luz da tocha pegou fogo na guedelha de linho de um desses mascarados, guedelha que estava colada com pez a uma túnica, e assim pereceram dois logo ali, outros dois ao cabo de dois dias, no maior tormento, escapando o quinto, porque se lembrou de lançar sôbre si a água que estava em uma dorna, para nela se lavarem copos.

O que é mais horroroso neste triste caso é que Froissart dá a entender que não foi só leviandade, mas acaso malvadez da parte do duque, o que o levou a chegar a tocha a um dos mascarados, quando nos diz, que o duque foi o culpado, pôsto que a pouca idade e talvez a ignorância o levassem a semelhante acto de loucura <sup>2</sup>.

Vê-se pois que a palavra *guedelha* ou *gadelha*, não significa unicamente «cabelo», mas também toda a imitação de cabelo ou

<sup>1</sup> cap. CXXXI.

<sup>2</sup> CHRONIQUES DE FROISSART, livro, IV, cap. 7.º, Paris, 1881.

pêlo, feita com qualquer substância filamentososa, lã, linho, ou seda, por exemplo.

### gadi (gaddy)

Na interessante monografia escrita por F. X. Ernesto Fernández, intitulada O REGIMEN DO SAL, ABKARY E ALFANDEGAS NA INDIA PORTUGUEZA, define-se assim êste termo: — « *Gaddy* era um estabelecimento em que se arrecadava [*sic*] direitos sobre o sal que d'uma provincia fosse exportado para outra. Era situada na passagem dos rios » —<sup>1</sup>.

Todavia, o termo tem outra acepção, e significa o próprio imposto, no passo seguinte: — « Em antiquissimas pautas aduaneiras, conhecidas sob a denominação de *Canusapato*, ou tabella de direitos do tempo do dominante mouro, que vigorou nas alfandegas de Salcete e Bardez até o anno de 1811, apparece um imposto que incide sobre o sal sob o nome de *Gaddy* » —<sup>2</sup>.

O vocábulo está escrito à maneira tradicional da Índia Portuguesa, usada na transcrição das palavras indíjenas, isto é, *y* para *i* acentuado, e *dd*, para o *d* cacuminal, convém saber, proferido no ponto em que proferimos o *r* de *cara*. O *y* indicava o *i* acentuado, equivalendo a dois *ii*, como o *a*, *e*, *o*, accentuados se escreviam *aa*, *ee*, *oo*.

### gado criado

Eis a definição autorizada desta expressão: — « quando é certo que na linguagem agrícola *gado criado* quer dizer que é da lavoura de seu dono e não comprado pãra simples negócio de marchante ou contratadôr » —<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> in « Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa », 23.ª série, p. 223, nota.

<sup>2</sup> *ib.* p. 223, texto.

<sup>3</sup> GAZETA DAS ALDEIAS, de 27 de agosto de 1908.

gafa, gafar, gafo, gafeira, gafém, gafaria, gafejar;  
 gafanho (?), gafanhoto, gafanhão; Gafanha, Gafanhoeira,  
 Gafes, Gafete, Gafarim

O sentido comum a todos êstes vocábulo parece ser o de «gancho, ganchoso, enganchar», cousa que já advertira Bluteau a respeito dos primeiros seis, por estas palavras:— «GAFA e Gafar. Segundo a etymologia dos que derivam *Gafa* do hebraico *Cafaf*, que significa encurvar, entortar, arquear, he facil de entender os differentes sentidos em que se tomam estas palavras, porque *Gafa*, instrumento com que se curva a bésta, faz um effeito semelhante à Gafa, ou lepra, doença que encolhe os nervos das mãos e pés. Gafar é arrebatat com as unhas, e gafar-se de piolhos, he encher-se dos ditos insectos, que afferrão na carne, e com picadas molestão» —<sup>1</sup>. Isto nos diz no Suplemento, e no corpo do Vocabulário dissera:— «GAFA. He o instrumento com que se curva a verga da bésta, até encaxala na noz—. GAFAR, arrebatat com as unhas ou com instrumento a modo de *gafa*.—GAFO. Leproso ou Enfermo de certo genero de lepra, que não só corroe as carnes, mas deixa os dedos das mãos revoltos, como os das aves de rapina.—GAFEIRA sarna do cão.—He mal que dá nas cabras, pella-as e as mata» —.

Santa Rosa de Viterbo documenta o nome *gafo*, não só como significando «leproso», mas também «leprosório, lazareto, hospital onde os leprosos se abrigam, e são tratados» <sup>2</sup>.

A. A. Cortesão <sup>3</sup> cita como orijem do vocábulo *gafo* português o castelhano *gafo* [e porque não o contrário?], e a êste dá como étimo, mas em dúvida, um árabe *acfao*.

Em árabe existe na realidade o adjectivo AQFAO, «encarqui-

<sup>1</sup> VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO, vol. IV, e Suplemento, I.

<sup>2</sup> ELUCIDARIO, Lisboa, 1793.

<sup>3</sup> SUBSÍDIOS PARA UM DICIONÁRIO COMPLETO, Coimbra, 1900.

lhado, contorcido», do radical qaraoa, «encolher, encarquilhar»<sup>1</sup>, correspondente ao hebraico citado, קאפא (*kafaf*) «vergar, dobrar»<sup>2</sup>, e é possível que do árabe proviesse o vocábulo. *Gajar* em galego significa «arrepanhar, esgadanhar, como fazem os gatos».

F. Adolfo Coelho<sup>3</sup> relaciona *gafó* e um copioso material de derivados com *gafa*, «garra»: o nome seria aos leprosos aplicado, em razão do fenómeno característico de tam horrorosa doença, a mão recurva, revôlta, adunca, como garra de ave de rapina.

Atribui Körtling<sup>4</sup> origem germânica, e não arábica, ao vocábulo *gafa*, tanto castelhano, «garra, gancho», como português nas suas várias acepções, e diz que procede do baixo-alemão *gaffel*, correspondente ao alto-alemão *gabel*, «garfo». Efectivamente, o baixo alemão possui a palavra *gaffel*, que, conforme João Carlos Dähnert<sup>5</sup>, quer dizer:— «espécie de gancho ou croque para içar e arrear cousas que estão pendentes de uma vara»—. Com estes vocábulos pareceria relacionar-se não só o *garfo* português e o *garfio* castelhano, «ancinho», mas também o castelhano *garfear*, «agarrar com ancinho», *garfiña*, «garra» e *garfiñar*, «roubar», e talvez o português *engalfinhar-se*, *galfarro*, etc., conquanto a introdução de *r* e *l* antes do *f* seja difícil de explicar nestas últimas fórmulas, tanto portuguesas como castelhanas. *Gafa*, como adjectivo, aplica-se a uma doença da azeitona, que Bluteau descreve assim:— «Azeitona gafa. He a que com as nevoas se engela na Oliveira, e apodrecendo nella, cahe sem ser varejada»—.

Os vocábulos *gafa*, *gajar*, *gafento*, *gafado*, etc. aplicam-se a outras moléstias, além da lepra do homem, da sarna do cão ou da cabra, e do pêco das azeitonas, como se vê do trecho seguin-

<sup>1</sup> Belot, VOCABULAIRE ARABE-FRANÇAIS, Beirute, 1893, p. 606, col. II.

<sup>2</sup> HEBREW-ENGLISH LEXICON, Londres, p. 128, col. I.

<sup>3</sup> DICIONARIO MANUAL ETIMOLOGICO DA LINGUA PORTUGUEZA.

<sup>4</sup> LATENISCH-ROMANISCHES WÖRTERBUCH, 1896, n.ºs 3546, 3559.

<sup>5</sup> PLATT-DEUTSCHES WÖRTER-BUCH, Stralsund, 1781.



te: — « Aparecem quasi todos [os gafanhotos] gafados (destruidos ou affectados de qualquer doença) » —.

A propósito do nome *gafanhoto*, dado ao *saltão*, direi que me parece ainda um ramo da mesma estirpe, e que lhe foi dado em razão da forma ganchosa das patas deanteiras. Ora, *gafanhoto* é um diminutivo (cf. *perdigoto* do radical de *perdiz*, *perdic-*), e tanto, que há um aumentativo *gafanhão*, que quer dizer *gafanhoto grande*. Um e o outro pressupõem um primitivo *gafanho* ou *gafanha*, que não está colijido, nem posso abonar, mas que naturalmente existe, visto que o vemos, no onomástico local, em *Gafanha*, aldeia do Douro, com derivados, como *Gafanhão*, na Beira-Alta, e *Gafanhoeira*, no Alentejo; e João Maria Baptista regista mais *Gafanhoto* e *Gafanhotos* <sup>1</sup>. Pinho Leal <sup>2</sup> conta-nos umas histórias a respeito de *Gafanha*, das quais a mais verosímil é que antes houvesse ali uma *gafaria*. Assim será. A. A. Cortesão aduz mais o substantivo *gafém*, « lepra », abonando-o: — « Que o façás seer saalom de *gafeem* <sup>3</sup>. *Gafejar*, na Madeira e na Estremadura significa, « fervilhar, pulular ». Cf. Bluteau, *supra*. Tudo isto parece provir de *gafa*, « garra ».

É de notar que *saltão* se diz em castelhano *langosta*, palavra que também denomina a *lagosta*, { locusta. A semelhança de forma, especialmente com referência às patas e às turqueses, determinou a identidade do nome.

A êste respeito me ocorre a notícia dada por um periódico, de uma chuva de *lagostas* que em Espanha tinha devastado um campo. Eram gafanhotos. Parecida com esta bernardice publicou outro jornal uma tradução de um conto castelhano, e o tradutor dava-nos esta novidade estranha: o diabo é surdo porque tinha entalado a mão direita! O castelhano dizia *zurdo*, « canhoto », porque surdo se diz lá *sordo*. Outro ainda participava aos seus

<sup>1</sup> CHOROGRAPHIA MODERNA DO REINO DE PORTUGAL, VI, Lisboa, 1878.

<sup>2</sup> PORTUGAL ANTIGO E MODERNO, Lisboa, vol. III, 1874.

<sup>3</sup> SUBSÍDIOS PARA UM DICIONÁRIO COMPLETO, Coimbra, 1900.

leitores que certas tropas estavam acaupadas nas orelhas do Danúbio! O texto espanhol dizia *orillas*, «marjens», vocábulo que morfológicamente corresponde ao português *ourela* porque *orelha* | *auric(u)la* é em castelhano *oreja*. São frequentíssimos estes primores de tradução!

Em castelhano *gafa* teve maior desenvolvimento no seu sentido natural de «gancho», que o correspondente português: *gafas* quer lá dizer não só as hastes dos óculos fixos, que os seguram nas orelhas, mas, como termo faceto, os próprios óculos; como nós lhe chamamos, também por graça, *cangalhas*, aludindo à armação geminada de ferro ou madeira que se coloca sobre o lombo das azêmolas, para se lhe meter carga. O diminutivo *gafete* quer em castelhano dizer «colchete», que também se diz *corchete*.

O verbo *gafar*, «agarrar», é pouco usado actualmente em português, e creio obsoleta a acepção em que se emprega em gallego de *agadanhlar*, *esgadanhlar*, vulgarmente *esgatanhar*, como disse, por influência da palavra *gato*, que é o animal mais useiro e vezeiro em alimpar e afiar as unhas, seja em que fôr, mesmo na nossa pele.

Podemos estabelecer o desenvolvimento do sentido da palavra *gafa* em português do modo seguinte:

*Gafa*, «garra»: *gafar*, (*gafanho*), *gafanhão*, *gafanhoto*, *gafejar*

«lepra»: *gafso*, *gafado*, *gafém*, *gafeiro*, *gafeirento*, *gafeiroso*, *gafaria*, *engafecido*

«sarna»: *gafento*

«doenças nas oliveiras»: *gafso*, *gafar*, *gafado*

Duvidosos: *galfarro*, *engalfinhar*

: *garfo*, e seus derivados.

Outros nomes próprios de povoações, derivados de *gafso* são *Gafes*, no concelho de Cabeceiras de Basto, *Gafarim*, no do Ponte de Lima, *Gafete*, no do Crato.

## gaio

Vareta de pau muito flexível, terminada na sua parte superior por umas laçadas, feitas com a própria vareta vergada <sup>1</sup>.

## gaio; gaiosa

Na Madeira é o nome da *gaiivota*, durante o primeiro ano de ascida, conforme a copiosa e interessante monografia de Ernesto Chmitz, intitulada *DIE VÖGEL MADEIRAS* [As aves da ilha da Madeira], publicada no Anuário de Ornitologia, vol. x, 1899, que muitas vezes tenho citado, para reunir aqui a riquíssima nomenclatura vulgar, com tamanha diligência colhida pelo douto naturalista no seu valioso estudo.

No continente o nome *gaio* é aplicado a outra ave muito diferente, da família dos corvos, *garrulus glandarius*. É sabido que o vocábulo *gaio*, como adjectivo, significa «alegre», e dessa significação provém a locução adjectiva *verde-gaio*, «verde claro vivo».

Derivado de *gaio*, «alegre» parece ser o nome de certo truto: — «Não menos elucidativa é a *gagosa* ou *gayosa*, fôro que se pagava pelo casamento dos filhos» — <sup>2</sup>.

## gaiolo, garimpa

São sinónimos êstes dois vocábulos, sendo o primeiro o masculino de *gaiôla*, e portanto pronunciado *gaiôlo* (cf. *ôvo*, *ôva*, *ôrto*, *pôrta*): designa qualquer dêles uma armadilha para caçar

<sup>1</sup> J. da Mota Prego, *JORNAL DO COMMERCIO*, de 11 de agosto de 1905.

<sup>2</sup> Alberto Sampaio, *AS «VILLAS» DO NORTE DE PORTUGAL*, in *Portugalia*, I, p. 575.

pássaros: — « *Nassa, gaiolo ou garimpa* — Tem a forma de uma pyramide regular de base quadrada e é feita de varas encruzadas umas sobre as outras, seguras por meio de quatro vergas a um caixilho, tambem de varas, atadas ou pregadas nas extremidades » — <sup>1</sup>.

*Garimpa* é talvez *grimpa*, com a vogal *a*, anaptíctica ou intercalar.

gaita(s). gaitada. gaiteiro

Em Sam Miguel dos Açôres *gaitada* quiere dizer « garga-lhada », naturalmente pelo estridor que faz.

Em Lisboa significa « repreensão acerba ».

É um derivado de *gaita*, « instrumento de vento » de timbre muito agudo, e é esta circunstância o fundamento dos dois sentidos figurados acima referidos.

*Gaitas* se chamam os orificios que as lampreias teem por baixo da bôca. A suposta explicação de Bluteau, a que aludiu José Maria Adrião, TRADIÇÕES POPULARES COLHIDAS NO CONCE-LHO DO CADAVAL <sup>2</sup>, com relação ao dito *sabe que nem gaitas*, é fantástica: — « *porque as lampreias são excellentes, e como teem uns braços assemelhando as gaitas, d'ahi o ditado* » —. É natural que em razão daqueles orificios às lampreias se chamasse *gaitas*, concorrendo para a applicação do nome a forma róliza do afamado peixe. *Sabe que nem gaitas* quererá pois dizer: « sabe que nem lampreias », « tem muito bom sabor », para quem o tiver, que pela minha parte dispenso o petisco.

Para crédito de Bluteau, a citação está errada toda; o que o doutíssimo frade escreveu e vem no seu Vocabulário é o seguinte: — « *Gaitas se chamam uns buracos a modo de Fagote, que a Lampreia tem pelo pescoço, e por serem aquellas partes sabore-*

<sup>1</sup> José de Pinho, ETHNOGRAPHIA AMARANTINA, A Caça, in Portugalia, II, p. 88.

<sup>2</sup> in « Revista Lusitana », VI, p. 129.

sas, derão ocasião ao adagio, *Sabe como gaitas* » — Até os *buracos* foram transformados em *braços*, atribuindo-se falsamente ao nosso melhor lexicógrafo a rara invenção de peixes com braços e braços com buracos! Muita razão tinha Augusto Schleicher em recomendar que jamais se fizesse uma citação sem se ter o cuidado de escrupulosamente a conferir.

Erre cada um à vontade por sua conta, mas não atribua a outrem os disparates que lhe veem à cabeça.

*Gaitero* é o músico que toca principalmente a gaita de foles. Como adjectivo quer dizer «alegre», «garrido», como quando dizemos de um velho, ou de uma velha, que são *gaiteros*. Com efeito, tanto a gaita ordinaria, como a de foles, são instrumentos alegres, e gratos ao ouvido, se nos campos soam; nas cidades, são mais um guincho e um ronco importunos, a juntar aos muitos rumores e sussurros que nos ensurdecem e desafinam os nervos.

#### gajo, gaja; gajé

São termos de calão conhecidos, derivados do caló, ou dialecto cigano de Espanha, *gachó*, *gaché*, pl. *gachés*. Se aceitarmos, porém, como completamente averiguado que o *ch* ali tem o mesmo valor que nos dialectos castelhanos, nomeadamente o andaluz, visto que é da Andaluzia que para Portugal veem em geral os ciganos, temos de admitir que a forma passou ao português por intermédio de ciganos orientais, pois é aí que nós a encontramos, por exemplo no dialecto dos da Moldo-Valáquia, com uma consoante medial análoga à portuguesa de *gajo* (pron. *gadjó*) «labrego». É provável, porém, que a ortografia castelhana, adoptada para a escrita do caló, haja confundido, no mesmo símbolo **ch**, a forte *tch* (*ch* beirão ou castelhana) e a branda correspondente *dj*. É sabido que na transcrição, mesmo metódica e científica moderna, os arabistas espanhóis transliteram por **ch** a 5.<sup>a</sup> letra do alfabeto arábico, que se profere *dj* na Ásia e *j* vulgarmente nos países barbarescos. Dêste modo, a forma portuguesa diferenciar-se-ia apenas na mudança do acento para a 1.<sup>a</sup>

silaba, o que se observa em outros vocábulos da mesma origem (v. *parno*).

Quanto ao substantivo abstracto *gajé*, de calão igualmente, poderia elle representar um singular deduzido do plural caló *gachés*, de *gaché*, forma de singular que alterna com *gachón*, no andaluz aciganado, como se vê, por exemplo, na cantiga da Contrabandista da *Feria de Mairena*:

— « Si el resguardo le prendiera  
á tiros le reagatara,  
que los ojos e mi cara  
son los ojos e mi gaché » —.

É mais natural, porém, que a palavra *gajé* seja simplesmente deturpação do francês *dégagé*, « desempenado, airoso; donaire, desembaraço ».

O significado próprio de *gachó*, femenino *gachá*, em caló é « rapaz, rapariga, adultos, não ciganos »; e em português a de *gajo* é « qualquer sujeito a quem o fadista se refere com malevolência »: — ; Vês aquelle gajo? <sup>1</sup>.

#### galão

O DICIONARIO CONTEMPORANEO dá como quarta acepção dêste vocábulo — « gole, cada um dos saltos que dá o líquido ao sair de um gargalo ou bocca de vasilha » —; e como quinta acepção — « corcovo, salto que o cavallo dá erguendo as mãos e enovelando-se » —. Esta última definição vem por outras palavras no VOCABULARIO de Bluteau, e é com êste significado que se relaciona o modo adverbial, usado em Sam Miguel dos Açores, de *galão*, « de salto, de chofre ».

<sup>1</sup> O SECULO, de 10 de setembro de 1900.

## galego

Êste adjectivo é muito usado em português para diferenciar castas, raças ou espécies, sem que por isso se queira dizer sempre que proviessem da Galiza.

Assim dizemos *couve galega*; *ginja galega*, por opposição a *ginja garrafal* (*q. v.*) que é a mais grada e de melhor sabor, menos azeda, etc.

Com alguns nomes, porém designa de certo orijem, como acontece, por exemplo, com *boi galego*, por opposição ao *barrosão*: — « Faz lembrar o *Taurus brachyceros*, ou *bos longifrons*, conhecido e domesticado desde o neolithico... e aproxima-se muito do nosso typo actual do *boi galego* » —<sup>1</sup>.

Como substantivo, *galego* designa não só o natural da Galiza, principalmente de condição humilde, mas também o português do norte, que exerce os mesteres que dantes eram a bem dizer privativos dos galegos verdadeiros, e entre êsses o de aguadeiro, mais especializado com um epíteto *galego de barril*, que A. de Campos empregou no romance o MARQUÊS DE POMBAL neste sentido.

De Galiza derivou-se, além de *galegos*, (latim *galaecos*), outro adjectivo *galiziano*, (*q. v.*) em **gereziano**.

## galela, galelo

O NÓVO DICIONÁRIO dá o termo *galelo* como transmoutano, com a significação de « gomo da laranja ». Leite de Vasconcelos<sup>2</sup> diz-nos significar « escádea, bagos de uva », e que a forma feminina *galela* quer dizer « rabisco », e por isso se diz *ir à galela*.

<sup>1</sup> Portugalia, I, p. 327.

<sup>2</sup> RESPIGOS CAMONIANOS, p. 45, nota.

## galheta

O NÓVO DICIONÁRIO traz duas inscrições desta forma: 1.<sup>a</sup> certas garrafinhas como as usadas na mesa para azeite e vinagre, e no serviço da missa, para vinho e água —, e a esta subordina o termo de jíria, com a significação de «bofetada».

A 2.<sup>a</sup> forma diz-nos ser o nome de uma — «trombeta de guerra, entre os prêtos de Lourenço Marques, feita de chifre de cabrito. (De galho)» —.

Que o vocábulo não é indijena vê-se pelo *lh*.

Ora o termo de jíria acima apontado não pode subordinar-se a *galheta*, «garrafa»; é preciso abrir para êle terceira inscrição, pois é simplesmente o castelhano *galleta* (pr. *galheta*), «bolacha», derivado do francês *galette*, com a mesma significação, e que se diz provir de *galet*, «seixo grosso e chato, boleado pelas águas», que seria palavra bretã, mas parece deminutivo de *gal*, que no francês antigo significava «calhau»<sup>1</sup>.

Confronte-se *biscouto* (*q. v.*). Assim, como *bolacha* significa também, como termo de jíria, «bofetada», do mesmo modo se empregou a palavra espanhola, neste sentido figurado.

## galhípo

— «O isqueiro ter-se-hia vulgarizado principalmente com os progressos do uso do tabaco; e não obstante as actuaes disposições prohibitivas, ainda a sua utilização subsiste occultamente: o *cornípo* no planalto Barrosão e no Soajo (*galhípo* em Lindoso) é um toro de chifre de bode, vedado com discos de cortiça e incluindo farrapos de linho chamuscado ou medulla de sabugo: com um fragmento de quartzo leitoso regional obteem a fáiça e logo o fogo necessario para o fumo» —<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> E. Littré, DICTIONNAIRE DE LA LANGUE FRANÇAISE, Paris, 1881.

<sup>2</sup> Rocha Peixoto, ILLUMINAÇÃO POPULAR, in Portugalia, II, p. 37.



É longa a transcrição; contém ela, porém, tam perfeita descrição do objecto designado com o nome de *cornipo* ou *galhipo*, que entendi não dever suprimir-lhe nem uma palavra, e com tanto maior razão, quanto é certo ser omisso nos dicionários o termo *galhipo*.

galinha; galinheiro; eugalinhar

*Galinha* era unidade monetária de Ajudá que valia 33,3 réis portugueses do continente, isto é, duzentos *búzios* (*q. v.*) <sup>1</sup>.

Apontarei aqui os nomes de algumas castas de galinhas, transcrevendo-os do jornal O SÉCULO, de 23 de fevereiro de 1902:

brigadora  
de asa de pato  
de peito negro  
paduana ou polaca  
pedrês  
de poupa.

O derivado *galinheiro* significa «a capoeira das galinhas e do galo», e o «indivíduo que vende galinhas».

No Alentejo o termo *galinheiro* tem significação menos restrita, como vemos do trecho seguinte:—Uma casa qualquer em que pernoitam e põem as aves domesticas do monte [casal], com excepção dos pavões e patos reaes (gansos), que dormem e nidificam fora ou ao ar livre e á solta» —<sup>2</sup>.

J. J. Núñez <sup>3</sup> cita a forma *galhinha*, que diz arcaica e que se explica por assimilação do *l* à palatal *nh* da sílaba seguinte.

Modernamente introduziu-se o castelhanismo *galinheiro* (*galinero*), para denotar nos teatros o que antigamente era denomi-

<sup>1</sup> Carlos Eujénio Correia da Silva, UMA VIAGEM AO ESTABELECIMENTO PORTUGUEZ DE S. JOÃO BAPTISTA DE AJUDÁ EM 1865, Lisboa, 1866.

<sup>2</sup> J. da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALENTEJO, in Portugalia, I, p. 545.

<sup>3</sup> REVISTA LUSITANA, III, p. 302.

nado *varandas*, isto é, « bancos corridos na última ordem », convém saber, ao pé do teto, lugares mais baratos que nenhum.

O verbo *engalinh* é faceto e quer dizer « tomar enguiço, agastar-se ».

ganadeiro; ganância; ganhar, ganhão, ganharia, ganhança

*Ganadeiro* é castelhanismo muito usado, como outros, no Alentejo, e tem a significação de guardador de gado, em castelhano *ganadero*, de *ganado*, que é o mesmo vocábulo que o *gado* português, conecso com *ganar*, *ganhar*; conquanto não se explique facilmente a eliminação do *nh* dêste último verbo, a não ser porque proviesse directamente, em tempos antigos, do verbo castelhano, de que o substantivo *ganado* é apenas o participio passivo, substantivado como tantos outros:— « um terrível lobo, que ha annos trazia inquietos os lavradores e ganadeiros »—<sup>1</sup>.

Importação directa de castelhano é *ganância*, que o povo rústico em Portugal diz, com maior vernaculidade, *ganhança*.

*Ganhão* é o trabalhador adventício a jornal:— « CASINHA DOS GANHÕES... dormitorio e casa de descanso dos «ganhões ou moços de lavoira, que constituem a *ganharia* »—<sup>2</sup>.

Aqui, *ganhão* tem sentido especial, como se vê da definição claríssima. Antes, J. da Silva Picão abona o termo *ganharia* aqui empregado:— « A cosinha, em certas partes, tambem serve de refeitório da ganharia e restante pessoal, como carpinteiro, ferrador, etc. »—.

gandula, gandum

O NÓVO DICIONÁRIO, no Suplemento, incluiu ambos êstes vocábulos, o primeiro como de uso actual em Gaia, na acepção

<sup>1</sup> O SÉCULO, de 6 dezembro de 1900: correspondência de Avis.

<sup>2</sup> ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALENTEJO, in «Portugalia», I, p. 541 e 538.

de « garoto, vadio », o segundo como antigo, sem definição, mas abonado com o trecho seguinte:— « quando eu era choramigas da ausência, era papa arroz da mágoa; agora sou gandum da preguiça. . . *Anatômico] Jocóso*, I, p. 195. (Por *gantum, gaudério*)? » —.

Em castelhano temos *gandul*, que o Dicionário da Academia Espanhola define dêste modo:— « Gandul, la. (Del ár. *YANDUR*, majo, valentón) adj. fam. Tunante, vagabundo, holgazán. // Individuo de cierta milicia antigua de los moros de Granada y África » —<sup>1</sup>.

A etimolojia foi dada por Dozy <sup>2</sup>, e é natural que o termo viesse de Espanha para cá.

O moderno *gandul* e o antigo *gandum* devem de ser o mesmo vocábulo, e o significado primitivo é com certeza o segundo apresentado no Dic. da Academia Espanhola. As consoantes finais dos vocábulos arábicos eram, como adverte Dozy, mal ouvidas e sofreram substituições, de outro modo inexplicáveis.

Por longuíssimo não traduzo para aqui o interessantíssimo artigo por Dozy consagrado ao *gandul* andaluz e ao *gandur* mouro, com os seus correspondentes femeninos *gandulera* e *gandura*. Pela descrição dos *gandures* e *ganduras* vê-se que são uma espécie de fadistas de lá, emquanto novos e novas, peralvilhos a seu modo, chibantes e amigos de se divertirem, mas de costumes corrompidos; depois de velhos e velhas fazem-se rufiães e alcoviteiras.

### garrafa, garrafal

A palavra *garrafa* é também castelhana; mas é sabido que nesta lingua, como em francês *carafe*, só se applica às de vidro ou cristal, com rolha de igual substância, que se põem na mesa

<sup>1</sup> Madrid, 1899.

<sup>2</sup> GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869.

com água ou com vinho. porque a *garrafa* de *engarrifar* vinhos e licores se denomina respectivamente *botella*, *bouteille*.

Dozy <sup>1</sup> diz-nos ser vocábulo de origem arábica. *YĀBĀFE*, forma que, segundo afirma, não vem nos dicionários com tal significado, mas com o de um enjenho para tirar água de poços. O radical é *YARĀFA*, «tirar água», de que proveem os substantivos *YURUF*, «copo», e *YURF*, «púcaro».

De *garrafa* se deriva o adjectivo *garrafal*, que quer dizer «avultado, grande», tanto aplicado à *letra*, *letra garrafal*, como à *ginja*, *ginja garrafal*. Este último epíteto, também usado em castelhano, *guinda garrafal*, é muito antigo, pois Bluteau faz dele menção, descrevendo esta deliciosa fruta do modo seguinte:— «He maior que as outras [ginjas], e mais doce, tem o pé curto, e a cor tira a negro. Bahuino, na Historia universal das plantas, part. I, p. 220 e 221, he de parecer que he a que Plinio chama *Cerasus* [cerásus] *Macedonica*»—.

O epíteto castelhano (*guinda garrafal*) encontra-se já mencionado por Navagiero (xvi século), que na Descrição de Granada, ou como os nossos escritores antigos lhe chamaram *Grada*, diz ser excelente a casta denominada *guindas garrafales* <sup>2</sup>.

A ginja mais meúda e acre designa-se vulgarmente com o nome de *ginja galega*. (V. **galego**).

### Garrett

O apelido inglês do maior poeta nacional depois de Luís de Camões, João Baptista de Almeida Garrett, está recentemente a

<sup>1</sup> GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE. Leida, 1869. Represento por Y a 19.<sup>a</sup> letra do alfabeto arábico, a qual é uma fricativa sonora, correspondente à surda, **jota** castelhano actual.

<sup>2</sup> Escrita em italiano: *apud* Francisco Xavier Simonet. DESCRIPCIÓN DEL REINO DE GRANADA, Granada, 1872, p. 215, (Apéndice VI). O título da obra de Navagiero é, conforme R. Foulche-Delbosc, (BIBLIOGRAPHIE DES VOYAGES EN ESPAGNE ET EN PORTUGAL, in «Revue Hispanique», III, p. 22, 1896): IL VIAGGIO FATTO IN SPAGNA ET IN FRANCIA DAL MAGNIFICO M. Andrea Navagiero, Vinegia, 1563.

ser pronunciado de um modo pretencioso e que nenhum fundamento racional pôde abonar. Diz-se para aí entre gente que presume de instruída, e muitas vezes o é na realidade, *gàrré*. O que lhes seria difícil fôra dizerem em que se estribam e com que se escudam para tam anómala pronunção. O apelido é inglês, e se à risca se quisesse proferi-lo como nesta língua, haveria de pronunciar-se *gàret*, com o acento na 1.<sup>a</sup> sílaba, e um *t* proferido na segunda.

Se o nome fôsse francês, que não é, nenhum francês, ao vê-lo escrito com dois *tt* finais, deixaria de pronunçá-lo *gàréte*. A extravagante pronunção *gàrré* é que não pertence a língua nenhuma conhecida, e só prima pelo ridícula que é.

O facto, porém, é que o próprio poeta sempre pronunciou o seu apelido como se em português se escrevesse *garréte*, com *a* surdo na primeira sílaba, o acento tónico na 2.<sup>a</sup>, e o *t* perfeitamente proferido. Assim lho ouvi eu várias vezes, assim o pronunçavam todos os seus contemporâneos, e entre êles o seu fidelíssimo amigo, discípulo, e poeta notável da escola romântica Francisco Gomes de Amorim, em casa de quem tive a glória de encontrar a Garrett, sendo eu uma criança de treze anos.

Não é de admirar êste aportunamento de nomes estranhos: também, por exemplo, *Stockler*, *Mayer* e *Van Zeller*, se aportunaram na pronúncia em *estoclér*, *maiér* e *vanzelér*; também nunca ninguém pronunciou cá o nome do conhecido espingardeiro francês *Imberton* de outro modo que não fosse *imbèrtom*; e assim tantos outros. É hoje em dia que há a preocupação de se arremedarem as pronúncias estrangeiras dos nomes, e às vezes com tanto acêrto, como o do glorioso poeta, tam esquecido já, que até lhe mascaram o nome, que era bem dêle, e como êle o pronunçava e queria que lho pronunçassem, bem à portuguesa, e não com disfarces que o transtornam e afeiam.

garroteia, jarreteira

A ordem militar a que hoje chamamos à francesa da *Jarreteira*, foi denominada *Garroteia* um século depois da sua insti-

tuição em Inglaterra, em 1341. É imitação provável do nome inglês *Garter*, que W. Skeat <sup>1</sup> deriva do galês *gar*, «pernil», «canela da perna», étimo céltico da palavra hispânica, de significado um tanto diferente, *garra*, de que provém *garrote*. A palavra *garter*, como a francesa *jarretière* { *jarret*, «curva da perna», quero dizer o que actualmente chamamos *liga*, «a fita com que se seguram as meias», e que por aquele tempo as prendia às calças, ou calções que vinham da cintura até o joelho. A forma francesa antiga, *gartier*, está para a inglesa *garter*, como *jardin* para *garden*, e é sabido que em francês o *g* originário antes de *a* dá *ja*, como o *c* na mesma situação, *chá*. (V. *jardim*). A palavra *gar*, mais ou menos modificada, em todas as línguas célticas modernas conserva significação análoga, em bretão *garr*, em erse *cas*, «perna», etc.

Eis aqui a abonação do vocábulo *garroteia* em português:— «em França por sua ardidez e bondades foi [Alvaro Vaz de Almada] feito conde de Abranxes, e em Inglaterra por sua valentia foi recebido por companheiro da ordem da Garrotea, de que principes cristãos e pessoas de grande merecimento são confrades» —<sup>2</sup>.

#### garula

O NÓVO DICIONÁRIO dá êste vocábulo como termo de jiria, com a significação de — «perúa» —. Creio ser gralha lexicográfica, devida a erro de apontamento, em que se leu *u* por *n*, pois a êste vocábulo sempre ouvi dar o significado de «perna».

#### garvaia

Vestimenta rica. V. REVISTA LUSITANA III, p. 142.

<sup>1</sup> A CONCISE ETYMOLOGICAL DICTIONARY OF THE ENGLISH LANGUAGE, Ocsónia, 1887.

<sup>2</sup> Rui de Pina, CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. XXXI.

## gás

O Nôvo DICIONÁRIO emenda no Suplemento *gaz* para *gás*, e parece-me que tem razão; no que a não tem é em atribuir a invenção portuguesa a forma *gaz*, com *z*; é simplesmente cópia da escrita francesa. É incerta a origem do vocábulo, que é artificial: a mais provável é haver sido fabricado por Van Helmont, fisico flamengo do XVII século (1578-1644), tomando por base a palavra grega κ'λος, «massa informe». A razão da inicial *g* é a seguinte: os holandeses e flamengos proferem o *g* inicial como o actual *j* castelhano, e ao lerem grego dão êste valor ao κ'ι ou antepenúltima letra do alfabeto helénico, que os romanos transliteraram por *ch*; aquele valor tem ela no romaico, ou grego moderno, já o tinha no grego bisantino, e provavelmente desde o II ou III século da era cristã, como pretende Frederico Müller <sup>1</sup>.

*gaspilhar*

Não pense o leitor que êste verbo seja uma variante de *gasppear* (botas); não é.

Num jornal diário, em que se dá notícia do falecimento do eminente publicista Emidio Navarro, fazendo-se inteira justiça à vernaculidade da linguagem portuguesa, que sempre e em toda a ocasião êle usou, uma coluna antes, lêmos com assombro o seguinte período:— «Pede [o povo de Portugal] que [os governos] arrecadem e administrem honradamente os dinheiros publicos; que os não gaspilhem em despezas inuteis e voluptuarias» —.

Eu não sei quem foi o articulista que escreveu êste desconchavo, onde pretendeu dar a entender que sabe (?) francês, conseguindo apenas mostrar que não sabe português, pois verbos

---

<sup>1</sup> GRUNDRISS DER SPRACHWISSENSCHAFT, vol. III, t. II, Viena, 1887, p. 423.

desta lingua, com o significado que tem *gaspiller* em francez, não faltam, e já aqui, sem reflectir um segundo, me saltam dos bicos da pena três: *desperdiçar*, *extravaganciar* e *esbanjar*. ¿Que há de o povo entender por aquelle *gaspilhar*, que não usa, nem encontra em dicionário algum portuguez? ¿E esse outro estrambótico adjectivo *voluptuarias*? Alguém mais curioso, que o busque nos vocabulários, capacitar-se há sinceramente de que o ominoso govêrno vai com os dinheiros públicos estabelecer lupanares para recreio e deleite dos ministros.

### gastão

Ninguém poderá saber a razão por que esta palavra tam portuguesa foi eliminada em dois dicionários modernos bastante copiosos, o CONTEMPORANEO, e o NÓVO.

As definições dadas por Bluteau são como se segue: — «GASTAM de Bastão, ou Bordão. O remate redondo de Latão, Prata ou pao. em que descança a mão de quem o traz».

Gastão do fuso. O bocadinho de chumbo, ou latão, que cobre a pontinha do fuso. e ajuda a torcer o fio... Na sua prosodia declarando a significação de Verticillum diz Bento Pereira *Mauça* ou *Mainça do fuso*, em algumas partes do Reino se chamará assim o ditto gastão —. Isto está parafraseado: o que Bento Pereira diz é o seguinte: — «Verticillum... a mauça ou mainça do fuso» —.

J. Inácio Roquete, no DICTIONNAIRE PORTUGAIS-FRANÇAIS inscreveu: — «GASTÃO. s. m. pomme d'une canne, — do fuso». V. *Maunça*. — «MAUNÇA. s. f. poignée; botte d'aulx secs. — do fuso. rainure en spirale pratiquée au bout le plus mince d'un fuseau à filer» —.

Vê-se de tudo isto que *mainça* ou *mauça* (q. v.) e *gastão* do fuso são duas cousas distintas. Os dois dicionários citados, se não trazem *gastão*, incluíram ambos *castão*, forma que, pelo menos com relação à bengala, é a mais usual hoje em dia; mas a respeito de *castão do fuso*, deixaram-no ficar no tinteiro, e o NÓVO



DICIONÁRIO em *mainça* declara-nos que é — « remate do fuso » — sem nos dizer de que lado fica o tal remate, pois na bengala, por exemplo, o remate de cima é o *castão*, e o de baixo a *pon-teira*.

Em italiano há dois vocábulos muito parecidos: um é *fusaiòla* ou *fusaròla*, o qual significa « pedaço de madeira, ou de pano, com um buraco a meio, onde as fiadeiras seguram os fusos »; o outro *fusaiòlo* ou *fusaròlo* — « rosca pesada que se enfia na ponta ou ferreta [se é de ferro] do fuso, para que gire com maior regularidade » —. Qualquer dos dois vocábulos deriva-se de *fuso*, pronunciado *fuço*, e não *fuzo*, pois *fuso*, com esta pronúncia é participio passivo do verbo *fòndere* « derreter » <sup>1</sup>. O *castão* ou *gastão do fuso* será então o *fusaiòlo*, de que os franceses fizeram o seu *fusaiòle*, que já passou artificialmente a português com a forma errónea *fuseola* (q. v.).

#### gata, gateira

Não é a fêmea do gato que vou mencionar aqui: é o termo de Sam Miguel dos Açores *gata*, que corresponde ao *gateira* de Lisboa, isto é, « bebedeira » <sup>2</sup>. É extraordinária a quantidade de palavras que existem em português para designar, mais ou menos graciosamente, este vício, e a manifestação dêle: formariam só por si um curioso glossário, se se pudessem analisar todos por forma, que ficasse patente a orijem de cada um. Tesouro de tantos nomes pertence com certeza a terra de muitos bêbados.

#### geio, geada: v. **geo**

<sup>1</sup> P. Petrocchi, *NÓVO DIZIONÁRIO UNIVERSALE DELLA LINGUA ITALIANA*, Milão, 1887-1892.

<sup>2</sup> O *SEculo*, de 5 de julho de 1901.

## geira

Esta palavra, já definida nos dicionários portugueses, é, como se sabe, o latim *diaria*, «que se vence num dia». Registarei apenas aqui a locução transmontana *ir á geira*<sup>1</sup>, «ir para o trabalho diário», a qual confirma o ótimo.

## gemónias

O NÓVO DICIONÁRIO acentou *gemónias*, e corrigiu no Suplemento para *gemónias*, mas com certa hesitação. Não há motivo para hesitar: *gemónias* acentou J. Inácio Roquete<sup>2</sup>, Francisco Adolfo Coelho<sup>3</sup>, etc., e admira que o DICIONÁRIO CONTEMPORANEO, o qual passou pelas mãos de um perito latinista, Santos Valente, deixasse passar o erro crasso *gemónias*, devido unicamente a qualquer escrevedor ignorante, que não sabendo nem ao menos ler latim, remedou em português o francês *gémonies*, cujo acento tónico está no *i*, o que é de regra nesta língua. Como era desacerto divulgou-se, segundo o costume.

Em Roma chamavam-se *Gemoniae scalae*, ou simplesmente *Gemoniae*, umas escadarias pelas quais eram com um gancho arrastados os supliciados, para serem arrojados ao Tibre. Figuradamente, usa-se esta expressão para indicar «extremo descafo, vitupério, castigo, justo ou injusto», infligido a qualquer, principalmente em opposição a triunfo, ovação que antes se lhe tivesse feito, ou se lhe houvesse de fazer.

## generar

É verbo que não vem apontado em nenhum dicionário, e cuja significação, como se depreende do seguinte trecho, é «gerar»:

<sup>1</sup> REVISTA LUSITANA, IV, 268.

<sup>2</sup> DICTIONNAIRE PORTUGAIS-FRANÇAIS, Paris, 1885.

<sup>3</sup> DICIONARIO MANUAL ETYMOLOGICO DA LINGUA PORTUGUEZA.

— « choravam os Padres por deixarem os christãos filhos seus, que tinham *genereado* em Christo, e tiraram do poder do demónio » —<sup>1</sup>.

Parece ser neolojismo, adrede fabricado para evitar o emprego duvidoso de *gerar*.

genesi, genesim, Génesis, génese

Gil Vicente usa o vocábulo *genesi*, agudo, no verso seguinte:

— « ... outro sacrificio figuram em si,  
Que matar bezeros, nem aves ali:  
Outra mais alta oferta soletra  
E outro *genesi* » —<sup>2</sup>.

Deve ser uma hebraização rabínica do grego GÉNESIS. A outra forma *genesim* é já portuguesa: nasalizou-se o *i* final, como outros muitos de substantivos, tais como *marfim*, *rubim*, antigamente *marfi*, *rubi*, e até de partículas, como *sim*, *assim*, por *si*, *assi*.

*Génesis* em grego e latim é palavra femenina, mas costuma dizer-se o *Génesis*, como se diz o *Apocalipse*, também femenino, com elipse do substantivo masculino *livro da*, em referência ao primeiro do Velho Testamento, e ao último do Novo.

A palavra *génese*, « geração », que tomámos imediatamente do francês *génèse*, deve ser proferida com o acento na primeira sílaba, atenta a sua orijem grega, com *e* breve na penúltima sílaba: dêste modo fica sendo um aportuguesamento do vocábulo grego *génénesis*, como *análise* o é de *ánálsis*.

gens: v. **jens**

<sup>1</sup> P. António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS NA PROVINCIA DO JAPÃO, Lisboa, 1894, p. 77.

<sup>2</sup> AUTO DA HISTÓRIA DE DEUS.

## geo, geio, geoso, gear, geada, gêlo

Do latim *gelu* proveio por evolução portuguesa *geo*, *geio*, postulado pelo verbo *gear*, substantivo participial *geada*, e adjectivo *geoso*, abonado no trecho seguinte:— « Dizem de Portalegre que continua rasoavel o aspecto geral do campo. Durante o mez de fevereiro correu o tempo extremamente frio e geoso »—<sup>1</sup>. O substantivo *gêlo* e os seus afins e derivados devem ter origem literária, atenta a permanência do *l* latino intervocálico.

Há outro vocábulo *geio*, «socalco», o qual nenhuma relação parece ter com o da minha hipótese.

## geolho

Não é arcaísmo em todo o reino esta forma, que em quasi toda a parte foi substituída por *joelho*. Em Caminha, por exemplo, é a forma usual e corresponde ao castelhano *hinojo*, italiano *ginocchio*, francês *genou*, do latim *genuc(u)lum*. A forma moderna *joelho* ou provém de outro deminutivo de *genu*, *genic(u)lum*, como cuida, ou foi refeita pela metátese de *ajeolhar* por *ageolhar* { *geolho*, como é o parecer de quasi todos os etimologistas.

## Gerez, gereziano

Do nome próprio *Gerez* formou Alberto Sampaio o adjectivo *gereziano*:<sup>2</sup> — « como hoje no macisso gereziano » —. Melhor fôra, a meu ver, *gerezino*, ou *gerezano*, ou *gerezão*, não obstante o adjectivo *galiziano* { *Galiza*, que também empregou:— « O ca-

<sup>1</sup> O ECONOMISTA, de 26 de março de 1883.

<sup>2</sup> AS « VILLAS » DO NORTE DE PORTUGAL, in Portugalia, I, p. 116.

vallo gabado por Plinio... pelo trote d'andadura, pertence ao *typo galliziano* —<sup>1</sup>.

Este último termo está já consagrado em publicação oficial vernácula e de bastante autoridade <sup>2</sup>.

Disse que preferiria outra forma de derivação à que o douto escritor empregou, *gereziano*; é possível, porém, que a nossa nomenclatura convencional geológica, em que infelizmente a vernaculidade da língua tem sido tam pouco respeitada, o obrigasse àquela terminação com sabor tam afrancesado, como o do substantivo *macisso*, francês *massif*.

ginete; gineto, gineta

Conforme Bluteau <sup>3</sup>, a acepção primordial do primeiro destes vocábulos é— « cavallo de casta fina » —, sendo secundárias as de— « cavalleiro, com lança e adarga, e estribos curtos —, homem a cavallo » —.

Seguem este parecer o DICCIONARIO CONTEMPORANEO, o MANUAL ETYMOLOGICO, o NÓVO DICCIONÁRIO, como já tinha feito entre outros o PORTUGUÊS-FRANCÊS de Roquete. Todavia, o próprio Bluteau, no Suplemento, referindo-se a Capitão de ginetes, define esta locução com as seguintes palavras:— « responde este officio a General de Cavallaria do Reyno » —. Vê-se pois que a acepção, que deu como secundária de « cavaleiro armado » é a primária, sendo a de « cavalo » deduzida desta; e com efeito assim é em castelhano:— « A esta necesidad obedeció que los musulmanos tomaran á sueldo caballeros cristianos y que los cristianos hicieran lo mismo con ginetes moros; estos últimos alcanzaron gran celebridad en la península, tanto en Granada, donde los zenetes constituyeron uno de los partidos mas fuertes, como en los reinos cristianos, entre los cuales la palabra

<sup>1</sup> *ib.* p. 117.

<sup>2</sup> RECENSEAMENTO GERAL DOS GADOS DO CONTINENTE DO REINO DE PORTUGAL, Lisboa, 1870, p. 30, 61, 62, 72, 108, 110, e *passim*.

<sup>3</sup> VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO.

*zenete*, nombre de su tribu ligeramente modificado ha quedado como apelativo de hombre á caballo, *ginete*, y se llamaban *ginetes* en la edad media los caballos de paseo y carrera,— en Castilla la palabra *zenete* ha pasado á su lengua con ligera modificación ortográfica para designar un hombre á caballo; su modo de cabalgar, á la *jineta*, ha quedado como escuela ó especie de equitación; *ginetes* se llamaban en la edad media los caballos de carrera y paseo en Cataluña; aquí se usaban también espuelas, estribos y pitrales *ginetes* en los aparejos de caballos y hasta las banderitas que coronaban las lanzas por debajo de los hierros » —<sup>1</sup>.

Exemplo português de *ginete* com a significação de «cavaleiro» é o seguinte:— «dous mil e trezentos de cavalo, a fora os corredores, que agora chamam *ginetes*» —<sup>2</sup>.

O vocábulo arábico tem *z* como inicial, e foi mudado na Península Hispânica em *j*, como o foi semelhantemente em *girafa*, de *ZARAF*. É sabido que o *A* (*a* longo) valia muitas vezes por *e* no dialecto arábico das Espanhas.

O termo *ginete* vemo-lo modernamente empregado como designação de uma casta de sela:— «e o *ginete* ou *bastarda*, como denominam as sellas ordinarias» —<sup>3</sup>.

A palavra *ginete*, *gineto*, *gineta*, segundo as localidades, nome de um animal carnívoro, é outra, também arábica, *GARNAT*, conforme Dozy <sup>4</sup>.

O termo *ginete*, como sinónimo de «cavalo fino», é hoje desusado em português, e tido por artificioso; não assim porém em castelhano, no seu sentido primordial, de «cavaleiro».

<sup>1</sup> André Giménez Soler, AFRICANOS EN ESPAÑA, in «Revue Hispanique», XII, p. 301 e 349.

<sup>2</sup> Duarte Galvão, CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO HENRIQUEZ, cap. LII.

<sup>3</sup> BOSQUEJO DE UMA VIAGEM NO INTERIOR DA PARAHYBA E DE PERNAMBUCO, in «O SÉCULO», de 8 de junho de 1900.

<sup>4</sup> GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869.

## ginja, ginjinha, ginjeira, ginjal; guinda, Guinda

Ao português *ginja*, de que se derivou *ginjinha*, «aguardente em que se maceraram ginjas», expressão análoga à *laranjinha* brasileira, formada de *laranja*, e que também designa uma «aguardente aromatizada com laranja», corresponde o castelhano *guinda*, que parece ter sido também português, atento o nome *Os Guindais*, no Pôrto, designação onomástica que vem a corresponder no sentido a *O Ginjal*, defronte de Lisboa. *Ginjal* significa «sítio plantado de *ginjeiras*», como *pinhal*, «terreno onde há *pinheiros*», *ameixial*, «pomar de *ameixieiras*», etc.

A origem presumida destes dois vocábulos é problemática, pois se com eles se relaciona indubitavelmente o francês moderno *guigne*, e talvez o antigo *guisne*, o romeno *vişin*, o russo *vixnia*, todos os quais teem uma nasal, o étimo que se lhe atribui, o alto-alemão antigo *wihsela* <sup>1</sup>, não apresenta essa nasal. Outras formas análogas, com a nasal, ou sem ela, como o italiano *visciola*, existem disseminadas por quási todas as línguas europeias, incluindo as esclavónicas, o grego moderno, o albanês, o húngaro, o turco, e pode ver-se a maior parte delas no Dicionário etimológico romeno, de A. de Cihac <sup>2</sup>, obra a todos os respeitos monumental, que obteve o prémio Volney, em 1880.

## gingibirra

O Nôvo DICCIONÁRIO dá o vocábulo *genjibirra*, como designando uma bebida usada entre os indígenas do norte do Bra-

<sup>1</sup> V. Körtling, LATEINISCH-ROMANISCHES WÖRTERBUCH, Paderborn, 1890, n.º 8892.

<sup>2</sup> DICTIONNAIRE D'ÉTYMOLOGIE DACO-ROMANE, «Éléments slaves, magyars, turcs, grecs-modernes, et albanais», Francoforte, 1879, p. 459.

sil. Há engano manifesto: nem a palavra tem o menor vizlumbre de pertencer a línguas americanas, nem é natural que designe qualquer bebida indígena. É simplesmente a italianização, e por ela o aportuguesamento do inglês *gingerbeer*, «cerveja de gengibre», bebida refrijerante muito conhecida. *Birra* em italiano, como *beer* em inglês quer dizer «cerveja», e nesta língua *ginger* significa «gengibre».

gôdo, godo (=gôdo)

O NÓVO DICIONÁRIO dá-nos o vocábulo *godo*, com o aberto, *gôdo*, como sinónimo de *gogo*, «seixo boleado pelas águas», e diz-nos ser termo minhoto. Em Arcozelo, conforme nota que dali me foi remetida, a palavra *gôdos*, com o fechado, aplica-se a uns rôlos de madeira, que se metem em canudos de lata terminados em borda na parte superior, para neles se assentarem móveis, acima dos quais se quer assim evitar que subam os ratos. É digno de menção o termo.

golilha, goela

O primeiro dêstes vocábulos é castelhanismo, *golilla*, cuja forma antiga era *goliella*, de *güella*, diminutivo de *güla*: de que também procedeu o português *goela*, que lhe corresponde na forma, não porém no significado, e que, como se vê, se deve escrever *goela* com *o*, como antes sempre se fêz, e não *quela* com *u*, como agora se está ortografando erradamente, e com o grave equívoco de poder ser lida a primeira sílaba como a de *guerra*, isto é, sem se proferir o *u*. Efectivamente, é sabido que a *u* breve latino corresponde, tanto em castelhano como em português, *o*, conquanto neste se pronuncie há muito como *u*, quando é átono. No Brasil, porém, conserva-se a distinção entre *o* e *u* antes da sílaba predominante.



## golpelha, gorpelha, corbelha

O NÓVO DICIONÁRIO dá-nos *golpelha* como alterado de *corbelha*, e outro *golpelha* { uulpêcula, «raposa»:

«O lobo mais a golpelha

«Fizeram uma conselha».

Nenhuma dúvida há com relação a esta segunda *golpelha*, como procedente da forma latina apontada. Examinemos a outra.

*Golpelha*, *gorpelha*, «alcofão», parece terem-se confundido com a outra *golpelha*, e é talvez essa a razão porque o latim *corbīcula*, diminutivo de *corbis*, «cêsto», que deu a forma antiga *corbelha*, perfeitamente regular, produziu o alótropo *gorpelha*, com a singular mudança de *c* em *g*, e a mais singular ainda de *b* em *p*; permutação raríssima, que nem mesmo é comparável a *súpito* { *subitum*, pois aqui as duas surdas *s* e *t* assimilaram ao mesmo género a sonora *b*, concorrendo mais para esta assimilação eufónica o ser o vocábulo esdrúxulo, e o *b* pertencer, como o *t*, a sílaba átona.

É moda, com referência ao enxoval da noiva, usar-se a palavra francesa *corbeille*; e quando digo moda quero dar a entender que o é na linguagem avariada dos anúncios de modistas e modistos, e na dos noticiaristas que os arremedam, por galantaria, ou por ignorância.

Ora, *corbeille* quer dizer em geral «açafate, cesta bastante larga com pé», e não me consta que as noivas, para aparar as prendas, ponham uma cesta à disposição das pessoas suas conhecidas.

Assim parece-me que *prendas*, ou *mimos* ou *enxoval* são termos bastante finos para não causar vergonha usá-los; e se a todo o custo querem falar num aparador qualquer, chamem-lhe *açafate*, para que toda a gente os entenda. É verdade que o francês faz parte do curso de instrução secundária; mas obrigatório para todos por lei é sómente saber ler, escrever e contar

em português, visto ser esta, por enquanto, a lingua da nossa terra.

goma

Espécie de tambor ou *batoque* [q. v.] na África Oriental Portuguesa:— «O *goma* e o *cinzele* são feitos de madeira, de forma cylindro-cônica, e com tres pés, cobertos só de um lado com pelle de bufalo, veado ou lagarto, e afinados por meio de pequenas pelias de borracha, que se fazem adherir à pelle onde sejam precisas. São tocados com as mãos e transportados ao peçoço do tocador» —<sup>1</sup>.

¿Em que se differençam então um do outro?

gondão

Árvore de Timor— «O regulo bom... é como a árvore de gondão, que dá sombra e frescura» —<sup>2</sup>.

gonzar

Este verbo, derivado de *gonzo*, ouvi-o a um official de ourives, a quem dei a consertar o fusilão de uma cadeia de relójo. Perguntando-lhe eu se teria de ser substituído por outro, respondeu-me: «Vou ver se o posso *gonzar*». E na realidade *gonzou-o*, isto é, prendeu ou soldou uma parte do fusilão, junto à rosca, e que se tinha quebrado.

<sup>1</sup> Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902, in «Jornal das Colonias», de 19 de agosto de 1905.

<sup>2</sup> J. Pereira Jardim, NOTAS ETHNOGRAPHICAS SOBRE OS POVOS DE TIMOR, in «Portugalia», I, p. 356.

## gordo

Para português, como para as outras línguas românicas das Espanhas, êste vocábulo é o latim *gurdum*, o qual, conforme a Quintiliano constava [audiui], era palavra hispânica.

O que se não sabe é a qual das várias línguas que na Hispânia se falavam ela pertencia; ao vasconço de certo que não, pois *gordo* nesse idioma diz-se *guicen*; céltico também não parece o termo ser.

Êste adjectivo tem em português aceção mais restrita que em castelhano, onde também significa « volumoso », como o inglês *big*, ou o francês *gros*; em português quere dizer « que tem gordura, matéria adiposa », e tanto que diferencamos perfeitamente *gordo*, em inglês *fat*, de *grosso*, « feito », em inglês *stout*.

## gorgomilos

Êste vocábulo está hoje quasi desusado em estilo sério; todavia, há dois ou três séculos era empregado sem o menor reparo:— « soando pelos gorgomilos cortados, cheios de sangue, o santissimo nome de Jesus »—<sup>1</sup>.

## gote

Termo da África Oriental Portuguesa:— « *gôte* (peça de pau que serve para equilibrar as panellas e as cestas) »—<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> P. Ant. Fr. Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 196.

<sup>2</sup> JORNAL DAS COLONIAS, de 4 de julho de 1903.

## gotejar

Se não é informação errada, por *copejar*, significa aquele verbo «lançar o arpén ao atum».

É termo algarvio, como quasi todos os referentes àquela pesca.

## governado, governista

O primeiro destes vocábulos em jiria quer dizer «armado»: — «O Menezes, que não estava *governado*, isto é, que não trazia arma alguma consigo» —<sup>1</sup>.

O segundo é usado no Brasil com a significação de «partidário do governo»: — «Requerimentos envolvendo censuras passavam sem o menor protesto da parte dos governistas» —<sup>2</sup>.

## gozar, gôzo; gôzo(s)

Parece averiguado, que a palavra *gozar* castelhana provém de *gaudire* { *gaudium*, sendo *goce*, antigo *goze*, um substantivo verbal rizotónico. O português *gozar* é provável que proceda de castelhana, visto que ao *au* latino corresponde em português *ou*, *oi* (cf. *cousa*, *coisa* { *causa*), e o vocábulo nunca assim se escreveu. O plural é *gôzos*.

Quanto a *gôzo*, «raça de cães», o étimo é *goticum* (*canem*), de que também se derivaram o castelhana *gozque*, com o mesmo significado, e o catalão *gos*, «cão» em geral. O plural de *gôzo*, «cão», é *gôzos*, e não, *gôzos*.

<sup>1</sup> O SÉCULO, de 10 de setembro de 1900.

<sup>2</sup> O ECONOMISTA, de 13 de junho de 1883, Correspondência particular do Rio-de-Janeiro.

## gradura

Termo próprio da província de Trás-os-Montes, o qual se aplica genericamente a toda a casta de feijão:— «Boa horta! Muita soma de feijão para verde, . . . e inda por cima muita gradura» —<sup>1</sup>.

## gramilho, gramilo

Em Caminha é o «fecho da porta». O NÓVO DICIONÁRIO rejista o vocábulo, com a forma *gramilo*.

## grané, grani

O NÓVO DICIONÁRIO dá os dois vocábulos como tendo a mesma significação— «cavallo, égua» —, e diz-nos ser termo de jiria. É propriamente calão de ciganos alquilés, e o primeiro dêles é o que quere dizer «cavalo»; o segundo é o femenino, «égua»: em caló *grasté*, pl. *grastés*, fem. *grasni*, pl. *grasnias*. É provável que o primeiro fosse modificado pelo segundo em português, e em caló ou dialecto dos ciganos espanhóis há também o femenino de *grasté*, que é *grastí*. O *s* mal se ouve, como no dialecto andaluz do castelhano. No dialecto dos ciganos romenos *grasnel* quere dizer «poldro», e *-ni* é um suficso, com o qual de nomes masculinos se derivam outros femeninos. O primitivo é *gra*, que quere dizer «bêsta».

## gravanha

Em Caminha é o nome que se dá à «rama sêca dos pinheiros».

---

<sup>1</sup> O REPORTER, de 17 de junho de 1897.

## graza; engrazar, engrazado

Em Lisboa significa uma tinta preparada com que se dá lustre ao calçado por meio de fricção com esbova. No norte quer dizer «banha». Não sendo relacionado com este último vemos a participação *engrazado*, empregado por António Francisco Cardim: — «trouxe o say uns [luzes] muito engrazados, parece estiveram ao fogo» —, isto é, «desengraçados, queijos»<sup>1</sup>.

## grêjo: v. grijo

## grêlha, grêlheiro

O Novo Dicionário marca a pronúncia *grêlha*, que de certa é a normal, visto aquele *e* proceder de *i* latino, cratícula; assim em Lisboa deveríamos pronunciar *grêlha*, isto é, *grãlha*. O facto porém é que na capital toda a gente diz *grêlha*, e J. L. Roquete assim o acentou também<sup>2</sup>. Deu-se pois a mesma alteração de *i* em *e*, que se observa em *enveja*, antes, *enveija*.

A língua românica que possui palavra mais parecida com a portuguesa, e da mesma origem, é a catalã, onde se diz *grael·la* (pron. *graelh-lha*): os castelhanos chamam-lhe *parrillas*.

*Grêlheiro* é o operário que tem a seu cargo as *grêlhas*: — «Continuam em greve os operários grêlheiros» —<sup>3</sup>.

## grémio, gremial

A palavra *grémio*, do latim *gremium*, «regaço», não é já usada senão no sentido figurado de «corporação, reunião» e, como hoje se diz, *clube* ou *casino*. O derivado *gremial*, em latim

<sup>1</sup> BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 74.

<sup>2</sup> DICTIONNAIRE PORTUGAIS-FRANÇAIS, Paris, 1855.

<sup>3</sup> O SÉCULO, de 28 de fevereiro de 1905.

eclesiástico gremiale, é o nome que se dá a uma espécie de avental, que pertence aos paramentos do sacerdote; em italiano *grembiale* «aventil», é o mesmo vocábulo. (Cf. *lombo* em português, com *lomo* em castelhano, e ao contrário, *rumo* português, com *rumbo* em castelhano, e também *lamber*, com *lamer*):— «sandalias e luvas... gremial e formalio... o gremial é um panno que se colloca sobre os joelhos do celebrante» —<sup>1</sup>.

### Grijó, grejó, igrejó

É conhecida no onomástico local esta forma, do latim (ec)cle-siola, e deveria escrever-se *Grejó*. Como nome comum empregou-o L. Figueiredo Guerra, no seu interessante estudo *UMA POVOAÇÃO SUBTERRANEA*:— «este grijó de Estér ainda existia com capellão em 1548» —<sup>2</sup>.

Tinha o significado de «capela, ou ermida». O genero porém está errado, porque é femenino, *esta grejó*, e não, *este grejó*.

O NÓVO DICIONÁRIO rejista, como antiga, sem a abonar, a forma *igrejó*, em que se não fizera ainda a aférese do *i* inicial, procedente do *ei-* { *ec-* latino, que também encontramos nos *SUBSIDIOS* de A. A. Cortesão, sem citação alguma, como sinónimo de *Grijó*, nome de povoação; atento, porém, o sistema de trabalho ali seguido, o autor que a cita, é porque encontrou a forma em qualquer documento. V. **igreja**.

### grima

Em Trás-os-Montes quere dizer «mêdo»:— «As noites são ás vezes escuras como a bocca d'um lobo, ouvindo-se com grima (medo) o piar das aves agourentas» —<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> O DIA, de 21 de março de 1902.

<sup>2</sup> in *Portugalia*, I, p. 612.

<sup>3</sup> M. Ferreira Deusdado, O RECOLHIMENTO DA MÓFREITA, in «*Revista de educação e ensino*», 1891.

A palavra tem aspecto de germânica: em alemão *grimm*, significa «sanha, raiva», em inglês *grim*, «medonho».

— Achilles himself was not more grim and gory —<sup>1</sup>.

### grou

É única esta forma em *-ou* para substantivos. J. Leite de Vasconcelos explica-a muito razoavelmente como oriġinada numa forma latina *grūus*, masculino de *grūa*, por *gru(i)s*, que tem a mesma significação, e compara-lhe *dous*, *dois* { *dūos* <sup>2</sup>.

guadanha: v. **gadanha**

### gualdido, galdido, galder, galdir

Em castelhano existe um antigo adjectivo participial *galdudo*, que tem a mesma significação que o português *g(u)aldido*, o qual deveria ter tido também a forma *galdudo*, e cuja terminação, própria dos participios passivos da 2.<sup>a</sup> conjugação, se mudou na língua moderna para *-ido*, que pertencia aos da 3.<sup>a</sup>: cf. *tido*, dantes *teúdo*, *mexido*, dantes *mexudo*, etc.

Esta consideração leva-nos a supor que o verbo seria *galder*, e não *galdir*, derivado do vasconço *galdu*, «perdido»: — «Sardinha que o gato leva, galdida vai ela» —<sup>3</sup>.

É possível também que o verbo em português pertencesse sempre à 3.<sup>a</sup> conjugação, e em castelhano à 2.<sup>a</sup>, como acontece, por exemplo, com *cair*, em castelhano *caer*.

Duarte Núñez de Leão <sup>4</sup> adverte que é palavra grosseira,

<sup>1</sup> Lord Byron, DON JUAN.

<sup>2</sup> REVISTA LUSITANA, III, p. 265.

<sup>3</sup> Rifão.

<sup>4</sup> ORIGEM DA LINGUA PORTUGUESA, cap. XVIII.



que se não deve empregar, e Bluteau, citando-a, repete a recomendação.

Se alguma vez foi usado o verbo em outra linguagem, ignoro-o; hoje em dia o seu uso está limitado ao participio.

### guardanapo

No uso actual significa uma «toalha pequena, que se põe a cada comensal, para êle se limpar». Antes, porém, esta palavra designava o que hoje se denomina *lenço de assoar*, como se pode ver na rubrica da fala do primeiro frade, no «Auto das Fadas» («sortes, fados») de Gil Vicente:—«Assoa-se com o seu guardanapo»—.

Anteriormente, no mesmo auto, na fala da Feiticeira, vemos o mesmo vocábulo, igualmente no sentido de lenço, ou pano:

Isto é fersura de sapo  
Que está neste guardanapo.

Bluteau <sup>1</sup> dá desta palavra a etimolojia mais provável, *guarda* e o francês *nappe*, que vale o mesmo que *Toalha*, porque o guardanapo serve de guardar—«não só o vestido de quem come, mas também a Toalha da mesa em que se come»—; e acrescenta:—«Os Antigos, quando erão convidados a comer fora de suas casas, levava cada hum com sigo o seu guardanapo»—.

O que parecerá extraordinario é que êste vocábulo só seja usado em Portugal, onde nunca à toalha da mesa se chamou *napo*; e que, pelo contrário, os franceses lhe chamem *serviette*, significando *nappe* na sua lingua essa toalha. A noção, porém, do segundo componente está de todo perdida, visto que, como excepção aos substantivos compostos com o verbo *guarda*, no imperativo, êste perdeu a acentuação própria no seu primeiro elemento. (V. *guarda-peito*).

<sup>1</sup> VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO.

Pelas citações que fiz de Gil Vicente, e pela definição de Bluteau, fica perfeitamente claro o modo de dizer *assee-se a esse guardanapo*, em que esta palavra tem a significação de «lenço».

Todavia, *guardanapo* já tinha a mesma significação especial que tem hoje, por meados do século XVI, visto que o Padre jesuíta Gaspar Barzeu, numa carta datada de 1551, referindo-se às refeições do rei da Etiópia, escreveu:— «El-rei em seu comer não tem nenhũ modo de estado, está assentado em hũ catre ou em hũa cadeira rasa de ferro cuberta com hum couro, ou em cima de hũa alcatifa; não tem mesa nem copa, só mente hũa trempem no chão e em cima hũa gamela de pao que terá 15 ou 20 palmos de roda, e no meo tem hũa maneira d escudelas do mesmo pao sem nenhũa toalha nem guardanapo. Alimpão hũa mão com a outra» —<sup>1</sup>.

#### guarda-peito

É considerável o número dos nomes compostos com o imperativo do verbo *guardar*, *guarda*, e um substantivo apôsto como seu complemento objectivo. Nos nomes desta formação, tam frequente e ainda tam vivaz nas línguas románicas, cada um dos elementos conserva a sua acentuação própria, estando, porém, como é de regra nelas, o acento predominante na sílaba tónica do segundo componente. Excepções a esta regra, raras, como vimos em *guardanapo*, explicam-se pelo facto de se haver perdido a noção do significado do segundo elemento. No primeiro caso devem escrever-se com linha divisória a mostrar a independência manifesta dos componentes; no segundo cumpre reunir os dois elementos, sem a linha, em uma só palavra, com um único

<sup>1</sup> in MISSÕES DOS JESUITAS NO ORIENTE, Lisboa, 1894, p. 106.

Completei as abreviaturas, desuni as palavras, e fiz duas correções evidentes, *raza* e *meza* para *rasa* e *mesa*.

Os textos transcritos foram visivelmente mal copiados.

acento, marcado ou não, conforme os preceitos de acentuação gráfica seguidos por cada um <sup>1</sup>. O mesmo se deverá fazer, ainda quando o primeiro elemento seja substantivo e o segundo adjetivo, como em *guarda-mor*, visto o primeiro componente conservar a sua acentuação.

Abonarei aqui o vocábulo composto, só incluído no Nôvo DICCIONÁRIO, e que serve de epígrafe a êste artigo, *guarda-peito*:— «A cavallo os feirantes, vindos de longes terras com os primitivos trajos sertanejos, isto é, o chapéu de copa mamillar de couro, a *vestia* ou *gibão*, *guarda-peito* e guardas tudo tambem exclusivamente confeccionado de couro curtido»—<sup>2</sup>: *fabricado* seria melhor, visto o autor ser em geral vernáculo na sua linguagem.

#### guarda-sol, guarda-soleiro

O primeiro dêstes vocábulos está rejistado em todos os dicionários e é usualíssimo.

O segundo é um derivado sui generis: significa «fabricante de *guarda-sóis*, feito à imitação de *chapeleiro*, fabricante de chapéus», *sombreireiro*, fabricante de *sombreiros*, no sentido antigo de «umbellas» ou «sombrihas», e não no do castelhano actual *sombrero*, cujo significado é «chapéu para a cabeça»:— «Reuniu a classe dos operarios guarda-soleiros»—<sup>3</sup>.

#### guecho

Em Sam Miguel dos Açôres quiere dizer «novilho» <sup>4</sup>.

<sup>1</sup> V. ORTOGRAFIA NACIONAL, do autor, Lisboa, 1904, p. 213.

<sup>2</sup> Fonseca, BOSQUEJO DE UMA VIAJEM NO INTERIOR DA PARAHYBA DE PERNAMBUCO, in «O Seculo», de 8 de junho de 1900.

<sup>3</sup> O SECULO, de 24 de outubro de 1902.

<sup>4</sup> O SECULO, de 5 de julho de 1901.

## gueiro

« no gueiro (casa onde os rapazes e assicanas [raparigas], se reúnem para dormir) » <sup>1</sup>.

É termo da África Oriental Portuguesa; na citação refere-se a Marromeu.

guilhoche, *guilhote*, guilhoché, guilhochi

O NÓVO DICIONÁRIO incluiu o vocábulo francês *guilloche*, ortografado à portuguesa, e no Suplemento declarou preferível *guilhoché*. É esta, na realidade, a forma usada pelos lavrantes e ourives, e designa um desenho formado pelo cruzamento de linhas paralelas, com outras igualmente paralelas, espécie de enxadrezamento:— «Ouro gravado a guilhoché, prata gravada a guilhoché» — <sup>2</sup>.

Este substantivo não é mais que o participio passivo do verbo *guillocher*, a que se atribui origem histórica, o nome de certo sujeito, de apelido *Guillot*, que parece ter sido inventado para o caso <sup>3</sup>.

O desenho assim formado não se chama em francês *guilloché*, mas sim, *guillochis*.

guinda: v. **ginja**

## guinde

Na Índia Portuguesa — « bacia de lavar a cara — ».

O termo, segundo Monsenhor Rodolfo Dalgado <sup>4</sup>, é marata, e

<sup>1</sup> JORNAL DAS COLONIAS, de 30 de maio de 1903.

<sup>2</sup> PROGRAMA DA EXPOSIÇÃO DE OURIVEZARIA DO PORTO, in « Comercio do Porto », de 7 de março de 1883.

<sup>3</sup> Henrique Stappers, DICTIONNAIRE SYNOPTIQUE D'ÉTYMOLOGIE FRANÇAISE, Paris, 2.<sup>a</sup> ed., n.º 4938.

<sup>4</sup> REVISTA LUSITANA, VI, p. 81.

também dravídico, canarin ou tulo. No Dicionário Marata-português de Suriaji Ananda Rau, a palavra गिण्पि, em devanágrico, sem transliteração, e que transcrevo para aqui, tem a seguinte definição, que pouco se coaduna com o dito emprêgo do vocábulo: — «Vazo da agoa, uzado para trazer agoa sagrada. É vazo de barriga grossa, e pescoço e boca estreita e pequena. 2. Assim se chama também a um vazo da figura de bule» —<sup>1</sup>. Estranha definição! Há de ser caso dificultoso o lavar-se alguém num bule, ou numa garrafa, aparelho só comparável aos lavatórios usados nas hospedarias russas, e que são excelente fábrica de galeirões na testa, quando não de quebrar cabeças. Não teem válvula na bacia, que está munida de um orificio, o qual, posto um pé em um pedal, na base do lavatório, despeja continuamente a água que dentro lhe cai de uma bica, à altura do nariz de uma pessoa que esteja de pé: Curvada a pessoa, basta-lhe levantar a cabeça para apanhar na testa um beijo da bica, que lhe pode deixar memória perdurável do esquisito invento. Agradável surpresa, que ali espera o viandante!

#### guirlanda, grinalda

A forma primitiva dêste vocábulo deve ter sido a primeira, que, como vamos ver, ainda subsiste; a segunda é resultado de duas metáteses acumuladas, *guir-* para *gri-*, e *-lan-* para *-nal-*. O vocábulo parece ter vindo para as outras línguas românicas da forma italiana *guirlanda*, de orijem germânica, ainda não perfeitamente explicada.

Tem esta palavra, já numa, já noutra das formas apontadas, várias acepções.

Eis aqui uma, que não está registada:— «Nas guirlandas

---

<sup>1</sup> Suriagy Ananda Rau, DICCIONARIO MARATHA-PORTUGUEZ, coordenado conforme o Dicionario maratha-inglez de J. I. Molesworth, t. I [e único], Nova Goa, 1879, p. 314, col. III.

[cabides e estanjeiras] lá se veem [vêem] os serviços de cobre, arame, estanho, ferro e barro» —<sup>1</sup>.

guisa, guisinho

O primeiro destes dois nomes de aves é na Madeira (Pôrto Monis), aplicado ao *roquinho* (*q. v.*); o segundo ao *abibe*, (*tringa nanellus*, Lin.).

*habitat*

Este termo, que do francês adoptámos, é o latim *habitat*, 3.<sup>a</sup> pessoa do presente do indicativo do verbo *habitare*, e significa, portanto, «habita».

É usado modernissimamente para designar a *vivenda* habitual de uma espécie, vegetal ou animal:— «O cavallo, gabado por Plínio... pertence ao typo galliziano, cujo *habitat* comprehende todo o noroeste da península [Hispânica]» —<sup>2</sup>.

Com vantagem seria substituído por *vivenda* este extravagante nome, que só tem em portuguez outro análogo, também forasteiro, deficit, e não menos arrevesado.

*hagi*, *axi*, *hagiaco*, *ajiaco*, *axiaco*

Conquanto, sem dúvida nenhuma, o *h* seja redundante, e a segunda escrita, que aqui dou, seja a única certa, como mais adiante indico, trato da palavra nesta altura das APOSTILAS, porque assim a vejo escrita no texto com que a abono, a «Rela-

<sup>1</sup> José da Silva Picão, *ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO*, in *Portugalia*, I, p. 538.

<sup>2</sup> Alberto Sampaio, *As «VILLAS» DO NORTE DE PORTUGAL*, in *Portugalia*, I, p. 117, n. 1.

ção da viagem e successo da nao Sam Francisco», do Padre Gaspar Afonso:— «com tudo o comer, cousa geral em todas as Índias, ha de vir á mesa cuberto de hagi, que é a sua pimenta vermelha, que lá ha de muitas castas e feições. E porque os grãos, ou cabeças della, que vem entre a carne cozida ou guisada, trazem já quebrada a sua virtude, como elles [os naturaes das Antilhas] cuidam, . . . mandam pôr outra crua em pratos pela mesa, como em saleiros, que mastigam e comem . . . como se . . . tivessem as linguas e gargantas ladrilhadas» —<sup>1</sup>.

O NÓVO DICCIONÁRIO traz o vocábulo erradamente acentuado, *áxi*, e o CONTEMPORANEO desfigurado inteiramente na pronúncia *ácsi* (!) que lhe attribui.

Eis o que a respeito da forma castelhana moderna *aji* nos diz Rodolfo Lenz, doutíssimo autor do DICCIONARIO ETIMOLÓJICO DE LAS VOCES CHILENAS DERIVADAS DE LENGUAS INDÍJENAS AMERICANAS, cuja publicação ainda infelizmente não está concluída:— «la planta i el fruto de la misma que se llaman en España »pimiento» i «guindilla» [*i. e.* jinjinha, «pimentão»] (*Capsium annuum*). . . La palabra *aji*, antiguamente *axi*, viene de Haití i pertenece a la lengua taino de la familia lingüística de los arnak. . . Los indios peruanos llaman el *aji* *uchu*. . . ; los de Chile *thapi*» —<sup>2</sup>.

Esta escrita *thapi* representa a pronúncia *trapi*, com um *r* fricativo surdo, como o do inglês *try*, ou o *r* final de sílaba, muito usual no Brasil; a moderna forma castelhana *aji* profere-se com o *j* castelhano actual, mas a antiga *axi* pronunciava-se com o valor do *x* inicial portuguez de *xadrez*, por exemplo, e o acento tónico foi sempre e é no *i*, e não no *a*.

Explica-se que o NÓVO DICC. errasse na acentuação que dá ao vocábulo, conquanto pudesse vê-lo com a verdadeira quer no Dicionario da Academia Espanhola (*aji*), quer no Vocabulario

<sup>1</sup> in BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLV, p. 89 (fms do XVI século).

<sup>2</sup> Santiago de Chile, 1904-1905, p. 126.

de Aníbal Echeverría i Reyes, VOCES USADAS EN CHILE <sup>1</sup>; talvez porém se guiasse pela falta da acentuação devida, no enorme cartapácio de Mascarenhas Valdez <sup>2</sup>. O que não tem justificação possível é a extravagante pronúncia do *x* como *cs*, que lhe prescreve, sem mais razões, e como se a palavra fosse latina ou grega, o CONTEMPORANEO, com a mesma competência e autoridade com que nós diz que *guta-percha* (*q. v.* em **cauchu**) se pronuncia *guta-perca* ou antes *guta-perka* (!).

Do vocábulo *aji* derivaram os americanos *ajiaco*, que Echeverría no mesmo vocabulário define como — «guisado popular» —.

O Padre Gaspar, na sua curiosíssima «Relação», acima citada, já dá à palavra, algumas linhas depois, a forma escrita *hagiaco*: — «antes nas ceas se carrega tanto mais a mão em algumas partes, que o ordinario guisado que nellas fazem, pelo muito hagi que leva, tomou delle o nome, e se chama Hagiaco; e então se deitam a dormir mui consolados em suas camas, quasi debaixo da Linha Equinocial, como se houvessem de dormir ao sereno debaixo dos Polos» —.

### hangar

Êste vocábulo francês, a ser necessário cá, deve escrever-se com o *h* inicial, emquanto se conservar esta letra etimológica, nula para a pronúncia: — «Deu entrada no ministerio das obras publicas o projecto e respectivo orçamento para a construcção de um *angar*, para recolher as machinas e alfaias de lavoura a vapor» —<sup>3</sup>. Poderia dizer-se *barracão*, *trapiche*.

Quanto à acentuação *angar*, dada pelo Nôvo DICCIONÁRIO, é errónea, pois os vocábulos francezes tem todos o acento tónico sôbre a última sílaba pronunciada. A orijem germânica do vocábulo francês é já muito desviada, *hangen*, «pender», em alemão.

<sup>1</sup> Santiago de Chile, 1900.

<sup>2</sup> DICCIONARIO ESPAÑOL-PORTUGUÉS, Lisboa, 1864

<sup>3</sup> O ECONOMISTA, de 10 de feveiro de 1889.



## haplolojia

Êste termo, artificialmente formado de dois vocábulos gregos, 'ÁPLOS «simples» e LÓGOS «doutrina», quer dizer «simplificação». Dá-se êste nome ao fenómeno que se produz nas palavras que teem duas sílabas de idéntica estrutura, as quais se reduzem a uma só, por brevidade na elocução. São exemplos dêste fenómeno em latim *nutrix* por *nutritrix*, e em português *idolatra* por *idololatra*, *bondoso* por *bondadoso*, de *bondade* mais o sufixo *-oso*, etc.

## harém

Esta palavra é de origem imediatamente francesa, como o prova a acentuação que lhe damos; se proviesse directamente do árabe *هَارَم*, seria *farme*, ou *fârão*; ou, se de introdução secundária, *(h)árem*, ou *(h)árão*.

Os vocábulos arábicos existentes em português foram nele introduzidos em três épocas diferentes, e obedecem por isso a leis diversas de transcrição:

1.º Período, primários: foram recebidos auricularmente e incorporaram-se na língua, acomodando-se-lhe na pronúncia, a qual é representada como a das outras palavras portuguesas. Séculos IX-XV.

2.º Período, secundários: introduzidos pelos escritores, e mais ou menos metódicamente transcritos, ou mesmo transliterados, conforme o valor das letras no alfabeto português. Séculos XV-XIX.

3.º Período, terciários: copiados de transcrições ou transliterações estrangeiras, sem consciência dos valores das letras, e flutuantes na sua escrita. Século XIX, e continua! <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> V. do autor: *DEUX FAITS DE PHONOLOGIE HISTORIQUE PORTUGAISE*, Lisboa, 1892, p. 10 e 11.

## haveres

Êste infinito substantivado no plural, além de significar «posses, bens», tem o sentido especial, popular, de «tesouros ocultos»:—«O povo acreditava que procuravamos *haveres* escondidos» —<sup>1</sup>.

## haxixe

Ê esta a forma portuguesa, ou se quiserem *axixe*, da palavra arábica HAXIX, que quere dizer uma casta de cânave, que os pretos da África Ocidental Portuguesa chamados ambundos denominam *liamba*, e que é inebriante, quando fumada. Os franceses escrevem *hachiche*, os ingleses *hasheesh*, e os alemães *haschisch*. V. em **harem**.

## héjira

Assim se deve acentuar esta palavra, que também se escreve *hejira*, e poderia ortografar-se *éjira*; em árabe é EGRE, com *h* sonoro inicial, que aqui transcrevo por *e*: quere dizer «fuga». A pronúncia *ejira*, é francesa. Mármol, *Rebelión de los Moriscos*, escreveu *hixara*=*hixara* <sup>2</sup>.

Êste vocábulo pertence aos fins do 2.º período a que me referi em **harém**.

## herdade

Assim é definido êste termo, com relação ao Alentejo:—«Os campos do Alentejo, áparte os arredores das povoações, são, na

<sup>1</sup> Portugalia, I, p. 13.

<sup>2</sup> V. Dozy y Engelmann, GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869.

sua quasi totalidade, divididos em grandes tractos de terreno, que se denominam herdades» —<sup>1</sup>.

### Hereró, *herrero*

Uma raça indómita da África Ocidental, que tem dado que fazer aos alemães, é denominada dos *Hererós*, nome que dão a si próprios (*Ova-hereró*).

Este nome, na pena dos nossos jornalistas, transformou-se em *herrerros*, «ferreiros» em espanhol, com mais um *r*, e mudança de acento tónico para a penúltima sílaba. Disfarçado assim o nome dos valentes negros, trataram de lho explicar, e num jornal se escreveu que provavelmente êle lhes viera de uma povoação espanhola, chamada *Herrerros*, e até a localizaram na provincia de Ávila.

Escolheram mal: Havendo nada menos de doze localidades dêste nome entre Ávila e Çamora, povoações e sítios de várias categorias, tinham feito melhor se dessem os tais pretos como oriundos de um despovoado denominado *Herrerros*, na provincia de Segóvia, explicando dêste modo o seu despovoamento: os antigos habitantes expatriaram-se, e para os não conhecerem tinjiram-se de preto, e são êsses os actuais *Herrerros*; já se vê, na opinião dos ditos jornalistas, que teimam em assim crismar os hererós, sem o consentimento dêstes, atribuindo-lhes habilidades que, apesar de enfarruscados cafres, êles não teem, pois não consta que jamais se singularizassem pela sua perícia no officio de Vulcano, como os ciganos no de caldeireiro. Esta extravagante alcunha, como era um despropósito, criou fama, e hoje até em livros e relatórios se lê. Ora, bastava consultar-se qualquer modesto compêndio de geografia ou etnografia da África, para se

---

<sup>1</sup> J. da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, in Portugal, I, p. 270.

corrigir o erro; e se quisessem obra mais autorizada, ao lançarem uma vista de olhos para o Dicionário Geográfico de Vivien de Saint-Martin <sup>1</sup>, que não é nenhuma obra rara, desfar-se-ia o engano com muita facilidade. Aqui fica emendado.

Quem tiver curiosidade de se informar mais a preceito da língua que falam os hererós, e que não é castelhano de Ávila, pode ver com muito proveito um volumito da colecção Hartleben <sup>2</sup>, escrito por A. Seidel, onde encontrará gramáticas das línguas *tschisheréro* e *axindonga*, ambas cafríais.

### hetera

É uso escrever este vocábulo *hetaira*, e *hetaira*, de que resultam as pronúncias, errôneas ambas, *etaira* e *etaira*.

O vocábulo é grego ἑΤΑΙΡΑ, proferido *hetaira*, presumivelmente, no grego antigo, *etéra*, no moderno. Em latim seria *hetaera*, pronunciado *etéra*, se existisse; mas o que existe é um derivado *hetaeria*. pron. *etéria*, correspondente ao grego ἑΤΑΙΡΙΑ, «confraria religiosa». Ora, assim como do latim *sphaera* { grego σΦΑΙΡΑ, se formou em português *esfera* e em francês *sphère*. é evidente que em português de *hetaera* resulta (*h*)*etéra*, e em francês deveria ter resultado *hetaire*, sem ápices no *i*. ou *hetère*. e nunca *hetaire*, que é um barbarismo. Parece-me loucura rematada imitar, por capricho, o barbarismo francês.

*Hetera* quer dizer actualmente «cortesã, prostituta de alto coturno», com sua côrte de basbaques, os quais lhe rendem culto, ou lhe pagam o estadão, conforme as suas posses.

<sup>1</sup> DICTIONNAIRE DE GÉOGRAPHIE UNIVERSELLE, 1879-1899, II, p. 672, col. III.

<sup>2</sup> Lipsia-Viena-Pest.

## homem

No calão dos ladrões do Pôrto esta palavra, seguida de um epíteto, classifica os amigos dos haveres do próximo, pela seguinte maneira: *homem de cardenho*, «gatuno de casas»; *homem de golpe*, «gatuno de algibeiras»; *homem de salto*, «ladrão de estrada»<sup>1</sup>.

## homeótopo

É um neologismo, derivado artificial do grego ὁμοτός, «semelhante», e τρόπος, «maneira».

Serve o termo para designar o que eu denominei formas converjentes, isto é, uma só forma resultante, em virtude de leis fonéticas, de dois ou mais étimos diferentes, como *pena* de penna e poena, latinos, *vindo*, das formas antigas *vīdo* e *vīndo*, a primeira participio passivo, a segunda gerúndio do verbo *vir*, antigo *vīr*. O fenómeno contrário denomina-se alótopos, ou formas diverjentes, quando de um só étimo resultam vocábulos diversos, diferenciados, ou não, no sentido, em virtude de leis diferentes de acomodação, ou porque entraram na língua em períodos distintos; por exemplo, *malha*, *mancha*, *mágoa*, *mácula*, todos quatro procedentes do latim *macūla*.

V. a palavra **moleiro**.

## hompim

— «Nova Goa, 29 de setembro [de 1897]... Os parias ou honpins [*sic*], que fazem os despejos e outros misteres identicos, casta completamente separada de todas» —<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> O ECONOMISTA, de 28 de fevereiro de 1885.

<sup>2</sup> O SECULO, de 21 de outubro de 1897.

## horda

Esta palavra veio para português do francês, que a recebeu, segundo se afirma, do mongol, ou língua tartária dos mogores. Marcelo Devic diz-nos ser tártara, e que em turco é *ordu*, o que não explica por que razão se ha de escrever com *h* inicial; esse *h* em francês serve só para evitar a ligação com a palavra precedente, pois se diz *la horde*, e não *l'horde*.

## hortejo

Deminutivo de *hórto*. — « No hortejo que cerca a casa um terreno diminuto » —<sup>1</sup>.

— « Quando o hortejo se reduz a proporções mínimas, toma o nome de *quinchoso* » —<sup>2</sup>.

hucha: v. *ichão* e *ucha*

## hóspede, hóspeda

Contra a regra geral dos adjectivos em *-e*, que são uniformes, os substantivos estão sujeitos a muitas excepções; assim a palavra *hóspede* forma o femenino em *-a*: — « Esta conta era feita sem óspeda » —<sup>3</sup>. Os editores aclararam êste passo do *ROTEIRO DA VIAGEM DE VASCO DA GAMA* com a nota seguinte: — « determinar uma cousa que depende do consentimento ou vontade de outrem » —.

<sup>1</sup> Portugalia, I, p. 206: AS OLARIAS DO PRADO.

<sup>2</sup> *ib.*, p. 547: ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO.

<sup>3</sup> Lisboa, 1861, p. 100.

## Hucá

Diz-nos o NÓVO DICIONÁRIO que *houcá* é o nome que se dá ao cachimbo usado pelos banianes. Ora, Monsenhor Rodolfo Dalgado <sup>1</sup> transcreve *uká* e translitera *hukká*, isto é, *hukkā*, pelo quê a ortografia portuguesa, se o nome é usado por portugueses na Índia, tem de ser (*h*)*ucá*. Em qualquer caso, o ditongo *ou* da primeira sílaba é inadmissível. O dicionário que cito na nota (<sup>1</sup>) declara ser vocábulo arábico, e aqui está a razão do *hou-*, remediado do francês por escritor insciente, mas cubiçoso de finjir que sabe. Marcelo Devic, com efeito, traz o termo HOUCA, dêste modo definido:— «Pipe turque ou persane peu différente du narghilé (Littré). De l'arabe *houqqa*, ou si l'on veut du persan *houqqa* [a pronunciação diverje, sendo a persiana mais parecida com as europeias], vase, bocal, et spécialement: «the bottle through which the fumes pass when smoking tobacco» (Richardson), le flacon où passe la fumée du tabac avant d'arriver à la bouche du fumeur» —<sup>2</sup>.

## hulha, hulheira, hulheiro

A palavra *hulha* é copiada do francês *houille*, de orijem incerta, como se pode ver em Stappers <sup>3</sup>: é uma feliz adopção, pois, conquanto já tivéssemos a locução substantiva CARVÃO DE PEDRA, não poderia esta servir para expressar acepções especiais que tem *hulha*, nem produzir derivados necessários:— «A hulha liquida [água], quer provenha dos mares derretidos, quer das torrentes» —<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> DICIONÁRIO KOMKAŃI-PORTUGUEZ, p. 525, col. I.

<sup>2</sup> DICTIONNAIRE ÉTYMOLOGIQUE DES MOTS D'ORIGINE ORIENTALE, Paris, 1876.

<sup>3</sup> DICTIONNAIRE SYNOPTIQUE D'ÉTYMOLOGIE FRANÇAISE, Paris, n.º 5802.

<sup>4</sup> DIÁRIO DE NOTÍCIAS, de 6 de outubro de 1903.

- «O fim das hulheiras [minas de carvão de pedra]» —<sup>1</sup>.  
 — «Os jazigos hulheiros reconhecidos neste país» —<sup>2</sup>.

## huri(a)

Como já advertiu Dozy<sup>3</sup> com respeito ao castelhano, esta palavra passou às línguas da Península Hispânica por intermédio do francês *hourri*, e assim muitos a escrevem cá, supondo injenuamente ser purissimo árabe. O facto é que, em conformidade com o que nos dizem o mesmo Dozy e Marcelo Devic<sup>4</sup>, o árabe *HAURA*, que daria em português *haurá*, ou melhor *fourá*, é o nome que dão a uma das mulheres do paraíso de Mafoma; o plural é *HUR*. Dêste plural fizeram os persas *HURI*, acrescentando-lhe o suficso de unidade, e assim aumentado passou o vocábulo ao turco, regressando ao depois ao árabe, que lhe ajuntou o seu suficso próprio de unidade *E*, formando *HURIE*, pronunciado *huria*, que é já a forma empregada nas MIL E UMA NOTES. Em português podemos pois escrever *huri*, ou *huria*.

## hurrá

Esta interjeição veio do francês *hourra*, para o português da gente fina, porque o povo a não conhece. Está muito em moda nas saudações e saúdes, em que é repetida com uma sensaboria cosmopolita, que produz tédio. Não creio que jamais venha a vulgarizar-se.

Os franceses dizem que ela lhes veio da Rússia, não com o enjoativo caviar, mas provavelmente por intermédio das tropas

<sup>1</sup> <sup>2</sup> O ECONOMISTA, de 18 de julho de 1885.

<sup>3</sup> GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869.

<sup>4</sup> *op. cit.*



moscovitas que com os aliados entraram em França e chegaram até Paris, após o destronamento de Napoleão I.

Existe de facto em russo a interjeição *urá*, a que se dá como origem a expressão exclamativa *u rai*, «no paraíso», étimo improvável, visto que, exigindo a preposição *u* genetivo no nome que reje, a exclamação deveria ser *u raia*, e não, *u rai*, no acusativo.

Como na palavra *horda* (*q. v.*), não é fácil de explicar a inicial *h*, que os franceses lhe acrescentaram e não soa, mas que os ingleses na realidade proferem.

É claro que esta interjeição nada tem que ver com o substantivo *urro*, do verbo *urrar* { *ul(u)lare* (*urlare* } *urlar*), *urrar*, por assimilação. Do verbo latino *ululare* talvez também proviesse, como forma divergente, *uivar*, em castelhano *aullar*; cf. o francês *hurler*, que tem esta origem.



## EMENDAS

---

### abismo

Não é na versão grega do Velho Testamento, chamada dos Setenta, que o adjectivo *ABUSSOS*, correspondente a *inanis* da Vulgata, está empregado. Nos Setenta o versículo citado reza assim: 'Ε ΔΕ ΓΕ ΕΝ ΑΒΡΑΤΟΣ ΚΑΙ ΑΚΑΤΑΣΚΕΥΑΣΤΟΣ. Encontra-se o dito vocábulo na versão Judaeo-Greco-Barbara, edição rara existente na universidade de Ocsónia, conforme o que se lê no erudito artigo *BIBLE*, da *PENNY-CYCLOPÆDIA*.

Citei de memória, desatendendo o cordato conselho de Augusto Schleicher, isto é, o de se confrontarem sempre as citações antes que se mencionem; e quando reparei no êrro já não era tempo de o remediar, por estar feita a tiragem da fôlha. Aqui fica emendado.

A forma *avisso*, por *abismo*, do latim *abyssus*, figura num texto anterior ao século XV, *A VISÃO DE TUNDALO* <sup>1</sup>.

### acenha

Dou aqui mais uma abonação antiga da prioridade da forma *aceña*, em castelhano:— «e el camino adelante fasta naua de forcados e dende derecho al açeña desertida» —<sup>2</sup>.

Cumpre advertir que na época a que pertence o trecho subsistia ainda a diferença entre *ç* e *z* em castelhano.

---

<sup>1</sup> in «Revista Lusitana», VIII, p. 247.

<sup>2</sup> Júlio Puyol y Alonso, *UNA PUEBLA EN EL SIGLO XIII*, in «Revue Hispanique», XI, p. 257: texto da *puebla*, ou «carta de povoação».

## alcançar

Conforme R. Menéndez Pidal <sup>1</sup>, é a combinação, ou como lhe chama, fusão de *incalceare*, por *adcalceare*, de que resultou primeiro *enecalçar*, e depois *alcançar*, em virtude de metátese entre o *l* e o *n*. Da forma *incalceare* proveio o substantivo rizotónico *enecalço*, como o vemos na locução portuguesa *ir no enecalço de alguém*, substantivo que pressupõe a existência de um verbo *enecalçar*, já registado por J. L. Roquete <sup>2</sup> em português, mas que do mesmo modo existia em castelhano.

alcorão, *alminar*, almenara

Eis aqui uma abonação bem característica da palavra *alcorão* no sentido de «tôrre»:—«para o sul da barra principal, que chamam do Alcorão, por razão de uma tôrre ou pirâmide alta que parece serve de divisa para conhecimento da barra»—<sup>3</sup>.

Os espanhóis chamam *alminar*, em português *almenara*, à tôrre da mezquita. V. ORTOGRAFIA NACIONAL <sup>4</sup>, a propósito de *minarete* e *almenara* (*q. v.*).

V. também dois artigos publicados na fôlha literária do jornal O SÉCULO pelo snr. David López, e um por mim, nos dias 26 de março e 9 e 23 de abril dêste ano.

João Carvalho de Mascarenhas, na NOVA DESCRIÇÃO DA CIDADE DE ARGEL (1621), chama-lhe simplesmente *tôrre*:—«Haverá dentro nesta cidade mais de cento e dez mezquitas bem lavradas, limpas, com suas alampadas e esteiras. Entre as quaes ha oito grandes que tem suas tôrres mui altas»—.

<sup>1</sup> MANUAL ELEMENTAL DE GRAMÁTICA HISTÓRICA ESPAÑOLA, 2.<sup>a</sup> edição, Madrid, 1905, p. 123.

<sup>2</sup> DICTIONNAIRE PORTUGAIS-FRANÇAIS, Paris, 1855.

<sup>3</sup> António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 158.

<sup>4</sup> Lisboa, 1904, p. 224 e 334.

## ália, álea, aléa

O Padre Manuel Bernárdez na « Descrição da cidade de Columbo » (Ceilão) usa a forma *alea*:— « Em lugar de azemolas se servem de aleas. Alea é todo o elefante sem dentes, quer seja macho, quer seja femea » —<sup>1</sup>.

Mas, ¿deve ler-se *álea*, ou *aléa*?

## alquilar

J. Cornu deriva *alquilar* de *elocare*, mediante prolepse, ou resonância antecipada do *l*. De *elocare* veio com certeza *alugar*, com mudança do *e* inicial em *a*, e sôbre esta preferência de *a* como inicial veja-se também do mesmo romanista a utilíssima Gramática histórica portuguesa (GRAMMATIK DER PORTUGIESISCHEN SPRACHE, in « Grundriss der romanischen Philologie », I, Strasburgo, 1906, páj. 980 e 949).

## alva

Dá-se êste nome a uma extensão grande de areal, poeirenta, no distrito de Leiria, *Alva* de Pataias. Esta freguesia é notável pela quantidade enorme de fornos de cal que ali trabalham <sup>2</sup>.

## bailadeira

Eis aqui uma abonação clássica do vocábulo:— « não poucas bailadeiras que os Pagodes para êste effeito [de solenidades relijiosas] sustentam » —<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> in BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLI, p. 79.

<sup>2</sup> Informação do snr. Acácio de Paiva, natural de Leiria.

<sup>3</sup> Padre Manuel Bernárdez, « Descrição da cidade de Columbo », in BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLI, p. 107.

bisalho (*biselho*)

A páginas 151 apontei o vocábulo *biselho*, com a respectiva abonação. Parece-me, porém, que há erro tipográfico, e que a forma verdadeira é *bisalho*, que Bluteau, no seu VOCABULARE, definiu do modo seguinte:— «He um atado, em que vem da India partida de diamantes brutos»—. A palavra figura em quasi todos os dicionários portuguezes, ora escrita com *s*, ora com *z*, e está autorizada por muitos escritores nossos, entre os quais citarei aqui Bernardo Gómez de Brito, «Memoravel relação da nao Conceição», *passim*, e nomeadamente a páginas 39 (vol. XLVII da BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES):— «por que naquella nao vinham infinitos diamantes, e todos muito boas, e os mais delles de roca velha... E por este respeito de haver muitos... empregaram os mercadores quanto dinheiro tinham nelles, mandando-os naquella nao, os quaes vinham entregues aos officiaes; elles os coseram consigo cuidando de os escapar, e desta maneira deram os mouros com elles, tomando ao piloto grande quantia de bisalhos mais que a todos»—.

## bruxa

Em abono da hipótese que formulei de que haja relação entre o vocábulo *bruxa* e o verbo *bruxulear*, como denominações vulgares dos fogos fátuos e do seu aspecto, aduzirei aqui um passo interessante da ETIÓPIA ORIENTAL de frei João dos Santos:— «Ao longo do rio de Çofala e de Cuama se criam infinitos bichos como escaravelhos pequenos, cujo rabo lhe luz de noite como brasa viva, dos quaes tambem ha neste reino. Estes, tanto que vem a noite, se levantam em bandos pelos ares, e são tantos, que alumiam quasi todo o ar, e fazem espanto a quem não tem noticia do que isto é, como eu sei que fizeram a certas pessoas angeiras nestas terras, uma noite escura que dormiram ao

longo dêste rio, as quaes fugiram com mêdo para a povoação dos cafres, cuidando que eram feiticeiras» —<sup>1</sup>.

#### bufo

Ao que no competente lugar ficou dito acêrca dêste vocábulo, na acepção de individuo da policia secreta, devo acrescentar que em germania, ou jiria castelhana, *buho* é sinónimo de *soplón*, «espião, malsim, denunciante». A forma antiga era *bufo*, existindo também o verbo *bufar*, «denunciar, malsinar»<sup>2</sup>.

Parece, portanto, que neste sentido o vocábulo terá orijem immediata castelhana.

#### cacique

— «o mundo acaba na primeira volta do caminho, em qualquer aldeia sertaneja de cacique politico» —<sup>3</sup>.

É esta uma abonação do termo *cacique*, no seu sentido figurado, em portugês, e que nos proveio de Espanha, onde é frequentes vezes empregado em tal acepção figurada.

#### canutilho

Sôbre êste vocábulo escreve-me o Prof. R. Menéndez Pidal, em 22 de março dêste ano, o seguinte:— «Las palabras *canuto*, *canutillo*, *canutero*, aunque están referidas en el Dicc. de la Academia á *cañuto*, etc., son las formas hoy corrientes y usadas por todos, de modo que las formas con *ñ* vienen quedando anti-

<sup>1</sup> (Lisboa, 1891), Livro I, cap. XXIII. A 1.ª edição é de 1609.

<sup>2</sup> V. Rafael Salillas, EL DELINCUENTE ESPAÑOL. LENGUAJE, Madrid, 1896.

<sup>3</sup> JORNAL DAS COLONIAS, de 3 de março de 1906.

cundas en boca de gente vieja ó aldeana. Yo desde mi infancia siempre oí como formas corrientes las con « —.

À definição dada no texto cumpre acrescentar: « de ouro, de prata »; aos canudinhos de vidro dá-se de preferência o nome de *vidrilhos*.

Em Espanha a palavra *canutillo* abranje todos êsses significados, segundo também me informa o mesmo douto romanista.

### chupão

O NÓVO DICIONÁRIO havia já rejistado êste nome da chaminé no Alentejo, como também próprio de Trás-os-Montes.

Não resta a menor dúvida de que é igualmente conhecido o termo com tal significação no norte do reino, visto que essa acepção serve lá para metafóricamente designar o ramo do castanheiro que cresce verticalmente, como se vê do seguinte passo: — « uma poda que [aos castanheiros] lhes tira tôdas as vergõntas nascidas no pé e ao longo do tronco, assim como os ramos mal situados e os que crescem a prumo (*chupões*), que absorvem muita nutrição » —. (GAZETA DAS ALDEIAS, de 20 de maio de 1906).

### cigano, cigana

As formas portuguesas dêste nome étnico tem, sôbre as demais usadas por outras nações, mesmo em relação à sua escrita, a vantagem de ser as latinizadas, empregadas por autores que escreveram em latim, como vemos dos trechos seguintes: — « populos Egyptiacos ut vulgariter appellantur Ciganos <sup>1</sup> »; — « multa alia similia officia et servitutis ministeria obeunt Cin-

<sup>1</sup> Matias Corvino (1476), citado por P. Hunfalvy, na sua memória *ETWAS ÜBER DIE UNGARISCHEN ZIGEUNER*, in *Actes du huitième congrès international des Orientalistes* (1893), II Partie, p. 113.



gani et Cinganae» —. O segundo trecho é extraído da relação de um missionário italiano (1679) <sup>1</sup>.

A forma espanhola *gitano*, foi usada em um texto castelhano do século XVII: — «si pecó Moysen en matar á un Gitano» —<sup>2</sup>.

É evidente que neste passo *gitano* quer dizer «ejípcio», e não, «cigano».

#### corpo-santo

É interessante esta referência ao fenómeno: — «no meio desta agonia e aflicção nos apareceram umas candeinhas que todas foram vistas pelas vêrgas e mastros, e bordos da nao; ao que, segundo os mareantes, chamam o Corpo-Santo» —<sup>3</sup>.

#### duna

Neste artigo interpretei a denominação toponímica, ordinariamente escrita *Avel-o-mar*, como sendo *A-vê-lo-mar*, o que já fizera na ORTOGRAFIA NACIONAL <sup>4</sup>. O snr. Alberto da Cunha Sampaio, na sua erudita monografia AS PÓVOAS MARÍTIMAS DO NORTE DE PORTUGAL, desfaz a minha conjectura, que se fundara naquella escrita usual, declarando: — «... Na ortografia de «Abre-mar» o erudito autor [José Fortes], abandonando a dos letrados «A-ver-o-mar», ou «Avê-lo-mar», preferiu a lição do povo, que pronuncia do primeiro modo com o sentido claro de «Abra-do-mar», angra ou barra» —<sup>5</sup>.

Fica assim feita a correção, que não contende com a doutrina do artigo.

<sup>1</sup> *ib.*, p. 99.

<sup>2</sup> REVISTA LUSITANA, VIII, p. 264.

<sup>3</sup> Henrique Díaz, «Relação da viagem e naufragio da nao Sam Paulo», (1560), in BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLII, p. 65.

<sup>4</sup> Lisboa, 1904, p. 210.

<sup>5</sup> in Portugalia, II, p. 214, nota <sup>3</sup>.

Além de *medão*, pode também usar-se *medo* (= *médo*), como fez Jerónimo de Mendonça, na sua «Jornada de África» — «e deixando mui depressa a cova, se subiu por uns medos de areia»<sup>1</sup>.

### gafó.

Um amigo da Estremadura espanhola, província de Badajoz, diz-me que é ali vulgar o vocábulo *cañafote*, em vez do castelhano comum *langosta* ou *saltamontes*, para designar o *gafanhoto* ou *saltão*. No vocábulo estremenho deu-se pois ali a metátese das consoantes das duas primeiras sílabas, *gañafote*, por *gafañote*, e ao depois a contaminação da palavra *caña*, «cana», em virtude da qual o *g* inicial passou a *c*.

Neolojismos individuais são com certeza *gafeirar* e *gafeiração* no trecho seguinte:— «Póde vaccinar o resto do rebanho, [de gado lanijero] mas a vaccinação, ou, antes gafeiração tem quási tanto perigo como a doença natural [bexigas]. Ha todavia vantagem em gafeirar»<sup>2</sup>.

### gajo

É natural que a forma *gajo* seja derivada, por indução errada, d'outra forma *gajão*, que parece, mas não é, aumentativa, e está mais próssima de *gachón*; visto que no Brasil, conforme o DICIONARIO DE VOCABULOS BRAZILEIROS, do Vizconde de Beaurepaire-Rohan, de onde passou para o NÓVO DICC. a explicação, ela é— «titulo obsequioso de que usam os Ciganos para com pessoas extranhas á sua raça. Meu *gajão* equivale a meu senhor, ou cousa semelhante» —.

<sup>1</sup> in BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XXXIX, p. 17.

<sup>2</sup> GAZETA DAS ALDEIAS, de 3 de dezembro de 1905.

Índice alfabético e remissivo das formas e dos vocábulos mencionados  
no texto do I volume, referidos a cada epígrafe

---

**A**

- aa: v. asado  
abada: aba  
àbada: aba  
abadejo: bacalhau  
abunar: abano  
abandonar: Estranjeirismos  
abeberar: arrasto; baforeira  
abibe: bisbis  
abotinado: abozinado  
abrasoar: blasonar  
acaecer: caída  
acalentar: caida  
acaudelar: caudel  
aceite: cabide  
acerado: campa  
acharão: charão  
achavascado: charabaseo  
aço: campa  
acordar: decorar  
*açorear*: assorear  
adaíão: daião  
aduana: alfândega  
afastar: aleixar  
afidalgado: apaniguado  
afogador: abafador  
afogar: abafar  
afunilado: abozinado  
-aga: arriol; azinhaga  
agadanhhar: gadanha  
agalujém: calambá  
agatanhar: gadanha  
aguado: água  
aguardente: água  
água: arrelíquias  
águila: calambá  
agúista: água  
agumil: alfresse  
áibeto: agude  
aipo: ápeto  
aito: eito  
ajardinar: armazém  
ajoelhar: geolho  
*ajuar*: enxoval  
álamo, alameda: azinhaga  
aldeagar: aldeagante  
alcomonia: ferroba  
alfarroba: ferroba  
alfavaca: cobrinha

alforje: forjoco	-aria: fano
alfurja: forjoco	areado: assorear
algoz: carrasco	areia: areisco
ri   alguergue: arrió(s)	arenito: areisco
alguidar: aljofaina	argola: armazém
aliceree: alfeça	arma: armazém
almatrixa: almandra	armazenar: armazém
almazém: armazém	arquinha: arcainha
almcia: febra	arraia: achada; arrió(s)
almeice: atabefe	arraial, arraialeiro: arrió(s)
almeice: atabefe	arranjar: <i>enjendrar</i>
almotolia: aljofaina	Arriaga: arrió(s)
alótropo: homeótopo	asa-de-móscas: cágado
altesa: artesa	aspar: cabide
aluguer: alquilé	assentodor: arrasto
alumiar: deslumbrar	assuada: consoada
alva: camisa	assueto: arrenega
amasilho: artesa	astro, astroso: desastrado
amicíssimo: docíssimo	atacador: arrasto
<b>amortiguado: apaniguado</b>	<b>atambor: bétele</b>
<b>ancho: cacho</b>	<b>atar: ápeto</b>
<b>andoenças: endoenças</b>	<b>atenazar: atazanar</b>
<b>aneiro: cada</b>	<b>águia: éaugar</b>
<b>anjinho: alma-negra</b>	<b>auto: cito</b>
<b>anta: dólmem</b>	<b>avalanche: alude</b>
<b>anuduva: adua</b>	<b>averiguar: apaniguado</b>
<b>apanhador: chisca</b>	<b>avesso: envés</b>
<b>apara: fita</b>	<b>aviso: abismo [Emendas]</b>
<b>aparador: aparar</b>	<b>avistar: entrevista</b>
<b>apertar: entregar</b>	<b>avito: <i>ancestral</i></b>
<b>Apocalipse: genesi</b>	<b>avó, avô: arrió(s)</b>
<b>apoquentar: bobo</b>	<b>axi, axiaco: haji</b>
<b>apupo: cuquiada</b>	<b>axorca: atabefe</b>
<b>aquecer: caída</b>	<b>axuar: enxoval</b>
<b>águila: calambá</b>	<b>azarcão: atabefe</b>
<b>aquista: aguista</b>	<b>azeirado: campa</b>

azevo, Azevedo: azevinho  
 azinho: azinhaga  
 azougar: avelar  
 azougue: açougue  
 Azoia: Furada

**B**

~~bacalaba~~  
~~bacalaiba~~: bacalhau  
 bacharel: bacalhau  
 baço: bubela  
 báculo: bago  
 Badajoz, Bodalhouce: aragoês  
 badejo: bacalhau  
 bago: desastrado; espiga  
 bajular: baboujar  
 balde (de): baldo  
 banguê: chambo  
 baobab: embondeiro  
 barata: carocha  
 barba(s): bigode; canicinho  
 baroque: barroco  
 barraca: espera  
 barranco: barroco  
 barreirente: bombo  
 barril: caneco  
 bastarda: ginete  
 bastos: saco  
 batata: semilha  
 batota: bilhafre  
 bebedouro: arrasta  
 Belcouce: alcouce  
 beliche: câmara  
 bem-aventurança: ãugar  
 berjaçote: cotio

berrão: bilhafre  
 besco: bescate  
 béveira: baforeira 9/  
 bibelot: brinco  
 Bié: baruísta  
 bilro: espirro  
 biombo: bonzo, cágado, dáimio  
 biscainho: *euscaldunac*  
 bisco: biscato  
 biscoito: galheta  
 bispo: bubela  
 bobèche: aparadeira  
 bocarra: cangarra  
 bodega: adega  
 bodum: faro  
 bogalho: bogacho  
 boémio: cigano  
 bofetada: galheta  
 bofanga: chila 9/  
 bolacha: galheta  
 bolota: bejoga  
 bondoso: haplolojía  
 bonzo: dáimio  
 bordão: burro  
 borracha: cauchu, cerne  
 bote: batel  
 botequim: adega  
 bovina: chacina  
 braga: calceta, canicinho  
 buçal: buço  
 buena: arrenega  
 buhonero: fofarinheiro 6/  
 bujio: burro  
 bule: chá  
 bus: chus  
 buz: bruços

**C**

cabaça: afogar  
 cabana: esva  
 cabano: cova  
 cabeludo: deúdo  
*cabillau*: bacalhau  
 cabo: caudel  
 cachimbo: cachimba  
 cacho: cauchu  
 cachorro: burro, tacho  
 caco: cacho  
 caçoula: caço  
 cadaneiro: aneiro, ca-la  
 cadeia: calceta  
 caista: chila  
 caipora: bruxa  
 caixote: assobio  
 çalamaleque: çambuço  
 calambuco: calamba  
**calão**: baste  
 calças: bragas  
 caló: calão  
 cambas: cantadoura  
**camões**: azeite  
 canastro: espiga, espigueiro  
 cancela: escancarar  
 cancro: escancarar  
 candeia: facho  
 candeieiro: castiçal  
 canela: bacia; cadelo; escancarar  
 cangalhas: gafo  
 cangosta: congosta  
**Cango-Ximá**: bonzo  
 canhamoço: belhó  
 canhamo: cânave

caniço: canastro, espiga  
 canivete: crabelina  
 canoa: banheiro  
 cantaria: areíscas  
 cão: burro  
*caoutchouc*: cauchu  
 capa: coroa; dâimio  
 çapata: braga  
 capitel: apanha; caudel  
 cara: carranca  
 caramol: clamor  
*carapinteiro*: algaravia, carabelina  
 carcaça: canastro  
 caranguejo: escancarar  
 carapau: cherele  
 carcunda: calombo  
 carda: aselajem  
 cardeal: bacalhau  
 cárdeo: avergoar, encardir  
*cardir*: encardir  
**cargo**: charola  
 caridoso: bondoso  
 carimbo: calombo  
 carmeiar: carrapiço  
 carpela: escar(a)pelar  
 carregar: acarregar  
**Cascais**: Furada  
 cassungo: almandrilha  
 castanha: azinhaga  
 castanhola: batata  
 castão: gastão  
 castelhano: aragoês  
**casti(e)llo**: caudel  
 castro: citânia  
 catana: çágado  
 cátar: abafador

cavalo : burro	chola : cacho
cavide : cabide	chor : diabo
cecear : ciciar	chuchar : chacina
cedo : fêvera	cidadão : aldeão
cega-rega : chucharrão :	cidade : citânia
cemitério : arrenega	cinzete : goma
cenário : decorar	cipai : ensaca
cesta, cêsto : bacio, espiga	cirreiro : candeia
cêvo : cibo	cisco : chisca
chabancas : ciciar	cividade : citânia
chada : achada	chamante : falar
chafurdo : camiceiro	claustro : crasto
chalacear : caço	coador : arrasta
chaleira : bul	coalhada : asada
chama : achar, bombaça	coba : chicua
chaminé : bombaça	côcedra : colchão
chançarel : bacalhau	côco : carranca
chão : chana; diabo	coelho : colheira, diabo
chapeleiro : guarda-sol	cofre : cova
chapéu : charavasco	cognome : alcunha
chato : escaparate	coireleiro : cada
chavascal : charabasco	coisa : aquela
chave : facha	colgar : colcha
chavelho : apanha, cabeça	comaca : cornaca
chávena : chá	comonia : ferroba
cheda : cantadoura	compostouras : apanha
chefe : cacique	conca : cunca
cheio : deslumbrar	concertar : consertar, fêvera
cheirar : cheiro, fano	conde : condessa
cheiros : segurelha	confetti : confeito
chicango : ensaca	confesso, confissão : discrição
chícara : chá	considerar : bondoso
chicharrón : chucharrão	consolamento : abafador
chiqueiro : curral	constitucional : estatutário
chisseiro : chicua	copejar : gotejar
chituredo : chicua	copo : câmara, cocho

cor : decorar	deitar alonje : aleixar
corbelha : golpelha	deixar : desdeixado
cordão : carreirão	dente, dentista : absentista
cordeira : carapuça	<i>derviche</i> : daroês
cordoeiro : bacalhau	desabar : aba
cornicho : cabaça	desaguar : éaugar
cornipo : galhípo	descaída : caída
coroça : bedem	descarregar : carregar
coser : besouro, cozinha	descrição : discríção
cotovelo : còvado	desenganado : desconfiado
cotovia : corja	desengonçar : escancarar
condel : caudel	desesperado : desconfiado
cova : còvo, dòninha	desesperançado : desconfiado
còvodo : còvado	desinfeliz : desastrado
cozedra : colchão	desinquietao : desastrado
cozer : besouro, cozinha	desmazelado : desastrado
cramação : clamor	despojar : desbulhar
cramol : clamor	desvanecido : desmaio
cravina : carabelina	deteúdo : deuido
crisada : cuquiada	diálogo : data
<b>cristão</b> : abafador	<b>diária</b> : geira
<b>crível</b> : novel	<b>discordar</b> : decorar
<b> cuberto</b> : cubrir	<b>dívida</b> : data
<b>cucuiada</b> : cuquiada	<b>dívido</b> : <del>de</del> ído
<b>cuidoso</b> : bondoso	<b>doçaria</b> : confeito
<b>curadillo</b> : avergoar, bacalhau	<b>doce</b> : colchão

**D**

<b>dádiva</b> : data
<b>debruçar-se</b> : bruços
<b>declareza</b> : comparança
<b>decoro</b> : decorar
<b>dedal</b> : besouro, bondoso
<b>defesa</b> : charabasco

**dugá** : avergoar

**E**

<b>éader</b> : éaugar
<b>eagle-wood</b> : calambá



Eça : essa	escano : escamel
eguarica : asneira	escoitar : ascoitar
eiró(s) : arrió(s)	escumalha : chucharrão
eixo : apanha	esfera : hetera
ejípcio : cigano	esfregar : estregar
ejitanato : cigano	esgadanhar : gadanha
em : faiança	esguiçar : escarçar
em-ader : éaugar	esgatanhar : gadanha
em-asprar : éaugar	esgraminhar : ancinho
emborcar : borco	esnoga : esmola
embuçar : buço	espádua : espada
empipa : embondeiro	espalda : espada
empreita : espreitar	espatela : espada
encabeçadas : desmochar	espear : espíar
encarriçado : carriço	espelho : desastrado
encher : achar ; cacho	espera : apanha, arrasta
encinzeirado : acinzeirado	espeteira : estanheira
enclave : <i>enclave</i>	espigueiro : canastro, feno
engadanhar : gadanha	esquecido : falar
engalfinhar : gafa	esquerdo : arrió(s)
engalinhar : galinha	<i>estadoal</i> : estatutário
engaranhado, engaranhido : gadanha	estanheira : casa
engelhar : avelar	estantigua : bruxa
engonço : escancarar	estatura : estatelado
engraxar : graxa	estrêla : desastrado
ensogadura : cabeça	estro : desastrado
enteiro : faro	exame : enxoval
entrevado : arredar	exército : enxoval
enveja : bôjo ; grelha	
enxó : enxoval	
enxame : enxoval	<b>F</b>
enxôfre : enxoval	fábrica : cantiga
enxoval : golpelha	fabrico : escancarar
esbulhar : desbulhar	facada : cuquiada
escarnecer : caço	facho : facha
escangalhar : canga	

fada : cabaça, fado  
 fagueiro : afagar, escada  
 faia : fado  
 falante : fado  
*falaises* : arribas  
 falda : espada; fralda  
 falante : falar  
 faltriqueira : fralda  
 fanguêiro : fangueiro  
 farinha : cabeça  
 favaca : alfavaca  
 faxa : facha  
*fecha, fecho* : data  
*fétrico* : ancestral  
 feijão : frade  
 feixe : faxa  
 feipudo : deúdo  
 femea : deslumbrar  
 fera : fero  
 ferreiro : hereró

**ferro** : **campa**  
**fevera** : **febra**  
**fevereiro** : **febra**  
**fiar** : **febra**  
**fibra** : **febra**  
**fidalgo** : **apaniguado; bondoso**  
**filhó(s)** : **belhó(s)**  
**fístico** : **alfóstico**  
**fiuza** : **desconfiado**  
**flamengo** : **escaparate**  
**fogo-fátuo** : **bruxa**  
**foguear** : **chupão**  
**fúl(e)go** : **carregar**  
**folgar** : **carregar**  
**for** : **decorar**  
**frade** : **desastrado**

fraguêiro : fangueiro  
 framengo : escaparate  
 franganote : assolio  
 frecheiro : brejo  
 freixal : axinhaga  
 frente : esteira  
 fresca : fragária  
 fressura : forçura  
*furié* **fomé** : **aláimio**  
 funil : candeia  
 furna : forno  
 fusola : gastão  
 fuso : gastão

**G**

*gaboná* : **bacalhau**  
 gado : **ganadeiro**  
 gafanhoto : **gafa**

**gafas** : **gafa**  
**gafeira** : **gafa**  
**galdido** : **gualdido**  
**galfurro** : **gafa**  
**galinha** : **estou-fraca**  
**galiziano** : **galego, gereziano**  
**galo** : **frango**  
**gana** : **esganar**  
**ganhar** : **gadanha, ganadeiro**  
**garfo** : **gafa**  
**garimpa** : **gaiolo**  
**garra** : **garroteia**  
**garrote** : **garroteia**  
**gastar** : **cibo**  
**gato** : **burro; carapuça; gadanha**  
**gatum** : **carapuça**

geada: ge(i)o  
genro: enjendrar  
geoso: ge(i)o  
geral: *familiar*  
gerar: enjendrar  
ginja: garrafa  
goela: golilha  
gogo: enjogar, godo  
goivo: enxoval  
gom: bacia  
goma-guta: caucho  
gomil: bacia  
goraz: cibo  
grado: copo  
gradura: feijão  
gralho: desastrado  
gravateira: estojeira  
grei: *clan*, freguês  
grés: areisca  
greve: arrenega  
Grijó: Grejó  
grilheta: braga, calceta  
grimpa: gaiolo

grinalda: guirlanda  
grosso: gordo  
grude: desastrado  
guadanha: gadanha  
Guadiana: aragoês  
gualdir: arrió(s)  
guarda-roupa: cubrir  
guardar: Estranjeirismos  
guedelha: gadelha  
guilherme: alberto  
guinda, Guindais: garrafa, ginja  
guta-percha: caucho: haji

**H**

hereo: 'adua  
*herrero*: hereró  
hervar: arovar  
hipoteca adega  
homem: deslumbrar  
(h)uivar: caluete  
*hule*: caucho.



## ERRATAS ESSENCIAIS

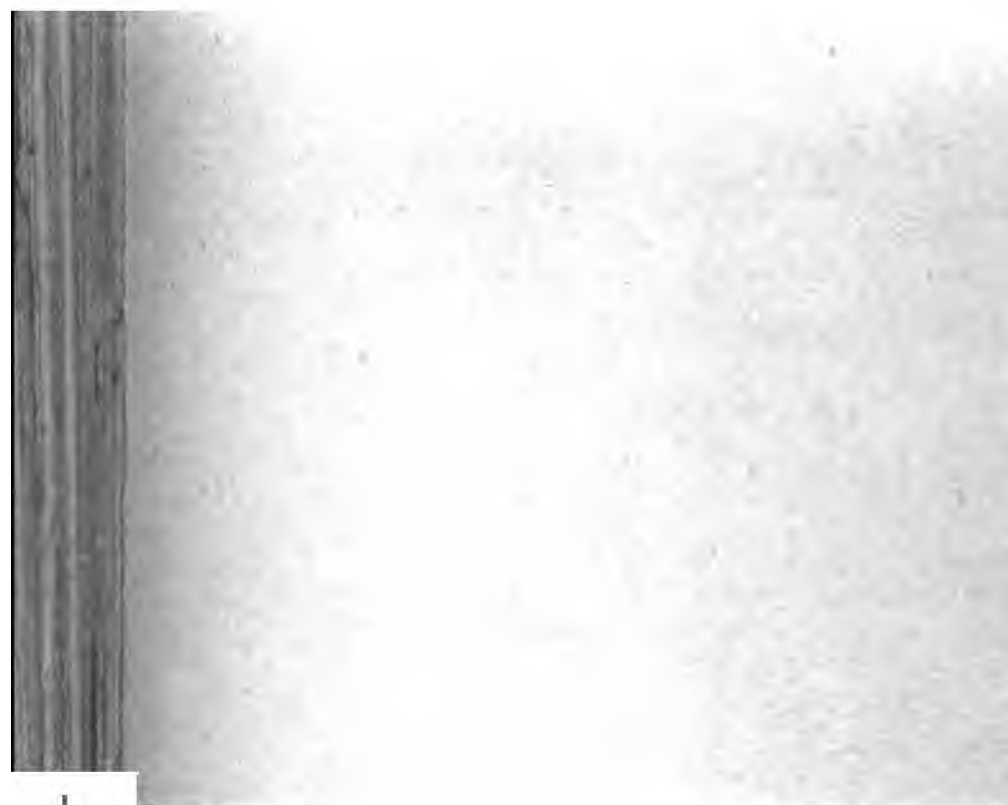
---

Página	Linha	Erro	Correção
16	12	vocabulo	vocábulo
24	19	notabilissima	notabilíssima
30	4	existencia	existência
	11	incluiu	incluíu
	13	daquella	daquela
65	16	fron	from
81	24	trompeta	trombeta
87	11	<i>vintem</i>	<i>vintém</i>
88	23	longe	lonje
91	22	<i>arrenegada,</i>	<i>arrenegada</i>
101	18	, e <i>passim,</i> torquês	turquês
110	19	fruto e	fruto, e
138	2	vêmos	vemos
143	16	trouxemo-la	troussemo-la
145	21	peor	pior
160	11	esse	êsse
170	última	DICTIONAIRE	DICTIONNAIRE
171	7	quáis	quais
173	25	coxa	coixa
184	18	árabica	arábica
185	31	Tangere	Tánjere

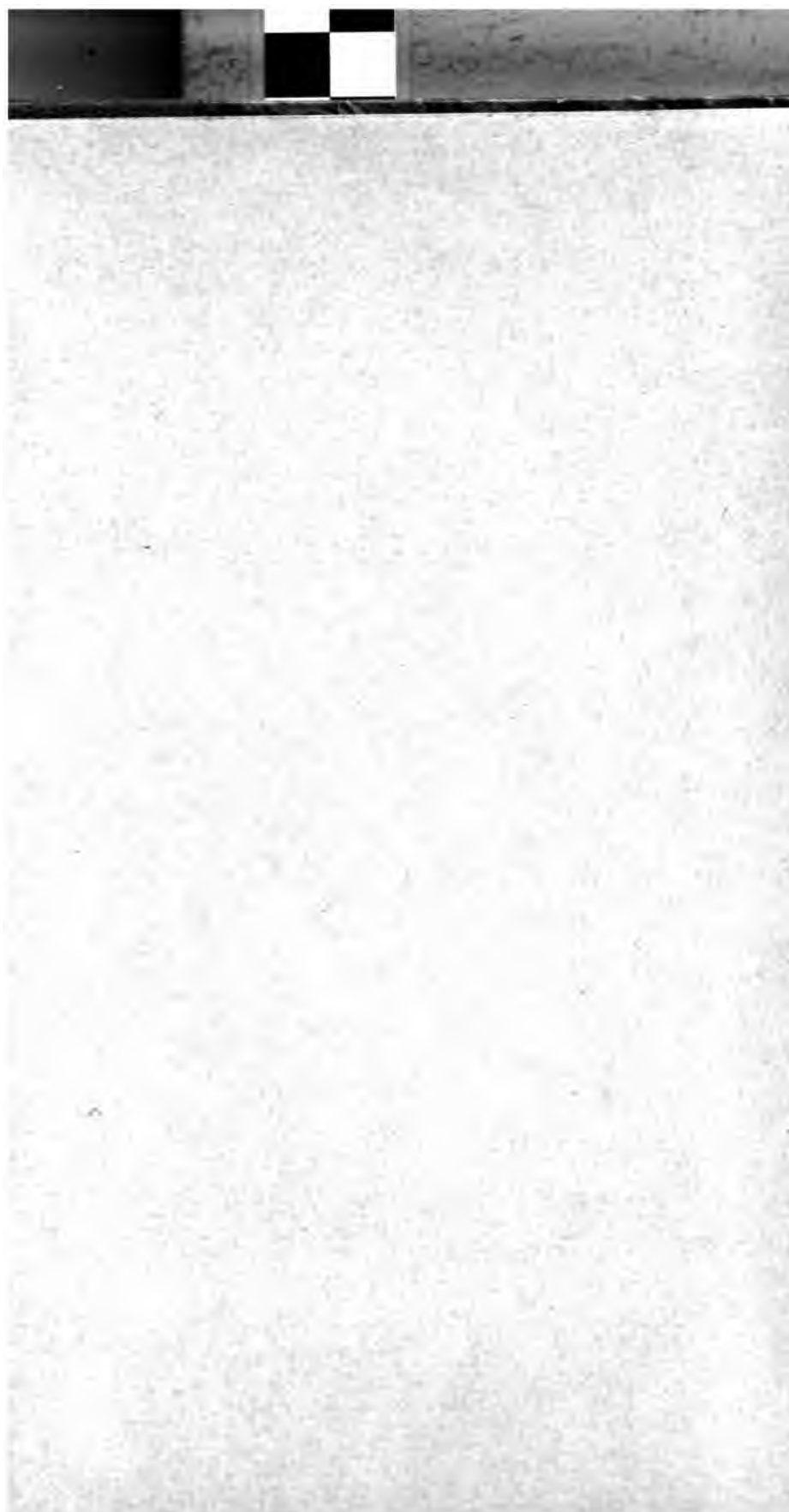
Página	Linha	Erro	Correcção
201	31	ABABE	ARABE
202	13	<i>alqáhira</i>	<i>alqafira</i>
206	16	esse	êsse
213	21	salgueiro) > —.	salgueiro) > .
232	30	qui	que
233	6	çetim	cetim
237	4	inglezes	ingleses
238	2	separadas	separados
246	26	u	ou
255	23	com o	como
262	3	palavra	palabra
275	18	Coll'i	Così
282	19	cappela	cappella
299	22	quer	quere
319	9	verga	vêrga
331	5	E termo	É termo
336	2	galinaceos	galináceos
>	32	<i>cotovêloa</i>	<i>cotovelo,</i>
>	33	de um,	de uma
363	8	uimen para	a uimen para
368	26	artificial	artificial
378	16	contraido	contraído
382	16	Hastemann	Hartmann
>	penúltima	DICIONAIRE	DICIONNAIRE
407	17	Ignóro	Ignoro
411	2	<i>espaldeirada</i>	<i>espâldeirada</i>
415	12	particularisar	particularizar
416	12	quer	quere
417	7	latino	latino,
437	4	tamul	támil

---

Página	Linha	Erro	Correcção
445	3	SEMANTICA	SEMÁNTICA
455	3	dois	três
465	5	Anna	Ana
470	9	designa	designam
471	15	dicionarios	dicionários
472	25	<i>t</i> latino em <i>r</i>	<i>t</i> latino em <i>i</i>
476	1	<i>filies</i>	<i>filios</i>
477	2	em	un
483	14	porque	por que
505	20	menos,	menos̄
521	3	ignoro-o	ignoro-o;
524	4	Poruguesa; ,	Portuguesa;







# Livraria Clássica Editora

20, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 20

LISBOA

A. R. GONÇÁLVES VIANA

**Apostilas aos Dicionários Portugueses, 2 vol.**

**Ortografia Nacional.** Simplificação e unificação sistemática das ortografias portuguesas, 1 vol. . . . . 1400

DR. CANDIDO DE FIGUEIREDO

**Lições práticas da lingua portugueza, 3 vol.** . . . . . 2500

**Estrangeirismos, 2.<sup>a</sup> edição** . . . . . 700

**O que se não deve dizer** . . . . . 700

**Problemas da linguagem** . . . . . 700

**Manual da sciencia da linguagem (trad.)** . . . . . 600

**Novo Diccionario da lingua portugueza, 2 vol. in-4.<sup>o</sup>, encad.** . . . . 5500

**Subsidios para um diccionario geographico.** . . . . . 200

**Falar e Escrever, 2 vol.** . . . . . 1500

## Primeiros Passos nas linguas Estrangeiras

**O Inglez tal qual se fala, por Adalberto Veiga** . . . . . 300

**O Francez tal qual se fala, por Adalberto Veiga** . . . . . 350

EUGENIO M. DE HOSTOS

**Manual de Sociologia.** Tradução de Lucio Agnello Casimiro, do Curso Superior de Letras, 1 vol. . . . . 700

M. ANGELO VACCARO

(PROFESSOR DA UNIVERSIDADE DE ROMA)

**A Lucta pela Vida.** Tradução da 3.<sup>a</sup> edição italiana, por H. Marinho, 1 vol. . . . . 600

G. SERGI

**A Evolução humana individual e social.** Trad. do italiano, 1 vol. . . . . 700

JOÃO RIBEIRO

(DA ACADEMIA BRASILEIRA)

**Paginas de Esthetica.** 1 vol. . . . . 500

**Crepusculo dos Deuses.** 1 vol. . . . . 500

D. SERGÉNIA DE CASTRO E ALMEIDA

**Como devo governar a minha casa.** Modificação e adaptação do livro de G. Ferraris Tambrini, 1 vol. . . . . 800





